



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**  
Rua Barão de Geremoabo, nº 147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador-BA  
Tel.: (71) 3283-6255 Fax: (71) 3283-6256 E-mail: pglta@ufba.br

**LILIANE LEMOS SANTANA BARREIROS**

**O VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA**

Salvador  
2017

**LILIANE LEMOS SANTANA BARREIROS**

**O VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Marques Telles.

Salvador  
2017

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**LILIANE LEMOS SANTANA BARREIROS**

### **O VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Banca examinadora:

**Profa. Dra. Célia Marques Telles**  
Universidade Federal da Bahia – UFBA  
Orientadora

**Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra**  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

**Profa. Dra. Risonete Batista de Souza**  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

**Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso**  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Dedico este trabalho as minhas filhas, Mariana e Alice, por resignificarem a minha vida, tornando a caminhada mais leve e prazerosa.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e coragem para realizar este trabalho;

Ao meu esposo, Patrício Nunes Barreiros, companheiro de todas as horas, pelo apoio, compreensão e força para prosseguir nessa jornada;

As minhas filhas, Mariana e Alice, por sempre se alegrarem comigo nas minhas conquistas e compreenderem quando, tantas vezes, eu precisei me ausentar para estudar;

Aos meus pais, Maria Telma Santana e Juarez Santana, pelo incentivo e pelo amor incondicional;

À Natália Barreiros, uma filha que a vida me presenteou, pela torcida e por sempre está disposta a auxiliar com as minhas pequeninas;

Ao meu irmão, Juarez Júnior, pelo carinho;

À Profa. Dra. Célia Marques Telles, pelo incentivo e dedicação na correção do meu trabalho e, principalmente, pelos laços afetivos que construímos;

À Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo e a Profa. Dra. Risonete Batista de Souza, pelas contribuições durante a banca de qualificação;

À família eulaliana, em especial, aos bolsistas de Iniciação Científica Stephanie Cruz Santiago, Iago Gusmão Santiago e Beatriz Brito, pela disponibilidade e interesse em explorar as ferramentas computacionais comigo;

Aos familiares de Eulálio Motta pela atitude generosa de doar o acervo do escritor para a pesquisa;

À Universidade Estadual de Feira de Santana, minha primeira casa acadêmica, que me acolheu como estudante e agora como docente;

Aos professores e funcionários do PPGLINC;

Enfim, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, minha sincera gratidão.

## RESUMO

Esta tese teve como objetivo principal a elaboração do vocabulário do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta. Para tanto, foram utilizados dois programas: o *AntConc*, que possibilitou a análise do *corpus*, e o *FLEx*, que permitiu a construção do banco de dados e a edição dos verbetes. Delimitou-se como *corpus* desta pesquisa 215 textos em prosa, escritos em vida ou publicados postumamente, sendo: 36 textos publicados na coluna *Rabiscos* do jornal *Mundo Novo* (1931 a 1932, Mundo Novo-BA); 17 textos publicados no jornal *O Lيدador* (1933 a 1935, Jacobina-BA); 45 textos publicados no jornal *O Serrinhense* (1950 a 1951, Serrinha-BA); 24 textos publicados no jornal *Gazeta do Povo* (1960-1961, Feira de Santana-BA); 43 panfletos escritos de 1949 a 1983 (BARREIROS, P., 2015) e 50 *causos* que compõem *Bahia Humorística* escritos de 1933 a 1934 (BARREIROS, L., 2016). A pesquisa empreendida foi subsidiada pelos princípios teórico-metodológicos da Lexicografia moderna (BIDERMAN, 1978; 1984; 1998; 2001; HAENSCH, 1982; WERNER, 1982; VILELA, 1983; 1995; PORTO DAPENA, 2002, entre outros) e da Linguística de *corpus* (BEBER SARDINHA, 2004; OTHERO; MENUZZI, 2005), resultando em um vocabulário com 700 entradas, organizadas de A a Z. As lexias inventariadas foram classificadas em: substantivo feminino, substantivo masculino, verbo transitivo, verbo intransitivo, adjetivo, advérbio e unidade fraseológica, sendo 513 lexias simples, 35 lexias compostas e 152 lexias complexas. O *Vocabulário de Eulálio Motta* tem como finalidade contribuir para a preservação de costumes e valores culturais do homem sertanejo, expresso no uso da língua.

**Palavras-chave:** Eulálio Motta. Vocabulário. Lexicografia. *AntConc*. *FLEx*.

## ABSTRACT

This thesis had as its main objective the elaboration of the vocabulary of the writer Eulálio de Miranda Motta, from Mundo Novo, Bahia. To achieve this purpose, two softwares were used: *AntConc*, which allowed the analysis of the corpus, and *FLEx*, which allowed the construction of the database and the editing of the entries. Delimited as the corpus of this research were 215 texts in prose, written in life or published posthumously, as follows: 36 texts published in the column *Rabiscos* of the newspaper *Mundo Novo* (1931 to 1932, Mundo Novo-BA); 17 texts published in the newspaper *O Lidador* (1933 to 1935, Jacobina-BA); 45 texts published in the newspaper *O Serrinhense* (1950 to 1951, Serrinha-BA); 24 texts published in the newspaper *Gazeta do Povo* (1960-1961, Feira de Santana-BA); 43 pamphlets written from 1949 to 1983 (BARREIROS, P., 2015) and 50 *causos* or anecdotes that composed the book *Bahia Humorística*, written from 1933 to 1934 (BARREIROS, L., 2016). The research here undertaken was based on the theoretical-methodological principles of modern Lexicography (BIDERMAN, 1978, 1984, 1998, 2001, HAENSCH, 1982, WERNER, 1982, VILELA, 1983, 1995, PORTO DAPENA, 2002, among others) and a Linguistics Corpus (BEBER SARDINHA, 2004; OTHERO; MENUZZI, 2005), resulting in a vocabulary with 700 entries, organized from A to Z. The lexias inventoried were classified in the following categories: feminine noun, masculine noun, transitive verb, intransitive verb, adjective, adverb and phraseological unit, being 513 simple lexias, 35 compound lexias and 152 complex lexias. The *Vocabulary of Eulálio Motta* aims to contribute to the preservation of cultural customs and values of the country man, as expressed in the use of the language.

**Keywords:** Eulálio Motta. Vocabulary. Lexicography. *AntConc*. *FLEx*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Modelo do código de identificação do jornal <i>Mundo Novo</i>	46
Figura 2 –	Modelo do código de identificação de textos diferentes na mesma edição do jornal	47
Figura 3 –	Cabeçalho do jornal <i>Mundo Novo</i> , de 7 de agosto de 1931	48
Figura 4 –	Cabeçalho do jornal <i>O Lidador</i> , de 31 de julho de 1938	51
Figura 5 –	Cabeçalho do jornal <i>O Serrinhense</i> , de 6 de dezembro de 1931	57
Figura 6 –	Cabeçalho do jornal <i>O Serrinhense</i> , de 29 de julho de 1950	57
Figura 7 –	Cabeçalho do jornal <i>Gazeta do Povo</i> , de 3 de maio de 1959	62
Figura 8 –	<i>Layout</i> do jornal <i>Gazeta do Povo</i> , de 3 de julho de 1960	65
Figura 9 –	Homepage do <i>AntConc</i>	88
Figura 10 –	Executar o <i>AntConc</i>	89
Figura 11 –	Tela inicial do <i>AntConc</i>	90
Figura 12 –	Configuração do menu <i>Global Settings</i> do <i>AntConc</i>	91
Figura 13 –	Configuração do menu <i>Tool Preferences</i> do <i>AntConc</i>	92
Figura 14 –	Resultado da busca por <Liota> na ferramenta <i>Concordance</i> do <i>AntConc</i>	93
Figura 15 –	Resultado da busca por <Mundo Novo> na ferramenta <i>Concordance Plot</i> do <i>AntConc</i>	94
Figura 16 –	Resultado da busca por <Mundo Novo> na ferramenta <i>File View</i> do <i>AntConc</i>	95
Figura 17 –	Resultado da busca por <integralista> na ferramenta <i>Clusters/N-Grams</i> do <i>AntConc</i>	96
Figura 18 –	Resultado da busca por <cuma> na ferramenta <i>Collocates</i> do <i>AntConc</i>	97
Figura 19 –	Resultado da busca por <cuma> na ferramenta <i>Concordance</i> do <i>AntConc</i>	97
Figura 20 –	Resultado da busca por critério de frequência com a ferramenta <i>Word List</i> do <i>AntConc</i>	98
Figura 21 –	Resultado da busca por ordem alfabética com a ferramenta <i>Word List</i> do <i>AntConc</i>	99



Figura 22 – Inserção do <i>corpus</i> de referência na ferramenta <i>Keyword List</i> do <i>AntConc</i>	100
Figura 23 – Resultado da lista de palavras-chave gerada com a ferramenta <i>Keyword List</i> do <i>AntConc</i>	101
Figura 24 – Resultado da lista de palavras-chave de baixa frequência gerada com a ferramenta <i>Keyword List</i> do <i>AntConc</i>	102
Figura 25 – <i>Homepage</i> do <i>FieldWorks Language Explorer (FLEX)</i>	104
Figura 26 – <i>Homepage</i> do <i>Github/FieldWorks</i>	105
Figura 27 – Criação de um novo projeto no <i>FieldWorks</i>	106
Figura 28 – Tela inicial do <i>FLEX</i>	106
Figura 29 – Inserção do <i>corpus</i> da pesquisa na área <i>Texts &amp; Words</i> do <i>FLEX</i>	107
Figura 30 – Edição dos metadados do <i>corpus</i> da pesquisa na área <i>Texts &amp; Words</i> do <i>FLEX</i>	108
Figura 31 – Adição de nova entrada na área <i>Léxico</i> do <i>FLEX</i>	109
Figura 32 – Seleção e adição de nova entrada na área <i>Texts &amp; Words</i> do <i>FLEX</i>	110
Figura 33 – Janela de impressão do <i>FLEX</i>	111
Figura 34 – Exemplo de substituição autoral no fólio 41r do <i>Caderno Bahia Humorística</i>	134
Figura 35 – Exemplo de substituição autoral no fólio 10r do <i>Caderno Bahia Humorística</i>	135
Figura 36 – Síntese da definição linguística	144
Figura 37 – Exemplo de definição hiperonímica	146
Figura 38 – Exemplo de abonação	147
Figura 39 – Esfera I: Colocações	157
Figura 40 – Esfera II: Locuções	158
Figura 41 – Esfera III: Enunciados fraseológicos	159
Figura 42 – Exemplo de microestrutura do <i>Vocabulário de Eulálio Motta</i>	163
Figura 43 – Exemplo do verbete <i>malereado</i> do <i>Vocabulário de Eulálio Motta</i>	164
Figura 44 – Exemplo do verbete <i>folhetote</i> do <i>Vocabulário de Eulálio Motta</i>	164
Figura 45 – Exemplo do verbete <i>cadeira</i> do <i>Vocabulário de Eulálio Motta</i>	165
Figura 46 – Gráfico das classes de palavras do <i>Vocabulário de Eulálio Motta</i>	227

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal <i>Mundo Novo</i>	49
Quadro 2 –	Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal <i>O Lidador</i>	53
Quadro 3 –	Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal <i>O Serrinhense</i>	58
Quadro 4 –	Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal <i>Gazeta do Povo</i>	63
Quadro 5 –	Relação dos panfletos de Eulálio Motta	69
Quadro 6 –	Relação dos <i>causos</i> de Eulálio Motta	80
Quadro 7 –	Dados das classes de palavras que compõem o <i>Vocabulário de Eulálio Motta</i>	228

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
adj.	adjetivo
adv.	advérbio
AIB	Ação Integralista Brasileira
C	<i>Causo</i>
cf.	conferir
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
f.	folha
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FLEX	Fieldworks Language Explorer
J	Jornal
JGP	Jornal <i>Gazeta do Povo</i>
JL	Jornal <i>O Lيدador</i>
JMN	Jornal <i>Mundo Novo</i>
JS	Jornal <i>O Serrinhense</i>
Loc.	Locução
NeiHD	Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais
obj.	objeto
P	Panfleto
p.	página
PCB	Partido Comunista Brasileiro
prep.	preposição
PRP	Partido da Representação Popular
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
r	recto
S	Substantivo
s.d.	sem data
s.f.	substantivo feminino
SIL	Sociedade Internacional de Linguística

[S.l.]	<i>sine loco</i>
s.m.	substantivo masculino
[s.n.]	<i>sine nomine</i>
subj.	sujeito
UDN	União Democrática Nacional
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UF	unidade fraseológica
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
V	Verbo
v	verso
var.	variação
v.i.	verbo intransitivo
v.t.	verbo transitivo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	15
1.1	A ESTRUTURA DA TESE	20
<b>2</b>	<b>A PROSA IMPRESSA DE EULÁLIO MOTTA: O POLÊMICO POETA CONTADOR DE HISTÓRIAS</b>	22
<b>3</b>	<b>O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	42
3.1	COMPOSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	45
3.1.1	<i>Jornal Mundo Novo</i>	47
3.1.2	<i>Jornal O Lidador</i>	51
3.1.3	<i>Jornal O Serrinhense</i>	56
3.1.4	<i>Jornal Gazeta do Povo</i>	61
3.1.5	Os panfletos	68
3.1.6	Os <i>causos</i>	76
3.2	FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS UTILIZADAS NA ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA	85
3.2.1	<i>AntConc: software para análise de corpus</i>	88
3.2.2	<i>Fieldworks Language Explorer (FLEx) e a organização do corpus</i>	103
<b>4</b>	<b>O ESTUDO DO VOCABULÁRIO NUMA PERSPECTIVA SEMASIOLOGICA</b>	112
4.1	LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA	116
4.1.1	A palavra em uso: dicionário, vocabulário e glossário	121
4.2	A ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO	134
4.2.1	Os critérios adotados na organização do vocabulário	136
4.3	A MACROESTRUTURA	138
4.4	A MICROESTRUTURA E SEUS COMPONENTES	138
4.4.1	A entrada lexical	139
4.4.2	Definição	141
4.4.3	Abonação	146

4.5	AS LEXIAS	147
4.5.1	<b>Lexia simples</b>	147
4.5.2	<b>Lexia composta</b>	148
4.5.3	<b>Lexia complexa</b>	149
4.6	AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO <i>CORPUS</i> DE EULÁLIO MOTTA	150
5	<b>O VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA</b>	163
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	226
	<b>REFERÊNCIAS</b>	229
	<b>APÊNDICE A – A edição dos 50 <i>causos</i></b>	246
	<b>APÊNDICE B – A edição dos 43 panfletos</b>	260
	<b>APÊNDICE C – A edição de 122 textos em prosa publicados nos jornais</b>	289
	<i>Mundo Novo, O Lidador, O Serrinhense e Gazeta do Povo</i>	

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse em estudar o vocabulário do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta surgiu durante a escrita da dissertação *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos* (BARREIROS, L., 2012). Na ocasião, apresentou-se a edição fac-similada com a edição semidiplomática e o estudo lexical dos *causos* que integram o manuscrito *Bahia Humorística* do referido autor. Os *causos* registram, com tom humorístico, a cultura popular do sertão, tanto em seus aspectos sociais quanto linguísticos. As peculiaridades lexicais, presentes nos *causos* de *Bahia Humorística*, foram analisadas a partir da teoria de estruturação dos campos lexicais proposta por Coseriu (1973 [1962]; 1978 [1975]; 1991 [1977]). Após o levantamento, organizou-se o vocabulário em seis campos lexicais: *Partes do corpo humano*; *Alimentos*; *Males sertanejos*; *Utensílios de cozinha*; *Instrumentos utilizados nas atividades do campo*; e *Meios de transporte*. Esse trabalho foi redimensionado e publicado em formato de livro com uma edição acessível para o público não especializado (BARREIROS, L., 2016).

Eulálio Motta nasceu em Mundo Novo-BA, em 1907, e faleceu em 1988. Dedicou-se, por mais de sessenta anos, à escrita e, por vezes, se autoneomeou como “Escriba da Roça”, “Pasquineiro”, “João Ninguém”, “Brás Cubas” e “Liota”. Farmacêutico de profissão, mas com alma e pena de escritor, o Dr. Eulálio, como era conhecido, conciliava sua atividade literária com as demandas da fazenda, com o trabalho na farmácia e com a agitada vida política. Ele escreveu poesias, crônicas, cordéis, *causos*, panfletos e contribuiu para diversos jornais do interior da Bahia, sendo as questões sociais, políticos, econômicos e culturais do sertão baiano, as temáticas mais recorrentes de seus textos. De 1931 a 1932, ele foi responsável pela coluna *Rabiscos*, do jornal *Mundo Novo*. De 1933 a 1942, colaborou com o jornal *O Lidador*, de Jacobina-BA. De 1950 a 1951, participou ativamente do jornal *O Serrinhense*, de Serrinha-BA. Na década de 1960, Eulálio Motta ainda publicou nos jornais *Gazeta do Povo*, de Feira de Santana-BA, *Folha do Norte*, de Morro do Chapéu-BA, e *Vanguarda*, de Jacobina-BA.

O “Pasquineiro da Roça”, como se autodenominava, teve uma intensa participação na política de Mundo Novo, devido a sua ação panfletária. Como figura política, Eulálio Motta, destacou-se na década de 1930, quando se tornou integralista e sua atuação passou a ser baseada nos fundamentos da Ação Integralista Brasileira (AIB). Utilizou-se de panfletos para fazer propaganda política, criticar os seus adversários, denunciar as mazelas da cidade e divulgar, na região, a doutrina de Plínio Salgado. Em 1938, Getúlio Vargas fechou a AIB e,

somente, em 1945, os integralistas puderam voltar ao cenário político com a criação do Partido da Representação Popular (PRP). Nessa ocasião, Eulálio Motta assumiu importante papel no comando do Partido em Mundo Novo e, em 1947, candidatou-se a Deputado Estadual, mas não foi eleito.

Eulálio Motta foi responsável pela produção e distribuição de centenas de panfletos em Mundo Novo. Seus textos circularam pela cidade desde o início da década de 1930 até o ano do seu falecimento, em 1988. Apesar de ter iniciado a publicação desses textos na década de 1930, em seu acervo foram preservados apenas 57 panfletos, correspondendo ao período de 1949 a 1988. Acredita-se que esse fato se deve à materialidade efêmera do panfleto. Normalmente, é publicado em uma folha, sem objetivos comerciais, com uma finalidade específica: persuadir a opinião pública, denunciar e, conseqüentemente, auto promover-se.

Os documentos que compõem o acervo de Eulálio Motta evidenciam que escrever era a sua força motriz, pois soube explorar as potencialidades da língua portuguesa com maestria em seus textos. Sua escrita revela o desejo de investigar, interpretar e, principalmente, de criticar aspectos da realidade social, histórica, política e cultural do sertão baiano. Para P. Barreiros (2012):

Eulálio de Miranda Motta fez da escrita uma forma de marcar sua presença no mundo, escrevendo, ele construiu sua identidade e traçou uma imagem para si. Tornar-se escritor foi o seu grande projeto de vida e para alcançar esse objetivo ele se dedicou de corpo e alma à literatura, utilizando a palavra escrita nas mais diversas circunstâncias, revelando uma verdadeira compulsão. [...] A escrita de Eulálio Motta e o universo de seu acervo são como o labirinto inesgotável, infinito (BARREIROS, P., 2012, p. 25).

Estudar o léxico dos textos de Eulálio Motta implica acessar uma instância linguística em que estão manifestas as formas de pensar, de apreender e de categorizar a realidade, crenças, valores, hábitos, enfim, um ponto da interlocução entre língua e cultura sob a ótica do escritor. Biderman (1998a, p. 12) afirma que as palavras de uma língua, “[...] nada mais são que rótulos através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio”. Desse modo, pesquisar o léxico de uma comunidade por meio da produção escrita de um sujeito significa desvendar os mistérios de sua história, de sua cultura e de suas relações sociais em um determinado período do tempo.

O léxico de uma língua constitui-se num inventário aberto, mutável, que representa a visão de mundo e a cultura do povo que o usa. Nesse sentido, o léxico utilizado por um determinado sujeito evidencia diversos aspectos de sua identidade e da comunidade em que



ele está inserido. Segundo Telles (2012, p. 143), “as formas lexicais que dão suporte ao texto correspondem ao uso linguístico do *scriptor* e do seu tempo”. Para Villalva e Silvestre (2014):

O acesso ao que possa constituir o conhecimento do léxico de cada falante não é, no entanto, facilmente obtido, dado que não pode ser estudado como um corpo físico observável: esse acesso é diferido e baseia-se na observação da produção ou reconhecimento de enunciados linguísticos, por um lado, e em amostragens que servem procedimentos experimentais, por outro (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 23).

As pesquisas voltadas para os usos linguísticos de escritores canônicos e não canônicos têm possibilitado um maior conhecimento sobre o autor, a sua produção bibliográfica, e redimensionado os estudos sócio-históricos, políticos e culturais de um determinado momento do país. Muitas dessas pesquisas foram originadas nos acervos particulares desses artistas da palavra, pois, segundo Alencar (1960),

[...] o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulário humano todos os seus segredos mais íntimos, como o músico que estuda as mais ligeiras vibrações das cordas de seu instrumento, como o pintor que estuda todos os efeitos da luz nos claros e escuros (ALENCAR, 1960, p. 890).

Nessa área de investigação há diversos trabalhos realizados, entre eles, destacam-se: *A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego* (ARAGÃO, 1990). O objetivo desse estudo foi a elaboração de um glossário de termos e expressões regionais ou populares encontrados nas obras de ficção do autor e “torná-los o mais claro possível [...] pelo leitor não linguista ou literato, de outras regiões do país ou de países de língua estrangeira” (ARAGÃO, 1990, p. 20); *O léxico de João Guimarães Rosa* (MARTINS, 2008 [2001]); *O vocabulário alencariano de O Sertanejo: uma análise léxico-semântica* (QUEIROZ, 2006); os estudos acerca do vocabulário de Arthur de Salles, como a tese de doutorado *Poemas do Mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo* (CARVALHO, 2001); *O vocabulário regional de Arthur de Salles* (TELLES, 2005); a dissertação de mestrado *No mar neológico de Arthur de Salles navegam os regionalismos do recôncavo baiano* (DUARTE, 2007) e a tese de doutorado *Estilhaços do sujeito Arthur de Salles: o vocabulário como materialização do discurso* (DUARTE, 2011); *O vocabulário de Godofredo Filho* (BRASIL, 2011), entre outros.

O vocabulário dos textos de Eulálio Motta revela-se como uma fonte significativa de informações sobre a linguagem regional e o universo sociocultural do sertão baiano e, a partir de estudos empreendidos nos manuscritos e impressos do escritor, percebeu-se que sua escrita

evidenciava um uso peculiar do léxico. No seu processo de escrita, Eulálio Motta observava *in loco*, fazia anotações em cadernos e depois utilizava as informações coletadas para produzir seus textos. Ele recriava o cotidiano sertanejo, retomava cantigas tradicionais ligadas ao universo cultural do campo, explorava mitos e crenças populares, revelando o imaginário das comunidades locais.

A documentação preservada em seu acervo permite observar como o escritor foi incorporando, ao longo do tempo, novas lexias, adaptando ou ressemantizando outras em seu uso, motivado por interesses diversos. Nesse sentido, o estudo do léxico, enquanto caracterizador de uma comunidade, constitui-se numa oportunidade de se conhecer e explorar a riqueza de expressões culturais e artísticas de um determinado grupo social. Conforme Aragão (2004):

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos. [...] / O léxico (dicionário, vocabulário, glossário), enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade. Assim, como vimos, não se pode estudar a língua sem relacioná-la com a sociedade e a cultura nas quais o falante está inserido (ARAGÃO, 2004, p. 4-5).

Dessa forma, os escritos de Eulálio Motta constituem-se em um riquíssimo acervo, pois oferece uma oportunidade de estudo da realidade linguística da região e possibilita a realização de um trabalho de investigação científica pautado em abordagens que, certamente, ampliarão o conhecimento a respeito do sertão baiano e da problemática social tão bem divulgadas em prosa e verso pelos autores sertanejos e nordestinos, à luz de teorias linguísticas, voltadas para a Semântica, a Lexicologia e a Lexicografia, considerando-se a relação língua, cultura e sociedade.

O vocabulário utilizado pelo escritor baiano Eulálio Motta revela a sua experiência investigativa junto às comunidades rurais da região de Mundo Novo, o seu intuito de divulgar o universo sociocultural do semiárido baiano e a influência ideológica que exercia na sociedade local, visto que “o público é moldado pelo escrito (verbal ou icônico) torna-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se *imprimir* pelo texto que lhe é imposto (CERTEAU, 2008 [1990], p. 261). Para Mandel (2006 [1998]):

O vocabulário de uma língua é o repertório de todos os seres, objetos e ideias de um grupo humano. As formas escriturais que traduzem esta língua se

servem, por sua vez, do repertório visual e sedimentar do grupo, do qual faz parte naturalmente todo o gestual expressivo do escriba. Uma língua e uma escrita fixam o indivíduo dentro de uma comunidade social no seio de uma cultura (MANDEL, 2006 [1998], p. 169).

Nessa perspectiva, o problema central que norteou esta pesquisa foi como organizar o vocabulário do escritor baiano Eulálio Motta, a partir de um *corpus* definido, a fim de entender o processo de manipulação do léxico, o quanto do seu vocabulário é do patrimônio dicionarizado da língua e o quanto são inovações estilísticas. Desse modo, o estudo do vocabulário do escritor justifica-se pelo fato de seus textos serem uma fonte significativa de informações históricas, políticas e socioculturais do sertão baiano e apresentarem registros da língua falada e características que lhes são peculiares.

Nesta tese, o objetivo principal foi apresentar o *Vocabulário de Eulálio Motta*, numa perspectiva semasiológica (HAENSCH, 1982a), devido à extensão do *corpus* trabalhado e à diversidade de tipologias textuais que compõem o acervo. Assim, foram lematizadas lexias simples, compostas e complexas (POTTIER, 1977 [1974]). As lexias selecionadas foram, de preferência, as empregadas com um valor estilístico mais acentuado, com expressividade particular e quando o seu emprego ultrapassa o puramente referencial, enriquecido de uma conotação especial.

A viabilidade dessa pesquisa deve-se à existência do acervo de Eulálio Motta, que se encontra organizado, catalogado e sistematizado. Esse trabalho foi realizado por Patrício Nunes Barreiros, a quem a família do escritor doou, em 1999, todos os documentos arquivados por Eulálio Motta e sua biblioteca particular. “Após análise do acervo, foram identificados 2.416 documentos, cobrindo o período de 1910 a 1988” (BARREIROS, P., 2013a). Atualmente, esse acervo está disponível para consulta no Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD), vinculado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), possibilitando o acesso e a utilização do material para estudo. Diversos trabalhos acadêmicos já foram realizados com base na documentação do acervo de Eulálio Motta, mas, até então, nenhum contemplava a perspectiva lexicográfica.

Diante da extensão do acervo de Eulálio Motta, delimitou-se como *corpus* dessa pesquisa as publicações de textos em prosa, escritos em vida ou publicados postumamente, sendo: 36 textos publicados na coluna *Rabiscos* do jornal *Mundo Novo* (1931 a 1932, Mundo Novo-BA); 17 textos publicados no jornal *O Lidador* (1933 a 1935, Jacobina-BA); 45 textos publicados no jornal *O Serrinhense* (1950 a 1951, Serrinha-BA); 24 textos publicados no

jornal *Gazeta do Povo* (1960-1961, Feira de Santana-BA); 43 panfletos escritos de 1949 a 1983 (BARREIROS, P., 2015) e 50 *causos* que compõem *Bahia Humorística* escritos de 1933 a 1934 (BARREIROS, L., 2016). Entende-se que essa seleção de 215 textos em prosa atende aos diversos suportes utilizados por Eulálio Motta para veiculação e divulgação de seus escritos, possibilitando inventariar o vocabulário usado pelo escritor durante um período de mais de 50 anos (de 1931 a 1983).

A metodologia utilizada constitui-se de duas etapas: a) estabelecimento e edição do *corpus* – busca nos acervos de jornais do interior da Bahia, a partir de indícios deixados pelo escritor em suas anotações; digitalização dos jornais; edição dos 122 textos de Eulálio Motta publicados nos jornais selecionados; consulta aos manuscritos dos 50 *causos* e dos 43 panfletos para a realização da *collatio* das edições publicadas (BARREIROS, L., 2016) e (BARREIROS, P., 2015); descrição de todos os 215 textos; estabelecimento de um código de identificação para otimizar a consulta e a referência no decorrer do trabalho; compilação e conversão do *corpus* em formato compatível aos programas adotados *AntConc*, para análise do *corpus*, e *FieldWorks Language Explorer (FLEx)*, para organização do banco de dados e elaboração do vocabulário; b) apresentação do vocabulário – levantamento das lexias; consulta a alguns dicionários de língua portuguesa, por exemplo, Silva (1922 [1813]) e Figueiredo (1926), para a definição das lexias de acordo com os seus significados no *corpus*, viabilizando a análise dos aspectos da variedade linguística sertaneja presentes nos textos; apresentação das lexias em ordem alfabética, seguidas da categoria gramatical, do conceito e de exemplos remetidos ao *corpus*.

Apresenta-se, ao final deste trabalho, um vocabulário que remete à realidade sociocultural sertaneja presentes nos textos de Eulálio Motta. Desse modo, contribui-se para a preservação de costumes e valores culturais do homem sertanejo, expresso no uso da língua.

## 1.1 A ESTRUTURA DA TESE

A tese intitulada *O vocabulário de Eulálio Motta* é estruturada em seis seções. Na *Introdução*, apresenta-se o tema da pesquisa, a finalidade, a metodologia adotada e a contribuição do trabalho realizado. Na subseção *A estrutura da tese*, destaca-se a abordagem de cada seção que a compõe.

Na segunda seção, *A prosa impressa de Eulálio Motta: o polêmico poeta contador de histórias*, descreve-se a sociohistória dos textos de Eulálio Motta e o percurso do escritor, enquanto poeta, jornalista, panfletário e cronista. Nesta seção, situa-se quem é o sujeito-autor,

o que conta, para quem conta e quem são seus interlocutores. Situa-se o cenário da escrita – o município de Mundo Novo, a Fazenda Morro Alto e o distrito de Itabira –, e o processo de recolha dos textos na comunidade como registro da memória local.

Na terceira seção, *O corpus da pesquisa e os procedimentos metodológicos*, descreve-se a organização do acervo de Eulálio Motta e os estudos já realizados a partir desta documentação, a composição do *corpus* desta pesquisa e as ferramentas computacionais utilizadas na elaboração do *Vocabulário de Eulálio Motta*, o *AntConc* e o *Fieldworks Language Explorer (FLEx)*.

Na quarta seção, *O estudo do vocabulário numa perspectiva semasiológica*, apresenta-se a relação entre os estudos lexicológicos e a filologia e suas interfaces com a cultura e a sociedade. Na subseção *Lexicologia, Lexicografia e Terminologia* faz-se um panorama das vertentes dos estudos do léxico e suas contribuições'. Em *A palavra em uso: dicionário, glossário e vocabulário* definem-se as especificidades de cada uma desses trabalhos lexicográficos, evidenciando a relevância da organização do vocabulário do escritor Eulálio Motta. Em *A organização do vocabulário*, apresentam-se os critérios adotados, com a descrição da macroestrutura e da microestrutura (entrada lexical, definição e abonação) e a metodologia utilizada para a estruturação dos verbetes. Na subseção *As lexias*, descrevem-se as lexias simples, compostas e complexas, destacando-se *As unidades fraseológicas no corpus de Eulálio Motta*.

Na quinta seção, *O vocabulário de Eulálio Motta*, tem-se o vocabulário, organizado hierarquicamente de A a Z, composto por 700 lexias selecionadas dos textos em prosa do escritor, com suas respectivas definições e abonações.

Por fim, nas *Considerações finais*, explica-se o que se pôde observar a partir do estudo desenvolvido e a relevância dessa pesquisa no âmbito dos estudos linguísticos. Seguem-se as *Referências* consultadas para a realização do trabalho.

Os *Apêndices A, B e C* encontram-se após as *Referências*. Integram os apêndices os 215 textos de Eulálio Motta, que compuseram o *corpus* da pesquisa, sendo: *Apêndice A* – a edição dos 50 *causos* publicados em *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta* (BARREIROS, L., 2016); *Apêndice B* – a edição dos 43 panfletos publicados em *O Pasquineiro da Roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P., 2015) e *Apêndice C* – a edição de 122 textos em prosa publicados nos jornais *Mundo Novo*, *O Lidador*, *O Serrinhense* e *Gazeta do Povo*. Devido a extensão do *corpus*, os *Apêndices* foram editados em fonte 10.

## 2 A PROSA IMPRESSA DE EULÁLIO MOTTA: O POLÊMICO POETA CONTADOR DE HISTÓRIAS

Não estarei presente. Meus livros, minhas crônicas, estarão. A posteridade não terá vergonha de mim. Compreenderá que eu fui um dos pouquíssimos que vivi pensando nela, lutando e sofrendo por ela (MOTTA, [1947?], f. 26v).

A invenção da escrita é um dos acontecimentos mais importantes da humanidade, pois possibilitou ao homem registrar o conhecimento e as experiências vivenciadas. A escrita alfabética e a sua difusão marcam um salto qualitativo na evolução cultural das sociedades modernas, tornando-se condição imprescindível para se falar da existência de uma civilização desenvolvida e integrada. De acordo com McLuhan (1977 [1962], p. 76), “[...] foi somente pelo alfabeto que os homens destribilizaram ou individualizaram para criar a ‘civilização’”.

Mesmo não sendo um progresso linear, contínuo e igualitário, o acesso à leitura e à escrita, por grande parte da população, contribuiu para modificar a ideia que o homem tinha de si mesmo e sua relação com os outros. Com a difusão da cultura escrita, por meio do comércio de livros e periódicos e da popularização da escola, novas práticas sociais se instituíram, ampliando os usos da língua. Segundo Chartier (2009 [1986]), a familiaridade com a escrita, os textos e os livros “no final do século XVIII, permite aos humildes modelar pelas leituras feitas o relato de sua vida – vivida em atos ou em imaginação” (CHARTIER, 2009 [1986], p. 158).

Desse modo, a leitura e a escrita passaram a ser extensivas ao cidadão comum, permitindo a penetração do texto escrito na sociedade, criando práticas cotidianas que colocaram a escrita no centro das relações sociais. Para Chartier (2009 [1986]):

Sociabilidade do convívio, intimidade familiar e doméstica, isolamento individual: são as três esferas da vida do Ocidente em que o livro e suas leituras detêm uma posição primordial. A constatação não vale apenas para os que estão familiarizados com a escrita e que compõem as diversas elites das sociedades da era moderna. Nos meios populares também se pode encontrar uma mesma pluralidade dos usos do impresso – com a diferença de que em tais meios os impressos nem sempre são livros. A leitura em voz alta feita por quem sabe ler para os que sabem menos bem ou nada constitui uma prática habitual, na cidade e no campo, por trabalho ou por lazer, ao acaso da rua ou entre companheiros de labuta (CHARTIER, 2009 [1986], p. 154).

Assim, novos modelos de comportamento e novas condutas culturais foram estabelecidas, sem eliminar as práticas antigas, mas transformando-as. Isto possibilita empreender estudos da língua, tomando como *corpus* a sua modalidade escrita ou oral, pois,

conforme assinala Krieger (2010), “o léxico, em virtude de sua natureza primeira de nomear, é semanticamente coextensivo à cultura que o suporta e à realidade por ele recortada” (KRIEGER, 2010, p. 136). Mas, para que um estudo linguístico seja efetivo, faz-se necessário compreender como os textos foram produzidos, difundidos e consumidos, ou seja, penetrar em sua sociohistória.

O acesso à leitura e à escrita intensificou-se, possibilitando aos indivíduos produzirem e acumularem formas de arquivar a própria vida, seja com a escrita de si propriamente dita como, por exemplo, diários e correspondências, ou colecionando livros, jornais, revistas, papéis avulsos, cadernos, fotografias, objetos etc. O estudo sistemático dessas fontes arquivadas pode revelar importantes dados históricos, pois preservam a memória de uma determinada época, além de se tornarem o *locus* potencial para as pesquisas linguísticas, uma vez que permitem identificar os usos sociais da língua, bem como da renovação lexical. Biderman (1998c) destaca que:

É preciso lembrar ainda que o vocabulário não é criado (ou recriado) pelo indivíduo mas que ele é adquirido através do processo social da educação. De fato, através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário. Nessa aprendizagem o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade. Essa cristalização da experiência social tanto cultural como linguística é o ponto de partida e o fundamento tanto do pensamento como da linguagem individual (BIDERMAN, 1998c, p. 104).

Entretanto, esse arquivamento linguístico que possibilita perceber as práticas de escrita e os usos sociais da língua de um determinado período é manipulado, tendo em vista que o sujeito é livre para escolher o que vai arquivar e a ordem dos acontecimentos, como se estivesse construindo a narração de sua própria história. Artières (1998) afirma que: “[...] a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

A título de ilustração desse processo de “arquivamento do eu”, tem-se os cadernos de anotações, também chamados de “livros de lugares-comuns”, que reuniam, além de transcrições de textos, apontamentos sobre a vida cotidiana. Essas informações eram agrupadas e reorganizadas à medida que novos fragmentos iam sendo acrescentados. Segundo Darnton (2009, p. 150), esse hábito se espalhou por toda a Inglaterra do início da era moderna, tanto entre os leitores comuns quanto entre autores conhecidos, como Francis

Bacon, Ben Jonson, John Milton e John Locke. O hábito tornou-se uma maneira especial de absorver a palavra impressa, fundada na não linearidade e na fragmentação da informação.

Escrever livros de lugares-comuns era como costurar colchas de retalhos: produzia imagens, algumas mais bonitas que outras, mas todas interessantes a seu modo. Eles revelam padrões de uma cultura: os segmentos que a formaram, a costura que os uniu, os rasgões que os dividiram e o tecido comum a partir do qual foram compostos (DARNTON, 2009, p. 174).

Essa prática perdura até os dias atuais. Diversos estudos já foram realizados com base em anotações de cadernos e cadernetas utilizadas por escritores que observaram e pesquisaram o *usus scribendi* ou *dicendi* do seu tempo. Guimarães Rosa, por exemplo, em suas viagens, valeu-se de cadernetas como instrumentos de trabalho para gravar sensações, descrever tipos e paisagens, anotar expressões e burilar outras tantas. Conforme Cavalcante (1996):

No caso das cadernetas de Guimarães Rosa, qualquer tipificação tem seus limites ainda mais diluídos. Quer as chamemos de cadernetas de viagem, “composites” ou diários, o que importa é que elas [...] participam da gênese da obra e, portanto, evidenciam a importância do seu estudo enquanto testemunhos da fase pré-redacional, método preconizado pela crítica genética para compreensão do processo de criação literária (CAVALCANTE, 1996, p. 236).

Percebe-se que as práticas sociais estão cada vez mais condicionadas à escrita. Para Certeau (2008 [1990], p. 227), “nos últimos três séculos aprender a escrever define a iniciação por excelência em uma sociedade capitalista e conquistadora. É a sua *prática* iniciática fundamental” (CERTEAU, 2008 [1990], p. 227). Infelizmente, esse progresso não alcança a todos. Muitos ficam à margem da sociedade por não saber ler e escrever, como assinala Certeau (2008 [1990]):

O domínio da linguagem garante e isola um novo poder, “burguês”, o poder de fazer a história fabricando linguagens. Este poder, essencialmente escriturístico, não contesta apenas o privilégio do “nascimento”, ou seja, da nobreza: ele define o código da promoção sócio-econômica e domina, controla ou seleciona segundo suas normas todos aqueles que não possuem esse domínio da linguagem (CERTEAU, 2008 [1990], p. 230).

Entretanto, mesmo quando não dominam a leitura e a escrita, os sujeitos, ao longo da vida, nas sociedades letradas, têm contato com o universo da escrita de alguma forma. Seja por uma necessidade circunstancial ou por uma exigência social, como os documentos de identificação. Assim, “para existir, é preciso inscrever-se nos registros civis, nas fichas



médicas, escolares, bancárias” (ARTIÈRES, 1998, p. 12). Para garantir a sua identidade e os seus direitos civis, políticos e sociais, o indivíduo precisa manter os registros de suas vidas. Ele é impelido a compor o que Artières chama de *curriculum vitae*.

O que é um *curriculum* senão o inventário dos nossos arquivos domésticos? A data de nascimento remete à certidão de nascimento, o estado civil ao registro civil, a nacionalidade ao passaporte, endereço e telefone a um contrato de locação e a uma conta de telefone, nível de instrução ao conjunto dos diplomas, experiência profissional aos contracheques. Um *curriculum* é uma autobiografia resumida, um sumário: só traz o essencial (ARTIÈRES, 1998, p. 13).

Essa injunção social abrange o conjunto da vida do indivíduo e compõe uma memória selecionada. De acordo com P. Barreiros (2013a):

Isso não tira os méritos da documentação como importante objeto de estudo, muito pelo contrário, essa memória documental não perde o seu *status* de fonte. Esses documentos são o resultado de uma triagem feita por um indivíduo mediante algum critério que varia ao longo do tempo. [...] Por isso, os acervos estão necessariamente vinculados à vida, por suas travessias sinuosas, trazendo sempre as marcas de uma experiência (BARREIROS, P., 2013a, f. 34).

Assim, seja um cidadão comum ou pessoas de destaque social, político ou cultural, todos formam seus acervos e felizmente alguns deles encontram-se dispostos a cuidar desses documentos e torná-los disponíveis para estudiosos e pesquisadores. Segundo Venâncio (2004, p. 112), cada documento do arquivo pessoal torna-se um desafio, um objeto singular a ser decifrado, tanto em suas condições de produção, quanto na sua organização discursiva. Aspecto este, bem significativo, pois esses acervos pessoais preservam uma porção da língua, um recorte dos usos linguísticos do titular e, principalmente, de uma comunidade. Os cadernos e os manuscritos avulsos, por exemplo, evidenciam os processos escriturísticos e os usos linguísticos, constituindo um *corpus* substancial de um determinado período da história, tendo em vista que “[...] la reflexión sobre la lengua sólo es posible gracias a la escritura”<sup>1</sup> (TEBEROSKY, 1998, p. 15). As cartas e fotografias, por sua vez, contam muito sobre o momento histórico e a vida do titular. A biblioteca demonstra seus interesses de leituras, o gosto pessoal e também as tendências e o desenvolvimento editorial de uma época.

Os acervos são constituídos de documentos relativos à vida dos seus titulares (documentos pessoais, fotografias, livros, objetos etc.) e à obra, no caso, de escritores. Nesse

---

<sup>1</sup> Traduzindo: “[...] a reflexão sobre a língua só é possível graças à escrita”.

sentido, tendo em vista que a sua matéria-prima é a palavra, destaca-se a relevância dos manuscritos e dos datiloscritos nos mais diversos suportes, pois registram as experimentações linguísticas do autor. Para o escritor José de Alencar (1960):

[...] todo o homem, orador, escritor, ou poeta, todo o homem que usa da palavra, não como um meio de comunicar as suas idéias, mas como um instrumento de trabalho; todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquele que faz da linguagem, não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a fôrça e os recursos desse elemento de sua atividade. / A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com tôda a fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de tôdas as graças, e de tôdas as formas necessárias para fascinar o espírito (ALENCAR, 1960, p. 889-890).

Na Bahia, tem-se o exemplo do escritor Eulálio de Miranda Motta, que escreveu durante mais de sessenta anos, deixando um grande legado de manuscritos éditos e inéditos. Esse considerável acervo é composto por cadernos, diários, cadernetas, papéis avulsos, cartas, fotografias, esboços de projetos editoriais, coleções de jornais, panfletos e cédulas antigas, documentos de identificação, o diploma de farmacêutico concedido pela Faculdade Baiana de Medicina em 1933, livros da sua biblioteca particular e objetos pessoais, que foram guardados cuidadosamente por seu titular. O acervo do escritor é uma fonte significativa de informações sobre a sua história e revela um sujeito que exerceu uma influência social, política e, principalmente, linguística na cidade de Mundo Novo-BA.

Esses documentos e objetos só foram encontrados onze anos após o falecimento de Eulálio Motta, em 1999, por Patrício Nunes Barreiros, a quem a família doou todo o acervo para fins de estudos, pesquisa, preservação e divulgação. Segundo P. Barreiros (2013a):

[...] o acervo pessoal do escritor Eulálio de Miranda Motta pode ser entendido como uma modalidade de produção do eu, capaz de esboçar os itinerários daquele que se arquivou, configurando-se como lugar privilegiado de suas memórias. Esse acervo revela as identidades do escritor e esboça também o quadro sócio-histórico das práticas culturais de leitura e de escrita de um sujeito que atuou num tempo e lugar específicos (século XX no interior da Bahia) (BARREIROS, P., 2013a, f. 35).

O acervo de Eulálio Motta foi organizado, catalogado e sistematizado por Patrício Barreiros, que lhe atribuiu uma dinamicidade ao trazer à tona um escritor não canônico, por meio de diversas perspectivas de estudos de sua vida e de sua produção literária, especialmente com a edição filológica dos textos. Esse trabalho tem possibilitado a publicação

de obras inéditas e de obras editadas, que estavam fora de circulação, e tem contribuído para a memória literária e histórica do sertão baiano ao revelar um escritor de importante atuação na sociedade mundonovense. Além disso, a diversidade de documentos que integram o acervo de Eulálio Motta permite compreender como a sociedade tem construído e transmitido os significados que atribuem às palavras e às coisas, tendo em vista que a aparente naturalidade do uso cotidiano da palavra camufla a complexidade e o potencial da língua. Segundo Azeredo (2008):

[...] há outras dimensões do uso da palavra, onde o mundo não está pronto mas precisa ser criado, onde as frases e os sentidos não estão disponíveis como produtos nas gôndolas e prateleiras do supermercado, mas, pelo contrário, precisam ser elaborados. Esta é a dimensão em que se movimentam todos aqueles que têm desafios pela frente, que precisam ir além da realidade já construída e aparente, buscando, sob a superfície confortavelmente constante da fala de todos os dias, as pistas, as brechas, os atalhos que nos dão acesso a territórios e objetos que aguçam nossa percepção, renovam nossas emoções e estendem nossos horizontes de compreensão e de comunicação. É nessa dimensão que a palavra assume o caráter de uma sofisticada tecnologia a ser adquirida e dominada (AZEREDO, 2008, p. 58).

Como um intelectual engajado e a frente do seu tempo, Eulálio Motta fez uso de uma escrita elaborada. Das linhas de seus cadernos e papéis avulsos, transpõem memórias, sensibilidade, conhecimento, pesquisa e erudição. Ele soube dialogar com vários interlocutores, de diferentes camadas sociais. Reelaborava o seu discurso, quando necessário, tornando-se o porta-voz da comunidade, como se pode observar no panfleto *Ontem, hoje, amanhã...*:

Leitores dedicados de meus folhetos de “escriba da roça” me pedem para escrever comentando o que aconteceu aqui hoje. Era minha intenção não comentar mais nada das misérias da política local. Não pretendo, pois, comentar. Mas, apenas, dizer com o máximo possível de síntese [...] (MOTTA, 2015a [1974], p. 278).

Eulálio Motta, assim como muitos escritores, utilizava-se de cadernos e de cadernetas para fazer vários tipos de anotações. A princípio, intitulava-os para um objetivo específico, mas sempre os reutilizava, com a finalidade de documentar e armazenar ideias que poderiam ou não ser utilizadas na composição de novos textos. Passava a limpo seus rascunhos, fazia listas de nomes próprios, nomes atribuídos ao gado, palavras e cantigas que ouvia dos trabalhadores da fazenda, elaborava discursos para a plataforma política, anotava expressões,

as pendências comerciais, as receitas de remédio que prescrevia, endereços e comentários diversos. Por vezes, improvisava o suporte da escrita, utilizando papéis avulsos, embalagens, pedaços de papelão, guardanapos e, em seguida, guardava-os dentro de seus livros e cadernos. Os vestígios deixados em seu acervo revelam um permanente pesquisador da vida e do cotidiano das pessoas a sua volta. Segundo P. Barreiros (2012):

Os cadernos e cadernetas de Eulálio Motta são verdadeiros palimpsestos, tesouros de informações. Ele sempre retornava aos seus textos para lapidá-los, corrigindo-os, acrescentando palavras. Às vezes um texto é retomado sessenta anos após a sua primeira escrita, num processo de burilamento ou absorvendo-o num novo texto. Os espaços em branco nas folhas dos cadernos são utilizados sempre que surge a necessidade de escrever, por isso, é comum encontrar camadas de textos sobrepostos (BARREIROS, P., 2012, p. 25).

Eulálio Motta conservou em seu acervo 15 cadernos, que foram escritos entre as décadas de 1920 a 1980. Esses cadernos representam verdadeiros laboratórios do escritor, pois registram o aperfeiçoamento dos textos, as substituições de palavras e evidenciam um repertório lexical rico e diversificado, escolhido em função do entendimento de seu público leitor. Eles participam da gênese das obras éditas e inéditas e são testemunhos do processo de criação autoral. A partir da leitura desses cadernos, é possível acompanhar a atividade intelectual e artística do escritor durante seis décadas e a elaboração de projetos de publicações de livros, pois neles se encontram esboços de índices e prefácios.

O estudo da documentação do acervo de Eulálio Motta permite traçar os perfis do escritor e seus diversos itinerários como: poeta, cronista, panfletário, político, religioso, familiar etc., pois “a escrita registra até as mais íntimas pulsões do escriba e restitui a marca profunda de sua natureza e de sua personalidade inserida em um clima social e cultural” (MANDEL, 2006 [1998], p. 173).

Como poeta, Eulálio Motta confessou o amor impossível por uma jovem. Descreveu uma vida marcada por impossibilidades, vítima da ação implacável do tempo, o saudosismo dos lugares e os momentos marcantes da infância, como no soneto *Sentimentalismo*:

#### SENTIMENTALISMO

Quando eu voltar por lá, mui diferente,  
já muito envelhecido e mui cansado,  
ruas e casas, tudo, certamente,  
hei de encontrar como eu muito mudado!

Aquela esquina e aquela casa em frente,  
 onde em tempo feliz de namorado  
 eu passava, serão, naturalmente,  
 sombras, relíquias, a alma do passado...

Memória morta, hei de lembrar, no entanto,  
 aquele amor que vi tremer, desfeito,  
 dos olhos dela sob o véu do pranto!...

Então, velhinho, sem poder, doente,  
 tanta saudade sufocar no peito,  
 hei de chorar amarguradamente! (MOTTA, 2012 [1929], p. 138).

Como cronista, Eulálio Motta descreveu o cotidiano da cidade de Mundo Novo, as dificuldades vivenciadas pelo homem do campo, os acontecimentos políticos locais, nacionais e internacionais, criticou, expôs suas ideias e inquietações ideológicas, lutou pela defesa da moral, da família cristã e dos bons costumes. Ele reconhecia o poder denunciativo de sua pena em seus próprios textos: “[...] Só nos resta, pois, transformar a nossa pena em máquina fotográfica para fotografar e exibir em crônicas como esta, as podridões marcantes de sua passagem pelo poder em nosso município, para grande vergonha desta terra” (MOTTA, 2015b [1967], p. 266).

Enquanto cordelista, resgatou aspectos da cultura sertaneja, satirizou políticos e referiu-se a circunstâncias diversas da sociedade mundonovense, exercendo uma importante função social. Seus cordéis de teor denunciativo eram curtos e de caráter panfletário, como em *O Telefone* e *Nossa Telé*, por exemplo. Nos cordéis abaixo, Eulálio Motta critica a falta de providências, por parte do prefeito Ederval Neri, para resolver o problema do telefone e da televisão na cidade.

#### O TELEFONE

E o telefone não vem...  
 Mundo Novo assim não vai!  
 Sai prefeito entra prefeito  
 E o telefone não sai!

“Dentro de noventa dias”  
 Diz Miquinha, “a coisa vai!”  
 E vão-se os noventa dias  
 E o telefone não sai...  
 [...]

O Mundo Novo está orfão!  
 Orfão de mãe e de pai!  
 É por isto certamente,  
 Que o telefone não sai...

Eminente Dr. Alfa,  
 Deste órfão queira ser pai!  
 Pois do contrário, Dr.,  
 O telefone não sai!  
 Liota (MOTTA, 2015b [1977], p. 289).

#### NOSSA TELÉ...

A chuva está sendo pouca...  
 Apenas borrifa o chão...  
 Aqui só não falta chuva  
 Na nossa televisão...

É piada e nada mais  
 A nossa televisão,  
 Com treme-treme e ruído  
 Só nos traz desolação.  
 [...]

Não acredito que possam  
 Nos trazer televisão  
 Se não nos trouxeram antes  
 A nossa sub-estação.

Sem esta tudo é de balde...  
 Bolodório... lero-lero...  
 A telé sem energia,  
 Por Deus do céu que não quero!  
 LIOTA (MOTTA, 2015a [1977], p. 290).

O cenário de sua escrita é marcado por lugares que compõem a sua história, como as fazendas Vaca Parida e Morro Alto, a vila Alto Bonito, o distrito de Itabira (região conhecida como Mucambo dos Negros, no município de Miguel Calmon-BA) e as cidades de Monte Alegre, Jacobina, Mundo Novo e Salvador. Geralmente com tom humorístico, Eulálio Motta registrava a cultura popular do sertão, tanto em seus aspectos sociais quanto linguísticos, como no caso *Vida sertaneja I*:

O impaludismo, a verminose, a seca, o governo, e outros males, não deixam o sertanejo que trabalha tomar pé na vida. Entre estes outros males, está o sertanejo preguiçoso e vagabundo que vive de gatunagem na roça dos que trabalham.  
 É tudo isto que o sertanejo trabalhador exprime quando canta:  
 “Eu vou dá pra vádiá  
 “Que os vadio tomém come.  
 “Toda vida eu trabaei  
 “E sempre morreno de fome.” (MOTTA, 2016 [1933], p. 81).

As primeiras publicações de Eulálio Motta são datadas de 1927. Nesse período, ele estudava em Salvador, onde fazia o curso preparatório para a faculdade e teve a oportunidade de conviver com grandes nomes da literatura brasileira como Jorge Amado e Adonias Filho, por exemplo. Até 1929, sua produção foi bastante intensa. Ele publicou sonetos de cunho parnasiano-simbolista nas principais revistas e jornais da época, como: *A Luva*, *Renascença*, *Vanguarda*, *O Imparcial*, *Caderno da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde* e dois livros de poesias: *Ilusões que passaram...* (MOTTA, 1931a) e *Alma enferma* (MOTTA, 1933a).

O livro *Alma enferma* teve grande repercussão na imprensa. Foi comentado pelo crítico literário Carlos Chiacchio, no jornal *A Tarde*, na edição do dia 26/10/1933 e por Egberto de Campos, no *Diário de Notícias*, na edição do dia 27/10/1933: “É um livro de versos, meio-sério, meio-humorista. Mas, em todo-caso, interessante. Que a gente lê com agrado. Há versos, em que a verve salta espontânea e livre como água da fonte” (CAMPOS, 1933, p.4). Em *O Imparcial*, de 29/10/1933, o literato Floriano Mendonça comenta:

O livrinho que elle acaba de publicar é um mimo de finura espiritual. ‘Alma enferma’ é destinado aos enfermos do corpo, porque em beneficio de um hospital de pobres... Um enfermo de alma promove a cura de enfermos de corpo... Isso é bondade, porque a alma é muito mais difficil de curar... Alma enferma e bôa, doente e sã, aquella alma de poeta! (MENDONÇA, 1933, p. 2).

Em *O Lidador*, Nemesio Lima, editor do jornal, corrobora as demais declarações e o valor da obra, ressaltando o retorno para a sociedade mundonovense, visto que as vendas beneficiariam a construção de um hospital na cidade:

Acabamos de receber alguns exemplares do segundo livro dado á publicidade, na capital do Estado, pelo nosso talentoso colaborador e amigo Pharmaceutico Eulalio Mota, que tem sido, por esse motivo, alvo dos mais expressivos encomios, quer por parte da imprensa, quer pelos mais autorisados intelectuaes bahianos.

Editado em benefico da construção do “Hospital Rosa-Cruz”, que se pretende levantar em Mundo Novo, o livro de Eulalio Mota tem duplos motivos de ser acolhido pelo publico ledor (LIMA, 1933b, p. 4).

Eulálio Motta dedicou-se à atividade jornalística durante grande parte de sua vida. De 1931 a 1932, ainda residindo em Salvador, foi responsável pela coluna permanente *Rabiscos*, do jornal semanário *Mundo Novo*. Nesta coluna, ele narrava suas experiências da infância e adolescência vividas na Vila Alto Bonito e na Fazenda Morro Alto, suas impressões da capital e das visitas que fazia a Mundo Novo, comentava acontecimentos políticos, satirizava comportamentos etc., como em *Mania*:

“Cada doido tem a sua mania.” É um fato. Eu, por exemplo, tenho a minha mania: a mania de lêr. Gósto de ler. Gosto, de verdade. Gósto tanto que posso até dizer como aquela cantiguinha popular: “Gósto que me enresco.” Na Bahia não me é difícil alimentar este gósto. [...] Mas aqui na roça a cousa muda de aspecto. Livro bom aqui é ave rara. Para remediar esta falta, tenho feito o seguinte: lido jornais velhos. Das gavêtas não me escapa um jornal velho, e dos jornaes velhos não me escapam nem os anuncios. Vejam, por exemplo, que sabor gostoso o dessa nota que li no “Mundo Novo” de 10 de junho de 1927: “Pelos competentes constructores do trecho da estrada de ferro de França à Barra foi marcada nestes ultimos dias a estação deste ultimo ponto começando em breve a construção da mesma. Pelo grande esforço empregado pelos constructores è de esperar-se que em dezembro proximo ouçamos o silvar da locomotiva na futura estação da Barra, que terá o nome de *estação Ministro Vitor Konder em homenagem ao grande estadista que ora dirige a pasta da viação*. (o grifo é nosso.) Não está gostoso? Como todos sabemos, sua Excelencia, o Konder, ha muito se acha no exilio. E se alguma estação foi inaugurada mercê da influencia do “grande estadista”, deve ter sido na China, de modo que nós, mundonovenses, perdemos de assistir a solenidade da inauguração... Que pena! (MOTTA, 1932d, p. 4).

No jornal *Mundo Novo*, Eulálio Motta publicou textos de tom humorístico e trovas populares, as quais ele assinava com o pseudônimo de Liota. Esta perspectiva de humor contrapõe-se aos versos melancólicos de tristeza e desesperança de sua poesia, nos quais o escritor adotava pseudônimos como “Um João Ninguém” e “Brás Cubas”. Esta mudança ocorreu devido à influência do Modernismo. A partir de 1931, pressionado pelas propostas do movimento modernista, Eulálio Motta buscou novos caminhos para a sua poesia e exercitou com mais afinco a tendência humorística. Num texto dirigido a Liberato Miranda, publicado em 23 de outubro de 1931, Eulálio Motta, sinaliza os novos rumos que pretendia dar a sua poesia, afastando-se dos versos tristes e melancólicos:

Muito obrigado por tuas palavras sobre as minhas ilusões que, felizmente, passaram... “Mas isso de tristesa... era uma vez”... [...] Essa historia de tristesa talvez fosse boa cousa nos tempos do finado Casemiro, como diria o Torres. Mas atualmente, tristesa é uma cousa chata, e ridicula. [...] Nada de choradeiras poéticas ou não. Nada de cantilenas de pranto. Nada de denguices do coração, incabiveis no momento dinâmico do seculo. Infelizmente, só muito tarde abri os olhos á realidade. Fui doente, maluco, até bem pouco tempo. Consola-me porem a consciencia de que minhas maluquices foram *Ilusões que passaram*... [...] Mudei, ha pouco, as cordas da lira. Estou, agora, afinando-as, ageitando-as, treinando os dedos a novo som, para, então ver se canto qualquer cousa” (MOTTA, 1931d, p. 2).

Contudo, foi, em 1933, quando concluiu o curso de Farmácia e retornou a Mundo Novo, que efetivamente seus sonetos deram lugar ao verso livre e relacionado ao cotidiano. No final do referido ano, ele mudou-se para o distrito de Itabira, região conhecida como



Mucambo dos Negros, uma pequena comunidade remanescente de quilombo do município de Miguel Calmon, onde abriu uma farmácia e colecionou motivos para escrever seus textos. Ele observava o comportamento dos trabalhadores rurais, desde a maneira como se comunicavam, as suas tradições e crenças, e anotava em seu caderno. Em seguida, escrevia *causos*. A culminância desse trabalho está no caderno *Bahia Humorística*, um projeto de livro de *causos* engraçados referentes à vida sertaneja na Bahia, que retrata com riqueza os costumes do povo do sertão baiano, evidenciando uma linguagem rica e diversificada (BARREIROS, L., 2012).

Os acontecimentos narrados por Eulálio Motta nos *causos* tratam de episódios exemplares ou representativos dentro do universo de valores e crenças da comunidade. Os *causos* deixam transparecer a visão que o autor tinha da vida cotidiana, sobre aspectos políticos e socioculturais, como, por exemplo, no fragmento do *causo Na colheita do café*:

- O Venancio botou o fio na escola do Pé do Morro.
- Impusturia. Pabulage de póbe que qué se metê a rico.
- Não, seu José. Sabê lê bem qui serve. Vomicê devia era mandá o Joaquim tambem pra mode aprende iscrevê o nome.
- Gente, eu nunca aprendi a lê não mais tou viveno. Não sê pra que deabo pobe qué lê!
- Bem qui serve, seu José! Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vês qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode votá. Bem qui serve (MOTTA, 2016 [1933], p. 90).

A experiência com o universo rural, desde a infância, exerceu grande influência na escrita de Eulálio Motta. Para ele, o cotidiano da gente simples do campo era uma importante fonte de inspiração. Há indícios que comprovam isso no *causo Sêca*:

[...] Fui á casa do Grilo, antes de começar a reza. A casa estava cheia de mulheres e meninos; e o terreiro repleto de homens e rapazes, assentados em paus espalhados no terreiro ou de cocoras em tórno da fogueira. Havia rapazes engravatados e cabrochas de meias e fita no cabelo melado de óleo de côco.

Aqueles caem no samba e estas caem na “roda”.

*Não tive de paciencia de me demorar, perdendo, assim, otima oportunidade de uma bôa colheita.* Durante os poucos minutos que lá estive ouvi Juvencinho:

- Tá cum quato mêis qui limpê terra e abri cova pra prantá mãedoca e inté hoje ispero / pur terra moiada! Tá lá do menmo gitinho de quando limpê – sêca, isturricada. Pur chuva parece qui nan móia não. Eu tou veno qui só dano pra mijá nas cova! (MOTTA, 2016 [1933], p. 152-153, grifo nosso).

De 1933 a 1942, Eulálio Motta foi colaborador do jornal *O Lidador*, de Jacobina. Ele tinha uma estreita amizade com Nemésio Lima, diretor-proprietário do jornal. Seu retorno à

terra natal, diplomado em farmácia, foi noticiado pelo amigo na primeira página da edição de 1º de dezembro de 1933:

EULALIO MOTA

Pela Faculdade de Medicina na Bahia acaba de ser diplomado em farmacia o distinto moço, nosso excelente amigo, Eulalio Mota, um dos mais talentosos e esforçados filhos de Mundo Novo.

Ufanos também, pelo auspicioso acontecimento, mandamos ao Eulalio Mota, que vê, realizada, uma das suas maiores aspirações, o *nosso* nosso abraço de felicitações, almejando-lhe pleno exito no desempenho da humanitaria profissão que abraçou (LIMA, 1933a, p. 1).

Foi no jornal *O Lidador* que Eulálio Motta assumiu o discurso político, em defesa de seus ideais. Inicialmente, foi ateu e simpatizante do comunismo, mas, após ouvir os discursos proferidos por Plínio Salgado em Salvador, filiou-se à Ação Integralista Brasileira (AIB), no final do ano de 1933, e dedicou-se aos estudos da doutrina integralista. Segundo P. Barreiros (2013a):

A AIB foi antes de tudo um movimento intelectual de representantes da classe média. Desse modo, Eulálio Motta reunia as qualidades exigidas para ser um bom membro da AIB. Era jovem, apresentava uma veia literária e jornalística, pertencia à classe média e tinha disposição para o estudo dos fundamentos da doutrina integralista que demandava muita leitura (BARREIROS, P., 2013a, f. 81).

Eulálio Motta lançou-se como combatente fervoroso em favor da AIB, assumindo suas convicções publicamente, conforme afirmou Nemésio Lima, no texto *Pharmaceutico Eulálio Mota Integralista de convicções*:

Sob os maiores aplausos por parte de quantos tiveram a felicidade de escutar-o, o nosso talentoso colaborador e grande amigo, Farmaceutico Eulálio Mota, realizou, em Mundo Novo, onde ele é geralmente estimado, duas empolgantes conferencias sobre o Integralismo, doutrina que defende com amor e entusiasmo (LIMA, 1934, p. 2).

O primeiro texto que Eulálio Motta publicou, admitindo o lugar de militante integralista, foi *O Integralismo vencerá!*, em 29 de dezembro de 1933:

Eu nunca fui político. Nunca pertenci a esse ou aquele partido [...] E nunca fui partidário porque em todo partido eu via os conchavos indecentes, os acordos, camaradagens, lutas vergonhosas pelos cargos, os choques de interesses pessoais, os fuchicos, as intrigas, as rixas, o despudor, a falta de vergonha e o desinteresse completo pelo Brasil. [...] Eu, entretanto, moço

[...] procurava um caminho para seguir. Foi isso que me levou a leitura dos livros sobre comunismo. [...] No comunismo encontrei ideal porque no comunismo há ideal. Era a primeira vez que eu encontrava um ideal. Natural, portanto, que eu me fizesse escravo dele. Agora, porém, que surge este Sol que é o Integralismo, este movimento formidável que está impregnando toda a mocidade do Brasil; agora, que o Integralismo surge mostrando com inteligência, com cultura [...] o fracasso completo da Liberal Democracia e os abusos do ideal comunista, não me era possível “ficar onde estava”. Errar é humano. Permanecer no erro, por capricho pessoal, é estupidez. E a estupidez é própria dos burros. E eu não sou burro. Por isso é que [...] *passsei para o campo do combate ao comunismo. Sou integralista por uma questão de inteligência, de sinceridade. E pelo integralismo lutarei até o fim, com desinteresse de minha própria vida!* No integralismo só há um interesse - O Brasil. O Integralismo há de arrancar o Brasil das garras dos politíqueiros inconscientes! (MOTTA, 1933c, p. 1, grifo nosso).

Entre 1933 e 1936, Eulálio Motta intensificou sua ação no cenário político de Mundo Novo e nas regiões circunvizinhas com diversas publicações de panfletos e realização de palestras, propagando os ideais integralistas. Eulálio Motta escreveu largamente sobre os conceitos de democracia cristã, liberdade, liberalismo, totalitarismo e socialismo. Tornou-se um dos responsáveis pela divulgação da doutrina de Plínio Salgado na região de Mundo Novo. A participação de Eulálio Motta no movimento político da AIB foi decisiva para a sua formação intelectual.

Na Bahia, a Ação Integralista Brasileira teve forte adesão no meio estudantil, tanto universitário quanto secundarista, fundando núcleos na Faculdade de Direito, na Faculdade de Medicina e em importantes escolas como o Carneiro Ribeiro, Salesiano, Ginásio da Bahia e no Ginásio Ipiranga. Eulálio Motta participou do núcleo da Faculdade de Medicina, mas mantinha ligações com o do Ginásio Ipiranga, onde tinha laços de amizade com o diretor-proprietário Isaiás Alves (BARREIROS, P., 2013a). No final de 1933, ele fundou um núcleo integralista em Mundo Novo, mas teve que ser cauteloso para não entrar em choque com a política local. Desse modo, o grupo não teve grandes projeções.

De 1936 a 1938, os integralistas foram intensamente perseguidos e todos os núcleos da AIB foram fechados. “Após a intentona de 11 de março de 1938, os integralistas passaram a ser vigiados de perto pelo Estado Novo” (BARREIROS, P., 2015, p. 56). Durante o Estado Novo, qualquer ideia contrária ao Governo era um ato subversivo. Assim, a maioria dos jornais fecharam as portas para os ex-integralistas, principalmente para aqueles que ainda sustentavam suas convicções e juravam fidelidade. Eulálio Motta, integralista por convicção, como o definiu Nemésio Lima, não mais publicaria nos jornais textos sobre questões políticas até o fim do Estado Novo e a reabertura dos partidos políticos, em 1945.

A doutrina integralista pautava-se em três pilares básicos: Deus, Pátria e Família. Os membros da AIB precisavam moldar sua conduta nos valores religiosos, patrióticos e familiares. Assim, Eulálio Motta buscou uma religião que lhe agradasse, convertendo-se ao catolicismo em 1º de outubro de 1940. Transformou esse acontecimento em motivo para escrever poesia, panfletos e crônicas em jornais, anunciando a notícia e propagando a sua fé:

PRECE...

(No meu trigésimo quarto aniversário – o primeiro depois da minha volta à “Santa Igreja Católica Apostólica Romana.”

Contemplo com tristeza e desalento  
Esses trinta e quatro anos que vivi!  
Encho minh’alma de arrependimento  
Por tantos erros que já cometi.

Vivi longe de Deus! Neste momento,  
Nenhuma só saudade me sorri!  
Perdoai-me, Senhor! o atrevimento,  
Com que, – pobre de mim! – vos ofendi!

Eis-me de novo em vossa Santa Igreja!  
Que eu nunca mais, ó meu Jesus, me veja  
Longe de Vós, em toda a minha vida!

Ó meu doce Rabi de Nazaré!  
Crescei cada vez mais a minha Fé!  
Perdoai a minh’alma arrependida! (MOTTA, 2012 [1941], p. 152).

Durante o período que não pode atuar no campo político, Eulálio Motta direcionou a sua escrita para a religião. Publicou panfletos polêmicos criticando o espiritismo e o protestantismo e propagando o catolicismo como sua religião. “Foi assim que surgiu o *pasquineiro da roça*, expressão utilizada por Eulálio Motta para se definir enquanto panfletário” (BARREIROS, P., 2013a, f. 19).

Apesar dos ataques ao Estado Novo, o escritor mundonovense não representava uma ameaça ao governo e por isso não sofreu qualquer represália. Mas seu irmão Durval Motta, que ocupava o cargo de prefeito de Cachoeira, foi preso, acusado de conspirar contra Getúlio Vargas e de associação ao integralismo. Diante do sofrimento de sua família, Eulálio Motta recuou, reconhecendo publicamente o Estado Novo, a importância da figura de Getúlio Vargas e assumiu um discurso de antigo integralista.

Até 1945, Eulálio Motta dedicou-se à poesia e às crônicas do cotidiano, concentrando-se no tema religioso, em prol da Ação Católica. Publicou textos em jornais e escreveu diversas narrativas em seus cadernos com o propósito de defender o catolicismo como modelo

de religião, criando uma imagem de bom católico para redimir o antigo discurso de ateu. Em *O que importa*, ele afirma:

Leitor: – entre a Ressurreição e a reencarnação; entre Jesus e Kardec, não titubeio: – fico com Jesus. Podem os “sabidos” fazer chacótas e me chamarem de caróla. Não importa. O que importa é a Fé dos Apóstolos. E eles rezavam assim: – “Creio na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na RESSURREIÇÃO da carne, na vida eterna. Amen (MOTTA, 2015 [1949], p. 254).

No final do ano de 1945, após a criação do Partido da Representação Popular – PRP, por Plínio Salgado, Eulálio Motta voltou à militância política e a questão religiosa foi atenuada. Juntamente com um grupo de “ex-integralistas”, fundou um núcleo do PRP em Mundo Novo e elaborou um plano de ação pautado nos ideais do Integralismo. Apesar de ter poucos filiados, o partido funcionava e cumpria os diversos protocolos exigidos pela diretoria nacional. Nesse período, Eulálio Motta intensificou seu trabalho de panfletagem como estratégia política para divulgar textos instrutivos e fazer propaganda do partido. Iniciou sua participação no jornal *O Serrinhense* e colaborou ativamente nos jornais *Gazeta do Povo*, *Folha do Norte* e *Vanguarda*.

Na sociedade mundonovense, havia pouca adesão a partidos políticos por convicção ideológica, geralmente as pessoas filiavam-se aos partidos por interesses pessoais, por identificação às personalidades à frente do partido, ou ainda por indicação dos grandes fazendeiros da região. Essa situação incomodava bastante Eulálio Motta, que defendia uma política baseada em princípios filosóficos e orientações doutrinárias. No sentido de ‘orientar’ a população, ele assumiu um discurso pedagógico, escrevendo panfletos e discursando em favor de uma mudança de mentalidade e do comportamento político das pessoas da cidade:

Tenha ou não tenha jeito, precisamos gritar, escrever, publicar, escandalizar! Se outra utilidade não houver, servirá, pelo menos, como um desabafo, o que não deixa de ser uma utilidade: — utilidade psicológica. E dela me sirvo com uma pontinha de esperança de que um jeito vem aí! (MOTTA, 2015b [1966], p. 263).

A partir de sua ação panfletária, Eulálio Motta teve uma intensa participação na política de Mundo Novo e seus textos contribuíram para aquecer os calorosos debates e disputas pela prefeitura da cidade.

A situação político-partidária na Bahia para as eleições de 1947 era ambígua, porque o candidato Otávio Mangabeira recebia apoio tanto dos perrepistas quanto dos comunistas,

grupos ideologicamente antagônicos. Nesse mesmo ano, Eulálio Motta candidatou-se a deputado estadual, mas não foi eleito. A legenda do PRP conseguiu eleger apenas um deputado para a Câmara Estadual, o serrinhense Ruben Nogueira. Otávio Mangabeira foi eleito para governador da Bahia e Numa Alves Barreto para prefeito de Mundo Novo, que geriu a cidade num clima de tranquilidade, pois não havia movimentos de oposição.

Nesse ínterim, Eulálio Motta publicou seu terceiro livro de poesias, intitulado *Canções de meu caminho...* (MOTTA, 1948). Em 1949, os perrepistas ventilaram a possibilidade de Plínio Salgado ser candidato a Presidente da República. Havia a esperança de que o ‘Chefe’ finalmente teria o reconhecimento merecido. Diante dessa possibilidade, Eulálio Motta reativou as atividades do partido em Mundo Novo, aproveitando o clima de indefinição dos partidos no âmbito estadual para as eleições de 1950. No entanto, sofreu uma grande frustração, após a confirmação de que Plínio Salgado não iria concorrer para presidente e de que o PRP apoiaria a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. Eulálio Motta recusou-se a apoiar o candidato, restando-lhe apenas o silêncio, já que o outro candidato era Getúlio Vargas, que no passado havia perseguido os integralistas.

O silêncio de Eulálio Motta durou pouco. A emancipação do município de Piritiba, em 27 de setembro de 1952, trouxe à tona o polêmico panfletário. Inconformado com a divisão do território, porque a fazenda Morro Alto, de sua propriedade, deixaria de pertencer a Mundo Novo, ele assumiu o compromisso de anular o decreto, apelando para todas as instâncias:

As raposas de todos os matizes da politicalha se entendem, se harmonizam, se “macomunam” quando tratam de reduzir o meu torrão a simples mercadoria de suas negociatas imundas. Publiquei, tin tin por tin-tin, todas as tramas dessas raposas: das que assaltaram, das que estão assaltando e das que venham pretender assaltar o meu torrão (MOTTA, 1960a, p. 2).

Eulálio Motta escreveu diversos panfletos, publicou notas em jornais, enviou cartas ao Presidente da República, ao Governador do Estado e a vários deputados. Além disso, entrou com uma representação no Supremo Tribunal Federal, sendo ele mesmo o redator dos argumentos jurídicos, alegando inconstitucionalidade, visto que o decreto violou a autonomia municipal e a Constituição Federal, ao criar o novo município sem aprovação da Câmara de Vereadores e do prefeito, ou seja, sem discutir os limites geográficos do novo município.

Para Eulálio Motta, a emancipação de Piritiba era um jogo político em troca de votos. Em 1955, o debate territorial intensificou-se porque, segundo P. Barreiros (2013a): “o Supremo Tribunal Federal suspendeu o decreto que criava o município de Piritiba e o governador Antônio Balbino garantiu aos piritibanos que não dissolvessem a prefeitura

porque ele restituiria o decreto” (BARREIROS, P., 2013a, f. 100). Em 1958, às vésperas das eleições, o Governador do Estado publicou o decreto que autorizava a definitiva criação do município de Piritiba, baseando-se num parecer do Supremo Tribunal Federal.

Decepcionado, Eulálio Motta retomou a batalha judicial contra o referido decreto e proferiu duras críticas ao governo por meio de panfletos. Ele conclamava os seus interlocutores para erguerem a bandeira de seus ideais sociais, políticos e religiosos:

Mundonovenses! Mostremos que temos vergonha na cara não votando no vendedor de pedaços de nosso torrão, negando nosso apoio ao péssimo, ao derrotado candidato dos entreguistas que pretendem entregar a nossa Pátria ao domínio ateu e sanguinário do imperialismo russo (MOTTA, 2015b [1962], p. 257).

Consta nos documentos do acervo que ele escreveu mais de sessenta panfletos sobre essa temática, embora tenha sido preservado apenas um impresso *Cegos...*:

[...] tramaram com políticos interessados nos seus votos, uma linha divisória invadindo os distritos de Tapiramutá, Alto Bonito e Sede de Mundo Novo. Alegavam êles que tais limites lhes foram concedidos por políticos em Mundo Novo e não usurpados por êles, piritibanos. Mas a verdade é que os políticos citados por êles não estavam autorizados pela Câmara de Vereadores ou pelo povo, para tal transação. E, por coincidência notável, já destacada por mim em folhetim anterior, nenhum dos 3 políticos citados por êles é mundonovense! [...] E quando Mundo Novo protesta contra apropriação ilegal de áreas de seu território, o ódio dos apropriadores espuma e se derrama em ameaças, inclusive de assassínios. É o caso do sujeito que invade a propriedade alheia, gritando para o proprietário: – “Não se meta a defender seus bens, seus direitos, se não quer cair no tiro!” “A bolsa ou a vida!” A bolsa, no caso em tela, significa: uma área de 150 quilômetros dos territórios de Alto Bonito e Sede de Mundo Novo (MOTTA, 2015 [1960], p. 256).

Nas eleições de 1962, Eulálio Motta recuou. O PRP assumiu o discurso do municipalismo e ele, como representante influente do partido em Mundo Novo e nas cidades vizinhas, não poderia mais se opor à emancipação porque o partido precisava dos votos dos piritibanos. Dessa forma, adotou a mesma postura de seus adversários políticos que tanto combateu.

Nos anos que precederam ao golpe de 1964, Eulálio Motta vivia a frustração de não ter conseguido a revogação do decreto que criou o município de Piritiba e a sua imagem estava desgastada pela exposição a que se submeteu. O PRP não alcançou uma projeção desejável na política nacional. Entretanto, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) crescia a cada eleição.

Muitos integralistas converteram-se às trincheiras comunistas. Eulálio Motta sentia-se profundamente incomodado com o desmando dos políticos. Para ele, somente a Revolução seria capaz de fazer valer a justiça, punindo os seus desafetos que ocupavam o poder, e acabar com as ameaças comunistas na política brasileira:

A Revolução que invoquei em 1962, quando num artigo que publiquei comentando sujeiras do politiquismo municipal, escrevi: ‘só nos resta esperar... Esperar a Revolução!’ Que alegria imensa quando a vi chegar dois anos depois que a invoquei! (MOTTA, 2015b [1974], p. 277).

Quando o Regime Militar foi deflagrado pelos generais, ressurgiu a esperança em Eulálio Motta. Após o anúncio do Golpe de Estado, Eulálio Motta publicou um panfleto intitulado *Vitória do Brasil!*, no qual fez uma avaliação da situação do Brasil e dos riscos que ele acreditava existir, caso se implantasse no país um regime igual ao da Rússia. No referido panfleto, projetou suas expectativas acerca do Golpe Militar:

[...] ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação: do Povo do Brasil contra a claque de pelêgos, comunistas e cretinos [...] Pergunto: as cátedras, os bancos, as repartições públicas, as fábricas, os sindicatos, vão ficar sem expurgos? A peste vermelha rotulada de “nacionalismo”, continuará a ser tolerada nas escolas, nos bancos, na Petrobrás, nas repartições públicas? Êsses ambientes não serão desinfetados? [...] Êsses plutocratas que gastavam milhões em publicidades nos órgãos comunistas por velhacaria, ganância e covardia; êsses também ficarão impunes? (MOTTA, 2015 [1964], p. 262).

Eulálio Motta viu no Regime Militar uma forma de expurgar da política seus adversários. Ele retomou o seu discurso anticomunista, pautado em questões religiosas, e lançou mão do antigo discurso integralista. Nessa ocasião, o prefeito de Mundo Novo, Osvaldo Vitória, era um entusiasta dos ideais comunistas e já falava em reforma agrária, incomodando os fazendeiros da região. Em 1962, Osvaldo Vitória aliou-se a Waldir Pires nas eleições para governador do Estado, e, por isso, converteu-se num inimigo político de Eulálio Motta.

A deflagração da Ditadura Militar favoreceu o escritor mundonovense que compartilhava das ideias totalitárias dos generais. Assim, seu discurso panfletário tornou-se mais agressivo em relação ao governo municipal, fazendo sérias e perigosas acusações, cobrando providências:



[...] Pergunto, entretanto, com amargura e profunda tristeza: nós, mundonovenses, temos motivos locais para festejarmos a Revolução? Não. Depois de cinco anos de existência do governo da Revolução, as corrupções e os corruptos locais continuam incólumes! Incólumes apesar de denúncias e publicidade das podridões e com provas abundantes, esmagadoras, insofismáveis! [...] não temos motivos locais para festejar a Revolução (MOTTA, 2015 [1969], p. 268).

A Ditadura Militar não realizou o sonho de Eulálio Motta, mas ele sempre a invocava para tratar de questões do município, afirmando que acreditava na Revolução. Defendeu o *Ato Institucional n. 5* e criticou o abrandamento do Regime. Retomou seu discurso católico conservador e seus conceitos de democracia orgânica, liberdade e liberalismo, pautando-se na doutrina integralista que na ocasião coadunava-se ao discurso totalitário dos generais.

Em 1983, Eulálio Motta publicou a segunda edição do livro *Canções de meu caminho...* (MOTTA, 1983). A terceira edição, revista e ampliada, estava prevista para 1986, juntamente com a primeira edição de *Meu caderno de trovas*, porém ambas não foram publicadas, mas os projetos de edição integram o acervo do escritor. Além dos livros mencionados, Eulálio Motta elaborou índices e prefácios e atribuiu títulos para vários livros que não foram publicados, mas ficaram registrados nos 15 cadernos que se encontram no seu acervo.

Os versos de Eulálio Motta também foram publicados em livros de terceiros como, por exemplo, em: *Poesias consagradas* (CANTO, 1977); *Poetas da Bahia e Minas, Antologia*, organizado pela Benedictis Editores Ltda, do Rio de Janeiro, em 1981; *Anuário de poetas do Brasil – 1982: edição comemorativa 10º aniversário*, organizado por Aparício Fernandes e editado pela Folha Carioca, do Rio de Janeiro, em 1982, *Mundo Novo, nossa terra, nossa gente* (LIMA, 1988), entre outros.

Eulálio Motta escreveu até o ano de seu falecimento, em 1988, deixando um rico legado para a literatura baiana. Nos *causos*, nas poesias, nos panfletos e nos cadernos, o que fez Eulálio Motta foi contar história, a sua história e a história de seus contemporâneos.

### 3 O *CORPUS* DA PESQUISA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O acervo de Eulálio Motta é constituído de documentos relativos à vida e à obra de Eulálio Motta. Até 1999, o acervo do escritor permaneceu na casa onde ele morava, em Mundo Novo, e a documentação encontrava-se distribuída em armários e estantes, em vários cômodos da casa, inclusive no porão. De acordo com Patrício Barreiros (2013a):

Quando foram encontrados, os documentos estavam separados obedecendo a alguns critérios de tipologia. Os cadernos, as fotografias e os panfletos estavam guardados em caixas de papelão, os datiloscritos, diplomas e manuscritos em pastas, os jornais e os folhetos em gavetas. Tomando como base a ordenação dada por Eulálio Motta, estabeleceram-se 9 séries com subséries. Os documentos doados, posteriormente, por familiares e amigos do escritor, foram incorporados ao acervo e distribuídos em algumas das series já estabelecidas (BARREIROS. P., 2013a, f. 43).

O acervo compõe-se principalmente de documentos arquivados pelo escritor, por isso Patrício Barreiros partiu da ordenação dada pelo titular para estabelecer as séries e subséries, que hoje totalizam 2.416 documentos, cobrindo o período de 1910 a 2005 (BARREIROS. P., 2007; 2012; 2013a; 2015). Esses documentos apresentam um bom estado de conservação e foram organizados da seguinte forma:

- i) *Cadernos* (poesias e diversos);
- ii) *Correspondências* (cartas – ativas, passivas e de terceiros; cartões – outros e postais; e telegrama);
- iii) *Datiloscritos* (do titular – obra completa, dispersos/poesias e dispersos/narrativas; e de terceiros);
- iv) *Diplomas*;
- v) *Documentos de identificação* (do titular e de terceiros);
- vi) *Fotografias* (não identificadas, identificadas, álbum e cópias);
- vii) *Impressos* (livros – de autoria do titular, de autoria de terceiros com participação do titular e de autoria de terceiros; folhetos – do titular e de terceiros; panfletos – de autoria de terceiros e de autoria do titular; e jornais);
- viii) *Manuscritos dispersos* (do titular e de terceiros);
- ix) *Outros* (diversos, coleção de células antigas e objetos pessoais).

Apesar da relevância de todos os documentos, os cadernos que compõem o acervo destacam-se por concentrarem a maior produção inédita de Eulálio Motta e são objetos de estudo do Projeto de Pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução Nº 128/2008 e Nº 070/2016). O projeto está dividido em quatro etapas e visa elaborar dois modelos de edições de sete obras inéditas de Eulálio Motta, a partir das fontes documentais preservadas em seu acervo pessoal. Uma edição impressa, aplicando o método filológico da Crítica Textual, e uma edição digital Web (hiperedição), a partir do modelo adotado por Patrício Barreiros (2013a). São cinco livros de poesias; um livro de *causos*; e uma coletânea dos textos publicados por Eulálio Motta em periódicos. Os esboços dessas obras estão registrados nos cadernos, folhas avulsas, datiloscritos e outros documentos do acervo do escritor. Esse projeto é financiado pela FAPESB (Edital n. 008/2015 – Jovem Cientista Baiano) e pelo CNPq (Chamada Universal 2016) e está vinculado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD) e ao Grupo de Estudo Interdisciplinares em Humanidades Digitais, cadastrado no diretório do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6061995019276610>).

A diversidade de documentos preservados no acervo de Eulálio Motta tem permitido a produção de vários estudos acadêmicos, em diferentes perspectivas teóricas, realizados por pesquisadores e estudantes, a saber:

- i) Três livros publicados – *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta* (BARREIROS, L., 2016); *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P., 2015); *Sonetos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P., 2012);
- ii) Três capítulos de livros publicados – *Itinerários do modernismo baiano: Sosígenes Costa, Bráulio de Abreu, Eulálio Motta e Eurico Alves* (BARREIROS, P., 2016a); *Os panfletos de Eulálio de Miranda Motta e o diálogo com o seu dossiê arquivístico* (BARREIROS; TELLES, 2012); *Velha Novidade: “Quem nasce pra cachorro morre latino”* (BARREIROS, L., 2011a);
- iii) Uma tese de doutorado – *O pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P., 2013a);
- iv) Sete dissertações de mestrado – *Edição e estudo do processo criativo do livro inédito Canções do meu caminho 3ª edição* (SANTOS, T., 2017); *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos* (BARREIROS, L., 2012); *Cantos tristes, no cemitério da ilusão:*

- edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta (BARREIROS, P., 2007); Edição e estudo do processo criativo do livro inédito *Flores e Espinhos* de Eulálio Motta (ALVES, T., em andamento); Edição e estudo do processo criativo do livro inédito *Meu caderno de trovas* de Eulálio Motta (ROCHA, J., em andamento); Edição e estudo do processo criativo da poesia avulsa de Eulálio Motta (DESIDÉRIO, M. R., em andamento); e Edição e estudo do livro inédito *Luzes do Crepúsculo* de Eulálio Motta (CINTRA, P., em andamento);
- v) Artigos publicados em periódicos – *O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico* (BARREIROS, P., 2016b); *O vocabulário da Ditadura Militar nos panfletos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P.; BARREIROS, L., 2015); *O discurso jornalístico acerca de Lampião e de seu bando nos jornais Mundo Novo e O Lidador* (BARREIROS, L., 2015); *A edição de Bahia Humorística de Eulálio Motta* (BARREIROS, L., 2014); *A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores* (BARREIROS, P., 2014a); *Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições* (BARREIROS, P., 2014b); *Práticas culturais da escrita: edição do manuscrito Alfabetização etc. e tal de Eulálio Motta* (BARREIROS, P.; PASSOS, 2014); *Transcrição semidiplomática do Meu caderno de trovas* (BARREIROS, P.; ROCHA, 2014); *Edição semidiplomática do caderno Canções do meu caminho 3ª edição de Eulálio Motta* (BARREIROS, P.; SANTOS, 2014); *Edição semidiplomática do Caderno sem capa 1 de Eulálio Motta* (BARREIROS, P.; ALVES, 2014); *Causos sertanejos em Bahia Humorística: enunciados da vida cotidiana sob a ótica de Mikhail Bakhtin* (BARREIROS, L., 2013); *Clio: um diálogo com a musa nos bastidores da filologia* (BARREIROS, P., 2013b); *A face humana do texto, um estudo das variantes em três sonetos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P., 2013c); *Vida Sertaneja: edição e estudo de vocabulário dos males sertanejos* (BARREIROS, L., 2011b); *Representações do cotidiano sertanejo na Bahia sob o olhar de Eulálio de Miranda Motta* (BARREIROS, L., 2010); *Bahia Deliciosamente Humorística: uma edição do caso Otomove de Eulálio de Miranda Motta* (BARREIROS, L., 2009); *A oficina do escritor e os projetos editoriais de Eulálio de Miranda Motta* (BARREIROS, P., 2009); *Da organização do espólio à edição crítica da obra de Eulálio de Miranda Motta* (BARREIROS, P., 2005); e diversos trabalhos e resumos publicados em anais de congressos nacionais e

internacionais. Todos os estudos já realizados evidenciam que os textos de Eulálio Motta são fontes significativas de informações linguísticas, históricas, políticas e socioculturais do sertão baiano.

Após o estudo lexical dos *causos* sertanejos, que resultou na dissertação de mestrado *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos* (BARREIROS, L., 2012) e no livro *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta* (BARREIROS, L., 2016), percebeu-se a necessidade de estabelecer o vocabulário do escritor Eulálio Motta, numa perspectiva semasiológica, a partir de um *corpus* mais amplo, atendendo à diversidade de tipologias textuais e à riqueza lexical que compõem o seu acervo.

### 3.1 COMPOSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS*

Diante da extensão do acervo de Eulálio Motta, delimitou-se como *corpus* dessa pesquisa de doutorado as publicações de textos em prosa, escritos em vida ou publicados postumamente, sendo: 36 textos publicados na coluna *Rabiscos* do jornal *Mundo Novo* (1931 a 1932); 17 textos publicados no jornal *O Lيدador* (1933 a 1935); 45 textos publicados no jornal *O Serrinhense* (1950 a 1951); 24 textos publicados no jornal *Gazeta do Povo* (1960-1961); 43 panfletos escritos de 1949 a 1983 (BARREIROS, P., 2015) e 50 *causos* que compõem *Bahia Humorística* escritos de 1933 a 1934 (BARREIROS, L., 2016). Entende-se que essa seleção de 215 textos em prosa atende aos diversos suportes utilizados por Eulálio Motta para veiculação e divulgação de seus escritos, possibilitando inventariar o vocabulário usado pelo escritor durante um período de mais de 50 anos (de 1931 a 1983).

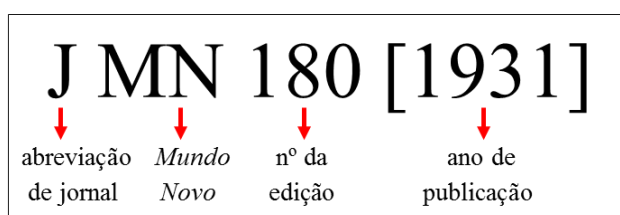
A acessibilidade ao acervo do escritor otimizou o trabalho da pesquisa, tornando-a viável. A princípio, foram necessários alguns procedimentos metodológicos, antes do levantamento do vocabulário do *corpus* destacado, como:

- i) busca nos acervos de jornais do interior da Bahia, a partir de indícios deixados pelo escritor em suas anotações como, por exemplo, as viagens à cidade de Serrinha-BA para reunir os exemplares do jornal *O Serrinhense*, que, até então, não faziam parte do acervo de Eulálio Motta;

- ii) reprodução mecânica dos jornais<sup>2</sup>;
- iii) edição semidiplomática dos 122 textos de Eulálio Motta publicados nos jornais selecionados *Mundo Novo*, *O Lidador*, *O Serrinhense* e *Gazeta do Povo*<sup>3</sup>;
- i) consulta aos manuscritos dos 50 *causos* e dos 43 panfletos para a realização da *collatio* das edições publicadas<sup>4</sup> (BARREIROS, L., 2016) e (BARREIROS, P., 2015);
- ii) descrição dos 215 textos;
- iii) estabelecimento de um código de identificação para otimizar a consulta e a referência no decorrer do trabalho;
- iv) compilação do *corpus*, com a organização dos textos de forma contínua, sem a quebra de linhas e sem o uso de operadores, salvo em formato PDF;
- v) conversão do arquivo em PDF para o formato TXT, compatível com os programas *AntConc* e *FieldWorks Language Explorer (FLEX)*<sup>5</sup>.

Na elaboração do código de identificação para os textos publicados nos jornais adotaram-se os seguintes critérios: uso da letra maiúscula J, seguida das iniciais referentes ao respectivo jornal, do número da edição consultada e do ano de publicação entre colchetes:

Figura 1 – Modelo do código de identificação do jornal *Mundo Novo*



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Desse modo, tem-se: JMN180[1931] a JMN223[1932] para o jornal *Mundo Novo* (cf. Quadro 1, na seção 3.1.1, f. 49), JL3[1933] a JL96[1935] para o jornal *O Lidador* (cf. Quadro

<sup>2</sup> Reprodução mecânica “é a que se faz por procedimentos mecânicos, isto é, através da fotografia, [...] que reproduz com muita fidelidade as características do original: o formato, o papel, as ilustrações, as margens e até a cor e o tamanho. [...] Enfim, a reprodução fotográfica, xerográfica, do original resulta no chamado fac-símile; daí a denominação edição fotomecânica ou fac-similar (SPINA, 1994, p. 84).

<sup>3</sup> A edição semidiplomática é uma transcrição conservadora, que “o editor atua de forma mais interventiva, através de operações como desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos por conjectura, dentre outras (embora qualquer uma dessas operações fique explicitamente assinalada na reprodução)” (CAMBRAIA, 2005, p. 95). “Com esse tipo de edição pretende-se possibilitar o acesso e a preservação do texto editado, a partir de critérios que restituirão e fixarão a sua forma genuína, garantindo a fidedignidade e a acessibilidade necessárias” (TELLES, 2012, p. 139).

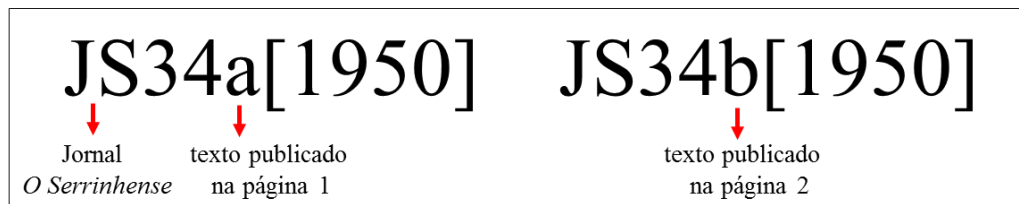
<sup>4</sup> *Collatio* é um um procedimento cuidadoso, que consiste em comparar os manuscritos com as edições publicadas.

<sup>5</sup> Na seção 3.2 *Ferramentas computacionais utilizadas na elaboração do vocabulário*, aborda-se a estrutura e o funcionamento dos programas usados para a construção do *Vocabulário de Eulálio Motta*.

2, na seção 3.1.2, f. 53), JS1[1950] a JS49[1951] para o jornal *O Serrinhense* (cf. Quadro 3, na seção 3.1.3, f. 58) e JGP64[1960] a JGP105[1961] para o jornal *Gazeta do Povo* (cf. Quadro 4, na seção 3.1.4, f. 63).

Nas ocorrências de mais de um texto de Eulálio Motta publicado na mesma edição de um periódico, acrescentaram-se as letras minúsculas do alfabeto, após o número da edição, para distinguir:

Figura 2 – Modelo do código de identificação de textos diferentes na mesma edição do jornal



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os textos selecionados foram elencados de acordo com a data de publicação, em ordem crescente e os títulos foram padronizados com as iniciais maiúsculas. Adotou-se esse procedimento por se tratar de publicações em jornais e os títulos dos textos apresentarem uma grande variedade de formatos e tamanhos como: alternância de letras maiúsculas e minúsculas, com ou sem negrito, aspas, sublinhadas ou com um espaçamento maior entre as letras. Esses recursos gráficos são utilizados pela mídia impressa para torná-la mais atrativa aos leitores.

### 3.1.1 Jornal *Mundo Novo*

O território de Mundo Novo foi desbravado em 1833, pela tropa de boiadeiros liderada pelo José Carlos da Mota (LIMA, 1988). A região despertou o interesse da tropa por causa da farta vegetação nativa, da qualidade do solo, dos mananciais de água potável e do clima de mata atlântica em meio à caatinga. Para fugir dos efeitos da seca, grandes criadores de gado de Ipirá e Feira de Santana, investiram na derrubada das matas e exploração do local, que foi elevado à condição de cidade pela lei estadual nº 144, de 08/08/1896.

Apesar do rápido crescimento de Mundo Novo, “a terra que gozava da reputação de reunir no seio de sua sociedade ilustres intelectuais, poetas e oradores brilhantes, não possuía, até 1920, um veículo próprio para externar as suas ideias” (LIMA, 1988, p. 71). A criação de um jornal local era pensamento constante entre os mundonovenses e assim se fez. No dia 12

de setembro de 1920, foi lançado o jornal *Mundo Novo* pelo Vicente Ângelo de Lima. Em 1926, o jornal passou à propriedade do Manoel Dias de Souza que, posteriormente, o vendeu ao Nemésio Lima.

Figura 3 – Cabeçalho do jornal *Mundo Novo*, de 7 de agosto de 1931



Fonte: Acervo do escritor Eulálio Motta.

O surgimento e o crescimento das tipografias no interior do estado só foram possíveis porque nas décadas de 1910 e 1920 ocorreu uma modernização das máquinas e equipamentos de imprensa nos grandes centros urbanos. Conseqüentemente, as velhas foram vendidas para as cidades do interior da Bahia. De acordo com Sodré (1999), “o equipamento dos jornais acompanhava a etapa empresarial; os velhos equipamentos eram encontrados ou vendidos a folhas do interior” (SODRÉ, 1999, p. 281). Nesse período, surgiram no Piemonte da Chapada Diamantina os jornais *A Primavera*, em Jacobina-BA, *O Correio do Sertão*, em Morro do Chapéu-BA, e *Mundo Novo*, na cidade homônima. Todos ganharam importância nos meios socioeconômicos em que circularam e contribuíram para a divulgação de autores locais como Eulálio Motta, Liberato J. M. Barreto, Eurycles Barreto, Umberto de Santiago, Nicanor Carvalho, por exemplo. Além disso, serviram de meio de divulgação de ideologias políticas e de críticas partidárias.

A coleção do jornal *Mundo Novo*, que integra o acervo de Eulálio Motta, é importantíssima para compreender a atuação do escritor no início da década de 1930, período em que não se dispõe de muitas fontes sobre ele. De acordo com P. Barreiros (2013a), “ao que parece, trata-se dos únicos exemplares existentes” (BARREIROS, P., 2013a, f. 57). Essa coleção contém todos os números publicados entre 24/07/1931 a 24/06/1932, perfazendo um total de 44 exemplares, sendo que em 36 edições constam publicações em prosa de Eulálio Motta, como vai indicado no Quadro 1:



Quadro 1 – Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal *Mundo Novo*

<b>CÓDIGO</b>	<b>TÍTULO DO TEXTO</b>	<b>REFERÊNCIA</b>
JMN180[1931]	Comunismo	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 180, p. 4, 24 jul. 1931.
JMN181[1931]	S. João	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 181, p. 4, 31 jul. 1931.
JMN182[1931]	O Sol	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 182, p. 6, 7 ago. 1931.
JMN183[1931]	Ambas Mentiram...	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 183, p. 6, 14 ago. 1931.
JMN185[1931]	Beriliando...	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 185, p. 10, 12 set. 1931.
JMN187[1931]	Retalhos	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 187, p. 6, 25 set. 1931.
JMN188[1931]	Mulher	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 188, p. 8, 3 out. 1931.
JMN189[1931]	Namorados	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 189, p. 6, 10 out. 1931.
JMN191[1931]	Liberato. Adios	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 191, p. 2, 23 out. 1931.
JMN193[1931]	Dois Livros	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 193, p. 6, 6 nov.1931.
JMN194[1931]	Retalhos	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 194, p. 6, 20 nov. 1931.
JMN195[1931]	Minha Noiva	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 195, p. 6, 27 nov. 1931.
JMN196[1931]	Poetas do Amor	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 196, p. 6, 4 dez.1931.
JMN197[1931]	Lampeão	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 197, p. 6, 11 dez. 1931.
JMN198[1931]	Aborrecimento	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 198, p. 6, 18 dez.1931.
JMN199[1931]	Espiritismo	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 11, n. 199, p. 6, 25 dez.1931.
JMN200[1932]	Mania	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 200, p. 4, 1 jan.1932.
JMN201[1932]	De volta de Mundo Novo	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 201, p. 6, 15 jan.1932.
JMN202[1932]	Claudio, Iolanda e Adagio	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 202, p. 4, 22 jan.1932.
JMN203[1932]	Em Alto Bonito	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 203, p. 4, 29 jan.1932.
JMN204[1932]	Lenita	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 204, p. 6, 5 fev.1932.
JMN205[1932]	Carnaval	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 205, p. 8, 12 fev.1932.
JMN206[1932]	Depois...	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 206, p. 6, 19 fev.1932.
JMN207[1932]	Modestia	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 207, p. 6, 26 fev.1932.
JMN209[1932]	Greves e Grevistas	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 209, p. 6, 11 mar.1932.
JMN210[1932]	Joalba	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 210, p. 4, 18 mar.1932.
JMN211[1932]	Piróca	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 211, p. 6, 25 mar.1932.
JMN212[1932]	Quase Noivo	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 212, p. 6, 1 abr. 1932.
JMN214[1932]	Rússia <sup>6</sup>	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 214, p. 6, 15 abr.1932.
JMN216[1932]	Rússia	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 216, p. 4, 29 abr.1932.
JMN217[1932]	Rússia	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 217, p. 6, 6 mai.1932.
JMN219[1932]	II Rússia	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 219, p. 4, 20 mai.1932.
JMN220[1932]	Nem Queira Saber...	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 220, p. 6, 27 mai.1932.
JMN221[1932]	Joaquim	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 221, p. 6, 3 jun.1932.
JMN222[1932]	Passaro Cego	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 222, p. 7, 10 jun.1932.
JMN223[1932]	Pensando no Sonho...	<i>Mundo Novo</i> , Mundo Novo-BA, ano 12, n. 223, p. 6, 16 jun.1932.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

<sup>6</sup> Em JMN214, JMN216 e JMN217, os títulos são iguais, *Rússia*, mas trata-se de textos diferentes, assim como ocorre em JMN187 e JMN194, ambos intitulados de *Retalhos*, porém, também são diferentes.

O jornal *Mundo Novo* marca a transição do “poeta d’a água doce” para o humorista Liota, pseudônimo que Eulálio Motta usava em seus textos jocosos como, por exemplo, *Retalhos*, de 20 de novembro de 1931:

“Uma mulher como as outras”. Pintada, cheirosa, polida, “da pontinha”. Era isto. Maria Rosa não era mais nem menos do que isto. Um poeta sentimental a viu, falou-lhe, disse-lhe cousas de poeta, amou-a, e acabou escrevendo um livro de versos todo para ela. Maria Rosa recebeu o livro com uma dedicatória bonita e, em paga, deu um sorriso bonito e um olhar ao poeta sentimental. E o poeta recebeu o pagamento com a satisfação enorme de um avarento que recebesse uma carga de ouro. Um dia chegou a esta terra um poeta de muita experiência e pouco sentimentalismo. Este poeta viu Maria Rosa, desejou-a, disse-lhe cousas de homem, e... Li, ha poucos dias, nos jornaes, uma nota dizendo que partira para o Sul o poeta experiente. E lá se foi, com êle, a linda Maria Rosa... E o pobre e ingenuo poeta sentimental ficou, com um livro a mais e uma ilusão a menos... LIOTA (MOTTA, 1931b, p. 6).

Das 36 crônicas encontradas no *Mundo Novo*, em 34 Eulálio Motta assinou como Liota. Em alguns desses textos, ele transcreveu trechos de livros e revistas, traduzindo para os leitores do jornal as publicações que circulavam na capital sobre os ideais comunista:

Do “O Mez ilustrado” revista que se edita no Rio, transcrevi o que se segue: “Os governantes de Moscou estão fazendo mais uma tentativa para escravizar toda nação russa, segundo documentos que acabam de ser descobertos. Outros não são os intuitos das chamadas leis do trabalho aprovadas pelo parlamento dos vermelhos, actualmente em sessão [...] (MOTTA, 1931g, p. 4).

O Dr. Mauricio de Medeiros não é estrangeiro nem tão pouco comunista. É professor de patologia geral na Faculdade de Medicina do rio é ex-deputado no parlamento brasileiro. “russia” é um livro de observação sobre o regimen dos soviets. Livro muito interessante, deve ser conhecido, pelo menos nos pontos capitaes do assunto de que trata. Quero, por isto, transcrever alguns trechos para os leitores de rabiscos (MOTTA, 1932b, p. 6).

Eu quis transcrever os pontos principais do livro do Dr. Maurício de Medeiros. Maz, o livro é todo de pontos principaes. Daí a necessidade que eu teria de transcrever todo o livro, o que não é possível num jornalzinho ainda pequeno como é o “Mundo Novo” (MOTTA, 1932a, p. 6).

Em 1933, por conta de questões políticas, Nemésio Lima, proprietário do *Mundo Novo*, mudou-se para Jacobina-BA, região próxima à Mundo Novo, levando consigo a única tipografia da cidade.

### 3.1.2 Jornal *O Lidador*

*O Lidador* foi inaugurado no dia 7 de setembro de 1933 em Jacobina, por Nemésio Lima, como afirmou Amado Barberino em *A imprensa em Jacobina*:

Surge, hoje, afinal, dia em que comemoramos, com vivo entusiasmo, a independência do nosso querido Brasil, “O Lidador”, o quinto hebdomadário que sai à luz da publicidade nesta, mais uma vez, secular cidade, onde tive a suprema ventura de nascer e espero em DEUS repousar no meu derradeiro sono [...] de um “moço mundonovense”, de “espírito perseverante e inteligente, devotado ao trabalho”, ao ato de lidar: em suma, um Lidador [...] desejo uma longa existência dedicada a bem servir ao público, sem paixões, dentro dos limites da sã moral (BARBERINO, 7 set. 1933, p. 1).

Amado Barberino foi o fundador do primeiro jornal de Jacobina-BA, *A Primavera* (1916), e tornou-se um colaborador assíduo de *O Lidador*. Seu texto de boas-vindas na primeira edição, validava o novo jornal e apresentava-o como um futuro ‘advogado’ e ‘impulsionador’ do progresso da cidade.

Figura 4 – Cabeçalho do jornal *O Lidador*, de 31 de julho de 1938



Fonte: Acervo do escritor Eulálio Motta.

Nemésio Lima fechou o jornal *Mundo Novo* sem explicar o fato, mas na primeira edição de *O Lidador* fez menção aos leitores mundonovenses no cabeçalho: “Ao povo jacobinense e aos assinantes do ‘Mundo Novo’”, sinalizando uma continuidade do seu trabalho. Ainda no primeiro número, na quarta página, em uma pequena coluna intitulada *Despedida*, Nemésio Lima, comenta de maneira superficial sua saída da cidade de Mundo Novo: “assim, deixam, nestas linhas, um adeus à terra e ao povo mundonovenses” (LIMA, 7 set. 1933c, p. 4).

Os dois jornais eram respeitados e de considerável circulação nas regiões circunvizinhas. O primeiro, *Mundo Novo*, era intitulado como “jornal imparcial” e o segundo, *O Lidador*, definia-se no cabeçalho como “jornal noticioso e independente”. Percebe-se que

esses jornais se apresentavam como neutros e objetivos, assumindo uma posição de realidade completa, livre de subjetivações, e que procuravam enfatizar os relatos dos acontecimentos por uma única lente: a da imparcialidade. No entanto, o gênero notícia não deve ser pensado apenas como um conjunto de informações explícitas na materialidade linguística do texto, mas como um espaço necessário para a articulação discursiva, a fim de empreender os sentidos edificados sem se deter em aspectos puramente estruturais. McLuhan (2007 [1969]) afirma que:

O jornal é uma forma confessional de grupo que induz à participação comunitária. Ele pode dar uma “coloração” aos acontecimentos, utilizando-os ou deixando de utilizá-los. Mas é a exposição comunitária diária de múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano (MCLUHAN, 2007 [1969], p. 231).

No jornal *O Lidador*, por exemplo, a falta de imparcialidade comprovou-se ao longo dos anos de sua existência. Em 1934, o jornal assumiu um discurso político contrário a Getúlio Vargas por causa da Revolução de 1930, descrevendo-o como um ditador, “candidato de si mesmo” à presidência da República e alegava a “má vontade com que a consciência nacional encarava essa pretensão” (O LIDADOR, 6 jul. 1934, p. 1). Esse contexto político em que o Brasil se encontrava foi favorável a uma discussão efervescente nos meios de imprensa, tornando-a “a principal arma ideológica [...] com seu poder mágico de impor suas próprias afirmativas” (MCLUHAN, 2007 [1969], p. 243). Esse clima era perceptível na imprensa dos grandes centros urbanos, mas também nos pequenos hebdomadários das cidades pequenas.

A influência da imprensa não se limitava à política nacional, mas interferia, principalmente, nas campanhas estaduais e municipais, como o “Salve Octavio Mangabeira” na capa da edição de 10 de agosto de 1934 de *O Lidador*. O jornal aclamava Octavio Mangabeira, na época, opositor de Juracy Magalhães – Interventor Federal na Bahia – dirigindo “merecidas homenagens” (O LIDADOR, 10 ago. 1934, p. 1). No entanto, em outros exemplares do mesmo ano, nota-se o apoio ao candidato local à Assembleia Constituinte, Francisco Rocha Pires, pertencente ao grupo político do interventor Juracy Magalhães (MENEZES, 2010). Além de servir como meio de divulgação de ideologias políticas, percebe-se que o jornal assumia um discurso partidário favorável ou desfavorável, conforme seus interesses.

A atuação de Eulálio Motta em *O Lidador* restringia-se à publicação de poesias, com poucos textos em prosa. Quando os escrevia, era de tom humorístico, crônicas do cotidiano ou comentários de leituras. A partir de dezembro de 1933, ele assumiu uma posição político-

ideológica deliberada a favor do integralismo. De 1933 a 1935, foram encontrados 17 textos em prosa, dos quais 12 fazem apologia ao integralismo e combatem o comunismo, e 5 são assinados com o pseudônimo ‘Ninguém’, como se vê no Quadro 2:

Quadro 2 – Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal *O Lidador*

CÓDIGO	TÍTULO DO TEXTO	REFERÊNCIA
JL3[1933]	Coincidencia	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 1, n. 3, p. 4, 22 set.1933.
JL4[1933]	Carta Fechada que Liota escreve para Nemesio Lima	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 1, n. 4, p. 1, 29 set. 1933.
JL16[1933]	A Soma	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 1, n. 16, p. 4, 22 dez. 1933.
JL17[1933]	O Integralismo vencerá!	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 1, n. 17, p. 1, 29 dez. 1933.
JL23[1934]	Integralismo	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 23, p. 4, 9 fev. 1934.
JL25[1934]	Carta de Ninguem	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 25, p. 4, 23 fev. 1934.
JL26[1934]	Carta de Ninguem <sup>7</sup>	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 26, p. 4, 2 mar. 1934.
JL27[1934]	Carta de Ninguem	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 27, p. 4, 9 mar. 1934.
JL32[1934]	Carta de Ninguem	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 32, p. 4, 13 abr. 1934.
JL34[1934]	Carta de Ninguem	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 34, p. 4, 27 abr. 1934.
JL65[1934]	Porque o Materialismo é um Perigo	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 65, p. 1, 30 nov. 1934.
JL67[1934]	Do Meu Diario	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 67, p. 4, 14 dez. 1934.
JL68[1934]	O Integralismo e seus inimigos	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 68, p. 4, 21 dez. 1934.
JL71[1935]	Integralismo O Destino Misterioso de Plinio Salgado	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 71, p. 4, 11 jan. 1935.
JL75[1935]	Pode!	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 75, p. 4, 8 fev. 1935.
JL85[1935]	Da Capital Comunismo e Integralismo As duas realidades...	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 85, p. 4, 21 abr. 1935.
JL96[1935]	Fatos e não palavras	<i>O Lidador</i> , Jacobina-BA, ano 2, n. 96, p. 1, 14 jul. 1935.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Com base nos manuscritos avulsos e nos cadernos que integram o acervo do escritor, comprovou-se que *Ninguém* ou *João Ninguém* eram codinomes que Eulálio Motta utilizava: “Eu, o ninguém, era doutor. [...] compreendendo que ser doutor é coisa que está ao alcance de qualquer ninguém. Contanto que este qualquer ninguém tenha dinheiro para pagar a Escola...” (O LIDADOR, 9 mar. 1934, p. 4). No acervo de Eulálio Motta, consta um caderno intitulado *Diário de um João Ninguém*. Os textos de *Ninguém* eram sarcásticos, imbuídos por uma crítica ferrenha ao contexto político, ao literário ou às questões corriqueiras: “Minha sensibilidade já está cansada de viver esta ‘remansosa paz de rustica fazenda’” (O LIDADOR, 23 fev. 1934, p. 4). Por ser insignificante, ao se declarar um ninguém, ou se considerar o porta-voz do que os outros sentiam, não tinha a sua identidade questionada: “Tomei da pena

<sup>7</sup> Os cinco textos *Carta de Ninguem*, apesar de terem títulos iguais, são textos diferentes.

para conversar com você, para lhe dizer tolices, para me fazer futil, para me preocupar com qualquer coisa que me fizesse esquecer...” (O LIDADOR, 23 fev. 1934, p. 4).

Os cinco textos *Carta de Ninguém*, veiculadas em *O Lidador*, evidenciam o talento do poeta mundonovense que se utilizou da escrita para escapar do ócio: “estou romântico, estou passadista, estou ridículo, a escrever pieguices sentimentaes! Ria. [...] O coração dos poetas é ridículo porque é sincero, porque é sentimental, porque é triste.” (O LIDADOR, 13 abr. 1934, p. 4). O sertão era o cenário e o tédio, a motivação:

Um domingo comprido, interminável, ocioso, aborrecido. Você não imagina como é longo e sonolento um domingo no sertão! [...] Sinto necessidade de cidades grandes. O sertão me entedeia, me faz mal. [...] Ha pouco apanhei um pacote de jornaes velhos, da Capital, e li tudo. Tudo. Até os anuncios. Mais ainda: - até as crônicas literárias dos poetas da Bahia! (O LIDADOR, 23 fev. 1934, p. 4).

Quando a gente não tem o que fazer... Hoje abri uma revista literaria da Bahia e li uma porção de crônicas, cada qual mais gosada. [...] Quando acabei de ler a revista tive uma ideia maluca: fazer-lhe uma carta maluca (O LIDADOR, 2 mar. 1934, p. 4).

Nos trechos destacados, percebe-se um poeta entediado, por vezes, romântico, sofrendo a dor da solidão, refletida no canto de um pássaro: “Sofrê! Sofrê! Sofrê!” (O LIDADOR, 23 fev. 1934, p. 4).

Em 1941, Nemésio Lima vetou a publicação de uma crônica de cunho religioso. Por conta disso, a amizade deles ficou estremecida e Eulálio Motta deixou de publicar seus textos em *O Lidador*. Essa atitude do diretor do jornal foi decorrente de uma polêmica que aconteceu, entre outubro de 1941 e março de 1942, envolvendo o escritor. Na época, Eulálio Motta travou uma discussão calorosa com Eudaldo Silva Lima, renomado pastor da Igreja Presbiteriana e seu amigo de infância. Essa contenda religiosa ganhou a esfera pública, quando o escritor publicou uma carta aberta criticando o livro do Reverendo Basílio Catalá Castro, intitulado *Cochilos de um sonhador*. A reação de Eudaldo Lima foi imediata, publicando uma carta resposta no jornal *O Lidador* de 17 de março de 1942, intitulada *Declaração oportuna, aos meus correligionários em particular e ao público em geral*:

Correu, em avulsos, há pouco tempo, uma “Carta aberta” do farmacêutico Sr. Eulálio Mota, dirigida a um amigo protestante. Somos nós o amigo em apreço. Trocavamos idéias em cartas particulares sobre livros e assuntos religiosos, quando fui surpreendido pela revelação de uma correspondência privada ao público desconhecedor dos seus pródromos. Fiel ao nosso propósito de não trazer assuntos de correspondência íntima ao conhecimento geral, para que leitores desavisados não interpretassem os assuntos

controvertidos como desavenças e amarguras pessoais entre os amigos correspondentes, respondemos particularmente a “Carta aberta”, dando as razões de nosso proceder. Ainda não passado o pasmo da nossa surpresa pela quebra de ética sobre um assunto, por bons motivos particular, anuncia-se espetacularmente num incontinente perdido do falar, numa ância caloura de publicidade, uma segunda “Carta aberta”. [...] A correspondência calorida originou-se do livro “Cochilos de um sonhador” da lavra de meu outro colega Rev. Basílio Castro, moço com seu bom curso teológico e senhor de conhecimentos seguros na sua especialidade. O prof. Basílio Castro desdenhou a “Carta aberta” sobre o seu livro, mesmo por que um livro não se responde com um avulso [...] É de esperar que o Prof. Basílio Castro esteja aguardando um aporilar mais bem aparelhado e não precisa de minha humilde pena para defender seu ensejado e não refutado livrinho. Finalmente o sentimento de gratidão para com a família de Eulálio Mota, especialmente para com o seu venerando pai, de saudosa memória, meu padrinho de batismo romano e protetor, para quem, guardo n’alma um sentimento de devoção e reconhecimento filiais. Impele-me de aparecer em público, afim de evitar falsas interpretações, como antagonista de um moço cuja amizade prezo e desejo cultivar, não só como um bem precisos para a minha vida, mais muito mais, como uma tradição querida, digna de ser conservada.

EUDALDO SILVA LIMA

Da Faculdade Teológica do I.C.P. do Brasil em S. Paulo (LIMA, 1942, p. 4).

Na ocasião, Eudaldo Lima morava em Campo Formoso-BA, onde era pastor presbiteriano, professor e vereador. A carta aberta tinha claras intenções de se justificar diante da comunidade religiosa, de seus alunos e de seus eleitores. Na mesma carta, Eudaldo Lima fez severas considerações ao posicionamento de Eulálio Motta:

[...] O farmacêutico Eulálio Mota pertenceu ao partido totalitário do Brasil, hoje malcinado pela concórdia nacional, ao qual dava todo o maior de sua pugnacidade de jovem inflamado pelo ideal. Cerrado esse palco de atividade doutrinaria, recalcou-se revoltado no seu intimo incontinentemente o sentimento belacissimo, canalizado no desejo crepitante de combater qualquer sistema. Pelo conhecido processo patológico da “compensação”, escolheu [...] o Protestantismo para alvo de seus ataques ferozes (LIMA, 1942, p. 4).

Com essa publicação no jornal *O Lidador*, Eulálio Motta, sem direito de resposta, rompeu definitivamente com Nemésio Lima. Após esse episódio com a carta aberta, Eulálio Motta suspendeu suas publicações de tema religioso e reconciliou-se com Eudaldo Lima.

Em 1943, Nemésio Lima fechou o jornal *O Lidador*, conforme Amado Barberino afirmou em outro periódico local, *O Jornal* (1960), quando esboça uma *História da Imprensa em Jacobina*:

Conseguiu, felizmente, O Lidador atingir seu décimo ano de vitoriosa jornada, deixando, entretanto, um enorme vácuo na imprensa sertaneja, ao encerrar suas atividades em 14 de março de 1943.

Com seu desaparecimento – bastante sentido – ficou Jacobina privada do possante farol que iluminava a senda do progredir incessante, ficando quase relegada para a obscuridade, porque “terra que não tem jornal é terra morta”, assim já se expressava um grande escritor (BARBERINO, 15 jan. 1960, p. 6).

Acredita-se que as circunstâncias políticas e econômicas tenham impulsionado a desativação do jornal em Jacobina, pois, a partir de 1943, Nemésio Lima deu continuidade ao seu desenvolvimento empresarial na Bahia com a transferência e ampliação da empresa gráfica para Feira de Santana e Salvador.

### 3.1.3 Jornal *O Serrinhense*

*O Serrinhense* Livraria e Tipografia “foi fundado em 18 de maio de 1924 por Reginaldo Cardoso Ribeiro, um homem cego, o qual, desde 1907, ditava e produzia um dos primeiros jornais (*O Clarim*) do interior da Bahia” (FRANCO, 2010, p. 71-72). Reginaldo Ribeiro admitiu Bráulio de Lima Franco como aprendiz de tipógrafo e, em 1930, o jovem rapaz já era reconhecido pelo seu trabalho.

Constituíam-se numa casa literária (livraria e tipografia). [...] aquela imensa máquina de imprimir papéis, movida a pedal, os tipos de chumbo, as caixas e componedores, a guilhotina de cortar papéis, os grampeadores manuais, um universo novo e completamente diferente do seu dia-a-dia, do seu cotidiano. A tipografia de São Reginaldo fascinava-o. Causava-lhe uma enorme sensação, uma atratividade fora do seu controle. [...] Era diferente de tudo o que havia na localidade. Na cidade só existia um equipamento igual em tecnologia: o telégrafo instalado na estação do trem que transmitia mensagens para Salvador e outras capitais do Brasil, de forma instantânea, pelo código Morse. “O Serrinhense” significava uma pequena indústria de transformação, uma escola industrial porque imprimia pequenos livros, talões de notas fiscais, panfletos de propaganda e também produzia um jornal. Sua matéria prima era o saber para ser transformado num produto de consumo da população e isso muito lhe agradava (FRANCO, 2010, p. 72).

Além do trabalho tipográfico que desenvolvia, Bráulio Franco escrevia as primeiras letras para *O Serrinhense*, revisava o jornal e compunha poemas de amor à cidade e às mulheres.



Figura 5 – Cabeçalho do jornal *O Serrinhense*, de 6 de dezembro de 1931



Fonte: Acervo do escritor Eulálio Motta.

Em 1932, aos 22 anos de idade, Bráulio Franco comprou a tão sonhada máquina do saber (FRANCO, 2010, p. 75). Ele deu continuidade ao trabalho da tipografia, confeccionando talões, fichas, folhinhas, panfletos, folhetos comerciais etc., e prosseguiu com a editoração de *O Serrinhense*, durante 20 anos, de 1932 a 1952.

Figura 6 – Cabeçalho do jornal *O Serrinhense*, de 29 de julho de 1950



Fonte: Acervo do escritor Eulálio Motta.

A partir do ano de 1935, Bráulio Franco assumiu o papel de propagador da doutrina integralista. Noticiou as atividades do núcleo local e de regiões circunvizinhas, combateu os liberais e os comunistas, e avaliou a política nacional e internacional. Em 5 de janeiro de 1936, publicou um texto de Plínio Salgado, intitulado *A missão da Imprensa*, no qual o Chefe Nacional assegurava que a grande missão dos jornais brasileiros era doutrinar: “doutrinar sem cessar, fora dos terrenos das competições, à margem e acima dos partidos, dos grupos, das associações, dos conchavos e dos cambalachos” (SALGADO, 1936, p. 3).

O jornal tinha um papel importante no integralismo, pois, além de difundir textos e discursos das lideranças nacionais do movimento, aproximava as lideranças. Eulálio Motta, por exemplo, chefe do núcleo integralista de Mundo Novo, tornou-se colaborador assíduo de *O Serrinhense*, amigo e admirador do trabalho de Bráulio Franco, como relata em carta datada de 4/01/1977:

Ha muito que desisti de publicações desiludido de impressores e revisores que erram demais. Imagine que em S. Paulo, numa coletânea intitulada “poesias consagradas”, foi incluído um soneto meu - “Aniversário”, faltando um verso todo do primeiro quarteto [...] Até minhas publicações em folhetos me deram muitas dores de cabeça. Felizmente descobri “O Serrinhense” onde o admirável Bráulio Franco faz a coisa de modo a “ninguém botar defeito”... Junto a esta alguns exemplares de folhetos saído das oficinas de “O Serrinhense” que comprova o que afirmo (MOTTA, 1977, f. 4r-4v).

Eulálio Motta iniciou a sua participação no jornal *O Serrinhense* em 1945 e se estendeu até 1951. De 1950 a 1951, ele publicou crônicas e poesias, quinzenalmente na coluna *Atualidades*. Durante esse período, foram 52 crônicas publicadas, das quais apenas 45 foram encontradas. Uma colaboração bem significativa, como se observa no Quadro 3. Além disso, participou da coluna *Notícias dos Municípios* como correspondente de Mundo Novo.

Quadro 3 – Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal *O Serrinhense*

<b>CÓDIGO</b>	<b>TÍTULO DO TEXTO</b>	<b>REFERÊNCIA</b>
JS1[1950]	Sardinhas Humanas...	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 1, p. 4, 22 abr. 1950.
JS2[1950]	Conversão	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 2, p. 2, 29 abr. 1950.
JS3[1950]	Ele Voltará!	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 3, p. 2, 6 mai. 1950.
JS4[1950]	Uma Vaga	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 4, p. 2, 13 mai. 1950.
JS5[1950]	Detefon	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 5, p. 2, 20 mai. 1950.
JS6[1950]	Teoria e Realidade	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 6, p. 2, 27 mai. 1950.
JS7[1950]	Trabalhismo	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 7, p. 2, 3 jun. 1950.
JS8[1950]	Duas Noticias	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 8, p. 2, 10 jun. 1950.
JS9[1950]	Retifique-se	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 9, p. 2, 17 jun. 1950.
JS10[1950]	Politica Bahiana	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 10, p. 2, 24 jun. 1950.
JS11[1950]	Meia Libra	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 11, p. 2, 1 jul. 1950.
JS12[1950]	Cavalo de Batalha	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 12, p. 2, 8 jul. 1950.
JS13[1950]	Transporte	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 13, p. 2, 15 jul. 1950.
JS14[1950]	Bomba Atomica	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 14, p. 2, 22 jul. 1950.
JS15[1950]	Simbolos	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 15, p. 2, 29 jul. 1950.
JS16[1950]	O Projeto Godoi	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 16, p. 2, 5 ago. 1950.
JS17[1950]	Raposas	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 17, p. 2, 12 ago. 1950.
JS18[1950]	Candidatos a Governo, tomem nota disto!	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 18, p. 2, 19 ago. 1950.
JS19[1950]	Recoerdo	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 19, p. 2, 26 ago. 1950.
JS20[1950]	Para Presidente da República	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 20, p. 2, 2 set. 1950.
JS21[1950]	Vitoria do Brigadeiro	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 21, p. 2, 9 set. 1950.
JS22[1950]	Candidato da Mocidade	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 22, p. 2, 16 set. 1950.

JS23[1950]	Vote Certo!	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 23, p. 2, 23 set. 1950.
JS24[1950]	Para Onde?!	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 24, p. 2, 30 set. 1950.
JS25[1950]	Os Culpados	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 25, p. 2, 21 out. 1950.
JS26[1950]	Ecos do Pleito	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 26, p. 2, 28 out. 1950.
JS27[1950]	Anti-comunismo suspeito	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 27, p. 4, 4 nov. 1950.
JS28[1950]	Jazz-Band...	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 28, p. 2, 11 nov. 1950.
JS29[1950]	Toada Bonita	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 29, p. 2, 18 nov. 1950.
JS30[1950]	Vamos pensar um pouquinho...	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 30, p. 2, 25 nov. 1950.
JS31[1950]	Zeferinos...	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 31, p. 2, 2 dez. 1950.
JS32[1950]	Fóra da Moda	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 32, p. 2, 9 dez. 1950.
JS33[1950]	E Só Então...	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 33, p. 2, 16 dez. 1950.
JS34a[1950]	Noticias dos Municipios Mundo Novo	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 34, p. 1; 4, 23 dez. 1950.
JS34b[1950]	Natal	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 34, p. 2, 23 dez. 1950.
JS35[1950]	O Tempo	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 35, p. 2, 30 dez. 1950.
JS37[1951]	Serão os herdeiros...	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 37, p. 2, 13 jan. 1951.
JS38[1951]	Vale a Pena?	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 38, p. 2, 20 jan. 1951.
JS40[1951]	Amen	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 40, p. 2, 3 fev. 1951.
JS42[1951]	Zebú	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 42, p. 2, 17 fev. 1951.
JS43[1951]	Suspeito	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 43, p. 2, 24 fev. 1951.
JS46[1951]	Diante Disto...	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 46, p. 2, 17 mar. 1951.
JS47[1951]	O sinal da Cruz	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 47, p. 2, 24 mar. 1951.
JS48[1951]	Aparencias e realidades	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 48, p. 2, 31 mar. 1951.
JS49[1951]	Pêzames	<i>O Serrinhense</i> , Serrinha-BA, ano 14, n. 49, p. 2, 7 abr. 1951.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em *O Serrinhense*, Eulálio Motta não recorreu a pseudônimos, todos os textos são assinados por ele. As temáticas mais recorrentes nessas crônicas foram os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais do sertão baiano. A título de ilustração, destaca-se *O Tempo*, que aborda a problemática da seca:

Este tema – as causas da seca, volta amavelmente ao nosso espirito. Basta que a chuva tarde mais um pouco, entramos a opinar sobre as causas da sêca, como se entendessemos algo a respeito... Neste assunto, como em religião, politica, medicina, etc., quanto mais ignorante, mais perentorio nas afirmações [...] Num ambiente assim, o tema obrigatorio é o Tempo. O Tempo se torna personagem importante, com direito a T grande. [...] Anisio “do pé do morro” está muito animado, afirmando que vae chover muito e já. [...] Na casa de farinha da fazenda, as mulheres discutem é se a sêca é ou não é um castigo por causa dos nossos pecados.

– Né não, Sá Vitalina! Né não! Qui não hai povo qui peque mais de que esse povo das cidades grandes do sú e lá nan tem sêca.

– Menina, o povo anda sôrto no mundo, pricisano de muito castigo. Se no sú nan tem sêca tem outros castigo. O castigo daqui é a sêca.

– Home, uma coisa é certa: só tem sêca porque Deus qué; se Deus nan quizesse nan tinha.

Os homens de ciencia teem razão: – a existencia das florestas normaliza a evaporação e, consequentemente, as chuvas. Mas os argumentos da Fé na boca dos humildes temem são respeitaveis. Entre uns e outros, prefiro ir

ficando com a opinião de Sá Vitalina, quando aconselha que nos conformemos com a vontade do Pai, citando o Padre Nosso: “seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.” (MOTTA, 1950, p. 2).

Além da qualidade gráfica, Eulálio Motta não tinha divergências ideológicas com o diretor de *O Serrinhense* porque os seus ideais políticos se coadunavam. Bráulio Franco foi chefe do núcleo integralista de Serrinha e, de 1955 a 1959, foi eleito vereador pelo PRP (FRANCO, 2010). As edições de *O Serrinhense* revelaram a sua linha integralista desde o cabeçalho: de “semanário imparcial, noticioso e literário” passou a ser “hebdomadário independente” e “defensor dos interesses do município e do nordeste do Estado”. Apesar de não ter sido criado com essa finalidade, o semanário foi convertido em órgão do núcleo integralista de Serrinha e em importante ferramenta na missão doutrinária (ALVES NETA, 2013). Bráulio Franco ainda contava com o apoio do seu diretor comercial, Claudionor Ferreira da Silva, que também era integralista. O jornal recuava apenas quando havia interesses comerciais, como ocorreu na época do regime ditatorial de Getúlio Vargas:

“O Serrinhense” não apoiava a ditadura de Vargas, mas elogiava o desempenho do intendente local, coronel Antonio Pinheiro da Motta, que havia sido nomeado para administrar o município pelo interventor Landolfo Alves. São Motta também era presidente da Junta do Alistamento Militar e por ser empreendedor, “*O Serrinhense*” tinha seus interesses locais e não lhe fazia oposição (FRANCO, 2010, p. 132, grifo nosso).

Quando Getúlio Vargas retornou à presidência da República, eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em 3 de outubro de 1950, Eulálio Motta publicou um texto em *O Serrinhense*, pedindo o apoio de todos os partidos pela melhoria do país:

Agora que o aumento dos preços de tudo está apertando mais os parafusos sobre a vida apertada dos pobres, Getulio vai assumir o Poder. É grande a esperança dos humildes. É enorme a responsabilidade do presidente eleito. O Snr. Getulio está na obrigação de fazer algo que alivie o sofrimento dos humildes. *E todos, de todos os partidos, inclusive nós, anti-getulistas por convicção de princípios, estamos na obrigação de ajuda-lo.* Para que, depois, não possa ele acusar de culpados de não ter ele podido dar, ao povo, pelo menos uma fração do muito que prometeu. Que o Snr. Getulio nos surpreenda com um governo util, de respeito á Lei e de realizações em benefício do povo, principalmente do pobre trabalhador das roças que é quem paga o pato que os outros comem, é quem tem aguentado com as consequencias de todos os erros dessa política velha de cabra-cega, sem base, sem fundamento, sem rumo, sem destino. Que Deus dê juiso aos grandes do governo e aos grandes da oposição. E a preocupação com o bem comum substitúa muitas outras preocupações. Que o espirito de bôa vontade:

ilumine a uns e a outros, do governo e da oposição. “Para bem de todos e felicidade geral da Nação.” Amen (MOTTA, 1951b, p. 2, grifo nosso).

Na edição de 7 de abril de 1951, Eulálio Motta se despediu d’*O Serrinhense* com o texto *Pêzames*, quando foi informado pelo proprietário Bráulio Franco que o jornal iria fechar:

[...] era enorme o benefício que vinha fazendo ao sertão, a existência de um semanário excepcionalíssimo como “O Serrinhense”. Seus comentários sensatos, oportunos, iluminados de consciência dos problemas sertanejos e ricos de sugestões práticas, felizes; as suas críticas equilibradas, conscienciosas, sem o ranço de oposicionismo barato e rancoroso; os seus aplausos sem bajulação, iluminados do mais puro espírito público, tudo isto fazia de “O Serrinhense” um semanário excepcionalíssimo em nosso Estado. Pelas suas colunas falavam, com simplicidade, clareza, honestidade, as aflições, os desencantos, e as poucas e pequeninas esperanças da gente do sertão. Agora, por carta dêsse admirável incompreendido Bráulio Franco, estou sabendo que “O Serrinhense” vae recolher-se ao silêncio. A tribuna do sertão vae ser desmontada. A bôca por onde o sertão gritava suas necessidades e seus protestos, vae emudecer. Pêzames ao sertão. Pêzames, de modo especial, à Serrinha. Louvado seja Deus! (MOTTA, 1951a, p. 2).

Eulálio Motta continuou publicando em periódicos baianos. Seus textos circularam em jornais de algumas cidades da Bahia, como Salvador (*O Imparcial*, *Caderno da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde*), Feira de Santana (*Gazeta do Povo*), Morro do Chapéu (*Correio do Sertão* e *Folha do Norte*) entre outras.

### **3.1.4 Jornal *Gazeta do Povo***

O clima de rivalidade entre os pessedistas e os udenistas chegou ao sertão da Bahia. Em Feira de Santana, “o PSD foi o principal rival político da UDN” e seus partidários mantinham uma estreita relação com as lideranças estaduais (LINS, 2014, p. 66). Os diretórios locais dos partidos foram estruturados e estabeleceram-se as primeiras alianças políticas municipais. O grupo do Partido Social Democrático (PSD) era representado pelo Eduardo Fróes da Motta e o grupo da União Democrática Nacional (UDN) pelo Arnold Ferreira da Silva. Na eleição de 1958, Eduardo Fróes da Mota (PSD) concorreu com Arnold Silva (UDN) e perdeu. A imprensa local era um forte instrumento de campanha para o pleito eleitoral no município e a UDN tinha a seu serviço o *Folha do Norte*:

No semanário, de propriedade do udenista Arnold Silva [...] o PSD local tornou-se alvo prioritário, escopo de boa parte das incursões negativas do jornal. Percebemos que o *Folha* se transformava, notadamente durante as campanhas eleitorais, em órgão de propaganda da UDN (LINS, 2014, p. 51-52).

Nesse clima de disputa pela administração municipal, Eduardo Fróes da Mota, pessedista, fundou o jornal *Gazeta do Povo*, que teve sua primeira edição divulgada em 3 de maio de 1959. Na ocasião, Feira de Santana estava na segunda gestão udenista e com grande chance de continuidade no poder. Eulálio Motta também participou da discussão, emitindo sua opinião sobre os partidos no âmbito nacional:

[...] Juracy tem razão: com Jânio, seja qual fôr o resultado da eleição, a UDN estará derrotada. *Sem nenhuma pretensão de influir em votos udenistas; sem nenhuma ilusão em tal sentido, afirmo a vocês, com o máximo de sinceridade: se eu fôsse udenista não votaria em Jânio. Votaria em Ademar ou em branco, o que significa a mesma coisa. Não daria meu voto a quem faz questão de exibir repulsa ao meu partido.* Repulsa em palavras e atos (MOTTA, 1960g, p. 2, grifo nosso).

O *Gazeta do Povo* surgiu como uma estratégia política para servir de instrumento de divulgação das propostas políticas do PSD e para fazer resistência ao jornal *Folha do Norte*, que era um difusor da propaganda udenista.

Figura 7 – Cabeçalho do jornal *Gazeta do Povo*, de 3 de maio de 1959



Fonte: Acervo do escritor Eulálio Motta.

De 17 julho de 1960 a 30 abril de 1961, as publicações de Eulálio Motta no jornal *Gazeta do Povo* obtiveram uma periodicidade. Foi possível inventariar 24 textos em prosa, relativamente pequenos, em sua maioria, intitulados de *Instantâneos* (cf. Quadro 4). Estes textos eram assinados por Braz Cubas, outro pseudônimo de Eulálio Motta.

Quadro 4 – Relação dos textos publicados por Eulálio Motta no jornal *Gazeta do Povo*

CÓDIGO	TÍTULO DO TEXTO	REFERÊNCIA
JGP64[1960]	Instantâneos <sup>8</sup>	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 64, Caderno 1, p. 4, 17 jul. 1960.
JGP66a[1960]	Instantâneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 66, Caderno 2, p. 2, 31 jul. 1960.
JGP66b[1960]	Adolfo Barreto	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 66, Caderno 1, p. 3, 31 jul. 1960.
JGP67[1960]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 67, Caderno 1, p. 3, 7 ago. 1960.
JGP69a[1960]	Evidencia	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 69, Caderno 1, p. 2, 21 ago. 1960.
JGP69b[1960]	Instantâneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 69, Caderno 1, p. 3, 21 ago. 1960.
JGP70[1960]	Instantâneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 70, Caderno 1, p. 6, 28 ago. 1960.
JGP71[1960]	Gabriela	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 71, Caderno 1, p. 5, 4 set. 1960.
JGP73[1960]	Seja Benvindo...	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 73, Caderno 2, p. 5, 18 set. 1960.
JGP75[1960]	Instantâneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 75, Caderno 1, p. 2, 30 set. 1960.
JGP81[1960]	Carta ao Governador Explicação necessária	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 81, Caderno 1, p. 2, 13 nov. 1960.
JGP82[1960]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 82, Caderno 2, p. 8, 20 nov. 1960.
JGP83[1960]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 83, Caderno 2, p. 7, 27 nov. 1960.
JGP85[1960]	Páginas Inéditas	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 85, Caderno 1, p. 2, 11 dez. 1960.
JGP87[1960]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 87, Caderno 1, p. 11, 25 dez. 1960.
JGP88[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 88, Caderno 1, p. 2, 1 jan. 1961.
JGP89[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 89, Caderno 1, p. 6, 8 jan. 1961.
JGP93[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 93, Caderno 2, p. 7, 5 fev. 1961.
JGP95[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 95, Caderno 1, p. 2, 19 fev. 1961.
JGP96[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 96, Caderno 1, p. 6, 26 fev. 1961.
JGP102[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 102, Caderno 1, p. 4, 9 abr. 1961.
JGP103[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 103, Caderno 1, p. 8, 16 abr. 1961.
JGP104[1961]	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 104, Caderno 1, p. 5, 23 abr. 1961.
JGP105[1961] <sup>9</sup>	Instantaneos	<i>Gazeta do Povo</i> , Feira de Santana-BA, ano 2, n. 105, Caderno 1, p. 6, 30 abr. 1961.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

<sup>8</sup> Os *Instantâneos* têm o mesmo título, mas são textos diferentes.

<sup>9</sup> O texto é igual ao do número 104 (cf. JGP104[1961]).

Inspirado no pessimismo machadiano, os *Instantâneos* tinham um caráter cômico e irreverente:

*Um amigo me perguntou porque não escrevo “Instantâneos” para a “Gazeta do Povo” como venho fazendo, há anos, para ‘Vanguarda’ de Jacobina. Respondi que não posso ir bater papo em casa de alguém se não fôr convidado pelo dono da casa. Depois estive refletindo que não é lá muito fácil se escrever para a Gazeta de A ou B, quando se tem um conceito próprio e definitivo sôbre as coisas. Às vezes o conceito de quem escreve difere ou entra em choque com as opiniões do dono da casa, quero dizer da Gazeta. [...] Se não levo, atualmente a transigência a ponto de fazer propaganda de Jânio quando sou lotista, sei contornar o assunto não falando em corda em casa de enforcado... Este exemplo não é bem apropriado: porque, no caso “Gazeta” e eu estamos de acôrdo, somos ambos lotistas, convencidos de que devemos evitar o risco de levar à Chefia da Nação, um “homem de atitudes imprevistas e desconcertantes”... Bem, por hoje é só. Do contrário perderia o direito ao titulo de “Instantâneos” que dou às minhas conversinhas escritas. Até outra. BRAZ CUBAS (MOTTA, 1960h, p. 4, grifo nosso).*

Nesse *Instantâneo*, publicado em 17 de julho de 1960, Eulálio Motta declara seu apoio, em conformidade com a direção do *Gazeta do Povo*, ao candidato à Presidência da República, Henrique Lott, pelo Partido Social Democrático – PSD, na eleição de 1960. Apesar do apoio de Juscelino Kubitschek, Lott foi derrotado por Jânio Quadros, candidato da União Democrática Nacional – UDN. Fato também comentado por Eulálio Motta no *Gazeta do Povo*, devido ao clima de desagrado da oposição:

Ouçõ no rádio notícia de que conhecidos lideres pessedistas se movimentam no sentido de organizar rigorosa oposição ao Presidente eleito. [...] Democracia sem oposição é coisa perigosa. De qualquer forma, ainda é cedo. Não acredito que o Snr Jânio Quadros vá fazer política udenista: antes e depois de eleito êle afirmou e reafirma que não fará política partidária. [...] É cedo pois, para se falar em oposição. Esta irá, naturalmente, no momento oportuno, quando forem surgindo desacêrtos e os descontentamentos. Por ora, enquanto não surgem motivos de oposição, pensemos em cooperação [...] pelo bem comum, pelo bem do Brasil (MOTTA, 1960c, p. 8).

O jornal *Gazeta do Povo* foi a primeira tipografia da região que adquiriu, em 1960, uma linotipo. Acontecimento comentado por Eulálio Motta, que felicitou com entusiasmo a direção do jornal pelo progresso:

Distinto amigo Osvaldo Galeão: Pax!  
Um alegre Natal e um 1961 cheio de realizações dos seus mais caros anelos, são os meus votos, muito de coração. *Minhas felicitações pelo progresso de nossa “Gazeta do Povo” com aquisição da linotipo. Ela não nasceu com*



*cara de semanário: tudo indica que será o primeiro diário da “Princesa do Sertão”. A linotipo é um passo no caminho do destino de gazeta que não nasceu com cara de semanário. Associe-me, de toda alma às alegrias da turma da “Gazeta”. Parabens para ela para nós, para Feira (MOTTA, [1960?], f. 69r).*

Apesar de ter uma linotipo, o *Gazeta do Povo* manteve em funcionamento a prensa manual de tipos móveis para imprimir textos de pouca tiragem. “A vantagem da linotipo era a velocidade com que se preparava o texto para a reprodução e a quantidade de cópias que se conseguia. Na linotipo, em três horas um jornal estava pronto para circulação” (BARREIROS, P., 2013a, p. 161). A chegada da nova máquina possibilitou uma mudança significativa no *layout* do jornal, tornando-o mais colorido (uso de tinta verde, azul e vermelho) e atraente visualmente:

Figura 8 – *Layout* do jornal *Gazeta do Povo*, de 3 de julho de 1960



Fonte: Acervo do escritor Eulálio Motta.

O *Gazeta do Povo* era uma das oficinas preferidas de Eulálio Motta, onde ele mandava imprimir os seus panfletos e chegou a negociar a impressão de um dos seus livros *Bofetada*: “Estou trabalhando no *Bofetada*”. Pretendo ir aí, logo que o tenha datilografado, para um bate-papo a respeito da 1ª Edição. Talvez acertemos algo a respeito! [...] acertaremos as contas dos folhetos impressos e de outros que pretendo imprimir proximamente” (MOTTA,

[1960?], f. 69v). O livro *Bofetada* não chegou a ser publicado. A proposta de Eulálio Motta era fazer uma coletânea dos panfletos que ele veiculou na cidade de Mundo Novo, argumentando contra a emancipação de Piritiba e fazendo sérias críticas à administração de Juracy Magalhães. Ele chegou a publicar no *Gazeta do Povo*, em 13 de novembro de 1960, uma *Carta ao Governador explicação necessária*, que abordava a referida questão territorial:

[...] Receio não me conter dirigindo-me ao Governador que baixou decreto endossando uma linha divisória criada pelos inimigos da autonomia municipal e da integridade territorial de Mundo Novo; linha divisória criada em repugnantes conluios de barganhas eleitorais, à revelia da Camara do Município Matriz: à revelia das populações atingidas: à revelia da Lei Orgânica dos Municípios; à revelia da Constituição Federal; à revelia, finalmente, de Jurisprudencia firmada por decisões unânimes dos Supremo Tribunal Federal; linha divisória que usurpou 150 quilômetros de territorio dos distritos de Alto Bonito e Séde de Mundo Novo, faixa de terras esta que se tornou, assim, em litígio, aguardando aprovação de um projeto de retificação que tramita na Assembleia Estadual, e, também decisão do Supremo Tribunal, para o qual apelamos. V. Excia., achou por bem não esperar pela decisão do Judiciario, autorisando pela decreto 17603, que os invasores se apoderassem da terra invadida. Depois de tal decreto, nada mais tenho a dizer e, muito menos a pedir ao governo de V. Excia. Nem Justiça (MOTTA, 1960d, p. 2).

Os temas de suas publicações no *Gazeta do Povo* foram bastante diversificados, versavam sobre seu cotidiano: “Domingo e silêncio na fazenda. Encho horas repassando gazetas velhas à falta de livros novos: Êstes se tornaram, pelos preços, luxo de gente rica.” (MOTTA, 1960b, p. 7); a discussão religiosa: “Nossos famosos talentos que zombam da Religião não passam de volterzinhos de suburbios que perderam o senso do ridiculo e para os quais Nosso Senhor pediu aquele perdão: ‘Perdoai-lhes, Pai, que êles não sabem o que fazem’” (MOTTA, 1960f, p. 6); e a crítica literária: “Gosto de ler novos, Curiosidade de conhecer a expressão dos novos sobre os temas velhos: Deus, amor, a natureza, a vida... [...] encontro mais uma vez, uma verdade que a vida me vem apontando há meio seculo onde não há o Eterno, há o tédio.” (MOTTA, 1960b, p. 7).

A política local e nacional foi o assunto mais explorado em seus textos. Quando não era explicitamente, Eulálio Motta abordava-o com talento a partir de um outro mote. Uma das suas análises que repercutir no *Gazeta do Povo* foi sobre o romance de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*, publicado em 1958:

Acabo de ler o já famoso romance de Jorge Amado “Gabriela, cravo e canela”. Uma enormidade de talento êsse Jorge! Nacib, Malvina, Melk Tavares, Ramiro Bastos, casamento e descasamento de Nacib, etc., etc., são

coisas que só podem ser feitas, que só podem ser criadas, com enormidade de talento. E é o que Jorge tem demais! Como se fala em mundo machadeano, já se pode falar em amadeano o mundo criado pelo maior romancista do passado; e o vitem pelo maior romancista do presente (MOTTA, 1960e, p. 5).

A princípio, o texto exalta a capacidade criativa de Jorge Amado e, em seguida, tece uma crítica a abordagem religiosa do romance. Segundo Eulálio Motta, os personagens religiosos eram estereotipados, servindo de má influência para a sociedade:

[...] Os leigos que são grandes da Igreja no mundo real, também não aparecem nos personagens de romancistas cheios de talento e vazios da Eteridade, como é o caso, lamentavelmente, desse extraordinário Jorge Amado. [...] *As mediocridades humanas, as beatices imbecis, os sacerdotes burguezes levianos ou canalhas, somente tais criaturas que são religiosas apenas de exterioridades, de aparências, é que são vistas, lembradas, representadas em tais romances.* Resultado: no espírito de leitores sem formação, jovens e não jovens, o que fica de tais leituras como conceito de Religião, é o que pode haver de mais ridículo e até mesmo vergonhoso e repulsivo. *Tais livros são, conseqüentemente, ótimos instrumentos de irreligiosidade, de negação, de formação de indiferença para com o Eterno* (MOTTA, 1960e, p. 5, grifo nosso).

Apesar de Jorge Amado ter se desvinculado do Partido Comunista, na década de cinquenta, Eulálio Motta afirma que o comunismo é tratado subliminarmente no romance e com grande talento:

E é precisamente isto que buscam os inimigos de Cristo de todos os tempos, principalmente, na atualidade, aqueles que sonham com implantação de paraísos terrenos, como o “Paraiso Vermelho”, cujo “deus” ditador de Kremlin, mantem os seus “bemaventurados” retidos em “cortinas de ferro”... No dia que tais cortinas se quebrarem, será uma debandada de vãos para a Liberdade! *Os que alegam ausência de intenção vermelha no “Gabriela” talvez estejam bancando boboca... Jorge tem talento demais pra saber camuflar intenções...* (MOTTA, 1960e, p. 5, grifo nosso).

Eulálio Motta era amigo e admirador de Jorge Amado, desde a década de 1920, quando estudaram juntos no Ginásio Ipiranga. Em seu acervo constam cartas rascunhadas e uma publicação em coautoria na revista *A Luva*. Quando *Gabriela, cravo e canela* foi televisionada em 1975, Eulálio Motta escreveu o panfleto *Aos telespectadores da “Gabriela”*: “Poeta” com aspas:

Varios telespectadores locais têm me procurado para comentar a existência de um “poeta de Mundo Novo”, aparecido na novela “Gabriela”. E, pela

descrição dos ditos, é evidente que se trata de um “poeta” com aspas, um cara mais ou menos boçal. Pensando sobre o assunto, concluí que, criando um “poeta” com aspas, um “poeta” inventado, “fazido” e não nascido, Jorge revelou, mais um vez, o seu talento. Porque: poeta, poeta mesmo, sem aspas, só pode ser inventado por um romancista que seja, ao mesmotempo, poeta. Exemplo: Vitor Hugo. E poeta é coisa que Jorge nunca foi. Romancista de talento, sim. Poeta, não! [...] Em 1929 conheci Jorge no, então, Ginásio Ypiranga, (atual Colégio Ipiranga). Fomos companheiros de preparatórios, de bancas de exames. Por insistência dele passei parte de minhas férias daquele ano com ele, na fazenda de cacau do Cel. João Amado, seu pai, no município de Ilhéus. Ignoro se ele, depois de ter atingido as alturas máximas da fama, ainda se recorda daqueles dias, daquele convívio. Mas imagino que venha daí, talvez, a lembrança do nome de Mundo Novo [...] (MOTTA, 2015a [1975], p. 282).

Eulálio Motta publicou este panfleto em 13 de setembro de 1975 e revelou detalhes da sua amizade com Jorge Amado, enaltecendo a capacidade do romancista em criar personagens emblemáticos para suas obras.

### 3.1.5 Os panfletos

[...] fique certo de que o “pasquineiro da roça” não cometerá a indelicadeza de deixar sem resposta. Se soltar dez folhetos, terá, com toda certeza, dez respostas (MOTTA, 2015a [1962], p. 259).

Os panfletos de Eulálio Motta começaram a circular na cidade de Mundo Novo no início da década de 1930 e manteve uma regularidade até 1988, ano de seu falecimento. Contudo, foram conservados no seu acervo pessoal apenas 57 textos, publicados entre 1949 e 1988, sendo 43 em prosa e 14 em verso (cf. Quadro 5). Os panfletos de Eulálio Motta foram objeto de estudo de Patrício Barreiros (2013a; 2015), que realizou a edição digital dos 57 panfletos do escritor, relacionando-os com os documentos do acervo, a fim de valorizar os códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais<sup>10</sup>. Além disso, apresentou uma ampla discussão teórica acerca da arquivística; do estudo de acervo, como lugar de memória; da história cultural das práticas de escrita; das transformações trazidas pelo meio digital para o trabalho de edição e suas contribuições para a Crítica Textual.

Como *corpus* desta tese, foram utilizados 43 panfletos em prosa, publicados no período de 1949 a 1983. Os textos integram uma coletânea de 57 panfletos reunidos no livro *O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P.,

<sup>10</sup> A hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta, realizada por Patrício Barreiros (2013a), está disponível no domínio [www.eulaliomotta.uefs.br](http://www.eulaliomotta.uefs.br).

2015)<sup>11</sup>. Para o presente estudo, os textos foram identificados com a abreviação P, referente ao panfleto, seguida da numeração correspondente à ordem apresentada no referido livro e do ano de publicação. Desse modo, tem-se de P1[1949] a P48[1983].

Quadro 5 – Relação dos panfletos em prosa de Eulálio Motta

<b>CÓDIGO</b>	<b>TÍTULO DO PANFLETO</b>	<b>REFERÊNCIA</b>
P1[1949]	O que importa	MOTTA, E. de M. O que importa [11/1949]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 254.
P3[1960]	Cegos...	MOTTA, E. de M. Cegos [5/01/1960]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 256.
P4[1962]	Dois Extremos: um ótimo e outro péssimo	MOTTA, E. de M. Dois Extremos: um ótimo e outro péssimo [25/07/1962]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 257.
P5[1962]	A Resposta do Tio	MOTTA, E. de M. A Resposta do Tio [28/07/1962]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 258-260.
P6[1962]	Chifrineira: palavras vãs que não convencem	MOTTA, E. de M. Chifrineira: palavras vãs que não convencem [4/08/1962]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 261.
P7[1964]	Vitória do Brasil!	MOTTA, E. de M. Vitória do Brasil! [2/04/1964]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 262.
P8[1966]	Viva A Esperança!	MOTTA, E. de M. Viva A Esperança! [17/10/1966]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 263.
P9[1966]	Data Histórica	MOTTA, E. de M. Data Histórica [23/11/1966]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 264.
P10[1967]	Piadas	MOTTA, E. de M. Piadas [10/03/1967]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 265.
P11[1967]	Podridão!!...	MOTTA, E. de M. Podridão!!... [22/04/1967]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 266.
P12[1967]	Fatos em Foco	MOTTA, E. de M. Fatos em Foco [20/05/1967]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 267.
P13[1969]	Quinto Aniversário	MOTTA, E. de M. Quinto Aniversário [31/03/1969]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 268.
P14[1970]	O Estopim	MOTTA, Eulálio de M. O Estopim [31/01/1970]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 269.
P15[1970]	Sexto Aniversário	MOTTA, E. de M. Sexto Aniversário [31/03/1970]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 270.

<sup>11</sup> Adotou-se a edição do livro como *corpus* por ser um trabalho revisado pelo autor e publicado após a tese.

P16[1971]	Agora é Alegria	MOTTA, E. de M. Agora é Alegria [2/06/1971]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 271.
P18[1972]	A Pergunta de Rafael	MOTTA, E. de M. A Pergunta de Rafael [10/1972]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 273.
P19[1972]	Segunda Edição	MOTTA, E. de M. Segunda Edição [5/12/1972]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 274.
P20[1973]	Nono Aniversário	MOTTA, E. de M. Nono Aniversário [31/03/1973]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 275.
P21[1974]	Obrigado Por Tudo	MOTTA, E. de M. Obrigado Por Tudo [13/01/1974]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 276.
P22[1974]	No Décimo Aniversário	MOTTA, E. de M. No Décimo Aniversário [2/04/1974]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 277.
P23[1974]	Ontem, Hoje, Amanhã...	MOTTA, E. de M. Ontem, Hoje, Amanhã... [27/09/1974]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 278.
P24[1974]	Perspectiva de 76...	MOTTA, E. de M. Perspectiva de 76... [11/10/1974]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 279.
P25[1974]	Basta de Podridões	MOTTA, E. de M. Basta de Podridão [13/11/1974]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 280.
P26[1975]	No Décimo Primeiro Aniversário...	MOTTA, E. de M. No Décimo Primeiro Aniversário... [31/03/1975]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 281.
P27[1975]	Aos Telespectadores da “Gabriela”: “Poeta” com aspas	MOTTA, E. de M. Aos Telespectadores da “Gabriela”: “Poeta” com aspas [13/09/1975]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 282.
P28[1975]	O Melhor Café do Mundo	MOTTA, E. de M. O Melhor Café do Mundo [31/10/1975]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 283.
P29[1976]	No Ano 12 da Revolução	MOTTA, E. de M. No Ano 12 da Revolução [5/04/1976]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 284.
P30[1976]	Liberdade no Ano 12	MOTTA, E. de M. Liberdade no Ano 12 [29/04/1976]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 285.
P31[1976]	Êle Vem Aí!	MOTTA, E. de M. Êle Vem Aí! [17/08/1976]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 286.
P32[1976]	Pontos de Vista...	MOTTA, E. de M. Pontos de Vista... [14/11/1976]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 287.
P33[1976]	Eleição – Corrupção	MOTTA, E. de M. Eleição – Corrupção [20/11/1976]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 288.
P37[1978]	A Maior	MOTTA, E. de M. A Maior [4/04/1978]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 292.
P38[1978]	O Momento Oportuno	MOTTA, E. de M. O Momento Oportuno [20/04/1978]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos</i>

		de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 293.
P39[1978]	Alto Bonito...	MOTTA, E. de M. Alto Bonito... [14/07/1978]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 294.
P40[1980]	A Menor...	MOTTA, E. de M. A Menor... [31/03/1980]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 295.
P41[1981]	No Mato sem Cachorro...	MOTTA, E. de M. No Mato sem Cachorro... [14/11/1981]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 296.
P42[1981]	Não é Mané Fuloriano...	MOTTA, E. de M. Não é Mané Fuloriano... [25/11/1981]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 297.
P43[1982]	Farinhas do mesmo saco...	MOTTA, E. de M. Farinhas do mesmo saco... [29/04/1982]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 298.
P44[1982]	As Malvinas	MOTTA, E. de M. As Malvinas [5/1982]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 299.
P45[1982]	Fim de Papo	MOTTA, E. de M. Fim de Papo [1/07/1982]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 300.
P46[1982]	Um Grito	MOTTA, E. de M. Um Grito [1/10/1982]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 301.
P47[1982]	Data Histórica	MOTTA, E. de M. Data Histórica [11/1982]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 302.
P48[1983]	Violência, Não!	MOTTA, E. de M. Violência, Não! [15/04/1983]. In: BARREIROS, P. N. <i>O Pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015, p. 303.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os panfletos de Eulálio Motta correspondem a um conjunto de textos de temáticas variadas, relacionadas ao cotidiano da cidade de Mundo Novo, às inquietações políticas locais, estaduais e nacionais, e à divulgação de suas poesias. Levando em consideração a motivação principal da publicação, Barreiros (2015, p. 100) agrupou os 57 panfletos preservados no acervo de Eulálio Motta em seis categorias que se relacionam entre si: 1) o debate religioso; 2) a polêmica emancipação do município de Piritiba; 3) a política partidária nos âmbitos municipal e estadual; 4) a Ditadura Militar de 1964; 5) o cotidiano do município de Mundo Novo; 6) divulgação e autopromoção de suas poesias e publicações.

Geralmente os panfletos eram impressos em uma folha, em tipografias manuais, com prensa de tipos móveis, ou em mimeógrafo, e distribuídos pela cidade. De acordo com P. Barreiros (2013a):

De modo geral, a literatura panfletária vai ao encontro dos leitores, através de um processo de distribuição manual, em praças, em feiras, em filas, nas

fábricas, no campo, colados em paredes, e até mesmo colocados dentro das casas por debaixo das portas. O panfleto não é feito para ser consultado a qualquer tempo, ele existe em função de uma circunstância pontual, de um momento específico (BARREIROS, P., 2013a, p. 119).

Eulálio Motta era responsável pela produção, circulação e recepção de seus panfletos. Acompanhava todo o processo até o momento em que os ouvintes tomavam conhecimento de seus textos, quando eram lidos em público (nas praças, nos estabelecimentos comerciais, nas filas do banco etc.). Quando não ficava a contento, ele corrigia manualmente ou republicava com uma nota explicativa: “Da Crônica ‘Fora do Mapa’. *Porque a primeira saiu com erros de impressão incorrigíveis: omissões de palavras e frases, alterando o sentido do conjunto*” (MOTTA, 2015a [1972], p. 274, grifo nosso). Se o panfleto tratasse de algum tema pertinente ao momento e saísse atrasado, ele colocava uma nota esclarecendo o motivo:

ESCLARECIMENTO: As linhas que se seguem são apenas o final de um artigo pondo em foco alguns dos numerosos fatos relevantes de um mar de lama local. Artigo que faz parte de uma série. Foi escrito ao findar o primeiro mês de administração de Ederval Neri. *Vem a público com tão grande atraso porque, mais uma vez, a correspondência enviada á oficina não chegou ao seu destino. 28-7-967* (MOTTA, 2015a [1967], p. 267, grifo nosso).

O panfleto é a voz do panfletário ampliada numa mídia que se insurge para cumprir uma função pontual num determinado momento e lugar, com finalidades pedagógico-doutrinárias. O objetivo do panfletário é penetrar na consciência do auditório e moldar seu pensamento, por isso a linguagem do panfleto é persuasiva, combativa e, muitas vezes, carregada de insultos. As palavras impressas vinculam-se diretamente à personalidade do panfletário. É como se ele mesmo as proferissem em voz alta (BARREIROS, P., 2013a).

Eulálio Motta utilizou-se dessa prática como meio alternativo para fazer circular seus textos mais rapidamente e sem censura direta ou qualquer interferência de terceiros. Isso deve-se ao fato de que as publicações nos jornais dependiam da aprovação dos diretores/proprietários, pois eles não publicavam textos que destoassem de suas convicções político-ideológicas. Segundo P. Barreiros (2013a):

[...] os pequenos hebdomadários, nas cidadezinhas, esforçavam-se por se manterem imparciais, convivendo cordialmente com todos. Já o espaço do panfleto é controlado exclusivamente pelo panfletário que se insurge contra uma ordem estabelecida na sociedade. O panfletário não se esforça para ser imparcial, muito pelo contrário, suas características mais peculiares são a polêmica e a crítica mordaz (BARREIROS, P., 2013a, p. 110).



Como um típico panfletário, Eulálio Motta exerceu importante papel intelectual e político, sendo reconhecido pela população como porta-voz da comunidade. Em assuntos polêmicos, era solicitado a se posicionar, dando seu parecer por meio de panfletos. Esse tipo de personalidade certamente tem grande influência na formação dos hábitos e usos linguísticos de uma comunidade; muitas vezes, suas palavras têm força de lei. No caso de Eulálio Motta, seu discurso era salpicado de citações oriundas de suas leituras como, por exemplo, no panfleto *O que importa*: “Nota: – As citações foram colhidas no livro ‘O que é o espiritismo’, de Negromonte. Tomo a liberdade de recomendar este livro a todos que se interessem pelo assunto” (MOTTA, 2015 [1949], p. 254). Em algumas ocasiões, ele foi responsável por apresentar ao público mundonovense livros, teorias e relatos históricos, inovando e ampliando o vocabulário de seus leitores.

Durante o Regime Militar, os panfletos de Eulálio Motta assumiram um caráter denunciativo, porque ele se colocava como defensor dos propósitos da Ditadura, combatendo os desvios de verbas e os maus políticos. *Vitória do Brasil!* foi o primeiro panfleto de uma série de textos que Eulálio Motta escreveu para exaltar a Ditadura Militar de 1964. Para ele, os partidos políticos eram desprovidos de ideologia e visavam apenas aos interesses pessoais, pois mantinha-se no poder quem comprava mais votos. Ele achava que com a Ditadura isso acabaria: “Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o “nacionalismo” da foice e do martelo” (MOTTA, 2015 [1964], p. 262).

Nos aniversários da deflagração do Regime Militar de 1964, Eulálio Motta normalmente escrevia um texto para engrandecer o regime e fazer um balanço dos acontecimentos políticos:

— Se não tivesse havido a Revolução Brasileira de 31 de março de 1964, os futuros filhos de vocês não teriam a glória de nascerem livres. Quero, pois, apesar daqueles motivos negativos referidos, saudar o porvir, saudando os futuros filhos de vocês com este grito: — VIVA A REVOLUÇÃO!  
(MOTTA, 2015 [1969], p. 268).

No *Quinto Aniversário*, Eulálio Motta declarou que não tinha motivos locais para comemorar o aniversário do Regime porque não haviam punido os políticos corruptos. Além disso, destacou o abandono em que estava a educação do município:

Depois de cinco anos de poder revolucionário, vemos os edifícios escolares nas vilas e povoados do município caindo aos pedaços, em ruínas, com

centenas de crianças crescendo na escuridão do analfabetismo! Depois de cinco anos de regime revolucionário, continuamos sem água encanada, sem energia e sem asfalto, com a tão falada “estrada do feijão” virando piada! (MOTTA, 2015 [1969], p. 268).

Eulálio Motta continuou escrevendo sobre a Revolução, que definia como o “milagre brasileiro”, mas se mostrando decepcionado com o Regime porque não havia intervenção dos militares em Mundo Novo. Em 31 de março de 1973, no *Nono Aniversário*, afirmou que se entristecia ao ver que a Revolução não tinha se libertado totalmente da “complacência com a mediocridade e a hegemonia dos partidos” (MOTTA, 2015 [1973], p. 275). Mas, concluiu dizendo que acreditava na força, na grandeza e na consciência da Revolução.

Utilizando-se de argumentos históricos, Eulálio Motta defendeu o AI-5 como “uma garantia de ordem, de paz, de tranquilidade para a Nação e de respeito interno e externo para o Brasil.” (MOTTA, 2015b [1975], p. 281). Segundo ele: “[...] As tentativas de desmoralizar a Revolução com greves e quebra-quebras foram estancadas com os Atos Institucionais que se tornaram pilstras, alicerces, garantia de permanência do Poder Revolucionário (MOTTA, 2015b [1975], p. 281).

Em 1976, no décimo segundo aniversário da Revolução, Eulálio Motta publicou dois panfletos, *No ano 12 da revolução* e *Liberdade no ano 12*, em comemoração à notícia de cassação de senadores e deputados que fizeram declarações contra o AI-5:

[...] E eis que, na noite de 29-3-976, a televisão me trouxe a notícia-bomba: cassação de mandatos e de direitos políticos por dez anos dos deputados que cometeram aquele atrevimento. Não! A Revolução não está morta! Está viva e forte! Mais viva e mais forte, nesse 12º. ano do que no ano primeiro (MOTTA, 2015c [1976], p. 284).

Por meio dos panfletos, o escritor fez chegar a várias localidades seu discurso, influenciando pessoas e difundindo seus ideais em favor do regime. Foi um homem de prestígio na região de Mundo Novo, pois sua formação acadêmica o colocava numa condição de destaque. Além do grau acadêmico, raro entre os habitantes do local, o doutor Eulálio Motta, como era conhecido, representava não apenas o farmacêutico, mas, principalmente, o intelectual, capaz de traduzir o que se passava em seu entorno: “Crônicas engavetadas. Tenho várias. Aqui está uma datada de abril de 1965. Como o assunto se tornou oportuníssimo resolvi publicá-la” (MOTTA, 2015b [1972], p. 273).

Sua pena poderia ser violenta ou complacente, dependendo de suas intenções. Uma pessoa que foi ovacionada num momento, poderia ser impetuosamente atacada logo depois:

“Waldir Pires – típico representante da bacharelize talentosa, brilhante e inútil, Balbino 2a. edição aumentada e piorada. [...] Votar em Waldir, pois, é votar no pior, é votar no derrotado, é pegar em asa de caixão de defunto e de defunto “runhe” (MOTTA, 2015b [1962], p. 257).

No panfleto *Farinhas do mesmo saco...*, por exemplo, Eulálio Motta justifica o seu apoio à candidatura de Raimundo Costa, apesar das duras críticas proferidas contra o partido em outras eleições:

Fui filiado à Arena e não me filiei ao PDS, nem a nenhum outro partido. Porque considereei que todos são tipo mamoeiro: – boa aparência por fora e ôcos por dentro. Partidos sem conteúdo ideológico não me interessam. Qual a filosofia do PDS? Seu conceito de Deus, do homem, do universo, de estado, nação, economia, trabalho, liberdade, etc. etc.? Necas... [...] Farinha do mesmo saco... Água do mesmo pote... Poluídas de liberalismo anacrônico, rançoso, indigesto... Liberdade, sim, Liberalismo, não! O que vale é o homem e não a legenda vazia de conteúdo ideológico. [...] Que Deus abençõe o nosso Mundo Novo, dando a todos nós, consciência de responsabilidade, respeitando os nossos adversários para que por eles sejamos também respeitados e, assim, possamos realizar uma campanha de gente civilizada, de gente decente (MOTTA, 2015c [1982], p. 298).

A política partidária é a principal temática tratada nos panfletos de Eulálio Motta e revela o seu envolvimento em diversos acontecimentos da história do município de Mundo Novo, principalmente, nas eleições municipais e estaduais. Utilizou-se do panfleto como meio de persuasão e instrumento de campanha eleitoral, a partir de uma visão conservadora, ligada aos princípios do integralismo e da defesa de interesses pessoais. Dentre os 57 panfletos, 28 tratam desse tema. Além disso, existem registros de diversos panfletos e cartas no acervo que demonstram o intenso envolvimento de Eulálio Motta nesse âmbito.

A população de Mundo Novo requisitava seus textos, comentando os acontecimentos e apelando por melhorias. Eulálio Motta, por sua vez, não media esforços e escrevia para quem fosse preciso. No panfleto *Êle vêm aí!*, o escritor dirige-se ao Governador do Estado, Roberto Santos, pedindo providências para a instalação do telefone em Mundo Novo, assim como fez pedindo a energia elétrica e o asfalto:

Autoridades e povo mundonovenses, sem distinção de côr partidária, sem facciosismos, se dirigem a S. Excia. pedindo que livre Mundo Novo desta vergonha. Tal união em tal apêlo ja é sinal honroso, um sinal de que, em se tratando de um grande interesse do município, somos capazes de um gesto de gente civilizada que coloca o interesse coletivo acima de mesquinhos rancores pessoais ou facciosos. O eminente Governador Roberto Santos com toda certeza não será indiferente, insensível a tão justo apêlo, a tal sinal de gente civilizada. [...] O Governador que tem sido bom para os outros não vai

ser ruim para nós. É por isso que estou otimista com relação à vinda do telefone. Pessimismo não resolve. Os pessimistas não acreditavam que nos viesse Paulo Afonso, que nos viesse o asfalto. E aí estão como estará, brevemente, o telefone (MOTTA, 2015a [1976], p. 286).

Eulálio Motta escreveu diversas crônicas do cotidiano do município de Mundo Novo, cobrando providências para solucionar questões pontuais da cidade, criticando determinados acontecimentos, sem assumir algum partido, ou, simplesmente, narrando algum episódio corriqueiro:

Depois de passar alguns dias em Salvador, chego encontrando a cidade sofrendo, mais uma vez, o suplício de Tântalo. Mais uma vez, faltando água nesta terra tão rica do precioso líquido! E, por coincidência, encontrei também a notinha de cobrança de água para os cofres da Embasa! Enquanto os depósitos nos lares se esvaziam de água, os cofres da Embasa se enchem de “gaitas”... Pagamento de água por quem não recebe água... E enquanto as residências ficam secas, algumas ruas exibem córregos de canos quebrados que não recebem concertos... Uma vergonha! É como se Mundo Novo fosse cão sem dono, terra de ninguém! [...] Se o Sr. Prefeito Municipal já tivesse utilizado o seu prestígio junto às autoridades superiores, para combater o descaso ou incompetência da Embasa, no serviço de água local, talvez este sofrimento da família mundonovense já tivesse chegado ao fim. E talvez a promessa de barragem do Engenho já tivesse deixado de ser promessa, de ser farsa (MOTTA, 2015 [1981], p. 297).

Os panfletos de Eulálio Motta tiveram grande repercussão e alcançaram o público alfabetizado e não alfabetizado porque era comum a leitura em voz alta nas feiras livres, nas filas dos bancos e em rodas de bate-papo. Estudar o léxico utilizado por ele é também compreender momentos históricos de dimensões sociais e políticas para a comunidade mundonovense. Além disso, as motivações do escritor, suas posições ideológicas, os meios de produção e circulação dos textos também são relevantes para compreender o sentido atribuído ao vocabulário.

### 3.1.6 Os *causos*

[...] Nada mais interessante que se ouvir um tabareo que gosta de “falar difícil.” Essas ingênuas criaturas tem cada uma “de se tirar o chapeo.” (MOTTA, 2016 [1933], p. 148).

Os gêneros narrativos de tradição oral como, por exemplo, o mito, o conto e a lenda, dispõem de uma ampla bibliografia para estudo. No entanto, sobre o *causo*, especificamente, foram encontrados poucos estudos, inclusive que se proponham a definir e caracterizá-lo

enquanto gênero (PERRONI, 1992; FERNANDES, 2003; BATISTA, 2007; CÂMARA, 2007; e BARREIROS, L., 2012; 2016). Os folcloristas Câmara Cascudo (1978) e Rossini Lima (1972) mencionam a presença do *causo* na cultura brasileira, mas não o abordam em suas especificidades, sendo que Rossini Lima (1972) apenas deixa explícito que o *causo* é um sinônimo de conto. Segundo ele, o “*causo* [é] a forma de dizer dos sertanejos para designar conto” (LIMA, 1972, p. 86). O *causo* também é tratado como conto ou anticonto por Castañeda (2005) e como narrativas orais por Lima (2003).

De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra *causo* é definida como “narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 658). Nessa mesma perspectiva, Sérgio Roberto Costa (2009), no *Dicionário de gêneros textuais*, traz a seguinte acepção para *causo*:

[...] relato/conto/narrativa geralmente falado(a), relativamente curto(a), que trata de um acontecimento, fato ou conjunto de fatos, reais ou fictícios, como casos do dia a dia ocorridos com pessoas, animais, etc., ou de histórias da imaginação das pessoas, como “causos” ou “contos populares” (COSTA, 2009, p. 58).

Por sua vez, Antônio Cândido (2001), em *Os parceiros do Rio Bonito*, utiliza *causo* para designar algo maior que um simples ‘caso’, atribui-lhe uma característica de gênero que engloba uma série de modalidades, de temáticas, de intenções.

Sabia-se muita coisa. Havia gente que começava a contar *causos* de manhã cedo e ainda não tinha parado à hora do almoço. Eram *casos* de santos, de bichos, de milagres, do Pedro Malasarte, e instruía muito, porque explicavam as coisas como eram. Por isso havia respeito e temor: os filhos obedeciam aos pais, os moços aos velhos, os afilhados aos padrinhos e todos à Lei de Deus (CÂNDIDO, 2001, p. 245).

A partir desses conceitos, pode-se dizer que o *causo* refere-se a uma narrativa breve, que é associada a caso e, enquanto gênero literário, assemelha-se, geralmente, ao conto pela brevidade e concisão. O *causo* apresenta como principais elementos a sua relação com os traços da oralidade: geralmente contém personagens reais, que fazem parte do cotidiano do narrador, sendo que seres sobrenaturais, como lobisomens e assombrações, podem ou não aparecer. A presença de elementos cômicos ou trágicos, a intenção do exemplo ou simples divertimento são também características do *causo*. Além disso, a temática pode estar situada no espaço real ou nas representações imaginárias.

Desse modo, retoma-se o conceito de gênero apresentado por Bakhtin (2006 [1979]), como “enunciados relativamente estáveis”, que se configuram em formas culturais de ação social, devendo ser estudados segundo suas características, pois são essencialmente flexíveis e variáveis, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Assim como a língua varia, também os gêneros variam e passam por processos de adaptação e renovação. Portanto, os *causos* devem ser considerados em sua flexibilidade e variedade, como uma forma de ação social.

Outro aspecto relevante a ser observado é que as narrativas, que recebem o nome de *causo* ou *caso*, estão inseridas em práticas sociais recorrentes em algumas regiões brasileiras, especialmente no âmbito rural. Os *causos* atraem expectadores e há pessoas nas comunidades especializadas em sua contação e criação. Essas experiências, de um modo geral, estão associadas à oralidade e ao divertimento.

Conforme Ricardo Câmara (2007), os *causos* podem ser divididos em três segmentos, de acordo com a sua região: *causos sertanejos*, *causos caipiras* e *causos pantaneiros*. Para o presente estudo, dar-se-á ênfase aos *causos sertanejos*. Segundo Câmara (2007),

[...] os *causos sertanejos*, que são os que, muitas vezes, recebem o nome de caso, e são apresentados, por exemplo, por João Guimarães Rosa. Essa narrativa estaria no interior de Minas Gerais, de Goiás e nas partes áridas do Nordeste, comumente denominadas sertão. Remontaria ao Brasil Colônia e representaria a face popular da cultura oral vinda de Portugal e da África (CÂMARA, 2007, p. 73).

Os *causos sertanejos*, que integram o caderno *Bahia Humorística*, resgatam a memória local, explorando temas que evidenciam os traços da oralidade e o cotidiano das pessoas do campo, por meio de textos escritos com tom humorístico. Para Batista (2007):

[...] o *causo* é uma narrativa oral não-ficcional, ainda que para o ouvinte às vezes pareça evidente a presença de elementos ficcionais, ele não se assume como tal, apresentando-se como um relato de fatos vividos ou testemunhados por aquele que conta, podendo também ter sido ouvido e transmitido por outrem. [...] Quando o fato que deu origem ao *causo* não foi vivido ou testemunhado por quem conta, é dada a referência: diz-se quem contou. [...] O lugar do acontecimento sempre é mencionado. Assim como o lugar da ocorrência, o tempo é referido (BATISTA, 2007, p. 102).

Os elementos pontuados por Batista encontram-se presentes nos *causos* de Eulálio Motta, pois em sua maioria são conversas que ele ouviu na comunidade. A data e o lugar do

acontecimento quase sempre são mencionados como, por exemplo, nos *causos Suicídio e Lampeão*:

#### SUICIDIO

19 - 5 - 934 – Um grupo de tabareos falava sobre as dificuldades da vida. Vae um deles e diz: – “A coisa tá ficano cada vês mais pió. Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um quilo de calaborêto, como todo, adespois ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco (MOTTA, 2016 [1933], p. 120, grifo nosso).

#### LAMPEÃO

*Antonia preta é uma agregada de Dona Elvira, proprietaria da fazenda Riacho do Ouro, que se limita com o Morro Alto.* Antonia, coitada, é uma creatura simples, que faz panelas de barro e não conhece o trem. Apesar de morar a poucas leguas da estrada de ferro, nunca Antonia preta vio um trem. Nunca sae da sua roça ou do seu barreiro. Plantando alguma cousa o fazendo alguma panela pra vender. Daí a sua expressão de um dia desses.

Conversava, com *Dona Elvira*, sobre Lampeão.

– Eu Não sê, Dona Elvira, cuma Lampeão não amonta um trem pra saí pur o mundo fazeno bramura!

*Dona Elvira* ri da engenuidade da preta e diz: – “Ele é doido, Antonha?!”

– É mermo! Ele fica cum mêdo do dono do trem bota o trem pra donde quizé e saí num cumerço (MOTTA, 2016 [1933], p. 116, grifo nosso).

Há também conversas de que Eulálio Motta participou, comportando-se como narrador-personagem como no *causo Novidade*:

*Em me parece* que novidade é a cousa mais relativa deste mundo. Um fato, uma anedota, um assunto que é coisa velha, sabida demais, sem graça, para Pedro, pode ser deliciosa novidade para Joaquim. Quantas vezes não acontece a gente ouvir de um camarada uma anedota que, não tem mais graça nenhuma, por ser conhecida demais á gente! Entretanto a gente ri, ri por fazer favor: por condecendencia a quem a conta. Que riso sem graça o riso por favor! Pois bem: *Ultimamente dei pra bancar o contador de novidades velhas...* (MOTTA, 2016 [1933], p. 84, grifo nosso).

Em alguns *causos*, o real mescla-se com o sobrenatural, inserindo-o numa experiência corriqueira, como pode ser observado em *Conversando com Sinha Constança*:

- Dizem qui no Mucambo tá apareceno um trem.
- Um trem?!
- Inhôrsim.
- Então Mucambo está bem melhorado! Quando eu tiver de decer vou tomar o trem no Mucambo...
- Vamicê já pega cas caçuada de Vamicê! Vamicê bem qui tá sabeno qui né trem de vapô de decê pra baixo.
- Então como é o trem de Mucambo?

- É um bicho qui tá apariceno denoite e fazeno istripulia. Dizem que aparece adispois das dez e só desaparece adispois qui o galo canta.
- E que deabo de bicho é este que nem tem mêdo de canto de galo?
- Né mêdo não. É porque disincanta quando o galo canta.
- E esse bicho é encantado?!
- *Havera de nan sê! se tão dizem qui é labishome!*
- É?
- Meu Deus me perdõe qui eu nan sê o qui tou dizem. Mas a bôca do povo tá falano qui é “Januario pé de pão” qui tá virano labishome.
- Coitado do velho Januario!
- Dizem qui tem noite qui vira barrica e tem noite que vira jegue (MOTTA, 2016 [1933], p. 128-129).

No caderno *Bahia Humorística*, Eulálio Motta escreveu 50 *causos* de tom humorístico, que abordam temáticas diversificadas, relacionadas a questões políticas e sociais. Estes *causos* foram publicados no livro *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta* (BARREIROS, L., 2016) e compõem o *corpus* desta tese<sup>12</sup>. Para o presente estudo, os causos foram identificados com a abreviação C, referente a *causo*, seguida da numeração de 1 a 50, conforme a sequência apresentada no referido livro, e do ano em que foi escrito, como indicado no Quadro 6. Adotou-se 1933 como referência, pois é o ano indicado na capa do caderno manuscrito.

Quadro 6 – Relação dos *causos* de Eulálio Motta

CÓDIGO	TÍTULO DO CAUSO	REFERÊNCIA
C1[1933]	Professor Francelino	MOTTA, Eulálio de M. Professor Francelino. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 79-80.
C2[1933]	Vida Sertaneja I	MOTTA, Eulálio de M. Vida Sertaneja I. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 81.
C3[1933]	Vida Sertaneja II	MOTTA, Eulálio de M. Vida Sertaneja II. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 82.
C4[1933]	Vida Sertaneja III	MOTTA, Eulálio de M. Vida Sertaneja III. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 83.
C5[1933]	Novidade	MOTTA, Eulálio de M. Novidade. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 84-87.
C6[1933]	Uma que não sabia o sinônimo de marruá...	MOTTA, Eulálio de M. Uma que não sabia o sinônimo de marruá... In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 88.
C7[1933]	Na colheita do café	MOTTA, Eulálio de M. Na colheita do café. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 89-91.

<sup>12</sup> Adotou-se a edição do livro como *corpus* por ser um trabalho revisado pela autora e publicado após a dissertação.



C8[1933]	O vendedor malicioso	MOTTA, Eulálio de M. O vendedor malicioso. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 92.
C9[1933]	Isto	MOTTA, Eulálio de M. Isto. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 93.
C10[1933]	Caracter	MOTTA, Eulálio de M. Caracter. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 94.
C11[1933]	Azul de Metileno I	MOTTA, Eulálio de M. Azul de Metileno I. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 95-96.
C12[1933]	Chove, não chove	MOTTA, Eulálio de M. Chove, não chove. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 97-100.
C13[1933]	Sertão Triste	MOTTA, Eulálio de M. Sertão Triste. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 101-102.
C14[1933]	Quem casou...	MOTTA, Eulálio de M. Quem casou... In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 103.
C15[1933]	Mundonovenses...	MOTTA, Eulálio de M. Mundonovenses... In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 104-105.
C16[1933]	Papel queimado	MOTTA, Eulálio de M. Papel queimado. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 106.
C17[1933]	Casamento Socialista	MOTTA, Eulálio de M. Casamento Socialista. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 107.
C18[1933]	Do Coronel	MOTTA, Eulálio de M. Do Coronel. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 108.
C19[1933]	O Matadouro	MOTTA, Eulálio de M. O Matadouro. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 109-110.
C20[1933]	Comunismo	MOTTA, Eulálio de M. Comunismo. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p.111-112.
C21[1933]	Manteiga	MOTTA, Eulálio de M. Manteiga. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 113-115.
C22[1933]	Lampeão	MOTTA, Eulálio de M. Lampeão. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 116.
C23[1933]	Inferno	MOTTA, Eulálio de M. Inferno. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p.117-119.
C24[1933]	Suicídio	MOTTA, Eulálio de M. Suicídio. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 120.
C25[1933]	Mercado	MOTTA, Eulálio de M. Mercado. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 121.
C26[1933]	Gente Pobre	MOTTA, Eulálio de M. Gente Pobre. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 122.

C27[1933]	Como é o Partidarismo no Sestão...	MOTTA, Eulálio de M. Como é o Partidarismo no Sestão... In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 123.
C28[1933]	Lama	MOTTA, Eulálio de M. Lama. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 124.
C29[1933]	Castro Alves	MOTTA, Eulálio de M. Castro Alves. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 125.
C30[1933]	Tiradentes	MOTTA, Eulálio de M. Tiradentes. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 126-127.
C31[1933]	Conversando com Sinha Constança	MOTTA, Eulálio de M. Conversando com Sinha Constança. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 128-129.
C32[1933]	Coronel Salú	MOTTA, Eulálio de M. Coronel Salú. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 130-131.
C33[1933]	Um valente medroso	MOTTA, Eulálio de M. Um valente medroso. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 132.
C34[1933]	Uma família doente	MOTTA, Eulálio de M. Uma família doente. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 133.
C35[1933]	O que é o Partidarismo no Sertão...	MOTTA, Eulálio de M. O que é o Partidarismo no Sertão... In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 134.
C36[1933]	O exemplo de Adão	MOTTA, Eulálio de M. O exemplo de Adão. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 135.
C37[1933]	Com os Impostos	MOTTA, Eulálio de M. Com os Impostos. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 136.
C38[1933]	Ratos do Deabo!	MOTTA, Eulálio de M. Ratos do Deabo! In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 137.
C39[1933]	Azul de Metileno II	MOTTA, Eulálio de M. Azul de Metileno II. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 138.
C40[1933]	Cantando Roda	MOTTA, Eulálio de M. Cantando Roda. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 139.
C41[1933]	Excurções À Serra dos Cristaes	MOTTA, Eulálio de M. Excurções À Serra dos Cristaes. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 140-145.
C42[1933]	A Lira Mundonovense	MOTTA, Eulálio de M. A Lira Mundonovense. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 146-147.
C43[1933]	Falar Difícil	MOTTA, Eulálio de M. Falar Difícil. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 148-149.
C44[1933]	Madrugador	MOTTA, Eulálio de M. Madrugador. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 150.
C45[1933]	Sêca	MOTTA, Eulálio de M. Sêca. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 151-153.

C46[1933]	Sinha Cristina	MOTTA, Eulálio de M. Sinhá Cristina. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 154-155.
C47[1933]	Sedenho	MOTTA, Eulálio de M. Sedenho. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 156-157.
C48[1933]	Dia de feira no Arraial de Itabira	MOTTA, Eulálio de M. Dia de feira no Arraial de Itabira. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 158.
C49[1933]	Itabira I	MOTTA, Eulálio de M. Itabira I. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 159.
C50[1933]	Itabira II	MOTTA, Eulálio de M. Itabira II. In: BARREIROS, L. L. S. <i>Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta</i> . Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016, p. 160-161.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Eulálio Motta lutou pela melhoria da qualidade de vida dos cidadãos mundonovenses e exerceu importante influência com a publicação e circulação de seus textos. Ele dava voz ao povo, ele fazia ecoar as queixas da população: “Deabo duns home qui ganham tanto dinheiro do governo, e nem pra mandá carçá estas rua de peda!” (MOTTA, 2016 [1933], p. 124). Sobre a política, ele destacou: a compra de votos na eleição – “Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vêis qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode votá” (MOTTA, 2016 [1933], p. 90); o Socialismo – “pegue-se aquela burra entregue-se a aquele cavalo, e aí está um casamento socialista! Só quem tiver parentes iguaes a aquela que está ali amarrada, é que poderá apoiar esta patífaria...” (MOTTA, 2016 [1933], p. 107); o Comunismo – “Ouço dizê qui vem aí um tá de cumunismo que não respeita muiê casada, nem moça, nem nada! Emquanto o deabo desse sujeito não passá ela não sae!” (MOTTA, 2016 [1933], p. 112); o Integralismo – “Domingo. Dia de feira no arraial de Itabira. Eu esplicava aos ‘brasileiros que trabalham e sofrem’ o que é o Integralismo” (MOTTA, 2016 [1933], p. 158); o partidarismo político no sertão – “A fiscalização municipal matou uma porca e jogou-a no posto de A... Este, oposicionista de rampa e tampa, vio naquilo uma pirraça da situação e, em represalia, apanhou a finada e colocou-a sobre a ponte, no meio da rua” (MOTTA, 2016 [1933], p. 123); e a limpeza das ruas de Mundo Novo, como se evidencia no *causo Inferno*:

[...] Esta minha terrinha não é somente a cidade mais feia do Brasil. É, também, a cidade mais suja do Brasil. O deposito do lixo é a linha central das ruas. Os donos das casas, de um lado e de outro de cada rua, varrem seus respectivos terreiros, empurrando o lixo para o centro. De mês em mês, de dois em dois mezes, quando ha “verba”, a prefeitura manda passar a vassoura na cidade... / [...] Isto é assim hoje e nunca foi de outro modo...  
 [...] Pois bem, com as pouquinhas chuvas que tem aparecido nestes ultimos dias, as / ruas estão daquele geito... Daí a expressão formidavel de um

tabareo que passou, ha pouco, de calças arregaçadas, pés na lama, tangendo um animal com caças de carne: –  
 – Êrre, cus deabo! qui o seo inferno fôsse chiquêro, quando os home desta terra chegasse lá pensava qui nan tinha morrido... Tava im casa... (MOTTA, 2016 [1933], p. 117-119).

Um tema também recorrente, nos *causos* sertanejos de *Bahia Humorística*, foi a cobrança dos altos impostos como, por exemplo, no *causo Com os impostos*:

Ninguém escapou ao lançamento do celebre imposto de capitação, creado pelo capitão Juracy Magalhães. Ninguém escapou. Pobres lavradores, donos de cinco, dez tarefas de terra, tiveram de pagar o imposto e, o que é peor, pagar com multa porque não pagaram em tempo, nem fizeram reclamação dentro do praso legal.

Aqui perto ha um lavrador nestas condições. Vae pagar 10 mil reis de imposto de capitação e mais vinte mil reis de multa... Disse êle que não pagou em tempo de evitar a multa, porque não “estava podendo”, como ainda não está. Esteve hoje aqui em casa, conversando queixando-se da corte. Formiga acabando a roça, imposto, multa, um filho doente, á mingua de remedio, um horror!

Acabou me dizendo: –

– Ainda onte eu tava na roça, oiano o estrago da formiga e pensano: – esse mundo parece qui vaê cabá ficáno na mão de duas coisa: – a formiga e a justiça. Uma come dum lado, outra come do outro (MOTTA, 2016 [1933], p. 136).

Sobre os aspectos sociais, os temas que se destacam são: a seca – “Os mantimentos, plantados com as pouquinhas chuvas de maio estão munchando, morrendo; os pastos estão se acabando; sofrimentos horriveis ameaçam cair sobre o sêrtanejo já carregado de sofrimentos” (MOTTA, 2016 [1933], p. 151); a chegada do automóvel no sertão – “Vamincê pode crê qui não hai neste mundo bicho pra corrê mais que otomove. Enquanto o deabo coça um oio otomove travessa o mundo dum lado pra outo” (MOTTA, 2016 [1933], p. 82); o racismo – “Vamos mudar de assunto que evem chegando um papel queimado... [...] Sou papel queimado e tenho prazer disto. Porque papel queimado tem a vantagem de não servir para limpar os quartos de ninguem...” (MOTTA, 2016 [1933], p. 106); e os problemas de saúde que afligiam a população na época como o alto índice de morte em partos feitos em casa, o impaludismo, a febre amarela, entre outros.

Além disso, Eulálio Motta explorou o cotidiano da cidade de Mundo Novo e do campo, as questões culturais como as anedotas contadas nas praças, descreveu os dias de feira livre, a linguagem do matuto, que busca falar difícil para impressionar, as cantigas de roda e o trabalho das curandeiras na região, como em *Sinha Cristina*:

Queixava da “curadeira” Minervina, *moradora* na “Lagôa Redonda”, que não soube dar geito á doença da Maria, sua irmã. [...] Eu bem dizia a Maria; bem qui lhe abri os óio. Nunca pude me entrá cum aquela muié. Deabo de uma muié cheia de remelexo, de lodaço. A muié reza, a muié acende vela, a muié apaga vela... gente, quanto licotixo! Disse que a doença de Maria era tres isprito; qui tirou dois mais qui o outro nan pode tirá porque ta morto dento. Nunca vi isprito morrê! (MOTTA, 2016 [1933], p. 154-155).

Também faz referência a outros escritores, personagens importantes da história e artistas locais como, por exemplo: Castro Alves, Monteiro Lobato, Tiradentes, Pedro Chapéu Grande (repentista), Armindo Oliveira (músico) entre outros. E algumas localidades como: Djalma Dutra, Serra de Itiúba, Serra dos Cristais, Arraial da Palmeirinha e o Arraial de Itabira.

Seja qual for o tema, o *causo* é um produto subjetivado pelo contador (narrador). Como assinala Marcuschi (2007), os gêneros são indicadores de relações de poder e fator de hierarquização do poder. Assim, o texto do *causo* é atravessado pela ideologia e pela subjetivação da experiência do autor. Por ser o *causo* um gênero de transmissão eminentemente oral, difundido na cultura sertaneja, o escritor Eulálio Motta motivou-se a registrá-lo no papel, fixando a memória local. É uma proposta inovadora, na qual ele expressa por meio da escrita a cultura oral de uma comunidade, explorando as lendas, o folclore regional e o imaginário do homem sertanejo.

### 3.2 FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS UTILIZADAS NA ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA

O uso dos computadores e das técnicas quantitativas para análise da língua portuguesa iniciou na década de 1960. Neste período, grupos de pesquisadores do Brasil, Estados Unidos e França trabalharam simultaneamente, conforme seus interesses, em três linhas: “1) fins literários e/ou estilísticos; 2) fins linguísticos e 3) informáticos” (BIDERMAN, 1978, p. 64). Até então, as pesquisas em torno da língua, geralmente, eram voltadas para o ensino, e o *corpus* era coletado, registrado em fichas e analisado manualmente. Uma tarefa muito difícil, lenta e de alto custo.

Neste contexto, destaca-se um trabalho pioneiro para a lexicografia brasileira, a tese de doutoramento de Maria Tereza Camargo Biderman, intitulada *Análise Computacional de Fernando Pessoa (Ensaio de Estatística Léxica)*, defendida em 1969, na Universidade de São Paulo – USP. Nos primórdios das discussões, Biderman utilizou o computador na tabulação

de dados léxicos, com vistas a uma análise estilística da obra poética de Fernando Pessoa. Dentro do mesmo domínio de conhecimento, em 1974, na USP, ela defendeu a tese de livre-docência *A Categoria do Gênero*, na qual manipulou dados léxicos dos dicionários de frequência das línguas românicas, confrontando os tipos de gênero que existem nas cinco línguas (português, espanhol, francês, italiano e romeno).

A partir de então, com a popularização dos computadores pessoais, no início da década de 1980, aliado ao desenvolvimento da linguística de *corpus*, as pesquisas passaram a priorizar a descrição da língua e a análise de grande quantidade de dados tornou-se mais confiável. Além disso, possibilitou testar as hipóteses, confrontando a teoria com os dados empíricos da língua. De acordo com Berber Sardinha (2004):

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador (BERBER SARDINHA, 2004, p. 3).

A linguística de *corpus* está atrelada à linguística computacional que, por sua vez, é uma área da ciência linguística voltada para o tratamento computacional da linguagem e das línguas naturais (OTHERO; MENUZZI, 2005, p. 25). Este campo do saber estabelece uma interseção entre os conhecimentos desenvolvidos pela engenharia da computação e as diferentes pesquisas tradicionalmente conhecidas em linguística teórica e aplicada. Como resultado dessa parceria entre os linguistas e os engenheiros da computação, destaca-se a criação de *softwares* para o estudo de determinados fenômenos lingüísticos e a sua ocorrência, a partir da constituição de grandes bancos de dados eletrônicos.

Para Biderman (1984a), “o advento do computador constituiu uma verdadeira revolução dentro da ciência da informática e da lexicografia em particular” (BIDERMAN, 1984a, p. 17). Na segunda edição do livro *Teoria linguística*, ela destaca que no domínio filológico e literário as técnicas computacionais também foram benéficas (BIDERMAN, 2001, p. 87). Contudo, “a Lexicografia e a Terminologia são indubitavelmente as áreas do conhecimento lingüístico que mais se beneficiaram com as informações propiciadas pelos *corpora* de língua escrita e falada e pelas ferramentas computacionais” (BIDERMAN, 2001, p. 92).

Os benefícios alcançados certamente são inúmeros. Além da velocidade na execução das atividades e da ampla capacidade de armazenamento de dados, as novas tecnologias permitem ao lexicógrafo coletar, selecionar, registrar, analisar, aperfeiçoar, recuperar os dados

e gerar documentos publicáveis com baixo custo. Ressalta-se que essas vantagens não se limitam apenas na execução das etapas de elaboração de grandes dicionários, mas favorecem ao progresso das pesquisas linguísticas de diversas áreas, atrelando produtividade, com qualidade e acessibilidade.

Para a elaboração do *Vocabulário de Eulálio Motta*, o primeiro passo foi delimitar o *corpus*. A respeito do conceito de *corpus*, Berber Sardinha (2004) analisa algumas definições e destaca a elaborada por Sanchez-Cantos, em 1996, segundo a qual *corpus* é:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (BERBER SARDINHA, 2004, p. 18).

Berber Sardinha (2004, p. 19-20) assinala ainda quatro pré-requisitos para a formação de um *corpus* eletrônico: 1) a origem – o *corpus* deve ser composto de textos autênticos, em linguagem natural; 2) a autenticidade – escritos por falantes nativos; 3) o conteúdo – deve obedecer a critérios estabelecidos pelo criador de modo que o *corpus* coletado corresponda às características desejadas; e 4) a representatividade – deve ter uma extensão representativa. Neste sentido, os 215 textos que compõem o *corpus* desta tese foram selecionados criteriosamente de forma que atendessem à diversidade de publicações do autor e ao tempo delimitado para a realização deste trabalho. Trata-se de textos autênticos, que perfazem um total de 85.845 *tokens* (número total de palavras do *corpus*) e 12.861 *types* (número de palavras do *corpus* contadas apenas uma vez), cumprindo assim o requisito de representatividade.

Após a etapa de seleção dos textos, passou-se à etapa de edição e, em seguida, à compilação propriamente dita. Os textos foram salvos em arquivos separados em formato Word, PDF e TXT e nomeados conforme o código estabelecido na seção 3.1 *Composição e organização do corpus*. Ressalte-se que essa nomeação seguiu um padrão para facilitar a recuperação posterior de cada texto.

Atualmente, com o crescente desenvolvimento das tecnologias computacionais, várias ferramentas estão disponíveis com o intuito de facilitar a construção de trabalhos lexicográficos. Após análise e testes com alguns *softwares* que poderiam auxiliar na construção do *Vocabulário de Eulálio Motta*, foram escolhidos dois programas: o *AntConc*,

para a análise do *corpus*, e o *Fieldworks Language Explorer (FLEX)*, para a edição e a organização dos verbetes, pois demonstram eficiência, principalmente, em virtude da flexibilidade, visto que se adaptam às necessidades específicas de cada produção. A seguir, descrevem-se a funcionalidade e as etapas de aplicação de cada um dos programas adotados.

### 3.2.1 AntConc: software para análise de corpus

O *AntConc* é um *software* gratuito para análise de *corpus*, que foi desenvolvido pelo pesquisador Laurence Anthony da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade de Waseda no Japão. Trata-se de uma ferramenta multiplataforma, executável em versões para o *Windows*, *Linux* e *Macintosh*. Seu arquivo tem aproximadamente 4Mb, por isso é considerado leve e dispensa a necessidade de instalação, o que torna a utilização mais fácil mesmo para usuários iniciantes.

Nesta tese, optou-se pelo modelo *AntConc* 3.4.4<sup>13</sup>, a última versão para o *Windows*, que dispõe em sua *homepage* (cf. Figura 9) de um canal de suporte com manual, tutoriais em vídeo e grupos de discussão traduzidos do japonês para o inglês. A fim de elucidar as possibilidades de cada ferramenta disponível no programa, serão apresentados os procedimentos necessários para manuseá-lo.

Figura 9 – *Homepage* do *AntConc*

The screenshot shows the homepage of Laurence Anthony's website. The navigation bar includes: Home, Resume, Publications, Software, Classes, Photo Albums, Links, Contact. The main content area is titled 'AntConc Homepage' and 'Latest Release'. It features an image of an ant on a book and the text: 'AntConc: A freeware corpus analysis toolkit for concordancing and text analysis.' Below this, there are links for '[AntConc Homepage]', '[Screenshots]', and '[Help]'. A 'Downloads:' section lists: Windows (3.4.4), Macintosh OS X 10.7-10.12 (3.4.4), Macintosh OS X 10.6 (3.4.1), Linux (3.4.3), and Older versions. On the right, a screenshot of the AntConc software interface is shown, displaying a concordance search for the word 'word' with various search options and results.

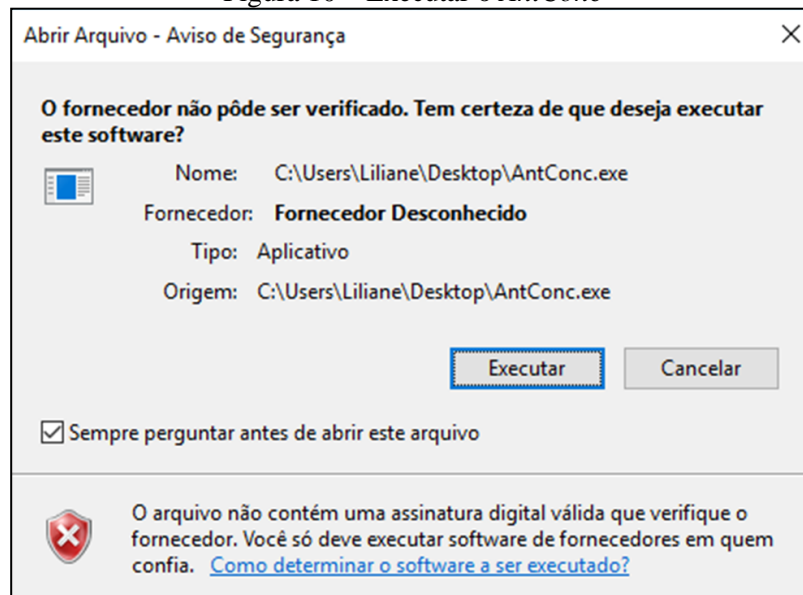
Fonte: Anthony (2014).

<sup>13</sup> Cf. Anthony (2014). Download disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 6 abr. 2017.



Após baixar o arquivo, surgirá uma janela com o comando para *Abrir* o programa *AntConc*. Basta dar um clique duplo no botão *Executar*, como se demonstra na Figura 10.

Figura 10 – Executar o *AntConc*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

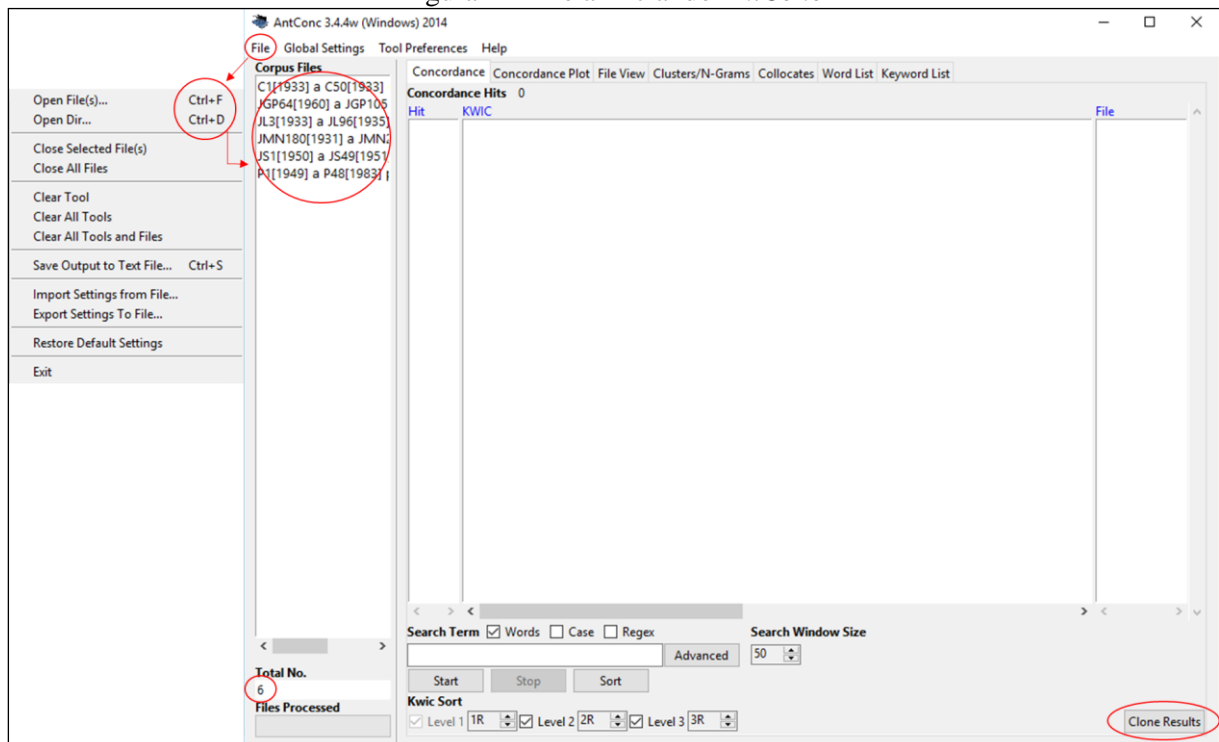
A interface do *AntConc* é bem simples e, na mesma janela, é possível navegar por diferentes opções de análise, que permitem descobrir como uma palavra ocorre, o quanto ocorre, em que contextos e quais a acompanha, encontrar padrões e variáveis de uso na escrita e fazer levantamento terminológico. Sua praticidade de uso possibilita a extração de listas de palavras (*Word List*), listas de concordâncias (*Concordance*) e de palavras-chaves (*KeyWord*), além de gerar gráficos com os dados analisados. Estas ferramentas são de grande relevância para o linguista, em especial, para o lexicógrafo, pois fornece o conjunto das combinações e das colocações que a palavra pode ter em um determinado *corpus*. Biderman (1984a) destaca que:

[...] as concordâncias de texto são um manancial riquíssimo para documentar e ilustrar usos semânticos e gramaticais e atestar o que está ocorrendo de fato na língua, quando se trata de um trabalho sobre Lexicografia contemporânea” (BIDERMAN, 1984a, p. 22).

Nesta perspectiva, o uso das ferramentas computacionais permite fazer uma avaliação prévia, de forma rápida e econômica, obtendo grande quantidade de resultados em pouco tempo. O que possibilita ao pesquisador ter evidências para provar uma hipótese sobre determinado aspecto linguístico.

Para iniciar o trabalho com o *AntConc*, é necessário carregar os arquivos com o *corpus* em TXT pelo menu *File*<sup>14</sup>. Para converter os arquivos compilados, utilizou-se o programa *AntFileConverter*<sup>15</sup>, que é uma ferramenta *freeware* que converte arquivos de PDF e Word (DOCX) em texto simples para uso em ferramentas de *corpus*. O *AntFileConverter* está na mesma plataforma do *AntConc* e é indicado pelo programa. Além de ser rápido e de fácil manuseio, ele salva o arquivo em TXT direto na pasta de origem, otimizando a inserção dos mesmos no programa de análise. Essa tarefa é feita pela opção *Open File(s)*, que permite abrir os arquivos individualmente, ou pela opção *Open Dir*, quando for carregar uma pasta completa. Os nomes e a quantidade dos arquivos selecionados aparecerão no quadro *Corpus Files*, à esquerda da tela, como se pode ver na Figura 11.

Figura 11 – Tela inicial do *AntConc*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

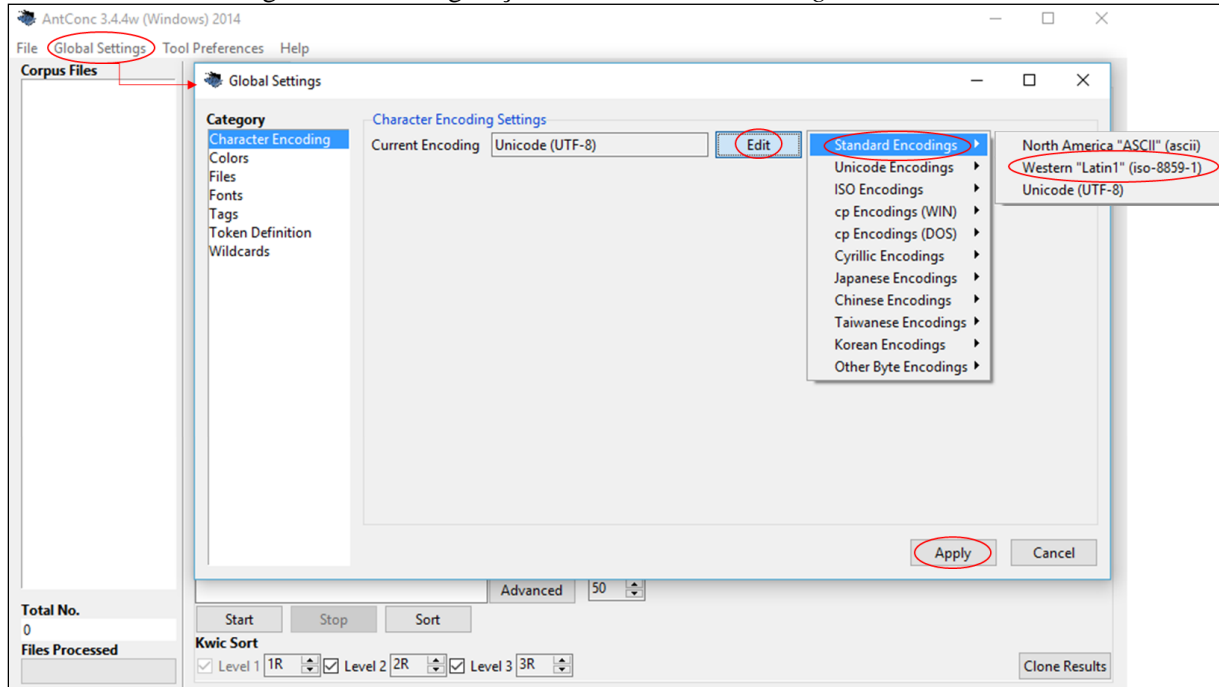
Ainda no menu *File*, tem-se a opção de selecionar e excluir arquivos, salvar os resultados das análises realizadas, importar e exportar os dados e restaurar a configuração original. O botão *Clone Results*, à direita, no final da tela, permite criar uma cópia dos resultados para que possam ser comparados, em janelas independentes. Essa função é importante, quando se tem interesse em confrontar o conjunto dos dados obtidos.

<sup>14</sup> Todos os itens comentados ao longo das seções 3.2.1 e 3.2.2 estarão destacados em vermelho nas imagens ilustrativas.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antfileconverter/>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

Antes de ativar qualquer função de análise no *AntConc*, é preciso configurar a língua no menu *Global Settings* (cf. Figura 12). Como o *corpus* desta tese está escrito em língua portuguesa, a melhor opção é *Western Latin 1*.

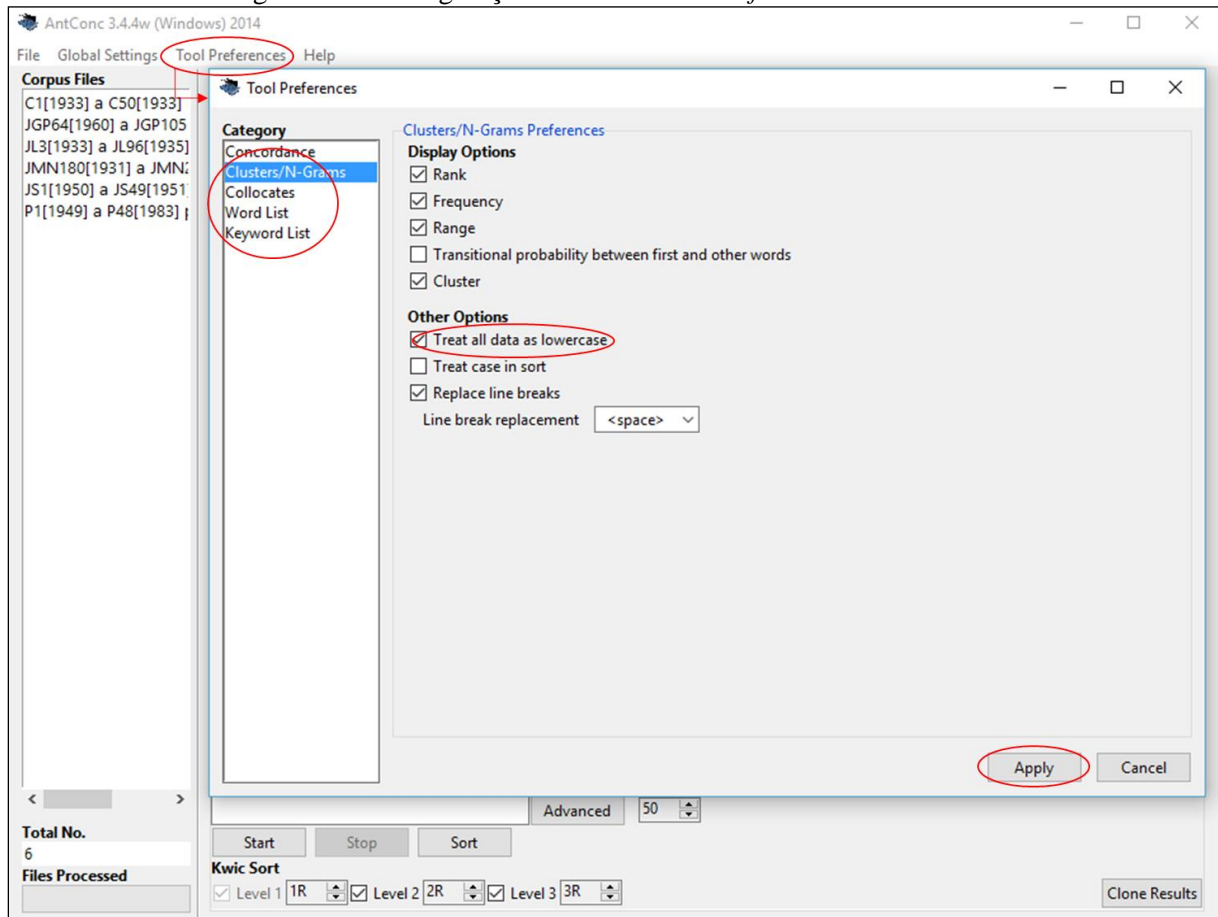
Figura 12 – Configuração do menu *Global Settings* do *AntConc*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Ainda no menu das configurações globais (*Global Settings*), é possível editar as opções de cor para realce na análise, a extensão do arquivo a ser aberto (TXT, html, xml ou ALL – todos esses formatos), o tipo e o tamanho da fonte.

É importante lembrar também de configurar o menu *Tool Preferences* (cf. Figura 13). Nele, deve-se marcar no campo *Other Options* a caixa *Treat all data as lowercase* (tratar todos os dados como minúsculas) das categorias *Clusters/N-Grams*, *Collocates*, *Word List* e *Keyword List*. Caso contrário, o programa irá diferenciar as letras iniciais entre maiúsculas e minúsculas da mesma palavra, o que causará problemas de exaustividade nos resultados, gerando duas entradas.

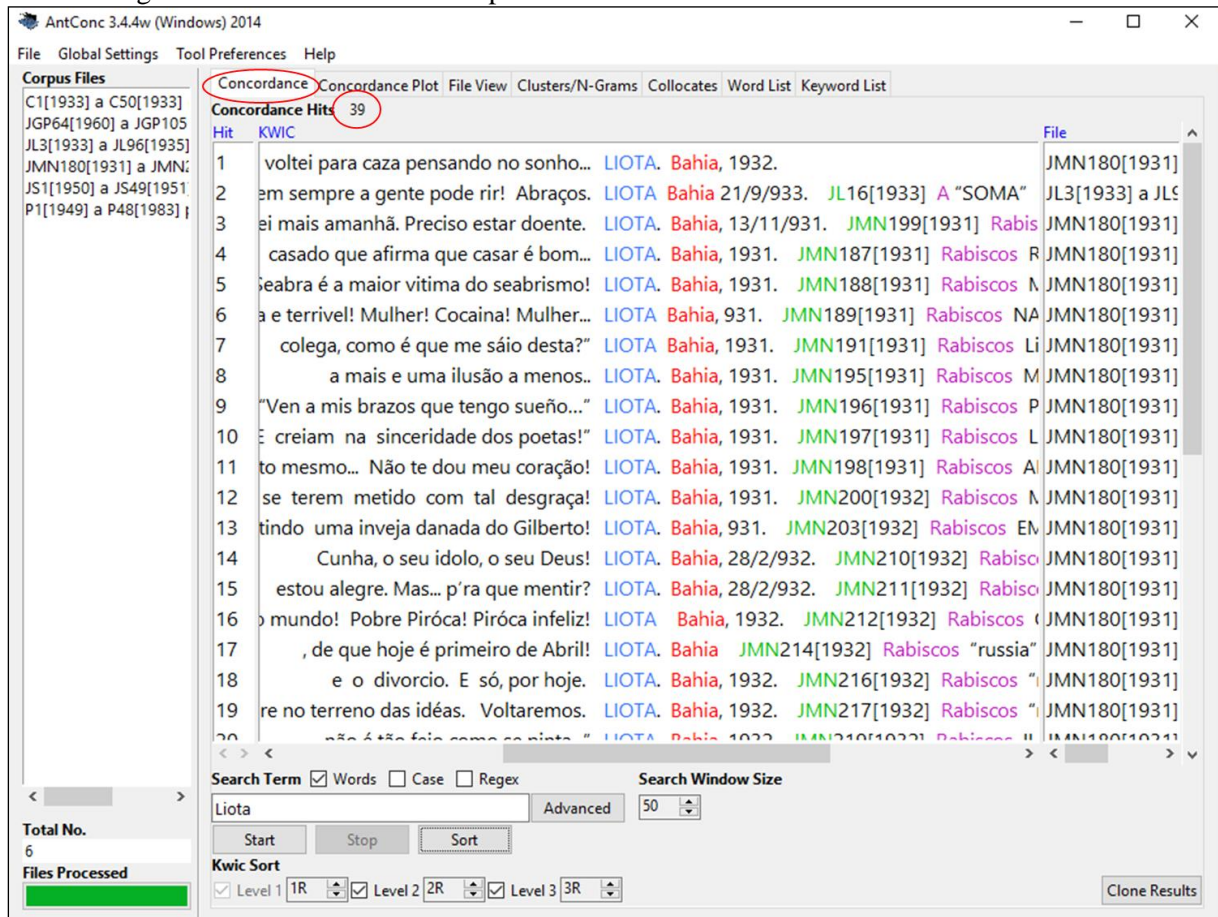
Figura 13 – Configuração do menu *Tool Preferences* do *AntConc*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, descrevem-se as principais ferramentas *Concordance*, *Concordance Plot*, *File View*, *Clusters/N-Grams*, *Collocates*, *Word List* e *Keyword List* e suas respectivas funções dentro do programa *AntConc*.

A primeira ferramenta do menu principal é *Concordance* – ela mostra os resultados da pesquisa em um formato ‘KWIC’ (*KeyWord In Context*), o que permite ver como palavras e frases são comumente usadas em um *corpus*. O resultado é apresentado em três colunas. Na primeira, quantificam-se as ocorrências, na segunda, têm-se as linhas de concordância com destaque para as *palavras-chave* no contexto, e na terceira, a identificação do arquivo em que se encontra. A título de exemplo, buscou-se no *corpus* de Eulálio Motta quantas vezes o escritor usou a forma <Liota> para se referir a si mesmo, como mostra a Figura 14:

Figura 14 – Resultado da busca por <Liota> na ferramenta *Concordance* do *AntConc*

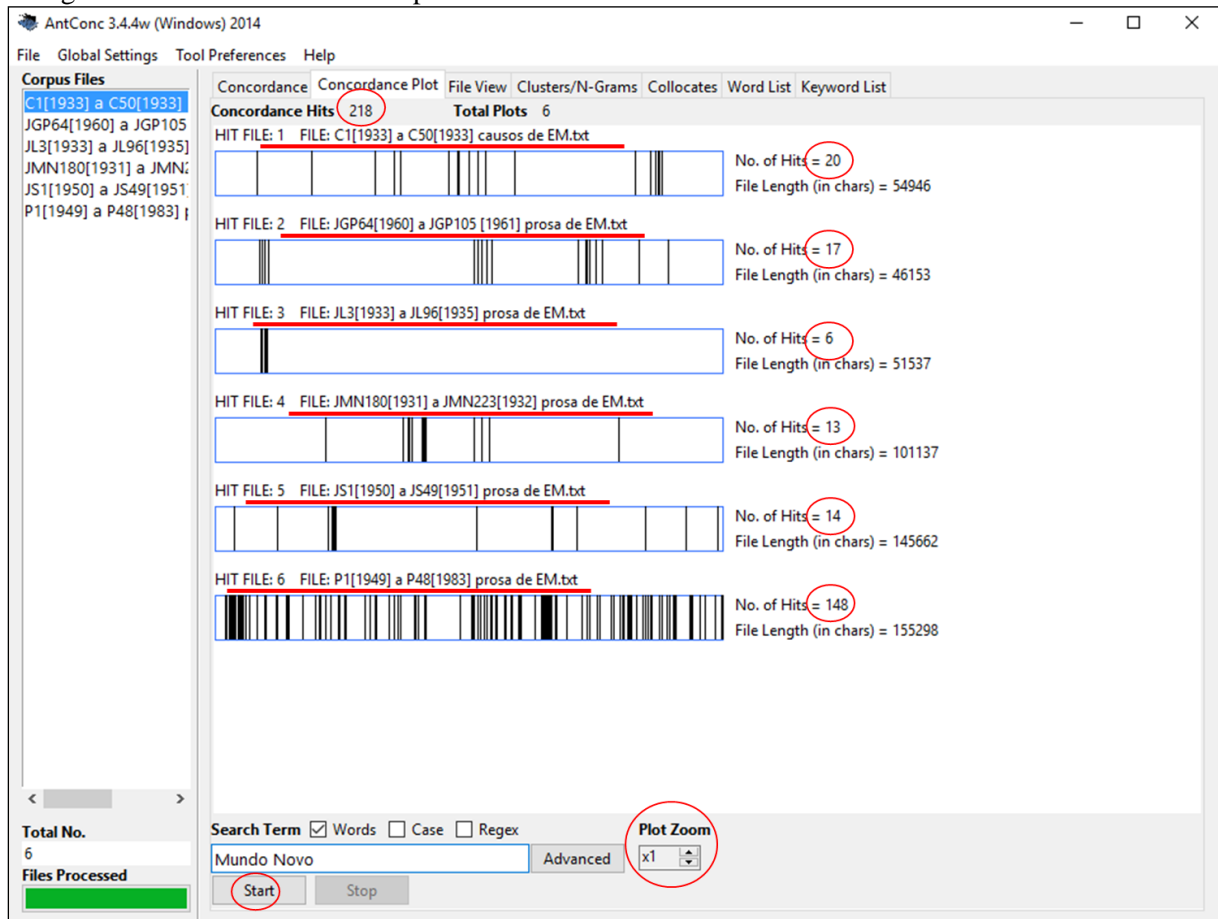


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Com a ferramenta *Concordance* foi possível localizar entre os 215 textos que compõe o *corpus* desta tese, 39 ocorrências de <Liota>, nos respectivos contextos, com a indicação da data e do código de identificação do arquivo. Com os resultados, foi possível inferir que Eulálio Motta assinou como Liota no período de 1931, 1932 e 1933, apenas nos jornais *Mundo Novo* e *O Lidador*. A ampliação total do contexto e o acesso ao texto completo podem ser feitos clicando sobre a palavra-chave desejada ou acionando o recurso *File View*.

*Concordance Plot* é uma ferramenta de plotografia de concordância, que possibilita visualizar os resultados da pesquisa em forma de gráfico, semelhante a um código de barras, que mostra a distribuição, no arquivo em questão, da palavra que se está analisando. Ela permite ver quais os arquivos incluem a palavra pesquisada e onde aparecem no texto. O número de ocorrências e o comprimento de cada texto é mostrado à direita do gráfico. Este, por sua vez, pode ser ampliado ou reduzido usando o botão *Plot Zoom*. Para exemplificar, buscou-se por <Mundo Novo> e o resultado apresentou ocorrências em todos os arquivos, como se vê na Figura 15:

Figura 15 – Resultado da busca por <Mundo Novo> na ferramenta *Concordance Plot* do *AntConc*

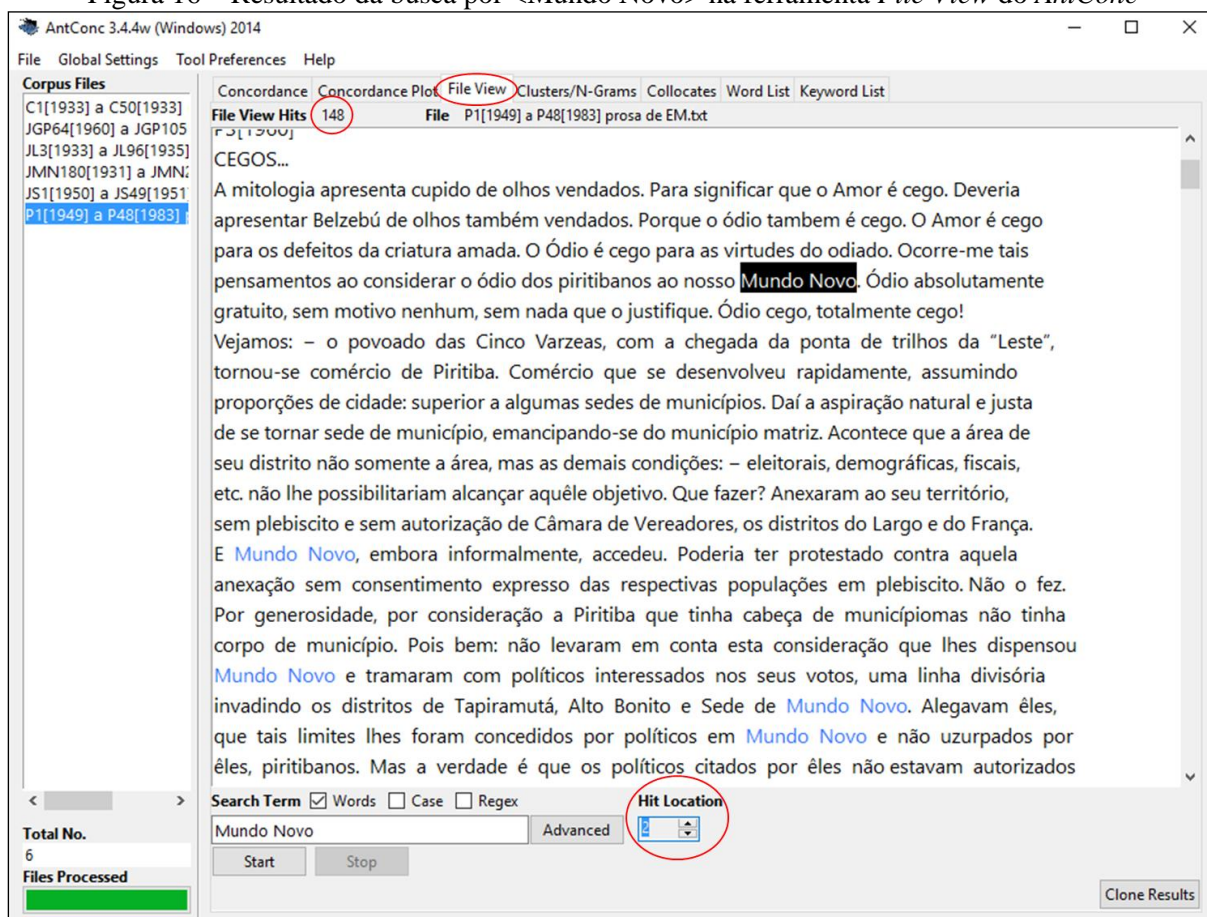


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Com a ferramenta *Concordance Plot*, identificaram-se 218 ocorrências, sendo 6 no jornal *O Lídador*, 13 no jornal *Mundo Novo*, 14 no jornal *O Serrinhense*, 17 no jornal *Gazeta do Povo*, no 20 nos causos e 148 nos panfletos. Ao clicar em cada linha do gráfico, o usuário é remetido ao contexto da ocorrência. Com o auxílio da função *Clusters/N-Grams*, que será explicada mais adiante, identificaram-se 2 ocorrências grafadas com hífen <Mundo-Novo> e uma com acento circunflexo <Mundo Nôvo>.

A função *File View* mostra o texto bruto de arquivos individuais. Isto permite investigar com mais detalhes os resultados gerados pelas ferramentas *Concordance* e *Concordance Plot*, pois as diferentes ocorrências ficam sinalizadas. Neste caso, se uma palavra tiver sido especificada, os resultados serão destacados em todo o texto. Também é permitido alterar a busca. Com o botão *Hit Location* é possível saltar pelas ocorrências sem precisar percorrer todo o arquivo. A Figura 16, exemplifica a busca por <Mundo Novo> no arquivo dos panfletos (P1[1949] a P48[1983]), nos quais registram-se 148 ocorrências:

Figura 16 – Resultado da busca por <Mundo Novo> na ferramenta *File View* do *AntConc*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A opção *Clusters/N-Grams* do modelo *AntConc* 3.4.4 acopla as funções *Clusters* e *N-Grams* das versões anteriores. Esta ferramenta gera uma lista com o resultado da pesquisa, conforme a ordem escolhida (alfabética, de frequência, de probabilidade ou de terminações). A ordem dessas listas também pode ser invertida, ativando a opção *Invert Order*. Além dessas possibilidades, *Clusters/N-Grams* agrupa os resultados gerados na *Concordance* ou *Concordance Plot* com as palavras mais próximas à esquerda (*On Left* – busca padrão do programa) ou à direita do termo de pesquisa (*On Right*), de acordo com a opção assinalada. Pode-se selecionar o comprimento mínimo e máximo (número de palavras) em cada *cluster* e a frequência mínima de *clusters* exibidos, o que possibilita localizar expressões comuns em todo o *corpus*. Este procedimento é bem proveitoso quando se trabalha com o levantamento de lexias compostas e complexas<sup>16</sup>.

Na Figura 17, realizou-se uma busca por <integralista>, utilizando a ferramenta *Clusters/N-Grams*, que gerou uma lista por ordem de frequência de 27 ocorrências, com a indicação das 4 palavras mais próximas à direita.

<sup>16</sup> Essa temática é discutida nas seções 4.5 *As lexias* e 4.6 *As unidades fraseológicas no corpus de Eulálio Motta*.

Figura 17 – Resultado da busca por <integralista> na ferramenta *Clusters/N-Grams* do *AntConc*

AntConc 3.4.4w (Windows) 2014

File Global Settings Tool Preferences Help

Corpus Files

C1[1933] a C50[1933]  
JGP64[1960] a JGP105  
JL3[1933] a JL96[1935]  
JMN180[1931] a JMN:  
JS1[1950] a JS49[1951]  
P1[1949] a P48[1983]

Concordance Concordance Plot File View **Clusters/N-Grams** Collocates Word List Keyword List

Total No. of Cluster Types 27 Total No. of Cluster Tokens 28

Rank	Freq	Range	Cluster
1	2	1	maçon pode ser integralista
2	1	1	ao comunismo! sou integralista
3	1	1	atenção, uma palestra integralista
4	1	1	com a filosofia integralista
5	1	1	como a ação integralista
6	1	1	comunista, sicrano é integralista
7	1	1	da vida. ação integralista
8	1	1	de se declarar integralista
9	1	1	digno da mocidade integralista
10	1	1	disse, um anti-integralista
11	1	1	dizemos: pode ser integralista
12	1	1	integralismo e ação integralista
13	1	1	livros de doutrina integralista
14	1	1	momento, a doutrina integralista
15	1	1	mota (da ação integralista
16	1	1	mota da ação integralista
17	1	1	não pode ser integralista
18	1	1	não me sabendo integralista

Search Term  Words  Case  Regex  N-Grams Cluster Size Min: 4 Max: 4

integralista Advanced Min. Freq. 1 Min. Range 1

Start Stop Sort

Total No. 6 Files Processed

Sort by  Invert Order Search Term Position  On Left  On Right

Sort by Freq  
Sort by Range  
Sort by Prob  
Sort by Word  
Sort by Word End

Clone Results

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Observa-se que a busca do *Search Term* foi feita por palavras, o que é o padrão. No entanto, é possível fazer por *sequência de caracteres* desativando a opção *Words*, ou por meio de uma busca *sensível a maiúsculas e minúsculas* ao ativar a opção *Case* ou usando expressões regulares cheias (com caracteres) ativando a opção *Regex*. Estas opções de filtro para a busca estão disponíveis em todas as opções do *AntConc*.

A próxima ferramenta é *Collocates*. Ela permite investigar padrões não sequenciais na língua. Sua função principal é gerar listas ordenadas das palavras próximas ao termo pesquisado, chamadas de colocados. Estes são ordenados pela frequência total, pela frequência à esquerda e à direita do termo de pesquisa e pelo início e final da palavra. Também apresentam uma média estatística, gerada automaticamente pelo programa, que mede o nível de relação entre o termo pesquisado e o colocado. Além disso, pode-se selecionar a extensão de palavras à esquerda e à direita do termo de pesquisa para localizar os colocados e a sua frequência mínima exibida. Se, por exemplo, for necessário um intervalo de apenas uma palavra para ver as quais aparecem diretamente à direita do termo de pesquisa, é



necessário marcar a opção *Same*, para manter o tamanho mínimo e máximo do intervalo. Nesta ferramenta, pesquisou-se pela variação <cuma> para ver as possíveis colocações que integra como base, o que se mostra nas Figuras 18 e 19.

Figura 18 – Resultado da busca por <cuma> na ferramenta *Collocates* do *AntConc*

The screenshot shows the AntConc interface with the 'Collocates' tab selected. The search term is 'cuma'. The results are displayed in a table with the following columns: Rank, Freq, Freq(L), Freq(R), Stat, and Collocate. The 'Collocate' column lists the words found: a, tá, e, o, não, é, dano, and assim. The 'Window Span' is set to 'Same' and the 'Min. Collocate Frequency' is set to 3. The 'Sort by' dropdown is set to 'Freq'.

Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	Stat	Collocate
1	9	6	3	4.73469	a
2	6	0	6	10.12264	tá
3	6	3	3	4.26703	e
4	4	0	4	3.53875	o
5	4	2	2	4.51004	não
6	3	1	2	4.35383	é
7	3	0	3	12.19303	dano
8	3	3	0	7.56076	assim

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Figura 19 – Resultado da busca por <cuma> na ferramenta *Concordance* do *AntConc*

The screenshot shows the AntConc interface with the 'Concordance' tab selected. The search term is 'cuma'. The results are displayed in a list of concordance hits. The 'Hit' column shows the text context, and the 'File' column shows the source file. The 'Kwic Sort' options are checked for Level 1, 2, and 3. The 'Search Window Size' is set to 50.

Hit	File
1 unhado, olha, quebra um carço "no dente" e pergunta ao vendedor: — "A cuma tá dan	C1[1933] a C5(
2 e pergunta ao dono das raspaduras: — A cuma é isto? E o dono, indignado e	C1[1933] a C5(
3 rapaz! Bote um punhado na boca, mastigue e oie pra mim! — A cuma tá dano	C1[1933] a C5(
4 a: — "Gente, o mundo começou foi assim. E perguntava: — "Cuma foi qui os fio de	C1[1933] a C5(
5 e os minio ia ajudando. Mais assim cuma tá, no ordenado puro e sêco, nan	JS1[1950] a JS-
6 aos distritos. Mas passada a eleição... "é cuma lá se diz: tampa a mala, Luís!"	P1[1949] a P4E

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Ao ativar a função *Concordance* visualizou-se o termo buscado nos respectivos contextos como base das colocações: "a cuma tá dano", "a cuma é isto", "cuma foi", "cuma

tá” e “cuma lá se diz”. Na coluna *File*, tem-se a identificação da localização no *corpus*. Neste caso, as ocorrências foram encontradas nos causos, no panfleto e no jornal *O Serrinhense*.

Por fim, as ferramentas *Word List* (lista de palavras) e *Keyword List* (listas de palavras-chave). A *Word List*, gera uma lista, ou em ordem alfabética ou por frequência, de todas as palavras que constam nos arquivos selecionados para a análise linguística. Assim, é possível encontrar rapidamente quais palavras são as mais frequentes e quais são as com menor ocorrência em um *corpus*, neste caso, deve-se assinalar a caixa *Invert Order*.

Figura 20 – Resultado da busca por critério de frequência com a ferramenta *Word List* do *AntConc*

AntConc 3.4.4w (Windows) 2014

File Global Settings Tool Preferences Help

Corpus Files

C1[1933] a C50[1933]  
JGP64[1960] a JGP105  
JL3[1933] a JL96[1935]  
JMN180[1931] a JMN:  
JS1[1950] a JS49[1951]  
P1[1949] a P48[1983] |

Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates **Word List** Keyword List

Word Types: 12861 Word Tokens: 85845 Search Hits: 0

Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
94	87	motta	
95	87	tal	
96	85	nunca	
97	83	contra	
98	83	tambem	
99	82	dizer	
100	82	outro	
101	80	até	
102	79	apenas	
103	79	qualquer	
104	79	tempo	
105	78	amigo	
106	78	estava	
107	77	casa	
108	77	revolução	
109	76	integralismo	
110	75	diz	
111	75	estão	
112	75	toda	

Search Term  Words  Case  Regex

Hit Location Search Only 0

Lemma List  Loaded

Start Stop Sort

Sort by  Invert Order

Sort by Freq

Sort by Word

Sort by Word End

Clone Results

Total No. 6

Files Processed

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A Figura 20, mostra a lista de palavras gerada pelo *AntConc*, que possui três colunas: 1) *Rank* – indica a classificação das palavras do *corpus* por ordem de frequência; 2) *Freq* – mostra a frequência com que cada palavra ocorre no *corpus*; e 3) *Word* – mostra cada palavra referente aos itens das duas colunas anteriores. A lista é organizada conforme o critério

escolhido dentre os três disponíveis: 1) *Sort by Freq* – é uma busca padrão do programa que gera uma lista de palavras por critério de frequência (cf. Figura 20); 2) *Sort by Word* – organiza as palavras por ordem alfabética; e 3) *Sort by Word End* – ordena as palavras segundo suas terminações (sílabas finais). Após selecionar a opção, é só clicar em *Start*.

Como o critério de frequência não será priorizado para eleger as entradas dos verbetes do *Vocabulário de Eulálio Motta*, adotou-se o critério *Sort by Word* para gerar uma lista de palavras em ordem alfabética (cf. Figura 21). A lista compreende 12.861 tipos de palavras, que abarcam as classes abertas (substantivos, verbos, adjetivos e advérbios) e as classes fechadas (artigos, pronomes, numerais, conjunções etc.), registradas no *corpus* analisado.

Figura 21 – Resultado da busca por ordem alfabética com a ferramenta *Word List* do *AntConc*

The screenshot shows the AntConc 3.4.4w (Windows) 2014 interface. The 'Word List' tab is selected, and the 'Word Types' field is circled in red, showing the value 12861. The 'Sort by' dropdown menu at the bottom is also circled in red and set to 'Sort by Word'. The main window displays a table of words sorted alphabetically, with columns for Rank, Freq, Word, and Lemma Word Form(s). The table lists words from 'ação' to 'bagulhos'.

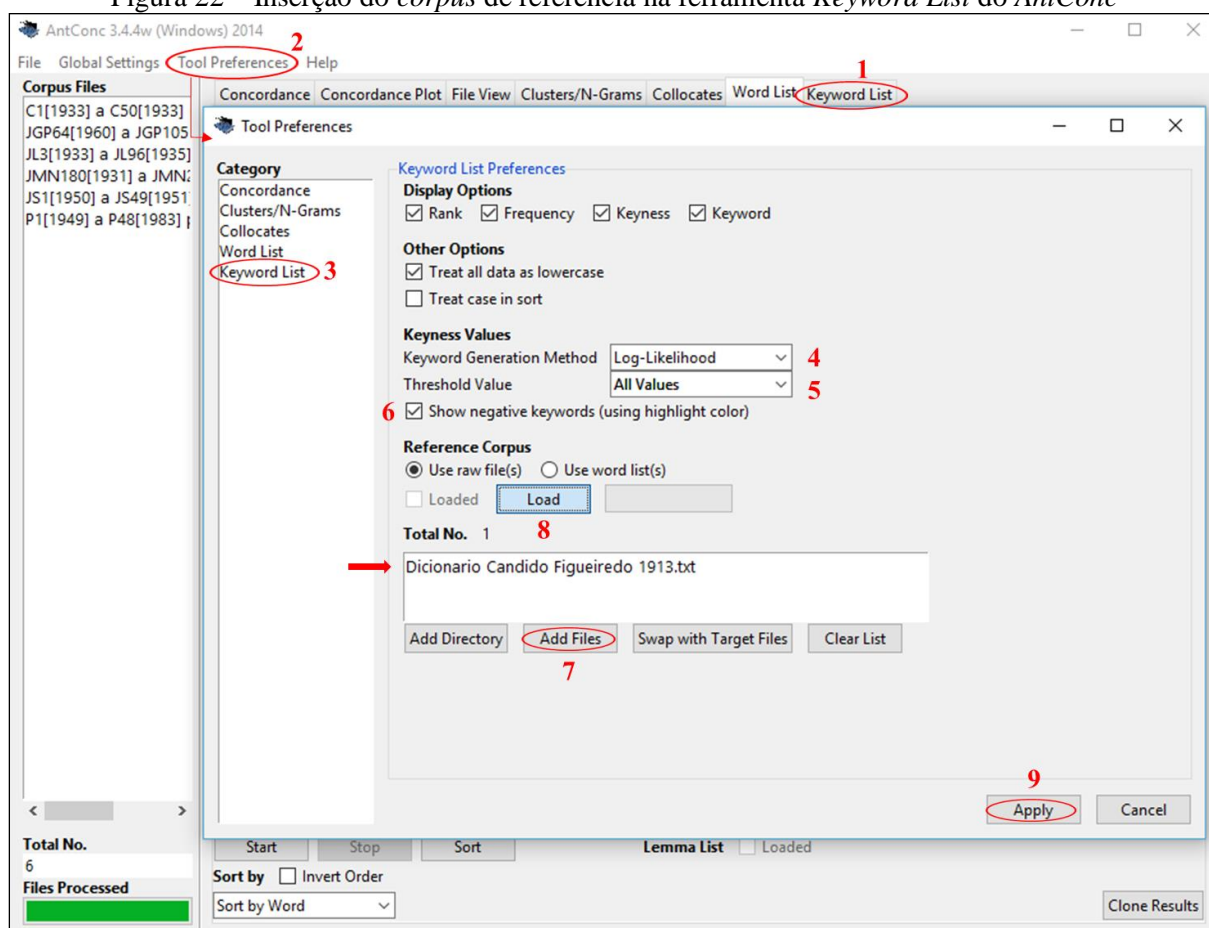
Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
1220	20	ação	
1221	4	ações	
1222	29	aí	
1223	17	b	
1224	9	ba	
1225	2	baba	
1226	1	babaram	
1227	4	baboseira	
1228	1	bacalhau	
1229	1	bacana	
1230	1	bacanissimo	
1231	1	bachareis	
1232	3	bacharel	
1233	2	bacharelendo	
1234	3	bacharellice	
1235	1	bacia	
1236	1	bacio	
1237	1	badalado	
1238	1	bagulhos	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A *Keyword List*, por sua vez, gera uma lista de palavras-chave, comparando a frequência das palavras raras do arquivo em análise com a frequência das palavras do *corpus* de referência, o que permite identificar palavras características no *corpus* de estudo como parte de um gênero ou de uma variedade linguística.

Para criar uma lista de palavras-chave, primeiro é preciso definir um *corpus* de referência. Optou-se pelo *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, por conta do período em que foi publicado (1913) e por estar disponível online no formato PDF<sup>17</sup>. Utilizou-se o programa *AntFileConverter* para converter o PDF em TXT (versão compatível com o *AntConc*). Na sequência, descreve-se o passo a passo para gerar uma lista de palavras-chave com o *Keyword List* do *AntConc*. Para inserção do *corpus* de referência, destaca-se, na Figura 22, a ordem das ações com a indicação numérica em vermelho.

Figura 22 – Inserção do *corpus* de referência na ferramenta *Keyword List* do *AntConc*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

O primeiro passo é acessar o menu *Keyword List* (1), em seguida, o *Tool Preferences* (2) e a opção *Keyword List* (3). É preciso configurar o método de geração de palavras-chave, ou seja, a medida estatística para calcular a *chavicidade* das palavras do arquivo de destino (4). A configuração padrão recomendada é *Log Likelihood* (log de probabilidade). Depois, escolhe-se um limite para exibição do número de palavras-chave (5) com opções de 100 a

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

1000, mas o ideal é *All Values* (todos os valores), pois, assim, abarcar todas as ocorrências. É possível escolher se se deseja ou não exibir as *palavras-chave negativas* (6), que são as palavras do arquivo em análise com uma frequência baixa em comparação com a frequência no *corpus* de referência. Neste caso, é interessante assinalar a opção, pois evidencia as marcas de uso no *corpus* de análise. Para adicionar o arquivo com o *corpus* de referência em TXT, seleciona-se a opção *Add Files* (7) e, em seguida, clica-se em *Load* (8) para carregar. Quando se conclui o carregamento do arquivo, clica-se em *Apply* (9) e o programa voltará para a tela inicial em *Keyword List*. Para que o programa processe a lista de palavras-chave do *corpus* em análise, é necessário configurar o campo *Sort by*. Dessa forma, ajusta-se a opção de organização da lista, que pode ser: por frequência, por chave, por ordem alfabética ou por palavra-chave final. Optou-se pela *Sort by Keyword*, que gera a lista de palavras-chave em ordem alfabética para confrontar com a *Word List* também gerada em ordem alfabética. Basta clicar em *Start* e automaticamente a lista é gerada, como demonstrado na Figura 23.

Figura 23 – Resultado da lista de palavras-chave gerada com a ferramenta *Keyword List* do *AntConc*

The screenshot shows the AntConc 3.4.4w (Windows) 2014 interface. The 'Keyword List' tab is selected, showing a table of results. The table has columns for Rank, Freq, Keyness, and Keyword. The results are sorted alphabetically by keyword. The 'Start' button is highlighted with a red circle, and the 'Sort by' dropdown is also highlighted with a red circle, showing 'Sort by Keyword' selected.

Rank	Freq	Keyness	Keyword
1	2638	6066.557	a
2	1	5.179	abacates
3	1	1.672	abafa
4	1	5.179	abaixadora
5	6	16.696	abaixo
6	1	2.562	abalada
7	1	1.672	abalados
8	2	10.358	abandonada
9	2	10.358	abandonadas
10	2	1.916	abandonado
11	1	5.179	abandonara
12	1	5.179	abandonaram
13	1	5.179	abandonem
14	3	5.732	abandono
15	3	11.194	abandonou
16	1	5.179	abate
17	1	5.179	abatedores
18	1	5.179	abatedôres
19	1	5.179	abelardo

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para salvar os resultados, basta acessar o menu *File*, conforme a Figura 10, e selecionar a opção *Save Output to Text File*, escolhendo-se o local de destino. Para realizar uma nova pesquisa, utilizando o mesmo *corpus*, limpam-se as informações anteriores, com a opção *Clear All Tools and Files* no menu *File*. Vale ressaltar que o programa não diferencia palavras empregadas com mais de um sentido, contabilizando apenas a forma gráfica.

As *palavras-chave negativas*, ou seja, as de baixa frequência, são exibidas na mesma lista, ao final, destacadas em azul. A contagem é reiniciada com elas. Assim, com o *corpus* de Eulálio Motta gerou-se uma lista de 12.861 palavras-chave mais 351 palavras de baixa frequência, como na Figura 24.

Figura 24 – Resultado da lista de palavras-chave de baixa frequência gerada com a ferramenta *Keyword List* do *AntConc*

Rank	Freq	Keyness	Keyword
333	1	0.003	praiais
334	1	0.003	prever
335	1	0.003	provavel
336	1	0.003	reforma
337	1	0.003	replicar
338	1	0.003	rosto
339	1	0.003	sensual
340	1	0.003	vagar
341	1	0.003	variantes
342	1	0.003	velhacaria
343	3	0.002	mis
344	4	0.001	ante
345	2	0.000	bofetada
346	2	0.000	cova
347	2	0.000	descompostura
348	3	0.000	dirigir
349	3	0.000	meter
350	2	0.000	pia
351	2	0.000	valente

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

O uso do *AntConc* mostra-se eficiente porque dimensiona o volume de dados do *corpus* em análise, observando-se as ocorrências e as variações de uso da língua. Ele permite explorar o *corpus* em sua totalidade de maneira rápida e eficiente, o que seria muito difícil manualmente. Os resultados obtidos com as listas de palavras são de extrema importância

para o próximo passo, que é gerar o *Vocabulário de Eulálio Motta*, pois subsidiarão a escolha das entradas que irão compor a microestrutura do vocabulário<sup>18</sup>.

Para a estruturação do vocabulário, utilizou-se a ferramenta *Fieldworks Language Explorer (FLEx)* que será descrita a seguir.

### 3.2.2 *Fieldworks Language Explorer (FLEx)* e a organização do corpus

O *FieldWorks Language Explorer (FLEx)* é um programa gratuito produzido pela SIL – Sociedade Internacional de Linguística. A SIL é uma organização científica sem fins lucrativos, que tem como objetivo principal estudar e documentar línguas minoritárias para traduzir a Bíblia. Para isto, ela desenvolve e disponibiliza diversos *softwares* que auxiliam nas atividades de pesquisa linguística e cultural, alfabetização e educação em língua materna, elaboração de dicionários, tradução comunitária e assistida por computador e produção de mídia vernácula. A SIL foi iniciada em 1934, nos Estados Unidos, como um treinamento para missionários. Atualmente, tem mais de 6.000 membros, em mais de 50 países, e possui *status* consultivo formal da UNESCO e das Nações Unidas<sup>19</sup>.

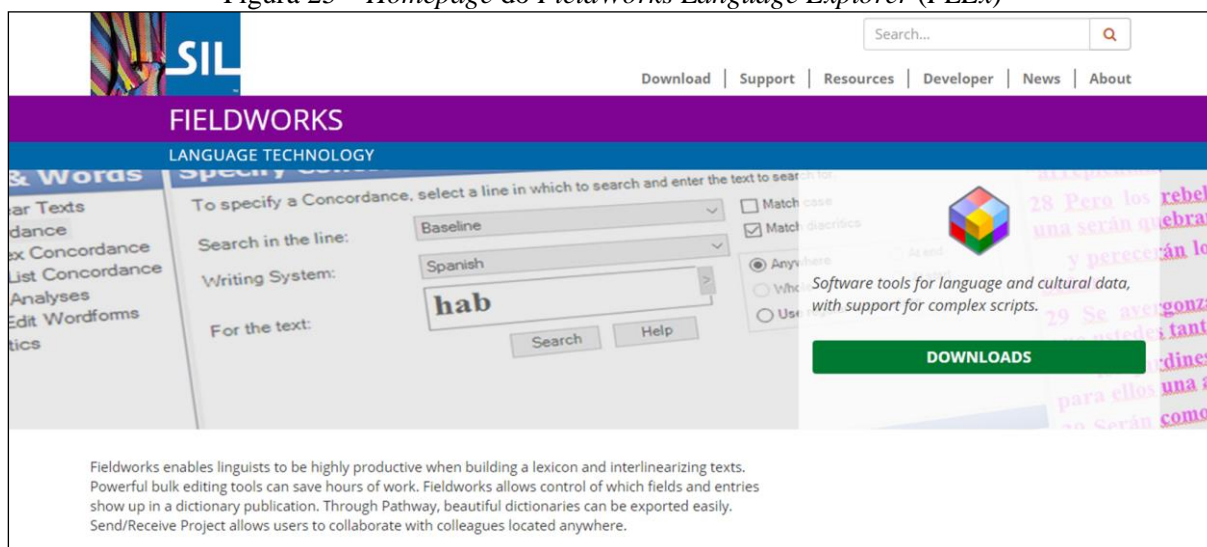
Entre os *softwares* disponibilizados pela SIL, o *FLEx*<sup>20</sup> (*homepage* ilustrada na Figura 25) se destaca por ser um banco de dados que foi projetado para auxiliar os linguistas de campo a executar muitas tarefas relacionadas à documentação e à análise da língua em um único programa, como: coletar e registrar informações lexicais, fonológicas, morfossintáticas e antropológicas, interlinearizar textos, criar e publicar dicionários.

Diante das suas possibilidades, o *FLEx* tornou-se útil para a lexicografia, pois ele se adequa às especificidades de cada trabalho, permitindo ao lexicógrafo realizar um banco de dados mais completo com as opções de inserir textos, sons e imagens, exportar os dados em PDF e disponibiliza-los online. A título de exemplo, destacam-se alguns trabalhos realizados no Brasil, que utilizaram esse programa, e foram consultados: *Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngue terena-português* (SILVA, 2013), *Dicionário bilíngue kaiwá-português* (BARROS, E., 2014), e *Vocabulário da construção civil: focalizando o universo terminológico da madeira* (OCAMPOS, 2016).

<sup>18</sup> A arquitetura do vocabulário é discutida na seção 4.2 *A organização do vocabulário*.

<sup>19</sup> Dados obtidos na *homepage* da SIL, disponível em: <<https://www.sil.org/about/discover>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

<sup>20</sup> Download disponível em: <<http://software.sil.org/fieldworks/download/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

Figura 25 – Homepage do *FieldWorks Language Explorer (FLEX)*

Fonte: SIL – *International Society of Linguistics*.

O *FLEX* é livre para usar, modificar e redistribuir, de acordo com os termos da licença pública geral – *GNU Lesser General Public License*<sup>21</sup>. Ele está sendo constantemente aprimorado. Em 2017, o *FLEX* foi atualizado nos meses de janeiro, março e abril. Esta atualização é feita automaticamente e o usuário não precisa fazer *backup*, desde a versão *FieldWorks 8*. No site *Github*<sup>22</sup>, é possível acompanhar como os desenvolvedores desse programa trabalham as suas versões. O *Github* é uma plataforma colaborativa de gerenciamento de hospedagem e criação de *softwares*, que permite aos usuários do mundo todo ter acesso, analisar e contribuir com o código das ferramentas. Assim, por meio da página do *FLEX* no *Github*, sugerem-se melhorias e correções, visto que a quantidade de contribuições é infinita.

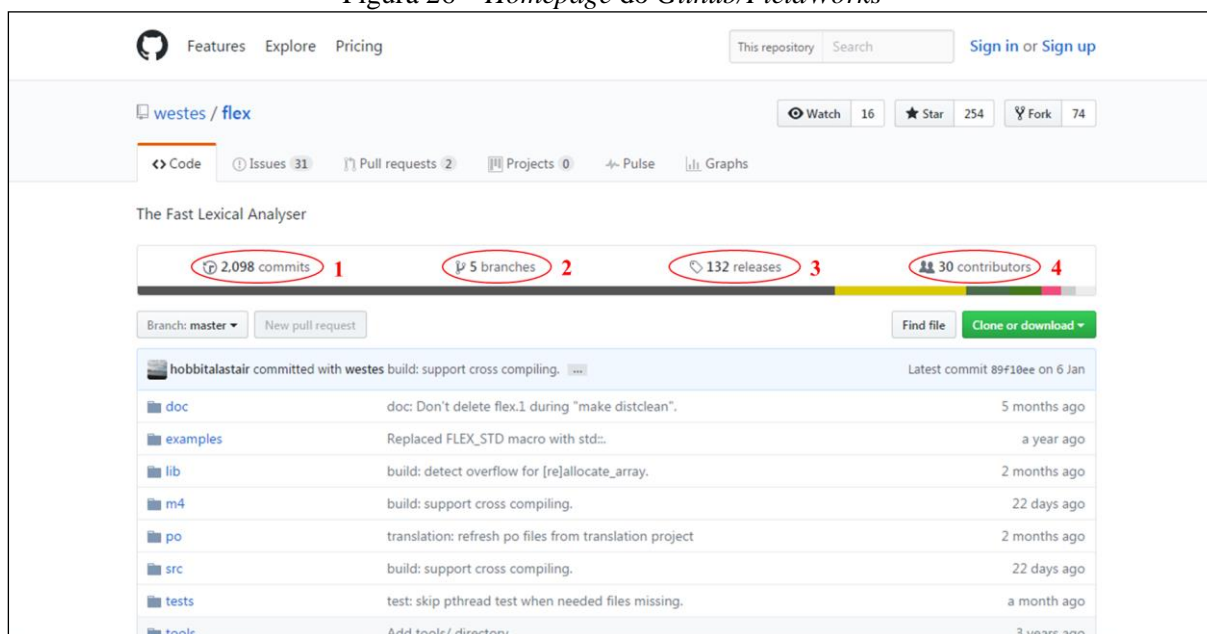
Com o objetivo de analisar a produtividade e a difusão dessa ferramenta, realizou-se uma consulta do *FLEX* no *Github*, como se vê na Figura 26, em março de 2017. Verificou-se no menu *Commits* (1), que foram enviadas e aprovadas 2.098 alterações desde a sua criação, sendo que, um mês depois, com a publicação da versão *FieldWorks 8.3.7 RC2*, esse número de participações já estava em 4.384. Essa dinâmica de uso é positiva, pois facilita que falhas sejam encontradas e corrigidas mais rapidamente, além de acréscimos de novas funcionalidades, fazendo com que o programa esteja em constante melhoria e atualização.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.gnu.org/licenses/lgpl-2.1.html>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://github.com/sillsdev/FieldWorks>>. Acesso em: 17 mar. 2017.



Figura 26 – Homepage do Github/FieldWorks



Fonte: Github.

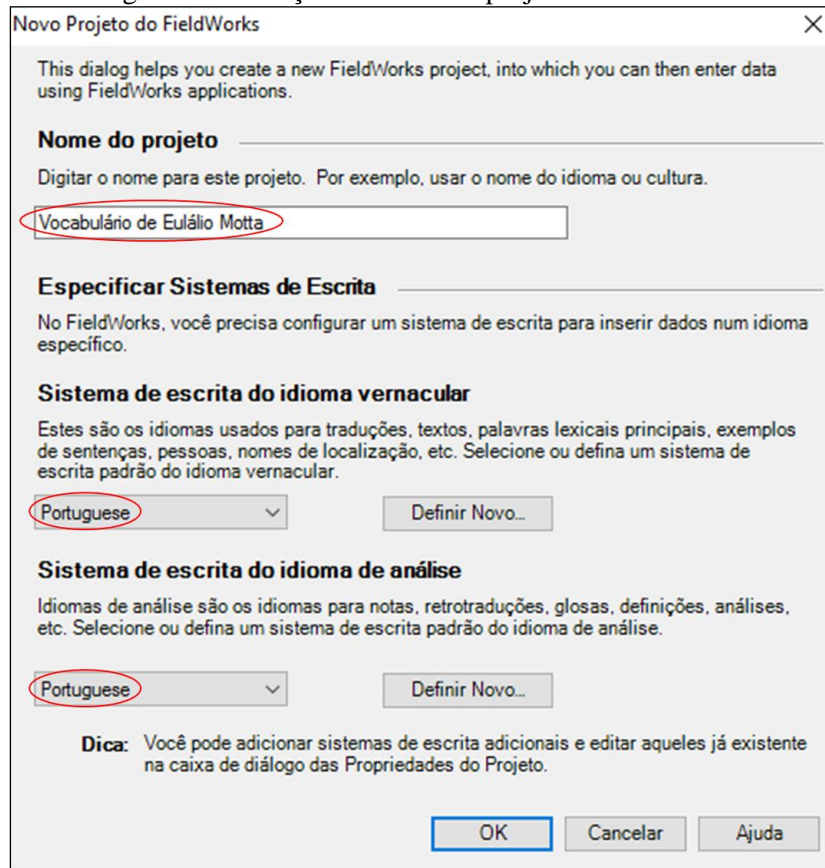
Ainda, na Figura 26, no menu principal do Github, em *branches* (2), encontram-se disponíveis as cinco árvores utilizadas na divisão do algoritmo da ferramenta. Em *releases* (3), estão 132 versões funcionais do sistema que foram liberadas e, até o momento, são 30 colaboradores (4) que cooperam com o código.

O *FLEX* permite que os usuários, com acesso ao mesmo projeto, colaborem com pesquisadores localizados em qualquer lugar, por meio de um processo de sincronização dos dados. Logo, várias pessoas podem participar do mesmo projeto, otimizando o tempo e aumentando a produtividade.

Por todas as possibilidades e vantagens destacadas, adotou-se a versão *FieldWorks 8.3.7 RC2*, atualizada em 6 de abril de 2017, para a realização do *Vocabulário de Eulálio Motta*. Vale ressaltar que este projeto foi cadastrado na plataforma da SIL e está registrado no repositório *Language Depot*<sup>23</sup>, para que seja possível futuramente sincronizar todos os dados gerados nesta tese e assim poder ampliar o *corpus* de análise e a equipe de trabalho.

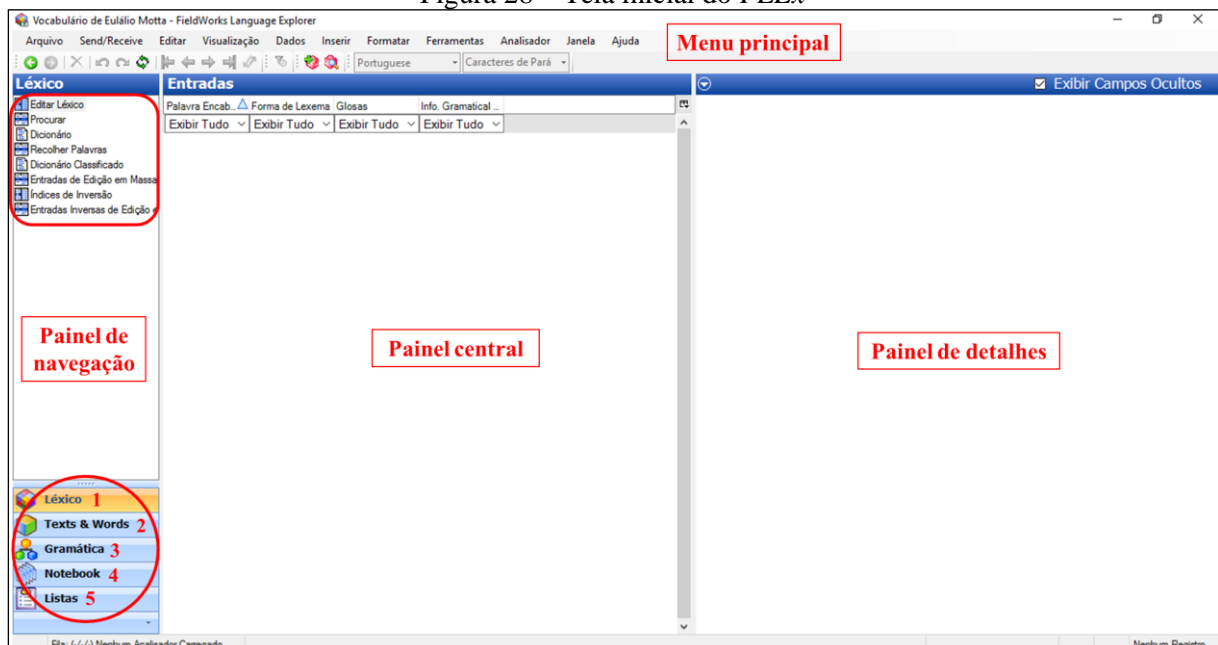
A seguir, descreve-se a estrutura e o funcionamento do programa, a fim de demonstrar a sua aplicação. Após o *download* do *FLEX*, o primeiro passo é a criação de um novo projeto na plataforma, como se vê na Figura 27.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://public.languagedepot.org/projects/show/br-por-flex?jump=my>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

Figura 27 – Criação de um novo projeto no *FieldWorks*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Depois da criação do projeto e a definição do sistema de escrita em português, o *FLEX* remete o usuário para a tela inicial, como se demonstra na Figura 28.

Figura 28 – Tela inicial do *FLEX*

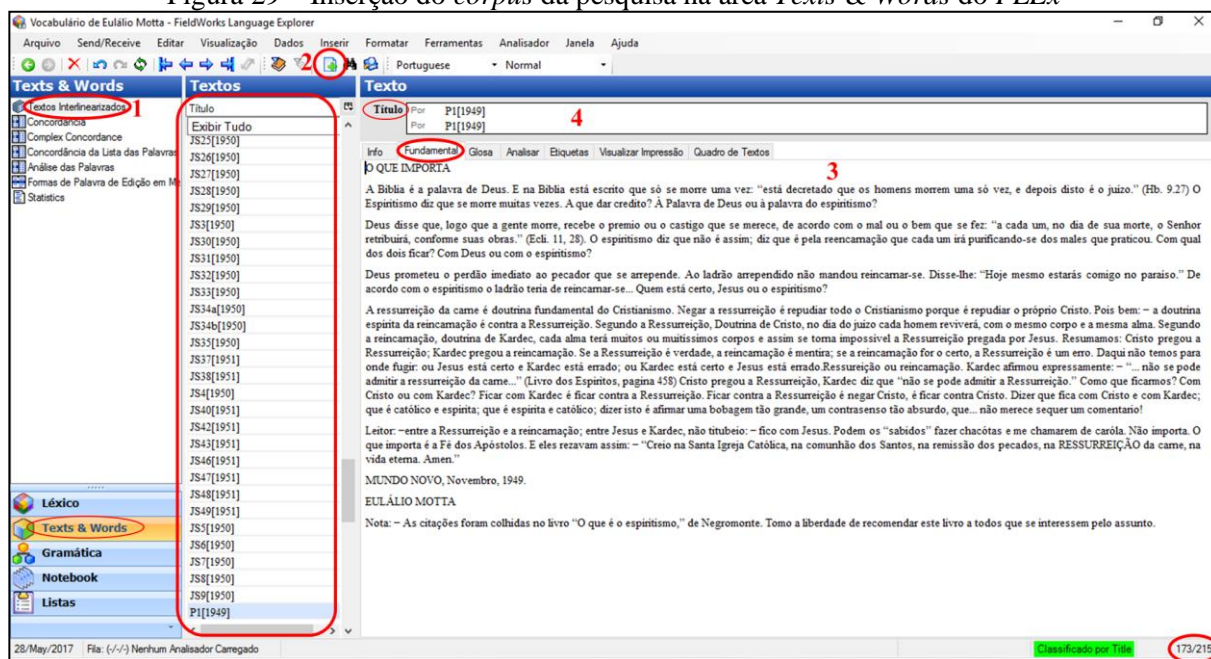
Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Além da barra do menu principal, que navega pelas funções mais gerais do *FLEX*, como abrir ou restaurar um projeto, a janela do programa é dividida em três painéis principais. À esquerda, o painel de navegação, apresenta uma lista, no canto inferior, com as cinco áreas de trabalho – *Léxico*, *Texts & Words*, *Gramática*, *Notebook* e *Listas*<sup>24</sup>. Cada uma tem as suas opções específicas, elencadas no canto superior. No centro, o painel central, e à direita, o painel de detalhes, ambos exibem o campo de edição da ferramenta selecionada à esquerda.

As cinco áreas de trabalho assinaladas na Figura 28 têm as seguintes finalidades: *Léxico* (1) é o espaço onde se constroem os verbetes. Possui campos pré-definidos, que podem ser visualizados ou ocultados de acordo com a configuração adotada. *Texts & Words* (2) é o local onde são armazenados todos os textos transcritos. *Gramática* (3) é o recurso que permite inserir a classificação gramatical das unidades lexicais armazenadas. *Notebook* (4) exhibe todos os dados antropológicos registrados, sendo possível acrescentar informações. Nas versões anteriores do *FLEX*, essa função era desenvolvida por outro programa. Por fim, *Listas* (5) permite a edição de opções de lista para determinados campos no banco de dados, gerada a partir dos dados inseridos durante a configuração do produto.

Para iniciar a construção do *Vocabulário de Eulálio de Motta* na plataforma do *FLEX* foi necessário inserir o *corpus* da pesquisa na área *Texts & Words*, como se mostra na Figura 29, na subseção *Textos Interlinearizados* (1), pelo atalho ou em *Inserir* no menu principal (2).

Figura 29 – Inserção do *corpus* da pesquisa na área *Texts & Words* do *FLEX*

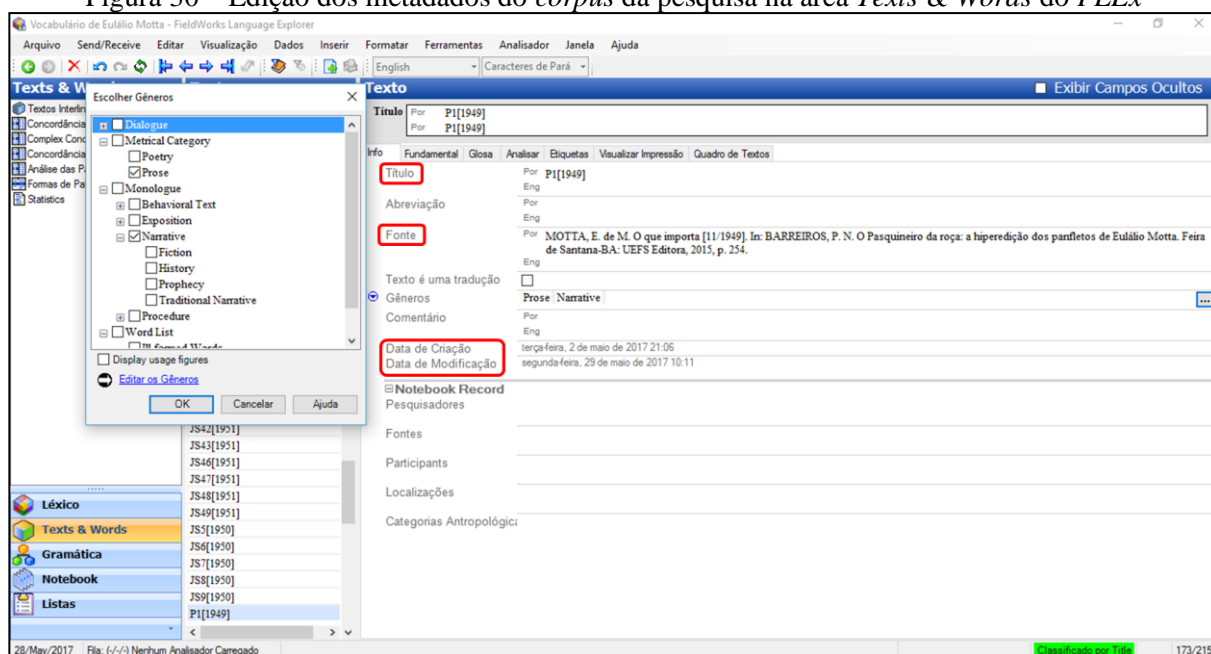


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

<sup>24</sup> O *FLEX* é originalmente em língua inglesa, por isso, quando se define o sistema de escrita em português, nem todos os campos são traduzidos.

Uma vez fixados na aba *Fundamental* (3), do terceiro painel, o *corpus* já está salvo. O título pode ser inserido na aba específica (4) ou em *Info*, onde se tem os campos para registrar todos os metadados do texto (fonte, gênero, comentários, participantes, localização e dados da coleta). A data de criação e de modificação dos dados são atualizadas automaticamente. Os metadados dos 215 textos que compõem o *corpus* desta tese foram editados individualmente, como se vê na Figura 30.

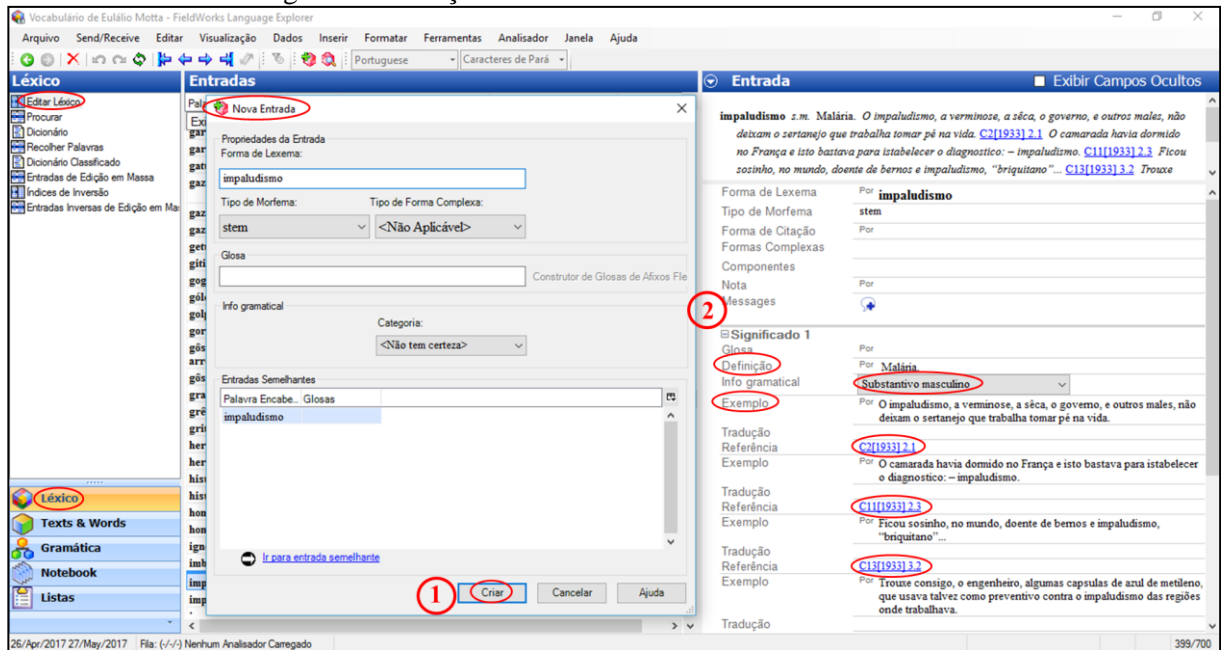
Figura 30 – Edição dos metadados do *corpus* da pesquisa na área *Texts & Words* do *FLEX*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Ainda nessa área de trabalho, *Texts & Words*, é possível editar, extrair a concordância da lista de palavras dos textos conforme sua ocorrência, fazer diversos tipos de buscas e ter acesso à estatística geral.

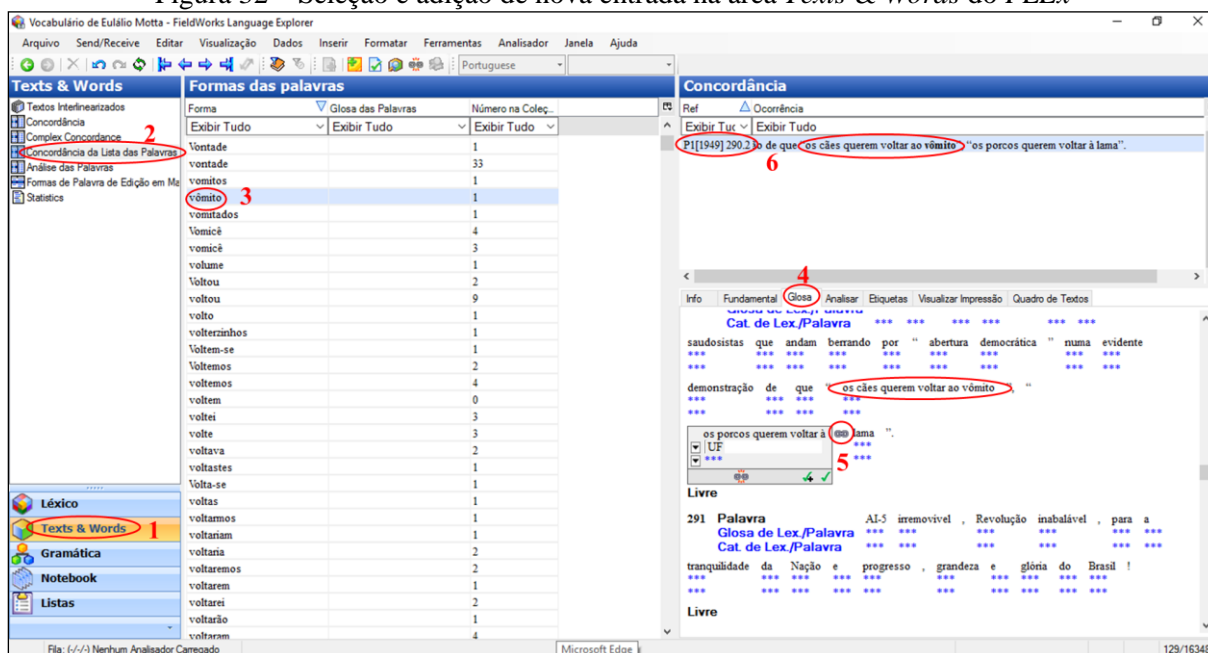
Após a inserção do *corpus*, iniciou-se a criação das entradas lexicais, as quais foram escolhidas a partir de uma pré-seleção da *Word List* gerada pelo *AntConc*. O *FLEX* possibilita adicionar entradas de quatro maneiras diferentes. Para a organização do *Vocabulário de Eulálio Motta*, elegeram-se duas opções que mais se adequaram à proposta desta tese em compor um vocabulário de lexias simples, compostas e complexas. A primeira forma de registro das entradas adotada foi pela área de trabalho *Léxico*, como se demonstra na Figura 31. *Editar léxico* é a principal ferramenta de edição do *FLEX*, pois permite registrar várias informações para cada entrada lexical.

Figura 31 – Adição de nova entrada na área *Léxico* do *FLEX*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Após adicionar a nova entrada no painel central, o programa abre uma tela no painel de detalhes, onde é possível inserir a definição, a classificação gramatical, as variantes (quando houver), as abonações, além de som e imagem para ilustrar a entrada lexical. A busca pelos exemplos no *corpus* pode ser feita automaticamente, sendo a referência gerada a partir do código do arquivo pré-estabelecido na edição dos metadados. Tudo é feito com a aprovação do usuário, sendo possível fazer alterações.

A segunda forma adotada para acrescentar as entradas ao *Vocabulário de Eulálio Motta* foi pela aba *Glosa* em *Texts & Words*, como se vê na Figura 32. Nela, o *corpus* é fragmentado e numerado por sentença, abrindo uma caixa de diálogo que permite definir todos os itens lexicais, juntamente com a classificação gramatical, e adicioná-las como entrada. Além disso, é possível incluir mais de uma acepção para a mesma entrada ou criar entradas diferentes para as palavras homógrafas.

Figura 32 – Seleção e adição de nova entrada na área *Texts & Words* do *FLEX*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

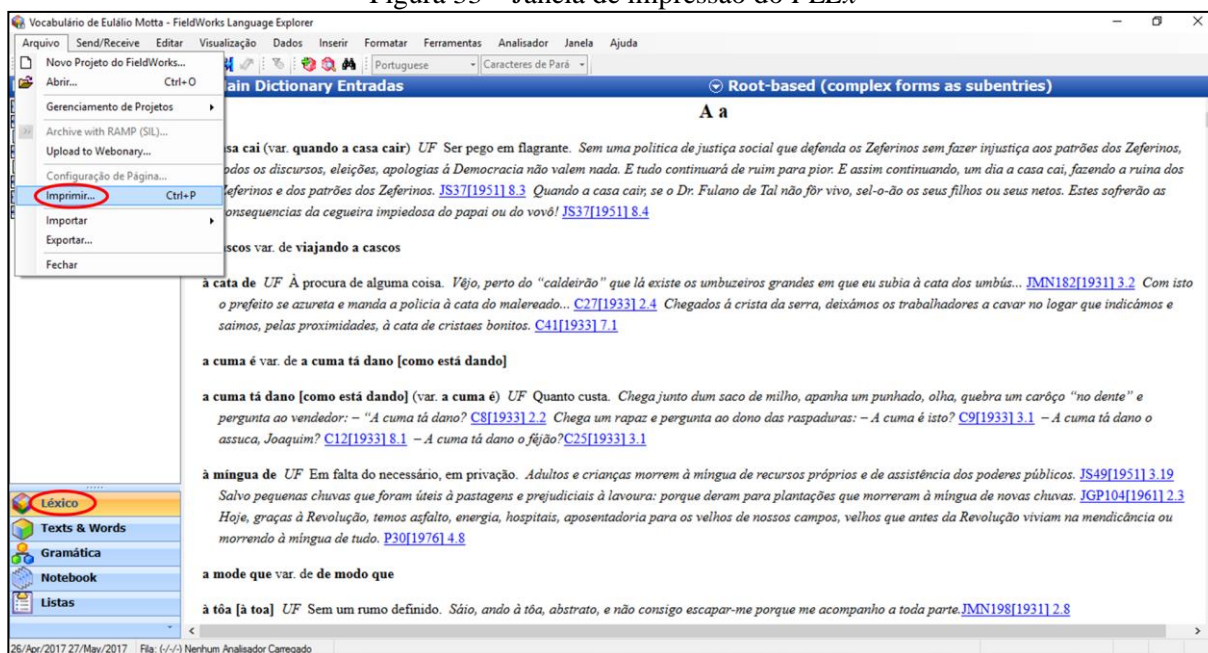
No painel central, visualizam-se todas as formas de palavras encontradas no *corpus* com o respectivo número de ocorrências. Além da praticidade em poder escolher o lema diretamente do texto, essa aba dispõe de um link que permite unir as palavras. Esta função é imprescindível para elencar as entradas de lexias compostas e complexas.

Na área *Gramática*, ajustou-se, de acordo com as demandas do *corpus*, o modelo de classificação proposto pelo programa. Nesse sentido, diferenciaram-se substantivos masculinos (s.m.) de femininos (s.f.) e os verbos transitivos (v.t.) dos intransitivos (v.i.). Acrescentaram-se também advérbios (adv.), adjetivos (adj.) e unidades fraseológicas (UF). Em *Listas*, traduziu-se a classificação dos tipos de variantes para que pudessem ser registradas no vocabulário.

Finalizada a edição das entradas do vocabulário, a visualização do trabalho fica disponível na área *Léxico*, na aba *Dicionário* (cf. Figura 33). Em *Ferramentas*, no menu principal, o usuário pode configurar o que e como será exibido.

O *FLEX* organiza o trabalho lexicográfico em formato PDF e possibilita a impressão. Basta acessar a opção *Imprimir* na aba *Arquivo*, como se observa na Figura 33:

Figura 33 – Janela de impressão do FLEx



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

É possível, também, exportar o trabalho final para outros programas que fazem a edição em formato de dicionário e possibilitam disponibilizar online. Para *O vocabulário de Eulálio Motta*, optou-se por exportá-lo para o programa *Pathway*<sup>25</sup>, que é integrado a interface do *SIL FieldWorks*. O *Pathway* gera o arquivo editável e transfere para o *LibreOffice Writer*, onde é possível alterar a formatação do estilo de dicionário padrão.

Na quinta seção desta tese, apresenta-se *O vocabulário de Eulálio Motta*, composto por 700 entradas, como resultado alcançado a partir da utilização dos programas.

<sup>25</sup> *Pathway* disponível em: <<http://pathway.sil.org/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

#### 4 O ESTUDO DO VOCABULÁRIO NUMA PERSPECTIVA SEMASIOLOGICA

O léxico é, comumente, entendido como “o conjunto das palavras de uma língua” (REY-DEBOVE, 1984, p. 50). Essa definição tradicional de léxico não reflete a sua complexidade, pois o léxico constitui um amplo universo conceitual, devido à capacidade do falante de usar, de criar e de renovar a sua língua. Embora existam várias definições de léxico, visto que cada autor o concebe de uma maneira, deve-se levar em consideração a língua à qual se refere e as especificidades de cada definição. Werner (1982a), por exemplo, destaca que existem pontos em comum entre as diversas definições existentes, uma vez que sempre se define o léxico como “un conjunto de significantes verbales o de signos (en la concepción bilateral de signo) [...] que pueden servir de partes componentes de proposiciones y textos”<sup>26</sup> (WERNER, 1982a, p. 91). Neste trabalho, adota-se um conceito mais abrangente, por entender que a língua é um produto sociocultural, portanto o léxico “inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado” (BIDERMAN, 1981, p. 138).

As pesquisas voltadas para o estudo do léxico são importantes fontes de conhecimento sobre a formação de uma língua, pois dialogam com a realidade social, histórica e cultural de seus falantes. Além disso, permitem identificar aspectos da renovação lexical e da diversidade linguística, que são inerentes ao processo de atualização da língua. Isto ocorre porque o léxico armazena e acumula as mudanças sociais e culturais representativas de uma sociedade.

De acordo com Biderman (1978), “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 1978, p. 139). São os falantes que criam e conservam o vocabulário de sua língua, funcionando como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico. Nesse processo, o léxico se expande, principalmente quando uma comunidade de falantes entra em contato com outras, se modifica e, às vezes, pode ficar em desuso e desaparece. Também é possível que ressurja com novas conotações.

Essa conjuntura complexa e heterogênea permite analisar o léxico em diferentes perspectivas teóricas, tendo como fonte de dados, geralmente, os textos escritos, sejam eles históricos, literários ou apenas registros de relatos orais. Contudo, para o bom êxito da pesquisa, no âmbito da lexicografia, é necessário que se esteja atento à procedência da fonte

---

<sup>26</sup> Traduzindo: “um conjunto de significantes verbais ou de signos (na concepção bilateral de signo) [...] que podem servir como partes componentes de proposições e textos”.



de consulta, porque um *corpus* produzido no século XVIII não tem a mesma facilidade de acesso e de entendimento que um *corpus* do século XXI. Nesse sentido, o trabalho filológico de edição de textos é uma excelente contribuição aos estudos lexicológicos, pois prepara com critérios científicos fontes fidedignas de pesquisas.

Para Saussure (2006 [1916], p. 7), “a língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.”. Isso implica dizer que, na tarefa de investigar o significado do texto, o filólogo deve levar em consideração a língua utilizada e o contexto sócio-histórico-cultural que nele se configura. Auerbach (1972 [1948], p. 11), por sua vez, afirma que “a Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem”. Para o autor, a edição crítica de textos é uma das formas mais antigas e mais nobres da Filologia, que surgiu da necessidade de se constituírem textos autênticos e do desejo de se preservar o patrimônio escritural dos estragos do tempo e da ação do homem. Desse modo, a edição cumpre a função primordial de preservar o documento, ao mesmo tempo que o torna acessível a grande número de leitores, favorecendo a realização de estudos diversos.

A atividade filológica de edição exige conhecimentos de outras áreas para viabilizar a leitura dos textos e favorecer a sua transcrição. As ciências do léxico, por exemplo, aliam-se à Filologia para o estudo da língua, da cultura e da história de um povo. Segundo Telles (2009), o método filológico apoia a análise linguística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos linguísticos do texto estabelecido permitem – e têm sempre permitido – estudar a língua aí documentada (TELLES, 2009, p. 258), pois o léxico é “o primeiro elemento linguístico com que se depara o filólogo ao tentar ler e transcrever um texto manuscrito” (TELLES, 2012, p. 137). Esta relação intrínseca entre os estudos do léxico e a Filologia é bem antiga, pois as listas de palavras, glossários e vocabulários foram instrumentos utilizados pelos filólogos para interpretar textos antigos.

A tradição de colecionar e organizar palavras em forma de listas reporta ao tempo dos Acádios, habitantes da região central da Mesopotâmia, no século VII a.C. Segundo Welker (2004), “[...] eles classificavam as palavras de sua língua em grupos de vocábulos e de expressões ligados uns aos outros pelo sentido [...] as listas de palavras ficaram cada vez mais complexas e tomaram uma forma definitiva por volta do final do século XII” (WELKER, 2004, p. 62). A título de exemplo, pode-se citar as tábuas sumérias, que apresentavam traduções da língua acadiana para a língua suméria, assim como os dicionários bilíngues atuais. Conforme Rey (1970, p. 19): “L’Inde, la civilisation arabe, les Grecs, les Romains, le

moyen âge occidental connaissent plusieurs formes de listes lexicales”<sup>27</sup>. Entretanto, alguns autores não consideram esses trabalhos iniciais como sendo de cunho lexicográfico. Biderman (1984a), por exemplo, afirma que:

A antigüidade não produziu obras lexicográficas no sentido que hoje damos a esse termo. Os únicos trabalhos de cunho vagamente lexicográfico daquelas eras são os glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o *Appendix Probi*<sup>28</sup>. Esses precursores do moderno lexicógrafo eram, na verdade, filólogos ou gramáticos, preocupados com a compreensão de textos literários anteriores, ou com a correção de “erros” lingüísticos. Os filólogos alexandrinos, p.ex., buscaram elaborar léxicos e glossários sobre os textos homéricos para a sua melhor compreensão (BIDERMAN, 1984a, p. 1).

Haensch (1982a) também ressalta que os termos ‘dicionário’, ‘glossário’ ‘vocabulário’ etc., de uso corrente na atualidade, tinham um significado diferente na Antiguidade, porém afirma que, antes dos gregos e romanos, os sábios da Índia se ocuparam da lexicografia em sentido amplo. Segundo o autor, “la lexicografía lingüística nace, pues, debido a la necesidad de explicar el significado de las palabras”<sup>29</sup> (HAENSCH, 1982a, p. 105).

Esta relação de proximidade entre os estudos do léxico e a Filologia é um terreno fértil para as pesquisas em ambas as áreas. Por um lado, os estudos do léxico favorecem a Filologia, ao possibilitar com rigor científico uma “primeira via de acesso a um texto” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7), visto que o léxico é “a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística” (VILELA, 1995, p. 13). Por outro, os textos oriundos de edições são fontes seguras para as investigações sobre o léxico, por constituírem-se como textos cientificamente tratados, que além de fornecerem os dados lingüísticos, são enriquecidos, muitas vezes, com informações contextuais e paratextuais, necessárias à investigação lexical no seu mais amplo sentido.

O estudo lexical de 215 textos em prosa que se propõe nesta tese de doutorado, só é possível porque a documentação do escritor Eulálio Motta foi organizada e acolhida como objeto de pesquisa filológica. O trabalho de edição realizado com o acervo tem possibilitado a publicação de textos inéditos, como *Bahia Humorística*, e de textos éditos, mas que estavam fora de circulação como os panfletos e as publicações nos jornais, por exemplo. A pesquisa

<sup>27</sup> Traduzindo: “A Índia, a civilização árabe, os gregos, os romanos e a Idade Média ocidental conhecem várias formas de listas lexicais”.

<sup>28</sup> Lista de 227 palavras, datada do século IV a.C, de autor desconhecido, na qual se compilam os erros mais frequentes na fala latina da época, opondo-os às formas corretas do latim clássico.

<sup>29</sup> Traduzindo: “a lexicografia lingüística nasce, pois, devido à necessidade de explicar o significado das palavras”.

lexicológica em torno do acervo do escritor permite compreender como a sociedade constrói e transmite os significados que atribuem às palavras e às coisas, tendo em vista que a aparente naturalidade do uso cotidiano da palavra camufla a complexidade e o potencial da língua.

Esta abordagem de estudo do léxico, que se caracteriza pela valorização da realidade social de uma dada comunidade, foi defendida por Matoré (1953) como lexicologia social. Segundo ele, “pourrons-nous définir la lexicologie comme une discipline sociologique utilisant le matériel linguistique que sont les mots”<sup>30</sup> (MATORÉ, 1953, p. 50). O caráter social das palavras está no cerne da proposta de Matoré, que as considera como o reflexo de um estado da sociedade:

[...] constatant l'impossibilité de dissocier dans le langage la forme du contenu, la lexicologie se fondera non pas sur des formes isolées, mais sur des ensembles de notions, la structure et les relations étant expliquées par les faits sociaux, dont les faits de vocabulaire sont à la fois le reflet et la condition<sup>31</sup> (MATORÉ, 1953, p. 94).

Desse modo, é natural que se busque no vocabulário os meios para se compreender uma sociedade, pois a palavra, seja abstrata ou concreta, terá sempre um valor social. Acredita-se que é no léxico, o elemento da língua de maior efeito extralinguístico, que se pode ver refletidos os aspectos do mundo sociocultural de uma determinada comunidade linguística, a forma como concebe seu mundo, sua realidade, suas crenças numa dada época, num dado lugar.

Não é possível dissociar a experiência linguística do meio no qual o homem está inserido. Contudo, o conhecimento lexical adquirido difere de indivíduo para indivíduo e dependerá de sua apropriação dos estímulos a que foi exposto, assim como do exercício contínuo do ouvir, ler, falar e escrever, pois “toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico” (ARAGÃO, 2013, p. 98). Ele representa o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação de saberes e do saber fazer (BARBOSA, 2010, p. 70). Portanto, o estudo do léxico é amplo e envereda pela história, hábitos e costumes de um povo, visto que as relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade são inseparáveis e estão intimamente relacionados ao fenômeno da comunicação.

---

<sup>30</sup> Traduzindo: “podemos definir a lexicologia como uma disciplina sociológica utilizando o material linguístico que são as palavras”.

<sup>31</sup> Traduzindo: “[...] constatando a impossibilidade de dissociar na linguagem a forma do conteúdo, a lexicologia se fundamentará não sobre formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções, a estrutura e as relações sendo explicadas pelos fatos sociais, dos quais os fatos do vocabulário são ao mesmo tempo o reflexo e a condição”.

#### 4.1 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA

A lexicologia, a lexicografia e a terminologia têm contribuído expressivamente para o “processamento da informação linguística, da construção e reelaboração das metalinguagens e terminologias técnico-científicas, da disseminação da informação técnico-científica, dentre outros domínios” (BARBOSA, 1995a, p. 53). Embora as fronteiras entre essas áreas sejam tênues, a interação científica com outros campos do saber, como Tradução, Linguística da Enunciação, Gramática, Literatura etc., tem favorecido a criação de novas interfaces, com objetos de estudo variados: topônimos, neologismos, sintagmas lexicais, relações de significação, vocabulários temáticos ou de áreas de especialidade, fraseologias e outros aspectos da língua portuguesa, das línguas estrangeiras e das línguas indígenas, sob perspectivas de análise também múltiplas: monolíngue, bilíngue, sincrônica ou diacrônica.

Embora complementares entre si, a lexicologia, a lexicografia e a terminologia têm objetivos, metodologia e pressupostos teóricos distintos. A lexicologia, “ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico”; a lexicografia “está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas”; e a terminologia “tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7-8). Todas as abordagens contribuem para o conhecimento linguístico e das práticas sociais que envolvem os usos da língua.

A lexicologia “propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança” (ANDRADE, 1998, p. 189). O lexicólogo, de posse de um texto confiável, pode empreender diversos tipos de análise, entre elas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas de tais unidades, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias; examiná-las em sua carga ideológica, força persuasiva, natureza modelizante; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a atuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes (BARBOSA, 1990, p. 153). Assim, a lexicologia “se

ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo” (WERNER, 1982a, p. 92-93)<sup>32</sup>.

A lexicografia, por sua vez, ao ocupar-se da palavra – também seu objeto – desempenha as seguintes tarefas: compilar, classificar, analisar e processar a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres (BARBOSA, 1990, p. 154). Nesse sentido, ela pode ser vista sob duplo aspecto: a lexicografia prática, que se refere à prática de produzir dicionários, e a lexicografia teórica, que promove o desenvolvimento de teorias acerca da elaboração de dicionários, também conhecida como metalexicografia. Borba (2003) afirma que:

[...] (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes (BORBA, 2003, p. 15).

O trabalho realizado pela lexicografia contribui para uma visão mais abrangente da língua, pois indica as formas socialmente aceitas, bem como seus usos e possibilidades, agregando uma função tanto normativa quanto legitimadora. A lexicografia histórica tem uma preocupação com suas fontes, visto que o levantamento de dados corretos garante a fidedignidade de suas informações, tanto gráficas para estágios mais antigos da língua, quanto na identificação dos sentidos e na individualização dos contextos. Esse cuidado é de extrema importância, pois “as obras dicionarísticas desempenham o papel de legitimar a língua, e, como tal, convertem-se em importante testemunho da constituição histórica do léxico, bem como da identidade linguístico-cultural das sociedades” (KRIEGER, 2010, p. 136). Dada a natureza dinâmica do léxico, esta descrição não é completa, pois uma vez impresso, outras formas surgem, caem em desuso ou se ressemantizam.

Além disso, o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita. Só circunstancialmente registra os padrões subcultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, populares, gíriáticos. Dessa forma o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade (BIDERMAN, 2003, p. 54).

---

<sup>32</sup> Traduzindo: “se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo”.

Acredita-se que a lexicografia não prescindia da lexicologia, até mesmo porque ela “não é área de aplicação direta de teorias linguísticas” (KRIEGER, 2010, p. 137). Contudo, a lexicologia estuda e descreve as unidades lexicais de uma língua, ao passo que a lexicografia compila e organiza sistematicamente as unidades léxicas em um dicionário. De acordo com Werner (1982a):

Es obvio que no se puede concebir una lexicología que no tenga en cuenta datos lexicográficos; pero también es verdad que las tareas de la lexicografía son tanto más fáciles de cumplir si se tiene en cuenta, para ello, la totalidad del sistema lingüístico individual o colectivo, es decir, si se tienen también en cuenta los enfoques lexicológicos<sup>33</sup> (WERNER, 1982a, p. 93).

Nota-se que os estudos lexicológicos se associam aos estudos lexicográficos, uma vez que abrangem domínios como a etimologia, a formação, a criação e a importação de palavras, servindo de base para a lexicografia, que está voltada para o registro do léxico. Essa interseção entre as duas áreas, favorece na elaboração dos dicionários, que têm uma função metalinguística e tentam espelhar, descrever e conservar uma determinada língua. Segundo Casares (1992 [1950], p. 11), “no se concibe un buen lexicógrafo que no esté suficientemente versado en la lexicología de su tiempo, para poder aprovechar sus enseñanzas”<sup>34</sup>.

O bom lexicógrafo concilia o pesquisador ao técnico, atrelando os princípios gerais, formulados pela teoria, com a prática, para então compilar o repertório lexical de uma língua. Para Barbosa (1980, p. 263), se a lexicologia for considerada como ciência e a lexicografia como tecnologia, compreende-se, sem dificuldade, que as suas atividades sejam complementares, muito embora cada qual dê tratamento específico ao léxico. Como acontece em outros campos do conhecimento, é difícil estabelecer uma fronteira nítida entre a *praxis* da investigação científica – fazer saber – e a *praxis* tecnológica – saber fazer. Contudo, deve-se considerar que a prática do lexicógrafo não é mecanicista, pois está relacionada com decisões teóricas e metodológicas, que revelam seu posicionamento crítico e sua competência linguística, desde a seleção do *corpus* até a redação final dos verbetes.

Outra área de estudo do léxico que tem uma estreita relação com a lexicografia e, conseqüentemente, com a lexicologia é a terminologia. Dedicada à linguagem especializada, a terminologia trabalha com as palavras e com os conceitos inerentes aos fenômenos da

---

<sup>33</sup> Traduzindo: “É óbvio que não se pode conceber uma lexicologia que não leve em conta dados lexicográficos; mas também é verdade que as tarefas da lexicografia são tanto mais fáceis de cumprir, se se leva em conta, para isto, a totalidade do sistema linguístico individual ou coletivo, ou seja, se se leva também em conta os enfoques lexicográficos”.

<sup>34</sup> Traduzindo: “não se concebe um bom lexicógrafo que não esteja suficientemente versado na lexicologia de seu tempo, para poder aproveitar seus ensinamentos”.

comunicação técnico-científico. Enquanto “a lexicologia trata da palavra e do seu conteúdo conceptual, na língua comum, geral, a terminologia se ocupa do termo, ou seja, da palavra especializada” (ANDRADE, 1998, p. 190). Conforme Cabré (2010):

La necesidad de disponer de normas en terminología nace de la preocupación ante la multiplicación y la diversificación del conocimiento técnico así como de la búsqueda de formas comunicativas que aseguren la transferencia de conocimientos, servicios y productos<sup>35</sup> (CABRÉ, 2010, p. 365).

Ainda segundo ela, o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa (CABRÉ, 1993, p. 52). Nesse sentido, a terminologia orienta seus fundamentos para o estudo teórico e aplicado do termo, voltando-se para a investigação da unidade lexical em diferentes contextos de uso profissional. Sua aplicação prática, terminográfica, é a elaboração de glossários e dicionários, monolíngues, bilíngues ou multilíngues, que fazem a recopilação, descrição e ordenação dos termos técnicos, científicos e tecnológicos de uma área especializada. Este processo onomasiológico define a metodologia de trabalho, que parte do conceito para o termo com a função de codificar, ou seja, a partir de uma lista de conceitos, procura-se a denominação para cada um. Boulanger (2001) afirma que:

[...] em uma análise onomasiológica, o pesquisador leva em conta uma organização taxionômica, porque primeiro classifica as unidades lexicais para, depois, analisar o funcionamento linguístico, a distribuição e as oposições paradigmáticas. A abordagem é, pois, semântica (BOULANGER, 2001, p. 19).

Para a lexicologia e a lexicografia o procedimento é inverso. Parte-se da forma para o conteúdo, num processo semasiológico, no qual se estuda o vocábulo, caracterizando-o funcional e semanticamente. Para Boulanger (2001), “a lexicografia privilegia uma conduta de análise apoiada na semasiologia” (BOULANGER, 2001, p. 18), que é o estudo do signo com o objetivo de determinar qual(is) conceito(s) corresponde(m) a ele. A abordagem é, pois, lexical. Em uma análise semasiológica, o pesquisador parte do significante para o significado, mas, para chegar aos significados das unidades lexicais, analisa as unidades nos contextos e as

---

<sup>35</sup> Traduzindo: “A necessidade de dispor de normas em terminologia nasce da preocupação diante da multiplicação e da diversificação do conhecimento técnico assim como da busca de formas comunicativas que assegurem a transferência de conhecimentos, serviços e produtos”.

suas distribuições nas frases em que ocorrem, para depois enquadrá-las no campo conceitual a que pertencem. De acordo com Haensch (1982a):

El procedimiento semasiológico parte del significante léxico para indicar contenidos realizados (discurso individual o colectivo) o virtuales (sistema individual o colectivo). [...] Como unidad de descripción del diccionario semasiológico se toma, para muchas lenguas – por razones históricas y prácticas –, la unidad ‘palabra’, la cual se puede definir de manera muy diversa<sup>36</sup> (HAENSCH, 1982a, p. 99).

Desse modo, nota-se que a principal diferença entre o processo semasiológico e o processo onomasiológico está no fato de que a semasiologia toma como ponto de partida a palavra como forma e registra os possíveis significados que ela assume; enquanto que a onomasiologia toma como ponto de partida o conceito, e investiga com quais diferentes expressões o conceito pode ser nomeado. Assim, os discursos individuais e coletivos são englobados em obras lexicográficas como: dicionários, vocabulários e glossários, que podem ser semasiológicos ou onomasiológicos.

Quando se dispõe de um acervo linguístico rico e diversificado, é possível empreender diversos tipos de estudos lexicais. Às vezes, o mesmo documento pode ser estudado, tanto na perspectiva onomasiológica quanto na semasiológica. No acervo de Eulálio Motta, por exemplo, os *causos* de *Bahia Humorística* foram analisados a partir da teoria de estruturação dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu, destacando as variantes lexicais sertanejas (BARREIROS, L., 2012; 2016) numa perspectiva semasiológica e, em seguida, empreendeu-se um estudo toponímico, com o intuito de conhecer a motivação dos nomes dos lugares citados pelo autor. A recuperação do significado dos topônimos presentes em *Bahia Humorística* contribuiu para o conhecimento histórico e sociocultural de uma região do sertão baiano, uma vez que, nesse campo, trabalha-se com um léxico que conserva antigos estágios denominativos. Além desses estudos, muitos outros podem ser empreendidos, sejam eles relacionados ao vocabulário onomástico<sup>37</sup>, ao vocabulário específico (técnico, político e religioso) ou ao vocabulário geral.

---

<sup>36</sup> Traduzindo: “O procedimento semasiológico parte do significante léxico para indicar conteúdos realizados (discurso individual ou coletivo) ou virtuais (sistema individual ou coletivo). [...] Como unidade de descrição do dicionário semasiológico se toma, para muitas línguas – por razões históricas e práticas –, a unidade ‘palavra’, a qual se pode definir de maneira muito diversa”.

<sup>37</sup> A Onomástica se integra à lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia. A primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos. Já a Toponímia se integra à Onomástica como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares (SEABRA, 2006, p. 1953).



Nesta tese de doutorado, propõe-se um estudo do vocabulário geral do escritor Eulálio Motta, a partir de um *corpus* delimitado. Optou-se pelas unidades léxicas de classe aberta, à qual pertencem os substantivos, os verbos, os adjetivos e os advérbios. A escolha se deu por serem mais significativos, são em número ilimitado pelo fato de o sistema permitir a criação ou inclusão de novas unidades (neologismos e estrangeirismos, por exemplo) e de estarem sujeitos a mudanças relativamente rápidas no âmbito das classes a que pertencem. Segundo Rey-Debove (1984, p. 49), “quanto mais uma classe é pobre em elementos, tanto mais é fechada, e quanto mais é rica, tanto mais é aberta”. A classe fechada, por sua vez, não será contemplada neste trabalho porque as unidades tendem a se conservar inalteradas e são resistentes à adição de novas formas. Apesar da produtividade limitada, esta classe é de maior frequência no léxico e reflete a estrutura gramatical da língua.

#### **4.1.1 A palavra em uso: dicionário, vocabulário e glossário**

A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras (BIDERMAN, 1998a, p. 11).

Este termo genérico *palavra* corresponde, no jargão das ciências da linguagem, a três conceitos diferentes: ‘lexia’, ‘vocábulo’ e ‘palavra’. Com o objetivo de delimitar e definir *palavra*, Biderman (1978, p. 104) delimita três critérios: 1) fonológico, 2) gramatical (morfofossintático) e 3) semântico.

De acordo com o critério fonológico, “uma palavra seria, pois, uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa, após a qual a pausa é possível” (BIDERMAN, 1978, p. 104). Contudo, pode ocorrer exceções como, por exemplo, quando um falante isola parte de uma palavra ou expressão e dá ênfase para ser melhor compreendido. Biderman considera esse critério frágil porque ele não é, por si só, conclusivo e determinante, sendo necessário “o concurso de outros critérios para oferecer um mapa completo de todas as características definidoras da unidade léxica” (BIDERMAN, 1978, p. 109).

No critério gramatical (morfofossintático), Biderman (1978, p. 109-114) destaca que uma vez reconhecidas as unidades lexicais em potencial no interior do enunciado, por meio da análise fonológica, devem-se submeter os segmentos isolados às regras morfofossintáticas que atuam no sistema linguístico em consideração. Nessa etapa, deverão atuar simultaneamente a classificação gramatical da *palavra*, em função dos marcadores morfofossintáticos que ela apresenta e a função que exerce na sentença. Além disso, deve-se levar em consideração o

princípio da coesão interna da *palavra* e o princípio da permutação, que somados aos demais critérios gramaticais permitirão uma inequívoca identificação das unidades.

Agregado aos critérios fonológicos e morfossintáticos, há o critério semântico que favorece na identificação da unidade léxica expressa no discurso. Segundo Biderman (1978), “na evolução léxica das línguas Românicas constatou-se que, frequentemente, as alterações semânticas podiam acarretar alterações nos significantes” (BIDERMAN, 1978, p. 116). Assim, concluiu que para determinar as unidades léxicas de um discurso, ou de um *corpus*, o linguista deverá operar, simultânea e sucessivamente, com os três critérios: a análise fonológica, a gramatical e a semântica.

Diante da complexidade de se definir a *palavra* do ponto de vista linguístico, torna-se difícil chegar a uma única definição que contemple todas as potencialidades do termo. Werner (1982b) ressalta que:

Sobre este tema existe ya una bibliografía abrumadora en la lingüística puramente teórica. Pero es sorprendente el hecho de que la pregunta por una definición apropiada de la unidad ‘palabra’ haya dado lugar a un sinnúmero de respuestas totalmente distintas y que ninguna de las muchas soluciones propuestas haya encontrado gran acogida<sup>38</sup> (WERNER, 1982b, p. 219-221).

Entre os conceitos já postulados, destaca-se aqui a definição de *palavra* apresentada por Biderman (1984b) em seu *Glossário*:

Unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apresentação do universo pelos sujeitos. É termo da língua comum, sendo pouco rigoroso para o uso técnico da Lexicologia e da Lexicografia (BIDERMAN, 1984b, p. 141).

Rey-Debove (1984), por sua vez, postula de forma mais técnica que *palavra* se define “como uma forma livre significativa que não pode ser decomposta em outras formas livres significativas menores e cuja unidade se manifesta por uma coesão interna (também pelo acento de palavra em numerosas línguas)” (REY-DEBOVE, 1984, p. 48). As duas definições apresentadas complementam-se na difícil tarefa de assinalar uma solução terminológica para *palavra*.

---

<sup>38</sup> Traduzindo: “Sobre este tema existe já uma bibliografia abundante na linguística puramente teórica. Mas é surpreendente o fato de que a pergunta por uma definição apropriada da unidade ‘palavra’ tenha dado lugar a uma infinidade de respostas totalmente diferentes e que nenhuma das muitas soluções propostas tenha encontrado grande acolhida”.

Outro termo comum da língua para se referir a *palavra é vocábulo*. De acordo com Biderman (1984b), *vocábulo* é “sinônimo de palavra na língua comum; portanto, é ambíguo e não tem os requisitos de rigor técnico necessários à linguagem científica, a saber: um significado unívoco” (BIDERMAN, 1984b, p. 144). Para evitar a imprecisão e a ambiguidade desses termos da língua comum, foi criado o termo *lexia*. Em lexicologia esse termo técnico se opõe a *lexema*. *Lexia* é a “forma que um lexema assume no discurso. Exemplo: ‘O dia está claro.’ Temos aí quatro *lexias*” (BIDERMAN, 1984b, p. 140). A *lexia* realiza-se no discurso e opõe-se a *lexema* que se situa ao nível do sistema abstrato que é a língua. Rey-Debove (1984), quando contrapõe *lexia* a *morfema*, afirma que “o morfema preso é a unidade significativa mínima, e a *lexia* é a unidade significativa máxima” (REY-DEBOVE, 1984, p. 48). Ou seja, o morfema é o limite mínimo para a significação. Os tipos de *lexias* (simples, composta e complexa) serão abordados na seção 4.5 *As *lexias** (f. 147-150), conforme a distinção feita por Pottier (1977).

A partir desses conceitos, cabe ainda estabelecer a distinção entre *léxico*, *dicionário*, *vocabulário* e *glossário*. Apesar de representarem a codificação da língua, cada uma dessas categorias cumpre uma função para os estudos lexicográficos, logo não se deve confundir *léxico* com *dicionário*, ou até mesmo com *vocabulário* ou *glossário*, pois “o léxico é social, geral e o essencial e o vocabulário é o particular, o individual e o acessório” (VILELA, 1995, p. 13), o *dicionário*, por sua vez, “no es más que la fijación material del léxico”<sup>39</sup> (LÜDTKE, 1974, p. 13). O *glossário* é uma “relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Modernamente são comuns os glossários de linguagem técnica” (BIDERMAN, 1984b, p. 139).

Os primeiros trabalhos lexicográficos publicados no Ocidente, no período da dialeção do latim, representam um papel importante no percurso da lexicografia. Biderman (1984a), em *A ciência da lexicografia*, elenca e avalia os principais dicionários das línguas espanhola, francesa e portuguesa do século XVI ao XX, destacando o pioneirismo dos glossários, que se tornaram a base para a produção dos dicionários:

Entre os glossários podemos citar o *Glossário de Reichenau* (séc. VIII D.C.) e o *Glossário de Cassei* (séc. IX D.C.) em terras do império carolíngio. Os dois *Glossários de Reichenau* contêm pouco mais de 2.000 vocábulos. São listas de palavras tiradas da *Vulgata* (versão latina da bíblia) de difícil compreensão para a época do autor, traduzidas no vernáculo românico da região. O *Glossário de Cassei* (265 palavras) é similar; trata-se de tradução do latim para o vernáculo germânico da região. Também em terras

<sup>39</sup> Traduzindo: “não é mais do que a fixação material do léxico”.

hispanicas foram elaborados alguns glossários: as *Glosas Emilianenses* e *Silenses* (séc. X ou XI).

A verdadeira lexicografia, porém, só se vai iniciar nos tempos modernos. Os primeiros dicionários espanhóis foram: o *Universal Vocabulario* de Alonso de Palencia (1490) e os vocabulários *Latino Español* (1492) e *Español Latino* (1495) de Antônio de Nebrija, autor também da primeira gramática espanhola (BIDERMAN, 1984a, p. 1-2).

Contudo, o fazer lexicográfico como se conhece hoje só se inaugura na Idade Moderna. Para Haensch (1982a, p. 106), dois fatores foram preponderantes: a cultura renascentista e a introdução da imprensa. Com a expansão cultural, surgem os problemas de comunicação entre os falantes de línguas diferentes, impulsionando a produção de trabalhos que possibilitassem a compreensão de textos e ajudassem no aprendizado de outras línguas como os dicionários bilíngues e trilíngues. A lexicografia monolíngue surge e se desenvolve ao longo do século XVII e foi aperfeiçoando, aos poucos, as suas técnicas, com destaque para o *Tesoro de la Lengua Castellana* de Sebastián de Covarrubias publicado em 1611. Segundo Haensch (1982a):

A su vez, el *Tesoro de la lengua castellana* de Sebastián de Covarrubias (Madrid, 1611) es, por una parte, un diccionario lingüístico muy valioso, que explica palabras y frases hechas, refranes, etc., y, por otra parte, una obra enciclopédica que ofrece, entre otros, nombres propios y reúne, en general, información sobre la cultura de la época. Aquí tenemos, pues, un primer ejemplo de interferencia entre lexicografía lingüística y lexicografía enciclopédica” (HAENSCH, 1982a, p. 109)<sup>40</sup>.

A partir do século XIX, ampliou-se o número de obras lexicográficas, principalmente, francesas. No século XX, publicou-se uma grande variedade de dicionários e enciclopédias, “fenômeno que se registra em várias das grandes culturas e civilizações contemporâneas. Assim ocorre na italiana, na alemã, na espanhola, na luso-brasileira, na anglo-americana, etc.” (BIDERMAN, 1984a, p. 3). Neste trabalho, destaca-se a lexicografia portuguesa, que teve como marco a publicação da obra de Jerônimo Cardoso em três volumes: um vocabulário latim-português, organizado tematicamente; um dicionário alfabético português-latim (1562-1563) e um latim-português (1569-1570). De acordo com Nunes (2006):

---

<sup>40</sup> Traduzindo: “Por sua vez, o *Tesoro de la lengua castellana* de Sebastián de Covarrubias (Madrid, 1611) é, por uma parte, um dicionário linguístico muito valioso, que explica palavras e frases feitas, refrãos, etc., e, por outra parte, uma obra enciclopédica que oferece, entre outros, nomes próprios e reúne, em general, informação sobre a cultura da época. Aqui temos, pois, um primeiro exemplo de interferência entre lexicografia linguística e lexicografia enciclopédica”.

Depois dos dicionários de Cardoso, seguiram-se os de Agostinho Barbosa, o *Dictionarium lusitano-latinum* (1611), e o de Bento Pereira, o *Thesouro da Língua Portuguesa*, reeditados até o século XVIII. O *Vocabulario portuguez e latino* de Rafael Bluteau, dez volumes publicados entre 1712 e 1728, também é um marco da lexicografia portuguesa, tendo servido de base para Antonio de Moraes Silva elaborar o primeiro dicionário exclusivamente monolíngue do português, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1789 (NUNES, 2006, p. 49).

O dicionário de Moraes Silva é considerado como o primeiro de uso da língua portuguesa<sup>41</sup>. Murakawa (2006), ao analisar a obra de Moraes Silva, afirma que esse trabalho foi o ponto de partida e o exemplo para quase todas as demais obras lexicográficas produzidas em língua portuguesa. Moraes Silva registrou, com um certo critério, a norma linguística, baseada em escritores portugueses do século XVII, e também os diferentes níveis de fala, especificando quando uma unidade era da linguagem familiar, chula, vulgar ou plebeia, ou quando pertencia à linguagem metafórica ou figurada. Acrescentou o registro moderno, ao lado de algumas entradas, e informou a que estava em desuso na época. Desse modo, “o chamado ‘Moraes’ teve e tem ainda valor tanto para o lexicógrafo quanto para o filólogo, embora não seja mais um dicionário moderno” (MURAKAWA, 2006, p. 120).

Após a edição do Dicionário de Moraes Silva, verifica-se um grande crescimento da lexicografia portuguesa, com destaque para a lexicografia monolíngue, pois o dicionário começa a ser associado ao uso e o ensino da língua. Verdelho (2003, p. 485-486) elenca os títulos principais, dos quais se destacam: o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, de 1783; o *Diccionario da Lingoa Portuguesa* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de 1793; o *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Eduardo Augusto de Faria, de 1848-1849; o *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, de Frei Domingos Vieira, de 1871-1874, em 5 vol.; o *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, de Caldas Aulete, de 1881; o *Diccionario Universal Portuguez*, editado por Henrique Zeferino de Albuquerque, de 1882; e o *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, de 1899.

No Brasil, a lexicografia surge com o movimento de expansão das nações europeias, a partir da exploração e colonização do Novo Mundo. De acordo com Nunes (2006):

---

<sup>41</sup> Na 2ª e 3ª edições (1813 e 1823), o enunciado da página de rosto optado na primeira edição (1789) – *Diccionario da Lingua Portuguesa* **composto** pelo Padre D. Rafael Bluteau –, é substituído por – *Diccionario da Lingua Portuguesa* **recopilado** por Antonio de Moraes Silva. Só na 4ª edição (1831), se afirma a plena autoria – *Diccionario da Lingua Portuguesa* **composto** por António de Moraes Silva (VERDELHO, 2003, p. 478-479).

Os viajantes e colonos podem ser considerados precursores de um discurso lexicográfico no Brasil. Os relatos, que aliam ciência, política, literatura, religião etc., são discursos fundadores que estabelecem determinados lugares de interpretação. Neles encontramos as primeiras marcas de um discurso lexicográfico (NUNES, 2006, p. 60).

Nesses escritos deixados pelos viajantes portugueses, franceses, alemães, dentre outros, encontram-se comentários lexicais e metalinguísticos (nomeações, explicações, definições, traduções) e descrições sobre as coisas e os habitantes do território brasileiro. “A carta de Caminha, ‘certidão de nascimento do Brasil’, pode ser considerada como inauguradora de um discurso lexicográfico” (NUNES, 2006, p. 61). Essas informações constituíram um saber enciclopédico, que, por sua vez, contribuiu para a elaboração de dicionários bilíngues português/tupi e tupi/português. Nos séculos XVI e XVII, foram os jesuítas os responsáveis pela descrição das línguas indígenas que aqui encontravam: “destacam-se as gramáticas do tupi, de Anchieta (1595) e de Figueira (1621), e do kariri, de Mamiani (1699), bem como o *Vocabulário na Língua Brasileira*” (NUNES, 2006, p. 50).

No final do século XVIII e início do XIX, com o movimento romântico e a Independência, começaram os estudos sobre o português do Brasil. Segundo Isquierdo (2006, p. 455), “durante o século XIX e primeira metade do século XX, surgem no Brasil inúmeros trabalhos que registram o léxico da língua portuguesa de aquém-mar”. Isquierdo (2006) elenca alguns trabalhos que retratam o léxico de diferentes partes do país, destacando a publicação de três obras que se transformaram em referência para os estudos sobre a norma brasileira da língua portuguesa: *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920), *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922) e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934).

Nesse período, publicaram-se grandes obras lexicográficas brasileiras, a saber: o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, que teve como organizadores José Baptista da Luz, Hildebrando de Lima, Gustavo Barroso e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, de 1938, com sucessivas reedições; o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, de 1939; e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes, de 1961. Em 1975, foi publicado o mais popular dicionário da língua portuguesa, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Na verdade, o *Aurélio* se aproxima do tipo *thesaurus* no que diz respeito ao número de entradas do dicionário: ‘bem mais de cem mil verbetes e subverbetes’, segundo o próprio autor. [...] O *Aurélio* acolheu muitas palavras raras, um grande número de regionalismos, de vocábulos desusados ou obsoletos, de termos exclusivamente literários, um vasto acervo de

termos técnicos e científicos, o que inchou demais a sua nomenclatura (BIDERMAN, 1984a, p. 7).

Depois do dicionário *Aurélio*, outra grande obra lexicográfica publicada no Brasil, foi o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de 2001. Idealizado por Antônio Houaiss, o dicionário conta com a participação de 181 colaboradores e apresenta 228.500 entradas, configurando-se como o maior dicionário da língua portuguesa em número de verbetes.

A lexicografia se expandiu com os avanços tecnológicos na área de informática e assumiu modalidades diferentes em função da grande demanda do público sedento de informações sobre a sua língua e sobre as línguas estrangeiras. A versão eletrônica e online popularizou os dicionários *Aurélio*, *Houaiss* e *Aulete*, por exemplo, visto que a facilidade de acesso e a rapidez de busca nesses novos meios atraem as pessoas que antes não eram habituadas a usar a versão impressa. Com essa democratização do acesso, é possível consultar vários tipos de dicionários inclusive no próprio celular por meio de aplicativos. Para Villalva e Silvestre (2014):

Os novos modelos de dicionários eletrônicos distinguem-se dos impressos pelo fato de explorarem hiperligações entre palavras, por ampliarem a quantidade de dados consultáveis e pela interação com aplicações de correção ortográfica e paradigmas de flexão e conjugação. Sobretudo, o dicionário pode ser explorado como um amplo *corpus* textual, o que o torna num produto conceptualmente diferente do livro impresso (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 197).

Além disso, a transição do dicionário impresso para as bases de dados online possibilita outros benefícios como a constante atualização, otimizando o trabalho dos lexicógrafos, o alargamento do *corpus*, a revisão da *nominata* e as correções ficam disponíveis mais rapidamente para os usuários. Nesse sentido, a prática lexicográfica modificou bastante ao longo do tempo. As listas de palavras evoluíram para os glossários, depois para os vocabulários e ambos contribuíram para a composição dos dicionários, que hoje em dia podem ser disponibilizados virtualmente de maneira dinâmica e com baixo custo.

Classificar essas obras lexicográficas não é simples, trata-se de uma tarefa muito complexa. Ao abordar a questão, Haensch (1982a) afirma que: “La clasificación de las obras lexicográficas (diccionarios, vocabularios, glosarios, etc.) constituye una tarea muy ardua y plantea no pocos problemas, tanto teórico-lingüísticos como prácticos”<sup>42</sup> (HAENSCH, 1982a,

---

<sup>42</sup> Traduzindo: “A classificação das obras lexicográficas (dicionários, vocabulários, glossários, etc.) constitui uma tarefa muito árdua e apresenta não poucos problemas, tanto teórico-linguísticos como práticos”.

p. 95). Segundo Haensch, os problemas teóricos e práticos, que surgem na tentativa de classificar as tipologias, ocorrem porque não foram apenas os critérios linguísticos que influenciaram o surgimento e o desenvolvimento delas, mas fatores históricos e culturais também. Outro fator observado, é a existência de obras lexicográficas com características de categorias de classificação diversas (HAENSCH, 1982a, p. 96). Assim, para fazer uma descrição dos diferentes tipos de obras lexicográficas, Haensch propõe que se conheça primeiramente a história da lexicografia, depois os trabalhos existentes e, por fim, apliquem-se os critérios teórico-linguísticos. Em busca de uma possível categorização, Haensch faz a seguinte divisão:

Codificaciones lexicográficas cuyo objeto lo constituyen discursos individuales son – por lo general – los glosarios, diccionarios o vocabularios de obras literarias (a veces pueden ser también de otros textos; [...]). Codificaciones lexicográficas del discurso colectivo son los llamados ‘thesauri’ (o ‘tesoros de la lengua’), que registran todas las palabras [...]<sup>43</sup> (HAENSCH, 1982a, p. 97).

Os discursos individuais englobam os glossários, os dicionários ou os vocabulários relacionados a obras literárias. E o discurso coletivo está relacionado aos dicionários da língua geral. Nesta tipologia se enquadram as obras que buscam esgotar todo o acervo léxico de uma língua, também denominado de Tesouro da Língua. São “os chamados dicionários de língua [que] processam as unidades lexicais da língua geral” (BARBOSA, 2001, p. 33). Entretanto, dizer que se trata de todas as lexias é impreciso, pois, apesar de todo o esforço neste sentido, seria impossível a realização de tal inventário, pela própria possibilidade de inovação inerente à língua. Um dicionário já nasce ultrapassado, mas é uma fonte riquíssima para os estudos sobre a constituição e eventuais mudanças das línguas.

Ao percorrer a história das obras lexicográficas, observa-se que os termos dicionários, vocabulários e glossários foram utilizados de modo arbitrário ao longo dos séculos e, representam, ainda hoje, uma pluralidade conceitual para uma mesma denominação. De acordo com Barbosa (2001), “são bastantes tênues as fronteiras entre um e outro tipo de texto lexicográfico ou terminográfico e que não há uma relação biunívoca entre conceitos e termos, ainda que sejam considerados numa área bem delimitada” (BARBOSA, 2001, p. 32). Silva (2007), por sua vez, ressalta que os problemas surgem, “quando se relaciona o

---

<sup>43</sup> Traduzindo: “Codificações lexicográficas cujo objeto o constituem discursos individuais são – de modo geral – os glossários, dicionários ou vocabulários de obras literárias (às vezes podem ser também de outros textos; [...]). Codificações lexicográficas do discurso coletivo são os chamados ‘thesauri’ (ou ‘tesouros da língua’), que registram todas as palavras [...]”.



posicionamento teórico com a prática do lexicógrafo” (SILVA, 2007, p. 283). Nesse caso, o consenso facilitaria o acesso aos modelos e o entendimento entre os interlocutores da própria terminologia, lexicografia, lexicologia e áreas afins.

Nota-se que em estudos produzidos em épocas mais recentes falta clareza quanto às fronteiras conceituais. Mesmo com “a existência de numerosos organismos e obras de normalização terminológica em diferentes países, não conseguiram assegurar, para certos conceitos, uma terminologia da Terminologia uniforme e consensual” (BARBOSA, 2001, p. 26). Este fato se comprova ao se comparar as definições usuais para *dicionário*, *vocabulário* e *glossário*.

No *Dicionário Houaiss*, por exemplo, *dicionário* é definido como a “compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.); *glossário*, *vocabulário*” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1034-1035, grifo nosso), *vocabulário* como “conjunto das palavras empregadas por uma pessoa, por um autor em sua obra, ou por um grupo socialmente identificável” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2877) e *glossário* como “*dicionário* de palavras de sentido obscuro ou pouco conhecido; pequeno léxico agregado a uma obra, principalmente para esclarecer termos pouco usados e expressões regionais ou dialetais nela contidos; *vocabulário*” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1458, grifo nosso).

No *Dicionário de termos linguísticos*, de Xavier e Mateus (1992), ‘dicionário’ é definido como “repertório estruturado de unidades lexicais, contendo informações linguísticas de natureza semântica, nocional, referencial, gramatical ou fonética sobre cada uma delas” (XAVIER; MATEUS, 1992, v. 2, p. 127), *vocabulário* como “uma lista exaustiva das palavras de um *corpus* [...] um *dicionário* constituído pelos vocábulos mais frequentes da língua corrente, definidos sucintamente” (XAVIER; MATEUS, 1992, v. 2, p. 400, grifo nosso) e *glossário* como “um *dicionário* que contém sob forma de simples definições (ou traduções) as significações das palavras raras ou pouco conhecidas” (XAVIER; MATEUS, 1992, v. 2, p. 190, grifo nosso).

Percebe-se que obras da mesma natureza e função ainda são definidas como sinônimos ou são classificadas de maneira diversa, segundo os critérios adotados pelo editor, como o uso de *glossário* no sentido de ‘repertório de termos’ e *glossário* no sentido de ‘dicionário de uma área’. Consequentemente, surgem várias denominações para o mesmo núcleo conceitual ‘obra lexicográfica/terminográfica’, ou seja, dicionário técnico, dicionário terminológico etc. Um fator preponderante para tornar esse termo tão usual é o valor comercial. A palavra *dicionário* tem um *status* muito importante na sociedade, devido ao valor que lhe foi atribuído ao longo dos séculos. Cientes disso, alguns editores intitulam os livros de dicionário visando à venda.

Barbosa (2001, p. 33-39), ao examinar a caracterização dos três tipos básicos de obras lexicográficas, de acordo com o modelo de Muller, de 1967, e de Coseriu, de 1978, faz a seguinte associação: os dicionários de língua estão no nível de atualização do sistema, com todo o léxico disponível, expressando-se através do lexema. Os vocabulários no nível da norma, são representados por conjuntos de vocabulários ou conjuntos terminológicos (fundamentais, técnico-científicos e especializados) e manifestam por meio dos vocábulos ou termos. Os glossários estão no nível da fala e trabalham com os conjuntos reunidos em determinado texto, manifestando-se através das palavras. Assim, as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de um ato de fala produzido num dado tempo e lugar. Nesta perspectiva, um glossário será um “dicionário de discurso” e não um “dicionário de língua” (BARBOSA, 2001, p. 43).

Vale ressaltar que o termo *glossário* foi usado, primeiramente, para designar o conjunto de glosas de um determinado texto, ou seja, comentários e explicações acerca das palavras utilizadas. Segundo Haensch (1982a), “cuando las glosas aparecen en forma alfabética o sistemática, al final de un texto, hablamos de ‘glosario’<sup>44</sup> (HAENSCH, 1982a, p. 106). As glosas são de dois tipos, marginais ou interlineares: “las explicaciones o los equivalentes se pueden colocar paralelamente al texto, en el margen de la página (glosas marginales) o entre las líneas (glosas interlineales)”<sup>45</sup> (HAENSCH, 1982a, p. 101). Haensch ainda destaca que o termo *glossário* é utilizado atualmente no âmbito da lexicografia com duas acepções distintas:

Repertorio de voces destinado a explicar un texto medieval o clásico, la obra de un autor, un texto dialectal, etc.

Repertorio de palabras, en muchos casos de términos técnicos (monolingüe o plurilingüe), que no pretende ser exhaustivo, y en que la selección de palabras se ha hecho más o menos al azar<sup>46</sup> (HAENSCH, 1982a, p. 106).

Nesse sentido, o glossário distingue-se do vocabulário pela dimensão do *corpus*, pois o glossário trabalha com conjuntos de ocorrências com significados específicos em um

---

<sup>44</sup> Traduzindo: “quando as glosas aparecem em forma alfabética ou sistemática, ao final de um texto, falamos de ‘glossário’.

<sup>45</sup> Traduzindo: “as explicações ou os equivalentes podem ser colocados paralelamente ao texto, na margem da página (glosas marginais) ou entre as linhas (glosas interlineares)”.

<sup>46</sup> Traduzindo: “Repertório de vozes destinado a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc. Repertorio de palabras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue ou plurilíngue), que não pretende ser exaustivo, e no qual a seleção de palavras foi feita mais ou menos aleatoriamente”.

determinado texto e o vocabulário trabalha com conjuntos de vocábulos manifestados em um universo de discurso com acepções restritas. Dessa forma, Barbosa (2001) faz a distinção entre vocabulário e glossário, por um critério qualitativo-quantitativo:

[...] o *vocabulário* busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, *n* discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o *glossário* pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de um macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas (BARBOSA, 2001, p. 36).

As semelhanças entre as especificidades atribuídas às obras lexicográficas suscitam diversas questões. Com o intuito de estabelecer critérios que favorecessem a uma possível classificação das principais tipologias, Haensch (1982a, p. 126-186) elenca oito critérios práticos que possibilitam refletir teoricamente, numa perspectiva histórico-cultural, sobre as características que cada obra reúne em si:

Formato y extensión de la obra lexicográfica.  
 Su carácter lingüístico, enciclopédico o mixto.  
 Sistema lingüístico en que se basa.  
 Número de lenguas.  
 Selección del léxico: Vocabulario general o parcial; Codificación exhaustiva o selectiva; Criterios cronológicos; Carácter prescriptivo o descriptivo.  
 Ordenación de materiales.  
 Finalidades específicas de diccionarios.  
 Diccionario tradicional o ‘diccionario electrónico’<sup>47</sup> (HAENSCH, 1982a, p.126).

O primeiro critério refere-se ao formato e extensão da obra lexicográfica, ou seja, ao número de entradas, de volumes e de páginas da obra. O segundo critério, o caráter linguístico, distingue a lexicografia linguística (que trata dos signos) da enciclopédica (que trata das coisas) ou mista (quando são linguísticas, mas contém informações enciclopédicas adicionais nos verbetes). No terceiro critério, distinguem-se as obras lexicográficas em que a descrição semântica do vocabulário baseia-se em um sistema linguístico individual do autor ou de um conjunto de autores, indicando “las fuentes en que se basan las obras lexicográficas

---

<sup>47</sup> Traduzindo: “Formato e extensão da obra lexicográfica. Seu caráter linguístico, enciclopédico ou misto. Sistema linguístico em que se baseia. Número de línguas. Seleção do léxico: Vocabulário geral ou parcial; Codificação exhaustiva ou seletiva; Critérios cronológicos; Caráter prescriptivo ou descritivo. Ordenação de materiais. Finalidades específicas de dicionários. Dicionário tradicional ou ‘dicionário eletrônico’”.

y los tipos de ejemplos que dan: ejemplos documentados o inventados”<sup>48</sup> (HAENSCH, 1982a, p.134). O quarto critério trata do número de línguas, que pode ser monolíngue (apenas uma língua), bilíngue (duas línguas) ou multilíngue (mais de duas línguas).

A seleção do léxico é o quinto critério, que se subdivide em quatro subitens: vocabulário geral ou parcial; codificação exhaustiva ou seletiva; critérios cronológicos; caráter prescritivo ou descritivo. O primeiro estabelece se o vocabulário é geral ou parcial. Um dicionário geral, embora com limitações, deve conter uma seleção representativa do vocabulário mais usual de uma língua. O parcial, é um vocabulário selecionado que se dirige, “[...] pues, a un grupo de destinatarios para imponer o recomendar el uso de ciertas unidades léxicas”<sup>49</sup> (HAENSCH, 1982a, p.138). São obras lexicográficas que registram subconjuntos léxicos com marcação diatópica (área geográfica), diastrática (de grupos sociais), diatécnica (termos técnicos relativo a uma profissão), diafásica (registra as conotações, diferenciando a linguagem formal da informal), diintegrativa (estrangeirismos) e dianormativa (registra as variantes contrárias a norma padrão da língua).

A seleção do léxico exhaustiva ou seletiva diz respeito aos dicionários exhaustivos como os *thesaurus*, por exemplo, e seletivos como os dicionários de uso e de aprendizagem e os que registram o vocabulário segundo o critério de frequência. O critério cronológico é o responsável pela classificação em obras diacrônicas (estudam a evolução do vocabulário ao longo dos séculos) e obras sincrônicas (registram uma seleção do vocabulário de uma língua em um dado momento). Já o caráter prescritivo é pertinente às obras acadêmicas, didático-escolares, de dúvidas, de pronúncia e ortografia e o caráter descritivo nas obras que descrevem o léxico em uso. Haensch (1982a) adverte que “hasta cierto punto, todos los diccionarios (también los descriptivos) producen un efecto normativo, por el mero hecho de la codificación de un determinado vocabulario y su difusión en forma impresa”<sup>50</sup> (HAENSCH, 1982a, p. 164).

O sexto critério apontado por Haensch (1982a) é a ordenação de materiais, que estabelece a macroestrutura de uma obra. No processo semasiológico, a ordenação é feita por significantes, geralmente, em ordem alfabética. Já no processo onomasiológico organiza-se por conceito (significados), agrupados de acordo com as associações entre os conteúdos. O sétimo critério relaciona-se com as finalidades específicas do dicionário, que podem ser outras

---

<sup>48</sup> Traduzindo: “as fontes em que se baseiam as obras lexicográficas e os tipos de exemplos que dão: exemplos documentados ou inventados”.

<sup>49</sup> Traduzindo: “[...] pois, a um grupo de destinatários para impor ou recomendar o uso de certas unidades léxicas”.

<sup>50</sup> Traduzindo: “até certo ponto, todos os dicionários (também os descritivos) produzem um efeito normativo, pelo simples fato da codificação de um determinado vocabulário e sua difusão em forma impressa”.

além do significado ou da equivalência de uma palavra. Entre eles, pode-se citar: os dicionários de abreviaturas, os onomásticos, de pronúncia, os paradigmáticos (de sinônimos e de antônimos), os sintagmáticos (de colocações, de fraseologia) etc. Por fim, o oitavo critério que trata dos meios de divulgação, distinguindo o dicionário tradicional (impresso em papel) do dicionário eletrônico (armazenados em memórias de computadores ou em CD-ROM). Há também os disponíveis online, com versões gratuitas e outras pagas. Ressalta-se que o termo *dicionário* é empregado como um hiperônimo de obras lexicográficas.

A classificação de Haensch (1982a) não é exaustiva, porém, é a que se apresenta com mais abrangência, conseguindo incluir a maioria das obras de referência linguística de que se tem conhecimento (SILVA, 2007). Os critérios elencados por Haensch se coadunam com as acepções apresentadas para o termo *vocabulário* e justificam a organização lexicográfica proposta nesta tese de doutorado. A escolha pela tipologia *vocabulário* pauta-se na proposição de Barbosa (1995b), segundo a qual:

O vocabulário fundamental deve recuperar vocábulos de alta frequência e distribuição regular entre os falantes-ouvintes, comuns e vários *topoi*, a vários *strata*, a várias *phasei* (quando se trata do vocabulário fundamental de uma língua, ou, então, restritos a um *topos*, / ou a um *stratum*, ou a uma *phasis* (quando se trata do vocabulário fundamental de uma região, de uma classe social ou de um universo de discurso), sempre definido como elementos pertencentes ao conjunto-intersecção de subconjuntos de um universo léxico (BARBOSA, 1995b, p. 6-7).

Assim, o *Vocabulário de Eulálio Motta* busca ser representativo de um universo de discurso (BARBOSA, 2001) de Eulálio Motta e visa como produto final “uma lista exaustiva das ocorrências que figuram num *corpus*” (DUBOIS et al., 1993 [1978], p. 613). O *Vocabulário de Eulálio Motta* classifica-se, de acordo com os critérios de Haensch (1982a), como um estudo de caráter linguístico, pois define palavras designativas (voltadas a referentes extralinguísticos), além de registrar a classe gramatical e o gênero das unidades lexicais lematizadas. Baseia-se no sistema linguístico individual de um autor, sendo todos os exemplos extraídos dos textos-fonte de estudo, que se configuram como abonações. É uma obra de constituição monolíngue por contemplar apenas unidades léxicas da língua portuguesa. Apresenta uma seleção lexical parcial e seletiva, pois registra uma parcela do léxico da língua, sincrônica e de caráter descritivo, que permite identificar as marcas de uso diafásica (pela riqueza da linguagem formal e informal utilizada), diastrática (por permitir o acesso a um vocabulário específico de uma comunidade linguística pouco documentada) e diatópica (por traduzir os valores e as crenças do povo sertanejo de uma determinada região).

As entradas são ordenadas semasiologicamente, em ordem alfabética, partindo dos significantes para os significados. De acordo com a finalidade específica do trabalho, o vocabulário classifica-se como definitório, visto que fornece o significado e a equivalência das palavras.

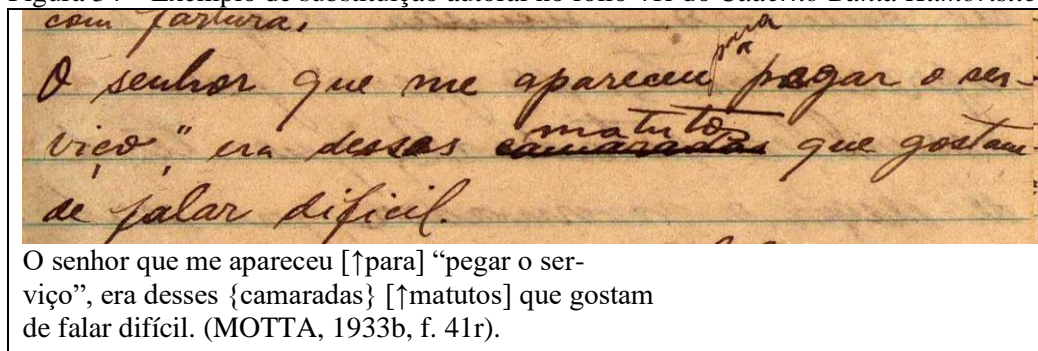
Por se tratar de uma tese, o formato impresso do *Vocabulário de Eulálio Motta* segue os princípios normativos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabelecidos para a publicação de dissertações e teses (NBR 14724, 2011), de modo que é de 210cm x 297cm, sendo sua extensão de 700 entradas. Será disponibilizado impresso e, posteriormente, online para consultas na página <www.eulaliomotta.uefs.br>. Esse estudo servirá também para alimentar o sistema de anotação lexical das edições digitais dos textos que compõem o *corpus*.

#### 4.2 A ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Ao tratar da metodologia do estudo do léxico, Telles (2012) assinala que para Eluert, em *La Lexicologie*, de 2000, todo estudo lexicológico não pode ignorar que “o uso de todo vocabulário, mesmo técnico, inclui práticas de poder e de persuasão, emoções, e interesses diversos” (TELLES, 2012, p. 145-146). Isto se comprovou ao inventariar o *Vocabulário de Eulálio Motta*. Sua escrita evidenciou um uso peculiar do léxico, demonstrando que as lexias não eram escolhidas ao acaso.

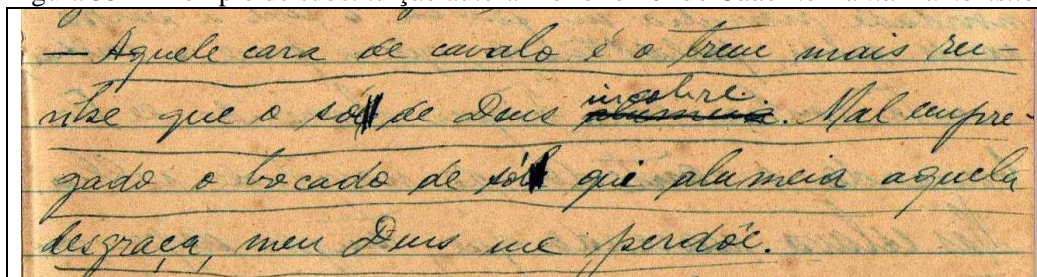
Nos exemplos destacados abaixo (Figuras 34 e 35), percebem-se o burilamento da escrita nas substituições autorais, com o intuito de representar a fala do sertanejo e tornar o texto o mais próximo possível do seu leitor.

Figura 34 – Exemplo de substituição autorial no fólio 41r do *Caderno Bahia Humorística*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 35 – Exemplo de substituição autoral no fôlio 10r do *Caderno Bahia Humorística*



– Aquele cara de cavalo é o trem mais ru-  
nhe que o {sol} /só\ de Deus {alumeia} [↑incobre]. Mal empre-  
gado o bocado de {sol} /só\ qui alumeia aquela  
desgraça, meu Deus me perdõe. (MOTTA, 1933b, f. 10r).

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

O primeiro exemplo (Figura 34) está registrado no *causo Itabira II*. Nele, Eulálio Motta substitui na entrelinha superior *camaradas* por *matutos*. No segundo, retirado do *causo Novidade* (Figura 35), o autor faz uma correção por sobreposição de *sol* por *só* e na entrelinha superior de *alumeia* por *incobre*.

Para Biderman (1978, p. 28-29), “a linguagem do emissor procura representar a realidade, conforme a sua percepção e a sua concepção lhe permitem interpretar os objetos e as suas relações”. Nos textos de Eulálio Motta é possível perceber o exercício da sua criatividade na expressão de suas ideias, de seus sentimentos e emoções. Ele tinha o hábito de indicar o sentido das palavras, resignificando-as, com a intenção de causar um efeito no leitor e de propagar suas convicções sociais, políticas e ideológicas. Na coluna *Rabiscos*, do jornal *Mundo Novo*, por exemplo, publicou uma lista de palavras que intitulou de *Beriliando...*:

FIDELIDADE – virtude do cão, e somente do cão.

JUIZO – substancia encontrada na cabeça de alguns homens.

MALUCO – Homem com miôlo de mulher.

MALUQUICE – ato que revela falta de senso. Ex. pedir u’a moça a casamento.

CORAÇÃO – Sede do pensamento dos namorados, que se caracteriza pela falta absoluta de materia pensante.

SOGRO – Pae da esposa ou da victima...

SÓGRA – Senhora muito distinta, muito delicada, que quer muito bem as suas filhas casadas...

FUTILIDADE – Uma coisa que tomou a forma de gente e o nome de mulher...

NAMORADA – Melindrosa incapaz de fazer uma carta sem erros, porem capaz de fazer com perfeição as maiores patifarias...

SURDO – Individuo que consegue passar uma noite dormindo tranquillamente, junto de um quarto de recém-casados...

BARRICÃO – Degrau da escala social, onde ficam, suspirando, gentis senhorinhas que passam dos trinta... É a sala de espera de muita "modemoiselle" vaidosa e arribitada...

DESENGANADA – Mulher que perdeu a esperança de enganar. Ex. moça que passa dos trinta sem achar um idiota.

CABEÇA – No homem – caixa do juízo. Na mulher: - depósito de grampos, pentes, argolas, baton, rouge, pó de arroz etc. etc.etc.

LITERATURA – Cousa de que as melindrosas e os almofadinhas não entendem patavina.

DESCARAÇÃO – Cousa que as melindrosas e os almofadinhas sabem a fundo...

BEIJO – Uma patifaria que propaga sífilis, como diabo!

GENIO – Indivíduo de grande paciência, segundo Bufon: Ex. um pae de família que consegue viver calmamente, com a sogra em casa, e com uma republica de estudantes ao lado.

FILOSOFO – Homem casado que afirma que casar é bom...

LIOTA.

Bahia, 1931 (MOTTA, 1931f, p. 10).

É notório que o sentido atribuído às lexias destacadas tem o intuito de provocar o riso, mas também de difundir ideias. O escritor utiliza o sistema, a norma e a potencialidade simbólica da língua para criar e ressignificar as palavras. De acordo com Antunes (2013): “O vocabulário é, então, uma estrutura formalizadora de conhecimentos de mundo arquivados na memória histórica e cultural do usuário, evidenciando a interligação entre língua, cultura e sociedade” (ANTUNES, 2013, p. 14). Nos textos de Eulálio Motta, escolhidos para compor o *corpus* desta pesquisa, as temáticas mais recorrentes são as questões sociais, políticas, econômicas e culturais do sertão baiano.

#### 4.2.1 Critérios adotados na estruturação do vocabulário

Para a estruturação do *Vocabulário de Eulálio Motta* adotaram-se as instruções práticas para a elaboração de obras lexicográficas elencadas por Haensch (1982b): “[...] no serán, por cierto, las únicas posibles, pero sí pueden dar al lector una orientación práctica, ya que se há aprovechado para ello la experiencia de muchos lexicógrafos”<sup>51</sup> (HAENSCH, 1982b, p. 395). Segundo Haensch (1982b), existem quatro critérios que determinam de maneira decisiva a seleção das entradas lexicais em dicionários, glossários ou vocabulários.

A tres de ellos los podríamos llamar ‘externos’: su finalidad (descriptiva, normativa, etc.), el grupo de usuarios al que va destinado (especialistas, traductores, alumnos de bachillerato, público culto, etcétera) y su extensión.

<sup>51</sup> Traduzindo: “[...] não serão, por certo, as únicas possíveis, mas sim podem dar ao leitor uma orientação prática, já que se aproveitou para isto da experiência de muitos lexicógrafos”.



El cuarto, de índole ‘interna’, es el método de selección de unidades léxicas según principios lingüísticos, pero siempre de acuerdo con los otros tres criterios<sup>52</sup> (HAENSCH, 1982b, p. 396).

Desse modo, existem os critérios externos, como a finalidade, usuário, extensão, e o método de seleção de unidades lexicais, como critério interno. O vocabulário que ora se apresenta, como já se disse, tem como finalidade descritiva o léxico utilizado por Eulálio Motta, difundido em seus textos em prosa. Destina-se aos usuários interessados no estudo da obra do escritor, mas também ao público em geral, que queira conhecer um pouco da história e da cultura do sertão baiano. A extensão do vocabulário é o resultado do inventário das lexias utilizadas pelo escritor, empregadas com um valor estilístico mais acentuado, com expressividade particular; ou quando o seu emprego ultrapassa o puramente referencial, enriquecido de uma conotação especial, algumas não dicionarizadas.

O método de seleção de unidades léxicas seguido é “[...] la importancia de una unidad léxica dentro del conjunto del vocabulario que es objeto de descripción”<sup>53</sup> (HAENSCH, 1982b, p. 401) e a frequência de uso. Todas as inovações lexicais ou lexias empregadas com um valor estilístico mais acentuado foram consideradas, porém o critério de frequência não foi priorizado porque o intuito deste trabalho é demonstrar o manuseio lexical feito pelo escritor.

Após a seleção das lexias, procedeu-se à elaboração do material léxico, que é dividida em cinco fases: “recolección de materiales procedentes de las más diversas fuentes [...], revisión de los materiales obtenidos y, en su caso, ampliación de la información, selección definitiva de entradas, redacción del manuscrito e impresión”<sup>54</sup> (HAENSCH, 1982b, p. 427-428). Para o estabelecimento do vocabulário de Eulálio Motta, utilizaram-se textos originais, procedentes de fonte escrita – narrativas em prosa –, que são de fundamental relevância para a contextualização das unidades lexicais selecionadas. Destaca-se que para selecionar as unidades léxicas de fontes primárias não basta somente o conhecimento linguístico e da teoria lexicográfica, é necessário “[...] un buen dominio de la lengua o de las lenguas que vienen al caso, sino también cierto ‘olfato’ para localizar en los textos las unidades léxicas que

---

<sup>52</sup> Traduzindo: “A três deles poderíamos chamar ‘externos’: sua finalidade (descritiva, normativa, etc.), o grupo de usuários ao que se destina (especialistas, tradutores, alunos do ensino médio, público culto, etc.) e sua extensão. O quarto, de índole ‘interna’, é o método de seleção de unidades léxicas segundo princípios lingüísticos, mas sempre de acordo com os outros três critérios”.

<sup>53</sup> Traduzindo: “a importância de uma unidade léxica dentro do conjunto do vocabulário que é objeto de descrição”.

<sup>54</sup> Traduzindo: “recolha de materiais procedentes das mais diversas fontes [...], revisão dos materiais obtidos e, em seu caso, ampliação da informação, seleção definitiva de entradas, redação do manuscrito e impressão”.

interesen”<sup>55</sup> (HAENSCH, 1982b, p. 437). Portanto, o principal critério utilizado para a escolha das entradas do vocabulário foi o registro autoral no *corpus*.

Em seguida, realizou-se a estruturação propriamente dita do vocabulário. Este, por sua vez, é organizado em macroestrutura e microestrutura, que são descritas a seguir.

#### 4.3 A MACROESTRUTURA

A macroestrutura abrange o conjunto das entradas e as partes complementares como introdução, apêndices, etc. (VILELA, 1995, p. 78). Também pode referir-se à forma como o corpo da obra lexicográfica (dicionário, glossário ou vocabulário) é organizado. O elemento mais importante da macroestrutura é a ordenação dos materiais léxicos (HAENSCH, 1982b, p. 452). Esse arranjo das entradas pode ser feito em ordem alfabética, etimológica, de assuntos, de campos léxicos ou semânticos, entre outros.

Na organização do *Vocabulário de Eulálio Motta*, adotou-se a ordem alfabética, numa perspectiva semasiológica, que parte de uma forma (significante) para chegar a uma série de objetos mentais diferentes (significados). Embora haja outras maneiras de ordenação, optou-se pelo arranjo conforme a grafia, como princípio de classificação, porque, além de ser a mais usual, é a que permite localizar uma palavra com maior rapidez.

#### 4.4 A MICROESTRUTURA E SEUS COMPONENTES

A microestrutura diz respeito à estrutura interna do artigo, constituída por um conjunto de informações ordenadas que se seguem à entrada e são lidas horizontalmente. Esse conjunto de entrada com o enunciado lexicográfico denomina-se verbete (BARBOSA, 1996). A microestrutura abrange “a entrada e o tratamento dado a essa entrada através da rede de relações definicionais, relações gramaticais, relações semânticas e relações pragmáticas” (VILELA, 1995, p. 78). Assim, toda microestrutura é composta por duas partes: a enunciativa (a entrada lexical também conhecida como cabeça do verbete) e a informativa, que traz as informações (semânticas, fonológicas, sintáticas, etimológica, ortográfica etc.) referentes a primeira parte. Após o estabelecimento dos dados que devem constar nos verbetes, o editor precisa explicitá-los no prefácio ou na introdução para o leitor.

---

<sup>55</sup> Traduzindo: “um bom domínio da língua ou das línguas que venham ao caso, mas sim também um certo ‘olfato’ para localizar nos textos as unidades léxicas que interessam”.

Haensch (1982b) diz que o artigo pode ter formas variadas, pois “la extensión y el contenido de un artículo pueden variar mucho, según la finalidad y el grupo de destino o la naturaleza del léxico que es objeto de descripción”<sup>56</sup> (HAENSCH, 1982b, p.462-463). Contudo, ainda que a microestrutura possa ter formatos diferentes, ela deve ter um padrão constante no interior de uma obra lexicográfica com características que atendam a sua função. Vilela (1983, p. 78) propõe o seguinte modelo de microestrutura: Entrada + informação (etimológica/ortográfica/fonética/gramatical) + definição (ou explicação) + exemplos (ou aplicação em contextos).

Adotado o modelo para compor uma obra lexicográfica, a padronização é imprescindível tanto para os usuários, pois facilita a leitura dos verbetes, quanto para os redatores, que, sem ela, apresentariam as informações de maneiras divergentes.

#### 4.4.1 A entrada lexical

A primeira informação do verbete é a entrada lexical, também chamada de artigo. “Cada artículo se compone del ‘lema’ [...] que es la parte enunciativa de un artículo”<sup>57</sup> (HAENSCH, 1982b, p. 462). Para indicar a entrada da lexia em um dicionário, vocabulário ou glossário, geralmente, as palavras flexivas eleitas como entrada de verbete passam pelo processo de lematização, que consiste na redução para uma forma canônica que represente todas as variantes de flexão, chamada de lema. No entanto, na organização do *Vocabulário de Eulálio Motta*, priorizou-se como entrada a forma registrada no *corpus*, seguida das variantes (quando há registro), de maneira que os usos linguísticos do escritor sejam valorizados. Neste caso, indica-se a escrita padrão entre parênteses<sup>58</sup>.

A forma lematizada também foi adotada como entrada, quando usada pelo escritor, observando os seguintes critérios para cada classe de palavras: a) os substantivos são representados pela forma masculina singular seguida da terminação feminina, quando esse apresenta variação de gênero. Exceto, quando for exclusivamente do gênero feminino e no caso dos *pluralia tantum* (substantivos empregados apenas no plural); b) os adjetivos e os advérbios lematizam-se na sua forma masculina singular; e c) os verbos são lematizados no infinitivo por ser a forma menos marcada semanticamente.

---

<sup>56</sup> Traduzindo: “a extensão e o conteúdo de um artigo podem variar muito, segundo a finalidade e o grupo de destino ou a natureza do léxico que é objeto de descrição”.

<sup>57</sup> Traduzindo: “Cada artigo compõe-se do ‘lema’ [...] que é a parte enunciativa de um artigo”.

<sup>58</sup> Toma-se como base o modelo do *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais* (ANTUNES, 2013).

Ainda com respeito à identificação da lexia é preciso referir-se à dicotomia polissemia/homonímia. A maioria das lexias são polissêmicas; em geral só termos técnicos são monossêmicos. Para Pietroforte e Lopes (2010, p. 132), a linguagem humana é polissêmica, pois os signos nas relações com os outros signos, sofrem alterações de significado em cada contexto. O estudo dessas relações permite identificar tanto a diversidade linguística quanto a renovação lexical de uma língua. A grande questão é como registrar esses dados em obras lexicográficas. Principalmente, quando se utilizam como fonte de consulta documentos históricos, textos literários e relatos com a linguagem do cotidiano. Haensch (1982b) afirma que:

La solución práctica más viable en los diccionarios semasiológicos que no dan indicaciones sobre la etimología, es la de no hacer ninguna diferencia entre casos de homonimia y casos de polisemia, ya que los criterios alegados para distinguirlos son insuficientes e insatisfactorios<sup>59</sup> (HAENSCH, 1982, p. 467).

De acordo com a proposta de Haensch (1982b), todos os significados de uma lexia seriam incluídos no mesmo verbete, mas é necessário que se estabeleça uma ordem das informações. Biderman (1984a, p. 36) afirma que a ordenação dos significados deve ser feita com base na sua maior frequência, ou seja, “dos sentidos mais comuns aos menos frequentes”, cabendo ao lexicógrafo o bom senso de captar os traços semânticos que distinguem os vários sentidos de um vocábulo. Os valores semânticos concretos ou primários devem anteceder os significados metafóricos.

Com relação às palavras homônimas homógrafas (possuem a mesma grafia e significados diferentes), o procedimento padrão é tratar cada uma dessas palavras como entradas independentes. Para Biderman (1984a, p. 39), “sempre que deparamos com vocábulos de forma idêntica, mas opostos por seus semas distintivos, devemos atribuir-lhes entradas diferentes no dicionário”. Neste caso, o contexto é fundamental para eleger as entradas, porém algumas palavras deixam dúvida se devem fazer parte da macroestrutura como entradas independentes ou da microestrutura como subentradas. Rey-Debove (1984) exemplifica com a palavra *língua*, que pode se referir a ‘órgão bucal’ ou a ‘sistema de expressão comum a um grupo social’ e faz a ressalva “aquém da polissemia coloca-se a questão da homonímia; pode-se perguntar, com efeito, se não é necessário considerar duas palavras *língua* homônimas de preferência a uma só palavra *língua* polissêmica” (REY-

---

<sup>59</sup> Traduzindo: “A solução prática mais viável nos dicionários semasiológicos que não dão indicações sobre a etimologia, é a de não fazer nenhuma diferença entre casos de homonímia e casos de polissemia, já que os critérios alegados para as diferenciar são insuficientes e insatisfatórios”.

DEBOVE, 1984, p. 62). Os sentidos diferentes tornam-se cada vez mais difíceis de descrever à medida que se afasta da palavra gramatical para o substantivo.

Para a elaboração do *Vocabulário de Eulálio Motta* adotou-se como critério que as lexias homógrafas terão mais de uma entrada em razão do sentido empregado pelo escritor.

#### 4.4.2 Definição

Após a entrada lexical, tem-se a *definição*, também chamada de corpo do artigo. Para Werner (1982c), a “parte definitória, es la definición semántica propiamente dicha, de la que se supone, a menudo, que ella sola ya cumple la función de una explicación del significado”<sup>60</sup> (WERNER, 1982c, p. 259). A definição corresponde à parte mais importante e mais difícil de elaborar da microestrutura, podendo variar de acordo com o propósito da obra e do seu público alvo. Porto Dapena (2002) afirma que:

De todas las actividades del lexicógrafo la más difícil y a la vez más comprometida es sin duda la definición, la cual pese a ser el punto que siempre ha despertado mayor interés entre los estudiosos de la lexicografía teórica o metalexicografía, sigue constituyendo el principal escollo dentro de la redacción lexicográfica y, al mismo tiempo, el punto sobre el que se han venido centrado en buena medida las críticas dirigidas al diccionario monolingüe tradicional<sup>61</sup> (PORTO DAPENA, 2002, p. 266).

Isto ocorre porque a definição é a essência do trabalho lexicográfico e figura quase exclusivamente nas obras monolíngues de tipo semasiológico. Nas bilíngues, só é utilizada quando não existe um termo equivalente na outra língua, sendo necessário explicar o seu sentido por meio de uma definição. Para Porto Dapena (2002, p. 269), a definição deve ser constituída por dois elementos: o definido ou *definiendum*, representado pela entrada do verbete, e o definidor ou *definiens*, que é a expressão explicativa, ou seja, a definição propriamente dita. Ambos serão representados na mesma língua por um texto metalinguístico. Ela deve ser constituída sempre por uma palavra ou conjunto de palavras, que estão sujeitas a certas restrições sintáticas. “Lo normal es que se trate de un sintagma nominal, verbal,

---

<sup>60</sup> Traduzindo: “parte definitória, é a definição semântica propriamente dita, da que se supõe, frequentemente, que ela por si só já cumpre a função de uma explicação do significado”.

<sup>61</sup> Traduzindo: “De todas as atividades do lexicógrafo a mais difícil e ao mesmo tempo a mais comprometida é sem dúvida a definição, a qual apesar de ser o ponto que sempre despertou maior interesse entre os estudiosos da lexicografia teórica ou metalexicografia, continua constituindo a principal armadilha dentro da redação lexicográfica e, ao mesmo tempo, o ponto sobre o qual vem se centrado em boa medida as críticas dirigidas ao dicionário monolíngue tradicional”.

adjetival, etc., según la naturaleza categorial de la palabra definida”<sup>62</sup> (PORTO DAPENA, 2002, p. 269).

Porto Dapena (2002) retoma Rey-Debove (1967) e distingue o discurso metalinguístico em enunciado lexicográfico (ou metalíngua de signo) e enunciado definicional (metalíngua de conteúdo). A metalíngua de conteúdo é a mais frequente, sendo utilizada para atribuir um significado à palavra que serve como entrada para o verbete. Enquanto a metalíngua de signo é utilizada para definir a função ou os valores da palavra. É empregada, geralmente, com palavras gramaticais, que carecem de significado léxico. Porto Dapena (1999, p. 145) salienta que um enunciado lexicográfico é metalinguístico pelo simples fato de se referir a uma palavra-entrada, da qual indica alguma característica; mas como qualquer enunciado desse tipo pode, por sua vez, estar constituído de elementos que, em si mesmo, podem ser ou não metalinguísticos.

Porto Dapena (2002) afirma que a definição lexicográfica deve fundamentar-se em seis princípios, uns que se referem ao conteúdo e outros somente à forma:

[...] uno de carácter general, que es *el de equivalencia*, junto a otros más particulares, representados por el *de conmutabilidad* o *sustitución*, el *de identidad categorial* o *funcional*, el *de análisis*, el *de transparencia* y, finalmente, el *de autosuficiencia*<sup>63</sup> (PORTO DAPENA, 2002, p. 271).

De acordo com o princípio de equivalência, *o definiens* deve conter todo e tão somente *o definiendum*, tanto em extensão quanto em compreensão, para que uma definição seja correta. Segundo o princípio de comutabilidade ou substituição é possível trocar o *definiens* pelo *definiendum* sem prejuízo, quando a definição está formulada em metalíngua de conteúdo com equivalência semântica. Neste caso, tanto a entrada quanto a definição devem pertencer à mesma categoria gramatical, de modo que a definição de um adjetivo corresponda a outro adjetivo ou a um sintagma adjetivo, a definição de um substantivo corresponda a um substantivo ou a um sintagma substantivo e assim sucessivamente. Porto Dapena adverte que em alguns casos não é possível se cumprir de fato o princípio da comutabilidade, mas isto não inviabiliza o fato de uma definição ser tomada como correta, uma vez que:

---

<sup>62</sup> Traduzindo: “O normal é que se trate de um sintagma nominal, verbal, adjetival, etc., segundo a natureza categorial da palavra definida”.

<sup>63</sup> Traduzindo: “[...] um de caráter geral, que é o de equivalência, junto a outros mais particulares, representados pelo de comutabilidade ou substituição, o de identidade categorial ou funcional, o de análise, o de transparência e, finalmente, o de autossuficiência”.

[...] este principio no constituye una prueba indispensable para determinar la idoneidad de una definición lexicográfica, dado que la sinonimia o equivalencia semántica entre *definiendum* e *definiens* no tiene por qué ir indefectiblemente asociada a la posibilidad de conmutación<sup>64</sup> (PORTO DAPENA, 2002, p. 273).

Conforme o princípio da identidade categorial ou funcional, a categoria gramatical do *definiens* deve coincidir com a categoria gramatical do *definiendum*. Este princípio, assim como o da comutabilidade, só pode ser cumprido se a definição estiver em metalíngua de conteúdo. Já os princípios de análise, de transparência e de autossuficiência pressupõem que a verdadeira definição deve ser representada por uma frase ou enunciado submetido às regras sintáticas da língua em questão e ser composta por palavras mais compreensíveis do léxico comum. Vale ressaltar que nem todos os vocábulos podem ser definidos de acordo com todos os princípios elencados.

Segundo Werner (1982c, p. 275), “una de las posibilidades de definir el contenido referencial de una unidad léxica consiste en parafrasear el semema que le corresponde mediante un sintagma cuyo contenido referencial es idéntico al del semema que hay que definir”<sup>65</sup>. Embora sejam importantes para delimitar a unidade léxica, deve-se ter cuidado com a paráfrase e os sinônimos para não se apresentarem definições circulares, na qual um sinônimo remete ao outro e este, por sua vez, ao primeiro, dificultando o entendimento para o leitor. O essencial é que possam não somente compreender como também usar as lexias definidas. Nesse sentido, é o *definiendum* que determinará a adequação do tipo de definição a se empregar. Porto Dapena (2002, p. 277-296) assinala quatro tipos de definições lexicográficas: a enciclopédica, a linguística, a sinonímica e a perifrástica.

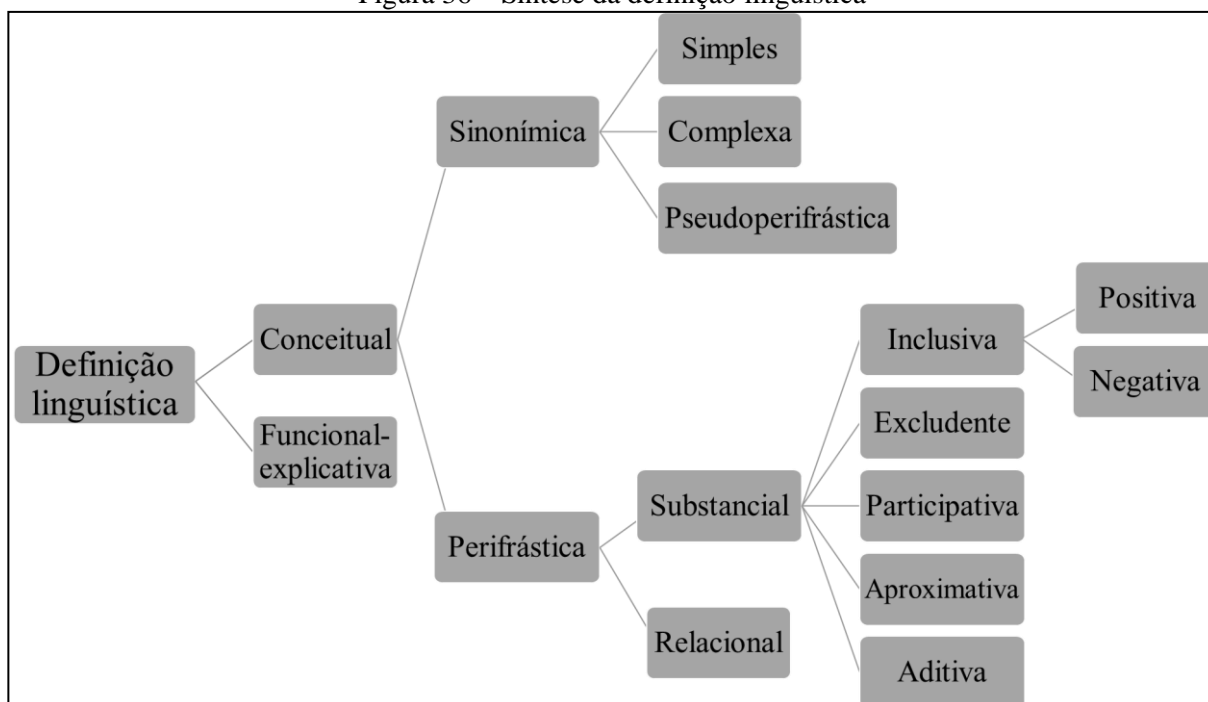
A definição enciclopédica ou ‘definição das coisas’, geralmente, é uma descrição pormenorizada do objeto ao qual uma palavra remete. Esse tipo de definição é apresentado tradicionalmente em enciclopédias, porém não são exclusivas, pois, inevitavelmente, aparecem também nos dicionários da língua (PORTO DAPENA, 2002, p. 277-278).

A partir da tipologia de definições proposta por Porto Dapena (2002), Cunha (2013) sintetiza a definição linguística no esquema da Figura 36:

<sup>64</sup> Traduzindo: “[...] este princípio não constitui uma prova indispensável para determinar a idoneidade de uma definição lexicográfica, dado que a sinonímia ou equivalência semântica entre *definiendum* e *definiens* não tem porque estar indefectivelmente associada à possibilidade de comutação”.

<sup>65</sup> Traduzindo: “Uma das possibilidades de definir o conteúdo referencial de uma unidade léxica consiste em parafrasear o semema que lhe corresponde mediante um sintagma cujo conteúdo referencial é idéntico ao do semema que tem que definir”.

Figura 36 – Síntese da definição linguística



Fonte: Cunha (2013, p. 72).

A definição linguística tem por objetivo explicar as unidades léxicas em geral, enumerando os traços semânticos mais importantes para distingui-las das outras unidades. Trata-se da definição lexicográfica propriamente dita, que “deve ser suficientemente geral para que possa incluir todas as possibilidades sem determiná-las” (MURAKAWA, 2006). Ela se distingue em *conceitual* – formulada em metalíngua de conteúdo, na qual se pretende expressar o conteúdo significativo ou conceitual do *definiendum* – e *funcional ou explicativa* – formulada em metalíngua de signo, na qual são expressos os valores, funções, ou usos das palavras a serem definidas.

A definição linguística *conceitual*, por sua vez, divide-se em *sinonímica* e *perifrástica*. Na definição *conceitual sinonímica* a definição da palavra-entrada é apresentada por um sinônimo. Esta, por sua vez, pode ser *simples*, constituída por um único sinônimo, *complexa*, ou *acumulativa*, formada por mais de um sinônimo, e *mista*, quando é representada por um sinônimo e uma definição *perifrástica*. Na definição *conceitual perifrástica*, a definição é formada por uma frase ou sintagma. Devido a sua complexidade formal, quer do ponto de vista semântico quer do sintático, a definição *perifrástica* distingue-se em diversas classes. Porto Dapena (2002, p. 290-291), retoma a distinção feita por Rey-Debove em duas classes gerais: a *substancial* e a *relacional*. A definição *conceitual perifrástica substancial* é formada por um sintagma cujo núcleo pertence à mesma categoria gramatical da palavra-entrada,



enquanto a *relacional* não possui um núcleo, mas um transpositor que pode ser representado por um pronome relativo ou por uma preposição.

A definição *substancial* é a mais frequente nos dicionários e é classificada, a partir da sua estrutura lógica, em cinco subtipos: *inclusiva* (que pode ser *positiva* ou *negativa*); *excludente*; *participativa*; *aproximativa* e *aditiva*. A *inclusiva positiva*, também chamada de *hiperonímica*, é constituída por um gênero próximo (hiperônimo) e uma diferença específica. Porto Dapena (2002, p. 292-293) informa que:

[...] este el tipo ideal de definición lexicográfica hasta el punto de que, como observa I. Bosque, “el hipotético diccionario que estuviera constituido únicamente por definiciones hiperonímicas con un índice mínimo de circularidad sería probablemente el diccionario perfecto”<sup>66</sup> (PORTO DAPENA, 2002, p. 292-293).

A definição *inclusiva negativa* diferencia-se da positiva por possuir um hiperônimo com sentido negativo. Esta, por sua vez, não se confunde com a definição *substancial excludente* (ou antonímica), visto que a negação é feita por uma simples partícula negativa. As classes particulares de definição *substancial*, relativamente frequentes nos dicionários, são as chamadas *participativas* (metonímica) e *aproximativas* (analógica). Na primeira, o núcleo do sintagma é constituído por uma palavra de sentido geral como *parte*, *órgão*, *peça* ou com significado distributivo e na segunda por uma palavra que indique aproximação ou semelhança como, por exemplo, *espécie*, *tipo* e *qualidade*. A mais importante por sua frequência de uso é a definição *substancial aditiva*, que consiste em uma análise do significado mediante a adição ou associação de vários lexemas que, sintaticamente, se unem por coordenação aditiva.

É evidente que vários tipos de definições lexicográficas são possíveis e usuais. Contudo, diante das especificidades, nota-se que não há uma tipologia que abarque todas as características das diferentes classes de palavras e que seja capaz de esgotar todas as nuances semânticas. Cabe, então, ao lexicógrafo escolher o tipo de definição que melhor se ajuste ao seu *corpus*. Quando o tipo escolhido não consegue elucidar satisfatoriamente o significado ou a funcionalidade de uma palavra, deve-se recorrer a outras tipologias.

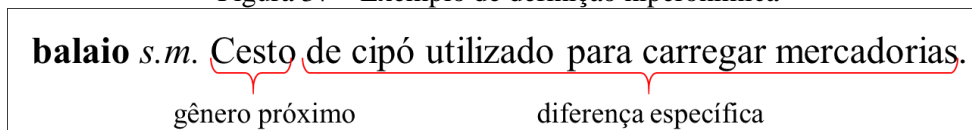
Para a redação das definições dos verbetes do *Vocabulário de Eulálio Motta* elegeu-se a definição linguística *conceitual perifrástica substancial inclusiva positiva*, também

---

<sup>66</sup> Traduzindo: “[...] este é o tipo ideal de definição lexicográfica até o ponto de que, como observa I. Bosque, “o hipotético dicionário que esteja constituído unicamente por definições hiperonímicas com um índice mínimo de circularidade seria provavelmente o dicionário perfeito””.

denominada de *hiperonímica*, na qual se deve estabelecer o gênero próximo e a diferença específica como no exemplo abaixo:

Figura 37 – Exemplo de definição hiperonímica



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A definição *hiperonímica* é a mais utilizada principalmente quando se trata da definição dos substantivos. No entanto, esse tipo de definição não atendeu a todas as entradas, visto que o vocabulário é composto por classes de palavras distintas. Nesse sentido, privilegiaram-se as tipologias que fazem parte do grupo de definição linguística *conceitual perifrástica substancial* e, quando necessário, a definição *sinonímica* de modo que atendessem melhor as particularidades.

#### 4.4.3 Abonação

Houaiss e Villar (2001) definem *abonação* como: “atestação, por meio de documento, da ocorrência de uma palavra ou de uma acepção numa determinada data” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 23). Assim sendo, abonação pode ser concebida como a mesma coisa que exemplo, se este for uma frase ou trecho de frase, que serve para exemplificar, encontrada em um texto autêntico. Segundo Biderman (1984a, p. 22-23):

[...] o lexicógrafo deverá extrair da sua concordância os melhores exemplos, de forma que o contexto citado explicita bem o significado, uso ou construção em epígrafe e também registre o nível de linguagem descrito quando for necessário. [...] um contexto pouco original mas que ilustre bem a norma linguística pode ser o mais indicado (BIDERMAN, 1984a, p. 22-23).

Nesse sentido, apresentam-se no *Vocabulário de Eulálio Motta* abonações, destacadas em itálico, encontradas no *corpus* selecionado. Assim, comprova-se, de fato, que a lexia ocorre na respectiva acepção, contextualizando-a em um discurso real.

Cada abonação é identificada com um código, sublinhado, correspondente ao texto consultado (JMN180[1931] a JMN223[1932] para o jornal *Mundo Novo*, JL3[1933] a JL96[1935] para o jornal *O Lيدador*, JS1[1950] a JS49[1951] para o jornal *O Serrinhense*, JGP64[1960] a JGP105[1961] para o jornal *Gazeta do Povo*, P1[1949] a P48[1983] para os

panfletos e C1[1933] a C50[1933] para os *causos*)<sup>67</sup>. O *FLEx* acrescentou, automaticamente, no código de identificação da abonação o número corresponde a cada uma das sentenças, conforme o exemplo que segue abaixo:

Figura 38 – Exemplo de abonação

**pote** *s.m.* Vasilha de barro utilizada para transportar ou armazenar água. – *Tai, gente! Tai! esse home isperano chuva do nacente! Quá, meu véio, pode imborcá seu pote!* [C12\[1933\] 16.1](#)

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Como pode-se notar, no exemplo acima, o código gerado no banco de dados do *FLEx*, fica destacado em azul, pois é um *hiperlink* que dá acesso ao texto completo dentro do sistema eletrônico. No entanto, para a versão impressa do *Vocabulário de Eulálio Motta* não foi mantida a cor azul por não se tratar de uma edição eletrônica.

#### 4.5 AS LEXIAS

A *lexia* é a unidade lexical que se manifesta no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis (BIDERMAN, 1978, p. 130). Pottier (1977, p. 324), por sua vez, afirma que a “*lexia es la unidad lexical memorizada. Pertenece a una categoría (forma del significado) o a clases superiores [...] nace de un hábito asociativo. En general se trata de un lento proceso de lexicalización de una secuencia*”<sup>68</sup>. Portanto, a *lexia* é uma unidade funcional, que pode ser classificada em *simples*, *composta* e *complexa*, conforme a proposta conceitual e terminológica de Pottier (1977, p. 325-326), que será adotada neste trabalho.

##### 4.5.1 Lexia simples

As *lexias simples* correspondem à *palavra* tradicional (POTTIER, 1977, p. 325). Para Borba (2003), “são simples as *lexias* formadas por uma única forma livre [cara, porto, vento]” (BORBA, 2003, p. 22). Biderman (1978) também corrobora com essa definição, afirmando

<sup>67</sup> Conferir Quadro 1, p. 49, Quadro 2, p. 53, Quadro 3, p. 58, Quadro 4, p. 63, Quadro 5, p. 69 e Quadro 6, p. 80, apresentados neste trabalho. Na seção 3.1 *Composição e organização do corpus* apresentam-se os critérios adotados para a elaboração do código de identificação dos textos.

<sup>68</sup> Traduzindo: “*lexia* é a unidade lexical memorizada. Pertence a uma categoria (forma do significado) ou a classes superiores [...] nasce de um hábito associativo. Em general se trata de um lento processo de lexicalização de uma sequência”.

que “o termo *lexia* simples será, pois, reservado para as unidades que são grafadas como um único segmento” (BIDERMAN, 1978, p. 133). Portanto, graficamente, o vocábulo simples apresenta-se como uma sequência ininterrupta de letras, percebidas e seguidas de espaços em branco, comumente denominada de palavra.

#### 4.5.2 *Lexia Composta*

De acordo com Pottier (1977), “La *lexia* compuesta es el resultado de una integración semántica que se manifiesta formalmente: *saca-corchos, verde-botella*.”<sup>69</sup> (POTTIER, 1977, p. 325), ou seja, são duas palavras que compõem um todo semântico. “El nexo puede ser muy estrecho entre un *lexema* y un *gramema*, para formar un *lexema* secundario. [...] Toda secuencia puede integrarse y formar un nuevo *lexema*. Esp. *Ensimismarse* (sobre ‘en sí mismo’).”<sup>70</sup> (POTTIER, 1977, p. 325). Similar ao exemplo em espanhol, apresentado por Pottier, Eulálio Motta também usou em uma crônica publicada no dia 3 de outubro de 1931, no Jornal *Mundo Novo*: “Segue. La vae, pela rua Chile, como um esquecido. Um abstrato. Um *ensimesmado*” (MOTTA, 1931e, p. 8).

Com o passar do tempo, algumas formas lexicais vão se incorporando à língua. As *lexias* compostas, quando perdem a capacidade de flexão interna e de inserção de elementos, tornam-se *lexias* simples, pois perdem a consciência da composição como, por exemplo: *filho de algo > fidalg’algo > fidalgo* (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1337).

Nota-se na definição dos tipos de *lexias* propostos por Pottier (1977) que ela se detém ao grau de liberdade combinatória dos *lexemas* que a formam, sendo atestado principalmente pela grafia. Nesse sentido, Bizzocchi (1999) afirma que:

Graficamente, *os vocábulos simples que constituem o vocábulo composto apresentam-se aglutinados ou ligados por hífen*, de modo a formarem uma sequência ininterrupta de sinais gráficos, cedida e seguida de espaços em branco, ou seja, uma palavra. Exemplos: *cata-vento, morfossintaxe, guarda-roupa, pé-de-moleque*. (BIZZOCCHI, 1999, p. 91, grifo nosso).

Em Barros (2004), as *lexias* compostas são citadas como termos compostos, que se distinguem dos termos complexos “pelo alto grau de lexicalização e pelo conjunto de morfemas

---

<sup>69</sup> Traduzindo: “A *lexia* composta é o resultado de uma integração semântica que se manifesta formalmente: *saca-rolhas, verde-garrafa*”.

<sup>70</sup> Traduzindo: “O nexo pode ser muito estreito entre um *lexema* e um *gramema*, para formar um *lexema* secundário. Toda sequência pode se integrar e formar um novo *lexema*. Esp.: *Ensimismarse* (sobre ‘em si mesmo’)”.

lexicais e/ou gramaticais que os constitui, em situação de não-autonomia *representada graficamente pela utilização do hífen*” (BARROS, L., 2004, p. 100, grifo nosso).

No entanto, nem sempre o vocábulo composto apresenta seus elementos aglutinados ou hifenados. O hífen não pode ser considerado como condição *sine qua non* para a existência da lexia composta. Para Camara Jr. (1970), muitas vezes, as convenções da língua escrita a respeito desta marca formal não são firmes em face da realidade linguística que emana da língua oral (CAMARA JR., 1970, p. 61). Portanto, deve-se levar em conta o critério de integração semântica. Um exemplo que remete ao *Vocabulário de Eulálio Motta*, é ‘febre amarela’: “A cidade de Mundo Novo, de vez em quando é posada da gripe, do tifo, e se tem se dado caso até de *febre amarela*, graças à sua imundície” (MOTTA, 2016 [1933], p.110, grifo nosso). *Febre* e *amarela* são duas lexias simples, mas, quando ocorreu a epidemia viral, passou-se a usar a expressão *febre amarela* para se referir a doença, que tem como um dos sintomas a icterícia (cor amarelada da pele). O uso metonímico fez com que *febre amarela* se tornasse uma lexia composta. Têm-se outros exemplos de lexias compostas no *Vocabulário de Eulálio Motta* como: *cabis-baixos*, *cansa-cavalo*, *lusco-fusco*, *manda-chuva*, *mata-burro*, *moleque duro*, *papa-verba* entre outros.

#### 4.5.3 Lexia Complexa

Segundo Pottier (1977), “La lexía compleja es una secuencia en vías de lexicalización, en diversos grados: La guerra fría, un complejo industrial, tomar medidas, luz roja, hot dogs. Las siglas son un caso particular de lexías complejas”<sup>71</sup> (POTTIER, 1977, p. 326). Portanto, é natural que todo vocábulo complexo constantemente repetido torne-se uma unidade cristalizada, e como tal, seja dicionarizada. Isso ocorre em virtude do uso constante, acabam por se transformar em construções fixas, num processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único, em graus diversos. Nesse caso, os elementos que formam a *lexia compleja* não podem se separar sem que se tenha prejuízo do todo semântico.

As *lexias complejas* que alcançam o nível de um enunciado ou de um texto são classificadas por Pottier (1977, p. 326) como *lexias textuais*, desde que sejam usadas por um grupo sociocultural capaz de interpretá-las. São exemplos: rezas, adivinhas, provérbios etc. Biderman (2000) salienta que “as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um

---

<sup>71</sup> Traduzindo: “A lexia compleja é uma sequência em vias de lexicalização, em diferentes graus: A guerra fria, um complexo industrial, tomar medidas, luz vermelha, cachorro-quente. As siglas são um caso particular de lexias complejas”.

sintagma discursivo livre são muito difusas [...] A isso se vem agregar o fato de que a lexicalização das unidades complexas não se verifica de modo uniforme” (BIDERMAN, 2000, p. 45). Essa questão exige do lexicógrafo uma boa formação teórica para poder decidir como registrar esses casos no verbete. O importante é que se estabeleça uma ordem e que ela seja seguida em todo o trabalho lexicográfico.

Caberá ao lexicógrafo “decidir se essas lexias complexas comporão a macroestrutura do dicionário aparecendo como entradas de dicionário, ou se serão incorporadas a outros verbetes como subentradas dos mesmos” (BIDERMAN, 1998b, p. 139). A tradição lexical portuguesa é a de incluir as lexias complexas em outro verbete. Biderman afirma que “o consulente comum terá certamente muita dificuldade para localizar numerosas palavras no seu verbete adequado” (BIDERMAN, 1998b, p. 140). Dessa forma, optou-se por lematizar as *lexias complexas* no *Vocabulário de Eulálio Motta*, seguindo a ordem alfabética como, por exemplo: *abafa a banca, atestado de burrice, cão sem dono, farinhas do mesmo saco, ler pela cartilha, rua da amargura, sombra com água fresca, terra de ninguém* entre outros.

#### 4.6 AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO *CORPUS* DE EULÁLIO MOTTA

Os diversos tipos de estruturas pré-fabricadas utilizadas pelos falantes em suas produções linguísticas contribuem para a formação, para o funcionamento e para o desenvolvimento da linguagem. Dentre elas, destacam-se as combinações estáveis de palavras, generalizadas na língua e de grande importância para o processo de aquisição e aprendizagem tanto da língua materna como de uma segunda língua. Essas combinações lexicais são sequências complexas, mais ou menos fixas, formadas por dois ou mais vocábulos ou até mesmo de frases inteiras, cujo sentido geralmente é entendido pelo conjunto de seus componentes. Desse modo, o significado do todo nem sempre corresponde à soma do significado das partes.

Para Biderman (2005), “o fenômeno da lexicalização de combinatórias lexicais (sintagmas discursivos) não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável” (BIDERMAN, 2005, p. 747). Segundo ela, a intuição dos falantes não é suficiente para determinar o grau de fixidez, extensão, estabilidade e a vitalidade do uso dessas combinatórias. Saussure em 1916, no *Cours de linguistique générale*, já chamava a atenção para essas combinações fixas de palavras, que para ele, são “[...] frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 144). Ele apontou para a

necessidade de um estudo específico para essas unidades, destacando que tais combinações existem em grande número na língua e não podem ser improvisadas, pois são fornecidas pela tradição.

As primeiras definições de uma nova disciplina, a fraseologia, surgiram na década de 1930 com Polivánov, em 1931, e Abakúmov, em 1936, mas foi na década de 1940, que a fraseologia se desenvolveu como disciplina linguística. De acordo com Ortiz Alvarez (2000), é “a época do maior desenvolvimento das pesquisas dos linguistas russos nessa área, destacando-se Vinogradov (1938) como o primeiro a classificar sincronicamente as unidades fraseológicas do ponto de vista funcional” (ORTIZ ALVAREZ, 2000, p. 71).

Corpas Pastor (1996, p. 16) sinaliza a existência de uma certa homogeneidade quanto ao uso do termo fraseologia para referir-se ao estudo das combinatórias léxicas, porém destaca que o problema se encontra em delimitar e em nomear o objeto de estudo, ou seja, os diferentes tipos de combinatórias. No *Manual de fraseología española*, ela apresenta um panorama das denominações atribuídas às distintas combinações de palavras na tradição espanhola, tais como *expresión pluriverbal*, *expresión fija*, *unidad fraseológica o fraseologismo* etc., as quais se pode adicionar ainda, de acordo com o contexto teórico, frase feita, expressão idiomática, locução, entre outros termos empregados em língua portuguesa. Diante da variedade terminológica existente, Corpas Pastor descarta o termo *expressão fixa*, utilizada por Gross, em 1988, em seu estudo sobre *Les limites de la phrase figée*, porque enfatiza uma única característica (a fixação), e opta pela denominação ‘unidade fraseológica’ (UF). Corpas Pastor justifica a sua escolha por ser um termo genérico de grande aceitação na tradição europeia e nos demais países onde se investigam os sistemas fraseológicos das línguas. Para Corpas Pastor (1996),

[...] las *unidades fraseológicas* (UFS) – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomática y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos<sup>72</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20).

---

<sup>72</sup> Traduzindo: “as unidades fraseológicas (UFS) – objeto de estudo da fraseologia – são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Estas unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de co-ocorrência de seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomática e variação potenciais; assim como pelo grau em que se dão todos estes aspectos nos diferentes tipos.

O termo fraseologia é polissêmico, podendo referir-se a dois conceitos diferentes, embora complementares: por um lado, designa o estudo das unidades fraseológicas, por outro, significa o conjunto de combinações fraseológicas, cada um deles com estrutura semântica, sintática e pragmática específica, com diferentes tipos e graus diversos de integração de seus constituintes, pertencentes a um universo de discurso. Neste caso, os itens lexicais perdem seu significado original para obter um novo sentido em conjunto, em geral, com conotação cômica, trágica, emotiva ou crítica. Trata-se de uma unidade mentalmente armazenada, à semelhança de uma palavra, que se caracteriza pela polilexicalidade e pela relativa fixidez.

Xatara (2004, p. 267), considerando os estudos de Bally, em 1951, afirma que a fraseologia, enquanto ciência, é uma sub macroárea da Lexicologia, que se subdivide em dois campos: na fraseologia popular (para estudar os idiomatismos, as colocações, os provérbios, as gírias e afins), e na fraseologia técnico-científica (voltada para as expressões terminológicas). “Essa classificação é *grosso modo* corroborada pelo alemão Thun (1975), um dos principais seguidores de Bally, e por Zuluaga (1980), Carneado Moré (1985) e Tristá (1988), linguistas inspirados sobretudo pelos estudos dos fraseólogos russos” (XATARA, 2004, p. 267). A partir dessas pesquisas iniciais, estudaram-se os princípios de disposição e de processamento do material lexicográfico e inclusão das unidades fraseológicas nos dicionários gerais. Assim como aprofundou-se os critérios de seleção, distribuição e definição destas unidades.

No Brasil, também se constata um crescimento significativo nos estudos das unidades fraseológicas do português, até mesmo em contraste com outras línguas. A título de exemplo, destacam-se os trabalhos de: Camargo e Steinberg (1986), Tagnin (1989), Xatara (1994, 1998), Roncolato (1996, 2001), Ortiz Alvarez (2000), Vale (2002) e Riva (2009). As pesquisas avançaram por diversos segmentos dentro da fraseologia, desde a elaboração de dicionários especiais, monolíngues ou bilíngues como, por exemplo, o *Novo PIP – Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso francês-português/português-francês* (XATARA; OLIVEIRA, 2008), até aos estudos sobre diferentes tipos de organização dessas unidades fraseológicas nos dicionários. O crescente mapeamento dessas unidades, reforçam o aprimoramento das tecnologias computacionais utilizadas para lidar com elas nos diversos tipos de *corpora* disponíveis online. Uma das motivações é a limitação física dos dicionários gerais, sendo necessário constituir dicionários especializados em fraseologismos para dar conta das unidades mais extensas. Ortiz Alvarez (2012) ressalta que:



É através da fraseologia que as singularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (ORTIZ ALVAREZ, 2012, p. 11).

Daí a importância de se estudarem as unidades fraseológicas. Elas constituem uma riqueza linguística essencial, pois trazem o conhecimento da história e da cultura de um povo, bem como as situações que motivam o seu uso. Para Klare (1986):

Estes elementos desempenham um papel essencial no aumento da expressividade de enunciados e textos, eles servem para a elevação da capacidade de matizar os textos falados e escritos. Não é raras vezes que o aumento da expressividade se baseia nas imagens contidas nos fraseologismos, na sua metafórica (KLARE, 1986, p. 357).

Em sua maioria, as unidades fraseológicas são tão difundidas na comunidade linguística, que é possível compreender a linguagem metafórica da mensagem, mesmo sem ter conhecimento de como surgiu a expressão. Para tanto, pressupõe-se uma competência semântica para decodificá-la, pois a mensagem, geralmente, apresenta-se subentendida. Muitas das unidades fraseológicas são oriundas de experiências verídicas. Trata-se de um legado cultural de origem popular ou erudita, transmitido quase sempre oralmente de geração a geração. Essas lições, muitas vezes, são repassadas em forma de adágio. Eulálio Motta utilizou dessas expressões para compor os seus textos como, por exemplo, no *causo Novidade*:

– Quá, minha comade, tá se veno logo que vamicê nan cunhece aquilo. Aquilo é gente no mundo?! Cuncerta não! Cuncerta nunca não!

E conluío:

– *Quem nace pra cachorro morre latino.*

Achei muito interessante esta variante do velho adágio: – “*Pau que nace tôrto, torto fica*”.

E dias depois, achando-me em Mundo Novo, contava-a eu a alguns amigos, como novidade novinha em fôlha. E tive a surpresa de saber, pelos meus amigos, que a frase é velha, muito conhecida... Fiquei aborrecido de ter bancado o contador de novidade velha. (MOTTA, 2016 [1933], p. 85-86, grifo nosso).

Eulálio Motta, enquanto narrador, ressalta a sua surpresa diante de um adágio que ele não conhecia. Apesar disso, consegue compreender a mensagem, pois o uso repetitivo perante o mesmo contexto faz com que o ouvinte assimile como verdade, nesse caso, “Quem nace pra cachorro morre latino” refere-se a um sujeito incorrigível.

Para se definir uma unidade fraseológica, é necessário estabelecer critérios. Segundo Klare (1986), os critérios já aplicados são, sobretudo, de natureza semântica. Assim, sugere como critérios:

[...] a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização, quer dizer, a acumulação no léxico e a reproduzibilidade assim possível do todo como complexo. Considerados isolados estes critérios são insuficientes para a determinação dos fraseologismos, normalmente devem ser cumpridos todos pela locução em questão (KLARE, 1986, p. 358).

Estas características foram corroboradas por Corpas Pastor (1996). Para ela, a idiomaticidade é um dos principais aspectos de uma unidade fraseológica, segundo a qual o significado global não é dedutível do significado isolado de cada um de seus elementos constitutivos, podendo haver mais ou menos discordância. As unidades fraseológicas podem apresentar dois tipos de significados: denotativo literal e o denotativo figurativo. Este, conhecido como idiomático, é produto de processos metafóricos e metonímicos e está presente na maior parte das unidades. “En este sentido, conviene recordar que no todas las unidades fraseológicas son idiomáticas, pues se trata de una característica potencial, no esencial, de este tipo de unidades”<sup>73</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 27).

O segundo critério refere-se à estabilidade, da qual implica a fixação dos constituintes da UF, ou seja, quando se consolida o uso e o significado não requer análise. Já o terceiro critério refere-se à acumulação dessas unidades no vocabulário de uma língua, à sua lexicalização. Mesmo sendo caracterizadas pela fixação formal e semântica, as unidades fraseológicas podem sofrer variações em sua estrutura. Corpas Pastor (1996), sinaliza dois tipos:

Al primer tipo corresponden aquellas variaciones concernientes al uso de preposiciones, artículos, número y orden de constituyentes, formas acortadas de constituyentes o número gramatical de los mismos, que no cambian la organización interna de las unidades fraseológicas [...] En el segundo tipo se encuadran sinónimos fraseológicos que se distinguen por la congruencia estructural completa y la identidad parcial del componente léxico<sup>74</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 28).

<sup>73</sup> Traduzindo: “Neste sentido, convém lembrar que nem todas as unidades fraseológicas são idiomáticas, pois se trata de uma característica potencial, não essencial, deste tipo de unidades”.

<sup>74</sup> Traduzindo: “Ao primeiro tipo correspondem aquelas variações concernentes ao uso de preposições, artigos, número e ordem dos constituintes, formas abreviadas de constituintes ou número gramatical dos mesmos, que não mudam a organização interna das unidades fraseológicas [...] No segundo tipo se enquadram sinónimos fraseológicos que se distinguem pela congruência estrutural completa e a identidade parcial do componente léxico”.

Estas posibilidades de variação foram identificadas no *Vocabulário de Eulálio Motta*. Como exemplo do primeiro tipo: *muita água ainda tenha de rolar debaixo da ponte* (MOTTA, 2015b [1982], p. 299). A expressão significa ‘levar muito tempo’ e a forma mais usual seria: *Passar muita água debaixo da ponte*. No segundo tipo, tem-se os sinônimos fraseológicos. Eulálio Motta usou: *vendeu urubu por galinha* (MOTTA, 2015a [1966], p. 264), sendo que a expressão mais usual é *vender gato por lebre*. Além dos elementos pontuados, Corpas Pastor (1996, p. 21) destacou que o uso, a repetição e a frequência de ocorrência de uma unidade fraseológica levam a sua institucionalização.

Precisamente esta institucionalización caracteriza las producciones lingüísticas de los hablantes, los cuales, por lo general, no van creando sus propias combinaciones originales de palabras al hablar, sino que utilizan combinaciones ya creadas y reproducidas repetidamente en el discurso, que han sido sancionadas por el uso<sup>75</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 22).

Em resumo, as cinco características consideradas essenciais para determinar uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica são: i) ser formada por várias palavras; ii) estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente; iii) possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; iv) apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; e v) ser passível de modificações nos elementos que as integram.

As unidades fraseológicas podem ser agrupadas em diferentes classes, de acordo com o ponto de vista adotado pelo pesquisador. Welker (2011), ao tratar dos tipos de fraseologismos, assinala que para o fraseólogo suíço Harald Burger, em 1998, existe um consenso de que “a fraseologia abrange uma grande variedade de combinações de palavras, desde colocações até provérbios” (WELKER, 2011, p. 139). A partir de uma concepção mais ampla, destaca-se neste trabalho a classificação de Corpas Pastor (1996, p. 32-52), que propõe uma nova taxonomia das unidades fraseológicas, baseada nas discussões de Casares (1950), Coseriu (1966), Thun (1978), Zuluaga (1980), Haensch et al. (1982), Carneado Moré (1985) e Tristán Pérez (1979; 1985; 1988), e adota como critérios básicos:

- (1) elemento oracional u oración completa; (2) fijación en el sistema, en la norma o en el habla; (3) fragmento de enunciado o enunciado completo; (4)

---

<sup>75</sup> Traduzindo: “Precisamente esta institucionalización caracteriza as produções linguísticas dos falantes, os quais, geralmente, não vão criando suas próprias combinações originais de palavras ao falar, mas sim utilizam combinações já criadas e reproduzidas repetidamente no discurso, que foram sancionadas pelo uso”.

restricción combinatoria limitada o total; y (5) grado de motivación semántica<sup>76</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 50).

Com base nos critérios elencados, Corpas Pastor (1996, p. 52) classifica as unidades fraseológicas em três esferas: Esfera I – Colocações; Esfera II – Locuções; e Esfera III – Enunciados fraseológicos (parêmsias e fórmulas de rotina). A classificação de uma unidade fraseológica a uma determinada esfera depende de sua fixação no sistema, na norma ou na fala, assim como de sua capacidade de constituir atos de fala e enunciados por si mesma. Cada uma dessas esferas se subdivide em diversos tipos de unidades fraseológicas em virtude de uma série de critérios adicionais (categoria gramatical, função sintática, caráter de enunciado, independência textual etc.).

A primeira e a segunda esfera compreendem as unidades fraseológicas que não constituem atos de fala ou enunciados de modo independente, necessitando combinar com outros elementos linguísticos. Este grupo não é homogêneo porque mescla unidades estáveis de fixação distintas, visto que, na esfera I, as colocações são combinações fixadas na norma e, na esfera II, as locuções são fixadas no sistema da língua.

De acordo com Corpas Pastor (1996, p. 53), as colocações são unidades fraseológicas que, do ponto de vista do sistema da língua, são sintagmas livres, gerados a partir de regras, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso, isto é, uma fixação interna. Essa restrição deve-se “la tendencia sintáctico-semántica de las palabras aisladas de una lengua a adoptar tan sólo un número limitado de combinaciones con otras palabras entre una gran cantidad de posibles combinaciones”<sup>77</sup> (ETTINGER, 1982, p. 251). Para Salah Mejri (2012), “[...] une séquence est dite figée si elle connaît une fixeté totale ou partielle des règles de la combinatoire syntagmatique, de la commutativité paradigmaticque et de la compositionnalité sémantique”<sup>78</sup> (SALAH MEJRI, 2012, p. 143).

Nota-se que as colocações estão relacionadas aos fenômenos de restrição combinatória sintagmática em função do uso. Os falantes reconhecem as colocações como familiar e as empregam como se tratassem de um fragmento pré-fabricado. Dessa forma, na combinação dos elementos, a base e o colocado não possuem o mesmo *status* semântico, pois um determina e o outro é determinado. “Aquele que determina é chamado de base, que é o

<sup>76</sup> Traduzindo: “(1) elemento oracional ou oração completa; (2) fixação no sistema, na norma ou na fala; (3) fragmento de enunciado ou enunciado completo; (4) restrição combinatória limitada ou total; e (5) grau de motivação semântica”.

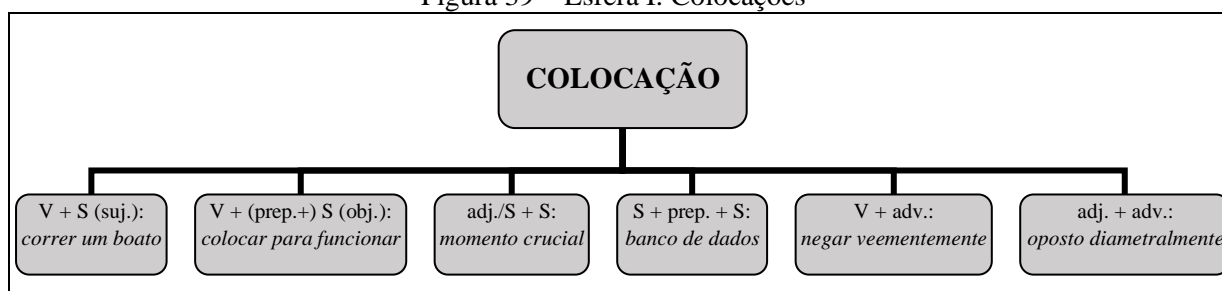
<sup>77</sup> Traduzindo: “a tendência sintático-semântica das palavras isoladas de uma língua a adotar tão somente um número limitado de combinações com outras palavras entre uma grande quantidade de possíveis combinações”.

<sup>78</sup> Traduzindo: “[...] uma sequência é dita fixa se ela apresenta uma fixidez total ou parcial das regras da combinatória sintagmática, da comutatividade paradigmática e da composicionalidade semântica”.

elemento autônomo, enquanto que o outro, o determinado, é chamado de colocado, que somente pode ser interpretado semanticamente quando na colocação” (ORENHA-OTTAIANO, 2012, p. 152). Geralmente o colocado tem uma acepção especial, de caráter abstrato ou figurativo.

A partir da proposta de Benson et al., em 1986, e Hausmann, em 1989, Corpas Pastor (1996, p. 66-76) distingue seis tipos de colocações (cf. Figura 39):

Figura 39 – Esfera I: Colocações



Fonte: Diagrama elaborado pela pesquisadora, a partir da classificação proposta por Corpas Pastor (1996). Os exemplos foram traduzidos, quando possível, ou adaptados para a Língua Portuguesa.

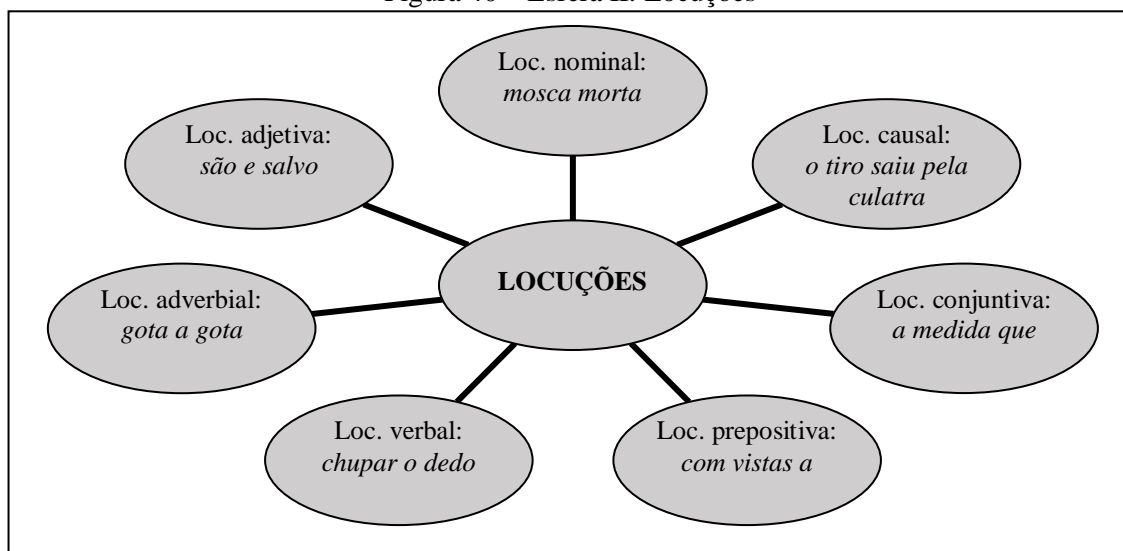
A restrição combinatória imposta pelo uso é o que distingue as colocações das combinações livres de itens lexicais ao nível da norma. As colocações não apresentam a artificialidade formal (recursos fônicos, disposições rítmicas, esquemas sintáticos etc.) nem os recursos próprios da maioria das unidades fraseológicas pertencentes às outras esferas. No entanto, existem os casos intermediários, compostos por verbos polissêmicos, cuja carga semântica adiciona determinados aspectos como começo, final, duração e causalidade. No *Vocabulário de Eulálio Motta*, por exemplo, tem-se uma colocação com o verbo ‘dar’: *A cuma tá dano?* (MOTTA, 2016 [1933], p. 92). Neste caso, a base é o ‘como’ e o colocado ‘está dando’ é aquilo que se está buscando, ou seja, ‘quanto custa’.

As locuções, por sua vez, são definidas por Casares (1992 [1950]) como “combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”<sup>79</sup> (CASARES, 1992 [1950], p. 170). Essas unidades fraseológicas apresentam fixação interna, unidade de significado e não constituem enunciados completos. Fixadas no sistema da língua, se diferenciam das colocações, fundamentalmente, por sua institucionalização, sua estabilidade sintático-semântica e sua função denominativa.

<sup>79</sup> Traduzindo: “combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento oracional e cujo sentido unitário usual não se justifica, sem mais, como uma soma do significado normal dos componentes”.

Corpas Pastor (1996, p. 93-110) classifica sete tipos de locuções (cf. Figura 40) pela função oracional que desempenham, independentemente de serem comutáveis por palavras simples ou por sintagmas, considerando sempre o núcleo do sintagma para essa classificação.

Figura 40 – Esfera II: Locuções



Fonte: Diagrama elaborado pela pesquisadora, a partir da classificação proposta por Copras Pastor (1996). Os exemplos foram traduzidos, quando possível, ou adaptados para a Língua Portuguesa.

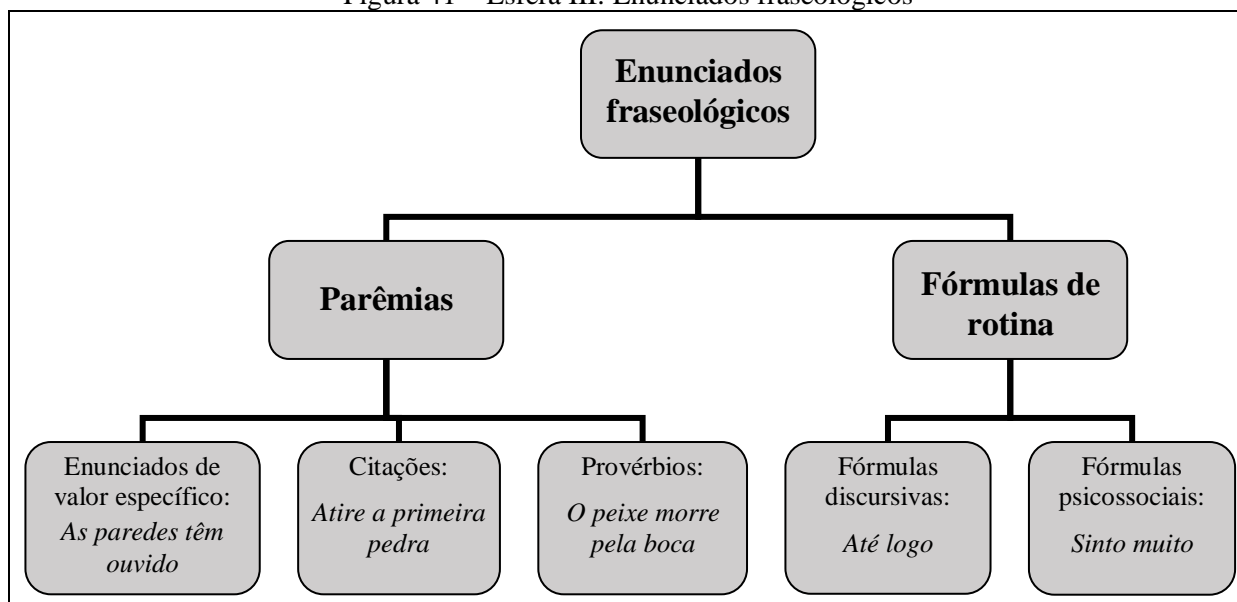
Assim, distinguem-se locuções nominais, adjetivas, adverbiais e verbais, que podem substituir as mesmas funções sintáticas. Em alguns casos, o critério de classe revela uma grande diversidade estrutural. Incluem-se também as locuções prepositivas, conjuntivas e causais. Estas são formadas por vários sintagmas, sendo um deles verbal como, por exemplo, *saiu o tiro pela culatra* (MOTTA, 2015b [1982], p. 299), ou seja, ‘recebeu um dano quando pensava em causá-lo’.

Corpas Pastor (1996, p. 273) salienta que as locuções pertencem a estruturas paradigmáticas específicas, ou seja, a campos léxicos determinados, onde entram em oposição com outras UF e com outras palavras pertencentes a esse mesmo campo léxico, com as quais apresentam relações de sinonímia, antonímia e polissemia.

Por outro lado, na esfera III, enquadram-se os enunciados fraseológicos, que são unidades fixadas na fala, pertencentes ao acervo sociocultural da comunidade. São fórmulas coletivas e tradicionais, que espelham a mentalidade de um povo, assim como seus costumes, crenças e estados afetivos. Constituem atos de fala realizados por enunciados completos, dependendo ou não de uma situação específica. São enunciados autônomos, que apresentam fixação interna, de forma (estrutural) e de conteúdo (semântica), e também externa, relacionada com a situação ou posição que ocupam no acervo linguístico de uma determinada

cultural. Dentro dessa esfera, Corpas Pastor (1996, p. 132-133) distingue as parêmiias e as fórmulas de rotina (cf. Figura 41). Ambos os tipos se diferenciam fundamentalmente pelo fato das parêmiias possuírem significado referencial (fixação referencial) e terem autonomia textual, enquanto que as fórmulas de rotina apresentam significados do tipo social, expressivo ou discursivo, sendo determinadas por situações e circunstâncias concretas.

Figura 41 – Esfera III: Enunciados fraseológicos



Fonte: Diagrama elaborado pela pesquisadora, a partir da classificação proposta por Corpas Pastor (1996). As nomenclaturas e os exemplos foram traduzidos, quando possível, ou adaptados para a Língua Portuguesa.

Corpas Pastor (1996, p. 135) afirma que optou pelo termo *paremia* porque é sinônimo de refrão e hiperônimo dos subtipos desta categoria, além de ser usada na filologia espanhola como termo abarcador ou em sinonímia com outras denominações. Segundo ela, “el término designa distintos subtipos, entre los cuales se hallan parte de los refranes (aforismos, sentencias, adagios, etc.), las citas, los lugares comunes, los eslóganes, o los enunciados de valor específico”<sup>80</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 135-136). Ao sistematizar a sua classificação, Corpas Pastor (1996, p. 270) destacou três tipos de parêmiias: os *enunciados de valor específico*, as *citações* e os *provérbios*.

Os *enunciados de valor específico* são unidades fraseológicas de estrutura oracional, com caráter de enunciado, sendo o núcleo verbal conjugado de acordo com o tempo, a pessoa e o modo, como em: *agua qui não cae do ceo* (MOTTA, 2016 [1933], p. 98), referindo-se à ‘cachaça’. As *citações*, por sua vez, são enunciados extraídos de texto escritos ou falados por

<sup>80</sup> Traduzindo: “o termo designa distintos subtipos, entre os quais fazem parte os refrãos (aforismos, frases, adágios, etc.), as citações, os clichés, os slogans ou os enunciados de valor específico”.

personagens, reais ou fictícios, da literatura nacional e internacional, fragmentos bíblicos e de autores clássicos etc. Apesar de ter uma procedência variada, a *citação* diferencia-se do *provérbio*, fundamentalmente, por ter uma origem conhecida. Quase todas as citações apresentam um conteúdo denotativo de caráter literal, com valor de verdade. No entanto, é necessário que os interlocutores conheçam a citação, caso contrário, perde-se o efeito.

Eulálio Motta fez uso de citações, principalmente, em seus panfletos. A título de exemplo, no panfleto *Décimo aniversário*, publicado em 2 de abril de 1974, em comemoração ao aniversário da Ditadura Militar, Eulálio Motta cita um versículo bíblico do Novo Testamento (2Pedro, II, 22): *os cães querem voltar ao vômito, os porcos querem voltar à lama* (MOTTA, 2015 [1978], p. 294). Esta citação foi utilizada referindo-se aos comunistas que queriam voltar a praticar hábitos, considerados pelo escritor, aterrorizantes.

Os *provérbios* são unidades fraseológicas de origem desconhecida. Segundo Corpas Pastor (1996), “es la pemia por excelencia, pues en él se dan las cinco características definitorias mencionadas anteriormente: lexicalización, autonomía sintáctica y textual, valor de verdad general y carácter anónimo”<sup>81</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 148). Ainda segundo a autora, essas unidades têm recebido muitas denominações: refrão, provérbio, ditado, máxima, adágio, aforismo, apotegma ou sentença. De acordo com Xatara e Parreira (2011, p. 80), o provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, persuadir etc., como em *Quem não chora não mama* (P39[1978]), ou seja, ‘se você não pedir, ninguém vai te dar’.

O segundo tipo de enunciado fraseológico, pertencente a terceira esfera da classificação de Corpas Pastor (1996, p. 170), são as *fórmulas de rotina*. Tratam-se de unidades fraseológicas da fala, com caráter de enunciado, mas que não têm autonomia textual. São fórmulas de interação social habitual e estereotipada, que dependem de situações específicas para se concretizarem. Todas têm uma estrita relação com o contexto e necessitam dele para serem utilizadas e compreendidas. As *fórmulas de rotina* subdividem-se em *fórmulas discursivas* e *fórmulas psicossociais* (CORPAS PASTOR, 1996, p. 186).

As *fórmulas discursivas* têm a função de organizar o discurso e manter a fluidez da comunicação. Distinguem-se em: 1. Fórmula de abertura “– Sêo doutô! *Descurpe incomodá* Vossa Senhoria uma hora dessa!” (MOTTA, 2016 [1933], p. 95) e fórmula de encerramento,

---

<sup>81</sup> Traduzindo: “é a parêmia por excelência, pois nele ocorrem as cinco características definitorias mencionadas anteriormente: lexicalização, autonomia sintática e textual, valor de verdade geral e caráter anônimo”.



sendo que nem todas são necessariamente de despedida, “[...] muito de coração, *lhe agradeço*” (MOTTA, 1931c, p. 6); e 2. Fórmula de transição “– *Mas o que é que ha? Tomou as capsula?*” (MOTTA, 2016 [1933], p. 95).

As *fórmulas psicossociais* desempenham a função de facilitar o desenvolvimento normal da interação social e estão relacionadas a expressão dos sentimentos do emissor. Deve-se levar em conta que a carga semântica dessas unidades está em função do uso, o qual as diferenciam em:

1. Fórmulas expressivas de desculpa, de consentimento, de negação, de agradecimento, de desejar sorte, de solidariedade e de indiferença – o emissor expressa sua atitude e seus sentimentos – como, por exemplo, “*É-me forçoso pingar o ponto final*” (MOTTA, 1932c, p. 6);
2. Fórmulas comissivas de promessa e de ameaça – refere-se ao futuro, uma atitude que o emissor irá tomar – “*Vem, danado, vem! Eu te passá-lhe o pilunga de mucambo na cabeça*” (MOTTA, 2016 [1933], p. 154);
3. Fórmulas diretivas de exortação, de informação e de ânimo – têm o objetivo de persuadir o receptor – *Pode sê* que amiore, comade, *pode sê* que desta veis êle tome juízo” (MOTTA, 2016 [1933], p. 85);
4. Fórmulas assertivas de asseveração e emocionais – reforça a veracidade da informação – “*Pur Jisúis* que aquilo né mais corrê. Aquilo já é é avoá!” (MOTTA, 2016 [1933], p. 82);
5. Fórmulas de rituais de saudação (bom dia, boa tarde, boa noite) e de despedida – relacionam-se com as sequências de abertura e encerramento do ato comunicativo – “*Vai chegando, suado, com o seu ‘boa tarde pra vosmincês’*” (MOTTA, 2015b [1972], p. 273);
6. Miscelânea – fórmula com a qual o emissor enfatiza que uma coisa não pode estar mais clara e fácil de compreender – “*É claro* que não vou cometer a tolice de prometer não publicar mais tais crônicas” (MOTTA, 2015a [1982], p. 300).

Os exemplos apresentados para as fórmulas de rotina remetem ao *corpus* desta tese, apesar de serem unidades fraseológicas da fala, porque Eulálio Motta dá voz aos personagens nos seus textos e, por vezes, trata-se de reproduções de diálogos de que ele participou ou presenciou. Vale salientar que, neste trabalho, adotou-se a nomenclatura Unidade

Fraseológica (UF), proposta por Corpas Pastor (1996), que coaduna com as ideias de diversos autores.

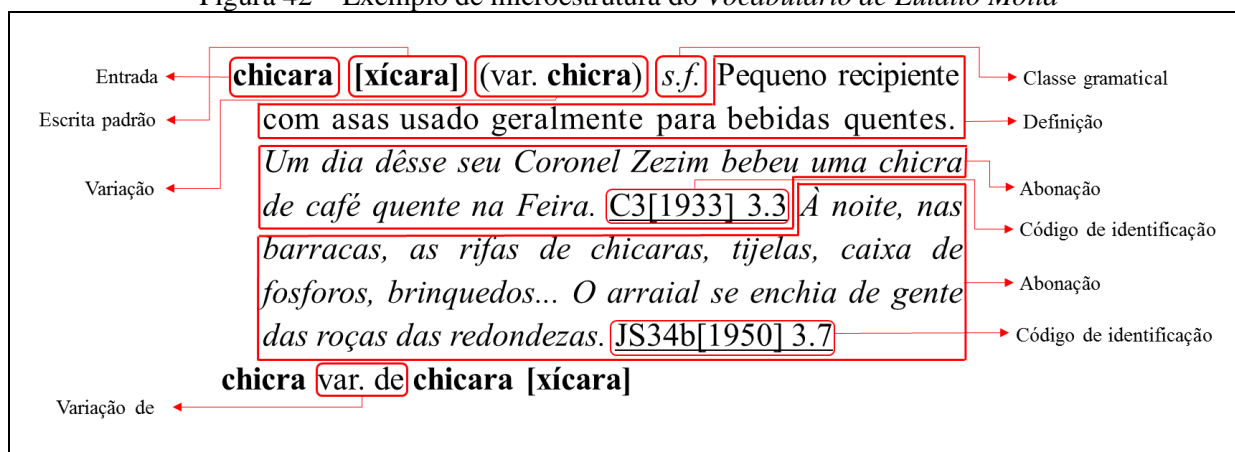
Eulálio Motta soube utilizar as unidades fraseológicas com propriedade e assim enriquecer os seus textos como, por exemplo, *em cima das buchas, entregues ao Deus dará, certinhas como boca de bode, golpe do punhal de Brutus, dia da onça beber água, abraço de tamanduá* entre outras. Diante da diversidade e da quantidade de unidades fraseológicas identificadas no *corpus*, de acordo com a taxonomia proposta por Corpas Pastor (1996), optou-se por utilizar o hiperônimo UF para classificar as unidades elencadas no *Vocabulário de Eulálio Motta*. Estas, por sua vez, foram ordenadas alfabeticamente, junto com as demais lexias, e são apresentadas na próxima seção.

## 5 O VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA

Como já assinalado, o *Vocabulário de Eulálio Motta* teve a sua nomenclatura extraída de uma seleção de 215 textos em prosa, publicados durante o período de 1931 a 1983. Esses textos foram editados e compilados em um único *corpus*. Em seguida, foram analisados pelos *softwares AntConc* e *FieldWorks Language Explorer (FLEx)*, que possibilitaram a escolha de 700 entradas, assim como a recolha das abonações, juntamente com as informações que identificavam cada uma.

A microestrutura do *Vocabulário de Eulálio Motta* foi configurada da seguinte forma: a entrada lexical, grafada em negrito, com letras minúsculas, seguida da forma básica dicionarizada entre colchetes (sendo os substantivos e os adjetivos no masculino e singular, exceto nas *pluralia tantum*, e os verbos no infinitivo), e as variantes entre parênteses, antecedida pela abreviação (var.). Estas, por sua vez, também se configuram como entrada remissiva, indicada por ‘var. de’ como se vê na Figura 42. Indica-se a classe gramatical, em itálico, para as lexias simples e compostas (s.m – substantivo masculino, s.f. – substantivo feminino, v.t. – verbo transitivo, v.i. – verbo intransitivo, adj. – adjetivo, adv. – advérbio), de acordo com o contexto em que estejam inseridas. As lexias complexas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos – parêmsias e fórmulas de rotina) foram classificadas pelo hiperônimo UF - unidade fraseológica. Em seguida, tem-se a definição, com o significado que remete à situação discursiva. Logo após, seguem-se as abonações, em itálico, identificadas com o código, sublinhado, correspondente ao texto consultado, como se demonstra na Figura 42 abaixo:

Figura 42 – Exemplo de microestrutura do *Vocabulário de Eulálio Motta*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Os verbetes foram organizados automaticamente pelo *FLEx*, em ordem alfabética, garantindo a formatação padronizada da macroestrutura e da microestrutura. Adotou-se como critério de seleção das entradas as unidades lexicais simples, compostas e complexas, pertencentes a classe aberta, por serem mais significativas e apresentarem uma conotação especial. Priorizou-se a forma registrada no *corpus*, seguida das variantes (quando há registro), de maneira que o uso linguístico do escritor fosse valorizado. Neste caso, indicou-se a escrita padrão, conforme foi salientado na subseção 4.4.1 *A entrada lexical* (f. 139).

As definições foram redigidas seguindo o modelo *hiperonímico* (abordado na subseção 4.4.2 *Definição*, f. 141), quando possível, baseadas no contexto de uso e em alguns dicionários de língua portuguesa da época como, por exemplo, Silva (1922 [1813]) e Figueiredo (1926). Quando a acepção que a palavra assumia no *corpus* suscitava dúvida ou não foi encontrada, buscaram-se outras fontes de consulta, sendo indicada ao final da definição, segundo o modelo autor-data. A título de ilustração, destaca-se o verbe *malereado*, na Figura 43, que só foi encontrado no *Diccionario geral da lingua Portuguesa de Algibeira* (RESTIER, 1819):

Figura 43 – Exemplo do verbe *malereado* do *Vocabulário de Eulálio Motta*

**malereado** *s.m.* Incivil (RESTIER, 1819, p. 303). *A... Manda dizer ao prefeito que desconhece homem que o obrigue a apanhar a coitada. Com isto o prefeito se azureta e manda a policia à cata do malereado...* C27[1933] 2.4

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Outros trabalhos especializados também foram consultados como, por exemplo, o *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 1982), o *Tesouro da Fraseologia Brasileira* (NASCENTES, 1986), para auxiliar nas definições das unidades fraseológicas, e o *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico* (FARIA; PERICÃO, 2008) como se demonstra no exemplo do verbe *folhetote*:

Figura 44 – Exemplo do verbe *folhetote* do *Vocabulário de Eulálio Motta*

**folhetote** *s.m.* Folheto sem importância (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 341). *É o que faz, mais uma vez, esse sabidório Osvaldo Paulino Vitória, tentando, num folhetote, justificar o injustificável apodrecimento de dezenas de sacos de milho, de trigo, de alimentos, destinados pelo povo norte-americano ao Brasil. P11[1967] 2.2 Seu lero-lero, Osvaldo, naquele folhetote mambembe pode tapiar apenas os bobos. P11[1967] 3.3*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Todos os verbetes estão compostos por no mínimo uma e no máximo seis abonações, que, por sua vez, são acompanhadas do seu respectivo código de identificação. As diferentes formas que a entrada assume no *corpus* também são apresentadas no corpo das abonações. Constituíram-se como entradas independentes as unidades fraseológicas, assim como os aumentativos e os diminutivos. As lexias homógrafas foram registradas em entradas diferentes em razão do sentido empregado pelo escritor, sendo identificadas 11 ocorrências: *barriga*, *bicho*, *cadeira*, *café*, *galho*, *punhado*, *raiz*, *reza*, *ruim*, *tarefa* e *trem*. Para cada aceção foi atribuída uma numeração subscrita como se vê na Figura 45 que segue abaixo:

Figura 45 – Exemplo do verbete *cadeira* do *Vocabulário de Eulálio Motta*

**cadeira<sub>1</sub>**, *s.f.* Assento para uma só pessoa, com encosto e quatro pernas de material rígido, às vezes, com braços. [...] *eu, aqui no meu quarto em cuecas, sentado em uma “rangenta” cadeira de pau, tamborilando os dedos sobre a mesa, estou cantando: Sou da fuzarca! JMN197[1931] 9.2 Quando o moço velho e triste o vio, cercado pela vibração entusiástica de quase a totalidade da população de Mundo Novo, ergeu-se da cadeira em que estava sentado, quiz dar um viva à “Lira”, mas a mão de ferro da emoção lhe apertou a garganta e ele não pode gritar! JMN205[1932] 22.2 E um livro de oração numa velha cadeira. JMN222[1932] 30.1*

**cadeira<sub>2</sub>**, *s.f.* Cátedra. *A excelente revista “VISÃO”, de 20 de novembro de 1972, em comentário oportuno e objetivo, afirma: “a Prefeitura ou uma cadeira de vereador — cada vez mais vale cada vez menos”. P19[1972] 7.2 Na hora da chamada do Presidente, ninguém responde porque as cadeiras estão sem os fundilhos de suas excelências. P41[1981] 2.2 Com cadeiras vazias e tentativas de aumento da burocracia não conseguirão o respeito e o apreço da Nação. P41[1981] 3.3*

**cadeira<sub>3</sub>** (var. **cadêra**) *s.f.* **Quadril; anca** *A quadrinha que eu achei bonita: “Eu queria ser balaio / “Nas cuiêta de café, / “Pra vivê dipindurado / “Nas cadeira das muié.” C4[1933] 2.7 E, nova surpresa: – disseram-me que a quadrinha é mais velha do que a serra de Itiuba... E me recitaram duas variantes: “Eu queria sê balaio / “Balaio eu queria sê / “Pra viver depundurado / “Nas cadêra de ocê” C5[1933] 11.2 Ao fundo do quintal, na roça do vizinho, o duêto dos cabôclos contentes com a vida: “Eu queria sê balaio / “Nas cuiêta de café / “Pra vivê depundurado / “Nas cadêra das muié...” C7[1933] 25.1*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, apresenta-se *O vocabulário de Eulálio Motta*, composto por 700 entradas, como resultado do trabalho proposto nesta tese.

# A a

**a casa cai** (var. **quando a casa cair**) *UF* Ser pego em flagrante. *Sem uma política de justiça social que defenda os Zeferinos sem fazer injustiça aos patrões dos Zeferinos, todos os discursos, eleições, apologias á Democracia não valem nada. E tudo continuará de ruim para pior. E assim continuando, um dia a casa cai, fazendo a ruina dos Zeferinos e dos patrões dos Zeferinos.* JS37[1951] 8.3 *Quando a casa cair, se o Dr. Fulano de Tal não fôr vivo, sel-o-ão os seus filhos ou seus netos. Estes sofrerão as consequencias da cegueira impiedosa do papai ou do vovô!* JS37[1951] 8.4

**a cascos** var. de **viajando a cascos**

**à cata de** *UF* À procura de alguma coisa. *Vêjo, perto do “caldeirão” que lá existe os umbuzeiros grandes em que eu subia à cata dos umbús...* JMN182[1931] 3.2 *Com isto o prefeito se azureta e manda a policia à cata do malereado...* C27[1933] 2.4 *Chegados á crista da serra, deixámos os trabalhadores a cavar no lugar que indicámos e saímos, pelas proximidades, à cata de cristaes bonitos.* C41[1933] 7.1

**a cuma é** var. de **a cuma tá dano**

**a cuma tá dano [como está dando]** (var. **a cuma é**) *UF* Quanto custa. *Chega junto dum sacco de milho, apanha um punhado, olha, quebra um carôço “no dente” e pergunta ao vendedor: – “A cuma tá dano? C8[1933] 2.2* *Chega um rapaz e pergunta ao dono das raspaduras: – A cuma é isto? C9[1933] 3.1 – A cuma tá dano o assuca, Joaquim? C12[1933] 8.1 – A cuma tá dano o fêjão? C25[1933] 3.1*

**à míngua de** *UF* Em falta do necessário, em privação. *Adultos e crianças morrem à míngua de recursos próprios e de assistência dos poderes públicos.* JS49[1951] 3.19 *Salvo pequenas chuvas que foram úteis à pastagens e prejudiciais à lavoura: porque deram para plantações que morreram à míngua de novas chuvas.* JGP104[1961] 2.3 *Hoje, graças à Revolução, temos asfalto, energia, hospitais, aposentadoria para os velhos de*

*nossos campos, velhos que antes da Revolução viviam na mendicância ou morrendo à míngua de tudo.* P30[1976] 4.8

**a mode que** var. de **de modo que**

**à tôa [à toa]** *UF* Sem um rumo definido. *Sáio, ando à tôa, abstrato, e não consigo escapar-me porque me acompanho a toda parte.* JMN198[1931] 2.8

**abafa a banca [abafar a banca]** *UF* Vitorioso em qualquer empreitada. *Volta-se a verificar que a raça indubrasil é o grande coringa do mundo bovino. Como qualquer raça o mestiço de indubrasil abafa a banca.* P37[1978] 4.5

**abaixadora** *s.f.* Subestação de energia. *Roberto Santos, corresponda a esta vitória da Arena em nosso município, atendendo às aspirações máximas dos mundonovenses no momento: primeira e antes de tudo, o telefone; segunda: a abaixadora de Paulo Afonso em Mundo Novo; terceira, como consequência da segunda, normalização definitiva da televisão em nosso município.* P32[1976] 8.4

**abatedôres [abatedor]** *s.m.* Marchantes ou donos de frigoríficos, que abatem os animais para comercializar a carne. *Sempre que os nossos jornais comentam este problema, dizem bobagens quilometricas, como por exemplo, a afirmação de que soltadôres ou abatedôres fazem retenção de boiadas gôrdas para forçar altas.* JS42[1951] 6.4

**abraço de tamanduá** *UF* Falsidade. *Pode chama-lo não apenas de “meu povo”, pode chama-lo de “meu querido”, “meu bem querer”, “meu xodó”, “meu torrãozinho de açúcar”, e nem assim conseguirá que este povo volte a cair em seu abraço de tamanduá!* P11[1967] 6.1

**abri os óio [abrir os olhos]** *UF* Alertar alguém. *Eu bem dizia a Maria; bem qui lhe abri os óio.* C46[1933] 10.1

**acabar** (var. **cabá; cabano**) *v.t.* Chegar ao fim; terminar. *Digo-te, porem, o seguinte: quem se mete com espiritismo, se não se acabar*

*como aquele pobre rapaz, acabar-se-á, fatalmente, louco ou, pelo menos, idiota!* JMN199[1931] 11.2 *Inté cabá de cabá!* C12[1933] 4.7 – *É fim de mundo. O mundo tá cabano. Quem dissé qui não tá não sabe o qui tá dizeno.* C12[1933] 4.2 *Não haverá um geito de acabar com isto, com esta onda de lama e corrupção?* P33[1976] 10.3 *Que surja um governo capaz de acabar com esses relaxamentos e essas semvergonhices, pelo amor de Deus!* JS18[1950] 9.1

**acamada** *adj.* Doente, que está de cama. *Defronte da casa do Coronel, uma familia quase toda esta acamada, com febre.* C18[1933] 3.2

**acanhamento** *s.m.* Vergonha. *E não teve acanhamento de lançar mão das calunias velhas, de mãos dadas com os lacaios de Stalin.* JS22[1950] 8.3

**accede** [**aceder**] *v.i.* Concordar. *Êle a tirava para dansar, constantemente, ela accedia constantemente com a mesma satisfação com que ele pedia.* JMN189[1931] 3.1 *E Mundo Novo, embora informalmente, accedeu.* P3[1960] 3.8 *Pedem, às vezes, ao fazendeiro que permita fazer um rancho e botar uma roça; e o fazendeiro, quase sempre, accede.* P18[1972] 5.5

**aceiro** *s.m.* Vala aberta em torno da cerca para evitar incêndio. *Ora no cavador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo “aceiros”; ora agarrado ao cabo da mutamba, na faína das campinas, o Coronel Salú não para.* C32[1933] 2.3

**acocorado** var. de **cócora**

**acreditar** (var. **acriditá**; **acritá**) *v.t.* Aceitar como verdade. *É uma coisa incrive de se acriditá!* C38[1933] 2.5 *No arraial de Alto Bonito um tabareo falava, indignado, contra o imposto de 100 rs em cada quilo de carne, e outros impostos absurdos. Dizia: – Tá uma coisa incrive de se acritá.* C38[1933] 2.2 *Preferimos acreditar que o Dr. João Durval será para Mundo Novo, um imitador do Dr. Antônio Carlos Magalhães que só nos fez o bem, nunca nos fez o mal.* P48[1983] 4.2

**acriditá** var. de **acreditar**

**acritá** var. de **acreditar**

**acuado** *adj.* Sem possibilidade de agir. *Se,*

*abaixo de Deus, é graças à bomba atomica que o monstro está acuado sem poder matar sua fome de carne humana, de vidas humanas, então viva a bomba atomica!* JS14[1950] 7.4

**acúdo** [**acudir**] *v.t.* Auxiliar; socorrer. *Tenho pena de você mas não o acúdo porque sou homem, sou ruim.* JMN211[1932] 7.11 *Todos são ruins. Nenhum lhe acudirá.* JMN211[1932] 7.14 *Vomicê me acuda qui eu tou mijano o fé todo!* C11[1933] 8.5

**adaná** [**danar**] *v.t.* Sentir grande irritação; aborrecer-se; revoltar-se. *Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um quilo de calaborêto, como todo, adespois ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco.* C24[1933] 2.3 *Pedro da Báia tinha uma cachorra chamada “Deixa-fama”; e a gente bolia com ele dizendo que o nome da cachorra era “deixa-fome”. Danava!* P39[1978] 2.3 *Danei com Wilson Lins quando disse, certa vez, em uma crônica, que quem se mete a provar a existência de Deus é tão malúco como quem se arvóra a provar a inexistencia. Danei!* JGP69a[1960] 6.1

**adespois** var. de **depois**

**adispois** var. de **depois**

**agregado** *s.m.* Trabalhador rural que reside em uma fazenda e a cultiva, sob condições estabelecidas pelo proprietário. *Em casa de João Grilo, (agregado), houve reza e depois da reza o pandeiro e a viola entraram em cena.* C45[1933] 3.2 *Antonia preta é uma agregada de Dona Elvira, proprietaria da fazenda Riacho do Ouro, que se limita com o Morro Alto.* C22[1933] 2.1

**agua qui não cae do ceo** [**água que não cai do céu**] *UF* Cachaça. *E virando-se para o dono da venda: – Joaquim! traz ai uns copo e uma garrafa de “prejuizo”. Gente, vamo moiá a guéla! Bebam esse deabo! Não tenham pena qui isso é agua qui não cae do ceo!* C12[1933] 7.5

**águas do mesmo pote** *UF* Comportamento reprovável generalizado. *Necas... Tais perguntas dirigidas a qualquer um dos outros partidos, dariam no mesmo Mané Luiz... Farinhas do mesmo saco... Águas do mesmo pote... Poluidas de liberalismo anacrônico, rançoso, indigesto... Liberdade, sim.* P43[1982] 2.7

**aguentar** v.i. Ter resistência; sustentar. *Minha cunhada é muié e carregada de fio; eu sou home e sou só; sou um caco, é verdade, mas vou me aguentano.* C13[1933] 4.2 *Ha poucos dias um deles dizia em Mundo Novo: – Qual, o negocio do mundo é cereaes. É com que tenho me aguentado.* C43[1933] 8.2 *Aguentar aquilo de pé, das duas da tarde até às 9,30 da noite, não é sôpa!* JS18[1950] 3.10

**alavanca** s.f. Instrumento usado para mover ou erguer objetos. *Desta vez levamos uma turma de trabalhadores armados de enxada, alavanca, picareta, etc.* C41[1933] 6.2

**alforge** (var. **arfoge**) s.m. Bolsa, geralmente de couro, com as duas extremidades fechadas e duas aberturas no meio, formando dois compartimentos separados, e que pode assim ser usada sobre o ombro ou para transporte de carga em animais. *Levá farinha em alforge pru campo nan dá jeito qui ninguém vae corrê atrás de boi cum arfoge na garupa.* JS31[1950] 4.9 *Um matuto, de chapeo de couro, par de alforges ao braço.* C8[1933] 2.1

**algazarra** s.f. Barulho; gritaria. *Vêjo, perto do “caldeirão” que lá existe os umbuzeiros grandes em que eu subia à cata dos umbús; as arapucas que eu armava para pegar os sabiás ingenuos; os tanques, aos quaes, muita vez, em meio a uma rivoada de infancias em algazarra, eu me ia a correr, para admirar a belêza das inchentes...* JMN182[1931] 3.2

**alhos com bugalhos** (var. **alhos e bugalhos**) UF Confundir coisas semelhantes. *Clareemos o assunto, de modo que fiquem bem á vista os alhos e bagulhos que “O Social”, inconciente, mistura.* JL23[1934] 4.1 *Não confunda alhos com bugalhos.* P5[1962] 3.5 *Mais uma vez você confundiu alhos com bugalhos.* P5[1962] 5.3 *Mais uma baralhada sua, mais uma confusão de alhos com bugalhos.* P5[1962] 6.3

**alhos e bugalhos** var. de **alhos com bugalhos**

**alugué [aluguel]** s.m. Aquisição de um animal por um tempo determinado e mediante pagamento. *Ora muito qui bem: vendi por trez mi reis, me cobraro mile e quinhento de imposto, ora muito qui bem, paguê um mi reis de alugué do cavalo e só fiquê cum*

*cinco tostõe!* C38[1933] 2.4

**alumeia [alumiari]** v.t. Tornar claro, iluminar. *Mal empregado o bocado de só qui alumeia aquela desgraça, meu Deus me perdõe.* C5[1933] 5.2

**alviçareira [alvissareira]** adj. Notícia promissora. *No artigo supra referido, o jornalista traz uma noticia alviçareira...* JS42[1951] 5.1 *Noticia alviçareira! Sim: que a maior cadeia jornalística do Brasil seja agora tambem criadora de zebú!* JS42[1951] 6.1

**amesquinhando [amesquinhar]** v.t. Tornar mesquinho, depreciar, abater. *15 de novembro de 1966: – fim de uma era de trevas, de estagnação, de mediocridade arrogante e rancorosa dominando, amesquinhando, espezinhando, pisoteando.* P9[1966] 10.1

**amigo da onça** UF Falso, traidor. *Financiamento de Amigo da Onça... O Banco do Brasil, por sua vez, financia em tais certâmens, com penhor de animais.* JGP96[1961] 2.8

**amiore [melhorar]** v.i. Tornar-se melhor. *A comadre procurava consola-la, acenando-lhe esperanças: – Pode sê que amiore, comade; pode sê que desta veis êle tome juizo.* C5[1933] 6.1

**amolestes [molestar]** v.i. Incomodar; inquietar. *Mas não te amolestes por isto que o teu dia de sol ha de chegar!* JMN205[1932] 18.2

**amonta [amontar]** v.t. Montar; fugir. – *Eu não sê, Dona Elvira, cuma Lampeão não amonta um trem pra saí pur o mundo fazeno bramura!* C22[1933] 3.1

**amôrfos [amorfo]** adj. Não tem forma determinada. *E os partidos assim constituídos não passam de aglomerados heterogeneos e amôrfos, facilmente exploraveis por espertalhões, cavadôres, cinicos.* JS7[1950] 2.22

**aos trancos e barrancos** UF De maneira desajeitada, improvisada. *E na bilheteria, como na entrada, se precipitava aquela multidão, aos trancos e barrancos, de tal forma que se tinha vontade de desistir.* JS47[1951] 3.5

**apadrinhando [apadrinhar]** v.t. Proteger. *Pergunto-me: como se explica que essa*



*diretoria, composta de homens incontestavelmente honesto e esclarecidos, se coloque contra o vice-presidente, apadrinhando os destempêros de seu Jorge?* P5[1962] 4.2

**apanhadeira** *s.f.* Mulher que trabalha na colheita de produtos agrícolas. *Com efeito. Chegou maio. Café maduro. Apanhadeiras de café. Balaios. O jegue com os caçuás carregando café para o terreiro. Cantigas na roça.* C5[1933] 10.4

**apariceno [aparecer]** *v.i.* Surgir. – *É um bicho qui tá apariceno denoite e fazeno istripulia.* C31[1933] 6.2

**aperraça [pirraçar]** *v.t.* Irritar alguém propositalmente. *Numa pimenteira ao oitão da casa, bem perto da sala em que estou, um passarinho me “aperraça”, dizendo: “Sofré!”* JL25[1934] 7.3 *Só sei é que vou matar o diabo deste passarinho que continua me aperraçando com o seu grito: “Sofré!”* JL25[1934] 19.3

**apertucho** *s.m.* Aperto. *Poeira, calôr, apertucho... e o vae-lá-vem-cá dos solavancos!* JS18[1950] 3.7

**abertura** *s.f.* Situação financeira difícil. *Oswaldo Vitória que o diga, êle é quem bem sabe: porque sofreu, como prefeito, aberturas, dificuldades, angústias e toda sorte de danos decorrentes dos calotes do governo Balbino.* P4[1962] 5.4

**apreço** *s.m.* Estima, consideração. *Com cadeiras vazias e tentativas de aumento da burocracia não conseguirão o respeito e o apreço da Nação.* P41[1981] 3.3

**aqui e acolá** *adv.* Em vários lugares, sem precisão de demarcação. *Aqui, eu metia os olhos e a atenção para uma loja cheia de freguezes que cuspiam muito e não compravam nada; ali, esticava a atenção e os olhos para dentro de outra loja também cheia de fregueses que também cuspiam e também não compravam; acolá, ainda noutra loja eu fazia ainda a mesma coisa e observava ainda as mesmas cousas.* JMN203[1932] 4.5 *O pardo-escuro das folhas secas e dos garranxos, aqui e acolá a copa de uma laranjeira ou de u'a mangueira, resistindo o sol.* C10[1933] 2.8 *S. Exa. andou facilitando a aquisição de algum motôrzinho de luz para aqui, outro motôrzinho para acolá, algum prediosinho*

*para qualquer coisa que não funciona, e quase nada mais do que isto.* JS49[1951] 3.12 *Se quiser botar uma taboca aqui ou ali ou acolá dentro dos regulamentos legais, é livre para botar.* P15[1970] 2.6

**arapuca** *s.f.* Armadilha para capturar passarinhos, geralmente feita de varinhas dispostas em forma piramidal. *Vêjo, perto do “caldeirão” que lá existe os umbuzeiros grandes em que eu subia à cata dos umbús; as arapucas que eu armava para pegar os sabiás ingenuos...* JMN182[1931] 3.2 *De dia eram os cavalos de pau e as arapucas nas capoeiras de cansa-cavalo ou moleque-duro da casa de Báia.* P39[1978] 2.2

**ares de oitavos Sábios da Grécia** *UF* Expressão de sentido irônico, referindo-se aos sete sábios da Grécia, denominação dada a sete homens que se tornaram notáveis pela sabedoria prática. *É uma lástima a constatação: — mocinhos, não raro de bigodinhos de comunas, a falar de reformas, de socialismos, de nacionalismos, com ares de oitavos Sábios da Grécia e salvadores do Brasil e do mundo...* P7[1964] 3.3

**arfoje** *var. de alforge*

**arraial** *s.m.* Povoado. *Festa e missa, nos arraiaes do interior da Bahia, são palavras sinonimas.* JMN203[1932] 3.1 *É costume do povo deste arraial, como, aliaz de todos os arraiaes deste nordeste, morar em casa sem muro e sem latrina.* C50[1933] 3.1 *Havia, numa das estradas que saiam do arraial, uma baixa de areia solta, onde toda tarde eu brincava com a meninada do meu tempo.* JL34[1934] 4.1 *À noite, nas barracas, as rifas de chicaras, tijelas, caixa de fosforos, brinquedos... O arraial se enchia de gente das roças das redondezas.* JS34b[1950] 3.7 *[...] grupos de senhoras e senhoritas que estão indo, de vila em vila, de arraial em arraial, de casa em casa de eleitores, não apenas pedir votos, mas, principalmente catequisar sobre a dignidade do voto.* P44[1982] 12.1

**arregaçada** *adj.* Puxada para cima. *Pois bem, com as pouquinhas chuvas que tem aparecido nestes ultimos dias, as ruas estão daquele jeito... Daí a expressão formidável de um tabareo que passou, ha pouco, de calças arregaçadas, pés na lama, tangendo*

*um animal com caças de carne: – Êrre, cus deabo! qui o seo inferno fôsse chiquêro, quando os home desta terra chegasse lá pensava qui nan tinha morrido... Tava im casa... C23[1933] 4.6*

**arremedos** *s.m.* Emendas. *Penduradas do cocorute de postes muito altos, parecem arremedos de fifós... Não culpo a administração municipal. P39[1978] 4.13*

**arribar** *v.i.* Mudar de um lugar para outro. *Ha mais de dois anos estive em Serrinha, e assisti, assombrado, aquela arribada do nordeste... Homens, mulheres, crianças ensardinando-se em caminhos horríveis de calôr e poeira... Isto, amigos, reparem bem: Ha mais de dois anos. JS1[1950] 4.1*  
*Quero lhe dizer o seguinte: se você quiser continuar vivendo aqui, é livre para continuar; se quiser arribar para São Paulo ou Paraná ou qualquer outro canto do Brasil ou do mundo, é livre para arribar. P15[1970] 2.3*

**arrimado [arrimar]** *v.t.* Dar arrimo, apoio. *Já andava meio curvu, arrimado ao "pilunga". Enchergava pouco. JL34[1934] 5.3*

**arrotando a "virtude" de Caim [arrotar a virtude de Caim]** *UF* Vangloriar-se de traição. *Sua ameaça de violência equivale a uma declaração "a priori" de desacato à Justiça. Acontece que "o crime não compensa". Homem que se apresenta como lider de uma coletividade, arrotando a "virtude" de Caim! P3[1960] 14.3*

**assassinos da liberdade** *UF* Pessoas que destroem, aniquilam a liberdade. *O liberalismo caduco continuará permitindo liberdade aos assassinos da liberdade? P7[1964] 4.5*

**asseio** *s.m.* Limpeza. *Por isto, no dia seguinte ao da sua chegada, "Fiinha", a filha mais*

*velha do vaqueiro, tendo ido ao quarto do "cujo", fazer o asseio, saio de lá com o bacio, mostrando-o às irmãs, e dizendo, admirada: – oia meninas! Oia uma coisa! Mijo de doutou é azú! C39[1933] 4.1*

**assuca [açúcar]** *s.m.* Alimento de sabor doce, cristalizado, que é extraído principalmente da cana-de-açúcar. – *A cuma tá dano o assuca, Joaquim? C12[1933] 8.1 – Seu assuca tá sargado... Pese mei quilo. C12[1933] 9.1* *Pode chama-lo não apenas de "meu povo", pode chama-lo de "meu querido", "meu bem querer", "meu xodó", "meu torrãozinho de açúcar", e nem assim conseguirá que este povo volte a cair em seu abraço de tamanduá! P11[1967] 6.1*

**atestado de burrice** *UF* Idiota, babaca. *Nós os Mottas, estaríamos passando atestado de burrice se fizessemos questão de permanecer no campo sujo da politiquice municipal, em disputa de cargos que "cada vez mais valem cada vez menos". P19[1972] 7.3*

**atoleiro** *s.m.* Lugar de solo mole, lamacento. *Estamos em fim de junho, epoca de muita chuva, de terra molhada, ladeiras escorregando, lama, atoleiro, "guixé" maduro, fartura... Entretanto, o sol nasce e se põe com uma cara de sol de agosto. C45[1933] 2.2 [...] a chaga vergonhosa e crônica que era a curva de atoleiros do "Vai-quem-quer", na entrada norte da cidade, foi sepultada sob grosso lençol de cascalho. P12[1967] 18.1*

**axaques [achaque]** *s.m.* Doença. *A velha, tambem reumatica, já passou meses de cama, paralitica, e vive cheia axaques. C34[1933] 2.4*

**azureta [azuretar]** *v.i.* Ficar nervoso. *Com isto o prefeito se azureta e manda a policia à cata do malereado... C27[1933] 2.4*

# B b

**baboseira** *s.f.* Conversa de tolos; bobagem. *Política de municipinhos é isto aí, esta baboseira que se viu: de “jacus” e “caracarás”, de “bodes e cobras”, de “jacus” e “panelas”... uma baboseira!* P32[1976] 4.1 *Tinha-se a impressão bem nítida de que aquela baboseira foi passada, escrita, representada e dirigida por materialistas.* JS47[1951] 6.2

**bacana** (var. **bacaníssimo**) *adj.* Muito bom. *E, assim, com esta incapacidade material e moral para tal comércio, nada mais bacana do que ficarmos “fora do mapa”.* P19[1972] 8.3 *A gente de pés enxutos e limpos, vendo os outros metidos na lama até o gogó! É bacaníssimo!* P19[1972] 3.8

**bacaníssimo** var. de **bacana**

**bacharelice** *s.f.* Pessoa que fala muito e de forma pretensiosa e enfadonha. *Waldir Pires – típico representante da bacharelice talentosa, brilhante e inútil, Balbino 2a. edição aumentada e piorada.* P4[1962] 3.6 *Waldir Pires é um típico representante da bacharelice talentosa, brilhante e inútil. Pois bem: seu discursozinho de ontem não tinha nada de bacharelice talentosa e brilhante”; foi apenas inútil, apenas reles, insôço, chato.* P6[1962] 3.2

**bacio** *s.m.* Urinol. *Por isto, no dia seguinte ao da sua chegada, “Fiinha”, a filha mais velha do vaqueiro, tendo ido ao quarto do “cujo”, fazer o asseio, saíu de lá com o bacio, mostrando-o às irmãs.* C1[1933] 4.1

**bajulação** *s.f.* Tentar agradar de forma exagerada para obter favores. *Seus comentários sensatos, oportunos, iluminados de consciência dos problemas sertanejos e ricos de sugestões práticas, felizes; as suas críticas equilibradas, conscienciosas, sem o ranço de oposicionismo barato e rancoroso; os seus aplausos sem bajulação, iluminados do mais puro espírito público, tudo isto fazia de “O Serrinhense” um semanário excepcionalíssimo em nosso Estado.* JS49[1951] 6.4 *Com os motivos negativos referidos, nossa participação em tais festas*

*teria um sabor repugnante de bajulação do poder ou dos poderosos.* P13[1969] 8.2

**balaio** *s.m.* Cesto de cipó utilizado para carregar mercadorias. – *Cadê o balaio grande? / – Ficou lá na bêra do pé de cajá!* C7[1933] 14.1 *Hoje, uma velha, com um balaio á cabeça fazendo malabarismo do deabo para se equilibrar na travessia de um trecho de rua, resmungava: – Deabo duns home qui ganham tanto dinheiro do governo, e nem pra mandá carçá estas rua de peda!* C28[1933] 2.2 *Duas mulatas bahianas com balaio na cabeça. Um nêgro com um caixote na cabeça, gritando: “Doce gelado!...” “Picolé do Terreiro!!!”* JMN220[1932] 2.21

**balburdia** [**balbúrdia**] *s.f.* Barulho de muitas vozes juntas. *Deante da balburdia causada pela ousadia da “soma”, o careca fez-se nervoso e bateu forte na mesa dizendo que não admitia apertes.* JL16[1933] 13.2

**baldiação** [**baldeação**] *s.f.* Troca de veículos. *Em Feira de Sant'Ana, interrupção para almoço e baldiação de “Marinetis”: Uma hora de interrupção, no mínimo.* JS18[1950] 5.1

**balela** *s.f.* Notícia falsa, sem fundamento. *Esta balela de invasão é conversa de má intenção de indivíduos que retinha indevidamente, sem nenhuma autoridade para tanto, as chaves do prédio.* P48[1983] 3.9

**bandalheira** *s.f.* Transgressão de regulamentos ou leis; negócio ilícito. *As denúncias contra bandalheiras incontestáveis são engavetadas porque alegam, as contas na Prefeitura estão certinhas como boca de bode!* P8[1966] 4.4 *A liberal democracia é isto. E’ esta mentira, é esta farsa, é esta bandalheira.* JL67[1934] 14.3

**bandalho** *adj.* Que não tem dignidade ou compostura. *Chibatêia, sem piedade, esses bandalhos, impostôres, “literatelhos” inuteis e nocivos!* JL3[1933] 4.12

**baralhada** *s.f.* Confusão. *Mais uma baralhada sua, mais uma confusão de alhos com bugalhos.* P5[1962] 6.3

**barganha** *s.f.* Negociação em troca de vantagens. *Receio não me conter dirigindo-*

me ao Governador que baixou decreto endossando uma linha divisória criada pelos inimigos da autonomia municipal e da integridade territorial de Mundo Novo; linha divisória criada em repugnantes conluios de barganhas eleitorais, à revelia da Camara do Município Matriz. JGP81[1960] 7.4

**barrica** s.f. Pessoa atarracada e gorda. – *Meu Deus me perdõe qui eu nan sê o qui tou dizeno. Mas a bôca do povo tá falano qui é “Januaro pé de pão” qui tá virano labishome. / – Coitado do velho Januario! / – Dizem qui tem noite qui vira barrica e tem noite que vira jegue.* C31[1933] 11.2

**barriga<sub>1</sub>** s.f. Volume abdominal. *Joaquim tem muita altura, muita barriga, muita orêlha, mas, por culpa, talvez, da lei das compensações, pouca massa encefalica.* JMN221[1932] 3.2 *Certa vez, em um piquenique, ele ouviu, após á feijoada, alguém dizer, passando a mão pela barriga: – Arre! comi que chega fiquei obesio!* C43[1933] 2.4

**barriga<sub>2</sub>** s.f. Estômago. – *Né pra barriga de pobre não.* C8[1933] 4.1 *Continuava calmamente levando a faca ao mantegueiro, em seguida ao biscoito e o biscoito á barriga.* C21[1933] 4.7

**barriga cheia** UF Alimentado. *E, neste caso, tem que se preocupar tão somente com programas que tratem de estradas, dinheiro, salario, “cacau, petroleo, Paulo Afonso”... Porque, dentro de tal conceito, o homem que tiver barriga cheia, saude, dinheiro, conforto material, está plenamente feliz.* JS30[1950] 3.17

**barriga da mãe** UF Útero. *Cá finada tive 10, e agora cá segunda já tou no 5 e o 6 já tá bulino na barriga da mãe.* C12[1933] 18.6

**barriga no espinhaço** UF Fome. *No Comunismo o trabalhador trabalha o maximo e recebe o minimo, vivendo uma vida de barriga no espinhaço.* JS37[1951] 5.5

**bategas [báttega]** s.f. Chuva repentina e muito forte; aguaceiro. *“A chuva caindo em bategas, enclausurava-me no quarto, sem siquer a possibilidade dessa comunicação espiritual que se faz do homem com natureza, no simples goso da muda contemplação!”* JMN217[1932] 14.1

**bater papo** UF Conversar. *Respondi que não*

*posso ir bater papo em casa de alguém se não fôr convidado pelo dono da casa.* JGP64[1960] 2.2

**beijo das aguadas [berço das aguadas]** UF Borda de um tanque de água; nascente. *Para estes, nestes dias escaldantes de noites friorentas, a musica mais bela e mais alegre deste mundo é o peito de um cururu “fervendo” no beijo das aguadas ou em pleno chão duro e sêco das chapadas: – Pra mim a sussuarana pode ficá rouca de gritá: cururu nan tando “fervendo” nan fico animado.* JS29[1950] 7.2

**belzebú [belzebu]** s.m. O diabo. A mitologia apresenta cupido de olhos vendados. Para significar que o Amor é cego. Deveria apresentar Belzebú de olhos também vendados. Porque o ódio também é cego. O Amor é cego para os defeitos da criatura amada. O Ódio é cego para as virtudes do odiado. P3[1960] 2.3

**berço** s.f. Lugar onde uma pessoa nasceu. *A Bahia é o berço glorioso da aguia de Haia e do poeta dos escravos.* JMN221[1932] 5.3 *Mas imagino que venha daí, talvez, a lembrança do nome de Mundo Novo, lamentavelmente para ser apontado como berço de um personagem boçal.* P27[1975] 3.15

**berne** (var. **bernos**) s.m. Tumor subcutâneo por ação da larva da mosca-do-berne. *Ficou sosinho, no mundo, doente de bernos e impaludismo, “briquitano”... Tinha um irmão que possuía alguma cousa; mas este, alem de morar muito longe – no São José, distante daqui 10 leguas –, era carregado de filhos.* C13[1933] 3.2 *Governador pretende resolver o problema da carne, um pecuarista afirmava: Nós que vivemos aqui no interior, dando murros, longe dos confortos do asfalto, somos perseguidos por cinco tipos de pragas: sêca, aftosa, berne, lagarta e govêrno.* JGP95[1961] 2.2

**bernos** var. de **berne**

**besta** (var. **bêsta**) s.f. Pessoa de pouca inteligência. *Então, o Rafael, sempre o Rafael, revelando uma sagacidade espantosa, diz: – Vomicê é de vê, eu fico bêsta né dêle tê sido vendido; eu fico bêsta é dêle tê sido comprado!* C41[1933] 22.1 *Um outro comentava, gosando com dose de cinismo: “Para pagamento de uma despesa*

forçada, recebi 180 cruzeiros em troca de meu voto. Votei no comprador? Para os bestas...” P33[1976] 6.3

**bêsta** var. de **besta**

**bibócas** [**biboca**] s.f. Buraco. Ouro, por essas bibócas de serra, tem e é munto, né bestêra não. C41[1933] 4.2

**bicho**<sub>1</sub> s.m. Animal. E eu voltei para casa, pensando, pensando... não mais no burro ou no bicho, mas... no sonho. JMN223[1932] 10.1 Os jardins de nossas praças deixaram de ser campo daqueles bichos para voltarem a ser locais de flôres! P12[1967] 23.2 Bicho é que se puxa pelo cabresto para onde não quer ir. P44[1982] 6.4

**bicho**<sub>2</sub> s.m. Coisa desconhecida. Vamincê pode crê qui não hai neste mundo bicho pra corrê mais que otomove. C3[1933] 3.1 Da Feira de Sant’Ana pru Monte Alegue o peste do bicho passa mais ligeiro de que um gôle d’agua na guela dum vivente. C3[1933] 3.8 – Então como é o trem de Mucambo? / – É um bicho qui tá apariceno denoite e fazeno istripulía. C31[1933] 6.2 – E que deabo de bicho é este que nem tem mêdo de canto de galo? C31[1933] 7.1

**bicho**<sub>3</sub> s.m. Pessoa habilidosa. A inteligencia do meu caro Joaquim é pequena, deveras; a prova disto é que êle não perde ensejo para fazer um discurso. E’ um bicho, no discurso. JMN221[1932] 3.4 Na rua encontro-me com um estudante que é um “bicho” no bicho. JMN223[1932] 6.2

**bicho de sete cabeças** UF Coisa difícil. E êle me pintou a metrica como sendo um bicho de sete cabeças... Fiquei no mundo da lua. JMN193[1931] 6.4

**biscoito** s.m. Massa feita com farinha de trigo, açúcar e ovos, assada ao forno. Vem o café das três horas da tarde, com biscoito, pão, e manteiga! C21[1933] 4.2 Continuava calmamente levando a faca ao mantegueiro, em seguida ao biscoito e o biscoito á barriga. C21[1933] 4.7

**bôa vida** UF Pessoa despreocupada. Do alto de seus tamancos o bôa vida Chateaubriand achou que devia ensinar e orientar os juizes do Supremo Tribunal Eleitoral, sobre o que deve ser e o que não deve ser registrado. JS12[1950] 4.3

**bobage** var. de **bobagem**

**bobagem** (var. **bobage**) s.f. Ato ou informação improcedente. Vê-se, pela notícia, que quem a escreveu “ouvio cantar o galo mas não soube onde...” E “O Social” que não entende patavina de fascismo, copiou e ampliou a bobagem. JL23[1934] 3.3 Dizer que fica com Cristo e com Kardec; que é católico e espirita; que é espirita e católico; dizer isto é afirmar uma bobagem tão grande, um contrasenso tão absurdo, que... não merece sequer um comentario! P1[1949] 5.15 – Tudo ista é bobage: quando Deus qué nan tem silêncio de cururu qui impate. JS29[1950] 8.1 O frade, um dominicano francês de nome Thomas Cardonnel, professor de Teologia de convento dominicano em São Paulo, entrevistado sobre o momento história que o mundo atravessa perdeu ótima oportunidade de ficar calado: porque disse bobagens que pareciam mais de candidato a cargo público, necessitado de votos dos vermelhos... JGP75[1960] 4.3

**bobagens quilométrais** UF Afirmações sem fundamento. Sempre que os nossos jornais comentam este problema, dizem bobagens quilométrais, como por exemplo, a afirmação de que soldadôres ou abatedôres fazem retenção de boiadas gôrdas para forçar altas. JS42[1951] 6.4

**boboca** adj. Pessoa que se deixa, ingenuamente, convencer ou enganar. Os que alegam ausencia de intenção vermelha no “Gabriela” talvez estejam bancando boboca... Jorge tem talento demais pra saber camuflar intenções... JGP71[1960] 6.1

**bocado** s.m. Certa quantidade. Mal empregado o bocado de só qui alumeia aquela desgraça, meu Deus me perdôe. C5[1933] 5.2 Se por aqui aparecesse um bocado de istrangêro, havia de havê uma dinhêrama danada nesse Brasília. C41[1933] 4.4

**boçal** adj. Rude, grosseiro. E, pela descrição dos ditos, é evidente que se trata de um “poeta” com aspas, um cara mais ou menos boçal. P27[1975] 2.2 Mas imagino que venha daí, talvez, a lembrança do nome de Mundo Novo, lamentavelmente para ser apontado como berço de um personagem boçal. P27[1975] 3.15

**bôcas nas costas** [**bocas nas costas**] UF Mulher e filhos para sustentar. Zeferino é vaqueiro e

tem “sete bôcas nas costas”, como ele diz. JS31[1950] 3.1

**boinasinha** s.f. Boné redondo e chato, sem pala e sem costura, geralmente, feito de lã. *Uma senhora vermelha, muito gôrda, toda de luto, com uma boinasinha na cabeça deixando á amostra uma rodilha de cabêlos côr de fôgo.* JMN220[1932] 2.15

**bole [bulir]** (var. **bulino**) v.t. Mexer. *Burro bole com as orelhas e o Snr. tambem bole. Vou jogar no burro.* JMN223[1932] 5.3 *Cá finada tive 10, e agora cá segunda já tou no 5 e o 6 já tá bulino na barriga da mãe.* C12[1933] 18.6

**bôlha de sabão [bolha de sabão]** UF Sem conteúdo. *Não me lembro quando ouvi, ou mesmo se já ouvi, produzido por homem com fama de talento, um discursozinho tão chôchinho, tão vazio, tão bôlha de sabão, quanto aquêle discursozinho que o Dr. Waldir produziu ontem nesta minha cidade infeliz.* P6[1962] 2.4

**bolir [bulir]** v.t. Provocar alguém; fazer caçoada, zombaria. *Não creio que tenha feito isto com a intenção de “bolir” com o antigo companheiro de lides ginásianas.* P27[1975] 3.16 *Pedro da Báia tinha uma cachorra chamada “Deixa-fama”; e a gente bolia com ele dizendo que o nome da cachorra era “deixa-fome”.* P39[1978] 2.2

**bonachão** adj. Pessoa muito boa. *O patrão era bom demais. Bonachão. Chega era tólo. Chega era trouxa...* JL27[1934] 6.2

**bonde** s.m. Veículo coletivo que se desloca sobre trilhos e é movido à eletricidade. *Apenas, de longe em longe, chega-me ao ouvido um zumzum de bonde correndo na avenida.* JMN191[1931] 34.4 *Um dia desses, iamós, êle e eu, pela praça Rio Branco, futingando... Surge um bonde especial, cheinho de “perdoadas”. Claudio, que já estava comigo junto aos trilhos onde o bonde ia passando, exclamou logo, todo sorridente: “Êta bonde bonito!”* JMN202[1932] 2.2 *Vadios para olhar a nudez, era natural que houvesse ainda em maior numero... Mas os que trabalham, os que fazem a vida normal, usando meios de transporte em comum — bondes, auto omnibus — esses recebiam com hostiliade silenciosa os propagandistas do nú.* JMN214[1932] 14.2

**bonde canela** UF Pernas. *Depois de horas de espera, apelaram para o “bonde canela”, rumando para o Cobé, (sete quilômetros) onde tentariam encontrar um transporte.* P22[1974] 2.4

**bôrço [dar ao bolso]** s.m. Ludibriar; enganar alguém. – *Você pensa, Rafaé, qui se eu achasse aqui argum pedaço de ouro, qui eu dava a êles? Eu dava mais era a meu bôrço.* C41[1933] 10.2

**botar no papel** UF Escrever; anotar. *É outra história... História que o “pasquineiro da roça” precisa botar no papel... “Deixe as águas rolar...”* P5[1962] 4.3

**botou a boca no mundo [botar a boca no mundo]** UF Denunciar. *E ninguém botou a boca no mundo protestando contra o sumiço da tal medalha!* P28 [1975] 4.4

**bramura** s.f. Bagunça. – *Eu não sê, Dona Elvira, cuma Lampeão não amonta um trem pra saí pur o mundo fazeno bramura!* C22[1933] 3.1

**brechas** s.f. Lacuna, falha. *Neste IIº aniversário da Revolução, há motivos para se sentir receio de que os saudosistas, com eleições de eleitores não politizados, não doutrinados, não conscientes, acabem conseguindo fazer brechas nos alicerces do poder Revolucionário, pondo em perigo a obra magnífica que vem realizando a Revolução, em ordem, em paz, em tranquilidade.* P26[1975] 5.1 *Resta a esperança de que o patriotismo autêntico do soldado brasileiro não permitirá que os saudosistas consigam fazer brechas na união sagrada das gloriosas forças armadas do Brasil!* P26[1975] 6.1

**brio** s.m. Amor próprio; dignidade. *No Sul, desde os primeiros momentos de alarma do famigerado decreto, que se grita contra a sua execução que seria, afinal, um desrespeito do actual governo, aos nossos brios de povo que quer seguir para a luz e não recuar para a sombra.* JMN187[1931] 5.1 *O acusador, que tinha a obrigação de provar o crime acusado, não se encomoda com este dever ao qual não pode ser indiferente qualquer acusador que ainda possua pelo menos um resto daquilo que se chama brio, vergonha, dignidade.* JS11[1950] 2.9 *É de se esperar que o pessedita Osvaldo Vitória e o pessedita Dilton Jacobina saibam colocar o*

*sentimento de honra mundonovense, de brios de nossa gente, acima de quaisquer conveniência de ordem partidária. P4[1962] 4.1 Que os mundonovenses, autoridade e o povo não permitam que tal imoralidade se repita em Mundo Novo, precisamos dar provas de que esta terra ainda tem brios! P40[1980] 6.1*

**briquitano [briquitar]** v.i. Sem rumo; sofrendo. *Casado, a mulher abandonou-o; também os filhos o abandonaram. Ficou sosinho, no mundo, doente de bernos e impaludismo, “briquitano”. C13[1933] 3.2*

**brohaha** s.m. Confusão. *Dia de feira. Debaixo do barracão, o brohaha – confusão. E os tabareos mercado: – A farinha é bôa, rapaz! Bote um punhado na bôca, mastigue e oie pra mim! C25[1933] 2.3*

**brugunzos** s.m. Materiais diversos. *E os que ficaram começam a sonhar... E novas trouxas se arrumam... Brugunzos vão sendo vendidos... A leitôa de fulana, as cabras de cicrana, as galinhas, a máquina de costura... E as lotações dos caminhões se completando... JS1[1950] 5.1 Nenem Quixe, que continua no Alto Bonito de hoje... cabeça de algodão, aposentado, apesar disto, ainda dando duro na lua da sela, em*

*viagens a Mundo Novo, buscando jornais, revistas, brugunzos do patrão... D. P39[1978] 3.5*

**brusunguei [brusungar]** v.t. Rascunhar. *Hoje, porem, entendi de mandar a preguiça às favas, e comecei por escrever oito paginas de prosa macarronica. Depois, por duas vêzes, tomei da lira e brusunguei qualquer cousa. JMN191[1931] 3.3*

**bulino** var. de **bole [bulir]**

**buraqueira** s.f. Grande quantidade de buracos. *As rodagens com buraqueiras incríveis e mata-burros para equilibristas do volante, apesar dos milhões de verbas despejados nas prefeituras. P8[1966] 4.2 E só se vendo a buraqueira, e só se vendo os mata-burros para equilibristas do volante em seus municípios! P8[1966] 5.5 1º – a enorme, horrorosa, descomunal buraqueira da ladeira do Engenho, rodagem Mundo Novo – Umbuseiro, desapareceu. P12[1967] 17.1*

**butocudo [botocudo]** adj. Pessoa de comportamento rude, tosco; inculto. *Estou butocudo, estou burro, não sei pensar, não sei escrever, não sei fazer nada. JL25[1934] 19.2*

# C c

**cabá** var. de **acabar**

**cabano** var. de **acabar**

**cabeça de algodão** UF Cabelos brancos. *Nenem Quixe, que continua no Alto Bonito de hoje... cabeça de algodão, aposentado, apesar disto, ainda dando duro na lua da sela, em viagens a Mundo Novo, buscando jornais, revistas, brugunzos do patrão... D. P39[1978] 3.5*

**cabeça fria** UF Calma, tranquilidade. *Entretanto, meditando o assunto com mais vagar, de cabeça fria, a primeira impressão desfavorável desaparece, tornando-se evidente o sentido democrático do projeto. JS16[1950] 3.5*

**caboclo** (var. **cabôclos**) s.m. Pessoa do campo, de modos simples. *Ao fundo do quintal, na roça do vizinho, o duêto dos cabôclos contentes com a vida: "Eu queria sê balaio / "Nas cuiêta de café / "Pra vivê depundurado / "Nas cadêra das muié..." C7[1933] 25.1 Caboclos da Paraíba, do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Alagôas... e da nossa Bahia que está ficando deserta em seus campos. JS1[1950] 3.3*

**cabôclos** var. de **caboclo**

**cabotino** s.m. Pessoa presunçoso, que se gaba de qualidades que pode ter ou não. *Que me chamem de tudo: compenetrado, cabotino, poeta, até doutor, se quiserem, menos de modesto! JMN207[1932] 5.1 Porque o Brasil Integral será bastante forte para impôr o silêncio a todos os cabotinos, a todos os charlatães, a todos os mulos, a todos os inimigos concientes ou inconcientes, de Deus, da Patria e da Família. JL68[1934] 16.4 O que sei é que não posso deixar de discordar de um conceito, de uma opinião, para não parecer cabotino. JS48[1951] 6.3 Hoje aconteceu coisa muito interessante: pegando um jornal velho ("A Tarde" de 11-8 960), li um artigo de Afrânio Coutinho: era uma surra muito bem dada no cabotino escritor inglês Ghaha Green. JGP75[1960] 3.1*

**cabresto** (var. **cabrêstos**) s.m. Arreio, composto

de cabeçada sem embocadura, usado para conduzir o animal ou para prendê-lo a algo. *O velho José vaqueiro, morador no municipio de Djalma Dutra, é perito no fabrico de cabrêstos, peias, etc, de sedenho. C47[1933] 2.1 Bicho é que se puxa pelo cabresto para onde não quer ir. P44[1982] 6.4*

**cabrêstos** var. de **cabresto**

**cabrocha** s.f. Mulheres jovens; moças. *Dir-se-ia que o felizardo vae mesmo viajar, deixando, por estes matos, alguma cabrocha dengosa... JL3[1933] 17.3 Havia rapazes engravatados e cabrochas de meias e fita no cabelo melado de oleo de côco. C45[1933] 5.3*

**caçando** [**caçar**] (var. **caçano**) v.t. Tentar encontrar; procurar. *Está "caçando" outro emprego, outro meio de vida. JS31[1950] 3.5 Cum taco de roça e uma porca, a muiê e os minino ia ajudando. Mais assim cuma tá, no ordenado puro e sêco, nan me guento. Assim tá runhe. Só caçano outro gáio. JS31[1950] 4.17*

**caçano** var. de **caçando** [**caçar**]

**cacête** [**cacete**] adj. Enfadonho; chato. *Pode-se fingir alegre. Se-lo-á para o mundo exterior, nunca para si mesmo. O homem que nasce triste tem que, fatalmente, morrer triste. Era mais ou menos isto o que eu queria dizer. Mas... estou muito cacête. JMN210[1932] 15.1*

**cachóla** [**cachola**] s.f. Cabeça. *Agora, que não cooperar com eles, signifiqei não os amar, só mesmo na cachóla dos sabios do maritainismo! JS43[1951] 7.6*

**cacimba** s.f. Poço cavado para acumular água da chuva e oriunda do solo. *Oie qui a gente tê o trabaio de prantá, tratá, rancá, lavá na cacimba, levá pra fôra, pra fica tudo isso por cinco tostõe! C38[1933] 2.6 Se é de pagá a gente pra prantá mãodoca, paga á gente mais é pra cavar cacimba im cacurute de serra, pricurano o qui nan guardaro. C41[1933] 9.2 As cacimbas estão secando. JS29[1950] 12.1*

**caco** adj. Pessoa envelhecida, fraca e doente.



*Minha cunhada é muié e carregada de fio; eu sou home e sou só; sou um caco, é verdade, mas vou me aguentano.*” C13[1933] 4.2

**caçuá** (var. **caçuas**) *s.m.* Cesto grande de cipó, com alças para prender aos cabeçotes da cangalha, usado no transporte de mercadorias. *O jegue com os caçuás carregando café para o terreiro.* C4[1933] 2.5 *Daí a expressão formidável de um tabareo que passou, ha pouco, de calças arregaçadas, pés na lama, tangendo um animal com caçuas de carne: – Êrre, cus deabo! qui o seo inferno fôsse chiquêro, quando os home desta terra chegasse lá pensava qui nan tinha morrido... Tava im casa...* C23[1933] 4.6

**caçuada** [**caçoada**] *s.f.* Brincadeira, zombaria. – *Vamicê já pega cas caçuada de Vamicê!* C31[1933] 5.1

**caçuas** var. de **caçuá**

**cacurute** var. de **cocoruto**

**cadeira<sub>1</sub>** *s.f.* Assento para uma só pessoa, com encosto e quatro pernas de material rígido, às vezes, com braços. [...] *eu, aqui no meu quarto em cuecas, sentado em uma “rangenta” cadeira de pau, tamborilando os dêdos sobre a mesa, estou cantando: Sou da fuzarca!* JMN197[1931] 9.2 *Quando o moço velho e triste o vio, cercado pela vibração entusiastica de quase a totalidade da população de Mundo Novo, ergeu-se da cadeira em que estava sentado, quíz dar um viva à “Lira”, mas a mão de ferro da emoção lhe apertou a garganta e êle não pode gritar!* JMN205[1932] 22.2 *E um livro de oração numa velha cadeira.* JMN222[1932] 30.1

**cadeira<sub>2</sub>** *s.f.* Cátedra. *A excelente revista “VISÃO”, de 20 de novembro de 1972, em comentário oportuno e objetivo, afirma: “a Prefeitura ou uma cadeira de vereador — cada vez mais vale cada vez menos”.* P19[1972] 7.2 *Na hora da chamada do Presidente, ninguém responde porque as cadeiras estão sem os fundilhos de suas excelências.* P41[1981] 2.2 *Com cadeiras vazias e tentativas de aumento da burocracia não conseguirão o respeito e o apreço da Nação.* P41[1981] 3.3

**cadeira<sub>3</sub>** (var. **cadêra**) *s.f.* Quadril; anca. *A*

*quadrinha que eu achei bonita: “Eu queria ser balaio / “Nas cuiêta de café, / “Pra vivê dipindurado / “Nas cadeira das muié.”* C4[1933] 2.7 *E, nova surpresa: – disseram-me que a quadrinha é mais velha do que a serra de Itiuba... E me recitaram duas variantes: “Eu queria sê balaio / “Balaio eu queria sê / “Pra viver depundurado / “Nas cadêra de ocê”* C5[1933] 11.2 *Ao fundo do quintal, na roça do vizinho, o duêto dos cabôclos contentes com a vida: “Eu queria sê balaio / “Nas cuiêta de café / “Pra vivê depundurado / “Nas cadêra das muié...”* C7[1933] 25.1

**cadêra** var. de **cadeira<sub>3</sub>**

**cae no manguá** [**cair no manguá**] *UF* Apanhar. *Hoje só se vê agua corrê im cara de menino quando cae no manguá!* C12[1933] 6.12

**café<sub>1</sub>** *s.m.* Fruto do cafeeiro. *A quadrinha que eu achei bonita: “Eu queria ser balaio / “Nas cuiêta de café, / “Pra vivê dipindurado / “Nas cadeira das muié.”* C4[1933] 2.7 – *Ficou im casa c’uns caroço de café no fôgo.* C7[1933] 20.2 *Mas não é só Irecê, não é só feijão; é o milho, é o arroz, é a farinha, é o leite, é o café, é a mamona, são as frutas variadas: mangas, laranjas, limas, limões, abacates e bananas.* P16[1971] 4.2 *Seja qual for a resposta a esta pergunta, o importante é isto: plantar café em Mundo Novo é plantar no chão que produziu o melhor café do mundo!* P28 [1975] 5.2

**café<sub>2</sub>** *s.m.* Bebida cozida preparada com o fruto torrado do cafeeiro. *Um dia dêsse seu Coronel Zezim bebeu uma chicra de café quente na Feira, botou o resto do café numa chicutatêra preta de bôca de prata, e montou no otomove e tocou pru Monte Alegue; homem, ante do café isfriá tava o home no Monte Alegue!* C3[1933] 3.3 *Nan tenho natureza de cumê de manhã cumo os outro vaqueiro, só quebro o jijum cum café puro.* JS31[1950] 4.7

**café<sub>3</sub>** *s.m.* Momento de uma refeição em que se toma essa bebida. *Hoje a gente toma café de manhã em Mundo Novo e almoça na Bahia, (para falar à moda do tempo de meu avô.)* JS13[1950] 4.1 *A’s sete e tanto da manhã, depois do café, dirigi-me á pensão do Juvenal, estudante de Medicina e muito meu amigo.* JMN223[1932] 2.1 *Vem o café das três horas da tarde, com biscoito, pão, e*

*manteiga!* C21[1933] 4.2

**café pequeno** *UF* Pessoa sem importância. *O mundo está farto de saber que Nero e Hitler viraram café pequeno deante desse monstro de friesa siberiana que é Stalin.* JS14[1950] 3.1

**cafésinho** *s.m.* Uma medida pequena de café. *Viajando de Feira para Salvador, saltamos para um cafésinho em um bar de S. Sebastião.* JS15[1950] 2.1

**caipirada** *adj.* Comportamento ou modos próprios de caipira, de pessoa matuta. *Dava uma volta pela feira, de orelha em pé e ouvido atento, com a esperança de pegar alguma “caipirada” que podesse agradar os leitores de rabiscos.* JMN203[1932] 5.1

**caldeirão** *s.m.* Tanque natural, nos lajedos, onde se acumula a água da chuva. *Vêjo, perto do “caldeirão” que lá existe os umbuzeiros grandes em que eu subia à cata dos umbús; as arapucas que eu armava para pegar os sabiás ingenuos; os tanques, aos quaes, muita vez, em meio a uma rivoada de infancias em algazarra, eu me ia a correr, para admirar a beleza das inchentes...* JMN182[1931] 3.2

**calha** [**calhar**] *v.i.* Adequar-se. *Agora, para comentar a que ontem se encerrou, calha, muito bem, o título de “A menor”.* P40[1980] 2.2

**calosas** *adj.* Com muitos calos. *Suas mãos calosas lembram “sola” de pés de negros sambistas.* C32[1933] 2.4

**calote** *s.m.* Ausência de pagamento. *Oswaldo Vitória é quem bem sabe o que foi o governo Balbino, governo que passou o calote nos municípios do interior, em favor de obras de fachada na Capital.* P4[1962] 5.1 [...] *sofreu, como prefeito, aperturas, dificuldades, angústias e toda sorte de danos decorrentes dos calotes do governo Balbino.* P4[1962] 5.4

**caloteadas** [**calotear**] *v.i.* Não efetuar pagamento. *As verbas e dívidas estaduais a Mundo-Novo foram totalmente caloteadas pelo governo Balbino.* P4[1962] 5.2 *Todas as verbas devidas a Mundo Novo foram caloteadas.* P6[1962] 6.6

**camarada** *s.m.* Indivíduo desconhecido. *O camarada havia dormido no França e isto bastava para estabelecer o diagnostico: –*

*impaludismo.* C11[1933] 2.3 *Em Monte Alegre, contaram-me, havia um camarada que tinha a mania de “falar difícil.”* C43[1933] 2.3

**camaradescos** *adj.* Em que há camaradagem; favorecimento. *E nunca fui partidário porque em todo partido eu via os conchavos indecentes, os acordos camaradescos, as lutas vergonhosas pelos cargos, os choques de interesses pessoais, os fuchicos, as rixas, o despudor, a falta de vergonha, e o desinteresse completo pelo Brasil.* JL17[1933] 3.4

**cambada** *s.f.* Quantidade de pessoas com características comuns; desclassificadas. *Continue a chicotear, com seu “brilhante espírito”, essa cambada que lhe nega elogios!* JL3[1933] 4.9

**cambões de milho** *UF* Milhos atados uns aos outros pela palha. *Desta roda fazia parte o musico Armindo Oliveira, que estava cum uns cambões de milho verde no braço.* C15[1933] 3.5

**campa** *s.f.* Campanha; pequeno sino. *Afim de lhe poupar o esforço de estar chamando as pessoas que lhe servem de enfermeiras, entregou-lhe a familia uma campa para tocar toda vez qui precise de alguém.* C35[1933] 2.3

**candente** *adj.* Muito intenso, entusiasmado, ardoroso. *Muito oportuno, também, lembrar, aqui, a candente expressão, cada vez mais atualizada, do Prof.* P19[1972] 7.4

**caneco** *s.m.* Copo com asa. – *Por quanto dá o caneco? / – Mil e dois tões.* C26[1933] 2.1

**cangica** [**canjica**] *s.f.* Iguaria feita com o amido extraído do milho verde ralado, cozido e temperado com leite de coco, podendo ser servido com canela. *Fogueiras, fógos, balões que sobem, balões que decem, licôr, cangica... A mesma couza dos outros anos.* JMN181[1931] 2.4

**cansa-cavalo** *s.m.* Planta rasteira, nativa da Bahia, de ramos e pecíolos tomentosos, folhas com a margem serreada, flores em capítulos, alvas e campanuladas, também conhecida como moleque-duro ou maria milagrosa. *De dia eram os cavalos de pau e as arapucas nas capoeiras de cansa-cavalo ou moleque-duro da casa de Báia...* P39[1978] 2.2

**canta de galo [cantar de galo]** UF Contar vantagem mandar. *E o angustiado comentarista aborrecidinho se agarra a essa declaração que ele diz ter sido feita pelo Brigadeiro, cantando de galo!* JS17[1950] 5.3 *Agora, o que não sabemos é como fica é a cara lavada dessa gente que diz que vendemos caro o nosso apoio e que depois canta de galo com a declaração do Brigadeiro afirmando que nosso apoio não foi vendido!* JS17[1950] 6.2

**cantilena** s.f. Canção breve. *Nada de choradeiras poeticas ou não. Nada de cantilenas de pranto. Nada de denguiques do coração, incabíveis no momento dinamico do seculo.* JMN191[1931] 18.2

**cão sem dono** UF Comparação com coisa abandonada. *É como se Mundo Novo fosse cão sem dono, terra de ninguém!* P42[1981] 2.5

**capado** s.m. Porco castrado para engorda. *Chamam-no “Manoel capado” porque ele é comprador de capados, negociante de toucinho.* C12[1933] 2.2 *Todo mundo sabe que meu negócio é capado, que é cum tóecim que faço farinha pra meus fio e por isso me chamam Mané Capado.* C12[1933] 18.3

**capengando [capengar]** v.i. Caminhar desequilibradamente, pisando com um dos pés. *O velho, reumatico, é aleijado de uma perna. Anda capengando.* C34[1933] 2.3

**capoeira** s.f. Terreno, cuja vegetação anterior foi roçada ou queimada para o cultivo da terra ou para abertura de estradas. *No Indaí: extinção das capoeiras em que estavam transformadas as ruas; roçagem da estrada pedestre Covão – Jequitibá.* P12[1967] 20.1 *De dia eram os cavalos de pau e as arapucas nas capoeiras de cansa-cavalo ou moleque-duro da casa de Báia...* P39[1978] 2.2

**cara a cara** UF Frente a frente. *Quem é que, ficando cara a cara comsigo mesmo, não se entristece?* JMN210[1932] 3.4

**cara de cavalo** UF Rosto comprido e com queixo grande. – *Aquele cara de cavalo é o trem mais runhe que o só de Deus incobre.* C5[1933] 5.1

**cara de dia aziago** UF Em que há infortúnio, infelicidade. *Dona Ismelia estava em casa (na cidade) com uma cara de dia aziago.* C20[1933] 2.2

**cara lavada** UF Sinceridade. *Agora, o que não sabemos é como fica é a cara lavada dessa gente que diz que vendemos caro o nosso apoio e que depois canta de galo com a declaração do Brigadeiro afirmando que nosso apoio não foi vendido!* JS17[1950] 6.2

**cara pra cima** UF Sem ter o que fazer. *Ha os que choram ter queimado muitos pastos, confiados em novembro e agora estão com a cara pra cima.* JS35[1950] 6.9

**caracará** s.f. Uso metafórico, os abutres, os aproveitadores. *Política de municpinhos é isto aí, esta baboseira que se viu: de “jacus” e “caracarás”, de “bodes e cobras”, de “jacus” e “panelas”... uma baboseira!* P32[1976] 4.1

**carapuça** s.f. Uso figurado para uma alusão crítica; indireta. *Um prefeito qualquer, (e são muitas cabeças para esta carapuça), furta sem deixar rastro, de modo muito simples: aplica, por exemplo, \$80.000 em um trabalhinho qualquer e arranja, com seus cupinchas, assinaturas para comprovantes de despesas num total de \$800 000!* P8[1966] 3.2

**carne** s.f. Tecido muscular de origem animal, utilizado na alimentação. *No arraial de Alto Bonito um tabareo falava, indignado, contra o imposto de 100 rs em cada quilo de carne, e outros impostos absurdos.* C38[1933] 2.1 *Mais nan acha não, ouro aqui é mais difíce de que carne lá im casa.* C41[1933] 12.1 *Com o comercio de carne no Brasil, principalmente na Bahia, tem acontecido precisamente o contrario: protejem os vendedores dos frutos e perseguem os cultivadores da arvore.* JS8[1950] 3.2 *Um outro opinou que a proibição o que faz é desvalorizar a fonte de produção de carne e não há de ser com desvalorização da fonte de produção que se resolverá o problema do produto.* JGP93[1961] 6.1 *A pecuária local vem sendo perseguida, quando a intenção expressa dos governos Federal e Estadual é amparar o pecuarista, estimular a produção, para se colocar o Brasil em condições de matar a fome de carne do mundo, folgando o país de divisas.* P40[1980] 3.1

**carne assada** s.f. Carne de animal preparada na brasa. *A’ hora do almoço fizemos um fogo para o café; ao lado estendemos uma toalha, distribuimos as colheres e, sentados em*

- pedras grandes, puzemo-nos á farofia com carne assada e raspadura.* C41[1933] 15.1
- caroços vermelhos** *s.f.* Fruto maduro do cafeeiro. *E os caroços vermelhos vão caindo nos balaios...* C7[1933] 24.1
- caróla [carola]** *s.f.* Pessoa muito assídua à igreja. *Podem os “sabidos” fazer chacótas e me chamarem de caróla.* P1[1949] 6.2
- carranca** *s.f.* Cara fechada, emburrada. *E Ermiro, pilherico, procurando desfazer a carranca do ambiente: – Quem foi que morreu, Mariinha?* C20[1933] 3.1
- carreirismo** *s.m.* Prática ou tendência de conseguir vantagens na profissão por meios não éticos. *E não só: verifiquei que o Dilton não tem vaidosas e egoísticas pretensões de carreirismo pessoal visando tornar-se importante, poderoso, rico, às custas de função pública, às custas de nossos votos.* P5[1962] 9.3
- casa cheia** *UF* Lotado. *Já havia passado em Mundo Novo, segundo me diziam, pegando “casa cheia”, e eu, ausente, não assisti.* JS47[1951] 4.4
- casa sem pão** *UF* Uso metafórico, casa que não se sustenta. *No ultimo trimestre de 1963 e no primeiro de 1964, este país era um caos, uma casa sem pão, onde todo mundo grita e ninguem tem razão.* P20[1973] 3.1
- catação** *s.f.* Colheita. *No quintal de café, enquanto as mãos trabalham na catação da saborosa rubiaceae, as linguas das catadeiras e catadores trabalham nos assuntos do momento [...]* C7[1933] 2.1
- caudataria [caudatária]** *s.f.* Serviços. *A Mocidade de hoje não pode mais continuar caudataria dessa velharia demagogica, dessa maluquice da senilidade esquerdista que já não consegue enganar os moços.* JS22[1950] 6.1
- caudilhagem** *s.f.* Resultado da ação de Caudillo, líder centralizador e autoritário. *Esta nova doutrina política, acordou, reviveu, na alma dos italianos, o sentimento de patriotismo que a caudilhagem política estava matando.* JL23[1934] 6.3
- cavador** *s.m.* Instrumento de metal com cabo longo, usado para cavar. *Ora no cavador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo “aceiros”; ora agarrado ao cabo da mutamba, na faína das campinas, o Coronel Salú não para.* C32[1933] 2.3
- cavalhada** *s.f.* Grande quantidade de cavalos; cavalaria. *O dia da partida era um acontecimento, um reboição: cavalhada, burro de carga, camarada, e o agrupamento em algazarra dos visinhos, das comadres, na manhã da partida!* JS13[1950] 2.8
- cavalo de batalha** *UF* Aquilo que é objeto de discordância ou disputa, e a que se dá grande importância. *É incrível o cavalo de batalha que estão fazendo com a candidatura do sr. Getúlio Vargas.* JS12[1950] 2.1
- cavalo de pau** *s.m.* Brinquedo que busca imitar um cavalo de montaria, feito com um pedaço de pau ao qual se fixa a representação da cabeça do animal. *De dia eram os cavalos de pau e as arapucas nas capoeiras de cansa-cavalo ou moleque-duro da casa de Báia... (Pedro da Báia tinha uma cachorra chamada “Deixa-fama”; e a gente bolia com ele dizendo que o nome da cachorra era “deixa-fome”).* P39[1978] 2.2
- cego** *s.m.* Sem estudo. *E escola prus minino qui eu nan quero qui eles crêçam cego cuma eu?* JS31[1950] 4.4
- certinhas como boca de bode** *UF* Corretas. *As denúncias contra bandalheiras incontestáveis são engavetadas porque alegam, as contas na Prefeitura estão certinhas como boca de bode!* P8[1966] 4.4
- chacóta [chacota]** *adj.* Zombaria. *Podem os “sabidos” fazer chacótas e me chamarem de caróla.* P1[1949] 6.2
- chaga** *s.f.* Uso figurado, mácula, mancha. *Quanta chaga aberta, a sangrar e a doer, por todo este corpo enorme e doentio que se chama humanidade!* JMN197[1931] 8.1 *O ridiculo está em se deixar transparecer a tristeza, é em se expôr as propias chagas aos olhos dos outros que tambem têm chagas mas sabem fingir que não as têm.* JMN210[1932] 3.2 *A chaga vergonhosa e crônica que era a curva de atoleiros do “Vai-quem-quer”, na entrada norte da cidade, foi sepultada sob grosso lençol de cascalho.* P12[1967] 18.1
- chão** *s.m.* Solo; lugar onde se nasceu ou onde se vive. *Esse Waldir que invadiu os distritos de Alto Bonito e sede de Mundo Novo para*

vender 150 quilômetros de nosso chão por votos piritibanos, agora tem mundonovenses para pedirem votos para êle. P6[1962] 7.1 Meu patrício deste município, desta região, dêste pedaço de chão da Bahia. P15[1970] 2.1 O asfalto no escuro, o asfalto sem a energia de Paulo Afonso erguendo indústrias em nosso chão, seria alegria incompleta. P16[1971] 10.4 Seja qual for a resposta a esta pergunta, o importante é isto: plantar café em Mundo Novo é plantar no chão que produziu o melhor café do mundo! P28 [1975] 5.2

**chapeo de baêta [chapéu de baeta]** *s.m.* Acessório para a cabeça, dotada de copa e aba. *Um sujeito de chapeo de baêta muito velho, pés descalços, roupa machucada e limpa.* JMN220[1932] 2.20

**charlatão** *adj.* Quem explora a boa-fé de alguém, fazendo-se passar por profissional ou competente em determinada atividade. *Um outro me queixava que estava precisando fazer um tratamento de dentes. E como em Mundo Novo, naquele tempo, não havia dr. diplomado, só havia um charlatão, êle me dizia: – Mas no Mundo Novo, eu não faço.* C43[1933] 9.3 *Porque o Brasil Integral será bastante forte para impôr o silencio a todos os cabotinos, a todos os charlatães, a todos os mulos, a todos os inimigos concientes ou inconcientes, de Deus, da Patria e da Familia.* JL68[1934] 16.4

**chibatêia [chibatear]** *v.t.* Expressar crítica a respeito de algo ou alguém. *Tem razão, Hormindo! Contínue a chicotear, com seu “brilhante espírito”, essa cambada que lhe nega elogios! É isto! Muito bem! Chibatêia, sem piedade, esses bandalhos, impostôres, “literatelhos” inuteis e nocivos!* JL3[1933] 4.12

**chicara [xícara]** (var. **chicra**) *s.f.* Pequeno recipiente com asas usado geralmente para bebidas quentes. *Um dia dêsse seu Coronel Zezim bebeu uma chicra de café quente na Feira.* C3[1933] 3.3 *À noite, nas barracas, as rifas de chicaras, tijelas, caixa de fosforos, brinquedos... O arraial se enchia de gente das roças das redondezas.* JS34b[1950] 3.7

**chicra** var. de **chicara [xícara]**

**chiculatêra [chocolateira]** *s.f.* Vasilha usada para ferver água e preparar café. *Um dia*

*dêsse seu Coronel Zezim bebeu uma chicra de café quente na Feira, botou o resto do café numa chiculatêra preta de bôca de prata, e montou no otomove e tocou pru Monte Alegue.* C3[1933] 3.3

**chinfrin [chinfrim]** *adj.* Insignificante, simplório, de má qualidade. *É incrível, totalmente incrível, absolutamente incrível, que um moço com fama de talento, de cultura, etc. e tal, produza um discurso tão ôco, tão nulo, tão chinfrin, tão esbudegadissimo, como o que o Snr. Waldir Pires produziu no dia 3 de agosto de 1962, em Mundo Novo!* P6[1962] 2.2

**chinfrineira** *adj.* Discurso sem conteúdo. *Chinfrineira – Palavras vacias que não convencem.* P6[1962] 1.1

**chiquêro [chiqueiro]** *s.f.* Lugar onde se criam porcos. *Êrre, cus deabo! qui o seo inferno fôsse chiquêro, quando os home desta terra chegasse lá pensava qui nan tinha morrido... Tava im casa...* C23[1933] 4.7

**chistoso** *adj.* Que tem graça, humor. *Quando, pore, por um acaso, o assunto da conversa é, por exemplo, anedotas, ditos chistosos, etc. é infalível a citação de dois nomes: Pedro Chapeo Grande e Manoel Inacio.* C15[1933] 3.1

**chôchinho [chocho]** *adj.* Sem conteúdo relevante. *Não me lembro quando ouvi, ou mesmo se já ouvi, produzido por homem com fama de talento, um discursozinho tão chôchinho, tão vazio, tão bôlha de sabão, quanto aquêle discursozinho que o Dr. Waldir produziu ontem nesta minha cidade infeliz!* P6[1962] 2.4

**cicrana** *s.f.* Pessoa que não se sabe quem é, ou não pode ou não quer citar o nome. *A leitôa de fulana, as cabras de cicrana, as galinhas, a maquina de costura... E as lotações dos caminhões se completando...* JS1[1950] 5.1

**claque de pelêgos [claque de pelegos]** *UF* Grupo de agentes disfarçados. *Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do Brasil contra a claque de pelêgos, comunistas e cretinos — claque que o pelêgo João Gulart confundia com o Povo.* P7[1964] 4.1

**cochicham [cochichar]** v.t. Dizer algo em voz baixa ou ao pé do ouvido; fofoca. *Cochicham estes que os Mottas estão de mãos dadas ao inimigo de ontem.* P24[1974] 2.4

**cochicho** s.m. Fala em voz baixa, em tom de segredo; fofoca. *Estes andaram pela cidade toda, a dizer, em cochichos e risatas, que “botaram chucalho no velho.”* C35[1933] 2.5

**cócora** (var. **acorado**) s.f. Posição agachada. *Pessôas de cócoras, pelas calçadas das casas habitadas.* C41[1933] 20.3 *A casa estava cheia de mulheres e meninos; e o terreiro repleto de homens e rapazes, assentados em paus espalhados no terreiro ou de cocoras em tórno da fogueira.* C45[1933] 5.2 *Entre São Sebastião e Feira, um veículo da mesma empresa estava parado na estrada, os passageiros acorados pelas margens.* JS18[1950] 4.4

**cocoruto** (var. **cacurute**) s.m. Parte mais alta. *Se é de pagá a gente pra prantá mão doca, paga á gente mais é pra cavar cacimba im cacurute de serra, pricurano o qui nan guardaro.* C41[1933] 9.2 *Penduradas no cocoruto de postes muito altos, parecem arremedos de fífós...* P39[1978] 4.13

**colheita** (var. **cuiêta**) s.f. Ação de colher. *A quadrinha que eu achei bonita: “Eu queria ser balaio / “Nas cuiêta de café, / “Pra vivê dipindurado / “Nas cadeira das muié.”* C4[1933] 2.7 *Não tive paciência de me demorar, perdendo, assim, ótima oportunidade de uma bôa colheita.* C45[1933] 6.1 *É um simbolo, portanto, improprio para ser usado sobre frases do “espírito do mundo”, com o fim de fazer colheita de votos.* JS15[1950] 2.19 *Nesta confusão, aliás, vai talvez um pouco daquela velha tática de transformar agressor em agredido, para colheita de vantagens de ordem psicológica.* P5[1962] 3.6

**cólo [colo]** s.m. Espaço do corpo formado entre a cintura e as coxas quando a pessoa está sentada. *E a outra: “Eu queria sê mandioca / “Jacobina verdadeira, / “Pra vivê de mão em mão / “No cólo da sovadêra...”* C5[1933] 12.1

**comade** var. de **comadre**

**comadre** (var. **comade**) s.f. Amiga, companheira. *A comadre procurava*

*consola-la, acenando-lhe esperanças: – Pode sê que amiore, comade; pode sê que desta veis êle tome juizo.* C5[1933] 6.1 *– Quá, minha comade, tá se veno logo que vamicê nan cunhece aquilo.* C5[1933] 7.1 *O dia da partida era um acontecimento, um reboliço: cavalhada, burro de carga, camarada, e o agrupamento em algazarra dos visinhos, das comadres, na manhã da partida!* JS13[1950] 2.8

**compadre** s.m. Amigo próximo. *Um amigo B disse a um amigo A: – O poderio econômico de Mundo Novo se uniu, fortemente, esmagando o meu compadre!* P9[1966] 8.1

**comparsa** s.f. Cúmplice com papel secundário. *Acreditará você, Quinzinho, que o Prefeito, os Vereadores e o Povo de Mundo Novo deixarão de cumprir o dever de defender o nosso município por mêdo de seus tiros ou dos tiros de seus comparsas?* P3[1960] 10.1

**compatriota** adj. Diz-se de pessoa que tem a mesma pátria, a mesma nacionalidade de outra. *E, então os seus compatriotas particularmente procuram exaltar a estirpe e obstar as naturalizações.* JL23[1934] 6.13 *Êsse caso, que não é imaginário, que foi real, que foi vivido me vem constantemente à lembrança quando vejo nos jornais e ouço nos rádios notícias de fuzilamentos diários de cubanos por um demente barbado com mania de matar seus compatriotas indefesos.* JGP102[1961] 4.1

**conchavo** s.m. Combinação, acordo ilícito. *E nunca fui partidário porque em todo partido eu via os conchavos indecentes, os acordos camaradescos, as lutas vergonhosas pelos cargos, os choques de interesses pessoas, os fuchicos, as rixas, o despudor, a falta de vergonha, e o desinteresse completo pelo Brasil.* JL17[1933] 3.4

**conluio** s.m. Acordo entre pessoas com o intuito de lesar ou prejudicar alguém. *Receio não me conter dirigindo-me ao Governador que baixou decreto endossando uma linha divisória criada pelos inimigos da autonomia municipal e da integridade territorial de Mundo Novo; linha divisória criada em repugnantes conluios de barganhas eleitorais, à revelia da Camara do Município Matriz.* JGP81[1960] 7.4

**consciência revolucionária** s.f. Percepção e conhecimento que permitem compreender,

com profundidade, o sentido da revolução. *Urge que isto seja feito para que o povo, com consciência revolucionária, não se deixe ser presa de liberais demagogos anacrônicos, manejados por agitadores totalitários com diplomas de cursos em Moscou, Havana ou Pekim.* P26[1975] 3.10

**contadinhos da Silva** *UF Dinheiro contado com precisão. Todavia, é muito fácil tirar a prova, botar a limpo: alguém pegue \$300.000,00 contadinhos da Silva e vá á fazenda de nosso amigo tentar a compra do celebre garrote...* JS42[1951] 4.5

**coringa** *s.m.* Triunfo. *Volta-se a verificar que a raça indubrasil é o grande coringa do mundo bovino.* P37[1978] 4.4

**correligionário** *s.m.* Indivíduo que compartilha ideias com outros que são do mesmo partido. *E, dentro de cada partido, os “correligionarios” vivem se mordendo, cada qual puchando a brasa para a sua sardinha.* JL17[1933] 3.6 *É verdade que, em política, é comum adversários de ontem se tornarem correligionários de amanhã.* P24[1974] 2.5

**creatura [criatura]** *s.f.* Pessoa; indivíduo. *A Natureza, quando quer ser inexcedível em crueldade para uma creatura, atira sobre esta creatura tres desgraças ao mesmo tempo: inteligencia, bondade, pobreza.* JMN211[1932] 2.4 *Antonia, coitada, é uma creatura simples, que faz panelas de barro e não conhece o trem.* C22[1933] 2.2 *Essas ingênuas creaturas tem cada uma “de se tirar o chapeo.”* C43[1933] 2.2 *Os atuaes materialistas são creaturas que vivem com “os phantamas do seculo passado”.* JL65[1934] 11.4

**cretino** *adj.* Pessoas que têm comportamento estúpido, muito pouco sensato, atrevido, insolente. *Referindo-se aos comunistas das nações democráticas, Kravchenko os chama de cretinos.* P7[1964] 3.1 *Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela*

*formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do Brasil contra a claque de pelêgos, comunistas e cretinos — claque que o pelêgo João Gulart confundia com o Povo.* P7[1964] 4.1

**criaturas cretinizadas** *s.f.* Pessoas imbecilizadas. *Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou: — reacionários, latifundiários, gorilas...* P7[1964] 3.4

**cuiêta** *var. de colheita*

**cujo** *s.m.* Sujeito referido. *Por isto, no dia seguinte ao da sua chegada, “Fiinha”, a filha mais velha do vaqueiro, tendo ido ao quarto do “cujo”, fazer o asseio, saio de lá com o bacio, mostrando-o às irmãs.* C39[1933] 4.1

**cum quantos pau se faz uma canoaia [com quantos paus se faz uma canoa]** *UF* *Mostrar quem manda. Eu te passá-lhe o pilunga de mucambo na cabeça qui tu é de vê cum quantos pau se faz uma canoaia.* C46[1933] 3.2

**cupincha** *s.f.* Adulador. *Um prefeito qualquer, (e são muitas cabeças para esta carapuça), furta sem deixar rastro, de modo muito simples: aplica, por exemplo, \$80.000 em um trabalhinho qualquer e arranja, com seus cupinchas, assinaturas para comprovantes de despesas num total de \$800 000!* P8[1966] 3.2

**cururu** *s.m.* Nome comum dado aos sapos de grande porte. – *Pra mim a sussuarana pode ficá rouca de gritá: cururu nan tando “fervendo” nan fico animado.* JS29[1950] 7.2 *No momento em que escrevo estas linhas, o mês de novembro está avançando para o “miado”, sem grito de sussuarana e sem serenatas de cururus!* JS29[1950] 10.1  *Talvez que hoje mesmo Deus permita que os cururus terminem sua greve de silencio e nos alegrem com a sua toada, magnífica!* JS29[1950] 13.4

# D d

**danada** *s.f.* Usado para acentuar, intensificar aquilo que se diz de algo ou alguém. *Se por aqui aparecesse um bocado de istrangêro, havia de havê uma dinhêrama danada nesse Brasí.* C41[1933] 4.4 *Olhei para o Gilberto e para o lenço, sorrindo, sorrindo e... (porque não confessar?) sentindo uma inveja danada do Gilberto!* JMN202[1932] 12.2 *Os tempos estão feios, a crise está danada, e, sem consideração a isto, o ministro da Educação determinou um grande aumento nas taxas de matrícula, na frequência, etc.* JMN209[1932] 3.2 *A gente fica com uma vergonha danada quando aquelas perguntas acontecem...* P31[1976] 3.6

**danado** *s.m.* Hábil; inteligente. *Ao terminar a palestra, quando me afastava da massa que me escutava, ouvi um deles dizer: – Ê danado!* C48[1933] 2.7 *– E’ istuça do Gêgê! Aquilo é um danado! Inventou esse negócio de Integralismo para enfraquecer a oposição!* JL68[1934] 12.2

**dando duro [dar duro]** *UF* Trabalhar muito. *Nenem Quixe, que continua no Alto Bonito de hoje... cabeça de algodão, aposentado, apesar disto, ainda dando duro na lua da sela, em viagens a Mundo Novo, buscando jornais, revistas, brugunzos do patrão...* *D.* P39[1978] 3.5

**dando os nomes aos bois [dar os nomes aos bois]** *UF* Identificar os envolvidos no caso. *Se tal imoralidade se repetir em Mundo Novo, é o caso de se ir para a imprensa, fazer denuncia, “dando os nomes aos bois”.* P40[1980] 6.4

**dando-lhe as costas [dar as costas]** *UF* Abandonar. *Antônio Carlos Magalhães, dando-lhe as costas depois de ter recebido dele todo apôio e todos os benefícios, significa indignidade, significa podridão, podridão moral que se constitui do que há de mais podre, mais sórdido, mais repugnante na alma da gente: a ingratitude!* P25[1974] 5.2

**dano [dar]** *v.t.* Vender. *E o vendedor malicioso: – O mio, tou dano a 12 litro.* C8[1933] 3.1 *– Por quanto dá o caneco? / – Mil e dois tões.*

C26[1933] 2.2

**dava bola [dar bola]** *UF* Dar confiança a alguém, aceitar galanteio de alguém. *E as outras meninas... Namoricos infantis na escola... Vicentina não dava bola pra nenhum...* P39[1978] 4.4

**dava pêsko [dar pesco]** *UF* Bater; agredir fisicamente. *Dizem até qui quando chegava em casa inxarcado de minduba, dava pêsko nela, Deus te perdôe.* C7[1933] 12.5

**de carne e osso** (var. **em carne e ôsso**) *UF* Em pessoa, presente (alguém) fisicamente. *O Joaquim em carne e ôsso!* JMN221[1932] 9.2 *Zeferino existe, realmente, (embora não se chame Zeferino), e seu patrão é de carne e osso e não de imaginação e se chama Dr. Fulano de Tal dos Anzóes Carapuça.* JS37[1951] 3.6

**de modo que** (var. **a mode que**) *UF* De maneira que. *E se alguma estação foi inaugurada mercê da influencia do “grande estadista”, deve ter sido na China, de modo que nós, mundonovenses, perdemos de assistir a solenidade da inauguração... Que pena!* JMN200[1932] 11.1 *– Tambem seu Mané omenta demais! A mode que esqueceu de 33! O ano de 33 foi bom! Munto féjão, munto mio, foi de um tudo!* C12[1933] 5.2 *Clareemos o assunto, de modo que fiquem bem á vista os alhos e bugalhos que “O Social”, inconciente, mistura.* JL23[1933] 4.1

**de rampa e tampa** *UF* Integralmente; totalmente. *A fiscalização municipal matou uma porca e jogou-a no posto de A... Este, oposicionista de rampa e tampa, vio naquilo uma pirraça da situação e, em represalia, apanhou a finada e colocou-a sobre a ponte, no meio da rua.* C27[1933] 2.1

**de ruim para pior** *UF* Grandes dificuldades. *E elegendo os piores, a vida, a sua vida, amigo, continuará “de ruim para pior”.* JS23[1951] 3.6 *E tudo continuará de ruim para pior. E assim continuando, um dia a casa cai, fazendo a ruina dos Zeferinos e dos patrões dos Zeferinos.* JS37[1951] 8.2

**de uma figa** *UF* Expressão de irritação com alguém ou algo. *Ah engenheiro de uma figa!*



JMN202[1932] 4.2

**defronte** *adv.* Em frente. *Defronte da casa do Coronel, uma família quase toda esta acamada, com febre.* C18[1933] 3.2 *Uma verdadeira multidão se acotovelava defronte do “Jandaia”.* JS47[1951] 3.4

**dei uma penada [dar uma penada]** *UF* Ato de escrever. *Nunca dei uma penada sobre política. Não posso deixar de confessar, no entanto, que tenho muita esperança no joven oficial.* JMN187[1931] 9.1

**deixe as águas rolar [deixar as águas rolar]** *UF* Aguardar os acontecimentos. *É outra história... História que o “pasquineiro da roça” precisa botar no papel... “Deixe as águas rolar...”* P5[1962] 4.3

**demagogia bolorenta** *s.f.* Discurso velho, obsoleto. *É preciso algo mais: é preciso dar provas de amor e dedicação ao interior com realizações, com fatos e não com discursivas frívolas, com demagogias bolorentas.* P6[1962] 5.9

**demagogo** (var. **demagôgo**) *s.m.* Líder político que procura conquistar o poder manipulando os sentimentos e paixões do povo e dizendo-se defensor de seus interesses. *Resultado: a Nação ficou largada, desaparelhada, em desponibilidade, á mercê do demagôgo mais habil que quisesse manejar.* JS25[1950] 3.1 [...] *não fazendo esforços em favor do inescrupuloso demagôgo que invadiu nossos distritos vendendo deslavadamente pedaços de nosso chão por votos piritibanos.* P4[1962] 4.1 *Mas os pobres que nada lucraram e viram o enriquecimento de demagogos que os exploravam mascarados de “amigos dos pobres”, se utilizaram do voto para demonstrar que não podem ser enganados por tempo indefinido.* P9[1966] 6.3 *Já pensaram vocês o que seria de nós, o que seria desta Nação, deste nosso querido Brasil, se neste momento de tantos tormentos mundiais, de tantas e tão graves crises econômicas, políticas, sociais, estivessem as redeas do poder de nossa Pátria em mãos desses demagogos que ontem levaram o País à ruína quase total e hoje voltam se apresentando como bonzinhos ou bonzões, paladinos da liberdade, salvadores da Pátria?* P30[1976] 4.7

**demagôgo** var. de **demagogo**

**demarches [démarche]** *s.f.* Diligência. *Depois*

*de um longo período de indecisão, de sombras, de demarches, de lusco-fusco das dúvidas, chegamos, finalmente, à claridade de posições definidas na batalha para a sucessão estadual: – Lomanto Junior e Waldir Pires.* P4[1962] 2.1

**dengue** *s.m.* Choradeira; lamentação. [...] *apresentar recibos de despesas com gratificações a José Modesto, entre os quais um de quinhentos contos, não significa respeitar este povo ao qual você se refere com dengues melosos de demagogo chamando-o de “meu povo”. Mas não adiantarão seus dengues.* P11[1967] 5.3

**depois** (var. **adespois; adispois**) *adv.* *Dizem que aparece adispois das dez e só desaparece adispois qui o galo canta.* C31[1933] 6.3 *Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um quilo de calaborêto, como todo, adespois ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco.* C24[1933] 2.3 *Nunca merecerá pedras depois de ter merecido flôres.* P47[1982] 5.8

**depundurado [dependurar]** (var. **dipindurado; dipundurado**) *v.t.* Preso por uma parte em um ponto elevado; pendurar. *A quadrinha que eu achei bonita: “Eu queria ser balaio / “Nas cuiêta de café, / “Pra vivê dipindurado / “Nas cadeira das muié.”* C4[1933] 2.7 *E, entre as cantigas, uma quadrinha que me caíto no ouvido com um saber especial de novidade gostosa: “Eu queria sê balaio, / “Nas cuiêta de café / “Pra vivê dipundurado / “Nas cadêra das muié”* C5[1933] 10.8 *E, nova surpresa: – disseram-me que a quadrinha é mais velha do que a serra de Itiuba... E me recitaram duas variantes: “Eu queria sê balaio / “Balaio eu queria sê / “Pra viver depundurado / “Nas cadêra de ocê”* C5[1933] 11.2

**desafôro [desaforo]** *s.m.* Falta de respeito no modo de agir ou de falar. *Aí seu Pedro, toma a palavra, indignado: – Isto é até um desafôro, você estar aqui a pregar esta porcaria diante de homens que têm filhas!* C17[1933] 3.1

**desapertar** *v.t.* Livrar de dificuldades. *A’ noite lhe mostrei a sentina, dizendo-lhe sertanejamente: – ali é para desapertar; se tiver vontade de se desapertar, é só ir ali.* C49[1933] 4.2 *Com efeito: sendo proibida a matança das vacas e não sendo facilitado*

o crédito ao dono delas, o que se faz é apenas criar situações difícilimas aos pequenos criadores que, nas suas necessidades, se desapertam lançando mão das vacas de que dispõem. JS8[1950] 3.7 E como não tem nada com política, só daria os 8 votos a quem o desapertasse com mil cruzeiros. P33[1976] 4.2

**desditosa** *adj.* Desventurada. Nesta altura das cousas, um tercius que não é político, é integralista, surge em cena e paga 200 rs a um rapaz para apanhar a desditosa e enterra-la. C27[1933] 2.4

**desfralde** [**desfraldar**] *v.t.* Divulgar a notícia. Qualquer política que desfralde a bandeira dos interesses de uma classe apenas, não resolve os problemas de nenhuma e agrava a situação de todas. JS20[1950] 5.4 Foi a rapasiada do MNP que saiu às ruas do Brasil desfraldando a Bandeira que empolgou a Nação em: 1945. JS22[1950] 5.14 Porque estava curtindo decepções: um Senador da Arena, falando a universitários bahianos sugeriu que os mesmos desfraldassem “a bandeira da liberdade irrestrita” (sic!). P29[1976] 2.2 Isto não está rasgando, reduzindo a farrapos, a bandeira da anti-corrupção, desfraldada pela Revolução? P33[1976] 10.7 Espero, ansioso, o momento de ver vocês desfraldando a bandeira da vitória! P44[1982] 15.1

**desmantelando** [**desmantelar**] *v.t.* Romper. Um sentido novo de política surgiu entre nós, desmantelando tabús e fazendo valer a força da razão e os direitos da Verdade. JS21[1950] 10.2

**desordeiro** *s.m.* Arruaceiro. Liberdade para passeata de desordeiros. Liberdade para greves ilegais, para desrespeitos do principio da autoridade, para implantação da anarquia em favor do comunismo. P15[1970] 5.4

**despeitado** *adj.* Aquele que sente inveja, ressentimento. Não sei se ao espírito do amigo que me emprestou o livro de Carnegie não passarei por um desses cabotinos ou despeitados. JS48[1951] 6.1

**destemperado** *adj.* Imoderado, descomedido. Uma coisa são atos errados, destemperados, do presidente na sua função. Outra é a dignidade pessoal, “a honorabilidade” do dito. P5[1962] 3.3

**destempêros** [**destempero**] *s.m.* Ação sem propósito. Pergunto-me: como se explica que essa diretoria, composta de homens incontestavelmente honesto e esclarecidos, se coloque contra o vice-presidente, apadrinhando os destempêros de “seu Jorge”? P5[1962] 4.2

**detratôr** [**detrator**] *s.m.* Indivíduo que detrata, difama; que fala mal de algo ou alguém. E ainda agora leio, com insopitavel amargura, as palavras de Helio Rocha, afirmando, infelizmente com fundamento, que o meu grande Tristão do passado está hoje reduzido a um mero detratôr vulgar. JS4[1950] 4.4 E penso na sua duplicidade de atitude: ora, apologista do Integralismo, ora detratôr e caluniador do Integralismo. JS4[1950] 4.8 A democracia terá de ser fortalecida com votos e formação de consciencia moral e não com golpes insinuados por detratôres de hoje que foram bajuladores de ontem e voltariam a ser de amanhã se o sr. Getúlio conseguisse o milagre de voltar ao poder. JS12[1950] 7.1

**devorador** *s.m.* Aquele que devora; destrói inteiramente. Um burguez capitalista, inquieto com o pensamento nos seus “patacos” “descobrio” que o Integralismo é a mesma coisa do comunismo: devorador do direito de propriedade. JL68[1934] 7.1 Por detrás da propaganda de liberalização aqui e em toda parte, há uma coisa terrível — o dedo de um monstro envenenador ideológico da juventude de todas as nações, devorador de pátrias, a serviço de uma super-potência super-totalitária que alimenta o sonho louco de dominar o mundo. P30[1976] 5.5

**dia da onça beber água** *UF* Dia de decisão. De qualquer forma, uma coisa está cada vez mais evidente: — O dia 15 de novembro de 1982, fixo ou móvel, será dia de eleição. Dia da onça beber água! P41[1981] 4.2

**dinheirama** *s.f.* Grande quantidade de dinheiro. Deu sumiço a toda essa dinheirama sem o povo ver em que! P11[1949] 3.8

**dipindurado** var. de **depundurado** [**dependurar**]

**dipundurado** var. de **depundurado** [**dependurar**]

**discurseira frívola** *s.f.* Discurso longo e maçante, sem interesse nem valor. É preciso algo mais: é preciso dar provas de amor e dedicação ao interior com realizações, com fatos e não com discurseiras frívolas, com

*demagogias bolorentas.* P6[1962] 5.9

**disinterado** *s.m.* Homem que possui a genitália pequena. *Quem tivé uma idea runhe pensano que eu sou disinterado, é só i lá im casa que eu tiro o disingano mostrano a fiarada; fio qui nem cabêlo de cachôrrô!* C12[1933] 18.4

**doido varrido** *UF* Muito doido; que apresenta indícios de loucura. *Se naquele tempo eu dissesse a meu avô que um dia eu faria viagem de Mundo Novo à Bahia em meia hora, ele diria que eu estava doido varrido!* JS13[1950] 2.9

**douto** *s.m.* Erudito. *Não sei se tal doutrina merece apôio irrestrito dos doutos em Direito, porque, na verdade, uma lei inconstitucional não é lei.* JGP69a[1960] 3.1 *Assim penso e continuarei a pensar, até que Doutos em Direito se pronunciem, unanimemente, em sentido contrário.* JGP69a[1960] 4.8 *Amigo de ricos e pobres, doutos ou analfabetos, trata o pobre como trata o rico: – com a mesma caridade.* P43[1982] 3.3

**doutô** var. de **doutor**

**doutor** (var. **doutô; doutou**) *s.m.* Aquele que se formou numa universidade. – *Sêo doutô! Descurpe incomodá Vossa Senhoria uma hora dessa! Mas é porque eu tou runhe, sêo doutô!* C11[1933] 6.3 *Dir-se-ia que esperava ser pedida pelo doutôr.* C21[1933] 5.3 *[...] saío de lá com o bacio, mostrando-o às irmãs, e dizendo, admirada: – oia meninas! oia uma coisa! mijo de doutou é azú!* C39[1933] 4.3 *Mas pra distrinxar tanto trem só menmo uma cabeça de doutou.* C48[1933] 2.8 *Depois voltei ao natural, compreendendo que ser doutor é coisa que está ao alcance de qualquer ninguém.* JL27[1934] 4.10

**doutou** var. de **doutor**

**doutrina revolucionária** *s.f.* Conjunto de dogmas e princípios que teriam fundamentado o Regime Militar de 1964. *Depois de onze anos vividos, não sei da publicação de nenhum livro de doutrina revolucionária!* P26[1975] 3.9

# E e

**eleição** (var. **inleição**) *s.f.* Ação para escolher, por meio de votos, as pessoas que ocuparão um cargo. *Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vês qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode votá.* C7[1933] 18.2 *Uma eleitora me explicou também porque votava: – Não votando, no dia da eleição eu fico no burraio; e votando eu tenho que sair pra votar.* JL67[1934] 9.1 *Para você votar em sua consciência, livremente, sem o constrangimento da vontade do patrão ou do chefão que lhe pediu voto ou lhe deu rôpa ou sapato ou dinheiro em vespersas de eleição.* JS23[1950] 4.2 *Juracy tem razão: com a candidatura Jânio, seja qual fôr o resultado da próxima eleição, a UDN está derrotada.* JGP66a[1960] 5.1 *Esqueceu ou não sabe (porque nunca se lembrou do interior a não ser as vésperas de eleição para pedir votos), que o governo que mais abandonou o interior, foi precisamente, o governo do Snr. Balbino, o seu patrono, o seu modelo.* P6[1962] 6.3

**eleitor** (var. **inleitou**) *s.m.* Cidadão; pessoa que tem o direito de usar o voto para eleger. *Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vês qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode votá.* C7[1933] 18.2 *Por sua vez, ao eleitor, só uma coisa interessa: – o seu êxito imediato: a roupa, o sapato, a gorgêta, o motôr.* JS24[1950] 6.15 *Nosso eleitor tem o direito de ser livre, de ser gente.* P44[1982] 6.5 [...] *de casa em casa de eleitores, não apenas pedir votos, mas, principalmente catequisar sobre a dignidade do voto, convencer que eleitor que tem consciência não vende seu voto a ninguém.* P44[1982] 12.1

**eleitor importado** *UF* Aquele que, numa eleição, vota fora da sua sede eleitoral. *Modalidade de corrupção que desta vez funcionou em proporções alarmantes: – o eleitor importado.* P33[1976] 7.1 *Ha municípios onde provavelmente vitorias não teriam sido vitorias se não tivesse havido o eleitor importado... Sujeira!* P33[1976] 7.2

**em carne e ôsso** var. de **de carne e osso**

**em cima das buchas** *UF* De imediato. *Foi a um candidato (Arena), fez a proposta e “o cara declarou que, infelizmente, não estava podendo”. Foi ao outro candidato, (tambem Arena), “e a gaita saiu em cima das buchas”.* P33[1976] 4.4

**endinheirado** *s.m.* Que tem muito dinheiro. *Dona Ismelia, que o ouvia com muito interesse, também falava na sua linguagem de matuta endinheirada... Mariinha era toda contentamento.* C21[1933] 5.2 *Tendo em casa a mulher que Deus lhe deu na Igreja, muito Zeferino, quando se acha endinheirado, vae gastar com outra mulher que o diabo lhe arranja na rua...* JS38[1951] 6.3

**enquanto o deabo coça um oio [enquanto o diabo coça um olho]** *UF* Em um lapso curto de tempo. *Enquanto o deabo coça um oio otomove travessa o mundo dum lado pra outro.* C3[1933] 3.2

**ensardinando-se [ensardinhar]** *v.i.* Grupo de pessoas espremidas a ponto de quase não poder se mexer. *Ha mais de dois anos estive em Serrinha, e assisti, assombrado, aquela arribada do nordeste... Homens, mulheres, crianças ensardinando-se em caminhões horríveis de calôr e poeira...* JS1[1950] 4.1

**ensimesmado** *adj.* Concentrado em si mesmo. *Segue. La vae, pela rua Chile, como um esquecido. Um abstrato. Um ensimesmado.* JMN188[1931] 5.2

**entregues ao Deus dará** *UF* Estar à toa, sem rumo. *Quando envelhecem, ou adoecem, ficam “entregues ao Deus dará”.* P18[1972] 5.9

**entreguista** *s.m.* Partidário. *Porque alguns adversários o acusaram de filo-americano, de entreguista, o homem deu para exibir um anti-americanismo realmente caricato e ridículo.* JGP69b[1960] 2.10 *Mostremos que temos vergonha na cara não votando no vendedor de pedaços de nosso torrão, negando nosso apoio ao péssimo, ao derrotado candidato dos entreguistas que pretendem entregar a nossa Pátria ao dominio ateu e sanguinário do imperialismo*

russo. P4[1962] 11.2

**enxada** (var. **enxada**) *s.f.* Instrumento usado para cavar a terra. *E quando a gente julgava estar o João Vage Grande no outro mundo, eil-o que surge, andando devagarinho, enxada ao hombro, a caminho da roça.* C13[1933] 5.4 *É ter uma pequena melhora, volta á roça, ao cabo da enxada, cavar a terra, trabalhar!* C13[1933] 5.5 *Desta vez levamos uma turma de trabalhadores armados de enxada, alavanca, picareta, etc.* C41[1933] 6.2 *Pedreiros, carpinas, ferreiros, funileiros, sapateiros, pintores de parede, enfim: todos esses pequenos artistas que sob o pêsso de mais de 65 janeiros e da pobreza em todas as pequenas cidades e povoados deste imenso Brasil, estão sofrendo o desamparo pelo crime de não viverem da enxada, da lavoura.* P18[1972] 6.12

**enxada** var. de **enxada**

**esbudegadissimo [esbodegado]** *adj.* Desleixado. *É incrível, totalmente incrível, absolutamente incrível, que um moço com fama de talento, de cultura, etc. e tal, produza um discurso tão ôco, tão nulo, tão chinfrin, tão esbudegadissimo, como o que o Snr. Waldir Pires produziu no dia 3 de agosto de 1962, em Mundo Novo!* P6[1962] 2.2

**escroque** *s.m.* Indivíduo que age fraudulentamente ao se apropriar de bens alheios; trapaceiro. *Não foi, como no passado, dinheiro de Zé Barriquinha comprando votos, dinheiro sujo de escroque, dinheiro de quem vendeu urubu por galinha.* P9[1966] 9.5

**esparrela** *s.f.* Recurso que visa a enganar, iludir uma pessoa ou um grupo. *Não somente pacatos e incautos comerciantes e fazendeiros do interior; mas, também, padres, freiras e até deputados estão caindo na esparrela!* JS14[1950] 3.6

**espertalhão** *adj.* Pessoa que tenta ludibriar, enganar os outros. *E os partidos assim constituídos não passam de aglomerados heterogeneos e amôrfos, facilmente exploráveis por espertalhões, cavadôres, cinicos.* JS7[1950] 2.22 *Nesta escuridão, muitos se deixam arrastar pela demagogia de qualquer espertalhão que surja na paisagem da politica brasileira, com ares de salvador e de papai do povo.* JS22[1950] 5.8

**espesinhou** var. de **espezinhando [espezinhar]**

**espezinhando [espezinhar]** (var. **espesinhou**) *v.t.* Tratar mal, humilhar. *15 de novembro de 1966: — fim de uma era de trevas, de estagnação, de mediocridade arrogante e rancorosa dominando, amesquinhando, espezinhando, pisoteando.* P9[1966] 10.1 [...] *embora militante em trincheiras políticas opostas às de minha família e tendo, por mais de uma vez, o poder em suas mãos, nunca desconsiderou, nunca espesinhou, nunca maguou, nunca feriu a família Motta com perseguições mesquinhas e indignas a um dos membros mais queridos desta família.* P24[1974] 3.4

**espiam [espiar]** *v.t.* Observar as ações e comportamentos de alguém sem ser notado; espionar. *E zás... entram numa terceira classe de um calhambeque qualquer, rumo ao Brassil; saltam ali no caes, sobem a ladeira da montanha andam pela cidade, espiam as cousas e... montam uma padaria.* JMN209[1932] 9.1 *Porque fazendo de palha fica as grêta e pode passar algum supricante sem energia e têr a precedencia de ficar espiano os permenores...* C50[1933] 6.4 *Quem é pateta para querer negociar com uma mercadoria indesejavel pela desvalorização que sofre, com a absurda restrição de liberdade do dono que passa a ser fiscalizado, espiado, denunciado por desafetos, com justiça ou sem justiça, de estar vendendo sua mercadoria para finalidades proibidas?!* JS8[1950] 4.2

**estava podendo [estar podendo]** *UF* Ter ou não condição financeira. *Vae pagar 10 mil reis de imposto de capitação e mais vinte mil reis de multa... Disse êle que não pagou em tempo de evitar a multa, porque não “estava podendo”, como ainda não está.* C37[1933] 3.2 *Ausente de Mundo Novo, somente agora estou podendo acusar o recebimento do telegrama.* JGP81[1960] 7.1 *Foi a um candidato (Arena), fez a proposta e “o cara declarou que, infelizmente, não estava podendo”.* P33[1976] 4.3

**estopim** *s.m.* Fio condutor. *Esta noticia correndo de boca em boca no seio do povo sofrido, descontente, desesperado, foi o estopim que fez o incêndio!* P14[1970] 6.1

**estrangeiro** (var. **istrangêro**) *s.m.* Que é ou que vem de outro lugar. *Só tá fartano é um istrangêro pra mode rancá.* C41[1933] 4.3 *Se por aqui aparecesse um bocado de*

*istrangêro, havia de havê uma dinhêrama danada nesse Brasi. C41[1933] 4.4 Ao admitirmos como perigo a propaganda do fascismo estrangeiro, entre os estrangeiros, no Brasil, temos que perguntar: que se deve fazer, então, para evitar? Expulsar os estrangeiros? JL23[1934] 8.7 No sul, novos ambientes, novas relações, contacto com colonos estrangeiros, com ideias e costumes diferentes... JS1[1950] 5.1*

**et caterva** *s.m.* Em latim, os sequazes; que pertence ao mesmo grupo liderado por uma pessoa. *Pela mão da democracia liberal, o comunismo se infiltrava fazendo greves ilícitas, semeando ódio de classes, desrespeitando e agredindo o principio de autoridade, com passeatas e violências depredando casas comerciais, incendiando automoveis, espalhando o pânico,*

*perturbando toda a vida nacional, com a conivência de governantes indignos, dos Jangos “et caterva”. P15[1970] 3.3*

**exército vermelho** *s.m.* Força militar do comunismo russo. *Formou-se em Engenharia; fêz-se chefe de organizações industriais (do Estado, é claro); combatente da segunda Grande Guerra, como capitão do Exército Vermelho; membro, finalmente, do Politburo, de onde foi destacado por Stalin par compor a Comissão Comercial da Rússia enviada aos Estados Unidos. P7[1964] 2.3*

**extemporaneos [extemporâneo]** *adj.* Fora de época. *Demagogia reles, xingamentos, bebedeiras, carnavais extemporaneos! P33[1976] 9.1*

# F f

**faca fora** *UF* Briga com faca. *Esperei uma resposta atrevida do comprador, e daí um sururu, faca fora, o deabo.* C9[1933] 5.1

**facciosismo** *s.m.* Paixão partidária. *Autoridades e povo mundonovenses, sem distinção de côr partidária, sem facciosismos, se dirigem a S. Excia.* P31[1976] 3.11

**faína das campinas [faina das campinas]** *UF*. Tarefas e atividades no campo. *Ora no cassador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo “aceiros”; ora agarrado ao cabo da mutamba, na faína das campinas, o Coronel Salú não para.* C32[1933] 2.3

**falação** *s.f.* Discurso. *Para qualquer falação na serie (êle è estudante, não digo de que para não ficar muito claro) Joaquim è nomeado.* JMN221[1932] 4.1 *Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, “sabiduriagens”, nas farmácias, nos lares, nas esquinas.* P7[1964] 3.4 *Pouco tempo depois dois deputados federais do MDB botavam falação em uma cidade gaucha atacando o governo inatacável do Presidente Ernesto Geisel.* P29[1976] 2.6

**farejando [farejar]** *v.t.* Procurar informações seguindo indícios. *E eu fui á missa, isto é, à festa. Levava fome de assunto para rabiscar. Pisei, pelas poucas ruas que existem, farejando assunto como um cão faminto procurando ôsso.* JMN203[1932] 4.3 *E o tempo corria. A missa acabava-se. É eu continuava... farejando em vão.* JMN203[1932] 6.3

**farinha do mesmo saco** *UF* Pessoas que compartilham dos mesmos ideais; semelhantes. *Necas... Tais perguntas dirigidas a qualquer um dos outros partidos, dariam no mesmo Mané Luiz... Farinhas do mesmo saco... Águas do mesmo pote... Poluidas de liberalismo anacrônico, rançoso, indigesto... P43[1982] 2.7* *Um adversário amigo, merecedor de minha consideração, me expressou seu inconformismo com o folheto “Farinha do*

*mesmo saco,” considerando-o “muito pesado”.* P45[1982] 2.1

**farofia [farofa]** *s.f.* Farinha de mandioca escaldada com água quente. *A’ hora do almoço fizemos um fogo para o café; ao lado estendemos uma toalha, distribuimos as colheres e, sentados em pedras grandes, puzemo-nos á farofia com carne assada e raspadura.* C41[1933] 15.1

**fascismo vermelho** *UF* Regime comunista de dimensões imperialista, antiliberal e antidemocrático, com base na força, na censura e na supressão violenta da oposição. *Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, “sabiduriagens”, nas farmácias, nos lares, nas esquinas; enchendo suas bôcas embigodadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou: — reacionários, latifundiários, gorilas... e xingamentos dirigidos aos Estados Unidos, sem nenhuma palavra de condenação ao fascismo vermelho do imperialismo russo.* P7[1964] 3.4

**fazem figa [fazer figa a]** *UF* Provocar inveja; zombar. *As costureiras que teem a ventura de possuir u’a maquina velha, fazem figa às que só conseguem possuir maquina nova, novinha.* JS32[1950] 3.2

**fazer uma fezinha [fazer uma fé]** *UF* Apostar dinheiro timidamente. *E me disse até logo e passou para fazer uma “fezinha” no burro.* JMN223[1932] 7.1

**fazer uma forcinha** *UF* Esforçar-se para alcançar algo ou conseguir alguma coisa. *Não irão fazer tambem uma forcinha para ver se consegem arranjar alguma raizinha?* JS33[1950] 3.4

**fé [fel]** *s.m.* BÍlis. *Só tou mijano o fé, seu Doutô!* C11[1933] 8.4 *Vomicê me acuda qui eu tou mijano o fé todo!* C11[1933] 8.5

**febre amarela** *s.f.* Regime comunista de dimensões imperialista, antiliberal e antidemocrático, com base na força, na censura e na supressão violenta da oposição. *A cidade de Mundo Novo, de vez em quando é posa da gripe, do tifo, e se tem se dado*

*caso até de febre amarela, graça á sua imundície.* C18[1933] 2.1

**fessôrinha** [professora] *s.f.* Alfabetizadora; mulher que ensina alguma disciplina, ciência, arte etc. *Encontrava-a na rua: – “Como vae “Fessôrinha”?”* JL32[1934] 8.2 *Ah, se esta carta podesse ser lida pelos olhos de “Fessôrinha”.* JL32[1934] 12.1

**festório** *s.m.* Festejos; comemorações. *Outro funcionamento: – os festórios com foguetes, leilões e roletas e a imagem de Nossa Senhora das Candeias, para cima e para baixo, com beatas cantando ladainhas.* P14[1970] 4.7

**fiá** [fiar] *v.t.* Confiar; afiançar. – *Quem for se fiá nas conversa de Mané capado, fica doido ou se inforca.* C12[1933] 13.1

**fiarada** *s.f.* Muitos filhos. *Quem tivé uma idea runhe pensano que eu sou disinterado, é só i lá im casa que eu tiro o disingano mostrano a fiarada; fio qui nem cabêlo de cachôrrro!* C12[1933] 18.4

**fica o dito por não dito** [ficar o dito pelo não dito] *UF* Não se chegar a conclusão nenhuma. *E fica o dito por não dito; e os denunciantes ainda ficam taxados, pelos safadões, de caluniadores.* P8[1966] 6.3

**ficar topes** [fincar topes] *v.t.* Enterrar estacas de madeira. *Ora no cavador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo “aceiros”; ora agarrado ao cabo da mutamba, na faína das campinas, o Coronel Salú não para.* C32[1933] 2.3

**fifó** *s.m.* Pequeno lampião a querosene com pavio. *Penduradas no cocoruto de postes muito altos, parecem arremedos de fifós... Não culpo a administração municipal.* P39[1978] 4.13 *Culpo os residentes atuais que não botam a boca no mundo, gritando por reposição de lâmpadas... e lâmpadas que não façam papel de fifós... “Quem não chora não mama”, minha gente!* P39[1978] 4.14

**figadal** *adj.* Ferrenho. *As mãos que escreveram estas faixas são dos mesmos que, ao mesmo tempo, davam apoio eleitoral ao inimigo figadal de ACM!* P23[1974] 3.12

**filho de** *UF* Nascido em uma determinada localidade. *Todo filho de Serrinha: mesmo aqueles que não pertençam a correntes políticas que não estejam no campo onde*

*atúa “O Serrinhense”.* JS3[1950] 5.2 *Esta série de pequenos livros revela a natureza de um grande espírito e dispensa longos comentários comprovantes de sua vocação de educador, preocupado com a formação dos filhos de Mundo Novo.* JGP66b[1960] 6.1 *Ninguém foi mais mundonovense do que êsse filho do Morro do Chapéu.* JGP66b[1960] 6.3

**fio d' uma egua** [filho de uma égua] *UF* Uma pessoa ruim. – *Tomara qui eu ache um do tamanho dum parmo de minha mão, pra mode eu mandá pru governo. E, depois de uma pausa: – Aquele fio d' uma egua...* C41[1933] 14.4

**flagelo** *s.m.* Suplício, tortura. *Quer dizer: aumento deste flagelo nacional que é a burocracia.* P41[1981] 2.6

**foi por agua a baixo** [ir por água abaixo] *UF* Algo que foi feito para obter sucesso, mas que no final dá errado. *O prestígio da “maquina”, do “governo é quem ganha”, foi por agua a baixo, arrastando muita gente que deixou o seu proprio partido para apoiar o candidato do governo.* JS28[1950] 3.2

**foice** *s.f.* Lâmina de aço curva em semicírculo e presa a um cabo, que serve para cortar. *Ora no cavador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo “aceiros”; ora agarrado ao cabo da mutamba, na faína das campinas, o Coronel Salú não para.* C32[1933] 2.3 *Sei de um homem da roça que tem uma foice antiga e a conserva como reliquia: – lembrança do tempo em que havia foice bôa.* JS32[1950] 3.1 *Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o “nacionalismo” da foice e do martelo.* P7[1964] 7.1

**folhetim** *s.m.* Termo usado para designar um documento constituído por uma folha simples; sinônimo de folheto (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 341). *E, por coincidência notável, já destacada por mim em folhetim anterior, nenhum dos 3 políticos citados por êles é mundonovense!* P3[1960] 3.15 *Publiquei um folhetim – “Um pedido” – comento o decreto que classifico de infame.* JGP81[1960] 4.3 *3: No folhetim “Um desastre”, citei expressões de um*



*popular indignado com o “fato em foco”.* P5[1962] 6.1 *Ha dias, em folhetim ainda não impresso, afirmei que o Snr. Waldir Pires é um típico representante da bacharelize talentosa, brilhante e inútil.* P6[1962] 3.1

**folheto** *s.m.* Termo usado para designar um documento constituído por uma folha simples (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 341). *Se soltar dez folhetos, terá, com toda certeza, dez respostas.* P5[1962] 10.3 *Março, 1967: — alguém me mostra um folheto num português a grosso modo, português de carroceiro, escrito não sei por quem e assinado por nosso “amigo” prefeito, Osvaldo Paulino Vitoria, “o invencível.”* P10[1967] 4.1 *Leitores dedicados de meus folhetos de “escriba da roça” me pedem para escrever comentando o que aconteceu aqui hoje.* P23[1974] 3.1 *Quero lembrar também a vocês, “honestos de sorte”, a vocês que estão espalhando, em reimpressão, meu folheto de 22/04/67, intitulado “PODRIDÃO”; quero lembrar a vocês que, o que vocês fizeram com Dr. Antônio Carlos Magalhães, dando-lhe as costas depois de ter recebido dele todo apêio e todos os benefícios, significa indignidade, significa PODRIDÃO.* P25[1974] 5.1 *Em 1962, comentando patifaria da política liberal em meu município, publiquei um folheto intitulado “Assalto ao Poder”, no qual está escrito: “Só há um jeito: — esperar... “Esperar a Revolução!”* P29[1976] 4.1 *Um adversário amigo, merecedor de minha consideração, me expressou seu inconformismo com o folheto “Farinha do mesmo saco,” considerando-o “muito pesado”.* P45[1982] 2.1

**folhetote** *s.m.* Folheto sem importância (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 341). *É o que faz, mais uma vez, esse sabidório Osvaldo Paulino Vitória, tentando, num folhetote, justificar o injustificável apodrecimento de dezenas de sacos de milho, de trigo, de alimentos, destinados pelo povo norte-americano ao Brasil.* P11[1967] 2.2 *Seu lero-lero, Osvaldo, naquele folhetote mambembe pode tapiar apenas os bobos.* P11[1967] 3.3

**foliava [folhear]** *v.t.* Percorrer as folhas de uma publicação (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 341). *O clichê despertou a atenção de seu José... Tomou então do periodico e começou a ler para si, enquanto eu foliava numeros do “Diario de Noticias” da Bahia.*

C30[1933] 4.1

**fome canina** *UF* Forte apetite. *E ele chegou, com um diploma na mala, uma grande pedra verde no dêdo e uma fome canina no estomago.* JL27[1934] 2.15

**fora de série** *UF* Fora do comum. *12 de janeiro de 1974 aqui em Mundo Novo foi um dia diferente, um dia “fora de série”: ruas enfeitadas de bandeirinhas do Brasil e bandeiras da Bahia, faixas bonitas enfeitando a pérgola no centro da praça principal e o trio elétrico Marajós mandando brasas com o povo pulando, cantando, dançando nas ruas!* P21[1974] 2.1

**forasteiro** *s.m.* Indivíduo que veio de outro lugar. *Dilton e Jorge são pais de família mundonovenses, não são “forasteiros” como você rancorosamente se expressou!* P5[1962] 7.4 *Chamar a um ou outro de “forasteiro” é perder de vista o senso do ridículo...* P5[1962] 7.5 *Parece que me vêem com cara de forasteiro... com ares de turista...* P39[1978] 4.12

**formiga** *s.f.* Tipo de inseto que destrói a plantação. *Formiga acabando a roça, imposto, multa, um filho doente, á mingua de remedio, um horror!* C37[1933] 3.4 *Ainda ontem eu tava na roça, oiano o estrago da formiga e pensano: — esse mundo parece qui vaê cabá ficáno na mão de duas coisa: a formiga e a justiça.* C37[1933] 4.1

**fuchicar [fuxicar]** *v.t.* Fazer intriga. *O novo interventor ainda não tomou posse, e já o seabrisimo arruinado e faminto, que não perde ensejo para fuchicar, está fuchicando.* JMN187[1931] 10.1 *Os seabristas entendem que a Bahia é logar de engordar magro e querem engordar-se, querem porque querem... e, como não o conseguem, fazem isto: fuchicam...* JMN187[1931] 10.2

**fuchicos** var. de **fuxico**

**fulana** *s.f.* Pessoa que não se sabe quem é, ou não pode ou não quer citar o nome. *A leitôa de fulana, as cabras de cicrana, as galinhas, a maquina de costura... E as lotações dos caminhões se completando...* JS1[1950] 5.1

**fundilho** *s.m.* Uso metonímico, nádegas. *Na hora da chamada do Presidente, ninguém responde porque as cadeiras estão sem os fundilhos de suas excelências.* P41[1981] 2.2

**futingando** *v.i.* Conversar sem compromisso.

*Um dia desses, iamos, êle e eu, pela praça Rio Branco, futingando... Surge um bonde especial, cheinho de “perdoadas”.*  
JMN202[1932] 2.2

**fuxicada** *s.f.* Série de fuxicos, fofocas. *Quando assisto as fuxicadas, fofocas, imundícies de eleições partidárias nos municípios, me entristeço achando que a Revolução ainda não se libertou totalmente dêles, dos partidos, da “complacência com a mediocridade e a hegemonia dos partidos”.*  
P20[1973] 5.1

**fuxico** (var. **fuchicos**) *s.m.* Intriga. *E nunca fui*

*partidário porque em todo partido eu via os conchavos indecentes, os acordos camaradescos, as lutas vergonhosas pelos cargos, os choques de interesses pessoases, os fuchicos, as rixas, o despudor, a falta de vergonha, e o desinteresse completo pelo Brasil.* JL17[1933] 3.4 *E isto, por sua vez, significa: fora dos fuxicos, das fofocas, das intrigas, das imundícies, das misérias humanas da politicalha.* P19[1972] 3.4 *Tornou-se um alvo para as perseguições, os fuxicos dessa mesma gente!* P19[1972] 4.3

# G g

**gabar** *v.t.* Preconizar as boas qualidades de; elogiar. *Em questão de saúde não se pode gabar a família de seu Tito, pois as doenças não lhe tem deixado ter socêgo.* C34[1933] 2.1 *Quem possui um radio comprado a mais de dez anos atrás, gaba-se de possuir o melhor porque os novos teem muita fantasia e pouca qualidade.* JS32[1950] 3.3 *Gabava-se de vencedor dos “burguêses” como se burguês êle não fosse.* P9[1966] 3.3 *Se eu fosse responsável por lançamento de candidatura única, teria vergonha de, depois, gabar que “ganhamos em todas as urnas, exceto uma que deu empate com o voto em branco!”* P19[1972] 6.4

**gabolice** *s.f.* Presunção. *Na Capital do Estado, a gabolice de “vencedor dos burgueses” era prato favorito na mêsa de seus cavacos.* P9[1966] 4.1

**gado de osso** *UF* Ossos de animais – ovelhas, bois, cavalos – limpos com a ação do tempo, do sol e da chuva, usados pelas crianças para representar tipos de animais diferentes nas brincadeiras. *Alto Bonito! de Jeremias... De Mãe Andreza... Alto Bonito de meu gado de osso... Alto bonito que já era...* P39[1978] 5.2

**gaio** var. de **galho**<sub>1</sub>, **galho**<sub>2</sub>

**gáio** var. de **galho**<sub>2</sub>

**gaita** *s.f.* Dinheiro. *E como não tem nada com política, só daria os 8 votos a quem o desapertasse com mil cruzeiros. Foi a um candidato (Arena), fez a proposta e “o cara declarou que, infelizmente, não estava podendo”. Foi ao outro candidato, (tambem Arena), “e a gaita saiu em cima das buchas”.* P33[1976] 4.4 *Enquanto os depósitos nos lares se esvaziam de água, os cofres da Embasa se enchem de “gaitas”... Pagamentos de água por quem não recebe água...* P42[1981] 2.4

**galho**<sub>1</sub> (var. **gaio**) *s.m.* Parte do caule das árvores, arbustos e outras plantas. – *A casa de seu Totonho, oiada daqui, fica piquinininha qui chega fica pareceno um capucho de argudão caído do gaio.* C41[1933] 16.1 *Como brotam rosas nos*

*galhos das roseiras...* JGP71[1960] 7.6

**galho**<sub>2</sub> (var. **gaio**; **gáio**) *s.m.* Trabalho extra. *Cum os deabo de tanto quebrá gaio! C7[1933] 21.2* *Está “caçando” outro emprego, outro meio de vida. Outro “gáio”, como ele se expressa.* JS31[1950] 3.6 – *Que outro galho você pensa arranjar, Zeferino?* JS31[1950] 7.1 *Não sei se ele já arranjou outro “gáio”.* JS31[1950] 9.2

**galhofeiro** *adj.* Que é dado a galhofas, deboche. *Ainda ha poucos dias um me confessava que ia votar porque estava “percisano de um corte branco”. “Da outra vêis ganhei um sapato e um chapéu; agora, um corte branco: quando hovê a outra eu quero uma roupa caque qui tou percisano muito”. E concluiu, galhofeiro – “Quando passá a festa tou pronto”.* JL67[1934] 6.7

**garranxo** [**garrancho**] *s.m.* Galho fino e retorcido de árvore. *O pardo-escuro das folhas sêcas e dos garranxos, aqui e acolá a copa de uma laranjeira ou de u’a mangueira, resistindo o sol.* C10[1933] 2.8

**garrote** *s.m.* Bezerro novo, entre dois e quatro anos de idade. *Chateaubriand: aqui em Mundo Novo ha um fazendeiro, pioneiro do zebú entre nós, que, a cerca de um ano, deu, por um garrote indubrasil em Minas, nada mais, nada menos, do que duzentos e cincoenta mil cruzeiros.* JS42[1951] 4.2 *Todavia, é muito facil tirar a prova, botar a limpo: alguém pegue \$300.000,00 contadinhos da Silva e vá á fazenda de nosso amigo tentar a compra do celebre garrote...* JS42[1951] 4.5

**garupa** *s.f.* A parte do dorso dos animais; anca. *Levá farinha em alforge pru campo nan dá jeito qui ninguem vae corrê atrás de boi cum arfoje na garupa.* JS31[1950] 4.9 *Num ambiente assim, de expectativa de um governo como que vem aí, com Getulio no cabeçote e Café Filho na garupa, valerá a pena se tentar qualquer cousa de serio em benefício dos Zeferinos?* JS38[1951] 6.4

**gatunagem** *s.f.* Roubo. *Entre estes outros males, está o sertanejo preguiçoso e vagabundo que vive de gatunagem na roça dos que*

*trabalham.* C2[1933] 2.2

**gazeta** (var. **gazêta**; **gazetinha**) *s.f.* Publicação periódica; periódico. *Uma gazetinha, assim, bem composta e bem escrita, com beleza de corpo e graça de espírito, não é apenas a voz do povo da terra, é, também, uma carta de recomendação.* JS3[1950] 4.3 *Outra engraçada dos técnicos de gazêta, é opinar que o governo deve botar açougue.* JS42[1951] 6.8 *Encho horas repassando gazetas velhas à falta de livros novos: Êstes se tornaram, pelos preços, luxo de gente rica.* JGP83[1960] 2.2 *E as gazetas e os discursos andam cheios de reforma agrária, de preocupações com ruralistas, trabalhadores do campo e etc.* P18[1972] 5.14

**gazêta** var. de **gazeta**

**gazetinha** var. de **gazeta**

**getulista** *s.m.* Partidário de Getúlio Vargas. *Hoje não se sabe quem é moço getulista ou não getulista.* JL85[1935] 8.5 *Udenistas, pessedistas, getulistas, todos confessam a sua admiração pelo extraordinário brasileiro.* JS22[1950] 5.2

**gitinho** [**jeito**] *s.m.* Aspecto, feição. *Tá lá do menmo gitinho de quando limpê – sêca, isturricada.* C45[1933] 6.3

**gogó** *s.m.* Garganta. *A gente de pés enxutos e limpos, vendo os outros metidos na lama até o gogó!* P19[1972] 3.7

**góle d'agua** [**gole de água**] *s.m.* *Da Feira de Sant'Ana pru Monte Alegre o peste do bicho passa mais ligeiro de que um góle dagua na guela dum vivente.* C3[1933] 3.8

**golpe do punhal de Brutus** *UF* Refere-se a traição de Marcus Junius Brutus, que assassinou Júlio César com uma apunhada pelas costas. [...] *depois de ler e reler o que você escreveu contra mim, passado o sentimento de espanto do primeiro instante, espanto de quem recebesse o golpe do punhal de Brutus, procurei, dentro de mim, um mínimo de rancor contra você e não encontrei.* P5[1962] 13.4

**gorila** *s.m.* Uso metafórico, militares brasileiros adeptos ao golpe de estado, de tendência de

*direita. Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, “sabiduriagens”, nas farmácias, nos lares, nas esquinas; enchendo suas bôcas embigodadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou: — reacionários, latifundiários, gorilas... e xingamentos dirigidos aos Estados Unidos, sem nenhuma palavra de condenação ao fascismo vermelho do imperialismo russo.* P7[1964] 3.4

**gôsto arregalado** [**gosto arregalado**] *s.m.* Sentir grande admiração. *Não lhes descubro o gôsto arregalado e vivo de novidade, mas lhes noto um sabor apagado e manso de passado.* JMN200[1932] 6.2

**gôsto de peru** [**gosto de peru**] *UF* Mau gosto. *Ouvir aquilo e gostar é revelar gôsto de peru.* P6[1962] 3.4

**graçola** *s.f.* Dito de mau gosto. *E os nossos adversários, que só nos atacam com graçolas e calúnias, fiquem certos de uma cousa: o integralismo vencerá!* JL17[1933] 8.1 *Os mocinhos ateus fazem graçolas e dizem que o Integralismo é apenas, “garganta.”* JL68[1934] 8.1

**grêta** [**greta**] *s.f.* Abertura estreita; fenda. *Porque fazendo de palha fica as grêta e pode passar algum supricante sem energia e têr a precedencia de ficar espiando os permenores...* C50[1933] 6.4

**grito** *s.m.* Clamor; brado. *E aqui termino, mandando a Deocleciano o meu abraço de parabem e o meu grito de avante.* JMN193[1931] 28.1 *Quero, pois, apesar daqueles motivos negativos referidos, saudar o porvir, saudando os futuros filhos de vocês com este grito: — VIVA A REVOLUÇÃO!* P13[1969] 11.1 *Em 1962, comentando corrupção eleitoral, em artigo que publiquei sob o título de “Assalto ao poder”, dizia: — “Só ha um grito: — esperar... “Esperar a Revolução!”* P33[1976] 11.1 *Hoje não pretendo escrever um comentário, redigir uma crônica. Quero apenas, dar um grito. Um grito de alerta aos eleitores de boa fé.* P46[1982] 2.2

# H h

**heróes** var. de **herói**

**herói** (var. **heróes**) *s.m.* Homem notável pela coragem e bravura. *Braços cruzados, de pé, religiosamente calado, eu apreciava a execução, isto é, o casamento dos heróes.* JMN203[1932] 8.1 Neste momento, a conversa do grupo foi interrompida, porque o grupo se interrompeu para dar passagem ao prestito que seguia um dos heroes que acabavam de morrer, quero dizer, de casarse... JMN203[1932] 10.2 Conversei com patricios de todas as correntes a proposito da personalidade impar do Heroi de Copacabana: é unanime a admiração. JS22[1950] 5.1 [...] escrevo estas rápidas referências para fazer algumas perguntas aos heróis desta Vitória do Brasil. P7[1964] 4.1

**historieta** (var. **historiéetas**) *s.f.* Narrativa breve, de pouca importância. *Agora, porem, que surge este Sol que é o Integralismo, este movimento formidavel que está impolgando toda a mocidade do Brasil: agora, que o*

*Integralismo surge, mostrando com inteligencia, com cultura, com filosofia (e não com historiéetas...) o fracasso completo da Liberal Democracia e os absurdos o ideal comunista, não me era possivel “ficar onde estava” Errar é humano.* JL17[1933] 5.1 “O Social” de Cachoeira tomou a si a tarefa de transcrever todas as colunas, historietas e bobagens que as gazetas da Capital escrevam contra o integralismo. JL23[1934] 2.1

**historiéetas** var. de **historieta**

**homens da Revolução** *s.m.* Brasileiros que empreenderam o Golpe Militar de 1964. *Envez de condenarem esta revolução que tem feito tanto bem à Nação, deveriam ajudá-la, fazendo oposição aos erros que porventura comentam homens da Revolução e não à Revolução.* P29[1976] 3.7

**honraria de Sucupira** *UF* Falsa distinção. *Porque a mim e aos meus não interessam honrarias de Sucupira.* P22[1974] 12.4

# I i

**ignominioso** *adj.* Vergonhoso, indigno. *Ronda por municípios, antes e depois da eleição de 1976... A corrupção nunca chegou a tanto, nem mesmo nos ignominiosos tempos de João Goulart!* P33[1976] 2.1

**imborcá [emborcar]** *v.t.* Virar de borco. *Quá, meu véio, pode imborcá seu pote!* C12[1933] 16.4

**impaludismo** *s.m.* Malária. *O impaludismo, a verminose, a sêca, o governo, e outros males, não deixam o sertanejo que trabalha tomar pé na vida.* C2[1933] 2.1 *O camarada havia dormido no França e isto bastava para istabelecer o diagnostico: – impaludismo.* C11[1933] 2.3 *Ficou sosinho, no mundo, doente de bernos e impaludismo, “briquitano”...* C13[1933] 3.2 *Trouxe consigo, o engenheiro, algumas capsulas de azul de metileno, que usava talvez como preventivo contra o impaludismo das regiões onde trabalhava.* C39[1933] 3.1

**impate [empate]** *s.m.* Empedimento. – *Ô, Maria! agora é qui tu vem chegado! / – Uns impate.* C7[1933] 19.3 *-Tudo ista é bobage: quando Deus qué nan tem silêncio de cururu qui impate.* JS29[1950] 8.1

**impusturia** *s.f.* Falsa superioridade. *Impusturia. Pabulage de póbe que qué se metê a rico.* C7[1933] 15.2

**incobre [encobrir]** *v.i.* Cobrir. – *Aquele cara de cavalo é o trem mais runhe que o só de Deus incobre.* C5[1933] 5.1

**incólume** *adj.* Sem dano físico ou moral. *Depois de cinco anos de existência de governo da Revolução, as corrupções e os corruptos locais continuam incólumes!* P13[1969] 6.3 *Incólumes apesar de denuncia e publicidade das podridões com provas abundantes, esmagadoras, insofismáveis!* P13[1969] 6.4

**incoste [encostar]** *v.t.* Aproximar-se. *Oia o fumo! Quem gosta do qui é bom incoste pra bêra dêle! É fumo de verdade!* C25[1933] 5.2

**incrive** var. de **incrível**

**incrível** (var. **incrive**) *adj.* Que é ou aparenta ser inexplicável, fantástico. *No arraial de Alto Bonito um tabareo falava, indignado, contra o imposto de 100 rs em cada quilo de carne, e outros impostos absurdos. Dizia: – Tá uma coisa incrive de se acritá.* C38[1933] 2.2 *É uma coisa incrive de se acriditá!* C38[1933] 2.5 *É incrível, totalmente incrível, absolutamente incrível, que um moço com fama de talento, de cultura, etc. e tal, produza um discurso tão ôco.* P6[1962] 2.1 *É incrível! Que um João ninguém, um mequetrefe qualquer, vermelho, côr de rosa, ou apenas imbecil, diga cobras e lagartas contra catolicos eminentes, sem nenhuma preocupação de provas, de justificativas.* JS46[1951] 4.7

**indústria** *s.f.* Sentido figurado, exploração lucrativa e inescrupulosa. *Um amigo pessimista comentando a “indústria” das verbas para rodagens, me disse: “Não adianta denunciar.* P8[1966] 6.1 *Imagino que a “indústria” dos comprovantes de despesas a esta hora já deve estar em plena abolição!* P8[1966] 10.5

**ingulo [engolir]** *v.t.* Fazer passar (a água) da boca para o estômago; beber. *Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um quilo de calaborêto, como todo, adespois ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco.* C24[1933] 2.3

**inleição** var. de **eleição**

**inleitou** var. de **eleitor**

**inocentes úteis** (var. **inocentes-úteis**) *s.m.* Homens ingênuos enganados com falsas promessas. *Pobres “inocentes úteis” cretinizados nos colégios, nos bancos, nas repartições públicas, nas fábricas, nos sindicatos, em toda parte onde conseguiu penetração a diabólica organização cretinizadora do sanguinário imperialismo russo.* P7[1964] 3.3 *É preciso salvar a liberdade da Pessoa Humana, evitando a liberdade liberticida de liberais inocentes úteis, nem sempre inocentes.* P26[1975] 3.11 *Falta liberdade para explorar o entusiasmo fácil de universitários inocentes-úteis, com*

*agitações estudantis a serviço do comunismo internacional.* P30[1976] 2.5

**inocentes-úteis** var. de **inocentes úteis**

**insôço** var. de **insoosso**

**insoosso** (var. **insôço**) *adj.* Desinteressante. *E assim fazendo, estamos a caminho de irmo-nos libertando do catolicismo formalístico em que vivemos; um catolicismo insoosso em que esquecemos que devemos amar o próximo, mesmo quando este próximo seja nosso inimigo [...].* JS34a[1950] 9.2 *Pois bem: seu discursozinho de ontem não tinha nada de bacharelize talentosa e brilhante”; foi apenas inútil, apenas reles, insôço, chato.* P6[1962] 3.3

**interventoria** *s.f.* Tipo de gestão em regime autocrático excepcional. *Segundo me afirmam os mais velhos, foi construído pelo prefeito Raul Vitória, no período da interventoria de Juraci Magalhães que cooperou na construção.* P48[1983] 3.1

**inxarcado de minduba** [**encharcado**] *UF* Bêbado. *Dizem até qui quando chegava em casa inxarcado de minduba, dava pêsco nela, Deus te perdôe.* C7[1933] 12.5

**irmãos sertanejos** *s.m.* Os mundonovenses. *Mundonovenses! Estamos em face de dois*

*candidatos que são dois extremos: um ótimo e um péssimo. Não sejamos burros votando no péssimo, repudiado por esmagadoras maiorias de nossos irmãos sertanejos, candidato já antecipada e amplamente derrotado.* P4[1962] 8.3

**isbregue** [**esbregue**] *s.m.* Bronca. *Tomara qui seu Totonho veja pra tu vê os isbregue!* C7[1933] 21.3

**istrangêro** var. de **estrangeiro**

**istrépa** [**estrepár**] *v.i.* Dar-se mal. *Quem não tiver muito dinheiro não se mêta a ser candidato que se “istrépa.”* JS26[1950] 8.1

**istripulia** [**estripulia**] *s.f.* Desordem. – *É um bicho qui tá apariceno denoite e fazeno istripulia.* C31[1933] 6.2

**istuça do Gêgê** [**astúcia do Gegê**] *UF* Esperteza. – *E’ istuça do Gêgê! Aquilo é um danado! Inventou esse negócio de Integralismo para enfraquecer a oposição!* JL68[1934] 12.1

**isturricada** [**estorricada**] *adj.* Secar intensivamente; tostada. *Tá lá do menmo gitinho de quando limpê – sêca, isturricada.* C45[1933] 6.3

# J j

**jacobina** *s.f.* Espécie de mandioca. “*Eu queria sê mandioca / “Jacobina verdadeira, / “Pra vivê de mão em mão / “No côlo da sovadêra... C5[1933] 12.1*

**jacu** *s.m.* Uso metafórico, nome dado à grupo político perdedor em uma eleição. *Política de municipinhos é isto aí, esta baboseira que se viu: de “jacus” e “caracará”, de “bodes e cobras”, de “jacus” e “panelas”... uma baboseira! P32[1976] 4.1*

**janeiros** *s.m.* Anos vividos. *Quando se aproxima Rafael, já meio curvado sob o peso dos anos, cabeça quase branca exibindo o inverno dos janeiros. P18[1972] 2.8 Pedreiros, carpinas, ferreiros, funileiros, sapateiros, pintores de parede, enfim: todos esses pequenos artistas que sob o pêso de mais de 65 janeiros e da pobreza em todas as pequenas cidades e povoados deste imenso Brasil, estão sofrendo o desamparo pelo crime de não viverem da enxada, da lavoura. P18[1972] 6.12*

**jegue de botar agua** *UF* Animal manso. *Calado, prestativo, paciente e manso como um jegue de botar agua. C36[1933] 3.2*

**jeitinho** *s.m.* Maneira. *Sim: ha um jeitinho leve e picante de dizer as coisas; ha um quê de suave, de claro, de bom, de tal forma, nas colunas de “O Serrinhense”, que a gente, querendo fazer-lhe uma sintese, não acha*

*outra expressão senão esta: gazetinha gostosa. JS3[1950] 3.4*

**joão ninguém** *s.m.* Indivíduo sem importância. *Que um joão ninguém, um mequetrefe qualquer, vermelho, côr de rosa, ou apenas imbecil, diga cobras e lagartas contra catolicos eminentes, sem nenhuma preocupação de provas, de justificativas, compreende-se. JS46[1951] 4.8*

**jogar na rua da amargura** *UF* Uso metafórico, abandonar. *Nunca usaria seu cargo para jogar na rua da amargura um pai de família com mais de dez anos de serviço público, sem o cometimento de nenhum deslize. P43[1982] 3.14*

**jogar pedras** *UF* Criticar algo ou alguém. *Mas não esperava que fizesse o que fizeram: deram-lhe as costas e o perseguiram cruelmente, só faltando lhe jogarem pedras. P19[1972] 4.2 É bem desagradável a gente jogar pedras em quem já jogou flores. P47[1982] 4.1*

**juracista** *s.m.* Partidário de Juracy Magalhães. *Nunca foi juracista apenas enquanto Juracy era governador. P24[1974] 2.8 Mundo Novo em pêso sabe que Nelson Motta, politicamente, da juventude ao limiar da velhice, nunca deixou de ser senão isto: juracista. P24[1974] 2.6*



# L I

**labuta** *s.f.* Ação labutar; trabalho. *Pensemos nas necessidades de Zeferino e de sua família; pensemos na sua labuta de todo o dia, da manhã à noite; pensemos no seu ordenado miserável e nos lucros gordíssimos de seu patrão.* JS37[1951] 4.1 *O verdadeiro democrata é quase um verdadeiro cristão: esquece de si mesmo para viver preocupado com as labutas do bem comum, do bem de todos.* JS37[1951] 6.7

**ladainha** *s.f.* Oração repetitiva, em que se alternam invocações e respostas. *Outro funcionamento: — os festórios com foguetes, leilões e roletas e a imagem de Nossa Senhora das Candeias, para cima e para baixo, com beatas cantando ladainhas.* P14[1970] 4.7

**ladroeira** *s.f.* Descaminho de valores, malversação de dinheiro. *E só se vendo a buraqueira, e só se vendo os mata-burros para equilibristas do volante em seus municípios! Ladroeira grossa! De fazer indignação!* P8[1966] 5.6 *O que não é admissível é que se continui permitindo ladroeira em nome do respeito à autonomia municipal!* P8[1966] 5.16

**lambido** *adj.* Liso; desprovido de capim. *Inquietação para os fazendeiros que estão vendo seus pastos ficarem “lambidos” e começam a lançar mão dos “recursos” do capim-corrente das serras.* JS35[1950] 6.4

**lamurias [lamúria]** *s.f.* Falação insistente de queixa; lamento. *Lembrei-me desta sentença do respeitável filósofo ao ouvir as lamurias de um certo comentarista de rádio que se mostra muito aborrecidinho com o apoio do PRP ao Brigadeiro Eduardo Gomes.* JS17[1950] 2.2

**ler pela cartilha** *UF* Ter as mesmas convicções. *Arrogâncias... ameaças de transferências, de demissões... para quem não quiser ler pela cartilha de quem está no poder!* P44[1982] 6.1

**lero-lero** *s.m.* Conversa boba, chata. *Conceito de nacionalismo em base filosófica é lero-lero... É “nacionalismo”: não é Nacionalismo.*

JGP67[1960] 2.4 *Môço de talento e de cultura, Ferrari sabe, com toda certeza, que Nacionalismo não é aquilo... O lero-lero corre por conta das chamadas contingências político-eleitorais...* JGP67[1960] 3.1 *Seu lero-lero, Osvaldo, naquele folhetote mambembe pode tapiar apenas os bobos.* P11[1967] 3.3

**liberal** *s.f.* Pessoa adepta aos ideais do liberalismo. *E trabalhando com todos os que não participam, ao menos integralmente, de nossas convicções – comunistas, socialistas, liberais ou conservadores.* JS43[1951] 6.3 *É preciso que esta distinção seja feita, expressa, esclarecida com muita nitidez ao povo, para evitar que este acabe se deixando levar pelo canto de sereia das raposas liberais.* P26[1975] 3.7

**liberalismo caduco** *s.m.* Doutrina liberalista ultrapassada. *O liberalismo caduco continuará permitindo liberdade aos assassinos da liberdade? Continuarão sem direitos políticos cassados vermelhos e pelêgos tipo Abelardo Jurema e Waldir Pires?* P7[1964] 4.5

**liberaloide** *s.m.* Designação pejorativa para os adeptos ao liberalismo. *Para tristeza de liberaloides e vermelhoides saudosistas que andam berrando por “abertura democrática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vômito”, “os porcos querem voltar à lama”.* P22[1974] 8.2

**liberdade liberticida** *s.f.* Liberdade inadequada para a sociedade. *A liberdade do liberalismo é instrumento de introdução e execução de golpes totalitários. É liberdade liberticida.* P26[1975] 3.6 *É preciso salvar a liberdade da Pessoa Humana, evitando a liberdade liberticida de liberais inocentes úteis, nem sempre inocentes.* P26[1975] 3.11

**liberdade perniciosa** *s.f.* Liberdade causadora de dano moral ou intelectual. *Estava ameaçado de perdê-las porque uma farsa chamada liberal democracia que permitia liberdades perniciosas estava sendo instrumento de avanço do comunismo que*

*tiraria de todos nós a felicidade de vivermos com todas estas liberdades fundamentais com todo o respeito á dignidade da pessoa humana, restabelecido pela Revolução.* P15[1970] 3.2

**liberticida** *s.m.* Pessoas que investem contra ou que destroem a liberdades de uma sociedade. *Não há e não deve haver liberdade para os irresponsáveis, para os liberticidas, para os que, inocentes-úteis ou mal intencionados, tentem agir de modo a pôr em perigo a existência da Liberdade.* P30[1976] 2.8

**licotixo [licuticho]** *s.m.* Agitação; mistura desordenada de ações. *A muié reza, a muié acende vela, a muié apaga vela... gente, quanto licotixo!* C46[1933] 10.4

**lide** *s.f.* Luta. *Não creio que tenha feito isto com a intenção de “bolir” com o antigo companheiro de lides ginásianas.* P27[1975] 3.16

**limpar os quartos** *UF* Eufemismo por cu ou bunda, formas consideradas chulas. *Porque papel queimado tem a vantagem de não servir para limpar os quartos de ninguém...* C16[1933] 6.2

**literatelo** *adj.* Literato medíocre. *Diz que a*

*Bahia é “um meio infestado pôr literatelhos de valôres duvidosos”.* JL3[1933] 3.3  
*Chibatêia, sem piedade, esses bandalhos, impostôres, “literatelhos” inuteis e nocivos!* JL3[1933] 4.12

**lua da sela** *s.f.* Parte dianteira e arqueada da sela. *No tempo de meu avô, ir daqui á Feira de Sant’Ana era um problema difícil: 3 longos dias na lua da sela, de Mundo Novo a Feira.* JS13[1950] 2.1 *Nenem Quixe, que continua no Alto Bonito de hoje... cabeça de algodão, aposentado, apesar disto, ainda dando duro na lua da sela, em viagens a Mundo Novo, buscando jornais, revistas, brugunzos do patrão... D.* P39[1978] 3.5

**lugarejo** *adv.* Região pouco habitada; povoado. *Comícios foram realizados em lugarejos, com cem, cento e tantos, duzentos e mais carros!* P33[1976] 8.1

**lusco-fusco** *s.m.* Sentido figurado, clareza mal percebida. *Depois de um longo período de indecisão, de sombras, de demarches, de lusco-fusco das dúvidas, chegamos, finalmente, à claridade de posições definidas na batalha para a sucessão estadual: – Lomanto Junior e Waldir Pires.* P4[1962] 2.1

# M m

**macomunam** [**mancomunar**] v.i. Entrar em acordo para fazer algo, geralmente desleal ou inescrupuloso. *As raposas de todos os matizes da politicalha se entendem, se harmonizam, se “macomunam” quando tratam de reduzir o meu torrão a simples mercadoria de suas negociatas imundas.* JGP85[1960] 2.1

**mãedoca** var. de **mandioca**

**malaria** [**malária**] s.f. Doença infecciosa causada por parasitas do sangue do gênero *Plasmodium*. *Palmeirinha está plena decadencia. A malaria do rio de Jacóipe, que o banha, despovou-o.* C41[1933] 19.3

**malereado** s.m. Incivil (RESTIER, 1819, p. 303). *A... manda dizer ao prefeito que desconhece homem que o obrigue a apanhar a coitada. Com isto o prefeito se azureta e manda a policia à cata do malereado...* C27[1933] 2.4

**malvinas** s.f. Designação dos grupos de mulheres que vão às casas dos eleitores para conscientizar os eleitores sobre o valor ético do voto. *Compra de votos... O povo está enjoado! Não precisamos cometer esta infâmia. Contamos com o amor do povo ao seu candidato e a dedicação das “MALVINAS”.* P44[1982] 10.3 MALVINAS queridas – dei este título a este comentário, em homenagem a vocês. P44[1982] 14.1

**mambembe** adj. Medíocre, inferior. *Seu lero-lero, Osvaldo, naquele folhetote mambembe pode tapiar apenas os bobos; e revela a sua intenção de bancar a vitima, no pressuposto de que, assim, ainda seja possível continuar a enganar, iludir, ludibriar este povo sofrido e cansado de suas mistificações repugnantes.* P11[1967] 3.3

**mamoeiro** adj. Sem conteúdo. *Fui filiado à Arena e não me filiei ao PDS, nem a nenhum outro partido. Porque considerei que todos são tipo mamoeiro: – boa aparência por fora e ocos por dentro. Partidos sem conteúdo ideológico não me interessam.* P43[1982] 2.2

**manda-chuvas** s.m. Chefe político, pessoa

importante e influente. *Acontece que o seu radicalismo arenista não impediu que fosse êle um dos expurgados da Arena local pelos manda-chuvas da dita.* P32[1976] 2.4

**mandando brasas** [**mandar brasa**] UF Atuar com dinamismo e entusiasmo na realização de algo. *12 de janeiro de 1974 aqui em Mundo Novo foi um dia diferente, um dia “fora de série”: ruas enfeitadas de bandeirinhas do Brasil e bandeiras da Bahia, faixas bonitas enfeitando a pérgola no centro da praça principal e o trio elétrico Marajós mandando brasas com o povo pulando, cantando, dançando nas ruas!* P21[1974] 2.1

**mandar** [**a preguiça**] às favas UF Afastar-se. *Hoje, porem, entendi de mandar a preguiça às favas, e comecei por escrever oito paginas de prosa macarronica.* JMN191[1931] 3.2

**mandioca** (var. **mãedoca**; **mãodoca**) s.f. Raiz de que se faz farinha. *Se é de pagá a gente pra prantá mãodoca, paga á gente mais é pra cavar cacimba im cacurute de serra, pricurano o qui nan guardaro.* C41[1933] 9.2 Durante os poucos minutos que lá estive ouvi Juvencinho: – Tá cum quato mêis qui limpê terra e abri cova pra prantá mãedoca e inté hoje ispero pur terra moiada! C45[1933] 6.2 Este alguém o homem da roça, o plantador de feijão e de milho, de arroz, de mamona, de mandioca, de batata... Nossos pobres lavradores não teem sociedades organizadas. JS40[1951] 3.8 [...] trabalham hoje a um fazendeiro, amanhã a outro, depois a outro, com intervalos de diárias dadas em suas próprias rocinhas, pequenas lavouras de mandioca, mamona, milho e feijão. P18[1972] 5.2

**manjado** adj. Conhecido. *Processinho muito velho, muito manjado e entretanto, apesar de 31 de março de 1964, em pleno funcionamento!* P8[1966] 3.3

**mãodoca** var. de **mandioca**

**mar de lama** UF Resultado de redes de corrupção em uma gestão. *As linhas que se seguem são apenas o final de um artigo*

*pondo em foco alguns dos numerosos fatos relevadores de um mar de lama local.* P12[1967] 2.1

**marmemente [malmente]** *adv.* Algo que se faz com grande dificuldade; mal. – *O patrão é bom, gosto muito dele, mais o ganho é curto, dá marmemente pra cumê.* JS31[1950] 4.1

**marruá** *s.m.* Touro reprodutor. *Uma que não sabia o sinônimo de marruá... O Sr. Cariciolo, fazendeiro no município de Canabrava, deu algumas vacas de meia a uma Snr. viuva, fazendeira no mesmo município. Quando acertaram o negócio, perguntou o Sr. Cariciolo a viuva: se ela tinha reprodutor?* C6[1933] 1.1

**massada** *s.f.* Pessoa que demora a fazer uma atividade qualquer. *Os passageiros que esperassem, se quisessem, se não quisessem fossem andando... a pés! Mais uma hora de massada!* JS18[1950] 5.8

**mata-burros** *s.m.* Ponte composta de troncos espaçados de madeira. *As rodagens com buraqueiras incríveis e mata-burros para equilibristas do volante, apesar dos milhões de verbas despejados nas prefeituras.* P8[1966] 4.2 *E só se vendo a buraqueira, e só se vendo os mata-burros para equilibristas do volante em seus municípios!* P8[1966] 5.5

**mato sem cachorro** *UF* Situação onde não há a quem recorrer. *Se, ao contrário, cometeram a imprudência de maltratar seus melhores amigos, poderão verificar que não bastam administrações brilhantes. É preciso mais: – consideração aos amigos. Firmeza de amizades. Lealdade. Humildade. Sem o que, poderão acabar encontrando-se no mato sem cachorro...* P41[1981] 8.6

**matuto** *s.m.* Indivíduo ingênuo que vive na zona rural. *O senhor que me apareceu para “pegar o serviço”, era desses matutos que gostam de falar difícil.* C50[1933] 5.1 *Um dia desses ouvi uma senhora matuta contando a uma comadre as ruindades de um genro.* C5[1933] 3.1 *Um outro, não matuto, gente da cidade, comentava: – “Tomei um ferro danado!”* P33[1976] 5.1

**mequetrefe** *s.m.* Pessoa sem valor, insignificante. *Que um João ninguém, um mequetrefe qualquer, vermelho, côr de rosa, ou apenas imbecil, diga cobras e lagartas contra católicos eminentes, sem nenhuma*

*preocupação de provas, de justificativas, compreende-se.* JS46[1951] 4.8

**mijá [mijar]** (var. **mijano**) *v.i.* Urinar. *Vomicê me acuda qui eu tou mijano o fé todo!* C11[1933] 8.5 *Pur chuva parece qui nan móia não. Eu tou veno qui só dano pra mijá nas cova!* C45[1933] 6.5

**mijano** var. de **mijá [mijar]**

**mijo** *s.m.* Urina. *Fiinha, a filha mais velha do vaqueiro, tendo ido ao quarto do “cujo”, fazer o asseio, saía de lá com o bacio, mostrando-o às irmãs, e dizendo, admirada: – Oia meninas! Oia uma coisa! Mijo de doutou é azú!* C39[1933] 4.3

**milagre brasileiro** *s.m.* Mudanças consideradas positivas, ocorridas no Brasil, durante a Ditadura Militar de 1964. *E, então, compreenderá porque no estrangeiro se fala tanto em “milagre brasileiro” depois de se ter falado em milagre alemão e milagre japonês.* P20[1973] 2.6 *E o milagre brasileiro é o maior, conforme expõe e comprova Murilo Melo Filho, em seu excelente livro intitulado “Milagre Brasileiro”.* P20[1973] 2.7

**milho** (var. **mio**) *s.m.* Cereal da família das gramíneas que frutifica em espigas. *E o vendedor malicioso: – O mio, tou dano a 12 litro.* C8[1933] 3.1 *Munto féjão, munto mio, foi de um tudo!* C12[1933] 5.4 *Este alguém o homem da roça, o plantador de feijão e de milho, de arroz, de mamona, de mandioca, de batata... Nossos pobres lavradores não tem sociedades organizadas.* JS40[1951] 3.8 *Onde não ha feijão, não ha milho, não ha arroz, não ha frutas, não ha leite, não ha boiadas!* P16[1971] 9.2

**mio** var. de **milho**

**miôlo [miolo]** *s.m.* Massa encefálica; cérebro. *MALUCO – Homem com miôlo de mulher.* JMN185[1931] 4.1 *E, pingmeu vencido, sob o pêso pesado do gigante, penso tanto, me entristeço tanto que chego a tremer temendo que este miôlo de pão que tenho na cabeça se fermente...* JMN201[1932] 5.1 *Os candidatos a govêrno, mesmo os mais inteligentes, que mais aparentam motivos de esperanças, parece que, ao chegarem ao poder, perdem o miôlo e outras coisas...* JGP95[1961] 3.1

**moço** *s.m.* Jovem. *Ha um ano eu via, na*

*Faculdade de Medicina, moços getulistas e moços não getulistas fazendo sessões agitadas com discursos oposicionistas e discursos situacionistas cheios de apoiados e não apoiados de parte a parte.* JL85[1935] 8.4 *Hoje pela manhã, houve na Escola de Direito, um atrito entre os moços comunistas e os integralistas.* JL85[1935] 14.1

**moιά a guéla** UF Beber. – *Joaquim! traz ai uns copo e uma garrafa de “prejuizo”. Gente, vamo moιά a guéla! Bebam esse deabo! Não tenham pena qui isso é agua qui não cae do ceo!* C12[1933] 7.3

**moleque de Moscou** UF Pessoa ligada a um regime comunista. *Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, “sabiduriagens”, nas farmácias, nos lares, nas esquinas; enchendo suas bôcas embigodadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou: – reacionários, latifundiários, gorilas...* P7[1964] 3.4

**monstro** s.m. Ser apavorador. *O mundo está farto de saber que Nero e Hitler viraram café pequeno deante desse monstro de friesa siberiana que é Stalin.* JS14[1950] 3.1 *Se, abaixo de Deus, é graças à bomba atômica que o monstro está acuado sem poder matar sua fome de carne humana, de vidas humanas, então viva a bomba atômica!* JS14[1950] 7.4 *E o Brasil cubanizado arrastaria todo o continente sul-americano para as garras do monstro.* P13[1969] 8.6 *Por detrás da propaganda de liberalização aqui e em toda parte, há uma coisa terrível – o dedo de um monstro envenenador ideológico da juventude de todas as nações, devorador de pátrias, a serviço de uma super-potência super-totalitária que alimenta o sonho louco de dominar o mundo.* P30[1976] 5.5

**monstro vermelho** s.m. Uso metafórico, comunismo. *O monstro vermelho, veneno da putrefação, se espalha e ameaça.* JS22[1950] 10.3 [...] *se não tivesse havido a Revolução de 31 de março de 64, reabilitada vigorosamente, pelo 13 de dezembro de 68, o monstro vermelho transformaria o Brasil numa Cuba de proporções continentais!* P13[1969] 8.5

**moribundo** adj. Que está prestes a deixar de existir. *Numa agonia horrenda o sol moribundo tinge o poente com um rubro clarão.* JL26[1934] 2.3 *Nestas cartas havia sempre um “sol moribundo” em uma “tarde morrendo e Febo agonizando...”* JL26[1934] 3.8

**muié** var. de **mulher**

**muita água ainda tenha de rolar debaixo da ponte** UF Levar muito tempo. *Palpiteiros e palpites... estão surgindo aos punhados, embora muita água ainda tenha de rolar debaixo da ponte.* P44[1982] 2.1

**mulequeira [molequeira]** s.f. Ato de debochar alguém; tirar um sarro. *No meio de tanta mulequeira, é confortador se notar que, em proporção animadôra, o povo está aprendendo a votar em quem quer.* JS26[1950] 16.2

**mulher** (var. **muié**) s.f. Ser animado do sexo feminino. *Quando se lhe chama “maior da serie”, êle sorri; fica todo contente, baba-se de gôso como uma mulher a quem se chama de bonita embora seja feia como a necessidade.* JMN221[1932] 3.5 *Minha cunhada é muié e carregada de fio; eu sou home e sou só; sou um caco, é verdade, mas vou me aguentano.* C13[1933] 4.2 *O povo disse qui a revorta evem pegano os home e as muié tomém.* C40[1933] 3.6 *Um eleitor, “esperto”, inteligente, comentava com outro, que sua mulher teve seus dentes todos extraídos e uma ordem para o dentista fazer as duas chapas, em troca dos votos dela e dêle marido.* P33[1976] 3.1

**muringo [moringa]** s.m. Vaso de barro bojudo e de gargalo estreito usado para acondicionar e conservar fresca a água. *Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um quilo de calaborêto, como todo, adespois ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco.* C24[1933] 2.3

**mutamba** s.f. Instrumento feito com os galhos flexíveis e resistentes da árvore Mutamba, usado para capinar. *Ora no cavador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo “aceiros”; ora agarrado ao cabo da mutamba, na faína das campinas, o Coronel Salú não para.* C32[1933] 2.3

# N n

**na palêta** UF Andar a pé. *Não sei se encontraram ou se continuaram “na palêta” até a cidade, completando a quilometragem: 12 quilômetros.* P22[1974] 2.5

**nababescamente** adv. Abundantemente. *Milhões de litros de gasolina e óleo queimados nababescamente, estupidamente, neste momento de tanto sofrimento do País com o problema do combustível!* P33[1976] 9.2

**nacionalismo da foice e do martelo** UF Nacionalismo fundamentado nos princípios do comunismo. *Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o nacionalismo da foice e do martelo.* P7[1964] 7.1

**nacionalismo verde e amarelo** UF Ideologia de valorização dos interesses brasileiros. *Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o nacionalismo da foice e do martelo.* P7[1964] 7.1

**nadinha da silva** UF Absolutamente nada. *Que é que esse eleitorado que escolhe nossos dirigentes políticos entende de Política? Nada, nada, nadinha da Silva!* JS33[1950] 3.9 [...] por que tantas cidades que não têm centro telefônico, têm telefone e a nossa que tem torre, que tem centro telefônico não o tem? Por que?! E logo são apontados supostos culpados, coisa que não resolve nadinha da silva. P31[1976] 3.8

**não é sopa** (var. **não é sôpa**) UF Não é fácil. *Aguentar aquilo de pé, das duas da tarde até às 9,30 da noite, não é sôpa!* JS18[1950] 3.10 *Cavar comprovantes para tanta “despesa” em tão curto período, não é sopa não!* P8[1966] 10.6

**não é sôpa** var. de **não é sopa**

**nauseabundo** adj. Que causa nojo; repugnante. *Como tudo isto é nauseabundo para nós, moços, que não temos a alma prostituída!* JL67[1934] 16.4

**necas** adv. Exprime negação; coisa alguma. *Necas... Tais perguntas dirigidas a qualquer um dos outros partidos, dariam no mesmo Mané Luiz... Farinhas do mesmo saco... Águas do mesmo pote...* P43[1982] 2.7

**nefasta** s.f. Nocivo, prejudicial. *Que estes possam viver tranquilos, sentindo-se livres da ação nefasta dos que se tornaram representantes do Odio, expressões do Odio, o Odio personificado.* P23[1974] 4.2

**notícia** (var. **noticiazinha**; **nutiça**) s.f. *E todas cantam, sorrindo: – “Segunda feira eu fui na estação sabê nutiça da rivilição.* C40[1933] 3.5 *Vê-se, pela notícia, que quem a escreveu “ouvio cantar o galo mas não soube onde...” E “O Social” que não entende patavina de fascismo, copiou e ampliou a bobagem.* JL23[1934] 3.3 *A própria noticiazinha mal feita que “O Social” transcreveu diz isto.* JL23[1934] 6.7

**notícia-bomba** s.f. Informação reveladora, estrondosa. *E eis que, na noite de 29-3-976, a televisão me trouxe a notícia-bomba: cassação de mandatos e de direitos políticos por dez anos dos deputados que cometeram aquêle atrevimento.* P29[1976] 2.11

**noticiazinha** var. de **notícia**

**novena** s.f. Conjunto de orações e outras práticas religiosas feitas por nove dias consecutivos dedicadas a Santa Ana. *Fé e alegria que explodiam em festas memoráveis, nas novenas de Sant’Ana e no mês de Maria...* P39[1978] 4.2

**nulidade** s.f. Condição essencial que torna algo sem validade. *Não negam a inconstitucionalidade, a nulidade da ‘lei’ 1.904: gabem-se de possuir recursos escassos para evitar-lhe o julgamento pela Magna Corte.* JGP85[1960] 5.1 *A modestia é o talento das nulidades e a nulidade dos talentos.* JMN207[1932] 10.1 *Mas o propósito de fazer mal a Mundo Novo é tão forte que ficam cegos aos riscos de nulidade do seu próprio município.* P3[1960] 5.3

**nutiça** var. de **notícia**

# O o

**o crime não compensa** *UF* Ação que leva a lugar nenhum. Sua ameaça de violência equivale a uma declaração “a priori” de desacato à Justiça. Acontece que “o crime não compensa”. Homem que se apresenta como líder de uma coletividade, arrotando a “virtude” de Caim! Louvado seja Deus! P3[1960] 14.2

**obésio** var. de **obeso** [obeso]

**obeso** [obeso] (var. **obésio**) *adj.* Sentido figurado, de barriga cheia. Arre! comi que chega fiquei obeso! C43[1933] 2.5 O amigo de “falar difícil” notou aquela palavra – obésio. C43[1933] 3.1

**oficina de impressão** *s.f.* Local onde se realiza o trabalho de imprimir. Este comentário foi escrito em 17-10-66, para ser publicado antes da eleição. Aconteceu que o portador que o levou para a oficina de impressão esqueceu de entregar. P8[1966] 2.2 Vem a público com tão grande atraso porque, mais uma vez, a correspondência enviada á oficina não chegou ao seu destino. P12[1967] 2.4

**oitão da casa** *UF* Parede lateral de uma casa; parede-meia. Numa pimenteira ao oitão da casa, bem perto da sala em que estou, um passarinho me “aperraça”, dizendo: “Sofré!” JL25[1934] 7.3

**olhos da cara** *UF* Acima da média de preço do mercado; muito caro. Só sabem que o frasco de remédio que ha poucos meses custava cinco cruzeiros, já está custando oito ou dez. E que o taco de pano está ficando pelos olhos da cara. E a enxada. E o facão. E o quilo de carne. Tudo ficando pela hora da morte. JS40[1951] 3.12

**organização fantasma** *UF* Obras ou ações que só existem no papel. O “jôgo da verdade” é coisa perigosa para os corruptos, os

*farsantes, os fundadores de organizações fantasmas com o objetivo de papar verbas.* P14[1970] 2.2 Ouvindo os donos de uma organização fantasma e os adversários desses donos, a verdade certamente terá brilhado em seus espíritos. P14[1970] 3.2

**os cães querem voltar ao vômito** *UF* Voltar a praticar hábitos cruéis; versículo bíblico (2Pedro, II, 22). Para tristeza de liberaloides e vermelhoides saudosistas que andam berrando por “abertura democrática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vômito”, “os porcos querem voltar à lama”. P22[1974] 8.2

**os porcos querem voltar à lama** *UF* Voltar a praticar hábitos cruéis; versículo bíblico (2Pedro, II, 22). Para tristeza de liberaloides e vermelhoides saudosistas que andam berrando por “abertura democrática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vômito”, “os porcos querem voltar à lama”. P22[1974] 8.2

**otomove** [automóvel] *s.m.* Veículo automotor, movido a motor de explosão, de quatro rodas, que se destina ao transporte de passageiros. Vamincê pode crê qui não hai neste mundo bicho pra corrê mais que otomove. Enquanto o deabo coça um oio otomove travessa o mundo dum lado pra outro. C3[1933] 3.1 Estrada de rodagem e automovel eram sonhos de Julio Verne. JS13[1950] 2.6 Pela mão da democracia liberal, o comunismo se infiltrava fazendo greves ilícitas, semeando ódio de classes, desrespeitando e agredindo o principio de autoridade, com passeatas e violências depredando casas comerciais, incendiando automoveis, espalhando o pânico, perturbando toda a vida nacional, com a convivência de governantes indignos, dos Jangos “et caterva”. P15[1970] 3.3

# P p

**pabulage [pabulagem]** *s.f.* Presunção. *Pabulage de póbe que qué se metê a rico.* C7[1933] 15.3

**paga o pato [pagar o pato]** *UF* Pagar por aquilo que não deve. *Getulio nos surpreenda com um governo util, de respeito á Lei e de realizações em benefício do povo, principalmente do pobre trabalhador das roças que é quem paga o pato que os outros comem, é quem tem aguentado com as consequencias de todos os erros dessa política velha de cabra-cega, sem base, sem fundamento, sem rumo, sem destino.* JS40[1951] 8.2

**paladinos da liberdade** *s.f.* Defensores da liberdade com esforço e coragem. *Já pensaram vocês o que seria de nós, o que seria desta Nação, deste nosso querido Brasil, se neste momento de tantos tormentos mundiais, de tantas e tão graves crises econômicas, políticas, sociais, estivessem as redeas do poder de nossa Pátria em mãos desses demagogos que ontem levaram o País à ruína quase total e hoje voltam se apresentando como bonzinhos ou bonzões, paladinos da liberdade, salvadores da Pátria?* P30[1976] 4.7

**paliativo** *s.m.* Recurso empregado para atenuar um problema ou adiar uma crise, sem resolvê-la. *Todas as outras soluções são de atendimento provisório, são paliativos.* P21[1974] 4.4

**palpiteiro** *s.m.* Opinião emitida sem fundamento. *Palpiteiros e palpites... estão surgindo aos punhados, embora muita água ainda tenha de rolar debaixo da ponte.* P44[1982] 2.1

**panaceia rançosa [panacéia rançosa]** *s.f.* Solução desgastada. *A falta de escrúpulo de um candidato em usar safadas demagogias com “slogans” surrados e desmoralizados como “o tostão contra o milhão”, “candidato dos pobres” e outras panaceias rançosas deste país, leva-me a dar preferência ao outro candidato.* P5[1962] 9.2

**pança** *s.f.* Barriga. *Levava a faca á manteiga, em*

*seguida ao biscoito e o biscoito á pança...* C21[1933] 5.9

**pançudo** *adj.* Pessoa barriguda. *Alto, pançudo, careca e orelhudo (esta rima em údo veio por acaso, não tive a intensão de fazer versos), com pôse de homem mediocre quando consegue um diploma de bacharel em ciencias juridicas e sociaes.* JMN221[1932] 2.1 *Meninos amarelos e pançudos.* C41[1933] 20.6 *Presidia a sessão um dos chefes das caravanas; um homem de nome estrambolico, baixo, pançudo, careca, e palavroso.* JL16[1933] 13.1

**pandego [pândego]** *adj.* Alegre, engraçado. *Claudio é um estudante pandego, inteligente e brincalhão.* JMN202[1932] 2.1 *Houve uns pandegos de Moscou, por exemplo, que crearam uma “Liga contra o Pudor”.* JMN214[1932] 10.1

**papar verba** (var. **papa-verbas**) *s.m.* Político que desvia dinheiro público para benefício próprio. *A ausencia de fiscalização é um maná para os papa verbas! P8[1966] 5.10* *Não é possivel deixar que os papa-verbas continuem papando verbas impunemente!* P8[1966] 5.3 *O “jôgo da verdade” é coisa perigosa para os corruptos, os farsantes, os fundadores de organizações fantasmas com o objetivo de papar verbas.* P14[1970] 2.2

**papa-verbas** var. de **papar verba**

**papel queimado** *UF* Uso figurado, pessoa de pele escura. *Uma das moças do grupo, irrefletidamente diz, em voz alta: – Vamos mudar de assunto que evem chegando um papel queimado...* C16[1933] 4.1 *– Sou papel queimado e tenho prazer disto. Porque papel queimado tem a vantagem de não servir para limpar os quartos de ninguem...* C16[1933] 6.1

**papo** *s.m.* Definição por extensão de parte do estômago das aves para o estômago humano. *É pra papo de galinha de rico...* C8[1933] 4.2 *Manoelzinho levava a faca com vontade no mantegueiro e em seguida ao biscoito que a transportava ao papo!* C21[1933] 4.4

**papôco [pipoco]** *s.m.* Estampido. *Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um*



*quilo de calaborêto, como todo, adespóis ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco.* C24[1933] 2.3

**paraíso vermelho** *s.m.* Refere-se ironicamente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). *E é precisamente isto que buscam os inimigos de Cristo de todos os tempos, principalmente, na atualidade, aqueles que sonham em implantação de paraísos terrenos, como o “Paraíso Vermelho”, cujo “deus” ditador de Kremlim, mantém os seus “bemaventurados” retidos em “cortinas de ferro”...* JGP71[1960] 5.10 *E foi, então, que êsse grande da União Soviética resolveu fugir do “paraíso vermelho”, publicando o seu famoso livro, expressivamente intitulado “Escolhi a Liberdade”.* P7[1964] 2.4

**parmo [palmo]** *s.m.* Unidade de medida relativa de comprimento, de aproximadamente 22 cm. *Tomara qui eu ache um do tamanho dum parmo de minha mão, pra mode eu mandá pru governo.* C41[1933] 14.3

**passou a noite em branco [passar a noite em branco]** *UF* Passar a noite sem dormir. *Estatura mediana, olheiras profundas, rosto sujo de barbas, com a fisionomia amarela de quem passou a noite em branco, lá ia, pela Avenida Sete, um rapaz que eu acompanhava, disfarsadamente como um secreta.* JMN188[1931] 2.1

**pasto** *s.m.* Terreno cuja vegetação serve de alimento a bois e outros animais. *Os mantimentos, plantados com as pouquinhas chuvas de maio estão munchando, morrendo; os pastos estão se acabando; sofrimentos horríveis ameaçam cair sobre o sêrtanejo já carregado de sofrimentos.* C45[1933] 2.3 *Inquietação para os fazendeiros que estão vendo seus pastos ficarem “lambidos” e começam a lançar mão dos “recursos” do capim-corrente das serras.* JS35[1950] 6.4 *Ha os que choram ter queimado muitos pastos, confiados em novembro e agora estão “com a cara pra cima.”* JS35[1950] 6.9 *E tinha os umbuzeiros dos pastos de Amado Bahia, alegria dos meninos... E a mangueira de Papai em cuja sombra se fazia a feira, onde se vendiam brevidades e pipocas de goma de Mitila.* P39[1978] 4.2

**patavina** *s.f.* Coisa alguma, nada. *Literatura – Causa de que as melindrosas e os*

*almofadinhas não entendem patavina.* JMN185[1931] 15.1 *Vê-se, pela notícia, que quem a escreveu “ouvio cantar o galo mas não soube onde...” E “O Social” que não entende patavina de fascismo, copiou e ampliou a bobagem.* JL23[1934] 3.3 *Fazer tal afirmação é não entender patavina do assunto!* JS42[1951] 6.5

**patifaria** *s.f.* Falta de vergonha. *Namorada – Melindrosa incapaz de fazer uma carta sem erros, porem capaz de fazer com perfeição as maiores patifarias...* JMN185[1931] 10.1 *Só quem tiver parentes iguaes a aquela que está ali amarrada, é que poderá apoiar esta patifaria... E foi saindo...* C17[1933] 3.3 *Em 1962, comentando patifaria da política liberal em meu município, publiquei um folheto intitulado “Assalto ao Poder”, no qual está escrito: “Só há um jeito: – esperar...” “Esperar a Revolução!”* P29[1976] 4.1

**patranha** *s.f.* História mentirosa. *Ignoram ou fingem ignorar que, para um brasileiro merecer ser nomeado, pelo Presidente da República, para tão alta e nobre função, deve ser portador, antes de tudo, de respeitável dignidade pessoal, incompatível com patranhas, tramotes e trapaças da politicalha.* JGP85[1960] 5.5

**patrício** *s.m.* Pessoa natural da mesma localidade que outra. *Pensa bem, patrício; reflete seriamente e pede a Deus que te ilumine no sentido de votar bem, para servir bem, aos teus interesses, de tua família, de nossa Patria.* JS20[1950] 6.4 *Conversei com patrícios de todas as correntes a proposito da personalidade impar do Heroi de Copacabana: é unanime a admiração.* JS22[1950] 5.1 *Meu patrício deste município, desta região, dêste pedaço de chão da Bahia.* P15[1970] 2.1

**pau que nace tôrto, torto fica [pau que nasce torto]** *UF* Pessoa que faz sempre coisa errada. – *Quem nace pra cachorro morre latino. Achei muito interessante esta variante do velho adagio: – “Pau que nace tôrto, torto fica”.* C5[1933] 8.2

**pé de cajá** *s.m.* Cajazeira. – *Cadê o balaio grande? / – Ficou lá na bêra do pé de cajá!* C7[1933] 14.2

**pegado no grosso [pegar no grosso]** *UF* Trabalho pesado. *Faça sol ou caia chuva,*

*Coronel Salú está pegado no grosso. Ora no cavador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo aceiros.* [C32\[1933\] 2.2](#)

**pegar em asa de caixão de defunto** *UF* Fazer coisa errada. *Voltar em Waldir, pois, é votar no pior, é votar no derrotado, é pegar em asa de caixão de defunto e de defunto “runhe”.* [P4\[1962\] 9.1](#)

**pegar o serviço** *UF* Trabalhar. *O senhor que me apareceu para “pegar o serviço”, era desses matutos que gostam de falar difícil.* [C50\[1933\] 5.1](#)

**pelêgo [pelego]** *s.m.* Pessoa que foi cooptada, mudou de lado; agente disfarçado. *Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do Brasil contra a claque de pelêgos, comunistas e cretininos – claque que o pelêgo João Gulart confundia com o Povo.* [P7\[1964\] 4.1](#) *Continuarão sem direitos políticos cassados vermelhos e pelêgos tipo Abelardo Jurema e Waldir Pires?* [P7\[1964\] 4.6](#)

**pendurar as chuteiras** *UF* Desistir de algo. *Intenção de “pendurar as chuteiras...” Isto é: de parar a minha pena, entrega-la à ferrugem. Pena que escrevia sonetos, redondilhas, poemas e crônicas, nesta onda de “pendurar chuteiras”... onde muitas vezes repetida, quebrando-se nas rochas de acontecimentos imprevistos.* [P37\[1978\] 2.2](#)

**pentear macacos** *UF* Mandar alguém parar de incomodar. *E quanto aos sertanejos... que fossem pentear macacos... Como se faz com menino, a quem se dá bombom pra não chorar, pra não fazer berreiro.* [JS49\[1951\] 3.10](#)

**pérgola** *s.f.* Construção com teto vazado, coberta de barrotes sustentados por pilares. *12 de janeiro de 1974 aqui em Mundo Novo foi um dia diferente, um dia “fora de série”: ruas enfeitadas de bandeirinhas do Brasil e bandeiras da Bahia, faixas bonitas enfeitando a pérgola no centro da praça principal e o trio elétrico Marajós mandando brasas com o povo pulando, cantando, dançando nas ruas!* [P21\[1974\] 2.1](#)

**peste vermelha** *s.f.* Uso metafórico, comunismo.

*A peste vermelha rotulada de “nacionalismo”, continuará a ser tolerada nas escolas, nos bancos, na Petrobrás, nas repartições públicas?* [P7\[1964\] 4.3](#)

**picareta** *s.f.* Instrumento de ferro encurvado de duas pontas e cabo comprido, que serve para arrancar pedras, raízes de plantas etc. *Desta vez levamos uma turma de trabalhadores armados de enxada, alavanca, picareta, etc.* [C41\[1933\] 6.2](#)

**pilastra** *s.f.* Pilar, coluna. *As tentativas de desmoralizar a Revolução com greves e quebra-quebras foram estancadas com os Atos Institucionais que se tornaram pilastras, alicerces, garantia de permanência do Poder Revolucionário.* [P26\[1975\] 2.4](#) *Mas os saudosistas, embriagados de liberalismo superado, suicida, não perderam a esperança de, mais hoje, mais amanhã, exterminarem as pilastras, o sustentáculo da Revolução que são os Atos Institucionais, especialmente o Ato Institucional nº 5.* [P26\[1975\] 2.5](#)

**pilheria [pilhéria]** *s.f.* Dito engraçado, sarcástico, espirituoso. *Mais uma vez êle sorriu com a pilheria.* [JMN189\[1931\] 20.1](#) *Para se ter uma ideia de sua bondade, vou contar uma pilheria que os colegas faziam com êle...* [JMN199\[1931\] 8.3](#) *Tencionava fazer-lhe uma pilheria de mau gosto – acordal-o antes das oito. Mas perdi de gosar a pilheria porque não o encontrei.* [JMN223\[1932\] 2.2](#)

**pilheriando [pilheriar]** *v.i.* Fazer graça. *Seguem suas cartas. Eu estava pilheriando. Do seu pequeno amigo e criado respeitador. – Fulano.* [JMN189\[1931\] 19.2](#)

**pilherico [pilhérico]** *adj.* Pessoa engraçada, espirituosa. *Ermiro, pilherico, procurando desfazer a carranca do ambiente: – Quem foi que morreu, Mariinha?* [C20\[1933\] 3.1](#)

**pilunga** *s.f.* Cavalos de má qualidade; pangaré. *Acontecia que toda tarde Zé Vêio passava por ali, com seu “pilunga”, de volta da roça. Já andava meio curvu, arrimado ao “pilunga”. Enchergava pouco.* [JL34\[1934\] 5.2](#)

**pinga** *s.f.* Cachaça. *Lembro de seu companheiro de pinga – Pedro Zóio, bebendo cachaça e fazendo barulho aos domingos... Mestre Elias... Zé Trapaiado...* [P39\[1978\] 3.4](#)

**pingar o ponto final** *UF* Concluir. *Releiam a*

nota de 1927, releiam a nota de 1931; comparem e façam palpites... se quiserem, se não quiserem façam como eu que vou pingar o ponto final aqui mesmo, sem palpites nenhum. JMN200[1932] 14.2 Quisera ir alem, transcrever todo capitulo, para dar ao leitor uma idéa do que seja “Lenita” e, principalmente, do que seja o talento grande, aristocratico, muito alto, de Jorge Amado. Infelizmente o espaço não permite ir adiante. É-me forçoso pingar o ponto final. JMN204[1932] 15.3 Meu caro: já me alonguei demais. Gostaria de continuar. Mas urge pingar o ponto final. P5[1962] 13.3

**pissuido [possuído]** *adj.* De que se tem posse. *E concludo:* – “Fio e nicissidade é o pissuido de gente pobe. C12[1933] 19.1

**plebiscito** *s.m.* Consulta ao povo sobre uma questão específica, referendando, com sim ou não, uma situação. *Dizíá-se criadôra de um “município” bahiano, sem plebiscito e sem anuência da Câmara de Vereadores do Município matriz. JGP69a[1960] 5.10* Anexaram ao seu território, sem plebiscito e sem autorização de Câmara de Vereadores, os distritos do Largo e do França. P3[1960] 3.7 Mundo Novo não tinha, como não tem, nenhuma obrigação de completar territórios piritibanos com territórios de outros distritos cujas populações não sejam ouvidas em plebiscito. P3[1960] 6.1

**plutocrata** *s.m.* Elite econômica do governo. *Êsses plutocratas que gastavam milhões em publicidades nos órgãos comunistas por velhacaria, ganância e covardia; êsses também ficarão impunes? P7[1964] 5.2* Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o nacionalismo da foíce e do martelo. P7[1964] 7.1

**podridão** *s.f.* Comportamento moralmente condenável. *Só nos resta, pois, transformar a nossa pena em maquina fotográfica para fotografar e exhibir em crônicas como esta, as podridões marcantes de sua passagem pelo poder em nosso município, para grande vergonha desta terra. P11[1967] 7.3* Incólumes apesar de denuncia e publicidade das podridões com provas abundantes, esmagadoras, insofismáveis! P13[1969] 6.4 Vocês derramaram podridão

sobre o nome de Mundo Novo: – A lama infecta da ingratidão, com o que se revelaram podres! e quem se revê-la podre não tem autoridade moral para apontar a podridão dos outros! P25[1974] 7.1

**podriqueira** *s.f.* Grande quantidade de coisas sujas. *Muita podriqueira na vida pública de nossa terra não pode ser denunciada por isto: são safadezas reais que todos sabem, comentam, mas que ninguem pode provar. P8[1966] 3.1*

**politicagem** *s.f.* Ação política com o objetivo de atender interesses pessoais. *Porque quando vejo os municípios entregues à mesma politicagem sórdida dos anos anteriores à Revolução, fico sem graça, fico triste, fico sem esperança de que estas misérias municipais acabem sendo focalizadas pela Revolução, para o seu extermínio definitivo! P22[1974] 5.2* Mas, antes que minha pena entre em férias, quero fazer um pronunciamento necessário: – Apesar das explorações da sórdida politicagem local, o Dr. Antônio Carlos continua ocupando grande espaço na minha admiração e na minha gratidão mundonovenses. P45[1982] 11.1

**politicalha** *s.f.* Ação política praticada para atender interesses particulares ou mesquinhos. *E isto, por sua vez, significa: fora dos fuxicos, das fofocas, das intrigas, das imundícies, das misérias humanas da politicalha. P19[1972] 3.4*

**politiqueiro** *adj.* Que faz politicagem. *Meu carater reto e puro não se fez para curvar-se e lamear-se nas porcarias dos politiqueiros. JL17[1933] 3.8* O Integralismo ha de arrancar o Brasil das garras dos politiqueiros inconcientes! JL17[1933] 6.4

**politique** *s.f.* Ação política praticada para atender interesses particulares ou mesquinhos de politiqueiro, que se ocupa muito da política partidária. *Nós os Mottas, estariamos passando atestado de burrice se fizéssemos questão de permanecer no campo sujo da politiquice municipal, em disputa de cargos que “cada vez mais valem cada vez menos”. P19[1972] 7.3*

**politiquismo** *s.f.* Política mesquinha de interesses pessoais. *A Revolução que invoquei em 1962, quando num artigo que publiquei comentando sujeiras do*

*politiquismo municipal, escrevi: “só nos resta esperar... Esperar a Revolução!”* P22[1974] 6.3

**ponta de trilhos** *s.f.* Final de linha. *Vejam os: – o povoado das Cinco Varzeas, com a chegada da ponta de trilhos da “Leste”, tornou-se comércio de Piritiba.* P3[1960] 3.1

**pontapé** *s.m.* Ação ou atitude que expressa profunda ingratidão. *Ao Governador que tudo nos deu, vocês dão pontapés. A Honorato Viana que nunca nos deu nada, vocês dão votos. Podridão! Basta de podridões!* P25[1974] 7.3

**português de carroceiro** *UF* Variante do PB usado por não escolarizados. *Março, 1967: – alguém me mostra um folheto num português a grosso modo, português de carroceiro, escrito não sei por quem e assinado por nosso “amigo” prefeito, Osvaldo Paulino Vitoria, “o invencível.”* P10[1967] 4.1

**posa [pousa]** *s.f.* Pousar; lugar. *A cidade de Mundo Novo, de vez em quando é posa da gripe, do tifo, e se tem se dado caso até de febre amarela, graça á sua imundície.* C18[1933] 2.1

**pote** *s.m.* Vasilha de barro utilizada para transportar ou armazenar água. – *Tai gente! Tai! esse home isperano chuva do nacente. Quá, meu véio, pode imborcá seu pote!* C12[1933] 16.1

**pra mode [por amor de]** *UF* A fim de. *Vomicê devia era mandá o Joaquim tambem pra mode aprende iscrevê o nome.* C7[1933] 16.3 *Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vês qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode votá.* C7[1933] 18.2 *Só tá fartano é um istrangêro pra mode rancá.* C41[1933] 4.3 *Tomara qui eu ache um do tamanho dum parmo de minha mão, pra mode eu mandá pru governo.* C41[1933] 14.3

**precisam [precisar]** (var. **pricisano**) *v.t.* Ter necessidade de alguma coisa. – *Menina, o*

*povo anda sôrto no mundo, pricisano de muito castigo.* JS35[1950] 11.1 *Sentem que precisam de algo que os alivie.* JS40[1951] 4.1

**prejuízo [prejuízo]** *s.m.* Uso metafórico, cachaça. *E virando-se para o dono da venda: – Joaquim! traz ai uns copo e uma garrafa de “prejuízo”.* C12[1933] 7.2

**pricisano** var. de **precisam [precisar]**

**pricurano** var. de **procurar**

**procurar** (var. **pricurano**) *v.t.* Tentar encontrar. *A’ noite, depois de fechar a farmacia, a primeira cousa que fiz foi procurar o meu amigo para me dar o prometido.* JMN193[1931] 2.2 *Se é de pagá a gente pra prantá mãodoca, paga á gente mais é pra cavar cacimba im cacurute de serra, pricurano o qui nan guardaro.* C41[1933] 9.2

**prosa macarronica [prosa macarrônica]** *UF* Texto mal escrito. *Ha muito que minha pena vive jogada ao pó do esquecimento. Hoje, porem, entendi de mandar a preguiça às favas, e comecei por escrever oito paginas de prosa macarronica.* JMN191[1931] 3.2

**pum riba [por em riba de]** *UF* Em cima de. *Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um quilo de calaborêto, como todo, adespois ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco.* C24[1933] 2.3

**punhado<sub>1</sub>** *s.m.* Medida de volume relativa, porção que cabe dentro da mão. *Chega junto dum sacco de milho, apanha um punhado, olha, quebra um carôço “no dente” e pergunta ao vendedor: – “A cuma tá dano?”* C8[1933] 2.2 *Bote um punhado na bôca, mastigue e oie pra mim!* C25[1933] 2.5

**punhado<sub>2</sub>** *s.m.* Quantidade. *Penso que tu também não demorarás aparecer com um punhado de “rimas que estalam como castanholas”.* JMN191[1931] 31.4 *Palpateiros e palpites... estão surgindo aos punhados, embora muita água ainda tenha de rolar debaixo da ponte.* P44[1982] 2.1

# Q q

**quando a casa cair** var. de **a casa cai**

**quebrá gaio [quebrar galho]** UF Fazer serviço avulso. *Toma tento, Outonha! Cum os deabo de tanto quebrá gaio! Tomara qui seu Totonho veja pra tu vê os isbregue!* C7[1933] 21.2

**quem não chora não mama** UF Se não pedir, ninguém vai dar. *Culpo os residentes atuais que não botam a boca no mundo, gritando*

*por reposição de lâmpadas... e lâmpadas que não façam papel de fífós... “Quem não chora não mama”, minha gente!* P39[1978] 4.14

**quem nasce pra cachorro morre latino** UF Ninguém muda. – *Quem nasce pra cachorro morre latino. Achei muito interessante esta variante do velho adagio: – “Pau que nasce tôrto, torto fica”.* C5[1933] 8.1

# R r

- rabiscar** *v.t.* Compor texto; escrever. *E eu fui á missa, isto é, à festa. Levava fome de assunto para rabiscar.* [JMN203\[1932\] 4.2](#)
- raiz<sub>1</sub>** *s.f.* Parte de uma planta vascular que geralmente cresce para baixo e dentro do solo. *Quando adoecem apelam para os chás de folhas ou de raízes porque remédio de farmácia está se tornando, cada vez mais, privilégio de gente rica.* [P18\[1972\] 5.11](#)
- raiz<sub>2</sub>** (var. **raizinha**) *s.f.* Origem; base política. *Tarefa um tanto ou quanto esquisita: fazer primeiro a planta para depois lhe arranjar as raízes... Ha muito tempo que existe o PTB e agora os petebistas estão descobrindo que ele não tem raízes... E a UDN e o PSD que dirão a respeito?* [JS33\[1950\] 3.3](#) *Não irão fazer também uma forcinha para ver se conseguem arranjar alguma raizinha?* [JS33\[1950\] 3.4](#) *As raízes desses partidos existem mais não são ideológicas... São os gestos automatizados da tradicional inconsciência política de nossa gente.* [JS33\[1950\] 3.7](#)
- raizinha** var. de **raiz<sub>2</sub>**
- rancho** *s.m.* Casebre rústico. *Pedem, às vezes, ao fazendeiro que permita fazer um rancho e botar uma roça; e o fazendeiro, quase sempre, accede.* [P18\[1972\] 5.5](#)
- rangenta [rangente]** *adj.* Que range, que produz rangido, barulho. [...] *eu, aqui no meu quarto em cuecas, sentado em uma "rangenta" cadeira de pau, tamborilando os dedos sobre a mesa, estou cantando: Sou da fuzarca!* [JMN197\[1931\] 9.2](#)
- rapadura** (var. **raspadura**; **raspadurinhas**) *s.f.* Açúcar mascavo, em forma de pequenos tijolos. *Foi numa banca de raspadurinhas. Chega um rapaz e pergunta ao dono das raspaduras: – A cuma é isto? C9[1933] 2.3* *O rapaz, muito calmo, se emenda: – A cuma é a rapadura? C9[1933] 5.3* *A' hora do almoço fizemos um fogo para o café; ao lado estendemos uma toalha, distribuimos as colheres e, sentados em pedras grandes, puzemo-nos á farofia com carne assada e raspadura.* [C41\[1933\] 15.1](#)
- rapariga** *s.f.* Mulher jovem. *A rapariga trazia nos olhos uma infinidade de interrogações.* [JMN219\[1932\] 12.5](#) *A rapariga tinha um sorriso de esboço.* [JMN219\[1932\] 12.3](#)
- rapasiada [rapaziada]** *s.f.* Muitos rapazes. *Foi a rapasiada do MNP que saiu às ruas do Brasil desfraldando a Bandeira que empolgou a Nação em: 1945.* [JS22\[1950\] 5.14](#)
- rapazóta [rapazote]** *s.m.* Rapaz jovem; moço. *Um rapazóta que garatuje meia duzia de versos ou algumas linhas de prosa e se diga grande, talento, não é um modesto, é um grandissisimo imbecil.* [JMN207\[1932\] 8.3](#)
- raposa** *s.f.* Uso metafórico, gente esperta, astuciosa. *A espantosa mediocridade dessas raposas não teve engenho para fabricar novas infâmias.* [JS22\[1950\] 8.2](#) *Burrismo dos baianos, deixando de eleger grandes homens para elegerem raposas, mediocridades intelectuais, culturais e morais.* [JGP89\[1961\] 4.3](#) *É preciso que esta distinção seja feita, expressa, esclarecida com muita nitidez ao povo, para evitar que este acabe se deixando levar pelo canto de sereia das raposas liberais.* [P26\[1975\] 3.7](#) *E se a Revolução não responder à altura, as raposas comuno-liberais voltarão a tomar conta deste País.* [P29\[1976\] 2.9](#)
- raspadura** var. de **rapadura**
- raspadurinhas** var. de **rapadura**
- reboição** *s.m.* Agitação. *O dia da partida era um acontecimento, um reboição: cavahada, burro de carga, camarada, e o agrupamento em algazarra dos vizinhos, das comadres, na manhã da partida!* [JS13\[1950\] 2.8](#)
- reduzindo a farrapos [reduzir a farrapos]** *UF* Reduzir a pedaços. *Isto não está rasgando, reduzindo a farrapos, a bandeira da anti-corrupção, desfraldada pela Revolução?* [P33\[1976\] 10.7](#)
- regime da Revolução** (var. **regime revolucionário**) *UF* Modo de governo imputado pelo Regime Militar de 1964. *Depois de cinco anos de regime revolucionário, continuamos sem água*

*encanada, sem energia e sem asfalto, com a tão falada “estrada do feijão” virando piada!* P13[1969] 7.2 *Estamos vivendo em um regime no qual o brasileiro é livre para ter a religião que quiser, o estado civil que quiser, a profissão que quiser, a residência onde quiser e puder, enfim: o brasileiro vive em plena liberdade; liberdade mantida e defendida pelo regime da Revolução.* P30[1976] 2.1

**regime revolucionário** var. de **regime da Revolução**

**regrada** *adv.* Comedida. *O Manoelzinho aproveita-se da presença do medico para se desferrar de tantos dias de manteiga regrada...* C21[1933] 3.5

**remançosa** var. de **remansosa**

**remansosa** (var. **remançosa**) *adj.* Em que há tranquilidade, sossego. *Eis-me de novo “na remançosa paz da rustica fazenda, á luz quente do sol”; pensando na cidade; sentindo a saudade da alegria daquela gente, alegria comunicativa como a tristesa dos logares tristes...* JMN201[1932] 3.1 *Minha sensibilidade já está cansada de viver esta “remansosa paz de rustica fazenda”.* JL25[1934] 3.6

**remendo** *s.m.* *E vão apertando mais o cinto e aumentando os remendos que roupa nova está ficando coisa impossivel.* JS40[1951] 3.17

**Revolução** *s.f.* Movimento de um povo que busca alterar o status quo vigente. *Esta Revolução é Revolução com R maiúsculo!* P20[1973] 6.1 *Não é de admirar que o décimo aniversário da grande Revolução Redentora do Brasil tenha passado sem nenhuma comemoração nesta cidade!* P22[1974] 4.1 *E se a Revolução não responder à altura, as raposas comunoliberais voltarão a tomar conta deste País, retornando todas as greves e bagunças que levaram o Brasil à ruína quase total nos anos que precederam o 31 de março de 1964.* P29[1976] 2.9 *Hoje, graças à Revolução, temos asfalto, energia, hospitais, aposentadoria para os velhos de nossos campos, velhos que antes da Revolução viviam na mendicância ou morrendo à míngua de tudo.* P30[1976] 4.8

**Revolução Brasileira** *UF* Golpe militar ao Governo do Brasil, em 1964. *Concluimos, assim, que a Revolução Brasileira não salvou*

*apenas o Brasil, salvou o mundo!* P13[1969] 8.8 *“Moças e moços: Meninos e meninas aqui presentes como uma pequena representação da juventude nacional: quero afirmar a vocês, o seguinte: — Se não tivesse havido a Revolução Brasileira de 31 de março de 1964, os futuros filhos de vocês não teriam a glória de nascerem livres.* P13[1969] 10.1 *A Revolução Brasileira, que se difere profundamente da Revolução Francêsa, da Revolução Russa, da Revolução Cubana, de todas as revoluções do mundo. As outras produziram guilhotinas, campos de torturas, escravidões. A Revolução Brasileira faz milagres.* P18[1972] 6.7 *Mundo Novo, 31 de março de 1973, ano nono da Revolução Brasileira.* P20[1973] 8.1

**reza**<sub>1</sub> *v.i.* Ação de rezar; súplica feita à divindade, oração. *A muié reza, a muié acende vela, a muié apaga vela... gente, quanto licotixo!* C46[1933] 10.4 *E eles rezavam assim: — “Creio na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna.* P1[1949] 6.5 *Rezem pedindo a Deus que ilumine o Presidente.* P18[1972] 6.16

**reza**<sub>2</sub> *s.f.* Festejo do calendário religioso da Igreja Católica. *Em casa de João Grilo, (agregado), houve reza e depois da reza o pandeiro e a viola entraram em cena.* C45[1933] 3.2 *O batuque harmonizador da reza e do samba: “São João gosta de samba; Apois bem vamo sambá.”* C45[1933] 4.1

**riba** *adv.* De cima. *Indêrna de pequena que eu vejo dizê: Inverno de riba, trovada de baixo e palavra de homê do orobó, é tudo uma coisa só!* C12[1933] 16.5

**rivoada de infancias** [**revoada de infância**] *UF* Grupo de crianças. *Vêjo, perto do “caldeirão” que lá existe os umbuzeiros grandes em que eu subia à cata dos umbús; as arapucas que eu armava para pegar os sabiás ingenuos; os tanques, aos quaes, muita vez, em meio a uma rivoada de infancias em algazarra, eu me ia a correr, para admirar a belêza das inchentes...* JMN182[1931] 3.2

**roça** (var. **rocinhas**) *s.f.* Pequena lavoura. *Outro me disse: “Home eu vou votá pra nan perde minha roça.* JL67[1934] 7.1 *E quem mais sofre as consequencias da politica errada, é o pobre, principalmente o pobre que vive nas*

*labutas da roça. JS23[1950] 3.11 Depois, no fim de novembro, vem a fartura molhando as roças e as pastagens, correndo nos riachos e inundando de alegria o espirito de todos, principalmente daqueles que tiram da terra o pão de cada dia. JS29[1950] 13.2 Quando caba daí, o patrão nan deixa qui eu bote um taco de roça na fazenda e nan deixa qui eu crie uma porca. JS31[1950] 4.13 Não são, tais trabalhadores, empregados de ninguém, são trabalhadores de todos os vizinhos: trabalham hoje a um fazendeiro, amanhã a outro, depois a outro, com intervalos de diárias dadas em suas próprias rocinhas, pequenas lavouras de mandioca, mamona, milho e feijão. P18[1972] 5.2 Assim, para aquele homem simples, da roça, tal tipo de “negócio” não é corrupção, é uma questão de machismo. P33[1976] 3.3*

**roçagem** *s.m.* Ato de limpar ou preparar a terra para o plantio. *No Indaí: extinção das capoeiras em que estavam transformadas as ruas; roçagem da estrada pedestre Covão – Jequitibá. P12[1967] 20.1 Na Barra: limpeza geral do povoado; limpeza do cemitério; início de reconstrução da rodagem de entrada para o povoado; roçagem da estrada Barra – Caraunão. P12[1967] 21.1*

**rocinhas** var. de **roça**

**rodagem** *s.f.* Estrada. *E a estrada de rodagem já chegou a Mundo Nova e vae andando a caminho de Chique-Chique... JS13[1950] 3.3 As rodagens com buraqueiras incríveis e mata-burros para equilibristas do volante, apesar dos milhões de verbas despejados nas prefeituras. P8[1966] 4.2 Aos homens responsáveis pelos departamentos de estradas de rodagem devem ser feitos apêlos no sentido de que venha a fiscalização para a aplicação das verbas específicas! P8[1966] 5.1*

**rouge** [**ruge**] *s.m.* Cosmético em pó, avermelhado, que se aplica no rosto para

deixá-lo corado. *Na mulher: – deposito de grampos, pentes, argolas, baton, rouge, pó de arroz etc. JMN185[1931] 14.2*

**ruim**<sub>1</sub> *adj.* Que não produz os resultados esperados; inadequado. *Disse-lhe que desejava fazer a latrina com parêdes de palha de palmeiras; acrescentei que estava sem resolver se faria assim ou não, porque assim, quando as folhas secassem poderia a coisa ficar ruim... fendas, um olhar curioso de quem passasse, etc. C50[1933] 6.1*

**ruim**<sub>2</sub> (var. **runhe**) *adj.* Que não tem bons sentimentos, que pratica atos maus; imprestável. *Tenho pena de você mas não o acúdo porque sou homem, sou ruim. JMN211[1932] 7.11 A sabedoria popular recomenda que não se deve gastar muita cera com defunto “runhe”. P10[1967] 16.2 O Governador que tem sido bom para os outros não vai ser ruim para nós. P31[1976] 4.3 Raimundo nunca soube ser ruim para ninguém. P43[1982] 3.2*

**rumando** [**rumar**] *v.t.* Ir; tomar uma direção. *Depois de horas de espera, apelaram para o “bonde canela”, rumando para o Cobé, (sete quilômetros) onde tentariam encontrar um transporte. P22[1974] 2.4*

**runhe** var. de **ruim**<sub>2</sub>

**runhe** [**ruim**] *adj.* Que está doente. – *Sêo doutô! Descurpe incomodá Vossa Senhoria uma hora dessa! Mas é porque eu tou runhe, sêo doutô! Tou bem runhe! Vomicê me sarvê! Eu tenho um bando de fio pequeno, vomicê me sarve! C11[1933] 6.2 – Tomou as capsula? / – Tomei, sêo doutô! Mais tou runhe! Cum licença da palavra, não mijo mais mijo! Só tou mijano o fé, seu Doutô! C11[1933] 8.2*

**rusga** *s.f.* Briga; desentendimento. *Apesar disto, teve, certa vez, uma rusga com a mulher, rusga que acabou em separação. C36[1933] 3.3*



# S S

**sabidório** *adj.* Homem esperto; trapaceiro. *É o que faz, mais uma vez, esse sabidório Osvaldo Paulino Vitória, tentando, num folhetote, justificar o injustificável apodrecimento de dezenas de sacos de milho, de trigo, de alimentos, destinados pelo povo norte-americano ao Brasil.* P11[1967] 2.2

**sabiduriagem** *s.f.* Falso conhecimento. *Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas botando falações, "sabiduriagens", nas farmácias, nos lares, nas esquinas; enchendo suas bôcas embigodadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou.* P7[1964] 3.4

**safadeza** *s.f.* Procedimento desleal. *Muita podriqueira na vida pública de nossa terra não pode ser denunciada por isto: são safadezas reais que todos sabem, comentam, mas que ninguém pode provar.* P8[1966] 3.1 *E deram um Basta! á safadeza, tirando ao demagogo os 422 votos de vantagem que lhe deram na eleição passada, e dando, ainda, 435 votos de frente ao jovem fazendeiro, trabalhador e honesto, Ederval Neri.* P9[1966] 6.5

**saiu o tiro pela culatra [sair o tiro pela culatra]** *UF* Não dar certo. *Se houve má intenção de quem lançou tal apelido, saiu o tiro pela culatra, porque elas gostaram e o adotaram.* P44[1982] 13.1

**sangue-suga [sanguessuga]** *s.m.* Pessoa que parasita outra, sugando-lhe a energia e os bens. *No Liberalismo está incluída a liberdade do grande esfolar o pequeno, do rico ser sangue-suga do suor do pobre, etc.* JS37[1951] 5.8

**sanguinário imperialismo russo** *UF* Regime comunista. *Mostremos que temos vergonha na cara não votando no vendedor de pedaços de nosso torrão, negando nosso apoio ao péssimo, ao derrotado candidato dos entreguistas que pretendem entregar a nossa Pátria ao domínio ateu e sanguinário do imperialismo russo.* P4[1962] 11.2 *Pobres "inocentes úteis" cretinizados nos colégios,*

*nos bancos, nas repartições públicas, nas fábricas, nos sindicatos, em toda parte onde conseguiu penetração a diabólica organização cretinizadora do sanguinário imperialismo russo.* P7[1964] 3.3

**santo de pau ôco** *UF* Indivíduo de caráter duvidoso, com ações fraudulentas. *Este povo já lhe disse, em 15 de novembro, pela boca das urnas, que está acordado para suas delicadezas de santo de pau ôco.* P11[1967] 5.5

**seabrista** *s.m.* Partidários de José Joaquim Seabra. *Os seabristas entendem que a Bahia é lugar de engordar magro e querem engordar-se, querem porque querem... e, como não o conseguem, fazem isto: fuchicam...* JMN187[1931] 10.2

**seca** (var. **sêca**) *s.f.* Estiagem prolongada. *Quando a seca estava no auge, o sujeito abandonara a família e seguira sosinho para o sul.* C5[1933] 3.2 *Todo ano, nesta fase que abrange o fim de outubro e a primeira quinzena de novembro, a inquietação entra no coração do sertanejo, semeando pavôres de sêca.* JS29[1950] 3.1 *Basta que a chuva tarde mais um pouco, entramos a opinar sobre as causas da sêca, como se entendessemos algo a respeito...* JS35[1950] 5.2 *Na casa de farinha da fazenda, as mulheres discutem é se a sêca é ou não é um castigo por causa dos nossos pecados.* JS35[1950] 9.1 *Nós que vivemos aqui no interior, dando murros, longe dos confortos do asfalto, somos perseguidos por cinco tipos de pragas: sêca, aftosa, berne, lagarta e govêrno.* JGP95[1961] 2.2

**sêca** var. de **seca**

**secano [secar]** *v.i.* Perder peso; emagrecer. *Nan tenho natureza de cumê de manhã como os outro vaqueiro, só quebro o jijum cum café puro. O risurtado é qui tou secano.* JS31[1950] 4.8

**sedem** var. de **sedenho**

**sedenho** (var. **sedem**) *s.m.* Corda feita com crina de animal. *O velho José vaqueiro, morador no município de Djalma Dutra, é perito no fabrico de cabrêstos, peias, etc, de sedenho.*

C47[1933] 2.1 *Dona Fulana, fazendeira naquele município, gosta, como toda fazendeira que se presa, de ter tudo bom: cavalo, arreios, etc. Por isto estava desejosa de ter uma redea de sedenho branco, feita assim, assim e assim. C47[1933] 3.2 Sedem bom é difíce. C47[1933] 6.3 E, sem malícia alguma: – Por 2\$000, só se vomicê me dé o sedem! C47[1933] 9.1*

**serigaita** *s.f.* Mulher assanhada. *E atualmente já a cousa está muito mudada... quando não falha a carta dela no dia determinado, êle grita, furioso: “ora drogas! aquela serigaita não tem o que fazer e pensa que eu também não tenho, pensa que todo mundo é como ela, e toca a massar-me com cartas! JMN189[1931] 16.2*

**sifilitica** [**sifilítica**] *adj.* Uso metafórico que se refere a política suja. *Mas ela, sensual e moderna, ela, que trazia no corpo toda a degenerencia de uma raça preguiçosa e sifilitica, não se contentava com as frases belas de Costa Vieira. JMN204[1932] 14.1*

**siturdia** *adv.* Outro dia. *Siturdia eu ranquei uma carga de batata e fui vendê no Mont’Alegue. C38[1933] 2.3*

**sola** *s.f.* Parte do pé que assenta no chão. *Suas mãos calosas lebram “sola” de pés de negros sambistas. C32[1933] 2.4*

**solavanco** *s.m.* Sacudida brusca, geralmente de veículo em movimento. *Poeira, calôr, apertucho... e o vae-lá-vem-cá dos solavancos! JS18[1950] 3.7*

**soltadôres** [**soltador**] *s.m.* Quem cria o gado; fazendeiro. *Sempre que os nossos jornais comentam este problema, dizem bobagens quilométrais, como por exemplo, a afirmação de que soltadôres ou abatedôres fazem retenção de boiadas gôrdas para forçar altas. JS42[1951] 6.4*

**sombra com água fresca** *UF* Lugar agradável. *Bate-papo na “sombra com água fresca”. P18[1972] 2.7*

**subsídio** [**subsídio**] (var. **subsídios**) *s.m.* Provento e verba de representação. *Subsídios e salários estão sendo majorados. As taxas do Instituto dos Comerciantes também já deram seu pulosinho. JS40[1951] 3.3 Os Snrs membros do Congresso não querendo discutir, esquecem que precisamente para discutir é que foram eleitos, é que recebem gordos subsídios. P41[1981] 3.1*

**subsídios** var. de **subsídio** [**subsídio**]

**subversivo** *adj.* Qualidade do que é contrário a uma ordem estabelecida. *Período de demagogia repugnante que se utilizava do descarado “slogan” “do tostão contra o milhão”, numa tentativa subversiva de fazer luta de classe em nossa terra, jogando pobre contra ricos, empregados contra empregadores, com objetivos eleitoreiros. P9[1966] 6.2 As raposas de todos os quilates, corrúptos e subversivos, estavam nas ruas, nas escolas, no parlamento, nas assembleias, na imprensa, alardeando arrogâncias e prestígio, saudando sem temores nem escrúpulos, a volta daquele tenebroso 13 de março que motivou o luminoso 31 que é um 13 pelo avêssô! P13[1969] 5.5*

**suplício de Tântalo** *UF* Sofrimento incessante. *Depois de passar alguns dias em Salvador, chego encontrando a cidade sofrendo, mais uma vez, o suplício de Tântalo. P42[1981] 2.1*

**sururú** *s.m.* Briga, confusão. *Esperei uma resposta atrevida do comprador, e daí um sururú, faça fora, o deabo. C9[1933] 5.1*

# T t

**tabareo [tabaréu]** *s.m.* Indivíduo ingênuo que vive na zona rural. *E os tabareos mercando: – A farinha é bôa, rapaz!* C25[1933] 2.4 *Um dos tabareos presentes comentou: – Esse nosso Brasi tem é riqueza, de verdade.* C41[1933] 4.1 *Nada mais interessante que se ouvir um tabareo que gosta de “falar difícil.”* C43[1933] 2.1 *Como nota humorística, vale apenas citar aqui a opinião de um tabareo político.* JL68[1934] 9.1 *Não se conhecia o nome de Salvador ainda hoje na bôca do tabareo a capital é Bahia.* JS13[1950] 2.3

**taboca** *s.m.* Pequena casa de comércio, onde se vendem objetos de pouco valor. *Se quiser botar uma taboca aqui ou ali ou acolá dentro dos regulamentos legais, é livre para botar.* P15[1970] 2.6

**taco** (var. **taquinho**) *s.m.* Uma medida pequena; pedaço. *Quando caba daí, o patrão nan deixa qui eu bote um taco de roça na fazenda e nan deixa qui eu crie uma porca.* JS31[1950] 4.13 *Cum taco de roça e uma porca, a muié e os minino ia ajudando.* JS31[1950] 4.14 *E o taco de pano está ficando pelos olhos da cara.* JS40[1951] 3.12 *Rafael, por exemplo, vive no seu “taquinho de chão” que não tem capacidade produtiva capaz de dar sustento a uma família.* P18[1972] 5.3

**tampa a mala** *UF* Encerrar. *Mas passada a eleição... “é cuma lá se diz: tampa a mala, Luís!”* P10[1967] 10.2

**tangendo [tanger]** *v.t.* Apressar o animal para estimular na marcha. *Daí a expressão formidável de um tabareo que passou, ha pouco, de calças arregaçadas, pés na lama, tangendo um animal com caçuas de carne.* C23[1933] 4.6

**tanque** *s.m.* Reservatório que represa água da chuva. [...] *os tanques, aos quaes, muita vez, em meio a uma rivoada de infancias em algazarra, eu me ia a correr, para admirar a belêza das inchentes...* JMN182[1931] 3.2 *Os tanques já estão todos limpos, de bôccas abertas para o céu, esperando que a agua lhes cáia nas guelas.* JS29[1950] 12.3 *Em*

*março trouxe apenas chuvinhas esparsas que não resolveram o problema: não deram para refazer água nos tanques nem para garantir produção de lavouras.* JGP104[1961] 3.2

**taquinho** var. de **taco**

**tarefa<sub>1</sub>** *s.f.* Atividade a ser desenvolvida em um determinado prazo; incubência. *“O Social” de Cachoeira tomou a si a tarefa de transcrever todas as colunas, historietas e bobagens que as gazetas da Capital escrevam contra o integralismo.* JL23[1934] 2.1 *Tome a serio a tarefa de não permitir que “O Serrinhense” venha a tornar interromper a sua circulação.* JS3[1950] 7.2 *Não se compreende a realização de uma tarefa sem o previo pensamento expresso de tal tarefa.* JS33[1950] 4.6

**tarefa<sub>2</sub>** *s.f.* Unidade de medida agrária equivalente a 4.356 m<sup>2</sup> (na Bahia). *Pobres lavradores, donos de cinco, dez tarefas de terra, tiveram de pagar o imposto e, o que é peor, pagar com multa porque não pagaram em tempo, nem fizeram reclamação dentro do praso legal.* C37[1933] 2.3

**terra de ninguém** *UF* Território não ocupado, onde não existem leis. *É como se Mundo Novo fosse cão sem dono, terra de ninguém!* P42[1981] 2.5

**tendo fôlego de sete gatos [ter fôlego de sete gatos]** *UF* Ânimo, muita resistência para continuar. *No dia 12 de outubro de 1896, nasceu, na cidade de Mundo Novo, a sociedade filarmônica “Lira Mundonovense” que, tendo fôlego de sete gatos, só veio a ter o “consumatum est” no ano de 1933.* C42[1933] 2.1

**terreiro** *s.m.* Espaço grande à frente das casas. *O jegue com os caçuás carregando café para o terreiro.* C5[1933] 10.6 *Os donos das casas, de um lado e de outro de cada rua, varrem seus respectivos terreiros, empurrando o lixo para o centro.* C23[1933] 2.6 *A casa estava cheia de mulheres e meninos; e o terreiro repleto de homens e rapazes, assentados em paus espalhados no terreiro ou de cocoras em tórno da fogueira.*

C45[1933] 5.2

**tifo** *s.m.* Doença infectocontagiosa febril. *A cidade de Mundo Novo, de vez em quando é posa da gripe, do tifo, e se tem se dado caso até de febre amarela, graça á sua imundície.* C18[1933] 2.1

**tira colo [tiracolo]** *s.m.* Uma faixa cruzando o tronco, de um ombro ao outro lado do tronco, na altura da cintura. *Andavam nós em pêlo, pelas ruas, trazendo apenas a tira colo uma faixa na qual se lia o seguinte distico: “Abaixo a hipocrisia do Pudor!...”* JMN214[1932] 10.2

**tiririca** *adj.* Muito irritado. *Vê-se que Hormindo está tiririca com os seus colegas de “letra” da Bahia.* JL3[1933] 4.1

**titubeio [titubear]** *v.i.* Mostrar-se indeciso. *Leitor: –entre a Ressurreição e a reencarnação; entre Jesus e Kardec, não titubeio: – fico com Jesus.* P1[1949] 6.1

**tóecim** var. de **toucinho**

**tões** var. de **tostão**

**tomei um ferro danado** *UF* Ter prejuízo. *Um outro, não matuto, gente da cidade, comentava: – “Tomei um ferro danado!”* P33[1976] 5.1

**torrão** *s.m.* Pedaco de terra. *As raposas de todos os matizes da politicalha se entendem, se harmonizam, se “macomunam” quando tratam de reduzir o meu torrão a simples mercadoria de suas negociatas imundas.* JGP85[1960] 2.1 *Publiquei, tin tin por tinton, todas as tramas dessas raposas: das que assaltaram, das que estão assaltando e das que venham pretender assaltar o meu torrão.* JGP85[1960] 3.1 *Eis porque me levanto, em defesa dos direitos de meu torrão, com uma firmeza de propósito que não poderá ser abalada pelos poderosos arrogantes e crueis.* JGP85[1960] 10.1 *Educador de nossa gente: defensor da integridade de nosso torrão.* JGP66b[1960] 8.1 *Mostremos que temos vergonha na cara não votando no vendedor de pedaços de nosso torrão.* P4[1962] 11.2

**tostão** (var. **tões; tostõe**) *s.m.* Antiga moeda de níquel equivalente a 100 réis. *Oie qui a gente tê o trabaio de prantá, tratá, rancá, lavá na cacimba, levá pra fôra, pra fica tudo isso por cinco tostõe!* C38[1933] 2.6 – *Por quanto dá o caneco? / – Mil e dois tões.* C26[1933] 2.2

– *Home o copo é bom, bem furnido, mas porem nan tá prestano porque só tenho nove tostõe.* C26[1933] 3.1 *Durante o governo Balbino, Mundo Novo não viu a cara de nenhum tostão do Estado.* P6[1962] 6.5

**tostõe** var. de **tostão**

**toucinho** (var. **tóecim**) *s.m.* Gordura da barriga do porco. *Chamam-no “Manoel capado” porque ele é comprador de capados, negociante de toucinho.* C12[1933] 2.2 *Todo mundo sabe que meu negoço é capado, que é cum tóecim que faço farinha pra meus fio e por isso me chamam Mané Capado.* C12[1933] 18.3

**tramote** *s.m.* Intriga. *Ignoram ou fingem ignorar que, para um brasileiro merecer ser nomeado, pelo Presidente da República, para tão alta e nobre função, deve ser portador, antes de tudo, de respeitavel dignidade pessoal, incompativel com patranhas, tramotes e trapaças da politicalha.* JGP85[1960] 5.5

**trapaça** *s.f.* Fraude. *Ignoram ou fingem ignorar que, para um brasileiro merecer ser nomeado, pelo Presidente da República, para tão alta e nobre função, deve ser portador, antes de tudo, de respeitavel dignidade pessoal, incompativel com patranhas, tramotes e trapaças da politicalha.* JGP85[1960] 5.5

**trem<sub>1</sub>** *s.m.* Transporte ferroviário. *De Moscou a Charkow pode-se ir de trem ou de avião.* JMN217[1932] 3.3 *[...] e a revejo no trem fitando a paisagem tristemente.* JMN222[1932] 37.2 *Apezar de morar a poucas leguas da estrada de ferro, nunca Antonia preta vio um trem.* C22[1933] 2.3 *Vamicê bem qui tá sabeno qui né trem de vapô de decê pra baixo.* C31[1933] 5.2 *Mas até quando os passageiros de trens e marinetis viajarão, entre nós, sem contar com nenhuma consideração dos poderes publicos, nem para um minimo de conforto, nem mesmo para segurança de suas proprias vidas?* JS18[1950] 8.1

**trem<sub>2</sub>** *s.m.* Coisa. – *Aquele cara de cavalo é o trem mais runhe que o só de Deus incobre.* C5[1933] 5.1 *Ai ai qui a gente podesse vê os trem da roça tudo cum esse carate!* C10[1933] 3.2 – *Dizem qui no Mucambo tá apareceno um trem.* C31[1933] 2.1 *Mas pra distrinxar tanto trem só menmo uma cabeça*

*de doutou. C48[1933] 2.8*

**trincheira** *s.f.* Lado político. Aos argumentos acima, acrescenta-se o fator muito importante de terem os soldados do PRP trabalhado da vez passada no campo oposto ao do Brigadeiro e estarem, desta vez, com enorme entusiasmo e dedicação, na trincheira do soldado de Deus e do Brasil. JS21[1950] 7.2 Filho de operário combativo contra as

*trincheiras do Czarismo, inteligente e idealista, tornou-se elemento de destaque da juventude comunista. P7[1964] 2.2 Não seria agora, pelo fato de um antigo adversário se tornar Juracista que o Nelson iria deixar a trincheira em que viveu a vida toda. P24[1974] 2.10 Amigo: você me censura pelo fato de estar em trincheira onde estão antigos adversários. P45[1982] 6.1*

# U u

**urtiga** *s.f.* Planta brava, que tem pelos que causam forte irritação à pele. *Mas que se cante com o cérebro, mandando o coração às urtigas.* JMN191[1931] 10.6

**usurpou** [usurpar] *v.t.* Apossar-se indevidamente do que não lhe pertence. *Alegavam êles, que tais limites lhes foram*

*concedidos por políticos em Mundo Novo e não usurpados por êles, piritibanos.* P3[1960] 3.13 [...] *linha divisória que usurpou 150 quilômetros de territorio dos distritos de Alto Bonito e Séde de Mundo Novo.* JGP81[1960] 7.4

# V V

**vadiá** v.i. Ficar à toa, sem trabalhar. *Aqui leitor amigo, Saudade bate nos olhos pensativos... Tristeza apareceu e começou a cantar, baixinho, por estes versos ingenuos das meninas da roça: “Ô sodade leva eu pra lá... / ô sodade leva eu pra vadiá...”* JMN206[1932] 8.1 *É tudo isto que o sertanejo trabalhador exprime quando canta: “Eu vou dá pra vadiá / “Que os vadio tomêm come.* C2[1933] 2.3

**vaqueirice** s.f. Uso metafórico, submissão. *Porque votar é ato de consciência, e não de vaqueirice.* P44[1982] 6.13

**vaquirice [vaqueirice]** s.m. Ofício de vaqueiro. – *Que outro galho você pensa arranjar, Zeferino? / – Vaquirice de gado de cria numa fazenda qui o patrão deixe eu tê uma roça e criá uma porca.* JS31[1950] 8.1

**veixames** var. de **vexame**

**vendeu urubu por galinha** UF Fazer uma coisa passar por outra. *Não foi, como no passado, dinheiro de Zé Barriquinha comprando votos, dinheiro sujo de escroque, dinheiro de quem vendeu urubu por galinha.* P9[1966] 9.5

**venêta** s.f. Impulso; fazer algo sem motivo aparente. *Se a empresa deixa carro viajar sem freio; deixa faltar gasolina; deixa o “fiscal” esbarrar onde bem quer e quanto tempo lhe dê na venêta.* JS18[1950] 8.7

**vermelho** adj. Comunistas; a cor da bandeira, vermelho, para designar os simpatizantes do comunismo (metonímia). *Continuarão sem direitos políticos cassados vermelhos e pelêgos tipo Abelardo Jurema e Waldir Pires?* P7[1964] 4.6

**vermelhoide** s.m. Termo depreciativo para nomear os comunistas. *Para tristeza de liberaloides e vermelhoides saudosistas que andam berrando por “abertura democrática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vômito”, “os porcos querem voltar à lama”.* P22[1974] 8.2

**verminose** s.f. Qualquer afecção provocada por vermes. *O impaludismo, a verminose, a sêca, o governo, e outros males, não deixam o*

*sertanejo que trabalha tomar pé na vida.* C2[1933] 2.1

**vexame** (var. **veixames**) s.m. Humilhação. [...] *nestas condições, a não matança das vacas uteis estará garantida sem constrangimentos e vexames para o criador.* JS8[1950] 5.3 *RAIMUNDO no poder, a família mundonovense sabe que pode estar tranquila, com a certeza de que seus espôsos, espôsas, filhos, irmãos, professores, médicos, funcionários públicos não sofrerão veixames de ameaças de transferências ou demissões.* P44[1982] 7.2

**viajando a cascos** (var. **a cascos**) UF Longa caminhada de animais de um município a outro para ser abatido. *E principalmente: as boiadas gordas de Mundo Novo, Rui Barbosa, Monte Alegre, Macajuba, enfim: de toda esta zona de intensa produção; boiadas que continuam viajando a cascos para o abate em Salvador!* P16[1971] 4.4 *A cascos, perdendo centenas de arrobas em cada boiada! A cascos, como na era dos carros de bois! A cascos, nesta era do asfalto!* P16[1971] 5.1 *“As boiadas seriam transportadas como as de Minas, em poucas horas envez de muitos dias, em veículos modernos envez de penosas, longas e tristes caminhadas a cascos.* P16[1971] 8.2

**vidinha** s.f. Termo geralmente usado para desqualificar a vida de alguém. *Meu colega tinha que voltar à esta vidinha cansada e aborrecida de estudante...* JMN189[1931] 9.1 *Sempre esta mesma vidinha de todo dia: velha, cansada, aborrecida...* JMN202[1932] 7.4 *Caprichos e mistérios da vida; criaturas que nascem marcadas para grandes vôos, condenadas a viverem vidinhas obscuras, mediocres, apagadas, vidinhas de homens comuns, de homens sem marca.* JGP66b[1960] 3.1

**visagens** s.f. Aparição, fantasma, assombração. *Ante-ontem, conversando em uma roda de amigos, em casa do Coronel Isaias Lopes, êle; no momento em que a conversa girava sobre espiritismo, visagens, coisas do alem tumulo, etc.* C33[1933] 2.4

# X x

**xadrez** *s.m.* Cadeia; prisão. *Um padeiro de uma destas foi comprado pelos gringos e temperou o pão com querosene. Este foi parar no xadrez.* JMN209[1932] 13.1

**xingação** *s.f.* Ação ou efeito de insultar, afrontar, xingar. *Wilson Carvalho disse que não é facista, que não é maxista (e xingou o facismo e o maxismo, sem mostrar, em toda sua xingação, nenhum conhecimento daquele nem deste); fez um elogio rasgado ao comunismo, dizendo-se, porém, por falta de coragem de tomar uma atitude, que não é comunista.* JL16[1933] 7.3

**xodó** *s.m.* Pessoa muito estimada. *Pode chama-*

*lo não apenas de “meu povo”, pode chama-lo de “meu querido”, “meu bem querer”, “meu xodó”, “meu torrãozinho de açúcar”, e nem assim conseguirá que este povo volte a cair em seu abraço de tamanduá!* P11[1967] 6.1

**xorda** *s.f.* Ignora; não dá importância. *Parece que o idiota espando da notícia que “O Social” transcreveu, finge aceitar esta hipótese e por isto faz esta xorda. Se o fascismo estrangeiro, no Brasil, é um mal, contra este mal só pode haver um remédio: o fascismo brasileiro.* JL23[1934] 10.1



# Z z

**zebú [zebu]** *s.m.* Gado bovino originário da Ásia, resistente, que tem uma acentuada corcova no lombo, conhecido como cupim, e uma grande papada. *Chateaubriand: aqui em Mundo Novo ha um fazendeiro, pioneiro do zebú entre nós, que, a cerca de um ano, deu, por um garrote indubrasil em Minas, nada mais, nada menos, do que duzentos e cincoenta mil cruzeiros. JS42[1951] 4.2 O prestígio do zebú, fator decisivo no aumento da produção de carne está definitivamente assegurado, dispensando amparo oficial. JS42[1951] 6.12 Mundo Novo, a terra onde o zebú é o melhor. JGP87[1960] 2.4 Tomem nota: exposição de animais, na terra do zebú, de 15 a 17 de fevereiro de 1961. JGP87[1960] 3.7*

**zoada** *s.f.* Muitas vozes ao mesmo tempo; barulho. *Quando apontava na ladeira do corredor, era uma zoada alegre: “Lá vem Zé Véio! JL34[1934] 5.5*

**zombadores** *adj.* Pessoas que depreciam ou ridicularizam algo ou alguém. *Os “realistas”; os pragmaticos; os homens-praticos; os zombadores de doutrinas e dos teóricos; os*

*que acham que dinheiro resolve tudo, hão de notar que, cada vez mais, este mundo está se tornando um mundo diferente, onde dinheiro é apenas um valôr relativo. JS28[1950] 4.1 O riso dos zombadores que tentam ridicularizar a Religião, acaba sendo riso amarelo e ridiculo voltando o feitiço contra o feiticeiro. JGP70[1960] 4.2*

**zona** *s.f.* Região; município. *Em 1919, esteve aqui na fazenda, trabalhando na tiragem de uns rumos, o engenheiro, Dr. F..., então delegado de terras e minas desta zona. C39[1933] 2.2 Brasil é, aqui, sinonimo de zona, região, etc. C41[1933] 5.1 E principalmente: as boiadas gordas de Mundo Novo, Rui Barbosa, Monte Alegre, Macajuba, enfim: de toda esta zona de intensa produção; boiadas que continuam viajando a cascós para o abate em Salvador! P16[1971] 4.4 A suinocultura de Irecê não ficaria mais sem preço, sem compradores para essa produção, os cereais de toda esta zona rica não apodreceriam nas fontes de produção. P16[1971] 8.1*

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Vocabulário de Eulálio Motta*, que se apresenta como produto lexicográfico desta tese, evidenciou as marcas linguísticas do escritor e de seu entorno sociocultural. A seleção lexical empreendida por ele, na elaboração de seus textos, retrata a sua visão de mundo, a sua formação intelectual, ao mesmo tempo em que documenta a cultura e a história de um grupo social em uma determinada época. As unidades lexicais que compõem a macroestrutura do *Vocabulário de Eulálio Motta* remetem às histórias locais, expressões populares, crenças, festas populares, a questões políticas, sociais e religiosas, ao cotidiano do homem sertanejo do município de Mundo Novo e regiões circunvizinhas.

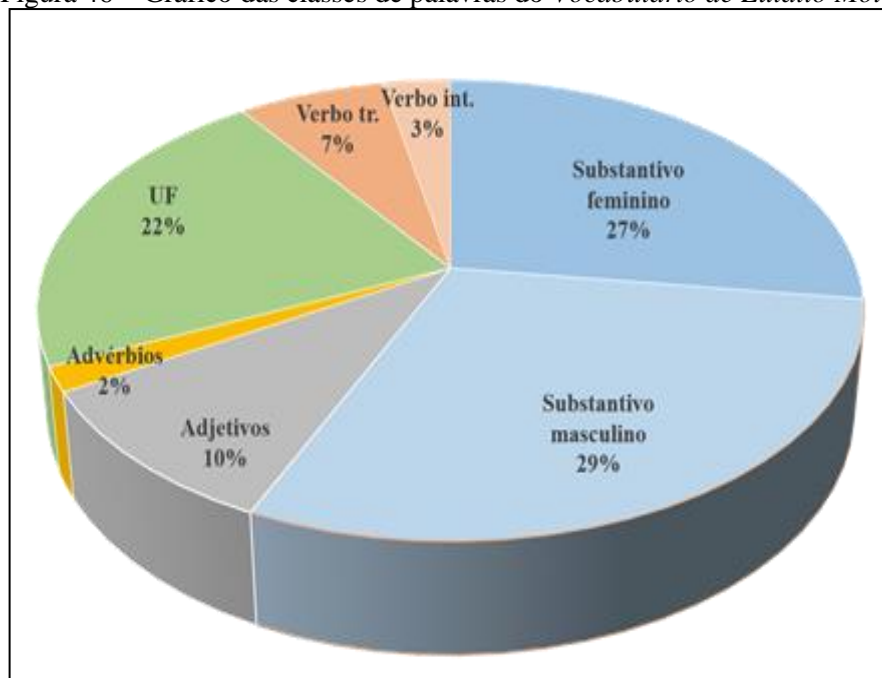
Nos causos, o “escriba da roça” defendeu os direitos dos trabalhadores rurais e trouxe à tona as problemáticas que assolavam o homem do campo, como a seca, as questões de saúde pública e a cobrança dos altos impostos. Nos jornais, o “poeta de água doce” narrou suas experiências da infância e da adolescência vividas na Vila Alto Bonito e na Fazenda Morro Alto, suas impressões da capital, comentou as publicações literárias e os acontecimentos políticos, locais e nacionais, participando ativamente do movimento integralista. Nos panfletos, o “Pasquineiro” assumiu o discurso político, em defesa de seus ideais, criticou a política partidária nos âmbitos municipal e estadual, defendeu a Ditadura Militar de 1964, e, após se converter ao Catolicismo, protagonizou vários embates religiosos em defesa da Igreja Católica.

A tese *O Vocabulário de Eulálio Motta* está vinculada ao Projeto de Pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução Nº 128/2008 e Nº 070/2016), que visa à edição e o estudo dos manuscritos e dos impressos que compõem o acervo do escritor. Este trabalho teve como objetivo principal inventariar as lexias simples, compostas e complexas presentes em 215 textos de Eulálio Motta para a organização de um vocabulário. A pesquisa empreendida foi subsidiada pelos princípios teórico-metodológicos da Lexicografia moderna (BIDERMAN, 1978; 1984; 1998; 2001; HAENSCH, 1982; WERNER, 1982; VILELA, 1983; 1995; PORTO DAPENA, 2002, entre outros) e da Linguística de *corpus* (BEBER SARDINHA, 2004; OTHERO; MENUZZI, 2005), resultando em um vocabulário com 700 entradas, organizadas de A a Z.

Para a construção do *Vocabulário de Eulálio Motta* utilizaram-se dois programas: o *AntConc*, que possibilitou a análise do *corpus*, e o *FLEx*, que permitiu a construção do banco de dados e a edição dos verbetes. Estas ferramentas computacionais mostraram-se eficientes para o propósito da pesquisa realizada, pois com elas foi possível coletar, selecionar, registrar,

analisar, aperfeiçoar, recuperar os dados e gerar um produto final em formato Word e eletrônico. Além disso, os *softwares* permitiram dimensionar o volume de dados do *corpus* e explorá-lo em sua totalidade de maneira rápida, observando as ocorrências e as variações de uso da língua. Deste modo, pode-se quantificar os dados extraídos como se demonstra na Figura 46 abaixo:

Figura 46 – Gráfico das classes de palavras do *Vocabulário de Eulálio Motta*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

As 700 unidades lexicais inventariadas foram classificadas em: substantivo feminino, substantivo masculino, verbo transitivo, verbo intransitivo, adjetivo, advérbio e unidade fraseológica, sendo 513 lexias simples, 35 lexias compostas e 152 lexias complexas.

Comprovou-se que os substantivos (masculinos e femininos) foram os mais produtivos, por conta da sua função de nomear seres, objetos e sentimentos. Observou-se que as lexias relacionadas a política foram as que mais se destacaram, sendo utilizadas em quase todos os textos analisados.

As variantes foram priorizadas na lematização do *Vocabulário de Eulálio Motta*, pois acredita-se que as marcas de uso da língua denotam o envolvimento histórico e sociocultural do escritor, especialmente no *corpus* analisado. Para cada categoria gramatical, registraram-se o número de variantes como se observa no Quadro 7 que segue:

Quadro 7 – Dados das classes de palavras que compõem o *Vocabulário de Eulálio Motta*

<b>Classe Gramatical</b>	<b>Nº de Entradas</b>	<b>Nº de variantes</b>	<b>Total de ocorrências</b>
<i>s.f.</i>	168	22	190
<i>s.m.</i>	181	26	207
<i>v.t.</i>	37	11	48
<i>v.i.</i>	21	1	22
<i>adj.</i>	63	6	69
<i>adv.</i>	10	2	12
<i>UF</i>	144	8	152
<b>TOTAL</b>	<b>624</b>	<b>76</b>	<b>700</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O trabalho aqui apresentado cumpriu o que foi proposto em seu projeto, o de inventariar e registrar o léxico utilizado pelo escritor Eulálio Motta. No entanto, ressalta-se que, devido a riqueza lexical do *corpus*, ainda há muito para ser estudado pelas possibilidades do uso criativo da língua e pelo sentido atribuído as palavras nos seus respectivos contextos.

A partir do trabalho lexicográfico realizado e dos dados obtidos, vários aspectos podem ser explorados em futuras pesquisas, relacionadas à formação histórica da Língua Portuguesa e à variação linguística. Uma possível aplicação pedagógica seria a utilização dos resultados desta pesquisa nas aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Posteriormente, pretende-se disponibilizar o produto desta tese, o *Vocabulário de Eulálio Motta*, no site do projeto de pesquisa e utilizá-lo para estruturar o léxico anotado das edições digitais dos textos que compõem o *corpus*.

Com esta tese, busca-se contribuir para a preservação de costumes e valores culturais do homem sertanejo, expresso no seu uso da língua, e corroborar a importância de se preservar, através de textos literários, a cultura, a língua e a história local do povo sertanejo do Semiárido Baiano.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. Cartas sôbre a Confederação dos Tamoyos por Ig. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa: teatro, poesia, crônica, ensaios literários, escritos políticos e epistolário*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, v. 4, p. 863-922.
- ALVES NETA, Amélia Saback. Atividade doutrinária: a “missão histórica” do jornal *O Serrinhense*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-BRASIL: conhecimento histórico e diálogo social, 27, 2013. *Anais...* Natal, RN, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364742720\\_ARQUIVO\\_TextoenviadoaANPUH-nacional2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364742720_ARQUIVO_TextoenviadoaANPUH-nacional2013.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2016.
- ALVES, Tainá M. L. *Edição e estudo do processo criativo do livro inédito Flores e Espinhos de Eulálio Motta*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA (em andamento).
- ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, v. 1, p. 189-198.
- ANTHONY, Laurence. AntConc (Versão 3.4.3) [Software de Computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. 2014. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/>>. Acesso em: 16 fev. 2017.
- ANTUNES, Carolina. *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. Relações língua sociedade e cultura na linguagem. *Revista de Letras*, Ceará, n. 32, v. 1, p. 96-102, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/1453/1351>>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. *A linguagem regional – popular no nordeste do Brasil: aspectos léxicos*. 2004. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/trabalho2.pdf>>. Acesso em: 21. ago. 2012.
- ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. *A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2011.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1972 [1943].
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

- BARBERINO, Amado. A História da Imprensa em Jacobina. *O Jornal*. Jacobina-BA, n. 5, p. 6, 15 jan. 1960.
- BARBERINO, Amado. A imprensa em Jacobina. *O Lidador*, Jacobina-BA, ano 1, n. 1, p. 1, 7 set. 1933.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Tradução e estudos interdisciplinares: a multiconceptualização do mundo. *Revista Italiano UERJ*. Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n 1, p. 67-842, 2010.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Réflexions sémantiques sur l'article dans l'oeuvre lexicographique. *Acta Semiotica et Linguistica*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 9-22, 1996.
- BARBOSA, Maria Aparecida. O Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll: Formação e Desenvolvimento. *Revista da ANPOLL*, João Pessoa, v. 1, p. 53-60, 1995a.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Ciência da Informação*, [S.l.], v. 24, n. 3, dez. 1995b. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/572/573>>. Acesso em: 16 fev. 2017.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2, 1990. *Anais...* Brasília, 1990. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/riterm/por/txt\\_simposios\\_anteriores\\_1990.html](http://www.ufrgs.br/riterm/por/txt_simposios_anteriores_1990.html)>. Acesso em: 16 maio 2016.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Modelos em lexicologia. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 9, p. 261-279, 1980. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115872>>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016.
- BARREIROS, Liliane L. S. O discurso jornalístico acerca de Lampião e de seu bando nos jornais Mundo Novo e O Lidador. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 62, p. 114-126, maio/ago. 2015.
- BARREIROS, Liliane L. S. A edição de Bahia Humorística de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 18, p. 9-26, 2014.
- BARREIROS, Liliane L. S. *Causos sertanejos em Bahia Humorística: enunciados da vida cotidiana sob a ótica de Mikhail Bakhtin*. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 17, p. 116-131, 2013.
- BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos*. 181f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Departamento de Ciências Humanas, campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.
- BARREIROS, Liliane L. S. Velha Novidade: “Quem nasce pra cachorro morre latino”. In: CARVALHO, Cristina dos S.; ROCHA, Flávia Aninger de B.; PARCERO, Lúcia Maria de J. (Org.). *Discurso e cultura: diálogos interdisciplinares*. Salvador: EDUNEB, p. 127-136, 2011a.

- BARREIROS, Liliane L. S. Vida sertaneja: edição e estudo de vocabulário dos males sertanejos. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, t. 3, p. 2636-2645, ago. 2011b.
- BARREIROS, Liliane L. S. Representações do cotidiano sertanejo na Bahia sob o olhar de Eulálio de Miranda Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, t. 3, p. 1869-1878, ago. 2010.
- BARREIROS, Liliane L. S. Bahia Deliciosamente Humorística: uma edição do *causo Otomove* de Eulálio de Miranda Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1699-1708, ago. 2009.
- BARREIROS, Patrício N. Itinerários do modernismo baiano: Sosígenes Costa, Bráulio de Abreu, Eulálio Motta e Eurico Alves. In: SILVA, Andréa do Nascimento M. (Org.). *Escuta de conchas: literaturas baianas*. Salvador: EDUNEB, 2016a, v. 1, p. 115-146.
- BARREIROS, Patrício N. O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico. *Revista Todas as Letras*. São Paulo, v. 18, p. 235-250, 2016b.
- BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015.
- BARREIROS, Patrício N. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. *Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas*. Champaign, EUA, v. 2, n. 2, p. 20-33, 2014a.
- BARREIROS, Patrício N. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições. *Linguística e Filologia Portuguesa*, São Paulo, v. 16, 2014b.
- BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta*. 325f. Tese (doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013a.
- BARREIROS, Patrício N. Clio: um diálogo com a musa nos bastidores da filologia. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 57, p. 45-63, 2013b.
- BARREIROS, Patrício N. A face humana do texto, um estudo das variantes em três sonetos de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 17, p. 33-53, ago. 2013c.
- BARREIROS, Patrício N. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2012.
- BARREIROS, Patrício N. A oficina do escritor e os projetos editoriais de Eulálio de Miranda Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 13, p. 1465-1480, ago. 2009.
- BARREIROS, Patrício Nunes. *Cantos tristes, no cemitério da ilusão: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta*. 2007. 346f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2007.
- BARREIROS, Patrício N. Da organização do espólio à edição crítica da obra de Eulálio de Miranda Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 9, p. 117-126, ago. 2005.
- BARREIROS, Patrício N.; ALVES, Tainá M. L. Edição semidiplomática do Caderno sem capa 1 de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 18, p. 163-177, ago. 2014.
- BARREIROS, Patrício N.; BARREIROS, Liliane L. S. O vocabulário da Ditadura Militar nos panfletos de Eulálio Motta. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-164, jul./dez. 2015.

- BARREIROS, Patrício N.; PASSOS, Miriam B. A. Práticas culturais da escrita: edição do manuscrito Alfabetização etc. e tal de Eulálio Motta. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 58, p. 137-147, 2014.
- BARREIROS, Patrício N.; ROCHA, Juliana P. Transcrição semidiplomática do Meu caderno de trovas. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 18, p. 236-251, ago. 2014.
- BARREIROS, Patrício N.; SANTOS, Taylane V. dos. Edição semidiplomática do caderno Canções do meu caminho 3ª edição de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro, v. 18, p. 178-191, ago. 2014.
- BARREIROS, Patrício N.; TELLES, Célia M. Os panfletos de Eulálio de Miranda Motta e o diálogo com o seu dossiê arquivístico. In: SILVA, José P. da. *Crítica textual e edição de textos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Appris, 2012, p. 305-314.
- BARROS, Eliane Berendina L. *Dicionário bilíngue kaiwá-português*. 242f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Letras, campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2014.
- BARROS, Lúcia A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BATISTA, Gláucia A. *Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, São Paulo, 2007.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. atual. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, Graça; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima. (Org.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. V. 2. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005, p. 747-757. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>>. Acesso em: 27. fev. 2017.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Dicionários do português: da tradição a contemporaneidade. *Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, n. 47, p. 53-69, 2003.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *Aurélio: sinônimo de dicionário?* *Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, v. 44, p. 27-55, 2000.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998a, v. 1, p. 11-20.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998b, v. 1, p. 129-142.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998c.



- BIDERMAN, Maria Tereza C. A ciência da Lexicografia. *Alfa Revista de Linguística*. São Paulo, n. 28 (supl.), p. 1-26, 1984a. Disponível em: <piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3676/3442>. Acesso em: 11 jun. 2016.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Glossário. *Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, n. 28 (supl.), p. 135-144, 1984b. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3683/3449>. Acesso em: 01 fev. 2017.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. A estrutura mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de Filologia e Linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T.A Queiroz/Edusp, v. 02, 1981, p. 131-145.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, M. T. C. *Análise Computacional de Fernando Pessoa* (Ensaio de Estatística Léxica). Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 1969.
- BIDERMAN, M. T. C. *A Categoria do Gênero* (nas línguas românicas). Tese (Livre-Docência). São Paulo: USP, 1974.
- BIZZOCCHI, Aldo Luiz. Os problemas da classificação tradicional das unidades léxicas e uma proposta de solução: o critério sêmio-táxico. *Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo, n. 43, p. 89-103, 1999.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- BOULANGER, Jean-Claude. Convergências e divergências entre a lexicografia e a terminologia. In: LIMA, M. S.; RAMOS, P. C. (Org.). *Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2001, p. 7-28.
- BRASIL, Marta Maria da S. *O vocabulário de Godofredo Filho*. 208 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- CABRÉ, Maria Teresa. Norma y normas en Terminología: concepto, tipología y justificación. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José B. (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, v. 4, p. 365-396.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.
- CAMARA JR., Joaquim M. *Estrutura da língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA, Ricardo P. *Os causos: uma poética pantaneira*. 586 f. Tese (Doutorado em Humanidades) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2007.
- CAMARGO, Sidney; STEINBERG, Martha. *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas inglês-português*. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMPOS, Egberto de. Alma enferma de Eulálio Motta. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 27 out. 1933.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

- CANTO, J. A. Cunha. *Poesias consagradas*. São Paulo: Pontes, 1977, v. 3.
- CARVALHO, Rosa Borges dos Santos. *Poemas do Mar de Arthur de Salles*: edição crítico-genética e estudo. 809 f. + 56 il. 2v. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992 [1950].
- CASCUDO, Luis C. *Literatura oral no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978.
- CASTAÑEDA, Irene Z. *Contos populares: Portugal, Brasil e São Carlos*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.
- CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. Cadernetas de viagem: os caminhos da poesia. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 41, p. 235-247, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 [1990].
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1986], p. 113-162.
- CINTRA, Pâmella A. da S. *Edição e estudo do livro inédito Luzes do Crepúsculo de Eulálio Motta*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA (em andamento).
- CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
- COSERIU, Eugenio. Introducción al estudio estructural del léxico. In: COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1991 [1977], p. 87-142.
- COSERIU, Eugenio. Las solidaridades léxicas. In: COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1991 [1977], p. 143-161.
- COSERIU, Eugenio. Para una semántica diacrónica estructural. In: COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1991 [1977], p. 11-86.
- COSERIU, Eugenio. El estudio funcional del vocabulário. (Compendio de lexemática). In: COSERIU, E. *Gramática, semántica, universales: estudios de lingüística*. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1978 [1975], p. 206-238.
- COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1973 [1962].
- COSTA, Sérgio R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2 ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Cláudio de Assis da. *O léxico em documentos produzidos no Paraná – Brasil (Séculos XVIII e XIX)*: abordagem lexicográfica. 237f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos

da Linguagem/Université Paris 13, Ecole Doctorale Erasme. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DESIDÉRIO, Maria Rosane V. N. *Edição e estudo do processo criativo da poesia avulsa de Eulálio Motta*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA (em andamento).

DUARTE, Rosinês de Jesus. *Estilhaços do sujeito Arthur de Salles: o vocabulário como materialização do discurso*. 267 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

DUARTE, Rosinês de Jesus. *No mar neológico de Arthur de Salles navegam os regionalismos do Recôncavo Baiano*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. 9. ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1993 [1978].

ETTINGER, Stefan. Formación de palabras y fraseología en la lexicografía. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 233-258.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EdUSP, 2008.

FERNANDES, Aparício. (Org.). *Anuário de poetas do Brasil – 1982: edição comemorativa 10º aniversário*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, em 1982.

FERNANDES, Frederico Augusto G. (Org.). *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: EDUEL, 2003.

FIGUEIREDO, Cândido. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Arthur Brandão, 1926.

FRANCO, Tasso Paes. *O chalé do meu avô (pedacinhos da vida)*. Salvador: Ojuobá, 2010.

GAZETA DO POVO, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 62, p. 1, 3 jul. 1960.

GAZETA DO POVO, Feira de Santana-BA, ano 1, n. 1, p. 1, 3 maio 1959.

HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982a, p. 95-187.

HAENSCH, Günther. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982b, p. 395-534.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Normas lexicais no português do Brasil e desafios para a lexicografia brasileira. In: XI SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA. *Anais...* Uberlândia-MG: 2006, p. 447-458. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_511.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_511.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2016.

- KLARE, Johannes. Lexicología e fraseología no português moderno. *Revista de Filología Románica*. Madrid, 1986, p. 355-360. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM8686110355A/13195>>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia e Lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, v. 5, p. 135-152.
- LIMA, Dante. *Mundo Novo, nossa terra, nossa gente*. Salvador: Contemp, 1988.
- LIMA, Eudaldo. Declaração oportuna. Aos meus correligionários em particular e ao público em geral. *O Lidador*. Jacobina-BA, ano 9, n. 384, p. 4, 17 mar. 1942.
- LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: UnB, 2003.
- LIMA, Nemésio. Pharmaceutico Eulálio Mota Integralista de convicções. *O Lidador*. Jacobina-BA, ano 2, n. 22, p. 2, 31 jan. 1934.
- LIMA, Nemésio. Eulalio Mota. *O Lidador*. Jacobina-BA, ano 1, n. 13, p. 1, 1 dez. 1933a.
- LIMA, Nemésio. Alma enfêrma (versos de Eulalio Mota). *O Lidador*, ano 1, n. 10, p. 4, 10 nov. 1933b.
- LIMA, Nemésio. Despedida. *O Lidador*. Jacobina-BA, ano 1, n. 1, p. 4, 7 set. 1933c.
- LIMA, Rossini T. de. *Abecê do folclore*. 5. ed. São Paulo: Record, 1972.
- LINS, Rafael Quintela A. *A cidade ferve e o bicho espregia: os dominantes e a política em Feira de Santana (1945-1964)*. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2014.
- LÜDTKE, Helmut. *História del léxico românico*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1974 [1968].
- MANDEL, Ladislav. *Escritas, espelho dos homens e das sociedades*. Tradução Constância Egrejas. São Paulo: Rosari, 2006 [1998].
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 19-36.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de João Guimarães Rosa*. 3. ed. rev. São Paulo: EDUSP, 2008 [2001].
- MATORÉ, Georges. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Paris: Didier, 1953.
- MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutemberg, a formação do homem tipográfico*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1977 [1962].
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação, como extensão do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007 [1969].
- MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V. 1. São Paulo: Pontes, 2012, p. 139-156.
- MENDONÇA, Floriano. Alma enfêrma de Eulalio Mota. *O Imparcial*, ano 1, p. 2, 29 out. 1933.

MENEZES, Adriano Antônio L. O Lidador: a mídia impressa em jacobina (BA) na década de 1930. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-BA: histórias e memórias: lugares, fronteiras, fazeres e políticas, 5, 2010. *Anais...* Salvador, 2010. Disponível em: <[http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/A/Adriano\\_Antonio\\_Lima\\_Menezes.pdf](http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/A/Adriano_Antonio_Lima_Menezes.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2016.

MOTTA, Eulálio de M. Itabira II. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 160-161.

MOTTA, Eulálio de M. Dia de feira no Arraial de Itabira. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 158.

MOTTA, Eulálio de M. Sinha Cristina. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 154-155.

MOTTA, Eulálio de M. Sêca. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 151-153.

MOTTA, Eulálio de M. Falar difícil. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 148-149.

MOTTA, Eulálio de M. Com os impostos. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 136.

MOTTA, Eulálio de M. Conversando com Sinha Constança. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 128-129.

MOTTA, Eulálio de M. Lama. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 124.

MOTTA, Eulálio de M. Como é o partidatismo no sestão... In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 123.

MOTTA, Eulálio de M. Suicídio. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 120.

MOTTA, Eulálio de M. Inferno. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 117-119.

MOTTA, Eulálio de M. Lampeão. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 116.

MOTTA, Eulálio de M. Comunismo. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 111-112.

MOTTA, Eulálio de M. Do Coronel. In: BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 108.

- MOTTA, Eulálio de M. Casamento socialista. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 107.
- MOTTA, Eulálio de M. Papel queimado. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 106.
- MOTTA, Eulálio de M. Chove, não chove. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 97-100.
- MOTTA, Eulálio de M. Azul de Metileno I. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 95-96.
- MOTTA, Eulálio de M. O vendedor malicioso. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 92.
- MOTTA, Eulálio de M. Na colheita do café. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 89-91.
- MOTTA, Eulálio de M. Novidade. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 84-87.
- MOTTA, Eulálio de M. Vida sertaneja II. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 82.
- MOTTA, Eulálio de M. Vida sertaneja I. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 81.
- MOTTA, Eulálio de M. Fim de Papo. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1982], p. 300.
- MOTTA, Eulálio de M. As Malvinas. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1982], p. 299.
- MOTTA, Eulálio de M. Farinhas do mesmo saco... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015c [1982], p. 298.
- MOTTA, Eulálio de M. Não é Mané Fuloriano... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1981], p. 297.
- MOTTA, Eulálio de M. Alto Bonito... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1978], p. 294.

MOTTA, Eulálio de M. Nossa Telé. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1977], p. 290.

MOTTA, Eulálio de M. O Telefone. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1977], p. 289.

MOTTA, Eulálio de M. Êle vem aí! In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1976], p. 286.

MOTTA, Eulálio de M. Liberdade no ano 12. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1976], p. 285.

MOTTA, Eulálio de M. No ano 12 da revolução. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015c [1976], p. 284.

MOTTA, Eulálio de M. Aos telespectadores da “Gabriela”: “Poeta” com aspas. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1975], p. 282.

MOTTA, Eulálio de M. No décimo primeiro aniversário... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1975], p. 281.

MOTTA, Eulálio de M. Ontem, hoje, amanhã... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1974], p. 278.

MOTTA, Eulálio de M. No décimo aniversário. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1974], p. 277.

MOTTA, Eulálio de M. Nono Aniversário. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1973], p. 275.

MOTTA, Eulálio de M. Segunda edição. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1972], p. 274.

MOTTA, Eulálio de M. A pergunta de Rafael. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1972], p. 273.

MOTTA, Eulálio de M. Quinto aniversário. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1969], p. 268.

MOTTA, Eulálio de M. Fatos em foco. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1967], p. 267.

- MOTTA, Eulálio de M. Podridão!... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1967], p. 266.
- MOTTA, Eulálio de M. Data Histórica. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1966], p. 264.
- MOTTA, Eulálio de M. Viva a Esperança. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1966], p. 263.
- MOTTA, Eulálio de M. Vitória do Brasil! In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1964], p. 262.
- MOTTA, Eulálio de M. A resposta do tio. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1962], p. 258-260.
- MOTTA, Eulálio de M. Dois Extremos: um ótimo e outro péssimo. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1962], p. 257.
- MOTTA, Eulálio de M. Cegos... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1960], p. 256.
- MOTTA, Eulálio de M. O que importa. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1949], p. 254.
- MOTTA, Eulálio de M. Prece. In: BARREIROS, Patrício N. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2012 [1941], p. 152.
- MOTTA, Eulálio de M. Sentimentalismo. In: BARREIROS, Patrício N. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2012 [1929], p. 138.
- MOTTA, Eulálio de M. *Canções do meu caminho*. 2. e.d. rev. Mundo Novo-BA: [s.n.], 1983.
- MOTTA, Eulálio de M. *Caderno Diário de um João Ninguém II*. Caderno manuscrito. 1977.
- MOTTA, Eulálio de M. *Caderno Monitor*. Caderno manuscrito. [1960?].
- MOTTA, Eulálio de M. Páginas inéditas. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 85, Caderno 1, p. 2, 11 dez. 1960a.
- MOTTA, Eulálio de M. Instantâneos. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 83, Caderno 2, p. 7, 27 nov. 1960b.
- MOTTA, Eulálio de M. Instantâneos. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 82, Caderno 2, p. 8, 20 nov. 1960c.
- MOTTA, Eulálio de M. Carta ao Governador explicação necessária. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 81, Caderno 1, p. 2, 13 nov. 1960d.
- MOTTA, Eulálio de M. Gabriela. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 71, Caderno 1, p. 5, 04 set. 1960e.



- MOTTA, Eulálio de M. Instantâneos. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 70, Caderno 1, p. 6, 28 ago. 1960f.
- MOTTA, Eulálio de M. Instantâneos. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 66, Caderno 2, p. 2, 31 jul. 1960g.
- MOTTA, Eulálio de M. Instantâneos. *Gazeta do Povo*, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 64, Caderno 1, p. 4, 17 jul. 1960h.
- MOTTA, Eulálio de M. Pêzames. *O Serrinhense*, Serrinha-BA, ano 14, n. 49, p. 2, 7 abr. 1951a.
- MOTTA, Eulálio de M. Amen. *O Serrinhense*, Serrinha-BA, ano 14, n. 40, p. 2, 03 fev. 1951b.
- MOTTA, Eulálio de M. O Tempo. *O Serrinhense*, Serrinha-BA, ano 14, n. 35, p. 2, 30 dez. 1950.
- MOTTA, Eulálio de M. *Canções de meu caminho*. Serrinha: Tipografia d'O Serrinhense, 1948.
- MOTTA, Eulálio de M. *Caderno Loja Vitória*. Caderno manuscrito. [1947?].
- MOTTA, Eulálio de M. *Alma enferma*. Salvador: Imprensa Vitoria, 1933a.
- MOTTA, Eulálio de M. *Caderno Bahia Humorística*. Caderno manuscrito. 1933b.
- MOTTA, Eulálio de M. O Integralismo vencerá! *O Lidador*, Jacobina-BA, ano 1, n. 17, p. 1, 29 dez. 1933c.
- MOTTA, Eulálio de M. Rússia. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 12, n. 217, p. 6, 6 maio 1932a.
- MOTTA, Eulálio de M. Rússia. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 12, n. 214, p. 6, 15 abr. 1932b.
- MOTTA, Eulálio de M. Lenita. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 12, n. 204, p. 6, 5 fev. 1932c.
- MOTTA, Eulálio de M. Mania. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 12, n. 200, p. 4, 1 jan. 1932d.
- MOTTA, Eulálio de M. *Ilusões que passaram...* Salvador: Oficinas Graphicas d'A Luva, 1931a.
- MOTTA, Eulálio de M. Retalhos. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 194, p. 6, 20 nov. 1931b.
- MOTTA, Eulálio de M. Dois Livros. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 193, p. 6, 6 nov. 1931c.
- MOTTA, Eulálio de M. Liberato. "Adios". *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 191, p. 2, 23 out. 1931d.
- MOTTA, Eulálio de M. Mulher. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 188, p. 8, 3 out. 1931e.
- MOTTA, Eulálio de M. Beriliando... *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 185, p. 10, 12 set. 1931f.
- MOTTA, Eulálio de M. Comunismo. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 180, p. 4, 24 jul. 1931g.

- MUNDO NOVO, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 182, p. 1, 7 ago. 1931.
- MURAKAWA, Clotilde de A. A. *Antônio de Morais Silva: lexicógrafo da língua portuguesa*. Araraquara-SP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- NASCENTES, Antenor. *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. 3 ed. rev. por Olavo Anibal Nascentes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto, SP: FAPERP, 2006.
- OCAMPOS, Danieli Daiani F. *Vocabulário da construção civil: focalizando o universo terminológico da madeira*. 131f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, 2016.
- O LIDADOR, Jacobina-BA, ano 5, n. 246, p. 1, 31 jul. 1938.
- O LIDADOR, Jacobina-BA, ano 6, n. 49, p. 1, 10 ago. 1934.
- O LIDADOR, Jacobina-BA, ano 6, n. 44, p. 1, 6 jul. 1934.
- O LIDADOR, Jacobina-BA, ano 2, n. 32, p. 4, 13 abr. 1934.
- O LIDADOR, Jacobina-BA, ano 2, n. 27, p. 4, 9 mar. 1934.
- O LIDADOR, Jacobina-BA, ano 2, n. 26, p. 4, 2 mar. 1934.
- O LIDADOR, Jacobina-BA, ano 2, n. 25, p. 4, 23 fev. 1934.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, v. 1, p. 7-9.
- ORENHA-OTTAIANO, Adriane. Semelhanças e diferenças entre colocações e colocações especializadas. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V. 2. São Paulo: Pontes, 2012, p. 147-163.
- ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Apresentação. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. São Paulo: Pontes, v. 1, 2012, p. 11-14.
- ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada: Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.
- O SERRINHENSE, Serrinha-BA, ano 14, n. 15, p. 1, 29 jul. 1950.
- O SERRINHENSE, Serrinha-BA, ano 8, n. 31, p. 1, 6 dez. 1931.
- OTHERO, Gabriel de A.; MENUZZI, Sérgio de M. *Linguística computacional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2005.
- PERRONI, Maria Cecília. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente S.; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à Linguística: princípios de análise*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, v. 2, p. 111-135.

- POETAS da Bahia e Minas: antologia. Rio de Janeiro: Benedictis, 1981.
- PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- PORTO DAPENA, José-Álvaro. Metalenguaje y lexicográfica. *Revista de Lexicografía*, v. 6, p. 127-151, 1999-2000. Disponível: <[http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/5428/RL\\_6-6.pdf?sequence=1](http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/5428/RL_6-6.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 19 fev. 2017.
- POTTIER, Bernard. *Linguística general: teoría y descripción*. Trad. Maria Victoria Cantalina. Madrid: Gredos, 1977 [1974].
- QUEIROZ, Silvana R. de S. *O vocabulário alencariano de O Sertanejo: uma análise léxico-semântica*. 357f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- RESTIER, Luis Maigre. (Ed.). *Diccionario geral da lingua Portuguesa de Algibeira*. V. 2. Lisboa: Imprensa Regia, 1819.
- REY, Alain. *La lexicologie: lectures*. Paris: Klincksieck, 1970.
- REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, n. 28 (supl.), p. 45-69, 1984. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3678/3444>>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- RIVA, Huéinton C. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2009.
- ROCHA, Juliana P. *Edição e estudo do processo criativo do livro inédito Meu caderno de trovas de Eulálio Motta*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA (em andamento).
- RONCOLATTO, Eliane. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalências*. Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.
- RONCOLATTO, Eliane. *Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol*. Dissertação (Mestrado em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.
- SALGADO, Plínio. A missão da Imprensa. *O Serrinhense*. Serrinha-BA, ano 12, n. 30, p. 3, 5 jan. 1936.
- SANTOS, Taylane V. dos. *Edição e estudo do processo criativo do livro inédito Canções do meu caminho 3ª edição*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2017.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SEABRA, Maria Cândida. T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p. 1953-1960.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Fac-símile da 2. ed. Rio de Janeiro: Litho-Typographia Fluminense, 1922 [1813].

SILVA, Denise. *Estudo lexicográfico da língua terena*: proposta de um dicionário bilíngue terena-português. 292f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013.

SILVA, Maria Cristina P. da. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, Aparecida N.; ALVES, Ieda Maria. (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, v. 3, p. 283-293.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*: crítica textual. 2. ed. rev. São Paulo: EDUSP, 1994.

TAGNIN, Stella Esther O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

TEBEROSKY, Ana. Introducción. In: BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Espanha, Barcelona: Gedisa, 1998, p. 9-17.

TELLES, Célia Marques. Léxico e edição semidiplomática. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge (org.). *Pesquisas sobre léxico*: reflexões teóricas e aplicação. Campinas (SP); Cascavel (PR): Pontes; EDUNIOESTE, 2012, p. 137-158.

TELLES, Célia Marques. A chamada lição conservadora na edição de textos. *Scripta philologica*. Feira de Santana-BA, n. 5, p. 253-266, 2009.

TELLES, Célia Marques. O vocabulário regional de Arthur de Salles. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 8, 2005. *Anais...* Santiago de Compostela: Univ. Santiago de Compostela, 2005, v. 1, p. 51-52.

UEFS/CONSEPE. *Resolução CONSEPE Nº 128/2008*. Aprova o Projeto de Pesquisa Edição das Obras Literárias Inéditas de Eulálio de Miranda Motta, sob a coordenação do Prof. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 27 ago. 2008.

UEFS/CONSEPE. *Resolução CONSEPE Nº 070/2016*. Aprova o Projeto de Pesquisa Edição das Obras Inéditas de Eulálio de Miranda Motta (IV Etapa), sob a coordenação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade, financiado pela FAPESB. Feira de Santana-BA: D.O.E., 2 set. 2016.

VALE, Oto Araújo. *Expressões cristalizadas do português do Brasil*: uma proposta de tipologia. Tese (Doutorado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2002.

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 111-137.

VERDELHO, Telmo. O dicionário de Morais Silva e o início da lexicografia moderna. In: HISTÓRIA DA LÍNGUA E HISTÓRIA DA GRAMÁTICA; *Actas do Encontro*. Braga:

- Universidade do Minho: ILCH, 2003, p.473-490. Disponível em: <[http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Dicionario\\_Morais\\_Silva.pdf](http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Dicionario_Morais_Silva.pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2017.
- VILELA, Mário. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.
- VILELA, Mário. *Definição nos dicionários de português, estrutura de explicação*. Porto: Asa, 1983.
- VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- WELKER, Herbert A. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERNBÄUMEN, Enrique H. (Org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológica*. São Paulo: Pontes, 2011, p. 139-159.
- WELKER, Herbert A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982a, p. 21-94.
- WERNER, Reinhold. La unidad léxica y el lema. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982b, p. 188-232.
- WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982c, p. 259-328.
- XATARA, Claudia Maria; PARREIRA, Maria Cristina. Elaborando um dicionário fraseológico informal: a coleção xeretando a linguagem. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. (Org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. São Paulo: Pontes, 2011, p. 77-92.
- XATARA, Claudia Maria; OLIVEIRA, Wanda L. *Novo PIP – Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2008.
- XATARA, Claudia Maria. As unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngues gerais. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004, v. 2, p. 267-273.
- XATARA, Claudia Maria. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Tese (Doutorado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1998.
- XATARA, Claudia Maria. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Dissertação. (Mestrado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1994.
- XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1992, v. 2.

**APÊNDICE A** – A edição dos 50 causos publicados em *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta* (BARREIROS, L., 2016)

C1[1933]

**PROFESSOR FRANCELINO**

Nestes oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados de Brasil não pode haver um mulato mais interessante do que o professor Francelino de Andrade.

É um numero, o professor Francelino. Um numero indispensavel a esta Bahia gostosa. Eu não posso compreender a Bahia sem o professor Francelino. Professor Francelino é tão indispensavel quanto os academicos politicos da Escola de Medicina e da Escola de Direito. Sem este pessoal a Bahia não teria graça, não mereceria o amor que lhe tenho.

Professor Francelino sabe, de cór, centenas de regras de gramatica. E por isto se proclama o maior filologo da lingua portuguesa. Gaba-se de ter levado Candido de Figueiredo á parêde.

Gosta imensamente de ser elogiado. Um dia destes, um aluno inteligente, fazendo jús a uma nota alta, desenhou no quadro negro de uma sala onde, com os colegas, aguardava a hora de aula do Professor Francelino, uma balança, tendo, em uma das conchas, a cabeça de Rui Barbosa; e na outra, a cabêça do Prof. Francelino.

Quando o Prof. entrou na sala, sorriu um sorriso superior, um sorriso cheio do goso de consciencia de valor, e disse, para os alunos:

– Em ciencias juridicas não posso competir com o mestre. Nunca estudei Direito. Em matéria filologica, porem, contrabalançamos.

C2[1933]

**VIDA SERTANEJA I**

O impaludismo, a verminose, a sêca, o governo, e outros males, não deixam o sertanejo que trabalha tomar pé na vida. Entre estes outros males, está o sertanejo preguiçoso e vagabundo que vive de gatunagem na roça dos que trabalham. É tudo isto que o sertanejo trabalhador exprime quando canta:

“Eu vou dá pra vádiá

“Que os vadio tomém come.

“Toda vida eu trabaei

“E sempre morreno de fome.”

C3[1933]

**VIDA SERTANEJA II**

Otomove

Vamincê pode crê qui não hai neste mundo bicho pra corrê mais que otomove. Enquanto o deabo coça um oio otomove travessa o mundo dum lado pra outro. Um dia dêsse seu Coronel Zezim bebeu uma chicra de café quente na Feira, botou o resto do café numa chicutatêra preta de bôca de prata, e montou no otomove e tocou pru Monte Alegue; homem, ante do café isfriá tava o home no Monte Alegue! Bicho danado pra corrê! Sae da Feira de Sant’Ana, naquele fim de mundo, e quando a gente cuida qui não, óie êle no Monte Alegue! Pur Jisúis que aquilo né mais corrê. Aquilo já é é avoa! Da Feira de Sant’Ana pru Monte Alegue o peste do bicho passa mais ligeiro de que um góle d’agua na guela dum vivente.

C4[1933]

**VIDA SERTANEJA III**

Maior. Café maduro. Apanhadeiras de café. Balaio. O jegue com os caçuás carregando café para o terreiro.

Cantigas na roça. A quadrinha que eu achei bonita:

“Eu queria ser balaio

“Nas cuiêta de café,

“Pra vivê dipindurado

“Nas cadeira das muié.”

C5[1933]

**NOVIDADE**

Em me parece que novidade é a cousa mais relativa deste mundo. Um fato, uma anedota, um assunto que é coisa velha, sabida demais, sem graça, para Pedro, pode ser deliciosa novidade para Joaquim. Quantas vezes não acontece a gente ouvir de um camarada uma anedota que, não tem mais graça nenhuma, por ser conhecida demais á gente! Entretanto a gente ri, ri por fazer favor: por condescendencia a quem a conta. Que riso sem graça o riso por favor! Pois bem: Ultimamente dei pra bancar o contador de novidades velhas...

Um dia desses ouvi uma senhora matuta contando a uma comadre as ruindades de um genro. Quando a seca estava no auge, o sujeito abandonara a família e seguira sosinho para o sul. Deixou a família na miséria, nas costas da sogra. Agora voltava e tomava a família, indiferente aos gritos de protesto da velha.

Ela contava isto dizendo coisas horríveis contra o genro (e eu, ouvindo-a, pensava nas coisas horríveis que dizem contra as sogras...)

– Aquele cara de cavalo é o trem mais runhe que o só de Deus incobre. Mal empregado o bocado de só qui alumeia aquela desgraça, meu Deus me perdôe.

A comadre procurava consola-la, acenando-lhe esperanças:

– Pode sê que amiore, comade; pode sê que desta veis êle tome juizo. Sofrimento é bicho danado pra indiritá gente. E êle sofreu muito no sú.

– Quá, minha comade, tá se veno logo que vamicê nan cunhece aquilo. Aquilo é gente no mundo?! Cuncerta não! Cuncerta nunca não!

E concluiu: – Quem nace pra cachorro morre latino. Achei muito interessante esta variante do velho adagio: – “Pau que nace tôrto, torto fica”.

E dias depois, achamando-me em Mundo Novo, contava-a eu a alguns amigos, como novidade novinha em fôlha. E tive a surpresa de saber, pelos meus amigos, que a frase é velha, muito conhecida... Fiquei aborrecido de ter bancado o contador de novidade velha. Mas estava marcado que, tempos depois, a coisa se repetiria...

Com efeito. Chegou maio. Café maduro. Apanhadeiras de café. Balaíos. O jegue com os caçuás carregando café para o terreiro. Cantigas na roça. E, entre as cantigas, uma quadrinha que me caío no ouvido com um saber especial de novidade gostosa:

“Eu queria sê balaio,

“Nas cuiêta de café

“Pra vivê dipundurado

“Nas cadêra das muié”

De volta da roça, entrei em casa, alegre, exibindo a joia. E, nova surpresa: – disseram-me que a quadrinha é mais velha do que a serra de Itiuba... E me recitaram duas variantes:

“Eu queria sê balaio

“Balaio eu queria sê

“Pra viver depundurado

“Nas cadêra de ocê”

E a outra:

“Eu queria sê mandioca

“Jacobina verdadêra,

“Pra vivê de mão em mão

“No cólo da sovadêra...”

Definitivamente novidade é a coisa mais relativa deste mundo...

C6[1933]

UMA QUE NÃO SABIA O SINÔNIMO DE MARRUÁ...

– O Sr. Cariciolo, fazendeiro no município de Canabrava, deu algumas vacas de meia a uma Senhora viuva, fazendeira no mesmo município. Quando acertaram o negocio, perguntou o Sr. Cariciolo a viuva: se ela tinha reprodutor.?

E ela numa resposta de quem não estava compreendendo bem a pergunta:

– Tenho.

– É bom?

– É meu irmão Joãozim.

C7[1933]

NA COLHEITA DO CAFÉ

No quintal de café, enquanto as mãos trabalham na catação da saborosa rubiacea, as linguas das catadeiras e catadores trabalham nos assuntos do momento:

– Dizem que a mulher do Tiburço tá morre não morre.

– E tá?!

– Tá. Tá morre não morre. Tarveis até já tenha morrido.

Uma catadeira, mais distante, mostra-se mais senhora do assunto, gritando de lá:

– Já morreu! Morreu essa noite! De parto! Já morreu 4 na Canabrava e uma no Tanquim! Parece um castigo!

Outra, mais longe: – Quem foi qui morreu, menina?

– A muié de Tiburço! Morreu de parto! Já morreu 4 na Canabrava e 1 no Tanquim. Parece um castigo!

– Coitada! Deus te dê o ceo!

- Foi se juntá com o finado primêro marido. Dizem que quem casa mais de uma vêis, quando morre se ajunta cum o qui casou primêro. – É mesmo? Quando morre se ajunta cum o qui casou primêro.
- É nada! Creio nisso não. Me parece que se ajunta é cum o qui quíz mais bem. E o finado foi bem runhe pra ela. Dizem até qui quando chegava em casa inxarcado de minduba, dava pêsco nela, Deus te perdôe.
- Ô Chiquinha! Chiquiiiiinha!
- Inhora, mãe!
- Cadê o balaio grande?
- Ficou lá na bêra do pé de cajá!
- O Venancio botou o fio na escola do Pé do Morro.
- Impusturia. Pabulage de póbe que qué se metê a rico.
- Não, seu José. Sabê lê bem qui serve. Vomicê devia era mandá o Joaquim tambem pra mode aprende iscrevê o nome.
- Gente, eu nunca aprendi a lê não mais tou vivo. Não sê pra que deabo pobe qué lê!
- Bem qui serve, seu José! Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vêis qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode votá. Bem qui serve.
- Ô, Maria! agora é qui tu vem chegano!
- Uns impate.
- Cadê tua mãe?
- Ficou im casa c'uns caroço de café no fôgo. Quando cabá qui vem.
- Toma tento, Outonha! Cum os deabo de tanto quebrá gaio! Tomara qui seu Totonho veja pra tu vê os isbregue!
- Uns gaio pôde!
- Pôde é a farta de tento!
- Ispim, ispim, vae ispinhá o deabo que te carregue, infeliz!
- E os caroços vermelhos vão caindo nos balaio...
- Ao fundo do quintal, na roça do vizinho, o duêto dos cabôclos contentes com a vida:
- “Eu queria sê balaio  
 “Nas cuiêta de café  
 “Pra vivê depundurado  
 “Nas cadêra das muié...”
- Eu queria sê balaio Balaio eu queria sê..., etc.

C8[1933]

#### O VENDEDOR MALICIOSO

Um matuto, de chapeo de couro, par de alforges ao braço. Chega junto dum saco de milho, apanha um punhado, olha, quebra um carôço “no dente” e pergunta ao vendedor:

– “A cuma tá dano?

E o vendedor malicioso:

– O mio, tou dano a 12 litro.

– Né pra barriga de pobre não. É pra papo de galinha de rico...

C9[1933]

“ISTO”

Não sei porque estes tabareos implicaram com a palavra “isto”. Um dia, dia de feira no Alto Bonito, notei esta ogerisa do matuto a esta palavra. Foi numa banca de raspadurinhas.

Chega um rapaz e pergunta ao dono das raspaduras:

– A cuma é isto?

E o dono, indignado e estúpido:

– “Isto” é bosta. E eu tou vendeno é rapadura!

Esperei uma resposta atrevida do comprador, e daí um sururú, faca fora, o deabo. Mas não se deu tal. O rapaz, muito calmo, se emenda:

– A cuma é a rapadura?

– A rapadura é a dois toê. E o rapaz, com a mesma calma, com a mais natural naturalidade deste mundo comprou duas, pagou e saío.

C10[1933]

#### CARACTER

Estamos em maio. Ha 5 mezes que deu a ultima chuva bôa – em dezembro. De então para cá só tem aparecido chuvinhas, isto mesmo com grandes intervalos. Não houve a plantação de milho para o São João. Feijão, etc., não se plantou por falta de chuva. De modo que as roças estão uma tristesa. O pardo-escuro das folhas sêcas e



dos garranxos, aqui e acolá a copa de uma laranjeira ou de u'a mangueira, resistindo o sol. No mais, a tristeza da ausencia da verdura.

Foi por isto que dona Hormina, (mulher de um dos agregados de Papae), chegando hoje aqui em casa, e vendo, no quintal, uma pimenteira carregada de folhas e de frutos, teve um espanto de admiração:

– Eta qui pé de pimenta bonito no mundo! Ai ai qui a gente podesse vê os trem da roça tudo cum esse carate!

C11[1933]

#### AZUL DE METILENO I

O Dr. Artur Curvelo, atualmente clínico em São Paulo, certa vez, em Mundo Novo, foi chamado para ver um doente. O camarada havia dormido no França e isto bastava para istabelecer o diagnostico: – impaludismo. Dr. Curvelo receitou umas capsulas de azul de metileno. Isto já se passava á tardinha.

A' meia-noite, mais ou menos, quando o ilustre clinico se achava, talvez, no melhor dos sonos, é acordado por alguem que lhe bate á porta, chamando-o com insistencia:

– Pum, pum, pum, pum pum... Sêo doutô! Sêo doutô! Pum, pum, pum, pum, pum, sêo doutô! sêo doutô!

– Ja vae!

Sae o medico. Quem o chamava, certamente já o sabe o leitor: – era o doente visitado á tarde.

– Sêo doutô! Descurpe incomodá Vossa Senioria uma hora dessa! Mas é porque eu tou runhe, sêo doutô! Tou bem runhe! Vomicê me sarvê! Eu tenho um bando de fio pequeno, vomicê me sarve!

– Mas o que é que ha? Tomou as capsula?

– Tomei, sêo doutô! Mais tou runhe! Cum licença da palavra, não mijo mais mijo! Só tou mijano o fé, seu Doutô! Vomicê me acuda qui eu tou mijano o fé todo!

C12[1933]

#### CHOVE, NÃO CHOVE

– Manoel “capado”, morador na “Lagôa do milho”, destante de Alto Bonito meia legua, é um camarada que conversa pelos cutuvelos; e faz gosto a gente o ouvir. Chamam-no “Manoel capado” porque ele é comprador de capados, negociante de toucinho.

Não ha muito que o ouvi, no Alto Bonito, em um dia de feira, conversando numa roda, na venda de seu Joaquim o assunto era a falta de chuva que no momento não se fala em outra cousa.

– É fim de mundo. O mundo tá cabano. Quem dissé qui não tá não sabe o qui tá dizeno. É fim de mundo. O tempo bom já se foi-se. Agora é só, só, só, e só só! Inté cabá de cabá! Tá cum dez ano que não chove déreito!

– Tambem seu Mané omenta demais! A mode que esqueceu de 33! O ano de 33 foi bom! Munto fêjão, munto mio, foi de um tudo!

– É a gente falá im chuva, lá vem esse povo cum 33! 33 foi bêstêra! 33 só foi bom porque tá no meio do runhe. 29 nan prestou, 30 nan prestou, 31 nan prestou, 32 foi uma misera, 34 ta seno outa, taí porque foi qui 33 fez figura! Mais voceis pegue 33 e botem na bêra de 24 pra vê se 33 nan foi besteira! Foi bestêra! Tempo bom, tempo de chuva, era no tempo que rio carregava cerca e subia nos tapicurú. Im 14 tudo quanto foi baixa virou riacho ou lagôa! Aquilo sim! Era agua corrê pra toda banda! Mais hôle, cadê? Hoje só se vê agua corrê im cara de menino quando cae no manguá! E virando-se para o dono da venda:

– Joaquim! traz ai uns copo e uma garrafa de “prejuizo”. Gente, vamo moiá a guéla! Bebam esse deabo! Não tenham pena qui isso é agua qui não cae do ceo!

– A cuma tá dano o assuca, Joaquim?

– Mi reis.

– Seu assuca tá sargado... Pese mei quilo.

E voltaram a falar de chuva.

– Chove mais não. Chove não. Tem qui morrer tudo. Eu já paguê ao véio Gracino pra fazé meu caxão. Tá lá im casa. Quando morrê nan dou mais esse trabaio. Só dou o trabaio de me carregar se ainda hové quem carregue defunto...

– Ave Maria!

– Quem for se fiá nas conversa de Mané capado, fica doido ou se inforca. Nós vamo tê é chuva muntu, se Deus quizé!

– Mas Deus nan qué!

– Vocês vae vê. Essa noite relampo trabaioi pur ali assim inté quase de manhã!

– Taí, gente! Taí! esse home isperano chuva do nacente! Quá, meu véio, pode inborcá seu pote! Indêrna de pequena que eu vejo dizê: Inverno de riba, trovada de baixo e palavra de homê do orobó, é tudo uma coisa só!

Perguntando-lhe um dia porque não protestava contra o apelido tão feio que lhe dão, e êle me respondeu:

– Quá o quê! Pru mim não! Todo mundo sabe que meu negoço é capado, que é cum tóecim que faço farinha pra meus fio e por isso me chamam Mané Capado. Quem tivé uma idea runhe pensano que eu sou disinterado, é só i lá im casa que eu tiro o disingano mostrano a fiarada; fio qui nem cabêlo de cachôrrô! Casê duas vêis. Cá finada tive 10, e agora cá segunda já tou no 5 e o 6 já tá bulino na barriga da mãe.

E concludo: – “Fio e nicissidade é o pissuido de gente pobe.

C13[1933]

#### SERTÃO TRISTE

Leonardo Mota escreveu “Sertão alegre”. Se se desse ao trabalho de escrever o “sertão triste”, e conhecesse João Vage Grande, teria neste pobre deabo material para uma pagina ou 1 capitulo. João Vage Grande é um infeliz.

Casado, a mulher abandonou-o; tambem os filhos o abandonaram. Ficou sosinho, no mundo, doente de bernos e impaludismo, “briquitano”... Tinha um irmão que possuia alguma cousa; mas este, alem de morar muito longe – no São José, distante daqui 10 leguas —, era carregado de filhos. Morre esse único irmão. Não era casado no civil. Seu unico herdeiro era, por lei, João Vage Grande. Mas este homem desgraçado e bom, não quis um fiapo da herança!

– “Deus não havera de sê servido de eu recebê essa herança. Minha cunhada é muié e carregada de fio; eu sou home e sou só; sou um caco, é verdade, mas vou me aguentano.”

Hoje vive inchado, amarelo, quase nú; escreve aos sobrinhos pedindo um auxilio e não obtem resposta. Ha poucos dias apareceu aqui pedindo esmola “pra comprá uma mesinha.” Dias depois, soubemos, estava á morte, em casa de um amigo. E quando a gente julgava estar o João Vage Grande no outro mundo, eil-o que surge, andando devagarinho, enxada ao hombro, a caminho da roça. É ter uma pequena melhora, volta á roça, ao cabo da enxada, cavar a terra, trabalhar! Quando se lhe diz que seus filhos são ruins, que deviam ampara-lo, êle os defende:

– Coitados! êles é fraco, vivem sem podê cum êles mesmo qui dirá comigo!

Pobre João Vage Grande, desgraçado e bom! Nunca o vejo que não pense no autor do “Jeca Tatú”. Lastimo não poder fazel-o conhecido de Monteiro Lobato.

C14[1933]

#### QUEM CASOU...

Quando Conceição, (filha de “seu Gaudencio”, do Candeal), se casou, fez a viagem da casa do pae para o Alto Bonito, onde se realizou o “recebo a vós”, num cavalo alazão de propriedade do velho. Esta circunstancia não a esquecia o velho Gaudencio, quando citava as virtudes do cavalo:

– É bonito, esquipadou, maeio e manso, muito manso. E para testemunhar a mansidão, acrescentava:

– Foi êle quem casou Conceição.

C15[1933]

#### MUNDONOVENSES...

Vendo-se 2 ou mais mundonovenses (da cidade), reunidos, não se precisa ouvi-los para saber de que estão falando. Já se sabe: ou é politica local, ou vida alheia, ou boi, ou cavalo. É muito dificil, num grupo de mundonovenses, a conversa girar em torno de algum assunto que seja nenhum destes quatro citados. O meu amigo Dr. Acurcio Pereira diz uma verdade quando afirma que “rapaz de Mundo Novo não abre a boca que não saia capim.”

Quando, porem, por um acaso, o assunto da conversa é, por exemplo, anedotas, ditos chistosos, etc. é infalivel a citação de dois nomes: Pedro Chapeo Grande e Manoel Inacio. Seu Pedro é um repentista, muitas vezes sarcastico. E o outro... vejamos alguma cousa de um e de outro: Um dia, demanhã, cerca de oito horas estava eu na farmacia Ypiranga, conversando numa roda. Desta roda fazia parte o musico Armindo Oliveira, que estava cum um “cambões” de milho verde no braço. Neste interim chega seu Pedro, que dá com os olhos em Armindo e diz imediatamente:

– Ô, Armindo! você parece que vae viajá hoje cedo!

– Porque, seu Pedro?

– Comendo milho a esta hora!

C16[1933]

#### PAPEL QUEIMADO

Noite de lua. Sentados em cadeiras no passeio de uma casa de familia, moças e rapazes conversavam:

– Quem é a namorada de Fulano, o namoroso escandaloso de Sicrano, noivados, etc. Aproxima-se seu Pedro...

Uma das moças do grupo, irrefletidamente diz, em voz alta: – Vamos mudar de assunto que evem chegando um papel queimado...

Teve de ouvir a resposta imediata:

– Sou papel queimado e tenho prazer disto. Porque papel queimado tem a vantagem de não servir para limpar os quartos de ninguem...

C17[1933]

#### CASAMENTO SOCIALISTA

Num loja, rodeado de um grupo de desocupados, entre os quaes estava eu, um “socialista” canta hosanas ao Socialismo. Fala do casamento: – que a moça, desde que se simpatise de um rapaz, deve se unir a êle, sem a “hipocrisia do ato religioso ou civil.”

Aí seu Pedro, toma a palavra, indignado:

– Isto é até um desafôro, você estar aqui a pregar esta porcaria diante de homens que têm filhas! E, apontando para o barracão, sob cujo teto havia muitos animaes amarrados, concluiu:

– Está ali: – pegue-se aquela burra entregue-se a aquele cavalo, e aí está um casamento socialista! Só quem tiver parentes iguaes a aquela que está ali amarrada, é que poderá apoiar esta patifaria... E foi saindo...

C18[1933]

#### DO CORONEL

A cidade de Mundo Novo, de vez em quando é posa da gripe, do tifo, e se tem se dado caso até de febre amarela, graça á sua imundicie.

Certa vez a gripe estava se alastrando. Defronte da casa do Coronel, uma familia quase toda esta acamada, com febre. Dona Maria, dona da casa, que era a unica que se achava em pé, fechara todas as portas, temendo um golpe de vento sobre os doentes.

O Coronel, saindo á janela, e vendo aquela “fechação”, berrou de lá:

– Dona Maria! Oh Dona Maria!

Dona Maria atende e êle aconselha:

– Abra os quarto pru á intrá, Dona Maria! Isto assim fechado fáiz má! Abra os quarto!

C19[1933]

#### O MATADOURO

Dr. Raul Vitoria, prefeito de Mundo Novo, construiu um matouro de cimento, em substituição a um velho curral de três varões, que bancava, até então, o matadouro.

Durante a construção, o matadouro era muito visitado. De uma feita fiz parte de um grupo que o visitou. Eram componentes do grupo, alem de mim, o Prefeito, o Coronel e um estudante. Olhavamos o trabalho. Um aplaude, outro opina, todos falavamos sobre o “melhoramento.”

Fala o estudante, dirigindo-se ao Prefeito:

– Mas vae ser um trabalhão, Doutor, entrar boi neste curral com aspecto de casa. E antes que o Dr. falasse o Coronel toma a palavra:

– Quá o quê! Só dá trabaio no comêço, depois acostuma...

C20[1933]

#### COMUNISMO

O Coronel Jeronimo Garrido estava na fazenda. Dona Ismelia estava em casa (na cidade) com uma cara de dia aziago. A filha, Mariinha, estava chorando. Foi com esse aspecto de aborrecimento, de acontecimento desagradavel, que o Ermiro encontrou, naquele domingo, a casa do Coronel Garrido... Intimo da casa, Ermiro procurou botar “aquilo” em pratos limpos:

– Dona Ismelia, que é que Mariinha tem que está chorando?

– Não sê não! Prégunte a ela!

E Ermiro, pilherico, procurando desfazer a carranca do ambiente:

– Quem foi que morreu, Mariinha? Terá sido o “Mimi”?

E ela, debruçada sobre a mesa, com a cabeça escondida nos braços, falando com reticencias de soluço:

– Demonio de um lugar triste... sem distração nenhuma... a gente passa a semana toda metida em casa... trabalhando... e quando acaba qui chêga dia domingo ainda mamãe não deixa a gente sair... pra se distrair com as outras... Uma vida assim... antes a gente morresse...

– Ora, Dona Ismelia! deixe a menina passear! Garanto que a senhora quando era moça gostava de se distrair tambem! Deixe a menina! Que mal faz um passeio a quem passa a semana toda sem sair? Só faz é bem!

– Não sae não! Eu qui não zele por ela e destá qui você vae zelá! Ouço dizê qui vem aí um tá de comunismo que não respeita muiê casada, nem moça, nem nada! Emquanto o deabo desse sujeito não passá ela não sae!

C21[1933]

#### MANTEIGA

O Manoelzinho, filho do Coronel Garrido e de Dona Ismelia, irmão, portanto, de Mariinha, gosta de manteiga mais do que é preciso.

Põe-lhe o controle no gôsto, regrando-lhe a manteiga. O Manoelzinho não tem o direito de dispor do manteigueiro á sua vontade. No dia que consegue avança qualquer cousa, desputando maior quantidade de

manteiga, o Coronel estrila! Acontece que um dia o Coronel oferece um almoço a um medico amigo. O Manoelzinho aproveita-se da presença do medico para se desferrar de tantos dias de manteiga regrada...

Passa o almoço. Vem o café das três horas da tarde, com biscoito, pão, e manteiga! Foi aí! Manoelzinho levava a faca com vontade no mantegueiro e em seguida ao biscoito que a transportava ao papo! O Coronel passava-lhe olhares significativos, terrivelmente significativos! E Manoelzinho nem como coisa! Continuava calmamente levando a faca ao mantegueiro, em seguida ao biscoito e o biscoito á barriga. Fazia que não via os olhares do velho! E a faca vinha cheia de manteiga. Já não era biscoito com manteiga. Era manteiga com biscoito...

O dr. conversava, Dona Ismelia, que o ouvia com muito interesse, tambem falava na sua linguagem de matuta endinheirada... Mariinha era toda contentamento. Dir-se-ia que esperava ser pedida pelo doutôr. Tambem Dona Ismelia parecia acariciar essa ilusão... O Coronel Garrido conversava pouco, limitando-se a “pois não!” “É isto mesmo.” “Perfeitamente;” “Tem razão.” Mas, sempre se esforçando por fazer cara alegre. Manoelzinho é que não falava. Levava a faca á manteiga, em seguida ao biscoito e o biscoito á pança...

O Coronel estava pra perder a consideração á presença do doutor, e estourar. E, de fato, acabou estourando. Num dos momentos em que o Manoelzinho, muito calmamente levava a faca ao mantegueiro, o Coronel não resiste o impeto e salta no pulso do filho, dizendo:

– Larga aí, não sei que diga! Larga! Isto é manteiga, não é merda não!

C22[1933]

#### LAMPEÃO

Antonia preta é uma agregada de Dona Elvira, proprietaria da fazenda Riacho do Ouro, que se limita com o Morro Alto. Antonia, coitada, é uma creatura simples, que faz painéis de barro e não conhece o trem. Apesar de morar a poucas leguas da estrada de ferro, nunca Antonia preta vio um trem. Nunca sae da sua roça ou do seu barreiro. Plantando alguma cousa o fazendo alguma painela pra vender. Daí a sua expressão de um dia desses. Conversava, com Dona Elvira, sobre Lampeão.

– Eu não sê, Dona Elvira, cuma Lampeão não amonta um trem pra saí pur o mundo fazeno bramura!

Dona Elvira ri da enguividade da preta e diz:

– “Ele é doido, Antonha?!”

– É menmo! Ele fica cum mêdo do dono do trem bota o trem pra donde quizé e saí num cumerço.

C23[1933]

#### INFERNO

Nestes ultimos dias tem cahido umas chuvinhas finas, que não dão “para fazer agua” mas dão para fazer lama. Nestas ocasiões a cidade de Mundo Novo fica simplesmente horrivel! Esta minha terrinha não é somente a cidade mais feia do Brasil. É, tambem, a cidade mais suja do Brasil. O deposito do lixo é a linha central das ruas. Os donos das casas, de um lado e de outro de cada rua, varrem seus respectivos terreiros, empurrando o lixo para o centro. De mês em mês, de dois em dois mezes, quando ha “verba”, a prefeitura manda passar a vassoura na cidade...

O cano de esgoto é o corrego (rio Capivary) que atravessa a cidade em diversos pontos, passando pelos fundos das casas, onde faz a coleta... Uma inteligente senhorinha, em Cachoeira, me dizia, certa vez, que cada cidade tem um cheiro característico. E citava exemplos: Cachoeira tem um cheiro de peixe; Santo Amaro cheira a cachaça, S. Felix cheira a fumo... S. Salvador cheira a flôr... Aquela curiosa senhorita não conheceu Mundo Novo. Se conhecesse haveria de dizer que Mundo Novo cheira, ou melhor, fêde a latrina...

Isto é assim hoje e nunca foi de outro modo... Ora, imagine-se o que não é Mundo Novo quando chêgam as chuvas de junho! Tem havido ocasiões de animal atolar-se no meio da rua. De dia o movimento pedestre se faz pelas calçadas que se cobrem de lama. E á noite ninguem sae de casa enquanto dura o inverno. Otimo para as esposas ciumentas. Os maridos se tornam caseiros... Pois bem, com as pouquinhas chuvas que tem aparecido nestes ultimos dias, as ruas estão daquele geito... Daí a expressão formidavel de um tabareo que passou, ha pouco, de calças arregaçadas, pés na lama, tangendo um animal com caças de carne:

– Êrre, cus deabo! qui o seo inferno fôsse chiquêro, quando os home desta terra chegasse lá pensava qui nan tinha morrido... Tava im casa...

C24[1933]

#### SUICÍDIO

19-5-934 – Um grupo de tabareos falava sobre as dificuldades da vida. Vae um deles e diz:

– “A coisa tá ficano cada vês mais pió. Eu já disse lá im casa: no dia que eu me adaná compro um quilo de colaborêto, como todo, adespois ingulo um muringo dagua pum riba e fico isperano o papôco.

C25[1933]

## MERCADO

Dia de sabado em Mundo Novo. Dia de feira. Debaixo do barracão, o brohaha – confusão. E os tabareos mercado:

- A farinha é bôa, rapaz! Bote um punhado na bôca, mastigue e oie pra mim!
- A cuma tá dano o fêjão?
- Chega negrada! Tá cabano!
- Oia o fumo! Quem gosta do qui é bom incoste pra bêra dêle! É fumo de verdade! Nunca foi batisado mas nan é pagão!

C26[1933]

## GENTE POBRE

- Por quanto dá o caneco?
- Mil e dois tões.
- Home o copo é bom, bem furnido, mas porem nan tá prestano porque só tenho nove tostõe. Dá pur os nove?
- Não se pode. É o preço.

Nan posso levá. Gente pobe é um traste qui só pode comprá o que é runhe. Se eu conhecesse o sujeito qui inventou gente pobe dáva mais pancada nele de que na cara de meu pandêro...

- Tu é doido, peste? Quem inventou gente pobe foi Deus;
- Qui Deus, seu burro! Deus nunca inventa o qui nan presta! Gente Pobe é obra do Sujo!

C27[1933]

## COMO É O PARTIDARISMO NO SESTÃO...

Mundo Novo – Maio, 934... ... A fiscalização municipal matou uma porca e jogou-a no posto de A... Este, oposicionista de rampa e tampa, vio naquilo uma pirraça da situação e, em represalia, apanhou a finada e colocou-a sobre a ponte, no meio da rua. Sabedor disto o prefeito manda intima-lo a retirar a sem/sorte do meio da rua. A... manda dizer ao prefeito que desconhece homem que o obrigue a apanhar a coitada. Com isto o prefeito se azureta e manda a policia á cata do malereado... Nesta altura das cousas, um tercius que não é politico, é integralista, surge em cena e paga 200 rs a um rapaz para apanhar a desditosa e enterra-la. Encerrou-se, assim, o insidente... Foi o ultimo ato... Cafo o pano...

C28[1933]

## LAMA

O inverno tem continuado... em consecuencia as ruas de Mundo Novo vão ficando intransitaveis. Hoje, uma velha, com um balaio á cabeça fazendo malabarismo do deabo para se equilibrar na travessia de um trecho de rua, resmungava:

- Deabo duns home qui ganham tanto dinheiro do governo, e nem pra mandá carçá estas rua de peda!

C29[1933]

## CASTRO ALVES

Tenho o habito de, quando fazendo qualquer trabalho manual, pôr-me a assoviar ou cantar, ou resitar em voz alta. Um dia sinha Zabé, mulher de João Grilo, estava aqui em casa, quando comecei a recitar:

“Senhor Deus dos desgraçado...

... Ao ouvir este verso sinha Zabé ficou assombradazinha, dizendo:

- Misericorda! Misericorda! Três vêis misericorda!

E saío se benzendo...

C30[1933]

## TIRADENTES

Dia de sabado. Seu José, marchante da roça, que “sabe a lê”, chegou aqui á procura de Papae, com quem tinha negócios a tratar. Papae não estava mas não demoraria a chegar. Que esperasse um pouquinho. Ficou esperando. Havia-me chegado correspondencia da cidade: cartas, jornaes, etc. Entre os jornaes vinha um pequeno periodico de propaganda de remedio, do Rio de Janeiro. Este periodico, tinha, na capa, um grande “cliché” de Tiradentes, com a descrição dos suplicios, da execução do martire.

O cliché despertou a atenção de seu José... Tomou então do periodico e começou a ler para si, enquanto eu foliava numeros do “Diario de Noticias” da Bahia.

Estava eu no melhor do gosto, lendo um artigo de Altamirando Requião – Justo reparo, – em que o jornalista punha a nú a falta de vergonha de um politico, quando fui interrompido por seu José que dizia – Mais isto é um fim de mundo! É! É um fim de mundo!

Sinha Zabé, que estava de parte, se interessa, curiosa, pela coisa que escandilasava a seu José, e lhe pergunta:

- O qui é seu José?
- É um fim de mundo! Mataram um home inforcado im Mina Gerá! Taqui nesta foia! Oie o retrato! É fim de mundo!
- E sinha Zabé olhando o “cliché”, compadecida: – coitado! Va vê qui era inte uma bôa pessoa...

C31[1933]

#### CONVERSANDO COM SINHA CONSTANÇA

- Dizem qui no Mucambo tá apareceno um trem.
- Um trem?!
- Inhôrsim.
- Então Mucambo está bem melhorado! Quando eu tiver de decer vou tomar o trem no Mucambo...
- Vamicê já pega cas caçuada de Vamicê! Vamicê bem qui tá sabeno qui né trem de vapô de decê pra baixo.
- Então como é o trem de Mucambo?
- É um bicho qui tá apariceno denoite e fazeno istripulia. Dizem que aparece adispois das dez e só desaparece adispois qui o galo canta.
- E que deabo de bicho é este que nem tem mêdo de canto de galo?
- Né mêdo não. É porque disincanta quando o galo canta.
- E esse bicho é encantado?!
- Havera de nan sê! se tão dizeno qui é labishome!
- É?
- Meu Deus me perdõe qui eu nan sê o qui tou dizeno. Mas a bôca do povo tá falano qui é “Januario pé de pão” qui tá virano labishome.
- Coitado do velho Januario!
- Dizem qui tem noite qui vira barrica e tem noite que vira jegue.

C32[1933]

#### CORONEL SALÚ

- O Coronel Salustiano Ribeiro, o conhecido Coronel Salú, é um dos homens mais trabalhadores do municipio de Mundo Novo. Faça sol ou caia chuva, Coronel Salú está pegado no grosso. Ora no cavador, cavando o chão para ficar topes, na construção de cercas; ora na foice, fazendo “aceiros”; ora agarrado ao cabo da mutamba, na faina das campinas, o Coronel Salú não para. Suas mãos calosas lebram “solá” de pés de negros sambistas. Homem trabalhador! E economico. Muito economico. Trabalha tanto, é por economia. Para poupar o seu cobre que, aliaz, não é muito pouco: calculam em três mil contos a sua fortuna. De vez em quando vae á Bahia, depositar dinheiro no banco.
- Na sua primeira viagem á Capital, foi acompanhado do Dr. Zeca. Contam que na estação do França, no momento do Dr. Zeca comprar a passagem, perguntou-lhe:
  - O Coronel quer compre 1ª classe, ou prefere 2ª?
  - Pergunta, então, o Coronel:
  - Quale é a qui chêga mais prémêro?
  - Chegam ambas ao mesmo tempo, Coronel. Eu pergunto se o Sr. prefere a 2ª porque a 1ª é mais cara.
  - A primêra é mais cara?!
  - Sim senhor.
  - Venha a segunda.
  - Mas a 1ª mais decente, Coronel! Mais de acordo com a posição de Coronel!
  - Venha a segunda. E lá se foram, o Dr. na 1ª e o Coronel na 2ª...

C33[1933]

#### UM VALENTE MEDROSO

- O velho Nunes, meu parente, atualmente morador em Djalma Dutra é homem que já pegou em pau de fogo, com os “meninos” do Coronel Antonio da Benta, no Morro do Chapeo, e ainda hoje, havendo oportunidade, o velho Nunes pega bonito no pau de fogo. Mas, tratando-se de coisa que cheire a misterio, a sobrenatural, o velho Nunes “é uma galinha”: Nada de relações com o pessoal do outro mundo. Isto não. Dá uma tremedeira nas pernas, e acabou-se o homem... Ante-ontem, conversando em uma roda de amigos, em casa do Coronel Isaias Lopes, êle; no momento em que a conversa girava sobre espiritismo, visagens, coisas do alem tumulo, etc. êle dizia:
  - Vocês fiquem certos de uma coisa:
  - Eu quero me encontrar com Lampeão e não quero ver meu pae.

C34[1933]

## UMA FAMILIA DOENTE

Em questão de saúde não se pode gabar a família de seu Tito, pois as doenças não lhe tem deixado ter socêgo. O velho, reumático, é aleijado de uma perna. Anda capengando. A velha, também reumática, já passou meses de cama, parálitica, e vive cheia axaques. Uma filha moça ficou cega. Outra filha, uma morena belíssima, 1 ano depois de casada ficou parálitica das pernas. O filho mais velho casou-se, e um ano depois ficou viuvo – a mulher morreu de parto, deixando um guri que recebeu o nome do avô paterno. “José, o caçula”, segundo me disse o velho, “não qué dá pra nada.” É por tudo isto que, passando eu ha poucos dias, pela casa do velho Tito, e perguntando á velha como iam todos, ela me respondeu que está “tudo cheio de não presta.”

C35[1933]

## O QUE É O PARTIDARISMO NO SERTÃO...

O Coronel A..., está de cama, ha quase um ano. Piorando, dia a dia, ficando cada vez mais fraco. Afim de lhe poupar o esforço de estar chamando as pessoas que lhe servem de enfermeiras, entregou-lhe a família uma campa para tocar toda vez qui precise de alguém. Pois bem: esta piedosa lembrança da família do doente deu margem a gostosas gargalhadas dos adversarios políticos. Estes andaram pela cidade toda, a dizer, em cochichos e risatas, que “botaram chucalho no velho.”

C36[1933]

## O EXEMPLO DE ADÃO

Antonio de Chica era um agregado da fazenda Ipoeirinha, propriedade de dindinho João Mota. Chica era o nome de sua mulher, que era, por sua vez, conhecida pelo nome de Chica de Antonio ou Chica da “Vaca Parida” ou, ainda, Chica de Antonio da “Vaca Parida.” (Vaca-parida era o antigo nome da fazenda Ipoeirinha.)

Antonio de Chica era um pobre deabo trabalhador e bom. Calado, prestativo, paciente e manso como um jegue de botar agua. Apesar disto, teve, certa vez, uma rusga com a mulher, rusga que acabou em separação.

Foi então que Antonio de Chica foi viver em Canabrava. Abandonou a mulher. Mas o nome dela acompanhou o seu até á morte. Em Canabrava Antonio de Chica cometeu o monstruoso crime de viver maritalmente com a propria irmã! Dizem que quando lhe chamavam a atenção sobre o crime que estava cometendo, êle respondia:

– “Gente, o mundo começou foi assim.

E perguntava: – “Cuma foi qui os fio de Adão rendero?”

C37[1933]

## COM OS IMPOSTOS

Ninguem escapou ao lançamento do celebre imposto de capitação, creado pelo capitão Juracy Magalhães. Ninguem escapou. Pobres lavradores, donos de cinco, dez tarefas de terra, tiveram de pagar o imposto e, o que é peor, pagar com multa porque não pagaram em tempo, nem fizeram reclamação dentro do praso legal.

Aqui perto ha um lavrador nestas condições. Vae pagar 10 mil reis de imposto de capitação e mais vinte mil reis de multa... Disse êle que não pagou em tempo de evitar a multa, porque não “estava podendo”, como ainda não está. Esteve hoje aqui em casa, conversando queixando-se da corte. Formiga acabando a roça, imposto, multa, um filho doente, á mingua de remedio, um horror! Acabou me dizendo:

– Ainda onte eu tava na roça, oiano o estrago da formiga e pensano: – esse mundo parece qui vaê cabá ficáno na mão de duas coisa: – a formiga e a justiça. Uma come dum lado, outra come do outro.

C38[1933]

## RATOS DO DEABO!

No arraial de Alto Bonito um tabareo falava, indignado, contra o imposto de 100 rs em cada quilo de carne, e outros impostos absurdos. Dizia:

– Tá uma coisa incrive de se acritá. Siturdia eu ranquei uma carga de batata e fui vendê no Mont’Alegue. Ora muito qui bem: vendi por trez mi reis, me cobraro mile e quinhento de imposto, ora muito qui bem, paguê um mi reis de alugué do cavalo e só fiquê cum cinco tostõe! É uma coisa incrive de se acriditá! Oie qui a gente tê o trabaio de prantá, tratá, rancá, lavá na cacimba, levá pra fôra, pra fica tudo isso por cinco tostõe!

Ratos do deabo! Mais pió de que rato. Inquanto um rato dá uma viaje eles dá vinte! Só se matano tudo quanto é culetô e fiscá. Matá tudo. Do contraro a gente acaba é morreno tudo ca camisa qui naceu. Só se matano tudo.

C39[1933]

## AZUL DE METILENO II

Em 1919, esteve aqui na fasenda, trabalhando na tiragem de uns rumos, o engenheiro, Dr. F..., então delegado de terras e minas desta zona. Naquele tempo moravamos no arraial de Alto Bonito, de modo que a unica habitação que havia aqui na fasenda era a casa do vaqueiro, Manoel de Teodoro. Essa casa, portanto, é que teria de servir á hospedagem do illustre personagem. E foi: Preparou-se um quarto, recebeu-se o doutôr.

Trouxe consigo, o engenheiro, algumas capsulas de azul de metileno, que usava talvez como preventivo contra o impaludismo das regiões onde trabalhava.

Por isto, no dia seguinte ao da sua chegada, “Fiinha”, a filha mais velha do vaqueiro, tendo ido ao quarto do “cujo”, fazer o asseio, saio de lá com o bacio, mostrando-o às irmãs, e dizendo, admirada:

– oia meninas! oia uma coisa! mijo de doutou é azú!

C40[1933]

#### CANTANDO RODA

Noite de lua. As meninas cantam roda no terreiro da fazenda:

“Menina diz a teu pae, teu pae, teu pae,  
que uma agulha que se perde não se acha mais.”

A filha do agregado não sabe a roda da agulha perdida. Propõe que se cante uma que ela sabe. Mas as outras não sabem a que ela sabe. Ela ensina, á meia voz. E todas cantam, sorrindo:

– “Segunda feira eu fui na estação sabê nutiça da rivilição. O povo disse qui a revorta evem pegano os home e as muié tomém.”

C41[1933]

#### EXCURÇÕES Á SERRA DOS CRISTAES

Chegava-nos a fama da “serra dos cristaes,” distante daqui apenas legua e meia. Diziam nos haver cristaes de toda côr. Brancos, verdes, vermelhos, azues... U’a maravilha, a “Serra dos cristaes.” Iriamos lá. Fomos. De fato, uma grande quantidade de cristaes miúdos. Apenas não encontrámos as côres.

Dias depois comentavamos, no Alto Bonito, a riqueza cristalina da serra de Palmeirinha.

Um dos tabareos presentes comentou:

– Esse nosso Brasi (1) tem é riqueza, de verdade. Ouro, por essas bibócas de serra, tem e é munto, né bestêra não. Só tá fartano é um istrangêro pra mode rancá. Se por aqui aparecesse um bocado de istrangêro, havia de havê uma dinhêrama danada nesse Brasí.

(1) NOTA: Brasil é, aqui, sinonimo de zona, região, etc.

Voltámos Durval e eu á “Serra dos cristaes.” Desta vez levamos uma turma de trabalhadores armados de enxada, alavanca, picareta, etc., para furar a Serra, á procura de cristaes graúdos. (Os que se encontram á flôr da terra, são miúdos e, por isto, sem valôr para negocio.)

Chegados á crista da serra, deixámos os trabalhadores a cavar no lugar que indicámos e saimos, pelas proximidades, á cata de cristaes bonitos.

Os trabalhadores achavam graça da exploração. Faziam comentarios e riam, quando nos distanciavamos.

Consegui ouvir um comentario de Rafael:

– Esses home não tem é o qui fazê. Se é de pagá a gente pra prantá mãodoca, paga á gente mais é pra cavar cacimba im cacurute de serra, pricurano o qui nan guardaro.

Julgando-nos distante do local onde trabalhavam, os trabalhadores conversavam indiscretamente:

– Você pensa, Rafaé, qui se eu achasse aqui argum pedaço de ouro, qui eu dava a êles? Eu dava mais era a meu bôrço.

– Isto é qui não! Nós tamo trabaiano é a dia; portanto todo ouro do mundo qui nois achasse aqui tinha de sê dado aos home.

E concluo:

– Mais nan acha não, ouro aqui é mais difice de que carne lá im casa.

Tendo falhado a primeira exploração, saimos com os trabalhadores, por uma encosta, á busca de um lugar melhor para nova escavação. Quase toda a superfície deste lado da serra, é forrada de cristaes miúdos. Aqui, acolá, se encontra um mais graúde ou alguma pedra grande formada por uma aglomeração de grande quantidade de cristaes pequenos. Neste momento de caça aos cristaes, cada um dizia desejar encontrar um cristal graúde para isto ou para aquilo. Eu, por exemplo, desejava encontrar uns três, pelo menos, para a minha escrevania. Um dos trabalhadores afirmou que queria pegar um graúde pra “torrar” nos cobres e passar uma semana de carne.

Cada um exteriorisava o seu desejo. Rafael não quis fazer exceção. Disse:

– Tomara qui eu ache um do tamanho dum parmo de minha mão, pra mode eu mandá pru governo. E, depois de uma pausa:

– Aquele fio d’uma egua...

A’ hora do almoço fizemos um fogo para o café; ao lado estendemos uma toalha, distribuimos as colheres e, sentados em pedras grandes, puzemo-nos á farofia com carne assada e raspadura. Em torno, o panorama formidável: – fazendas: pastos, casas e curraes; pedaços de mata; retalhos azues de montanhas distantes... A casa da fazenda Morro Alto, legua e meia destante, via-se pequena, parecendo uma caixinha branca de papelão.

Rafael, o mais conversador dos “garimpeiros”, olhando-a, teve uma comparação bonita:

– A casa de seu Totonho, oiada daqui, fica piquinininha qui chega fica pareceno um capucho de argudão caído do gaio.



– Se tivermos aqui um monoculo bom, disse eu, poderíamos vê-la direitinho. Veríamos até se ha ou não alguem á janela, se o cachorro está deitado na porta, se as galinhas estão na grama do terreiro, tudo!

– Mais será qui via menino?

– Via-se! Via-se tudo direitinho, direitinho!

– Qui coisa invisive!

Para se ir daqui á “Serra dos cristaes,” tem-se que passar pelo arraial de Palmeirinha, distante da serra meia legua. Palmeirinha está plena decadencia. A malaria do rio de Jacópe, que o banha, despovou-o. A maioria das casas está fechada. E ha muitas em ruina: – sem portas e sem têlhas porque os proprietarios venderam, as paredes vão caindo, pouco a pouco. Em algumas, só ha de pé os esteios. Palmeirinha está com um aspeto de cemiterio. Cadaver de povoado.

Quando, de volta da serra, passamos em Palmeirinha, estava escurecendo. A’esta hora Palmeirinha é de uma tristesa contagiosa. Pessôas de cócoras, pelas calçadas das casas habitadas. Homens sujos, barbas crecidas, fumando cigarros de palha. Mulheres tristes. Meninos amarelos e pançudos. Uma tristesa...

O predio melhor de Palmeirinha, assobradado, em perfeito estado, foi vendido por 180\$000. Em caminho comentavamos isto:

– Mesmo assim, dizia eu, é de admirar ter sido vendido.

Então, o Rafael, sempre o Rafael, revelando uma sagacidade espantosa, diz:

– Vomicê é de vê, eu fico bêsta né dêle tê sido vendido; eu fico bêsta é dêle tê sido comprado!

C42[1933]

A “LIRA MUNDONOVENSE”

No dia 12 de outubro de 1896, nasceu, na cidade de Mundo Novo, a sociedade filarmônica “Lira Mundonovense” que, tendo fôlego de sete gatos, só veio a ter o “consumatum est” no ano de 1933. Antes disto, no ano terrível de 1932, a Lira, apesar de toda ruina, pareceu reerguer-se: – reuniram-se os socios, reorganizaram estatutos, introduzindo-lhes novos artigos, etc., etc.

E houve posse, houve baile, houve um momento de alegria...

Tinha-se a impressão de ver um doente quase morto, saltar da cama, satisfeito, e ir sorrir á janela, exibindo saúde...

Mas tudo aquilo era apenas a “visita da morte” que chegou no ano seguinte... Entre os novos artigos introduzidos nos estatutos, por ocasião da “visita da morte,” um havia que visava proteger o “socio amador”, (o musico), e resava que á Sociedade ficava o dever de “custear o funeral do socio amador logo que ocorra o falecimento.”

Por causa deste artigo dos estatutos, andou correndo pela cidade o boato de que o musico Fulano escrevera ao presidente da “Lira”, pedindo-lhe 20\$ por conta do seu funeral...

C43[1933]

FALAR DIFICIL

Nada mais interessante que se ouvir um tabareo que gosta de “falar difícil.” Essas ingênuas creaturas tem cada uma “de se tirar o chapeo.” Em Monte Alegre, contaram-me, havia um camarada que tinha a mania de “falar difícil.” Certa vez, em um pique-nique, ele ouviu, após á feijoada, alguem dizer, passando a mão pela barriga:

– Arre! comi que chega fiquei obeso!

O amigo de “falar difícil” notou aquela palavra – obésio. E quando a primeira oportunidade surgiu, êle passou a mão pela barriga, dizendo muita seriamente, para os que o cercavam:

– Arre! comi que chega fiquei osébio!

Em Mundo Novo um desses camaradas se encabulou foi com a palavra opaco. Morava na cidade. Achando-se um dia em um arraial, quis mostrar á gente do arraial, que gente da cidade sabe “falar difícil.” E olhou o ceo e disse, com suposta admiração!

– O ceo hoje está opaco!

Então um rapaz do arraial que não gosta de ficar por baixo em materia de “falar difícil”, pergunta:

– O Sr. é astrônomo?

E o cidadão responde:

– Não. Sou afilhado do Dr. Jambeiro.

Ha poucos dias um deles dizia em Mundo Novo:

– Qual, o negocio do mundo é cereaes. É com que tenho me aguentado. Agora mesmo vendi oito burricos e ganhei meus cento e sessenta mil reis.

Um outro me queixava que estava precisando fazer um tratamento de dentes. E como em Mundo Novo, naquele tempo, não havia dr. diplomado, só havia um charlatão, êle me dizia:

– Mas no Mundo Novo, eu não faço. Porque em Mundo Novo tem dentista? Mas eu não creio nele porque êle não é diplomatico.

– Só farei meu tratamento com um dentista diplomatico.

C44[1933]

## MADRUGADOR

Em geral o sertanejo é madrugador. Na fazenda do Dr. Filgueiras, município de Mundo Novo, ha um que, todo dia, ás 4 e 1/2 da manhã, bota a boca no mundo, gritando a filha:

– Maria! Ô Maria!

– Inhô!

– Levanta qu'ê meio dia!

– Mas este é safado – Maria se levanta e êle fica deitado...

C45[1933]

## SÊCA

Isto aqui parece que vae virar deserto. Estamos em fim de junho, epoca de muita chuva, de terra molhada, ladeiras escorregando, lama, atoleiro, “guixé” maduro, fartura... Entretanto, o sol nasce e se põe com uma cara de sol de agosto. Os mantimentos, plantados com as pouquinhas chuvas de maio estão munchando, morrendo; os pastos estão se acabando; sofrimentos horríveis ameaçam cair sobre o sêrtanejo já carregado de sofrimentos. A fome de 32 ameaça repertir-se! E o sertanejo não esmorece. Não lhe esgota a coragem para trabalhar e cantar. Que importa o sofrimento quando ha pandeiro, viola e um pretexto para um samba?!

Ontem houve um pretexto: noite de São João. Em casa de João Grilo, (agregado), houve reza e depois da reza o pandeiro e a viola entraram em cena. Chulas, batuques, sapateios, caxaça, até o dia clarear...

O batuque harmonizador da reza e do samba:

“São João gosta de samba; Apois bem vamo sambá.”

Fui á casa do Grilo, antes de começar a reza. A casa estava cheia de mulheres e meninos; e o terreiro repleto de homens e rapazes, assentados em paus espalhados no terreiro ou de cocoras em tórno da fogueira. Havia rapazes engravatados e cabrochas de meias e fita no cabelo melado de oleo de côco. Aqueles caem no samba e estas caem na “roda”.

Não tive paciencia de me demorar, perdendo, assim, ótima oportunidade de uma bôa colheita. Durante os poucos minutos que lá estive ouvi Juvencinho:

– Tá cum quato mêis qui limpê terra e abri cova pra prantá mãedoca e inté hoje ispero pur terra moiada! Tá lá do menmo gitinho de quando limpê – sêca, isturricada. Pur chuva parece qui nan móia não. Eu tou veno qui só dano pra mijá nas cova!

C46[1933]

## SINHA CRISTINA

O cachorro correu latindo para o lado da estrada.

– Vem, danado, vem! Eu te passá-lhe o pilunga de mucambo na cabeça qui tu é de vê cum quantos pau se faz uma canoaia.

Era sinha Cristina que vinha chegando, acompanhada de uma irmã. Sinha Cristina é uma pretinha saratica, que conversa pelos cotovelos. Está absolutamente convencida de que é engraçada, porque todos riem quando ela fala. Já não é moça. Abandonada pelo marido, vive com um filho “quase home” e uma filha quase moça. Por anda é dizendo, com o fito de fazer graça que se vâe casar para poder suportar melhor o frio deste inverno sem chuva.

Gosto mais de ouvi-la quando fala sem a preocupação de fazer rir.

Hoje a ouvi assim. Queixava da “curadeira” Minervina, moradora na “Lagôa Redonda”, que não soube dar geito á doença da Maria, sua irmã.

– Eu bem que dizia: Maria, este dinheiro que tu vae gastá cum Minervina é dinheiro jogado no mato. Mais ante tu pegasse teu dinheiro e comprasse carne e comesse.

Dito e feito – nan valeu de nada a tá vosinha. Bebeu duas garrafada e ficou foi mais pió.

Eu bem dizia a Maria; bem qui lhe abri os óio. Nunca pude me entrá cum aquela muié. Deabo de uma muié cheia de remelexo, de lodaço. A muié reza, a muié acende vela, a muié apaga vela... gente, quanto licotixo!

Disse que a doença de Maria era tres isprito; qui tirou dois mais qui o outro nan pode tirá porque ta morto dento.

Nunca vi isprito morrê!

C47[1933]

## SEDENHO

O velho José vaqueiro, morador no município de Djalma Dutra, é perito no fabrico de cabrêstos, peias, etc, de sedenho.

Dona Fulana, fazendeira naquele município, gosta, como toda fazendeira que se presa, de ter tudo bom: cavalo, arreios, etc. Por isto estava desejosa de ter uma redea de sedenho branco, feita assim, assim e assim. Mandou chamar seu José para lhe encomendar a redea, dizer-lhe como a queria, acertar preço, etc.

Foi tudo muito bem. Mas no acertar do preço é que não foi muito bem.

– Não, seu José, por 4\$000 está caro demais.

- Não tá não, Dona, vomicê pode crê que nan tá. Tá é barato. Sedem bom é difíce.
  - Não senhor. Por 4\$000 é um absurdo. O senhor quer 2\$000, faça. Por mais não é possível.
  - Ave Maria, sinha Dona! 2\$000 é pouco demais!
- E, sem malícia alguma:
- Por 2\$000, só se vomicê me dé o sedem!

C48[1933]

DIA DE FEIRA NO ARRAIAL DE ITABIRA

Domingo. Dia de feira no arraial de Itabira. Eu esplicava aos “brasileiros que trabalham e sofrem” o que é o Integralismo. A massa da feira rarefez-se. Porque a quase totalidade se condensava em torno de mim escutando a palavra nova. Ouviam com muito interesse e aplausos. Ao terminar a palestra, quando me afastava da massa que me escutava, ouvi um deles dizer:

- Ê danado! Mas pra distrinxar tanto trem só menmo uma cabeça de doutou.

C49[1933]

ITABIRA I

Sentina –

Antonio vaqueiro, intimo de lá de casa, hospedou-se comigo de ontem para hoje.

Chegou á tardinha. A’ noite lhe mostrei a sentina, dizendo-lhe sertanejamente: – ali é para desapertos; se tiver vontade de se desapertar, é só ir ali.

Ao que êle responde:

- Adonde! Vou o quê! Se me dé vontade eu vou é no meio da rua mesmo. Amanhã o fiscá qui mande panhá. Nan sei pra que diabo fiscá ganha!

C50[1933]

ITABIRA II

FALAR DIFICIL –

É costume do povo deste arraial, como, aliaz de todos os arraiaes deste nordeste, morar em casa sem muro e sem latrina. A latrina é nos matos. Daí a enorme quantidade de amarelos enverminados destas regiões.

A casa que aluguei para minha residencia não era uma excessão. Isto é, como 3 outras, não tinha muro nem latrina. O proprietário, avarento, não os faria. Podesse ou não, tiria eu de fazer a despeza de muro e latrina, se os quizesse. Resolvi, então, por economia, fazer tudo de palha de palmeiras que é o que há aqui com fartura.

O senhor que me apareceu para “pegar o serviço”, era desses matutos que gostam de falar difícil.

Disse-lhe que desejava fazer a latrina com parêdes de palha de palmeiras; acrescentei que estava sem resolver se faria assim ou não, porque assim, quando as folhas secassem poderia a coisa ficar ruim... fendas, um olhar curioso de quem passasse, etc. ... ao que êle disse:

- Home, o supricante passando somentes não vê não. Mas acho méllhor fazer de barro. Porque fazendo de palha fica as grêta e pode passar argum supricante sem energia e têr a precedencia de ficar espiando os permenores...

**APÊNDICE B** – A edição dos 43 panfletos publicados em *O Pasquineiro da Roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P., 2015)

P1[1949]

**O QUE IMPORTA**

A Bíblia é a palavra de Deus. E na Bíblia está escrito que só se morre uma vez: “está decretado que os homens morrem uma só vez, e depois disto é o juízo.” (Hb. 9.27) O Espiritismo diz que se morre muitas vezes. A que dar credito? À Palavra de Deus ou à palavra do espiritismo?

Deus disse que, logo que a gente morre, recebe o premio ou o castigo que se merece, de acordo com o mal ou o bem que se fez: “a cada um, no dia de sua morte, o Senhor retribuirá, conforme suas obras.” (Ecli. 11, 28). O espiritismo diz que não é assim; diz que é pela reencarnação que cada um irá purificando-se dos males que praticou. Com qual dos dois ficar? Com Deus ou com o espiritismo?

Deus prometeu o perdão imediato ao pecador que se arrepende. Ao ladrão arrependido não mandou reincarnar-se. Disse-lhe: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso.” De acordo com o espiritismo o ladrão teria de reincarnar-se... Quem está certo, Jesus ou o espiritismo?

A ressurreição da carne é doutrina fundamental do Cristianismo. Negar a ressurreição é repudiar todo o Cristianismo porque é repudiar o próprio Cristo. Pois bem: – a doutrina espírita da reencarnação é contra a Ressurreição. Segundo a Ressurreição, Doutrina de Cristo, no dia do juízo cada homem reviverá, com o mesmo corpo e a mesma alma. Segundo a reencarnação, doutrina de Kardec, cada alma terá muitos ou muitíssimos corpos e assim se torna impossível a Ressurreição pregada por Jesus. Resumamos: Cristo pregou a Ressurreição; Kardec pregou a reencarnação. Se a Ressurreição é verdade, a reencarnação é mentira; se a reencarnação for o certo, a Ressurreição é um erro. Daqui não temos para onde fugir: ou Jesus está certo e Kardec está errado; ou Kardec está certo e Jesus está errado. Ressurreição ou reencarnação. Kardec afirmou expressamente: – “... não se pode admitir a ressurreição da carne...” (Livro dos Espíritos, pagina 458) Cristo pregou a Ressurreição, Kardec diz que “não se pode admitir a Ressurreição.” Como que ficarmos? Com Cristo ou com Kardec? Ficar com Kardec é ficar contra a Ressurreição. Ficar contra a Ressurreição é negar Cristo, é ficar contra Cristo. Dizer que fica com Cristo e com Kardec; que é católico e espírita; que é espírita e católico; dizer isto é afirmar uma bobagem tão grande, um contrasenso tão absurdo, que... não merece sequer um comentario!

Leitor: –entre a Ressurreição e a reencarnação; entre Jesus e Kardec, não titubeio: – fico com Jesus. Podem os “sabidos” fazer chacótas e me chamarem de caróla. Não importa. O que importa é a Fé dos Apóstolos. E eles rezavam assim:

– “Creio na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na RESSURREIÇÃO da carne, na vida eterna. Amen.”

MUNDO NOVO, Novembro, 1949.

EULÁLIO MOTTA

Nota: – As citações foram colhidas no livro “O que é o espiritismo,” de Negromonte. Tomo a liberdade de recomendar este livro a todos que se interessem pelo assunto.

P3[1960]

**CEGOS...**

A mitologia apresenta cupido de olhos vendados. Para significar que o Amor é cego. Deveria apresentar Belzebú de olhos também vendados. Porque o ódio também é cego. O Amor é cego para os defeitos da criatura amada. O Ódio é cego para as virtudes do odiado. Ocorre-me tais pensamentos ao considerar o ódio dos piritibanos ao nosso Mundo Novo. Ódio absolutamente gratuito, sem motivo nenhum, sem nada que o justifique. Ódio cego, totalmente cego!

Vejam: – o povoado das Cinco Varzeas, com a chegada da ponta de trilhos da “Leste”, tornou-se comércio de Piritiba. Comércio que se desenvolveu rapidamente, assumindo proporções de cidade: superior a algumas sedes de municípios. Daí a aspiração natural e justa de se tornar sede de município, emancipando-se do município matriz. Acontece que a área de seu distrito não somente a área, mas as demais condições: – eleitorais, demográficas, fiscais, etc. não lhe possibilitariam alcançar aquêle objetivo. Que fazer? Anexaram ao seu território, sem plebiscito e sem autorização de Câmara de Vereadores, os distritos do Largo e do França. E Mundo Novo, embora informalmente, acedeu. Poderia ter protestado contra aquela anexação sem consentimento expresso das respectivas populações em plebiscito. Não o fez. Por generosidade, por consideração a Piritiba que tinha cabeça de municípiomas não tinha corpo de município. Pois bem: não levaram em conta esta consideração que lhes dispensou Mundo Novo e tramaram com políticos interessados nos seus votos, uma linha divisória invadindo os distritos de Tapiramutá, Alto Bonito e Sede de Mundo Novo. Alegavam êles, que tais limites lhes foram concedidos por políticos em Mundo Novo e não usurpados por êles, piritibanos. Mas a verdade é que os políticos citados por êles não estavam autorizados pela Câmara de Vereadores ou pelo povo, para tal transação. E, por coincidência notável, já destacada por mim em folhetim anterior, nenhum dos 3 políticos citados por êles é mundonovense!

Pois bem: – caído o município criado naquelas condições de invasão de territórios do Município matriz, voltaram a repetir a mesma imprudência: invasão dos distritos de Alto Bonito e Sede de Mundo Novo. E recuou, com ares de quem está fazendo um favor, do distrito de Tapiramutá. Proclamaram, aliás, cegos de ódio, que recuavam ali para possibilitar a emancipação de Tapiramutá e, assim, fazer mal a Mundo Novo.

A preocupação de fazer mal a Mundo Novo é maior do que a de fazer bem a Piritiba. Se a preocupação de fazer bem a Piritiba ocupasse primeiro plano, teriam o cuidado de criar aquele município de modo legal, livre dos riscos de nulidade. Mas o propósito de fazer mal a Mundo Novo é tão forte que ficam cegos aos riscos de nulidade do seu próprio município.

Mundo Novo não tinha, como não tem, nenhuma obrigação de completar territórios piritibanos com territórios de outros distritos cujas populações não sejam ouvidas em plebiscito. Mesmo assim abriu mão de dois distritos. Envez de agradecerem, manifestam, de toda forma, rancor ao doador que lhes tem sido de uma generosidade maternal!

Quem tem grande área de terra, não tem nenhuma obrigação de dar ou vender terra ao vizinho possuidor de pequena área. Esceção apenas: nas desapropriações legais. Legais! Apropriar-se de territórios que lhes não foram dados pela Câmara de Vereadores nem pelos proprietários em plebiscito, não é legal.

E quando Mundo Novo protesta contra apropriações ilegal de áreas de seu território, o ódio dos apropriadores espuma e se derrama em ameaças, inclusive de assassínios. É o caso do sujeito que invade a propriedade alheia, gritando para o proprietário: – “Não se meta a defender seus bens, seus direitos, se não quer cair no tiro!” “A bolsa ou a vida!” A bolsa, no caso em tela, significa: uma área de 150 quilômetros dos territórios de Alto Bonito e Sede de Mundo Novo.

Dizem que Quinzinho anda ameaçando dar tiros, fazer defuntos, se seu município tornar a cair.

Acreditará você, Quinzinho, que o Prefeito, os Vereadores e o Povo de Mundo Novo deixarão de cumprir o dever de defender o nosso município por medo de seus tiros ou dos tiros de seus comparsas?

A legítima defesa, Quinzinho, não é apenas um direito, é também um dever. Dever de dignidade humana. E este dever, com a graça de Deus, não deixaremos de cumprir!

Você acha que seja um direito de Piritiba apoderar-se de territórios dos distritos de Alto Bonito e Sede de Mundo Novo contra a determinação da Câmara de Vereadores das locações antigas. Nós achamos que Mundo Novo tem o dever de defender sua Autonomia Municipal, a integridade de seu território.

O Supremo dirá com quem está a razão.

Sua ameaça de violência equivale a uma declaração “a priori” de desacato à Justiça. Acontece que “o crime não compensa”. Homem que se apresenta como líder de uma coletividade, arrotando a “virtude” de Caim! Louvado seja Deus!

Mundo Novo, 1º . 1960. Eulálio Motta

P4[1962]

#### DOIS EXTREMOS: UM ÓTIMO E OUTRO PÉSSIMO

Depois de um longo período de indecisão, de sombras, de demarches, de lusco-fusco das dúvidas, chegamos, finalmente, à claridade de posições definidas na batalha para a sucessão estadual: – Lomanto Junior e Waldir Pires.

Lomanto – o mais extraordinário administrador que o interior da Bahia já conheceu. O Prefeito com P maiúsculo, de Jequié. O sertanejo que tem paixão pelo sertão, o interiorano que tem mania de fazer bem ao interior: o homem do município que ama apaixonadamente a todos os municípios, o candidato dos sertanejos, o candidato dos trabalhadores, o candidato de Manuel Novaes, esse grande deputado que tem motivos de gratidão em todos os municípios da Bahia: porque não há município nesta terra que não tenha algum sinal de sua presença, algum benefício de sua dedicação inexcedível. Waldir Pires – o homem que vendeu 150 quilômetros de território de Alto Bonito e Séde de Mundo-Novo, por votos piritibanos. Candidato de Balbino e que seria, no governo, se a Bahia tivesse a infelicidade de ve-lo eleito, um continuador do governo de Balbino, o pior governo que já existiu para o interior bahiano. Waldir Pires – típico representante da bacharelise talentosa, brilhante e inútil, Balbino 2a. edição aumentada e piorada.

É de se esperar que o pessedista Osvaldo Vitória e o pessedita Dilton Jacobina saibam colocar o sentimento de honra mundonovense, de brios de nossa gente, acima de quaisquer conveniência de ordem partidária, não dando apóio dedicado, não fazendo esforços em favor do inescrupuloso demagôgo que invadiu nossos distritos vendendo deslavadamente pedaços de nosso chão por votos piritibanos.

Osvaldo Vitória é quem bem sabe o que foi o governo Balbino, governo que passou o calote nos municípios do interior, em favor de obras de fachada na Capital. As verbas e dívidas estaduais a Mundo-Novo foram totalmente caloteadas pelo governo Balbino. Totalmente. Osvaldo Vitória que o diga, êle é quem bem sabe: porque sofreu, como prefeito, aperturas, dificuldades, angústias e toda sorte de danos decorrentes dos calotes do governo Balbino. Não creio, pois que Osvaldo Vitória se empenhe a fundo por votação no candidato de Balbino, na 2a. edição de Balbino, 2a. edição aumentada e piorada.

Nas eleições passadas, os comícios de Dr. Vieira de Melo tinham início, nas sedes dos municípios do interior, com uma pergunta dirigida às populações interioranas, assim: “QUE FOI QUE O GOVERNO BALBINO REALIZOU NESTE MUNICÍPIO?” E a resposta invariável e unânime, era: “NADA!”.

Agora o Dr. Vieira de Melo está a favor de um candidato de Balbino, igual ou pior do que Balbino! Louvado seja Deus!

Mundonovenses! Estamos em face de dois candidatos que são dois extremos: um ótimo e um péssimo. Não sejamos burros votando no péssimo, repudiado por esmagadoras maiorias de nossos irmãos sertanejos, candidato já antecipada e amplamente derrotado. Não votemos no péssimo derrotado. Votemos no ótimo e vitorioso Lomanto Junior. Candidato que na Bahia, conta com o apóio do trio UDN – PTB – PR, é candidato vitorioso, é candidato invencível, ainda mais quando o candidato é ótimo como Lomanto. E além do trio citado existe o apóio de outros partidos e mais: o enorme e irrestível entusiasmo das populações sertanejas pelo candidato sertanejo, seu candidato, nosso candidato.

Voltar em Waldir, pois, é votar no pior, é votar no derrotado, é pegar em asa de caixão de defunto e de defunto “runhe”.

Para bajular os vermelhos, Waldir fez declarações contra a Igreja, esquecido, como se não fosse inteligente, de que o povo da Bahia é devoto de Deus do Bonfim e não do diabo de Moscou.

Mundonovenses! Mostremos que temos vergonha na cara não votando no vendedor de pedaços de nosso torrão, negando nosso apoio ao péssimo, ao derrotado candidato dos entreguistas que pretendem entregar a nossa Pátria ao domínio ateu e sanguinário do imperialismo russo.

Mundo Novo, 25-7-1962.

Eulálio Motta.

P5[1962]

A RESPOSTA DO TIO

Meu caro sobrinho Nilson:

Naquêl comentário que você escreveu e Jorge assinou, como no outro que traz a sua própria assinatura, você faz umas tantas afirmações que não podem ficar sem a necessária refutação. Porque são conclusões precipitadas, afirmações impróprias, despropositadas, descabidas. Vejamo-las em etapas numeradas:

1: Você diz que ataquei “a honorabilidade” do presidente da Rural. Nada mais falso e mais absurdo. Uma coisa são atos errados, destemperados, do presidente na sua função. Outra é a dignidade pessoal, “a honorabilidade” do dito. Não confunda alhos com bugalhos. Nesta confusão, aliás, vai talvez um pouco daquela velha tática de transformar agressor em agredido, para colheita de vantagens de ordem psicológica.

Você diz: “Se alguém desrespeitou o Vice-presidente, está claro que não fui eu, mas sim toda uma Diretoria que se sentiu desconsiderada por não ter sido ouvida antes da impetuosa decisão (dêle vice-presidente). Pergunto-me: como se explica que essa diretoria, composta de homens incontestavelmente honesto e esclarecidos, se coloque contra o vice-presidente, apadrinhando os destempêros de “seu Jorge? É outra história... História que o “pasquineiro da roça” precisa botar no papel... “Deixe as águas rolar...”

2: Sabendo que o presidente ou o vice em exercício tem autoridade para mudar locais de aparelhos telefônicos, independentemente de ouvir a Diretoria ou de receber papeis de abaixo-assinados, considere “burocracia bêsta” tal exigência. Você concluiu, apressadamente, estapafurdidamente, que o chamei de “burocrata bêsta”. Mais uma vez você confundiu alhos com bugalhos.

3: No folhetim “Um desastre”, citei expressões de um popular indignado com o “fato em foco”. Você toma as expressões citadas como se fossem do próprio “escritor” (com aspas). Mais uma baralhada sua, mais uma confusão de alhos com bugalhos.

4: Ao xingar o Dr. Dilton de “forasteiro” por ter nascido ali na Jacobina, você não refletiu que estava sendo indelicado para o amigo seu que nasceu... na Ásia! Meu caro: — para mim, Dilton e Jorge são muito mais mundonovenses do que criaturas que aqui tendo nascido, vivam física, social e psicologicamente fóra de Mundo Novo. Dilton e Jorge são pais de família mundonovenses, não são “forasteiros” como você rancorosamente se expressou! Chamar a um ou outro de “forasteiro” é perder de vista o senso do ridículo...

5: Quando se falava em candidaturas para prefeito, opinei que, envez de dois candidatos — Dilton x Vadinho —, seria muito mais interessante para Mundo Novo que surgisse um terceiro como candidato único, de união de toda a família mundonovense. Lembrei, então, o nome de Diógenes Lima como capaz de receber o apoio de todos” (Não me recordo que tenha surgido os outros nomes, também dignos, a que você se referiu.)

Não tenho sido possível a solução candidato único, eu teria de escolher: — manter o meu propósito anterior de votar em branco ou dar preferência a um dos dois candidatos. A falta de escrúpulo de um candidato em usar safadas demagogias com “slogans” surrados e desmoralizados como “o tostão contra o milhão”, “candidato dos pobres” e outras panaceias rançosas deste país, leva-me a dar preferência ao outro candidato. E não só: verifiquei que o Dilton não tem vaidosas e egoísticas pretensões de carreirismo pessoal visando tornar-se importante, poderoso, rico, às custas de função pública, às custas de nossos votos. E mais: conheci que esse Dilton que você vê como um demônio de ação subterrânea perturbadora de harmonias sociais e familiares, “inimigo de nossa

família” etc. e tal; esse homem impiedosamente alvejado pelas setas de seu ódio cego e profundo, por sua cólera incandescente e implacável, é simplesmente, um simples. Modesto, desprezencioso, honesto. Digno de meu voto. Um dia, se esse seu ódio lamentável passar, você poderá verificar quanto foi injusto para com um homem de bem. Injusto, apesar da citação pitagórica... Não se faz justiça por admiração a máximas de Pitágoras. Faz-se justiça por graça e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

6: Você diz que não tomará conhecimento de outras “obras literárias” do “escritor” com aspas. Se mudar de opinião e voltar à tona com ou sem o pseudônimo de “Jorge Karaoglan” fique certo de que o “pasquineiro da roça” não cometerá a indelicadeza de deixar sem resposta. Se soltar dez folhetos, terá, com toda certeza, dez respostas.

7: Você diz, ingenuamente: “Dr. Dilton não conhecerá os loiros da VITÓRIA porque esta é do OSVALDO.”

Bobagem...

8: Meu caro: já me alonguei demais. Gostaria de continuar. Mas urge pingar o ponto final. Quero-lhe dizer, finalizando, o seguinte: — depois de ler e reler o que você escreveu contra mim, passado o sentimento de espanto do primeiro instante, espanto de quem recebesse o golpe do punhal de Brutus, procurei, dentro de mim, um mínimo de rancor contra você e não encontrei. Encontrei a velha e profunda estima; a admiração; a gratidão. Gratidão pelas numerosas gentilezas que tenho recebido de você. Gentileza que, neste momento, em meu mundo interior, foram lembradas e revividas. Tenho dito muitas vezes, lá em casa, que você e o Tinho são duas pedras de ouro de nossa família. Juro-lhe sobrinho, que este conceito permanece de pe. Intacto. Absolutamente intacto. Creia na sinceridade da profunda e inabalável estima do tio.

Eulálio Motta

Mundo Novo, 28/7/62.

P6[1962]

CHINFRINEIRA: PALAVRAS VASIAS QUE NÃO CONVENCEM

É incrível, totalmente incrível, absolutamente incrível, que um moço com fama de talento, de cultura, etc. e tal, produza um discurso tão ôco, tão nulo, tão chinfrin, tão esbudegadíssimo, como o que o Snr. Waldir Pires produziu no dia 3 de agosto de 1962, em Mundo Novo! Não me lembro quando ouvi, ou mesmo se já ouvi, produzido por homem com fama de talento, um discursozinho tão chôchinho, tão vazio, tão bôlha de sabão, quanto aquele discursozinho que o Dr. Waldir produziu ontem nesta minha cidade infeliz!

Ha dias, em folhetim ainda não impresso, afirmei que o Snr. Waldir Pires é um típico representante da bacharelise talentosa, brilhante e inútil.”Pois bem: seu discursozinho de ontem não tinha nada de bacharelise talentosa e brilhante”; foi apenas inútil, apenas reles, insôco, chato. Ouvir aquilo e gostar é revelar gôsto de Perú. Dizem que Perú deixa de comer milho para comer... outra coisa...

Depois de dizer uma porção de frases ôcas e desconexas, de falar sem dizer nada, nem de bem nem de mal, afirmou que a bandeira de candidato do interior lhe pertence, não a dá a ninguém, porque... Nasceu na Amargosa, estudou n’um coleginho de Nazaré e somente depois aos 16 anos de idade é que conheceu o mar (Sic!) Parodiando o poeta, perguntei-me — “Porventura, meu Deus, estará louco?”

Lomanto é tido por nós como candidato do interior, pelos seguintes motivos: - realizador da mais extraordinária administração que o INTERIOR já conheceu, por seus esforços fecundos no sentido de conseguir, como conseguiu, trocar café brasileiro que apodrecia nos armazens de Santos por tratores alemães que beneficiaram e continuam beneficiando numerosos municípios do INTERIOR; por sua indicação impressionante, coroada de pleno êxito, junto aos eminentes Senadores da República em favor da aprovação imediata da emenda constitucional que transferiu para os municípios a renda do imposto territorial, etc. etc. Homem de vida pública nascida, crescida, amadurecida na vida do INTERIOR, no convívio COM OS INTERIORANOS, por tudo isto é que a bandeira de candidato do interior só é autêntica, verdadeira, legítima, nas mãos do extraordinário e admirável Lomanto! Esta bandeira nas mãos do Dr. Waldir, toma a côr indisfarçável de joia falsa. Para ser dono desta bandeira. Dr. Waldir, não basta ter nascido no interior, estudado n’um coleginho do interior e só ter conhecido o mar depois dos 16 anos de idade! É preciso algo mais: é preciso dar provas de amor e dedicação ao interior com realizações, com fatos e não com discursões frívolas, com demagogias bolorentas.

Dr. Waldir se refere, muito penalizadozinho, ao abandono do interior. Esqueceu ou não sabe (porque nunca se lembrou do interior a não ser as vésperas de eleição para pedir votos), que o governo que mais abandonou o interior, foi precisamente, o governo do Snr. Balbino, o seu patrono, o seu modelo. Durante o governo Balbino, Mundo Novo não viu a cara de nenhum tostão do Estado. Todas as verbas devidas a Mundo Novo foram caloteadas. Totalmente. Osvaldo Vitória, que era nosso prefeito no período do governo Balbino, que diga se estou mentindo. Esse mesmo Osvaldo que hoje pede votos para o candidato de Balbino!

Esse Waldir que invadiu os distritos de Alto Bonito e sede de Mundo Novo para vender 150 quilômetros de nosso chão por votos piritibanos, agora tem mundonovenses para pedirem votos para êle. Que vergonha, Santo Deus! ou melhor: que falta de vergonha, Santo Deus!

Mundo Novo, 4 de Agosto de 1962.

Eulálio Motta

Lomanto é o candidato para a vitória!

P7[1964]

#### VITÓRIA DO BRASIL!

Vitor Kravchenko tinha onze anos de idade quando aconteceu a vitória do comunismo na Rússia. Filho de operário combativo contra as trincheiras do Czarismo, inteligente e idealista, tornou-se elemento de destaque da juventude comunista. Formou-se em Engenharia; fez-se chefe de organizações industriais (do Estado, é claro); combatente da segunda Grande Guerra, como capitão do Exército Vermelho; membro, finalmente, do Politburo, de onde foi destacado por Stalin para compor a Comissão Comercial da Rússia enviada aos Estados Unidos. E foi, então, que esse grande da União Soviética resolveu fugir do “paraíso vermelho,” publicando o seu famoso livro, expressivamente intitulado “Escolhi a Liberdade”. Neste livro o autor descreve a tragédia de 200 milhões de homens super-armados que impossibilitam qualquer tentativa de reação.

Referindo-se aos comunistas das nações democráticas, Kravchenko os chama de cretinos. E é, realmente, o que se observa: um processo de cretinização das criaturas, principalmente de jovens inexperientes, vazios de conhecimentos e, às vezes, cheios de boa fé e de sede de justiça social. É uma lástima a constatação: — mocinhos, não raro de bigodinhos de comunas, a falar de reformas, de socialismos, de nacionalismos, com ares de oitavos Sábios da Grécia e salvadores do Brasil e do mundo... Pobres “inocentes úteis” cretinizados nos colégios, nos bancos, nas repartições públicas, nas fábricas, nos sindicatos, em toda parte onde conseguiu penetração a diabólica organização cretinizadora do sanguinário imperialismo russo. Hoje é comum, até em insignificantes cidadezinhas do interior, encontrar-se tal tipo de criaturas cretinizadas de slogans e palavras dos moleques de Moscou: — reacionários, latifundiários, gorilas... e xingamentos dirigidos aos Estados Unidos, sem nenhuma palavra de condenação ao fascismo vermelho do imperialismo russo.

Alinhavo estas rápidas referências a Kravchenko e aos nossos pobres “inocentes úteis” cretinizados, no dia 2 de abril de 1964, ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação; do povo do Brasil contra a claque de pelégos, comunistas e cretinos — claque que o pelégo João Gulart confundia com o Povo; escrevo estas rápidas referências para fazer algumas perguntas aos heróis desta Vitória do Brasil. Pergunto: as cátedras, os bancos, as repartições públicas, as fábricas, os sindicatos, vão ficar sem expurgos? A peste vermelha rotulada de “nacionalismo”, continuará a ser tolerada nas escolas, nos bancos, na Petrobrás, nas repartições públicas? Esses ambientes não serão desinfetados? O liberalismo caduco continuará permitindo liberdade aos assassinos da liberdade? Continuarão sem direitos políticos cassados vermelhos e pelégos tipo Abelardo Jurema e Waldir Pires?

E os donos de milhões que se preocupam exclusivamente em aumento de seus milhões, sem nenhuma consideração, sem nenhum respeito ao interesse coletivo, ao bem comum? Esses plutocratas que gastavam milhões em publicidades nos órgãos comunistas por velhacaria, ganância e covardia; esses também ficarão impunes?

Não vamos esperar milagres imediatos; os problemas são complexos, numerosos e difíceis, muito difíceis.

Mas, da atitude firme dos novos dirigentes, contra comunistas e plutocratas gananciosos, vai depender a consolidação da Vitória definitiva do Nacionalismo verde e amarelo contra o “nacionalismo” da foice e do martelo.

Que Deus ilumine, abençoe e ajude os novos dirigentes brasileiros, pelo bem do Brasil!

Mundo Novo, 2/4/964

EULÁLIO MOTTA

P8[1966]

#### VIVA A ESPERANÇA!

— Este comentário foi escrito em 17-10-66, para ser publicado antes da eleição. Aconteceu que o portador que o levou para a oficina de impressão esqueceu de entregar. EDERVAL NERI era apenas um candidato com “muita probabilidade de ser eleito Prefeito de Mundo Novo”.

Muita podriqueira na vida pública de nossa terra não pode ser denunciada por isto: são safadezas reais que todos sabem, comentam, mas que ninguém pode provar. Um prefeito qualquer, (e são muitas cabeças para esta carapuça), furta sem deixar rastro, de modo muito simples: aplica, por exemplo, \$80.000 em um trabalhinho qualquer e arranja, com seus cupinchas, assinaturas para comprovantes de despesas num total de \$800 000! Processinho muito velho, muito manjado e entretanto, apesar de 31 de março de 1964, em pleno funcionamento! Verbas federais, estaduais e rendas municipais, dezenas e até centenas de milhões, são devoradas sem se ver em que! As rodagens com buraqueiras incríveis e mata-burros para equilibristas do volante, apesar dos milhões de verbas despejados nas prefeituras. E as contas dos prefeitos certinhas que fazem prazer! As denúncias contra bandalheiras incontestáveis são engavetadas porque alegam, as contas na Prefeitura estão certinhas como boca de bode! E olhem que ha denúncias que nada tem a ver com as tais contas! Denuncia-se que Paulo matou Pedro; e respondem que nada pode ser feito contra Paulo uma vez que Joaquim está vivo! Por que isto acontece? Porque dentro da “ARENA” ha maiorais protegendo corruptos provenientes da parte podre do famigerado PSD.



Aos homens responsáveis pelos departamentos de estradas de rodagem devem ser feitos apêlos no sentido de que venha a fiscalização para a aplicação das verbas específicas! Urge uma medida saneadora! Não é possível deixar que os papa-verbas continuem papando verbas impunemente! Prefeitos existem que recebem mais de cinco milhões trimestrais para as rodagens! E só se vendo a buraqueira, e só se vendo os mata-burros para equilibristas do volante em seus municípios! Ladroeira grossa! De fazer indignação! De fazer raiva! Uma desgraça! A ausência de fiscalização é um maná para os papa verbas! Por que esta ausência de fiscalização? Por que esta lamentável e danosa omissão? Se me disserem, como me afirma um líder local, que a autonomia municipal impede a fiscalização estadual, responderei que tal conceito de autonomia municipal está errado! O poder estadual DEVE PODER fiscalizar a aplicação de VERBAS ESTADUAIS; o poder federal DEVE PODER fiscalizar a aplicação de VERBAS FEDERAIS. Se para corrigir tal erro de conceito fôr preciso uma medida jurídica especial, que venha tal medida! O que não é admissível é que se continui permitindo ladroeira em nome do respeito à autonomia municipal! Pra o diabo que carregue tal respeito!

Um amigo pessimista comentando a “indústria” das verbas para rodagens, me disse: “Não adianta denunciar. Vem um cara, se vier, e, chegando no interior, vai beber lindos vinhos gauchos, geladinhos, com os papa-verbas denunciados; e depois afirma que nada pode fazer contra o fulano porque as contas estão certinhas, pouco se lhe dando que as estradas não estejam. E fica o dito por não dito; e os denunciantes ainda ficam taxados, pelos safadões, de caluniadores. Tem jeito não!”

Tenha ou não tenha jeito, precisamos gritar, escrever, publicar, escandalizar! Se outra utilidade não houver, servir, pelo menos, como um desabafo, o que não deixa de ser uma utilidade: — utilidade psicológica. E dela me sirvo com uma pontinha de esperança de que um jeito vem aí! Quando vejo o destino deste país nas mãos magistras de Castelo Branco; um Costa e Silva eleito para seu sucessor; um Luiz Viana Filho, Governador da Bahia; um João Peixoto de Almeida na presidência da nossa Associação Rural; e um EDERVAL NERI com muita probabilidade de ser eleito Prefeito de Mundo Novo, não tenho razões para alimentar pessimismos! Viva a Esperança!

MUNDO NOVO, 17 DE OUTUBRO DE 1966.

EULALIO MOTTA.

P.S. — Leio nos jornais, que os prefeitos vão receber, já, quarenta milhões de cruzeiros! — 20 em dezembro e 20 em janeiro! Imagino que a “indústria” dos comprovantes de despesas a esta hora já deve estar em plena abolição! Cavar comprovantes para tanta “despesa” em tão curto período, não é sopa não!

P9[1966]

DATA HISTÓRICA

15 de Novembro de 1966. Este dia ficará na História de meu Município como data histórica, memorável, inesquecível. Outras datas de outras eleições passaram, não ficaram na lembrança da terra, na memória da gente. Esta não passará.

Porque marcou a queda de um domínio de 16 anos do antigo pessedismo. Sendo oito anos de domínio pessoal de um prefeito que se revelou inimigo gratuito da classe dos fazendeiros nesta terra de fazendeiros. Gabava-se de vencedor dos “burgueses” como se burguês êle não fosse.

Na Capital do Estado, a gabolice de “vencedor dos burgueses” era prato favorito na mês de seus cavacos.

Inimigo de nossa Associação Rural; inimigo, do “Ginásio de Mundo Novo”, tendo os filhos em ginásio, de fora, inclusive de Salvador; inimigo, conseqüentemente, da sociedade mundonovense, motivado a estagnação da terra, esta ausência de progresso, esta tristeza em que se vive, com o divórcio entre o poder local e a sociedade mundonovense; divórcio que causou a impossibilidade de entendimento do Município com o Governo Estadual, o que redundou neste desastre: — ter sido o Governo Lomanto Júnior um dos piores governos bahianos com relação a Mundo Novo, sem culpa do Governador.

15 de Novembro de 1966 marca o fim deste período de trevas para nossa terra. Período de demagogia repugnante que se utilizava do descarado “slogan” “do tostão contra o milhão”, numa tentativa subversiva de fazer luta de classe em nossa terra, jogando pobre contra ricos, empregados contra empregadores, com objetivos eleitoreiros. Mas os pobres que nada lucraram e viram o enriquecimento de demagogos que os exploravam mascarados de “amigos dos pobres”, se utilizaram do voto para demonstrar que não podem ser enganados por tempo indefinido. E deram um BASTA! á safadeza, tirando ao demagogo os 422 votos de vantagem que lhe deram na eleição passada, e dando, ainda, 435 votos de frente ao jovem fazendeiro, trabalhador e honesto, Ederval Neri. O que se julgava invencível, foi, assim, arrasado: os 422 votos de sua vitória de ontem, com os 435 de sua derrota de hoje significam: uma derrota de 857 votos num pleito de pouco menos de 3.500 eleitores! Vantagem de 857 votos em favor da verdade contra a impostura!

Que os vencedores saibam viver com o povo, dando-lhe vida social, assistência que nunca teve, que jamais recebeu da demagogia. E nunca mais a demagogia terá vez nesta terra.

Um amigo B disse a um amigo A:

— O poderio econômico de Mundo Novo se uniu, fortemente, esmagando o meu compadre!

E o amigo A respondeu:

— Não compramos nenhum voto! Não aceitamos sequer os chamados “auxílios financeiros” de candidatos a deputados. Mas para irmos de vila em vila, de povoado em povoado, de casa em casa de eleitores, em tempo tão curto, afim de levar-lhes a palavra de fé na renovação, tínhamos que fazer despesas e fizemos. Mas foi despesa feita com dinheiro honrado, dinheiro ganho honestamente, com trabalho, com suor. Não foi, como no passado, dinheiro de Zé Barriquinha comprando votos, dinheiro sujo de escroque, dinheiro de quem vendeu urubu por galinha.

15 de novembro de 1966: — fim de uma era de trevas, de estagnação, de mediocridade arrogante e rancorosa dominando, amesquinhando, espezinhando, pisoteando. Que a nova era seja de claridade, de paz, de inteligência, de seriedade, de justiça para todos, de aproveitamento de todos os bons, de todos os úteis, inclusive dos que ainda ficaram com a demagogia, enganados, iludidos, ludibriados em sua boa fé. Que estes sejam bem-vindos para o trabalho conjunto em benefício de todos, sem distinção de vencidos e vencedores.

Que a mediocridade derrotada permaneça sepultada no pó da derrota *per omnia sécula seculorum... Requiescat in pace...*

Um voto de louvor e gratidão: — á inteligência, cultura, dignidade, simplicidade, serenidade, objetividade; á luz que brilhou nesta batalha, iluminando o caminho da vitória: HONORATO VIANA.

Mundo Novo, 23, 11, 1966 EULÁLIO MOTTA

P10[1967]

PIADAS

1966: — Um piritibano amigo, experiente em questões de administrações municipais e manejo com dinheiro público, passando comigo na rua da bica comentou: “A renda deste município no ano passado, excedeu de oitenta e três milhões de cruzeiros. E a única realização que se vê é este calçamento desta rua”. “Uma tristeza!”

1967: — Um vereador amigo me diz: “A renda municipal no ano passado Chegou a cento e quatro milhões e oitocentos e tantos cruzeiros.” E continuamos sem edifício de prefeitura, sem matadouro, sem mercado, sem estradas, sem nada! “Município infeliz!”

Março, 1967: — alguém me mostra um folheto num português a grosso modo, português de carroceiro, escrito não sei por quem e assinado por nosso “amigo” prefeito, Osvaldo Paulino Vitoria, “o invencível.” Li-o, apesar das velha e sábia advertência de Vitor Hugo de que não se lê imbecilidade impunemente. Trata-se de uma relação de obras imaginárias, rotuladas de “relatório apresentado à câmara de vereadores e ao povo em geral”, o que é mentira, pois não foi apresentado à câmara e o povo não o viu, uma vez que tal folheto não está sendo distribuído neste município, tendo havido muita dificuldade para conseguirmos o exemplar que está servindo para este comentário. Relação de obras imaginárias para uso externo. Para inglês ver...

Parece que nosso “amigo” Osvaldo se meteu a fazer piadas com coisa séria! Primeira piada: que não aplicou as dezenas de milhões em “obras de vulto,” por culpa da oposição! Vejamos isto no português aleijado do folheto:

“Obras de grande vulto não podemos enumerar, infelizmente, no decorrer do ano que se finda, graças ao grande êxito que *logrou*, em parte, os *ferrenhos adversários*.” (Os grifos são meus).

Também o não pagamento do 13º mês de salário aos funcionários deve ser por culpa dos “ferrenhos adversários” que *logrou* mais este êxito... Os funcionários terão dito lá com os seus botões: “Esta não!”

Outra piada: — A culpa do escandaloso fracasso de sua administração, não é dele, é de Lomanto Junior. Diz:

“Mais um ano passou e o Sr. Governador do Estado nada *propicionou* em benefício de Mundo Novo.” (O grifo é meu: confesso que não conheço verbo *propicionar*.)

A piada da assistência médica e dentária: — sempre que se aproximava uma eleição, ele fazia algumas visitas com médico e dentista aos distritos. Mas passada a eleição... “é cumá lá se diz: tampa a mala, Luís!” Pergunto: depois da última eleição, quantas visitas com médico e dentista foram feitas aos distritos? Respondo: nenhuma! Chamar tais visitas de vésperas de eleições, “assistência médica e dentária,” só pode ser uma piada de mau gosto. Como é de mau gosto aquela piada do jipe que não consta do folheto. Mundo Novo em peso sabe que nosso “amigo” Osvaldo tem um jipe de seu uso particular por ele comprado ao nosso amigo “Vicente do Arroz” que o ganhara num bingo. Pois bem: entre os comprovantes de despesas dos milhões da Prefeitura, há recibos num total de oitocentos e tantos mil cruzeiros, de “trabalhos” prestados ao município por um jipe de propriedade do Sr... “Vicente do arroz!” Para “justificar” o sumiço de tantas dezenas de milhões, deve haver muito recibo dessa marca!

E outra piada repugnante que também não consta do folheto para uso externo, é a piada da “casa de misericórdia” que não é “Casa de Misericórdia.” Na opinião de Eneas Pinto, a mim expressa várias vezes, essa farsa de “casa da misericórdia,” não passa de uma organização de comércio clandestino e drogas, fazendo uma concorrência ilegal, desleal, imoral, às farmácias locais.

As piadas das pontes e conservações de rodagens! Diz que fez ponte de cimento e madeira na rodagem do Inday. E não diz o que é que fez da ponte prá cá e da ponte pra lá. Fez nada! Diabo de nada! Ninguém passa a carro na ponte porque a rodagem de Inday se acabou!

E quanto á conservação da rodamem para Umbuzeiro, eu convidaria o DERBA para passar, mesmo a jipe, pela ladeira do Engenho e baixa do Socego! Uma vergonha! Quanta mentira para uso externo no tal folheto! Meu pobre milionário Mundo Novo!

Certamente nosso “amigo” Osvaldo nunca ouviu falar em Abraham Lincoln. Que tome conhecimento agora de sua existência, por estas palavras de Lincoln, que lhe envio:

“Poderás enganar alguns por muito tempo; poderás enganar a muitos por algum tempo; mas não poderás enganar a muitos por muito tempo.”

E... basta. A sabedoria popular recomenda que não se deve gastar muita cera com defunto “runhe”.

MUNDO NOVO, 10-3-967.

EULÁLIO MOTTA.

P11[1967]

PODRIDÃO!!...

Uma tática velha, conhecidíssima, de todo o culpado, é arranjar um meio de se apresentar ante a opinião pública, como vítima. É o que faz, mais uma vez, esse sabidório Osvaldo Paulino Vitória, tentando, num folhetote, justificar o injustificável apodrecimento de dezenas de sacos de milho, de trigo, de alimentos, destinados pelo povo norte-americano ao Brasil. Nos próprios sacos está escrito, em inglês e português, o seguinte: “Do povo norte-americano para o Brasil”.

Nas mãos de Ederval Neri tal apodrecimento não teria acontecido. Razão de ordem burocrática não justificam aquele apodrecimento revelador de mentalidade estúpida e desumana. Seu lero-lero, Osvaldo, naquele folhetote mambembe pode tapiar apenas os bobos; e revela a sua intenção de bancar a vítima, no pressuposto de que, assim, ainda seja possível continuar a enganar, iludir, ludibriar este povo sofrido e cansado de suas mistificações repugnantes. Acontece, Osvaldo, que este povo já sabe que você arrecadou em 1966, quase cento e cinco milhões de cruzeiros e não construiu coisa nenhuma. Em lugar de deixar obras que justificassem o sumiço de todos esses milhões, o que você deixou foram montanhas de papel na Prefeitura com recibos assinados por Vicente do Arroz, Dr. José Modesto e outros que tais. O que o povo ainda não sabe, mais vai saber agora, é que, de novembro 1966 mês da eleição, a 7 de abril de 1967, dia da posse de Neri, você arrecadou mais de 55 milhões de cruzeiros e não deixou um centavo de saldo! Deu sumiço a toda essa dinheirama sem o povo ver em que! Outra que o povo não sabe, mais vai saber agora, é que a dotação orçamentária para despesas com viagem do Prefeito é, para 1967, de quinhentos mil cruzeiros e você, em apenas 3 meses deste ano, apresentou recibos de tal despesas num total de um milhão e sessenta e cinco mil cruzeiros! E ainda tem a petulância, o atrevimento de arrotar dignidade quanto acusa adversários de “atacar a dignidade alheia” e quando se diz “injurado e caluniado” por seus adversários. Sempre a preocupação de bancar vítima e arrotar honestidade! Aliás, esta preocupação de arrotar honestidade própria é característica psicológica de todos os desonestos.

Quando seus adversários afirmam que você arrecadou 104 milhões e oitocentos e tantos mil cruzeiros em 1966 e não realizou coisa nenhuma, não estão caluniando, estão afirmando fatos dos quais o próprio povo está sendo testemunho. Quando afirmam que em 3 meses apenas você devorou mais do dobro de uma verba para o ano todo de 1967, também não estão caluniando! Caluniando está você quando acusa seus adversários de caluniadores. Quando seus adversários afirmam que Vicente do Arroz nunca foi proprietário de carro de praça para que justifique sua assinatura em recibos de “despesas com trabalhos” de um carro para a prefeitura, não estão caluniando. Os acusados de caluniadores desafiam você para provar que qualquer destas ou de outras afirmações que fazem são calúnias. Se você não atender a este desafio, fica automaticamente provado, perante a opinião pública, que caluniador é você, quando acusa seus adversários de caluniadores.

No seu folhetote você diz que está “habitado a respeitar o povo de minha terra”. Arrecadar quase 105 milhões em um ano e não realizar coisa nenhuma não significa respeitar este povo. Deixar que os jardins, as praças públicas, a cidade toda se transformassem em campo de criação de jumentos e porcos e galinhas, não significa respeitar este povo; apresentar recibos de despesas com gratificações a José Modesto, entre os quais um de quinhentos contos, não significa respeitar este povo ao qual você se refere com dengues melosos de demagogo chamando-o de “meu povo”. Mas não adiantarão seus dengues. Este povo já lhe disse, em 15 de novembro, pela boca das urnas, que está acordado para suas delicadezas de santo de pau ôco. Pode continuar botando melão nas bajulações demagógicas a este povo que, graças a Deus, já acordou.

Pode chama-lo não apenas de “meu povo”, pode chama-lo de “meu querido”, “meu bem querer”, “meu xodó”, “meu torrãozinho de açúcar”, e nem assim conseguirá que este povo volte a cair em seu abraço de tamanduá!

Osvaldo: eu gostaria de me dirigir a você em palavras brandas, palavras de concórdia e paz; ou, pelo menos, adotar o silêncio num esforço para algum possível perdão. Mas com o seu conhecido espírito de ódio, e rançar, de vingança, de inconformismo com a derrota, agredindo os homens mais representativos da sociedade mundonovense, com o xingamento de caluniadores, não é possível a paz. Só nos resta, pois, transformar a nossa pena em maquina fotográfica para fotografar e exhibir em crônicas como esta, as podridões marcantes de sua passagem pelo poder em nosso município, para grande vergonha desta terra.

Aquela podridão exposta na calçada da Prefeitura naquele sábado de 15 do corrente, Osvaldo, adquiriu um sentido simbólico: símbolo de ruína e podridão de seu tenebroso domínio nesta terra. Já agora, graças a Deus, entregue às mãos jovens e honradas de um HONESTO DE SORTE.

Passou, graças a Deus, o período da podridão!

MUNDO NOVO, 22/4/967.

ISTO É QUE É FARINHA DO MESMO SACO

P12[1967]

FATOS EM FOCO

ESCLARECIMENTO: As linhas que se seguem são apenas o final de um artigo pondo em foco alguns dos numerosos fatos relevadores de um mar de lama local. Artigo que faz parte de uma serie. Foi escrito ao findar o primeiro mês de administração de Ederval Neri. Vem a público com tão grande atraso porque, mais uma vez, a correspondência enviada á oficina não chegou ao seu destino. 28-7-967.

Num bate-papo ao lado do Banco do Brasil, o assunto foi este: — um dos grupos contava que assistiu, com outras pessoas idôneas, na Prefeitura, o seguinte diálogo do Prefeito Ederval Neri com o contador:

Neri: — Aqui ha um recibo de despesas de hotel de uma viagem do prefeito à capital, com o contador. É verdade?

— É. Fui com o prefeito e nos demoramos lá oito dias.

— E a como foi a diária do hotel?

— A dez mil.

— Quer dizer que foram 16 diárias, despesas, conseqüentemente, de 160 contos. Não é isto mesmo?

— É.

— Mas o recibo do hotel dá conta de uma despesa de 360 contos!

E exibiu o recibo.

Dispensa comentários.

Mas, em se tratando de fatos em foco, quero encerrar este comentário pondo em foco fatos que expressam, muito eloquentemente, duas realidades. Vejamos:

Realizações, no primeiro ANO da gestão passada:

Nada! Nada! Absolutamente nada! Desafio provas em contrário!

Realizações no primeiro Mês da gestão atual, de Ederval Neri:

1º — a enorme, horrorosa, descomunal buraqueira da ladeira do Engenho, rodagem Mundo Novo — Umbuseiro, desapareceu;

2º — a chaga vergonhosa e crônica que era a curva de atoleiros do “Vai-quem-quer”, na entrada norte da cidade, foi sepultada sob grosso lençol de cascalho;

3º - na Bonita: início de reconstrução do cemiterio e do barracão; limpeza geral das ruas que estavam imundas.

4º — No Indaí: extinção das capoeiras em que estavam transformadas as ruas; roçagem da estrada pedestre Covão - Jequitibá; construção de uma ponte provisória sobre o rio de Indaí;

5º — Na Barra: limpeza geral do povoado; limpeza do cemitério; início de reconstrução da rodagem de entrada para o povoado; roçagem da estrada Barra — Caraunão;

6º — Na séde: limpeza do cemiterio; retificação do calçamento em vários pontos da praça principal da cidade; restabelecido, ainda que parcialmente, a rde de comunicações telefônicas da séde com os distritos; a gestão passada deixou os aparelhos mudos, com postes caídos e fios roubados; o centro telefônico Oliveira Brito, foi deixado com ares de templo protestante: vazio de tudo, sem ter sequer uma vassoura para varrê lo!

E, finalmente, ainda na Séde: a vergonha escandalosa que era a cidade transformada pela gestão passada em campo de criação de jumentos, porcos e galinhas, deixou de existir! Os jardins de nossas praças deixaram de ser campo daqueles bichos para voltarem a ser locais de flôres! Graças a Deus!

Exmo. Snr. Governador Luiz Viana Filho; Exmos. Snrs. Secretários do Estado; Exmos. Snrs. Deputados Estaduais; Exmos. Snrs. Responsáveis pelo Departamento de estradas de rodagem da Bahia;

Excelências:

Para os devidos efeitos em favor de meu Município, tenho a grande honra e a imensa alegria de comunicar a V. V. Excelências o seguinte: na Prefeitura de Mundo Novo, atualmente, está um Homem com H maiúsculo!

EULÁLIO MOTTA — Mundo Novo, 20 — 5 — 967.

P13[1969]

QUINTO ANIVERSÁRIO

Este 31 de março de 1969, quinto aniversário da Revolução Brasileira, foi dia de festa nesta cidade de Mundo Novo. Comércio fechado, com manhã de sol claro em céu azul e os tambores da mocidade do Ginásio Mundo Novo enchendo de sons marciais e alegrias juvenis as ruas da cidade.

Hasteamento da Bandeira do Ginásio, com todos os presentes cantando o Hino Nacional. A parada, a seguir, da juventude Ginásiana local. E, logo após, a sessão cívica no vasto auditório Oliveira Brito.

Um dos oradores da solenidade fez, entre outros, o seguinte comentário:

“Festeja-se, neste dia, em todo o território nacional, o 5º aniversário da Revolução. E eu pergunto: — se não tivesse havido um outro 5º, o Ato Institucional n. 5, estaria havido tanta festa neste 5º aniversário? Não. As raposas de todos os quilates, corrúptos e subversivos, estavam nas ruas, nas escolas, no parlamento, nas assembleias, na imprensa, alardeando arrogâncias e prestígio, saudando sem temores nem escrúpulos, a volta daquele tenebroso 13 de março que motivou o luminoso 31 que é um 13 pelo avêso! E que agora festejamos, graças a outro 13 luminoso: o 13 de dezembro de 1968, que nos deu o providencial Ato Institucional n. 5, sem o qual não estaríamos aqui festejando o 5º aniversário da Revolução.

Pergunto, entretanto, com amargura e profunda tristeza: nós, mundonovenses, temos motivos locais para festejarmos a Revolução? Não. Depois de cinco anos de existência de governo da Revolução, as corrupções e os corruptos locais continuam incólumes! Incólumes apesar de denúncias e publicidade das podridões com provas abundantes, esmagadoras, insofismáveis!

Depois de cinco anos de poder revolucionário, vemos os edifícios escolares nas vilas e povoados do município caindo aos pedaços, em ruínas, com centenas de crianças crescendo na escuridão do analfabetismo! Depois de cinco anos de regime revolucionário, continuamos sem água encanada, sem energia e sem asfalto, com a tão falada “estrada do feijão” virando piada! Piada que de vez em quando ocupa algum pequeno espaço de coluna de jornais provocando o riso amarelo do desencanto na face dos desencantados.

Sim: não temos motivos locais para festejarmos a Revolução. Com os motivos negativos referidos, nossa participação em tais festas teria um sabor repugnante de bajulação do poder ou dos poderosos. Mas acontece que existem motivos muito mais altos que justificam, plenamente, a nossa participação nas festas de regosijo nacional, neste dia. Tomemos parte, portanto, nestas festas, embora o eco de nossos aplausos se misture com o murmúrio de nossas decepções. Porque aqueles motivos o exigem e o justificam: a certeza, por exemplo, de que: — se não tivesse havido a Revolução de 31 de março de 1964, reabilitada vigorosamente, pelo 13 de dezembro de 1968, o monstro vermelho transformaria o Brasil numa Cuba de proporções continentais! E o Brasil cubanizado arrastaria todo o continente sul-americano para as garras do monstro. E, então, cairia, como consequência decorrente, a África, a Europa, o mundo. Concluimos, assim, que a Revolução Brasileira não salvou apenas o Brasil, salvou o mundo!

E concluiu, patético, o orador: —

“Moças e moços: Meninos e meninas aqui presentes como uma pequena representação da juventude nacional: quero afirmar a vocês, o seguinte:

— Se não tivesse havido a Revolução Brasileira de 31 de março de 1964, os futuros filhos de vocês não teriam a glória de nascerem livres.

Quero, pois, apesar daqueles motivos negativos referidos, saudar o porvir, saudando os futuros filhos de vocês com este grito: — VIVA A REVOLUÇÃO!

MUNDO NOVO, 31 de março de 1969.

EULÁLIO MOTTA.

P14[1970]

O ESTOPIM

“O jôgo da verdade” — pensei nêsta frase de Garrastazu Medici, ao ver e ouvir representantes da Policia Federal em Mundo Novo. O “jôgo da verdade” é coisa perigosa para os corruptos, os farsantes, os fundadores de organizações fantasmas com o objetivo de papar verbas.

Esses representantes da Policia Federal, esclarecidos, inteligentes, imparciais, não são criaturas capazes de se deixarem levar por aparencias. Ouvindo os donos de uma organização — fantasma e os adversários desses donos, a verdade certamente terá brilhado em seus espiritos. E o brilho da verdade é coisa importuna perigosissima, para essa gente da pseudo — Santa Casa que só existiu em papeis. Essa gente terá dito à Policia Federal que o Hospital funcionava. Os adversários lhes terão dito que não funcionava.

“Como funcionava?” Imagino que tenham perguntado os representantes da Policia Federal. Não sei imaginar como terão respondido os donos da farsa. Mas a verdade é que o funcionamento, constava de uma passagem quinzenal do Dr. José Modesto pelo Hospital, quando passava receitas para adeptos políticos do papa-verbas. Outro funcionamento, este constante e não quinzenal, era a vendagem de drogas, o comercio clandestino. Outro funcionamento: — os festórios com foguetes, leilões e roletas e a imagem de Nossa Senhora das Candeias, para cima e para baixo, com beatas cantando ladainhas. Era assim que funcionava o Hospital Mulheres pobres morriam de parto nas roças visinhas; crianças e adultos indigentes morriam a míngua porque não havia funcionamento de Hospital, não havia assistência hospitalar em Mundo Novo.

E este estado de “criminoso abandono” do Hospital desertava crescente descontentamento do povo que derrotou o farsante nas eleições de 15 de novembro de 1966, na esperança de que, derrotado o papa-verbas, o Hospital e outros benefícios públicos podessem funcionar. Vendo que o “criminoso abandono” do Hospital continuava, muitos apelavam para o Prefeito pedindo providências no sentido de conseguir o funcionamento do Hospital. O Prefeito apelava para Honorato Viana. Honorato apelava par alguém ou não apelava para ninguem. E os dias se

passavam sem que o atendimento aos apêlos do povo viesse. E eis que um dia correu a noticia de que o Juiz de Direito, Dr. Teodolino Pereira Rodrigues afirmara, em presença do Prefeito Ederval Neri, do Dr. Dilton Jacobina, do Promotor, Dr. Edmundo Minervino e do Deputado Honorato Viana, que lamentava o fato de o Hospital de Mundo Novo estar “CRIMINOSAMENTE ABANDONADO”.

Esta noticia correndo de boca em boca no seio do povo sofrido, descontente, desesperado, foi o estopim que fez o incêndio! O incêndio que destruiu a farsa e salvou a saude pública desta terra. Se a tomada, pelo povo, do edifício do Hospital, foi um ato de violência, é incontestável que foi violência em legitima defesa. E violência em legitima defesa nunca foi crime. Lamentável que o Dr. Teodolino não tenha querido compreender isto. Mas, graças a Deus, o extraordinário Governador Luiz Viana filho compreendeu. Compreendeu e agiu, corajosamente, fazendo “o jôgo da verdade” em defesa da saude publica deste municipio e municípios visinhos.

O povo de Mundo Novo, agradecido pede a Deus, de todo o coração, todas as benções do Céu para o grande Governador da grande Bahia.

Deus lhe pague. Dr. Luiz Viana Filho!

MUNDO NOVO – 31 de Janeiro de 1970.

EULÁLIO MOTTA.

P15[1970]

### SEXTO ANIVERSÁRIO

Meu patrício deste município, desta região, dêste pedaço de chão da Bahia. Minha conversa nesta data, 31 de março de 1970, 6º aniversário da Revolução, é para você. Quero lhe dizer o seguinte: se você quiser continuar vivendo aqui, é livre para continuar; se quiser arribar para São Paulo ou Paraná ou qualquer outro canto do Brasil ou do mundo, é livre para arribar. Se é católico e quer continuar católico, é livre para continuar; se quiser virar protestante ou espirita ou budista ou ateu., é livre para virar. Se é lavrador e quiser continuar lavrador, é livre para continuar; se quiser deixar de ser lavrador para ser sapateiro ou funileiro ou engraxate ou bacharel ou o que quiser, é livre para deixar. Se quiser botar uma taboca aqui ou ali ou acolá dentro dos regulamentos legais, é livre para botar. Se é solteiro e quer continuar a ser solteiro, é livre para continuar. Se quiser pegar suas economias e esperdiça-las comprando besteiras, é livre para fazer esta besteira.

Pois bem meu patrício: você estava ameaçado de perder todas estas liberdades fundamentais, sem as quais não há respeito à pessoa humana, à dignidade da pessoa humana. Estava ameaçado de perdê-las porque uma farsa chamada liberal democracia que permitia liberdades perniciosas estava sendo instrumento de avanço do comunismo que tiraria de todos nós a felicidade de vivermos com todas estas liberdades fundamentais com todo o respeito á dignidade da pessoa humana, restabelecido pela Revolução. Pela mão da democracia liberal, o comunismo se infiltrava fazendo greves ilícitas, semeando ódio de classes, desrespeitando e agredindo o principio de autoridade, com passeatas e violências depredando casas comerciais, incendiando automoveis, espalhando o pânico, perturbando toda a vida nacional, com a convivência de governantes indignos, dos Jangos “et caterva”. Foi então que a família brasileira saiu á rua de terços nas mãos e preces nos lábios, apelando para Deus e para os homens de consciência, pedindo um ponto final a tão grave ameaça à nossa liberdade, à nossa vida, à nossas mais caras tradições de religião, de Pátria e família. E as forças armadas da Pátria não foram surdas às preces da família brasileira.

E foi então que aconteceu aquêle providencial 31 de março de 1964, que Chegou como uma resposta de Deus àqueles preces.

Os responsáveis por aqueles crimes foram punidos com exílio e cassações de mandatos e direitos políticos. A ausência daqueles criminosos na vida ativa do Brasil, deu nisto que estamos vendo: paz, trabalho, esperança em dias melhores, quando forem sanados os males deixados por aquêles criminosos. Queremos registrar, nestas linhas, a nossa gratidão às gloriosas forças armadas do Brasil a manutenção de nossa liberdade, de nossa democracia, que não se confundem com a liberdade e a democracia dos maus que querem liberdade para publicarem e defenderem o “direito” de publicação de pornografias. Liberdade para passeata de desordeiros. Liberdade para greves ilegais, para desrespeitos do principio da autoridade, para implantação da anarquia em favor do comunismo.

Leio num jornal de 27 do corrente um artigo de conhecido sujeito setentão de [†] erudição e cultura, artigo com ares de prece, no qual êle diz: “Há seis [†] em vão pela anistia”. Não me contive e exclamei: que velho [†] o artigo apelando pateticamente para Deus, como se Deus atendesse o pedido de quem pede o mal!

[†] àquêle velho, o seguinte: estamos muito satisfeitos com este [†] Revolução que restabeleceu a garantia de nossa liberdade, de nossa [†]. Não queremos e Deus não quer anistia para pecadores que não [†] pedem perdão.

[†]abençoando a grande Revolução redentora, sem anistias nem [†] com Satanás!

[†] 31 de março de 1970.

EULÁLIO MOTTA.

P16[1971]

AGORA É ALEGRIA!

Agora que o ronco dos motores de construção da “Estrada do feijão” está se aproximando dos ouvidos da cidade, de nossa cidade, de nosso Mundo Novo; agora que a alegria esperada está deixando de ser esperança para se tornar realidade é interessante lembrar palavras faladas e escritas no tempo em que as promessas eram feitas mas não eram cumpridas.

Palavras faladas: em discurso de saudação ao então Governador Lomanto Junior, em janeiro de 1967, na Associação Rural de Mundo Novo, lamentavelmente não termos tido a prioridade do asfalto, uma vez que, dizíamos, aqui é o caminho de Irecê, aqui é a estrada do feijão. Foi a primeira vez, salvo engano, que surgiu esta denominação de “Estrada do feijão.”

Palavras escritas — em crônica publicada sob o título de “Esperanças apagadas,” em 7-4-67: “Aquê “Slogan” de “Feijão na lapela” despertava esperanças na gente de meu município: porque por aqui passa a “Estrada do feijão,” o caminho do celeiro que é Irecê. Mas não é só Irecê, não é só feijão; é o milho, é o arroz, é a farinha, é o leite, é o café, é a mamona, são as grutas variadas: mangas, laranjas, limas, limões, abacates e bananas. São as lavouras de Tapiramutá, de Piritiba, Mundo Novo, Monte Alegre, Rui Barbosa, Baixa Grande, Macajuba, Ipirá. E principalmente: as boiadas gordas de Mundo Novo, Rui Barbosa, Monte Alegre, Macajuba, enfim: de toda esta zona de intensa produção; boiadas que continuam viajando a cascos para o abate em Salvador!

“A cascos, perdendo centenas de arrobas em cada boiada! “A cascos, como na era dos carros de bois! “A cascos, nesta era do asfalto!

“Aquê “slogan” do “Feijão na lapela” nos dava a esperança de prioridade para o asfalto. “Porque, por aqui, repito, passa a “Estrada do feijão.”

“A fita do asfalto passaria por aqui e busca destas riquezas em suas fontes, para os grandes mercados consumidores do Estado e do País.

“A suinocultura de Irecê não ficaria mais sem preço, sem compradores para essa produção, os cereais de toda esta zona rica não apodreceriam nas fontes de produção. “As boiadas seriam transportadas como as de Minas, em poucas horas envez de muitos dias, em veículos modernos envez de penosas, longas e tristes caminhadas a cascos. A esperança sorria em nossas almas, iluminava os nossos corações. A “esperança do povo”...

“Depois ... o que vimos foi um derrame de bilhões para uma fita de asfalto no deserto! “Onde não ha feijão, não ha milho, não ha arroz, não ha frutas, não ha leite, não ha boiadas! “Louvado seja Deus! “O asfalto Joazeiro-Feira é uma insanidade!”

Basta de transcrições. Porque não é hora de “esperanças apagadas.” É hora de alegria do asfalto chegando e a esperança da luz de Paulo Afonso iluminando novas esperanças! O asfalto no escuro, o asfalto sem a energia de Paulo Afonso erguendo indústrias em nosso chão, seria alegria incompleta. Mas a presença desse extraordinário realizador Antonio Carlos Magalhães no Governo do Estado, é mais do que esperança, é certeza de que a alegria que Luiz Viana Filho e o próprio Antônio Carlos Magalhães nos deram com a “estrada do feijão,” não ficará incompleta. Certeza que não só de Mundo Novo, é também de Monte Alegre, Piritiba, Tapiramutá, Baixa Grande, de toda esta região fertilíssima da bacia do Paraguassú que viveu esquecida dos poderes públicos, marginalizada até o advento de Luiz Viana Filho, o melhor Governador que a Bahia já conheceu.

Com fundamento nesta certeza é que afirmamos: Agora é alegria!

Mundo Novo, (Bahia) 2 de junho de 1971

EULÁLIO MOTTA

P18[1972]

A PERGUNTA DE RAFAEL

Crônicas engavetadas. Tenho várias. Aqui está uma datada de abril de 1965. Como o assunto se tornou oportuníssimo resolvi publicá-la. Vejamo-la:

“Tarde de verão no interior da Bahia. Sombra gostosa de avarandado na fazenda. Bate-papo na “sombra com água fresca”. Quando se aproxima Rafael, já meio curvado sob o peso dos anos, cabeça quase branca exibindo o inverno dos janeiros. Vai chegando, suado, com o seu “boa tarde pra vosmincês”. E uma observação sai de um dos presentes.

— Rafael, você já está bem maduro! Já está precisando de ser aposentado!

— Tou mesmo. Tou muito precisado de pusementoria. Mas quem é que pusementa?

Todos sorriram e ninguém soube responder. A conversa tomou outros rumos, já não me lembro quais. O de que me lembro, o de que não consegui esquecer, foi da pergunta de Rafael: “Quem é que me aposenta? Os Rafaeis de todo este nordeste, de todo este imenso Brasil não tem quem os apoeseinte!

Há uma quantidade muito grande, a grande maioria de trabalhadores rurais que não tem patrões. Não são, tais trabalhadores, empregados de ninguém, são trabalhadores de todos os visinhos: trabalham hoje a um fazendeiro, amanhã a outro, depois a outro, com intervalos de diárias dadas em suas próprias rocinhas, pequenas lavouras de mandioca, mamona, milho e feijão. Rafael, por exemplo, vive no seu “taquinho de chão” que não tem capacidade produtiva capaz de dar sustento a uma família. Outros moram de favor em casa de fazendas, sem

nenhuma ligação profissional com o fazendeiro proprietário! Pedem, às vezes, ao fazendeiro que permita fazer um rancho e botar uma roça; e o fazendeiro, quase sempre, accede. Assim, não há e não pode haver nenhuma obrigação do fazendeiro para o morador. Outros moram em casinhas próprias, em povoados e arraiais. Constituem, tais trabalhadores sem patrões, a massa de trabalhadores rurais. Quando envelhecem, ou adoecem, ficam “entregues ao Deus dará”. Conheço muitos velinhos que foram ótimos e incansáveis trabalhadores e vivem na humilhação da mendicância, morrem mendigos. Quando adoecem apelam para os chás de folhas ou de raízes porque remédio de farmácia está se tornando, cada vez mais, privilégio de gente rica. Há os que têm filhos, vivendo em São Paulo e Paraná, mandando dinheirinhos pelo correio ou pelos bancos. Mas são numerosos os que, por sua vez, são pais de muitos filhos, pouco ou nada podendo fazer por seus velinhos. E as gazetas e os discursos andam cheios de reforma agrária, de preocupações com ruralistas, trabalhadores do campo e etc. e tal. Mas a verdade, a verdade nua e crua, a verdade dolorosa é que a pergunta de Rafael continua sem ter quem se preocupe com ela. Os Rafeais continuam sem amparo nas doenças e na velhice. Quando aparece alguém se referindo aos pobres, com palavras de amor para os pobres, quase sempre está de olho nos votos dos ditos. Votos de pobres que se tornaram degraus de escada para cidadãos que nunca tendo se lembrado dos pobres, não tendo querido mistura com eles, se tornam, de repente, delicados, atenciosos, amáveis para os pobres... em vésperas de eleições...”

Até aqui, palavras da crônica escrita em 1965 e que, com várias outras que boto nos cadernos, vão ficando sem publicação. O ceticismo amarelo atuava perguntando e respondendo: “Publicar para que?! Não adianta!” Mas tal ceticismo não tinha mais razão de ser. Porque já havia acontecido o 31 de Março de 1964. Acontecera a Revolução. A Revolução Brasileira, que se difere profundamente da Revolução Francêsa, da Revolução Russa, da Revolução Cubana, de todas as revoluções do mundo. As outras produziram guilhotinas, campos de torturas, escravidões. A Revolução Brasileira faz milagres, inclusive o milagre de responder a pergunta de Rafael. A Revolução nos deu Garrastazu Médice e Garrastazu respondeu a pergunta de Rafael mandando a previdência social levar-lhe o pão, a roupa, o remédio, o consôlo, a alegria a quase todos os Rafeais do Brasil — que a quantia que eles estão recebendo significa tudo isto. Digo quase todos porque, infelizmente, ainda há Rafeais velinhos e tristes para cujos lares está proibida a dádiva da previdência. Pedreiros, carpinas, ferreiros, funileiros, sapateiros, pintores de parede, enfim: todos esses pequenos artistas que sob o peso de mais de 65 janeiros e da pobreza em todas as pequenas cidades e povoados deste imenso Brasil, estão sofrendo o desamparo pelo crime de não viverem da enxada, da lavoura. Quando procuram o Funrural encontram a porta fechada. E voltam mais tristes, com a dor doendo mais. Tendo dito a alguns deles: — Não se entristeçam: porque o mesmo Garrastazu que se lembrou dos pobres das roças não vai ficar sem lembrar de vocês. Rezem pedindo a Deus que ilumine o Presidente. Com a certeza, certeza absoluta, de que tais preces não serão perdidas.

Amem. Mundo Nôvo, Outubro de 1972.

EULÁLIO MOTTA

P19[1972]

SEGUNDA EDIÇÃO

Da Crônica “Fora do Mapa.” Porque a primeira saiu com erros de impressão incorrigíveis: omissões de palavras e frases, alterando o sentido do conjunto.

Estou informado de que um dos gênios da política local afirmou “que é preciso botar os Mottas fora do mapa.” Até que enfim essa boa gente se lembra de uma coisa boa para os Mottas! “Fora do mapa” significa, suponho: fora da ação política local. E isto, por sua vez, significa: fora dos fuxicos, das fofocas, das intrigas, das imundícies, das misérias humanas da politicalha. Estar fora de tudo isto é estar “fora do mapa.” Pode-se imaginar coisa melhor? A gente de pés enxutos e limpos, vendo os outros metidos na lama até o gogó! É bacanissimo! É bom demais!

Eu dizia ao Arnaldo quando lhe pediam, suplicavam, rogavam, quase de joelhos, quase corando, que aceitasse o lançamento de sua candidatura a prefeito; eu lhe dizia: “se resolver aceitar, pode estar certo de que perdeu o juízo.” Mas não esperava que fizesse o que fizeram: deram-lhe as costas e o perseguiram cruelmente, só faltando lhe jogarem pedras. Tornou-se um alvo para as perseguições, os fuxicos dessa mesma gente! “Fora do mapa”, deixará de ser alvo para as intrigas, as agressividades, os ódios, os rancores dessa boa gente! Poderá haver coisa melhor?!

Há os que julgam que ser vereador ou perfeito é coisa muito importante. Podemos afirmar que este tipo de importância não interessa e nunca interessou aos Mottas. Não pretendemos ser importantes conquistando essas alturas... Ora, se não queremos nada, absolutamente nada dessas importâncias, não seria gritante burrice fazermos questão de continuarmos “no mapa”?

Na minha opinião pessoal, deixaremos, novamente de pleitear o direito à sub-legenda. Uma vez que não queremos nada, não pleiteamos nada dessas importâncias, para que continuarmos a tomar parte neste mundo sujo de ódios e corrupções que outra coisa não são política municipal, eleições municipais? Deixemos essa gente com sua legenda, com suas importâncias, com sua possibilidade de lançar candidato único, e assim, poder se gabar de que conseguiu “ganhar em todas as urnas, exceto uma que deu empate com o voto em branco”. Se eu fosse



responsável por lançamento de candidatura única, teria vergonha de, depois, gabar que “ganhamos em todas as urnas, exceto uma que deu empate com o voto em branco!”

A excelente revista “VISÃO”, nº. de 20 de novembro de 1972, em comentário oportuno e objetivo, afirma: “a Prefeitura ou uma cadeira de vereador — cada vez mais vale cada vez menos”. Nós os Mottas, estaríamos passando atestado de burrice se fizéssemos questão de permanecer no campo sujo da política municipal, em disputa de cargos que “cada vez mais valem cada vez menos”. Muito oportuno, também, lembrar, aqui, a candente expressão, cada vez mais atualizada, do Prof. Hélio Rocha: “cada eleição que passa deixa mais baixo o nível moral e intelectual das câmaras.”

E acontece que nós, os Mottas, não temos condições materiais nem morais para gastarmos dezenas de milhares de cruzeiros em conquista de votos. (A proibição legal do comércio de votos é utópica: porque só muito excepcionalmente acontece a burrice de um comprador ou vendedor de votos assinar qualquer coisa que, caindo em mãos de adversários, se torne comprovante do crime.) E, assim, com esta incapacidade material e moral para tal comércio, nada mais bacana do que ficarmos “fora do mapa.” Até que enfim, repito, essa boa gente se lembrou de uma coisa boníssima para os Mottas!

Uma das condições estabelecidas para Arnaldo aceitar a cruz, foi esta: que o seu sucessor fosse Peixoto. E eis que o espírito de domínio das intrigas de aldeia o separou de Arnaldo. Não importa. As qualidades pessoais que o fizeram merecedor das confianças e preferência de Arnaldo, continuam inalteradas, não deixaram de existir. O que deixou de existir foi o equívoco dos Mottas quando o julgavam amigo. Ele, afinal, não tem obrigação de ser amigo de quem o julgava como tal. Também não importa. O que importa é que os Mottas fiquem, gostosamente, definitivamente, “fora do mapa.” E que Peixoto faça todos os benefícios que Arnaldo quis fazer e seis vereadores, numa câmara de onze, não deixaram. E que saiba tirar o máximo proveito da presença no Governo, do Dr. Antônio Carlos Magalhães que se tem revelado grande amigo do nosso município.

Amigos: não vamos esperar que vocês nos botem “fora do mapa”. Não lhes daremos este trabalho. Espontaneamente nos colocamos “fora do mapa” e agradecemos a vocês a lembrança. Pela tranqüilidade, pela paz, pela sombra e água fresca, por todo o bem que os Mottas, em virtude de ficarem “fora do mapa” passarão a usufruir, muito obrigado!

“Deo gratias!”

Mundo Novo, 5 de dezembro de 1972

EULÁLIO MOTTA

P20[1973]

NONO ANIVERSÁRIO

31 de março de 1973. Nono aniversário da Revolução. O que era este país antes e o que é depois destes nove anos! Pelos frutos se conhecem as árvores, ensina a sabedoria divina de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem se der ao trabalho de examinar, estatisticamente, o que era este país em todos os setores - marinha mercante, ferrovias, rodovias, assistência social, inclusive ao trabalhador rural - o que era este país antes e o que é agora, depois de nove anos, poderá verificar, ver e sentir os frutos maravilhosos da Revolução. E, então, compreenderá porque no estrangeiro se fala tanto em “milagre brasileiro” depois de se ter falado em milagre alemão e milagre japonês. E o milagre brasileiro é o maior, conforme expõe e comprova Murilo Melo Filho, em seu excelente livro intitulado “Milagre Brasileiro”.

No ultimo trimestre de 1963 e no primeiro de 1964, este país era um caos, uma casa sem pão, onde todo mundo grita e ninguém tem razão. Era um país em mãos dos políticos, em mãos das raposas, em mãos do partidário liberalismo corrupto, com a mocidade universitária inquieta, insatisfeita, revoltada, exposta á exploração de infiltrações vermelhas, pipocando greves e quebra-quebras. Era o descrédito completo, a desmoralização total do Brasil no exterior e no interior. Era o caos.

Quando ouvi falar em volta de partidos, em organização de Arena e MDB, fiquei horrorizado e escrevi um comentário falando em frustração da Revolução. Comentário que, felizmente, ficou inédito. Citava Maritain quando escrevia, magistralmente: “...a complacência com a mediocridade e a Hegemonia dos partidos, que também não são essenciais à democracia mas que representam a tentação permanente de toda democracia sem vigor espiritual; esses erros preparam o totalitarismo. Libertando-se deles, voltará uma nova democracia ao princípio autênticos da filosofia democrática”.

Quando assisto as fuxicadas, fofocas, imundícies de eleições partidárias nos municípios, me entristeço achando que a Revolução ainda não se libertou totalmente deles, dos partidos, da “complacência com a mediocridade e a hegemonia dos partidos”. Mas não me desanimo, não desespero porque cada vez mais me convenço da força, da grandeza, da consciência da Revolução, consciência de que é providencial, de que veio para salvar este país e de que traria a sua missão, o seu destino, o seu motivo fundamental, se se deixasse levar pela “complacência com a mediocridade e a hegemonia dos partidos”. E isto não acontecerá! Porque esta revolução não veio para falhar! As nossas gloriosas forças armadas, com a compreensão e a cooperação cada vez mais extensa e mais profunda da mocidade, dos trabalhadores, do povo em geral, não permitirão que esta linda e maravilhosa Terra de Santa

Cruz volte às mãos das raposas, do partidarismo liberaisco e corrupto que a entregariam ao anti-cristo escravagista da foice e do martelo.

Esta Revolução é Revolução com R maiúsculo! Não pode falhar! Tem o apoio de Deus e da Nação! Cumprirá, está cumprido, sua divina missão de fazer deste país, a maior potência cristã da História. Graças a Deus! E, abaixo de Deus, à união sagrada e indestrutível das forças armadas do Brasil. União que nos enche de orgulho e gratidão!

Brasil! Brasil! Brasil!

Mundo Novo, 31 de março de 1973, ano nono da Revolução Brasileira.

EULÁLIO MOTTA

P21[1974]

“OBRIGADO POR TUDO”

12 de janeiro de 1974 aqui em Mundo Novo foi um dia diferente, um dia “fora de série”: ruas enfeitadas de bandeirinhas do Brasil e bandeiras da Bahia, faixas bonitas enfeitando a pérgola no centro da praça principal e o trio elétrico Marajós mandando brasas com o povo pulando, cantando, dançando nas ruas! Que significava aquilo tudo? Significava: Antônio Carlos Magalhães! A presença do grande benfeitor de nossa cidade, de nosso município, de nossa gente, realizando o prometido: a inauguração do asfalto da estrada do feijão em Mundo Novo. Quando, noutra oportunidade, ele aqui esteve e prometeu que voltaria para inaugurar o asfalto, os pessimistas não acreditaram. E eu dizia aos pessimistas: “Vocês vão ver! Nunca vi este homem prometer para não cumprir”. Ao contrário de outros que prometeram tudo e não cumpriram nada! Prometeram, inclusive, o que só Antônio Carlos realizou. “Vocês vão ver”, dizia eu aos pessimistas. E agora eles viram! Quando o presidente Médici o indicou para governador da Bahia, fiz uma pequena carta ao extraordinário Presidente felicitando-o pelo bem que ele fazia à Bahia com tal indicação. Dias depois recebi um telegrama de Sérgio Médice apresentando o agradecimento do pai. Agora, com este comentário, quero copiar as expressões das faixas e mandar ao Presidente para ele ver que nós tínhamos razão de felicitá-lo pela indicação do nome de Antonio Carlos para governar a Bahia. Cada uma de sete faixas tinha a mesma expressão inicial que dizia: “Mundo Novo agradece”; e a seguir a indicação do que Mundo Novo agradecia: “a estrada do feijão”; “a estrada do Indaí”; “a estrada de Jequitibá”; “o campo de pouso”; “a energia elétrica”; “o polivalente”; a “telecomunicação”. E uma oitava faixa dizia: “Antônio Carlos, obrigado por tudo!”

Alguem censurou a inclusão da telecomunicação, alegando que se trata de problema federal e não estadual e que ainda não é realidade. Falei ao Arnaldo Mota que está muito indenticado com todos os nossos problemas, principalmente depois dos dois anos vividos e muito sofridos com prefeito; e ele me disse: “Justifica-se o agradecimento uma vez que o problema dependia do interesse do governador pelo assunto e este interesse do governador por nós mais uma vez funcionou, tirando Mundo Novo de um sexto lugar de segunda etapa. Assim é mais um motivo de gratidão que temos para com o grande amigo de nosso município.

Se o problema de água for resolvido antes que termine o governo de Antônio Carlos, não vai ficar nada para se pedir ao seu sucessor. Isto é fantástico! Sobre o assunto o Arnaldo me disse: “Somente a construção da barragem dará solução definitiva ao problema”. “Todas as outras soluções são de atendimento provisório, são paliativos”. E, entusiasta que é do dinamismo e objetividade de Antônio Franco: “Se fosse possível o Governador entregar esse problema da água a Antônio Franco, com carta branca, dentro de 90 dias deixaria de ser problema”. Repito: se o problema de água e telecomunicação for resolvido por Antônio Carlos, vamos ficar com um único problema: — o problema de não termos o que pedir ao seu sucessor!

Só me resta, para encerrar este comentário, repetir as palavras da oitava faixa: “Antônio Carlos, obrigado por tudo!”

Mundo Novo, 13.01.74

P22[1974]

NO DÉCIMO ANIVERSÁRIO

Fevereiro, 974. Um avião baixou no campo de pouso de Mundo Novo. Saltaram seis passageiros e ficaram esperando que algum veículo passasse para a cidade, afim de mandar recado pedindo um carro para transportá-los. Depois de horas de espera, apelaram para o “bonde canela”, rumando para o Cobé, (sete quilômetros) onde tentariam encontrar um transporte. Não sei se encontraram ou se continuaram “na palêta” até a cidade, completando a quilometragem: 12 quilômetros. Dias depois baixou um avião vindo de Goiana, trazendo alguém que vinha ao encontro do pai que estava passando mal. E naquêlê campo de pouso gastou mais tempo do que o que foi gasto de Goiana a Mundo Novo! E o transporte não apareceu!

Comentei o fato com o ex-prefeito, lamentando a ausência de um telefone ligando aquêlê campo à cidade. E êle, então, me contou esta monstruosidade: que na sua gestão conseguiu com o Departamento de Aviação da Bahia a doação de um abrigo que seria construído no Campo de Pouso, não apenas com telefone, mas, também, com sanitário completo: depósito de água, banheiro, latrina com descarga e pia. Construção orçada em Cr\$14.000,00, totalmente por conta daquêlê Departamento, com uma condição apenas: a aprovação da Câmara de Vereadores,

uma vez que o campo, ao ser inaugurado foi entregue ao município. O Departamento entrava com tudo. O Município entrava apenas com a aprovação da Câmara de Vereadores. Pois bem: o incrível, o fantástico, o horrível aconteceu — seis vereadores de uma câmara de onze impossibilitaram a aprovação requerida! Se não dependesse da câmara e o prefeito tivesse construído, talvez os fios fossem arrancados depois, para que o telefone não funcionasse. Porque foi assim que aconteceu com o matadouro que o ex-prefeito deixara pronto, faltando apenas retoques e inauguração. As instalações para água e luz foram arrancadas para que o matadouro não funcione. E os abatedores de Mundo Novo continuam sem usufruir os benefícios de um matadouro que custou Cr\$ 73.000.00 e frações! O abrigo do campo de pouso teria o esmo destino! Infeliz Mundo Novo!

Não é de admirar que o décimo aniversário da grande Revolução Redentora do Brasil tenha passado sem nenhuma comemoração nesta cidade! Acontecimento extraordinário, o maior, o mais belo, o mais fecundo de nossa História, não pode ser compreendido, não pode ser sentido, não pode fazer vibrar a quem coloca mesquinhos rancores pessoais acima de tudo.

Nada escrevi desta vez, comentando mais um aniversário da Grande Revolução. Porque quando vejo os municípios entregues à mesma politicagem sórdida dos anos anteriores à Revolução, fico sem graça, fico triste, fico sem esperança de que estas misérias municipais acabem sendo focalizadas pela Revolução, para o seu extermínio definitivo!

Dez anos de Revolução! Da revolução dos meus sonhos! A Revolução que invoquei em 1962, quando num artigo que publiquei comentando sujeiras do politiquismo municipal, escrevi: “só nos resta esperar... Esperar a Revolução!” Que alegria imensa quando a vi chegar dois anos depois que a invoquei!

Lamentavelmente, o que tenho a expressar neste ano do décimo aniversário festejado em todo o Brasil, menos aqui em nosso Mundo Novo, é este lamento.

Resta-me esta doce consolação: a certeza de que, com Ernesto Geisel na presidência e Armando Falcão no Ministério da Justiça, o AI-5 continuará irremovível, a Revolução continuará inabalável! Para tristeza de liberaloides e vermelhoides saudosistas que andam berrando por “abertura democrática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vômito”, “os porcos querem voltar à lama”.

AI-5 irremovível, Revolução inabalável, para a tranquilidade da Nação e progresso, grandeza e glória do Brasil!  
Mundo Novo 2 de abril de 1974.

EULÁLIO MOTA

P.S. — É bom esclarecer “a quem interessar possa” que: — voltando à ação de “escriba da roça”, não tenho nenhuma intenção de me meter na política local. Porque a mim e aos meus não interessam honrarias de Sucupira.

P23[1974]

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

27 de setembro de 1974. Passagem, por esta cidade, com destino a Piritiba, do grande benfeitor de nosso município, de nossa cidade, de nossa gente: - Governador Antonio Carlos Magalhães.

Leitores dedicados de meus folhetos de “escriba da roça” me pedem para escrever comentando o que aconteceu aqui hoje. Era minha intenção não comentar mais nada das misérias da política local. Não pretendo, pois, comentar. Mas, apenas, dizer com o máximo possível de síntese, o seguinte:

O que fizeram ao Dr. Arnaldo, ontem, fizeram, hoje ao Dr. Antonio Carlos Magalhães e farão, amanhã, ao Dr. Roberto Santos. Acabaram não podendo enganar mais a ninguém. Este verbo enganar, aqui, está inadequado. O adequado, aqui é o verbo trair ou o substantivo traição. Verbo e substantivo que hoje estiveram gritantes nas ruas desta cidade, em faixas que diziam: - QUEREMOS ACM EM 78”, “ESPERAMOS ACM EM 78”. As mãos que escreveram estas faixas são dos mesmos que, ao mesmo tempo, davam apoio eleitoral ao inimigo figadal de ACM! Não digo que acenderam uma vela a Deus e outra ao diabo, porque ACM não é Deus e seus inimigos não são diabos E, também, porque acho bem desagradável, penoso mesmo, estar atirando as minhas pedras sobre quem, no passado, mereceu as minhas flores.

Que os que odeiam, no seio de nossa comunidade, se tornem, cada vez mais, impossibilitados de agir no sentido de perseguir os odiados. Que estes possam viver tranquilos, sentindo-se livres da ação nefasta dos que se tornaram representantes do Odio, expressões do Odio, o Odio personificado. E que Deus nos conceda a graça de sabermos livrar-nos do Odio, sem odiarmos. E, assim, sem contaminação do Odio, possamos dizer, de consciência tranquila: Louvado seja Deus!

Mundo Novo, 27 de Setembro de 1974.

EULÁLIO MOTTA

P24[1974]

PERSPECTIVAS DE 76...

Registrei, em crônica anterior, o dia 27 de Setembro de 1974 em Mundo Novo - passagem por aqui do atual governador. Agora quero Registrar o 9 de outubro, passagem de uma comitiva do futuro governador: - Jutahy Magalhães, Manoel Passos e outros. E, entre estes outros, um antigo político local, cuja presença tem dado muito o que falar aos fofoqueiros. Cochicham estes que os Mottas estão de mãos dadas ao inimigo de ontem. É verdade

que, em política, é comum adversários de ontem se tornarem correligionários de amanhã. Mas a realidade é esta: - Mundo Novo em pêso sabe que Nelson Motta, politicamente, da juventude ao limiar da velhice, nunca deixou de ser senão isto: - juracista. Com Juracy a vida toda, em todos os momentos políticos, nos bons momentos como nos maus. Nunca foi juracista apenas enquanto Juracy era governador. Lealdade, lealdade, lealdade a vida toda, com Juracy nas vitórias, com Juracy nas derrotas. Não seria agora, pelo fato de um antigo adversário se tornar Juracista que o Nelson iria deixar a trincheira em que viveu a vida toda.

Quanto a mim, com relação aquêlo antigo adversário, devo dizer que não tenho retificações a fazer, uma vez que minha consciência não me acusa de ter escrito falsidade. Se algumas de minhas crônicas de combate ao mesmo foram ásperas, duras, é que a luta foi áspera, dura. Foi mole não. Quero, entretanto, por amor e respeito á verdade, de referência ao referido, destacar o seguinte: - embora militante em trincheiras políticas opostas às de minha família e tendo, por mais de uma vez, o poder em suas mãos, nunca desconsiderou, nunca espesinou, nunca maguou, nunca feriu a família Motta com perseguições mesquinhas e indignas a um dos membros mais queridos desta família. Para que tais misérias acontecessem, foi preciso que o poder local chegasse às mãos de um tradicional amigo da família. Paradoxos da vida. E, porque paradoxos, incompreensíveis, inesplicáveis.

Enfim: este 9 de outubro de 1974, em Mundo Novo foi um sinal do que será 76, quando o poder local será disputado. E os meus votos, desde já são para que tal poder venha a ser entregue a alguém desarmado do repugnante propósito de fazer perseguições e injustiças. E armado de dinamismo, honestidade e capacidade de fazer de fazer o bem.

9 de outubro de 1974 em Mundo Novo - perspectivas de 76...

Mundo Novo, 11 de outubro de 1974.

EULÁLIO MOTTA

P25[1974]

#### BASTA DE PODRIDÕES

Os “honestos de sorte” que, no passado, mereceram minhas flores, estão agora gastando suas economias em publicações de uma de minhas crônicas de combate a OSWALDO VITÓRIA em 1967.

Quero lembrar a esses “honestos de sorte” o seguinte: um dos objetivos que tive quando escrevi e publiquei tais crônicas foi este: arrancar do coração de nossa gente humilde o amor que demonstrava ter a aquele político. Que não consegui, está provado o calor de entusiasmo com que essa gente vem recebendo o político referido onde quer que se apresente no Município, principalmente em Umbuzeiro, Barra e Bonita.

Pergunto aos “honestos de sorte”: conseguirão vocês agora o que não conseguiram então? conseguirão que o amor dessa gente a aquele político desapareça com essa reedição de minhas crônicas de combate ao mesmo? conseguirão? Só as urnas de 76 responderão a essa pergunta. Aguardemos.

Quero lembrar também a vocês, “honestos de sorte”, a vocês que estão espalhando, em reimpressão, meu folheto de 22/04/67, intitulado “PODRIDÃO”; quero lembrar a vocês que, o que vocês fizeram com Dr. Antônio Carlos Magalhães, dando-lhe as costas depois de ter recebido dele todo apôio e todos os benefícios, significa indignidade, significa PODRIDÃO, podridão moral que se constitui do que há de mais podre, mais sórdido, mais repugnante na alma da gente: a INGRATIDÃO!

O que vocês fizeram com Dr. Antônio Carlos Magalhães, foi podridão, foi enorme vergonha para Mundo Novo! vocês sujaram o nome de Mundo Novo! Macularam o nome de nossa terra! Ontem, no Morro do Chapéu, na solenidade de festa de inauguração do asfalto, quando o Governador afirmou: “Aqui não há lugar para a palavra ingratidão”, um dos presente gritou: Mundo Novo! o que um dos Mundonovense presente retruncou: “Mundo Novo, não! O Prefeito de Mundo Novo, sim”!

Vocês derramaram podridão sobre o nome de Mundo Novo: - A lama infecta da ingratidão, com o que se revelaram podres! e quem se revê-la podre não tem autoridade moral para apontar a podridão dos outros! Ao Governador que tudo nos deu, vocês dão pontapés. A Honorato Viana que nunca nos deu nada, vocês dão votos. Podridão!

Basta de podridões!

Mundo Novo, 13 de novembro de 1974.

EULÁLIO MOTTA

P26[1975]

#### NO DÉCIMO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO...

IIº aniversário da Revolução Brasileira. Primeiro aniversário da segunda década. A primeira foi vivida galhardamente, levando facilmente de vencida as tentativas dos saudosistas no sentido de fazer voltarmos à vergonhosa, desmoralizante, deprimente e perigosíssima situação que antecedeu o 31 de março de 1964. As tentativas de desmoralizar a Revolução com greves e quebra-quebras foram estancadas com os Atos Institucionais que se tornaram pilastras, alicerces, garantia de permanência do Poder Revolucionário. Mas os saudosistas, embriagados de liberalismo superado, suicida, não perderam a esperança de, mais hoje, mais amanhã, exterminarem as pilastras, o sustentáculo da Revolução que são os Atos Institucionais, especialmente o

Ato Institucional nº 5 que, como tão bem afirmou Garrastazu Médici, só pode preocupar e incomodar aos mal intencionados, aos que querem liberdade de perturbar, de fazer greves desmoralizantes, de desrespeitar o princípio de Autoridade.

O AI-5 é uma garantia de ordem, de paz, de tranquilidade para a Nação e de respeito interno e externo para o Brasil. A liberdade justa, razoável, honesta; a liberdade do conceito cristão da Pessoa Humana, esta é e será garantida e defendida pelo Poder Revolucionário brasileiro. Sem o AI-5, a cachaça liberal faria voltar a bagunça, a anarquia e, conseqüentemente, a perigosa possibilidade de se ver a Nação amordaçada por algum golpe totalitário de direita ou de esquerda. Não percamos de vista o fato de que há liberdade de concepção liberal e liberdade de concepção cristã. A liberdade do liberalismo é instrumento de introdução e execução de golpes totalitários. É liberdade liberticida. É preciso que esta distinção seja feita, expressa, esclarecida com muita nitidez ao povo, para evitar que este acabe se deixando levar pelo canto de sereia das raposas liberais. Infelizmente a Revolução não tem feito trabalho de doutrinação, de politização do povo, de ensinamento dos princípios, da doutrina, da filosofia da Revolução. Depois de onze anos vividos, não sei da publicação de nenhum livro de doutrina revolucionária! Urge que isto seja feito para que o povo, com consciência revolucionária, não se deixe ser presa de liberais demagogos anacrônicos, manejados por agitadores totalitários com diplomas de cursos em Moscou, Havana ou Pekim. É preciso salvar a liberdade da Pessoa Humana, evitando a liberdade liberticida de liberais inocentes úteis, nem sempre inocentes.

Acho que seja erro se declarar partido A ou B como partido da Revolução: porque, assim, as fraquezas e derrotas partidárias inevitáveis, podem dar a impressão de fraquezas e derrotas da Revolução. É preciso que o Poder Revolucionário seja super-partidário, esteja acima das injunções político-partidárias. Que os dois partidos existentes e mais um ou uns que porventura surjam, sejam todos de apoio à Revolução, cooperadores da Revolução. Que no campo de ação dos partidos não se inclua o direito de atacar os pilares do Poder Revolucionário, que são os Atos Institucionais, principalmente, repito, o Ato Institucional nº 5.

Neste IIº aniversário da Revolução, há motivos para se sentir receio de que os saudosistas, com eleições de eleitores não politizados, não doutrinados, não conscientes, acabem conseguindo fazer brechas nos alicerces do poder Revolucionário, pondo em perigo a obra magnífica que vem realizando a Revolução, em ordem, em paz, em tranquilidade.

Resta a esperança de que o patriotismo autêntico do soldado brasileiro não permitirá que os saudosistas consigam fazer brechas na união sagrada das gloriosas forças armadas do Brasil! União que poderá ir-se enfraquecendo se as doutrinas da Revolução não forem levadas à juventude brasileira, conquistando a sua inteligência, a sua compreensão, o seu apoio, a sua dedicação o seu entusiasmo! Juventude estudantil, juventude operário, juventude camponesa! Que a Revolução e a Juventude se entendam e, unidas, lutem para exterminar as velharias liberais e os perigos totalitários,

Pelo bem do Brasil!

Mundo Novo Bahia, 31.3.75

EULÁLIO MOTTA

P27[1975]

AOS TELESPECTADORES DA “GABRIELA”: “POETA” COM ASPAS

Vários telespectadores locais têm me procurado para comentar a existência de um “poeta de Mundo Novo”, aparecido na novela “Gabriela”. E, pela descrição dos ditos, é evidente que se trata de um “poeta” com aspas, um cara mais ou menos boçal. Pensando sobre o assunto, concluí que, criando um “poeta” com aspas, um “poeta” inventado, “fazido” e não nascido, Jorge revelou, mais um vez, o seu talento. Porque: poeta, poeta mesmo, sem aspas, só pode ser inventado por um romancista que seja, ao mesmo tempo, poeta. Exemplo: Vitor Hugo. E poeta é coisa que Jorge nunca foi. Romancista de talento, sim. Poeta, não! Poeta é quem escreve poesias: - “Admator de granito, com a testa roça o infinito e a barba molha no mar”. “E a terra na vaga de azul do infinito cobria a cabeça com as penas da noite”. - Castro Alves. “Para iludir minha desgraça, estudo”. “Intimamente sei que não me iludo” - Augusto dos Anjos. “Verdes teus olhos são. “E de verde vestida, a quem te vê assim tudo é verde na vida” - Alberto de Oliveira. “Eu sou o olhar, tu és a estrela. “eu contemplo, tu reluzes”, - Vitor Hugo.

Quanta coisa bonita, quanta poesia poderia continuar citando, de um Raimundo Correia, de um Artur de Sales, de um Olavo Bilac, de um Da Costa e Silva, de um Jorge de Lima, de um Manoel Bandeira, de um Raul de Leoni, etc., etc., etc.! Ora, romancista que não é poeta, pra inventar um poeta pra novela, só pode fazer o que Jorge fez: um “poeta” com aspas, um boçal. É fácil para um romancista de talento, fazer uma Capitu, uma Gabriela, um Pedro Borges. Mas não é fácil, e é mais do que difícil, é impossível, é fazer um poeta sem aspas. Daí o recurso que revela, mais uma vez, o talento de Jorge: apelar para as aspas, para o boçalismo. Mas, por que “de Mundo Novo”? Não sei. Em 1929 conheci Jorge no, então, Ginásio Ypiranga, (atual Colégio Ipiranga). Fomos companheiros de preparatórios, de bancas de exames. Por insistência dêle passei parte de minhas férias daquele ano com êle, na fazenda de cacau do Cel. João Amado, seu pai, no município de Ilhéus. Ignoro se êle, depois de ter atingido as alturas máximas da fama, ainda se recorda daqueles dias, daquele convívio. Mas imagino que venha daí, talvez, a lembrança do nome de Mundo Novo, lamentavelmente para ser apontado como

berço de um personagem boçal. Não creio que tenha feito isto com a intenção de “bolir” com o antigo companheiro de lides ginásianas.

Nós, de Mundo Novo, não poderíamos exigir de Jorge o impossível: criar um personagem poeta que fosse poeta mesmo. Porque, para isto, seria preciso que êle, Jorge, fosse poeta. E poeta êle nunca foi. Romancista de talento, sim. Poeta, não!

Poeta do “Ypiranga”, em nosso tempo, não se chamava Jorge, chamava-se José: - José Bastos, de Itabuna. E havia ainda um outro, também José - José Severiano, do Piauí. E ainda um terceiro que era o maior e não era José, era Ivan: Ivan Americano, de Salvador.

Mundo Novo, 13 de setembro de 1975.

EULÁLIO MOTTA

P28 [1975]

#### O MELHOR CAFÉ DO MUNDO

De um folheto intitulado “Mundo Novo”, que publiquei em 17 de julho de 1957 transcrevo o seguinte:

“Um amigo contou-me que existe em Mato Grosso uma fazenda com o nome de “Barro de Mundo Novo”. E que no sul da Bahia, município de Caravelas, há uma outra denominada “Barro Bom de Mundo Novo”. A fama das terras deste Município corre mundo”. Contam que Luiz Carlos Prestes, ao passar a celebre coluna em Monte Alegre, (1926), afirmou ali que as terras de Mundo Novo foram as melhores que ele pisou no Brasil”. E o Engenheiro Alexandre Gois, no ano de 1903, em relatório apresentado ao Governo Estadual, manifestou-se sobre os terrenos de Mundo Novo da seguinte forma: “A opulência de sua zona está acima de toda e qualquer descrição que eu possa tentar. As mais variadas culturas do Brasil ali se desenvolvem com incrível proporções. Encontre em Mundo Novo a terra roxa ou diorítico de Ribeirão Preto em São Paulo”. E o “Diário de Notícias” de 4-4-66 afirma que o Ministério da Agricultura considerou os solos de Mundo Novo “como os melhores do Estado”. (Estas referências não constam do folheto referido). “Em São Paulo – continua o folheto – um dos tipos de café mais preferidos chama-se “café Mundo Novo”.

Até aqui, palavras do folheto. Agora focalizemos o assunto: café. E... “café Mundo Novo”. E comecemos por mais uma transcrição: do interessante jornalzinho mimeografado, “OLHO VIVO”, dos nossos jovens estudantes do “complexo Escolar Polivalente de Mundo Novo”. Vejamos o que diz “Olho vivo” ao pé da primeira página do número mais recente que tem esta folha: não traz nem o número nem a data do mesmo. Vejamos: “Você que é proprietário rural, plante café pois o governo financia com a maior facilidade e Mundo Novo está incluído no plano do governo. “Lembre-se que já tivemos medalha de ouro internacional com o melhor café do mundo, em 1911 em Turim na Itália. “Vamos recuperar o tempo perdido. “A hora é esta. “Procure o Banco do Brasil agência local para informações”.

Destaque-se: medalha de ouro internacional em 1911 em Turim na Itália. Estou informado de que tal medalha existia, embora apenas simbolicamente, acompanhada do diploma respectivo, em um quadro na Prefeitura, até bem poucos anos. E desapareceu! E ninguém botou a boca no mundo protestando contra o sumiço da tal medalha! Lamentável. Muito lamentável. Porque, embora apenas simbólica, tinha, pela sua significação, valor muito superior ao de uma medalha de ouro metálica. Pobre município de terras ricas e famosas! Mas, afinal, que valha o fato que apresentamos às autoridades superiores e aos grandes agricultores de café Mundo Novo ou de Mundo Novo, foi premiado como “o melhor café do mundo”. Isto significa que investir em agricultura de café neste município é negócio para valer!

Uma pergunta: aquêle “café Mundo Novo” um dos mais preferidos em São Paulo, terá ido daqui, do “melhor café do mundo”, ou terá outra origem o nome “café Mundo Novo”? Seja qual for a resposta a esta pergunta, o importante é isto: plantar café em Mundo Novo é plantar no chão que produziu o melhor café do mundo!

Mundo Novo, 31-10-75

EULÁLIO MOTTA

P29[1976]

#### NO ANO 12 DA REVOLUÇÃO

Achava que o décimo segundo ano da Revolução passaria sem registro em meu caderno de crônicas, neste “Diário de um João Ninguém.” Porque estava curtindo decepções: um Senador da Arena, falando a universitários bahianos sugeriu que os mesmos desfaldassem “a bandeira da liberdade irrestrita” (sic!) Para mim “liberdade irrestrita” é anarquia. Outro senador, também da Arena, apelara para a oposição no sentido de fazer uma frente única contra o Ato Institucional nº. 5. Para mim, isto significa: contra a Revolução. Pouco tempo depois dois deputados federais do MDB botavam falação em uma cidade gaucha atacado o governo inatacável do Presidente Ernesto Geisel e os gloriosas e também de pronunciarem palavras de exaltação ao comunista Leonel Brizola. Comentei com amigos: o que esses dois deputados federais do MDB fizeram foi, nada mais, nada menos, do que pôr em prática a pregação daqueles dois senadores da Arena. E lhes dizia: o que aquêles senadores da Arena e aquêles deputados federais do MDB estão fazendo é desafiar a Revolução, provocar a Revolução. E se a Revolução não responder à altura, as raposas comuno-liberais voltarão a tomar conta deste País, retornando todas

as greves e bagunças que levaram o Brasil à ruína quase total nos anos que precederam o 31 de março de 1964. Estava assim, num estado de espírito de desencanto, de decepção, de tristeza. Sem condições, portanto, de redigir qualquer comentário sobre o décimo segundo aniversário da Revolução. E eis que, na noite de 29-3-1976, a televisão me trouxe a notícia-bomba: cassação de mandatos e de direitos políticos por dez anos dos deputados que cometeram aquele atrevimento. Não!

A Revolução não está morta! Está viva e forte! Mais viva e mais forte, nesse 12º. ano do que no ano primeiro! Graças a Deus! Lamento, entretanto, que homens jovens e inteligentes como são esses dois deputados gauchos, se sacrifiquem, tão infantilmente, por condenação ao que não é condenável. Envez de condenarem esta revolução que tem feito tanto bem à Nação, deveriam ajudá-la, fazendo oposição aos erros que porventura comentam homens da Revolução e não à Revolução. Oposição construtiva, não agressiva, violenta, injusta, demagógica. Não lamento, entretanto, a cassação que logo se seguiu à dos gauchos, do mandato e direitos políticos do deputado fluminense. Porque este, segundo noticiam os jornais, é um representante do comunismo internacional, cuja candidatura foi reprovada pelo próprio governador emedebista do Rio de Janeiro.

Em 1962, comentando patifaria da política liberal em meu município, publiquei um folheto intitulado. “Assalto ao Poder”, no qual está escrito: “Só há um jeito: — esperar... “Esperar a Revolução!” E dois anos depois ela chegava! E aí está comemorando o 12º. aniversário, viva e forte, não deixando sem resposta os desafios de seus inimigos!

Presidente Ernesto Geisel, Deus lhe pague! Que Deus continue a iluminar e abençoar seu grande governo, pelo bem do Brasil!

Mundo Novo, (Bahia), 5-4-1976.

EULÁLIO MOTTA

P30[1976]

#### LIBERDADE NO ANO 12

Estamos vivendo em um regime no qual o brasileiro é livre para ter a religião que quiser, o estado civil que quiser, a profissão que quiser, a residência onde quiser e puder, enfim: o brasileiro vive em plena liberdade; liberdade mantida e defendida pelo regime da Revolução. As liberdades fundamentais sem as quais não há respeito à dignidade da Pessoa Humana, são mantidas e defendidas por este regime. E há ainda quem se queixe de falta de liberdade neste País! Sim, falta liberdade para fazer greves desmoralizantes, perturbadoras da vida nacional, a serviço do comunismo internacional. Falta liberdade para explorar o entusiasmo fácil de universitários inocentes-úteis, com agitações estudantis a serviço do comunismo internacional. Falta liberdade para desrespeitar o princípio de autoridade em benefício da subversão. Falta liberdade para ações que ponham em perigo a existência da Liberdade. Não há e não deve haver liberdade para os irresponsáveis, para os liberticidas, para os que, inocentes-úteis ou mal intencionados, tentem agir de modo a pôr em perigo a existência da Liberdade.

Queremos a Revolução com a AI5 porque amamos a Liberdade, porque sabemos que sem liberdade a vida é indigna de ser vivida. E sabemos que sem o AI5 a nossa Liberdade estaria ameaçada. Não queremos correr este risco. Senador ou deputado arenista que faz declarações contra o AI5, deveria ter a dignidade de ser coerente, deixando a Arena e se aliando a grupos de inimigos do AI5 e defensores de um conceito de liberdade que favorece a anarquia, a subversão, o comunismo. Gente que confunde democracia com liberdade de fazer bagunça. Greves, agitações estudantis, quebra-quebras, desrespeito ao princípio de autoridade, isto é que é democracia para esses inimigos do AI5. Repito Garrastazu: — “o AI5 só é incômodo para os mal intencionados”. Acho que democracia é regime que mantém, defende, garante as liberdades fundamentais da Pessoa Humana. Liberdade de fazer bagunça não é liberdade fundamental, não é “liberdade de base”, para usar expressão preferida pelo Presidente.

Queremos uma Arena que defenda, de cabeça erguida, a Liberdade, defendendo o AI5. Há os que atacam o AI5, ao mesmo tempo em que incensam o Presidente Geisel e a Revolução. Velha tática de acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Estes são falsos defensores da Liberdade. Não queremos os falsos, queremos os verdadeiros, os que não têm medo de na luta em defesa da Liberdade, serem taxados de radicais e até de fascistas pelas velharias comuno-liberais. Nossa Liberdade é coisa preciosa demais para ser confiada ao liberalismo anacrônico, superado, caduco, cafona, pernicioso, suicida. Já pensaram vocês o que seria de nós, o que seria desta Nação, deste nosso querido Brasil, se neste momento de tantos tormentos mundiais, de tantas e tão graves crises econômicas, políticas, sociais, estivessem as reatas do poder de nossa Pátria em mãos desses demagogos que ontem levaram o País à ruína quase total e hoje voltam se apresentando como bonzinhos ou bonzões, paladinos da liberdade, salvadores da Pátria? Hoje, graças à Revolução, temos asfalto, energia, hospitais, aposentadoria para os velhos de nossos campos, velhos que antes da Revolução viviam na mendicância ou morrendo à míngua de tudo.

Soldados do Brasil! Juristas da Nação! Homens eminentes da Pátria! Não permitais que nosso povo despolitizado, inocente, se deixando levar pela demagogia entregue o poder aos saudosistas que fariam o jogo dos patricidas interessados em liberalização por ser o caminho mais fácil para atingirem os seus objetivos

sinistros. Por detrás da propaganda de liberalização aqui e em toda parte, há uma coisa terrível — o dedo de um monstro envenenador ideológico da juventude de todas as nações, devorador de pátrias, a serviço de uma superpotência super-totalitária que alimenta o sonho louco de dominar o mundo. Eis porque a AI5 é necessário, é vital, é expressão de realidade irremovível, para segurança do Presente e do Futuro.

Brasileiros eminentes, responsáveis pelo destino desta maravilha de Deus nos deu — BRASIL — cuidado! Muito cuidado! Juízo! “Vigiai e orai para não cairdes em tentação!”

Pelo amor de Deus!

Pelo bem do Brasil!

Mundo Novo, 29 de abril de 1976

EULÁLIO MOTTA

P31[1976]

ELE VEM AÍ!

Acontece, muitas vezes, pessoas de passagem por esta cidade, vendo a torre da Telebahia, perguntarem onde está o centro telefônico para fazerem uma ligação para alguma Capital ou para alguma das muitas cidades interioranas da Bahia que não têm torre da Telebahia mas já foram lembradas para terem telefone.

Sim, nós temos o “Centro Telefônico Oliveira Brito”, sede própria e muito boa, coisa que não existe em muitos municípios que tiveram o privilégio que até hoje ainda não nos foi dado. Sim, temos centro telefônico e muito bom. O que não temos é telefone. Temos telefone, para uso interno, para a cidade que era, outrora, ligada aos distritos. Coisa do já era. Do já foi... A gente fica com uma vergonha danada quando aquelas perguntas acontecem... E outras perguntas aparecem, inevitavelmente: por que tantas cidades que não têm centro telefônico, têm telefone e a nossa que tem torre, que tem centro telefônico não o tem? Por que?! E logo são apontados supostos culpados, coisa que não resolve nadinha da silva. O que resolve é o que estou ouvindo dizer que vão fazer: um apêlo, um abaixo assinados, ao Exmº Dr. Governador Roberto Santos. Autoridades e povo mundonovenses, sem distinção de côr partidária, sem facciosismos, se dirigem a S. Excia. pedindo que livre Mundo Novo desta vergonha. Tal união em tal apêlo já é sinal honroso, um sinal de que, em se tratando de um grande interesse do município, somos capazes de um gesto de gente civilizada que coloca o interesse coletivo acima de mesquinhos rancores pessoais ou facciosos. O eminente Governador Roberto Santos com toda certeza não será indiferente, insensível a tão justo apêlo, a tal sinal de gente civilizada.

Há uma vaga promessa de que teremos telefone no primeiro semestre do próximo ano. Acredito, entretanto, que um apêlo de autoridades e povo mundonovenses ao Exmº Governador do Estado, antecipará tal vinda. O Governador que tem sido bom para os outros não vai ser ruim para nós. É por isso que estou otimista com relação à vinda do telefone. Pessimismo não resolve. Os pessimistas não acreditavam que nos viesse Paulo Afonso, que nos viesse o asfalto. E aí estão como estará, brevemente, o telefone.

Êle vem aí!

Mundo Novo, 17-8-976

EULÁLIO MOTTA

P32[1976]

PONTOS DE VISTA...

Tenho um amigo, muito íntimo, merecedor do máximo da minha estima, que é arenista radical, intransigente, anti-emedebista total. Se motivos de ordem pessoal o impedem de votar em candidato da Arena, vota em branco. Com o MDB, nunca! Acontece que o seu radicalismo arenista não impediu que fosse êle um dos expurgados da Arena local pelos manda-chuvas da dita. Resultado: vota em branco na eleição de amanhã, 15 de novembro de 1976. As constantes e fortes tentativas da corrente de arenistas expurgados que apoiaram o candidato do MDB, não conseguiram demove-lo do seu ponto de vista de arenista radical. Aos eleitores que o procuravam pedindo orientação para votarem, em quem deveriam votar, a resposta invariável era esta: “vote em quem sua consciência mandar”. É um ponto de vista respeitável. Respeito-o. Mas não o adoto. Porque tenho também o meu ponto de vista que consiste no seguinte: — na esfera estadual ou federal, não darei, em hipótese nenhuma, o meu voto ao MDB. Mas no âmbito municipal não vejo partidos, não vejo legendas, vejo pessoas. Não vejo arenistas e emedebistas, vejo amigos e inimigos. Se ha dois candidatos e um é meu inimigo, voto no que não é meu inimigo, indiferente a legendas que nos pequenos municípios não passam de rótulos vazios de sentido próprio, vazios de substância ideológica. Sem, entretanto, faltar com o devido respeito às incontestáveis qualidades positivas do candidato inimigo.

Considero que prefeitos municipais e vereadores de pequenos municípios interioranos não têm influência nenhuma sobre a política da nação. Não alteram em nada a substância, os propósitos, os objetivos da Política com P maiúsculo, da Política Nacional.

Política de municipinhos é isto aí, esta baboseira que se viu: de “jacus” e “caracarás”, de “bodes e cobras”, de “jacus” e “panelas”... uma baboseira! E cantiguinhas cretinas visando ridicularizar a pessoa do candidato



adversário... E senhoras e velhos que não se respeitam, de dedos na boca, pulando e vaiando nas ruas, como quaisquer capitães de areia!

Enfim... pontos de vista.

Mundo Novo, 14 de novembro de 1976.

EULÁLIO MOTTA

P.S: - Escrevi o comentário supra, antes da eleição, para evitar que o resultado dela tivesse influência na expressão dos pontos de vista referidos. Agora, manhã de 16 de novembro, urnas ainda fechadas, prevendo resultado local da eleição, favorável à Arena, quero dizer o seguinte: devemos esperar que o Governador, arenista que é, Prof. Roberto Santos, corresponda a esta vitória da Arena em nosso município, atendendo às aspirações máximas dos mundonovenses no momento: primeira e antes de tudo, o telefone; segunda: a abaixadora de Paulo Afonso em Mundo Novo; terceira, como consequência da segunda, normalização definitiva da televisão em nosso município. E, finalmente: cais do rio Capivari, cujas erosões ameaçam destruição parcial de uma praça e total de uma avenida.

P33[1976]

ELEIÇÃO – CORRUPÇÃO

Ronda por municípios, antes e depois da eleição de 1976... A corrupção nunca chegou a tanto, nem mesmo nos ignominiosos tempos de João Goulart!

Um eleitor, “esperto”, inteligente, comentava com outro, que sua mulher teve seus dentes todos extraídos e uma ordem para o dentista fazer as duas chapas, em troca dos votos dela e dêle marido. E concluiu: “Aquilo é que é candidato macho!” Assim, para aquele homem simples, da roça, tal tipo de “negócio” não é corrupção, é uma questão de machismo.

Outro, muito esperto, comentava que, com seus filhos, genros e noras, tem 8 votos. E como não tem nada com política, só daria os 8 votos a quem o desapertasse com mil cruzeiros. Foi a um candidato (Arena), fez a proposta e “o cara declarou que, infelizmente, não estava podendo”. Foi ao outro candidato, (tambem Arena), “e a gaita saiu em cima das buchas”.

Um outro, não matuto, gente da cidade, comentava: - “Tomei um ferro danado! “Mudei-me de município e recebi uma oferta de 500 cruzeiros por meu voto e não pude pegar porque não havia transferido o meu título e não havia mais tempo para faze-lo. “E o meu ferro aumentou quando soube que se tivesse o voto e exigisse mil cruzeiros o cara me teria pago! “Fui votar em meu município. “Queriam meu voto de graça. “Resultado: votei em branco”.

Um outro comentava, gosando com dose de cinismo: “Para pagamento de uma despesa forçada, recebi 180 cruzeiros em troca de meu voto. “Votei no comprador? “Para os bestas...”

Modalidade de corrupção que desta vez funcionou em proporções alarmantes: - o eleitor importado. Ha municípios onde provavelmente vitórias não teriam sido vitórias se não tivesse havido o eleitor importado... Sujeira! Houve povoados onde, dizem, o voto mais barato custou cem cruzeiros. E comentam que houve compras por atacado: 20 e até 40 mil a cabos eleitorais. Coisas sabidas e comentadas mas que ninguém denuncia porque não pode provar. Compradores e vendedores, é claro, não iriam confirmar. E ainda poderiam arrumar um processo de injúria e calúnia pra o denunciante...

Comícios foram realizados em lugarejos, com cem, cento e tantos, duzentos e mais carros! Caminhões superlotados, incluindo menores, não raro acontecendo acidentes fatais. Pra que? Pregações cívicas? Demagogia reles, xingamentos, bebedeiras, carnavais

extemporaneos! Milhões de litros de gasolina e oleo queimados nababescamente, estupidamente, neste momento de tanto sofrimento do País com o problema do combustível!. Louvado seja Deus!

Senhores responsaveis pela Revolução! Senhores responsaveis pelo presente e pelo futuro do Brasil! Não haverá um geito de acabar com isto, com esta onda de lama e corrupção? Isto é democracia? Isto é forma de se conseguir o tão apregoado aprimoramento democrático? Isto não está desmoralizando a Revolução? Isto não está rasgando, reduzindo a farrapos, a bandeira da anti-corrupção, desfraldada pela Revolução?

Em 1962, comentando corrupção eleitoral, em artigo que publiquei sob o titulo de “Assalto ao poder”, dizia: - “Só ha um grito: - esperar... “Esperar a Revolução!”

E agora? Esperar mais o que? Apelar para quem, para o que? Não sei. Desgraçadamente, não sei!

Mundo Novo, (Bahia), 20-11-976.

EULÁLIO MOTTA

Do Caderno: “Diario de um João Ninguem”.

P37[1978]

A MAIOR

Intenção de “pendurar as chuteiras...” Isto é: de parar a minha pena, entrega-la à ferrugem. Pena que escrevia sonetos, redondilhas, poemas e crônicas, nesta onda de “pendurar chuteiras”... onde muitas vezes repetida, quebrando-se nas rochas de acontecimentos imprevistos. Desta vez o acontecimento foi este: a extraordinária

XXV exposição de pecuária em Mundo Novo. Não digo agro-pecuária porque, na verdade, tais exposições, aqui, como em Itapetinga, Conquista e toda parte, tem sido somente de pecuária. Agro tem sido apenas no papel... Literatura... Ficção...

Extraordinária XXV exposição, considerada, unanimemente, como a maior de todas que já tivemos. De muitos visitantes se ouviram expressões assim: “nunca vi exposição igual a esta”. Assim, não eram só os locais que o diziam. A maior! Por que “a maior?” Antes de tudo: maior em presença de povo e de carros, de um lado e outro do asfalto tinham quase um quilômetro de extensão!

Maior em número e negócios de raças lieteiras: holandezas, Schwyz, normanda, simental, fleckwin. E, principalmente, mestiços de tais raças com o indubrasil. Nesta exposição a raça indubrasil voltou a subir de cotação. Volta-se a verificar que a raça indubrasil é o grande coringa do mundo bovino. Como qualquer raça o mestiço de indubrasil abafa a banca. Em virtude de tal verificação, há muitos pecuaristas comprando femeas indubrasil para pôr com touros de raças leiteiras e vice-versa: - fêmeas leiteiras com touros indubrasil. Daí esta nova subida de cotação do indubrasil, muitas vezes combatido e nunca vencido.

Maior em alegria do povo: — conseqüência da presença do “Rodeio Ferradura”, de Montes Claros, rodeio especializado, executado por exímios montadores que mereceram aplausos da multidão que superlotava o parque. E, também, a presença de tantas bocas de alto-falantes, em carro especial vindo de Jacobina.

Maior quantidade de raças; além das leiteiras, já citadas, o gir, o guzerá, o nerole, o dominante indubrasil, o búfalo. E, ainda, caprinos, ovinos, suínos, instalados em pavilhão recém-construído. Maior em vendagem, que foi Record: — 40 milhões, graças à boa Vontade dos Bancos presentes: do Brasil, agências de Mundo Novo, Monte Alegre e Rui Barbosa; Baneb e Econômico.

Maior em quantidade de gados nos currais, lotando 110 currais, excedendo-se ainda em mangueiros vizinhos! Merece especial destaque a boa vontade dos Bancos. Ou, mais precisamente, dos gerentes e funcionários dos bancos referidos. Foi um dos pontos altos desta extraordinária exposição.

Destaque-se, ainda, e, finalmente, que tão grande êxito se deve, em grande parte, à dedicação, ao esforço enorme, aos sacrifícios do presidente da cooperativa, José dos Santos Navarro e ao Secretário, Antonio Trindade, eficientemente auxiliados pelo gerente da cooperativa, Cassiano Almeida e seus auxiliares, que formam verdadeira equipe de trabalho, otimismo, confiança, êxito. Sem esta equipe não teríamos esta beleza: nossa maior exposição.

Nossas palmas para a equipe.

Mundo Novo, 4 de abril de 1978.

EULÁLIO MOTTA

P38[1978]

#### O MOMENTO OPORTUNO

Há pessoas que gostam de fazer, aos conhecidos, a seguinte pergunta: — “Se você conseguisse fazer 13 pontos, sozinho, na esportiva, que faria com tanto dinheiro? Seria interessante uma coleção de respostas a esta pergunta. Faze-lo, entretanto, não é minha intenção, pelo menos neste momento. O que quero é dizer como eu responderia a esta pergunta se alguém m’a fizesse. Responderia: “Antes de tudo, como realização prioritária, imediata, mandaria erguer, na praça municipal de Mundo Novo, uma estátua de bronze do Governador ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES. “O que restasse eu aplicaria em coisas de interesse pessoal e social.”

Por que tal estátua? É isto que quero comentar, em nome da gratidão mundonovense. Pergunto: — quem nos trouxe o asfalto? Luiz Viana Filho planejou-o, iniciando a estrada do feijão (a êle nossa gratidão), Antônio Carlos executou-o, até nós, 179 quilômetros, e o levou até Xique-Xique, mais 288 quilômetros. Quem trouxe a luz de Paulo Afonso? Mais uma vez: Luiz Viana Filho prometeu, planejou, Antonio Carlos executou.

Quem levou os fios de Paulo Afonso ao Cobé, ao Alto Bonito, ao Umbuzeiro, a Monte Alegre? Antônio Carlos Magalhães. Sem este trabalho executado por Antônio Carlos Magalhães, a luz de São Francisco não poderia chegar a aquelas populações.

Quem reformou, modernizou, aperfeiçoou o nosso parque de exposições com investimento de centenas de milhares de cruzeiros? Antonio Carlos Magalhães. Quem deu a Mundo Novo um ótimo campo de pouso de aviões? Antônio Carlos Magalhães. Quem deu a Mundo Novo um Colégio Polivalente? Antônio Carlos Magalhães. Qual foi o governador que escolheu Mundo Novo para sede de início das festividades do primeiro aniversário de um período de governo? Antônio Carlos Magalhães.

Eis porque, se fosse premiado com milhões da “esportiva”, a primeira coisa que faria seria mandar construir na praça principal de Mundo Novo, uma estátua de bronze do inolvidável benfeitor do nosso município. Seria um monumento imperecível de gratidão e reparação. Sim: reparação. Isto mesmo: reparação. Ele sabe porque. Mundo Novo sabe porque.

Este comentário foi feito muitas vezes, em bate-papos com familiares e amigos, “Um dia – dizia – este comentário será feito com o preto no branco. Quando chegar um momento oportuno.” E agora, que o extraordinário homem público volta, nos braços do povo, ao governo da Bahia, considero que chegou o momento oportuno.

Telegrafei-lhe nestes termos: - “Enfim voltastes! Bahia feliz! Graças a Deus!” O povo estava triste. mas o Homem voltou! Voltou e “não mudou”! e a alegria do povo retornou! O momento oportuno!  
Mundo Novo (Ba), 20 de abril de 1978  
EULÁLIO MOTTA

P39[1978]

ALTO BONITO...

Desde que Paulo Afonso chegou ao Alto Bonito, que sonhava com uma oportunidade de ir lá, à noite, para apreciar a iluminação na terrinha onde vivi a minha infância. Naquele tempo só se via rua clara no Alto Bonito quando a lua exibia a cara redonda, “prateando a solidão, como diria o Catulo... De dia eram os cavalos de pau e as arapucas nas capoeiras de cansa-cavalo ou moleque-duro da casa de Báia... (Pedro da Báia tinha uma cachorra chamada “Deixa-fama”; e a gente bolia com ele dizendo que o nome da cachorra era “deixa-fome”. Danava!)

Como ia dizendo: sonhava com uma oportunidade de ver o Alto Bonito de noite, desde que levaram Paulo Afonso pra lá. Um dia desses, dia de domingo, dia de feira no Alto Bonito, lá estive à tarde e entrei pela noite... Domingo, dia de feira no Alto Bonito! Cadê você, Catarino? Lembro de seu companheiro de pinga – Pedro Zóio, bebendo cachaça e fazendo barulho aos domingos... Mestre Elias... Zé Trapaiado.. Nenem Quixe, que continua no Alto Bonito de hoje... cabeça de algodão, aposentado , apesar disto, ainda dando duro na lua da sela, em viagens a Mundo Novo, buscando jornais, revistas, brungunzos do patrão... D. Fiinha, que neste ano de 78, chega ao fim depois de ter assistido a passagem de seu centéssimo-décimo-oitavo aniversário.

Naquê tempo Alto Bonito não tinha rádio de pilhas, não tinha Paulo Afonso, não tinha televisão... Mas tinha muita fé católica e muita alegria. Fé e alegria que explodiam em festas memoráveis, nas novenas de Sant’Ana e no mês de Maria... E tinha os umbuzeiros dos pastos de Amado Bahia, alegria dos meninos... E a mangueira de Papai em cuja sombra se fazia a feira, onde se vendiam brevidades e pipocas de goma de Mitila. E a boniteza marcante de Vicentina, a menina mais bonita do arraial! E as outras meninas... Namoricos infantis na escola... Vicentina não dava bola pra nenhum... A escola... professores sucessivos: D. Zizinha, Maria Candida, João Vilaronga, professor Pôjo, que era doente: Veio da Bahia (Salvador), para tomar ares no Alto Bonito. Tinha tosse seca e bebia mel de uruçú. Quem não queria botar menino na escola de Papai, botava na de Iaiá das Piabas... Não tinha escola municipal. E muito menos estadual. Papai é quem não deixava Alto Bonito sem escola. Mania que ele tinha. Agora Alto Bonito tem escola municipal, escola estadual... E tem caras diferentes, casas diferentes... Neste Alto bonito de hoje sou quase um desconhecido. Parece que me vêem com cara de forasteiro... com ares de turista... O que não está muito diferente é noite sem lua: — as ruas continuam no quase escuro – de 24 lâmpadas que botaram nas ruas só vi 4 acesas... E, assim mesmo, fraquinhas... parecendo de 100 velas ou menos, apesar de informação em contrário. Penduradas do cocorute de postes muito altos, parecem arremedos de fifós... Não culpo a administração municipal. Culpo os residentes atuais que não botam a boca no mundo, gritando por reposição de lâmpadas... e lâmpadas que não façam papel de fifós... “Quem não chora não mama”, minha gente! (I) Alto Bonito! de Jeremias... De Mãe Andreza... Alto Bonito de meu gado de osso... Alto bonito que já era...

Mundo Novo, 14/7/1978.

EULALIO MOTTA

(I) - Depois de escrito esse comentario, soube que as lâmpadas apagadas foram reacesas.

P40[1980]

A MENOR...

Comentei a exposição de pecuária XXV, sob o título de “A Maior”. Agora, para comentar a que ontem se encerrou, calha, muito bem, o título de “A menor”.

A pecuária local vem sendo perseguida, quando a intenção expressa dos governos Federal e Estadual é amparar o pecuarista, estimular a produção, para se colocar o Brasil em condições de matar a fome de carne do mundo, folgando o país de divisas. Mas em exposições como essa que ontem se encerrou, a preocupação maior é perseguir o pecuarista, massacrar a pecuária.

Coisas incríveis aconteceram nessa XVI exposição de animais em Mundo Novo! imagine-se que inventaram a teoria de que mundonovense não deve compara nem vender a mundonovense em regime de financiamento! Ora, o maior numero de selecionadores de raças nobres de bovinos, na região, se compõe de mundonovenses. O maior numero consequentemente de compradores e vendedores se compõe, logicamente, de mundonovenses. Aplicada a esdrúxula teoria, serão duramente atingidas as exposições de pecuária, não só de Mundo Novo, mas de toda a região! Além da perseguição dos financiamentos, a imoralidade dos julgamentos. Nessa lamentável exposição, aconteceu coisa que nunca se viu e nem nunca se ouviu dizer! Veja-se esta que é de pasmarr:

Um touro sem registro e com peso além do estabelecido nos regulamentos, concorrer com um touro registrado, e de peso superior ao exigido, e o primeiro prêmio ficou com aquele, aquele que teve registro recusado pela comissão de registro e peso inferior ao estabelecido, IMORALIDADE! Não sou proprietário do touro registrado,

do touro vitima, mas não comigo deixar sem protesto a escandalosa imoralidade, desrespeito às autoridades e ao povo mundonovenses.

Que os mundonovenses, autoridade e o povo não permitam que tal imoralidade se repita em Mundo Novo, precisamos dar provas de que esta terra ainda tem bríos! Calar diante dessa imoralidade seria cometer outra imoralidade que se chama covardia. A impunidade do crime é estímulo para novos crimes. Se tal imoralidade se repetir em Mundo Novo, é o caso de se ir para a imprensa, fazer denúncia, “dando os nomes aos bois”.

Mundo Novo, 31-03-1980

Eulálio Motta

P41[1981]

NO MATO SEM CACHORRO...

As cadeiras do Congresso Nacional têm estado vazias. Na hora da chamada do Presidente, ninguém responde porque as cadeiras estão sem os fundilhos de suas excelências. Consequência: a data para a eleição de 15 de novembro de 1982 ficou sem ser discutida e, conseqüentemente, sem aprovação. Não se discute se vai ou não haver eleição no dia 15 de novembro de 1982. O motivo da discussão é outro: - Se tal data 15 de novembro deve ser fixa ou móvel, dependente de aprovação do Superior Tribunal Eleitoral. Quer dizer: aumento deste flagelo nacional que é a burocracia. Lero-lero...

Os Snrs membros do Congresso não querendo discutir, esquecem que precisamente para discutir é que foram eleitos, é que recebem gordos subsídios. Discutir para aprovar ou desaprovar projetos e resoluções originados do próprio Congresso ou do Executivo. Com cadeiras vazias e tentativas de aumento da burocracia não conseguirão o respeito e o apreço da Nação.

De qualquer forma, uma coisa está cada vez mais evidente: - O dia 15 de novembro de 1982, fixo ou móvel, será dia de eleição. Dia da onça beber água!

Penso nos prefeitos atuais e faço conjecturas sobre os futuros. Há os prefeitos ineficientes ruins, nem quentes nem frios, que entraram e vão sair sem saber dizer para que vieram... E há os maus, os que entraram magrinhos como espeto na ponta e saem gordinhos como porco de seiva, sem dar satisfação a ninguém, como se não fosse da conta de ninguém!

Há uma lei que obriga, para a função de determinados cargos, que os candidatos façam declaração pública de seus bens. Mas alguém já descobriu que tal lei é incompleta: porque obriga tal declaração na entrada, mas não a exige na saída...

Mas, graças a Deus, há os bons prefeitos e até os ótimos, cujas saídas são lamentáveis por serem merecedores de reeleição que a lei não permite. Estes certamente farão seus sucessores, tranquilamente, sem problemas com os seus amigos que receberam considerações.

Se, ao contrário, cometeram a imprudência de maltratar seus melhores amigos, poderão verificar que não bastam administrações brilhantes. É preciso mais: - consideração aos amigos. Firmeza de amizades. Lealdade. Humildade. Sem o que, poderão acabar encontrando-se no mato sem cachorro...

MUNDO NOVO (BA), 14 de novembro de 1981

EULÁLIO MOTTA

P42[1981]

NÃO É MANÉ FULORIANO...

Depois de passar alguns dias em Salvador, chego encontrando a cidade sofrendo, mais uma vez, o suplício de Tântalo. Mais uma vez, faltando água neste terra tão rica do precioso líquido! E, por coincidência, encontrei também a notinha de cobrança de água para os cofres da Embasa! Enquanto os depósitos nos lares se esvaziam de água, os cofres da Embasa se enchem de “gaitas”... Pagamentos de água por quem não recebe água... E enquanto as residências ficam secas, algumas ruas exibem córregos de canos quebrados que não recebem concertos... Uma vergonha! É como se Mundo Novo fosse cão sem dono, terra de ninguém! E para completar nossos tormentos, estamos ficando sem os bons programas matinais da TV aos domingos. Porque a Coelba acha que todo domingo, com raras exceções, a energia deve ser desligada às 5 da manhã, voltando somente, às 6 da tarde. Não temos praia, como não temos futebol, nem cinemas, nem parques, só nos resta uma televisão deficiente e mesmo esta, aos domingos a Coelba não deixa! Louvado seja Deus!

É lamentável a omissão dos poderes municipais sobre o assunto. Talvez aleguem que o problema não é da Prefeitura, é da Embasa. Mas se a Embasa não cumpre a sua obrigação de fornecer água a quem paga água, a população sofre, e sofre cada vez mais. E, assim o problema se torna da Prefeitura. Porque é obrigação do Sr. Prefeito, evitar sofrimentos evitáveis à população.

Se o Sr. Prefeito Municipal já tivesse utilizado o seu prestígio junto às autoridades superiores, para combater o descaso ou incompetência da Embasa, no serviço de água local, talvez este sofrimento da família mundonovense já tivesse chegado ao fim. E talvez a promessa de barragem do Engenho já tivesse deixado de ser promessa, de ser farsa.

Será preciso se apelar para o futuro Prefeito? Mas... quem é êle? Como é o nome dêle? Não sei. Só sei que não é “Mané Fuloriano...” No dia 15 de novembro de 1982, pela boca das urnas, o povo vai dizer o nome dêle... Não é Mané Fuloriano...

Mundo Novo – Ba. 25/11/81 - Eulálio Motta

P43[1982]

FARINHA DO MESMO SACO...

Fui filiado à Arena e não me filiei ao PDS, nem a nenhum outro partido. Porque considerei que todos são tipo mamoeiro: - boa aparência por fora e ôcos por dentro. Partidos sem conteúdo ideológico não me interessam. Qual a filosofia do PDS? Seu conceito de Deus, do homem, do universo, de estado, nação, economia, trabalho, liberdade, etc. etc.? Necas... Tais perguntas dirigidas a qualquer um dos outros partidos, dariam no mesmo Mané Luiz... Farinhas do mesmo saco... Águas do mesmo pote... Poluídas de liberalismo anacrônico, rançoso, indigesto... Liberdade, sim. Liberalismo, não! O que vale é o homem e não a legenda vazia de conteúdo ideológico. Há homens que são bons porque são bons mesmo. Não sabem ser cruéis, não sabem perseguir ninguém. Não se trata de bondade de véspera de eleições.

Vivendo, há mais de treze anos, em Mundo Novo, Dr. Raimundo nunca soube ser ruim para ninguém. Amigo de ricos e pobres, doutos ou analfabetos, trata o pobre como trata o rico: - com a mesma caridade. É muito difícil encontrar neste município, alguém pobre ou rico, que não tenha recebido algum benefício do Dr. Raimundo. Sua enorme popularidade nesta terra é fruto de sua bondade enorme. Bondade natural, simples, espontânea, congênita. Não é bondade arranjada em vésperas de eleição. É dom. Bondade que Deus lhe deu. Nunca negaria remédio a um pobre, por ser este ou apenas parecer ser de corrente política contrária à sua. Porque não sabe ser ruim. Só sabe ser bom. Nunca usaria seu cargo para jogar na rua da amargura um pai de família com mais de dez anos de serviço público, sem o cometimento de nenhum deslize. Não faria isso. Porque não sabe ser cruel. Só sabe ser bom.

Dr. Raimundo: quero lhe afirmar o seguinte: livre, independente, sem estar sujeito a qualquer legenda; posso lhe dizer que sua legenda não importa, o que importa é a sua pessoa, merecedora do nosso respeito, de nossa admiração e do nosso voto livre, independente.

Mundonovenses: - não poderíamos conseguir um candidato melhor do que este.

Que Deus abençõe o nosso Mundo Novo, dando a todos nós, consciência de responsabilidade, respeitando os nossos adversários para que por eles sejamos também respeitados e, assim, possamos realizar uma campanha de gente civilizada, de gente decente. Que a histórica cordialidade dos candidatos Numa Barreto – César Leão, possa ser respeitada, para alegria e tranquilidade de todos nós de Mundo Novo. Que Mundo Novo seja, mais uma vez, exemplo de civilidade, repetindo o gesto de Numa e Cesar.

MUNDO NOVO (BA), 29 de abril de 1982

Eulálio Motta

P44[1982]

AS MALVINAS...

Palpiteiros e palpites... estão surgindo aos punhados, embora muita água ainda tenha de rolar debaixo da ponte.

Há os que fazem palpite baseado no poder do dinheiro. Do dinheiro que compra votos. Comprar e vender votos são dois atos que se constituem da mesma substância: indignidade humana.

Lembro-me de um velhinho muito pobre que, há muitos anos, me contou, num banco do jardim desta praça, como repeliu uma proposta de compra de seu voto. Assim:

— Amigo, eu estou mesmo muito precisando de dinheiro porque sou muito pobre. Mas o meu voto eu não vendo, “Meu voto eu só dou de graça.”

Formidável expressão de dignidade humana! Que pena eu não lhe ter tomado o nome para citá-lo aqui, em homenagem à sua pessoa à sua memória!

Arrogâncias... ameaças de transferências, de demissões... para quem não quiser ler pela cartilha de quem está no poder! O povo está cansado de tudo isto! Sentindo a necessidade de ser livre, de ser gente. Bicho é que se puxa pelo cabresto para onde não quer ir. Nosso eleitor tem o direito de ser livre, de ser gente. Votar é ato de consciência. O eleitor é dono de sua consciência. Deve votar em quem quiser, sem estar sujeito a transferência, demissões, ameaças. Nosso Senhor JESUS CRISTO declarou: — “Daí a DEUS o que é de DEUS e a CESAR o que é de CESAR.” E Ele mesmo, tanta importância deu a esta máxima que não obrigou ninguém a seguir-lhe: “Quem quiser seguir-me, tome a sua cruz e siga-me” Olhe aí: - quem quiser. O criador respeitando o direito de consciência da criatura! O vaqueiro não tem a obrigação de votar em quem votar o patrão. Porque votar é ato de consciência, e não de vaqueirice. Ato de consciência não é do reino de Cesar, é do Reino de DEUS. Infelizmente há homens que parece se julgarem superiores a NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

Com DR. RAIMUNDO no poder, a família mundonovense sabe que pode estar tranquila, com a certeza de que seus espôsos, espôsas, filhos, irmãos, professores, médicos, funcionários públicos não sofrerão vexames de ameaças de transferências ou demissões. Porque sue candidato é humilde. “Manso e humilde de coração.”

Aos que dizem que contam com dinheiro, com poderes estaduais e, até, federais, podemos responder que contamos com o AMOR DO POVO ao seu candidato, cuja residência tem as portas abertas a todos, não sendo vedada a entrada a qualquer eleitor, a qualquer amigo, por mais humilde que seja. A propósito, não quero terminar este comentário sem contar a vocês o que aconteceu, um dia desses na residência do candidato do povo: Dois caras se apresentaram, com a mais estapafúrdia e cínica proposta que se possa imaginar. Vejamos: — “Dr. viemos aqui para pedir ao Sr. que compre nossos votos.”

Surpreendido, chocado, perplexo, DR. RAIMUNDO respondeu:

— “Amigos, para comprar votos eu precisaria de uma coisa que não possuo: indignidade humana!” Se precisarem de mim, para qualquer coisa, disponham. “Comprar votos, não!” E logo saíram, cabis-baixos, os dois pobres diabos!

Compra de votos... O povo está enjoado! Não precisamos cometer esta infâmia. Contamos com o amor do povo ao seu candidato e a dedicação das “MALVINAS.”

— MALVINAS? Que significa isto?

Explico: deram este apelido, talvez algum adversário, com espírito de crítica, aos grupos de senhoras e senhoritas que estão indo, de vila em vila, de arraial em arraial, de casa em casa de eleitores, não apenas pedir votos, mas, principalmente catequisar sobre a dignidade do voto, convencer que eleitor que tem consciência não vende seu voto a ninguém.

Se houve má intenção de quem lançou tal apelido, saiu o tiro pela culatra, porque elas gostaram e o adotaram.

MALVINAS queridas – dei este título a este comentário, em homenagem a vocês.

Espero, ansioso, o momento de ver vocês desfraldando a bandeira da vitória! Bandeiras azul e branca da paz e da concórdia. Bandeira azul e branca de nossa Padroeira que, certamente nos ajudará a reconquistar a tranquilidade da família mundonovense.

MUNDO NOVO (BA), maio de 1982

EULÁLIO MOTTA

P45[1982]

FIM DE PAPO

Um adversário amigo, merecedor de minha consideração, me expressou seu inconformismo com o folheto “Farinha do mesmo saco,” considerando-o “muito pesado”, Vejamos o seguinte tópico do folheto: - “Deus abençoe o nosso Mundo Novo, dando, a todos nós consciência de responsabilidade, respeitando os nossos adversário.”

Muito pesado?! Louvado seja Deus! Muito pesado, amigo, é o regime a que se refere mensagem assinada por homens eminentes e não por um “mero escriba da roça”. Vejamos a mensagem, apenas parcialmente por motivo de espaço:

— “A Associação Bahiana de Medicina,” “Sindicato de Médicos da Bahia” e a “Associação Médica Brasileira,” levam ao conhecimento dos Médicos e da população de Mundo Novo, seu repúdio à forma brutal e discriminatória com que foram demitidos de seus cargos e punidos os médicos Cleverson Barbosa, Raimundo Costa e Wilson Murici, de revelantes serviços prestados a essa comunidade, atingida injustamente pelo fato de serem candidatas a lideranças do partido da oposição.

“As entidades médicas não aceitam estas punições ditadas por um regime autoritário e já encaminharam oficialmente denúncia à Ordem dos advogados do Brasil, protestando contra mais esta violação dos direitos de cidadania dos médicos.” (Mensagem assinada por: Dr. José Ciquiera, Presidente da Associação Bahiana de Medicina; Dr. Antônio do Vale, Presidente do Sindicato dos Médicos da Bahia; e pelo Dr. Luiz Barreto Pinheiro, Presidente da Associação Médica Brasileira.)

Amigo: você me censura pelo fato de estar em trincheira onde estão antigos adversários. Lembro-lhe que neste regime de partidos sem doutrinas tais fatos são comuns. Um exemplo? Aí está: - na campanha eleitoral passada Neri ficou com o Dr. Roberto Santos, contra o Dr. Antônio Carlos. Agora está com o Dr. Antônio Carlos contra o Dr. Roberto Santos.

Antes de terminar a redação desta crônica, recebi o seu apêlo: - Para eu “deixar de publicar tais crônicas, afim de evitar grandes aborrecimentos.” Estranhei tal apêlo uma vez que em minhas crônicas não há ofensas pessoais a ninguém. Tenho, graças a Deus, consciência do dever de respeitar a pessoa do próximo, inclusive, é claro, do adversário. Porque aprendi em Tomás de Aquino, o que significado Pessoa Humana; Eis porque não me falta dignidade para assinar o que escrevo.

Pareceu-me, seu apêlo, um pedido para eu deixar de fazer publicações de propaganda do candidato do povo.

Deixar de publicar minhas crônicas é fácil: é só não as remeter às gráficas. Mas deixar de fazer propaganda do candidato do povo, não é fácil nem difícil, é impossível.

É claro que não vou cometer a tolice de prometer não publicar mais tais crônicas. O máximo que posso prometer é dar férias à minha pena, podendo o período de férias ser longo ou breve, dependendo isto mais de vocês do que de mim.

Mas, antes que minha pena entre em férias, quero fazer um pronunciamento necessário: - Apesar das explorações da sórdida politicagem local, o Dr. Antônio Carlos continua ocupando grande espaço na minha admiração e na minha gratidão mundonovense.

FIM DE PAPO...

Mundo Novo (Ba), 1.º de julho de 1982

EULÁLIO MOTTA

P46[1982]

“UM GRITO”

Hoje não pretendo escrever um comentário, redigir uma crônica. Quero apenas, dar um grito. Um grito de alerta aos eleitores de boa fé.

Eleitor amigo: - é uma tranquilidade, uma felicidade para nossas famílias, saber que nas afições de doenças em nossos familiares contamos com assistência médica exercida por doutores de alto conceito e competência indiscutível, como são o DR RAIMUNDO, o DR. CLEVERSON e o DR. WILSON. Profissionais de competência e amigos. Amigos mesmo, amigos de verdade? e não amigos de véspera de eleição. Repito: é uma tranquilidade, uma felicidade para as nossas famílias, sabermos que na hora de aflição com doenças em nossos familiares, contaremos com assistência médica exercida por estes grandes médicos e Amigos.

Já pensou eleitor amigo, na perda desta tranquilidade, desta felicidade, com a ausência definitiva destes médicos amigos, que nunca recebem clientes com mau humor, , com cara fechada, com grosserias? Uma calamidade! Nem é bom pensar em tão grande infelicidade!

Eleitor amigo : Você pode ajudar a manter esta tranquilidade, esta felicidade, votando certo. E votar certo é votar no Número “55”, que é o número de DR. RAIMUNDO.

Eleitor amigo : Estas palavras significam um “GRITO DE ALERTA” no ouvido de sua consciência. Peço a Deus que esta grito não seja em vão!

MUNDO NOVO (BA), 1º de outubro de 1982

EULÁLIO MOTTA

P47[1982]

“DATA HISTÓRICA”

15 de novembro de 1996: escrevi e publiquei um folheto que tinha este título: “Data Histórica”. Comemorava o fim de uma fase e começo de outra na história de meu município. Era, realmente, uma data histórica. Dizia: - outras datas de outras eleições passaram, não ficaram na lembrança da terra, na memória da gente. “Esta não passará.” Atacava o sol poente e fazia o elogio do sol nascente. Aquela data não passaria. E não passou. Tanto assim que está sendo lembrada para redação deste comentário, referente ao novo 15 de novembro: - 1982. Nova data histórica! Novo sol! Na primeira fiz o elogio do eleito. E um apelo: - “que a nova data seja de inteligência, de seriedade, de justiça para todos, de aproveitamento de todos os bons, de todos os úteis.” (“Sermão pregado às pedras do deserto.”)

Alguns meses depois, em Salvador, Jairo Almeida me perguntava: - “Como vai o nosso Prefeito?” Respondi: - está se revelando um ótimo administrador e um péssimo político, não tendo nenhuma consideração aos melhores amigos que tanto lutaram para elegê-lo. Uma senhora presente contestou, dizendo que eu estava me deixando levar por afirmações maliciosas de adversários derrotados. Citei fatos. Mas a senhora permaneceu sem aceitar minha afirmação. Tempos depois seu espôso se tornava uma das vítimas da desconsideração, da deslealdade, da traição. Hoje ela deve estar convencida de que a razão estava comigo naquele momento de bate-papo com a nosso saudoso Jairo Almeida.

É bem desagradável a gente jogar pedras em quem já jogou flores. mas se as flôres do passado eram merecidas, não menos o são as pedras do presente. O fato de eu ter atirado flôres em quem as merecia não me impede de atirar pedras e não flôres, desde que se tornou merecedor de pedras e não de flôres.

As flores do presente são para o novo sol: DR. RAIMUDO COSTA. Homem simples, generoso, bom demais, nunca deixará de merecer flôres. A deslealdade, a ingratidão, a vaidade, o espírito de vingança, a prepotência, a arrogância, são qualidades negativas que não existem na pessoa magnânime do DR. RAIMUNDO COSTA. Não sabe perseguir ninguém. Só sabe ser bom. Nunca merecerá pedras depois de ter merecido flôres.

A você, DR. RAIMUNDO, as flôres da nossa admiração e da nossa gratidão por tanto bem que tem feito à nossa gente!

Acreditem ou não, quero lhes dizer o seguinte: o comentário supra foi escrito com vinte dias de antecedência da eleição: 25/10/982. Errei apenas nos números: esperava 200 de frente e teve apenas 52. Que pena não ter chegado ao 55, que era o número do candidato! Agora só nos resta esperar que os Srs. vereadores, dos dois partidos, sejam suficientemente dignos para colocar os interesses do município acima dos caprichos do ódio de quem quer que seja.

MUNDO NOVO (BA), novembro de 1982.

Eulálio Motta

P48[1983]

“VIOLÊNCIA, NÃO!”

O prédio da Prefeitura de Mundo Novo está sendo badalado, virando manchete na imprensa da Capital. É ou não é do Município? É ou não é do Estado?

Segundo me afirmam os mais velhos, foi construído pelo prefeito Raul Vitória, no período da interventoria de Jurací Magalhães que cooperou na construção. Anos depois, ampliado, reconstruído pelo prefeito Artur Jacobina, com a cooperação do Governador Regis Pacheco. Pergunta-se: mesmo que tenha sido construído pelo Estado, foi ou não foi construído para o município? É ou não É do Município? O município gastou boas notas em ampliações, adaptações para funcionamento do ginásio, da Prefeitura, etc. E tem muitos anos de posse de tal prédio. Assim não é de estranhar que o Prefeito RAIMUNDO COSTA tenha resolvido ocupá-lo para funcionamento da prefeitura. OCUPAR e não INVADIR. Esta balela de invasão é conversa de má intenção da indivíduos eu retinha indevidamente, sem nenhuma autoridade para tanto, as chaves do prédio. Acontece que o prédio tem um dono definitivo que é o Município e donos temporários que são os prefeitos eleitos pelo povo nas urnas, como foi o DR. RAIMUNDO COSTA, eleito pelo povo, nas urnas de 15 de novembro de 1982. Espera-se, pois, logicamente, que o Poder Judiciário mantenha o direito de posse do Município sobre tal prédio que é da Prefeitura do Município. Além disto, não se acredita que o Dr. João Durval queira tanto mal a quem Antônio Carlos Magalhães quis tanto bem.

Despejar um prefeito de sua prefeitura municipal, (e prefeito eleito pelo povo, nas urnas de 15 de novembro), alegrando que o prédio da Prefeitura foi construído pelo Estado, seria um escândalo vergonhoso que explodiria em manchetes, em jornais de rádios de todo o país. Preferimos acreditar que o Dr. João Durval será para Mundo Novo, um imitador do Dr. Antônio Carlos Magalhães que só nos fez o bem, nunca nos fez o mal. Que assim seja, para nossa tranquilidade, nossa paz e nossa gratidão.

“Fraternidade, sim; violência, não,”

Mundo Novo (BA), 15 de abril de 1983.

EULÁLIO MIRANDA MOTTA.



**APÊNDICE C** – A edição de 122 textos em prosa publicados nos jornais *Mundo Novo*, *O Lidador*, *O Serrinhense* e *Gazeta do Povo*

**JORNAL MUNDO NOVO**

JMN180[1931]

Rabiscos

COMUNISMO

Do “O Mez ilustrado” revista que se edita no Rio, transcrevi o que se segue:

“Os governantes de Moscou estão fazendo mais uma tentativa para escravizar toda nação russa, segundo documentos que acabam de ser descobertos. Outros não são os intuitos das chamadas leis do trabalho aprovadas pelo parlamento dos vermelhos, actualmente em sessão Os autocratas de Krenlin decidiram exterminar toda forma de individualismo na Russia escravizada sob a administração de Stalin.

Foi, agora, feito o primeiro ataque contra as mulheres. As mulheres deixarão seus lares para se tornarem escravas, sob o contrôlo do Soviet, e ellas são, ao todo, 80.000.

Por esse meio Stalim espera liquidar até 1934 todo vestígio de vida do lar na Russia urbana. Mas na Russia rural, as mulheres estão sendo arrancadas dos seus lares, afim de irem trabalhar nas fazendas communistas collectivas, onde a vida em commum será obrigada rigorosamente.”

LIOTA

Baía, 1931.

JMN181[1931]

Rabiscos

S. JOÃO

23 de junho. S. João. Fogueiras, fôgos, balões que sobem, balões que decem, licôr, cangica... A mesma couza dos outros anos. Tempos atrás, quando este dia chegava eu sentia uma saudade enorme de outras noites de S. João, que haviam ficado atrás, no passado. Hoje este dia me é indiferente como outro dia qualquer. Não me sinto mais triste nem mais alegre. O passado já me aparece sob formas apagadas e imprecisas.

Como que me tenho tornado indiferente a todas sensações: de tristezas ou de alegrias. Parece que, á força de sofrer, petrifiquei-me. Já não choro o passado, não sinto o presente, não penso no futuro.

Que me importa o que já existio e não existe? e que me importa o que existe hoje e o que existirá amanhã, se depois, fatalmente, nada mais existirá? Que me importa tudo isto?

A gloria, esse infinito, inatinjivel aos que naceram pequenos como naci, que importa? os gloriosos tambem são desgraçados! Paradocso? E que é a vida?

A vida! A vida!

LIOTA.

Baía, 1931

JMN182[1931]

Rabiscos

O SOL

O Sol. Vejo-o todo o dia. Vejo-o e adimiro-o dêsde que aprendi a ver e a admirar. E nunca me canso de vê-lo; não me canso, jamais, de admirar-lo. Vejo-o e adimiro-o quando surge, todo vida e esplendor, na alegria côr de roza das auroras; e, admirando, vejo-o, quando cae, todo sono e cisma, na agonia vermelha dos crepusculos.

Quando êle nace, pintando de ouro uma banda do ceo, faz-me vir á lembrança a minha infancia, essa faze bôa da vida, em que tudo é sol e cantos de passarinhos... E começo, então, a vê-lo; na memoria apagada, os dias apagados da infancia... E vê-lo, muito humilde e simples, muito simples e rustico, o pequeno arraial onde naci, e onde vivi a minha infancia toda. Vê-lo, perto do “caldeirão” que lá existe os umbuzeiros grandes em que eu subia à cata dos umbús; as arapucas que eu armava para pegar os sabiás ingenuos; os tanques, aos quaes, muita vez, em meio a uma rivoada de infancias em algazarra, eu me ia a correr, para admirar a belêza das inchentes... A minha infancia quase toda eu vê-lo, na memoria apagada, quando, no levante, o sol aparece dezabrochando flôres, acordando passarinhos...

E’ por isto, talvez, que eu gôsto tanto de vê-lo e admirar o Sol, quando aparece.

E à tarde, quando êle se vae, lento e lento, muito redondo e vermelho, parecendo uma lagrima de sangue, á lembrança me vem tudo que se me foi, tudo que me é triste, tudo que me é lagrima na vida...

E eu fico triste, muito triste, triste como o poente...

Acho tanta doçura na tortura de ser triste!

E’ por isto, talvez, que eu gosto tanto de vê-lo e admirar o Sol, quando desaparece...

Baía, 1931. LIOTA.

JMN183[1931]

Rabiscos

AMBAS MENTIRAM...

Morena, de uns olhos bonitos, uns cabelos bonitos, um rizo bonito, tudo bonito, toda bonita, era Diva, a quem eu disse, certa vez: Diva, a mulher para ser bonita precisa ser morena como você; ter uns olhos negros, da côr dos anéis de seus cabelos e ter uns cabelos da côr de seus olhos, Diva; deve ter uma vóz bonita como a sua vóz; uma bôca bem feita como sua bôca; em suma, a mulher, pra ser bonita, deve ter tudo bonito como você tem... tudo...

E'la sorrio, um sorrizo danado de bonito, e disse-me, sorrindo: "Muito obrigada. Mas não fique pensando que acredito em fantazias de poetas... os poetas são muito mentirosos..."

—

Loira, muito loira e muito linda, de uns cabelos vestidos de sol e de uns olhos vestidos de ceo, Olga, certa vez me ouvira: "Olga, a mulher para ser bonita precisa ser loira como você; deve ter os olhos da côr deste ceo muito azul que vive nos seus olhos; e uns cabelos da côr do ouro muito bonito de seus cabelos; deve ter uma voz cheia de mel e ternura como sua voz; em suma, Olga, a mulher pra ser bonita, deve ter tudo bonito como você tem... tudo... tudo..."

E éla sorrio, um sorriso aparentemente ingenuo, muito doce, muito loiro e muito lindo, e disse-me sorrindo: "Como os poetas são mentirosos! Os poetas são mentirosos..."

Protesteí, sorrindo e éla se retirou sorrindo e dizendo: "os poetas são mentirosos..."

—

Agora eu digo, e o leitor, certamente, ha-de dizer comigo: ambas mentiram quando afirmaram que minhas mentiras eram mentiras; mentiram porque, intimamente, ambas ficaram convencidissimas de que minhas mentiras eram verdades...

Ora se ficaram...

LIOTA

Baía, 1931.

JMN185[1931]

Rabiscos

BERILIANDO...

FIDELIDADE – virtude do cão, e somente do cão.

JUIZO – substancia encontrada na cabeça de alguns homens.

MALUCO – Homem com miôlo de mulher.

MALUQUICE – ato que revela falta de senso. Ex. pedir u'a moça a casamento.

CORAÇÃO – Sede do pensamento dos namorados, que se caracteriza pela falta absoluta de materia pensante.

SOGRO – Pae da esposa ou da victima...

SÓGRA – Senhora muito distinta, muito delicada, que quer muito bem as suas filhas casadas...

FUTILIDADE – Uma coisa que tomou a forma de gente e o nome de mulher...

NAMORADA – Melindrosa incapaz de fazer uma carta sem erros, porem capaz de fazer com perfeição as maiores patifarias...

SURDO – Individuo que consegue passar uma noite dormindo tranquillamente, junto de um quarto de recém-casados...

BARRICÃO – Degrau da escala social, onde ficam, suspirando, gentis senhorinhas que passam dos trinta... É a sala de espera de muita "mademoiselle" vaidosa e arribitada...

DESENGANADA – Mulher que perdeu a esperança de enganar. Ex. moça que passa dos trinta sem achar um idiota.

CABEÇA – No homem – caixa do juizo. Na mulher: – deposito de grampos, pentes, argolas, baton, rouge, pó de arroz etc. etc. etc.

LITERATURA – Cousa de que as melindrosas e os almofadinhas não entendem patavina.

DESCARAÇÃO – Cousa que as melindrosas e os almofadinhas sabem a fundo...

BEIJO – Uma patifaria que propaga sifilis, como diabo!

GENIO – Individuo de grande paciencia, segundo Bufon: Ex. um pae de familia que consegue viver calmamente, com a sogra em casa, e com uma republica de estudantes ao lado.

FILOSOFO – Homem casado que afirma que casar é bom...

LIOTA.

Bahia, 1931.

JMN187[1931]

Rabiscos

RETALHOS

BAHIA – Afinal ficou sempre com o h o nome de nossa terra. Pela nova ortografia escrever-se-ia Baía; mas a Bahia sem o seu h ficava uma Bahia quasi báia; por isto os protestos em defesa do h se levantaram e êle acabou ficando, graças ao valor dos seus advogados. Como sabe o leitor, ha dias comecei a usar a ortografia fonetica, com muito arrôjo, aliaz.

Mas a experiencia me aconselha que adote a nova ortografia e é o que estou fazendo. Por isto, de agora em diante escrevo Bahia e não Baía. Viva a Bahia!

–

RELIGIÃO – Contra o decreto absurdo que estabelece o ensino religioso nas escolas do Brasil, os protestos se levantam e se avolumam, a cada momento.

No Sul, desde os primeiros momentos de alarma do famigerado decreto, que se grita contra a sua execução que seria, afinal, um desrespeito do actual governo, aos nossos brios de povo que quer seguir para a luz e não recuar para a sombra.

A Bahia, felizmente, já está tambem se movimentando no levantamento da campanha pró-ensino leigo.

Para se fazer um juizo do valôr deste movimento na Bahia, basta saber-se que quem está à frente do mesmo, se chama Edgard Sanches!

–

POLITICA – Juraci vem aí, para suceder ao Dr. Arthur Neiva, no governo da Bahia.

Nunca dei uma penada sobre politica. Não posso deixar de confessar, no entanto, que tenho muita esperança no joven oficial. Eu já tinha perdido por completo a esperança de que Lampeão seria exterminado. Mas, com a nomeação de Juraci, volto a não duvidar da captura do bandido.

O novo interventor ainda não tomou posse, e já o seabrismo arruinado e faminto, que não perde ensejo para fuchicar, está fuchicando. Os seabristas entendem que a Bahia é logar de engordar magro e querem engordar-se, querem porque querem... e, como não o conseguem, fazem isto: fuchicam...

Da ruina seabristica, só se salva o velho Seabra que é, aliaz, a maior victima do seabrismo.

Se o velho politico tomasse a direção desta terra, estaria ela desgraçada, não por Seabra, mas, pelo seabrismo... E como os homens do poder sabem disto, não lh'a entregam nem por hipotese. Por isto é que dizemos: Seabra é a maior vitima do seabrismo!

LIOTA.

Bahia, 1931.

JMN188[1931]

Rabiscos

MULHER

Estatura mediana, olheiras profundas, rosto sujo de barbas, com a fisionomia amarela de quem passou a noite em branco, lá ia, pela Avenida Sete, um rapaz que eu acompanhava, disfarsadamente como um secreta.

Chega á praça Castro Alves. Para deante do “Guarany” e lê, num dos grandes reclames á porta do cinema: “Brevemente: Manoelina, a santa de coqueiros”.

Teve um sorriso frio. E falou, sozinho, à meia voz, com a frieza de seu sorriso: “Santa Couqueiro... Misericordia! Até as santas... até as santas...”

Segue. La vae, pela rua Chile, como um esquecido. Um abstrato. Um ensimesmado. Olha a tudo e a todos com um olhar de quem não olha ou de quem olha e não vê. Um olhar de Romeu longe de Julieta... La vae, levado pelas pernas; parece que, pelas pernas, somente. O espirito, quem sabe lá onde anda o espirito desse corpo? Sei, apenas, que o corpo vae agora pela rua da Misericordia. Rua do Colegio. Pàra, deante das vitrines de uma livraria. Vê, no mostruario o titulo de uma obra de Pitigrili. Encara o titulo: – “Cocaina”. Um sorriso feio, horrivel, se lhe desmancha na bôca... Parece que o espirito voltou. Lá vão agora, corpo e epirito; aquele mais apressado, este atento. Lá vão.

Terreiro. Pelourinho...

Alguem, com cara de mercador, numa esquina, faz-lhe sinal. Ele se aproxima. Recebe qualquer cousa ás occultas. Novamente um sorriso feio: amarelo, horrivel.

Cocaina! Cocaina! Mulher encantadora e terrivel! Mulher! Cocaina! Mulher...

LIOTA

Bahia, 931.

JMN189[1931]

Rabiscos

NAMORADOS...

Começou assim: á noite, num baile, “êle” começou a olhar para “ela” com olhares mais demorados e menos indiscretos que de costume; “ela”, por sua vez, começou a olhar para “êle” com olhares mais demorados e menos indiscretos que de costume. (Esse “êle” é um colega meu; essa “ela” é uma patricia do meu colega).

Êle a tirava para dansar, constantemente, ela accedia constantemente com a mesma satisfação com que ele pedia. Ele estava se vendo em apêrtos para fazer a classica declaração. Achava difficil. Sabia que ela o queria; os olhos dela já lh’o haviam dito. Mas achava difficil. Certa vez, chegou a abrir a bôca para dizer que a amava, mas a palavra não saio... ao contrario, parece que entrou... e êle ficou como que engasgado. Afinal, tomou qualquer cousa, desingasgou-se, e disse tudo que desejava e eu acho que até o que não desejava...

Tres dias depois eram intimos...

Já ficavam sós, juntinhos, á calçada da casa do “velho”, como um casal de pombos no telhado da casa do dono... Viviam assim, felizes...

Mas os dias de ferias se acabaram que “não ha goso que não se acabe...”

Meu colega tinha que voltar à esta vidinha cansada e aborrecida de estudante...

E voltou, todo cheio de saudades, para esta vida enfadonha de dias compridos...

E ela ficou, toda cheia de saudades, na sua vidinha bôa de menina que tem os olhos bonitos e sabe tocar piano.

E do céu muito azul do amor dessas duas creaturas, começou, então, a desabar a chuva de cartas: dela para êle; dêle para ela. Meu colega andava radiante! Cada carta que recebia me mostrava e eu elogiava a inteligencia da autora. Êle ria, satisfeito com o meu elogio. E eu tambem ria, de vê-lo rindo...

A’s aulas é que meu colega não ia lá muito bem: levava sempre o coração cheio e a cabeça vasia...

Quando falhava uma carta no dia determinado, meu colega ficava furioso; fazia mil hipoteses, dizia que quem duvidava da sinceridade das mulheres tinha razão, etc., etc.

Correram dias... O tempo começou a fazer sentir a sua ação fatal... As cartas dêle para ela foram diminuindo... as dela para êle, porem, parece que foram aumentando...

E atualmente já a cousa está muito mudada... quando não falha a carta dela no dia determinado, êle grita, furioso: “ora drogas! aquela serigaita não tem o que fazer e pensa que eu tambem não tenho, pensa que todo mundo é como ela, e toca a massar-me com cartas!” E é um barulho dos pecados...

Ha dias êle me perguntava: “Sêo colega, como é que eu faço para livrar-me desta carga?” Respondi: jogando-a em minhas costas... Ele sorriu com a pilheria e esteve me explicando: que a “velha” sabe de tudo e o “velho”, idem; que consentiram que êle escrevesse diretamente para ela, e não por intermediarios, como o fazia a principio; que êle prometera casar-se com ela; que é tratado com muita consideração por todos da familia dela, etc. etc.; e terminou perguntando-me: “Hein, sêo colega, como é que me saio desta?”

Respondi: muito facil – faça um pacote das cartas dela e mande acompanhado de uma carta assim:

Fulana

Seguem suas cartas. Eu estava pilheriando.

Do seu pequeno amigo e criado respeitador. – Fulano.

Mais uma vez êle sorriu com a pilheria.

E continúa perguntando a um e a outro: “Hein, sêo colega, como é que me saio desta?”

LIOTA

Bahia, 1931.

JMN191[1931]

Rabiscos

Liberato. “Adios”.

A preguiça, essa gorducha e paludissima creatura, tem-me feito demorar a responder tua carta.

Ha muito que minha pena vive jogada ao pó do esquecimento. Hoje, porem, entendi de mandar a preguiça às favas, e comecei por escrever oito paginas de prosa macarronica. Depois, por duas vêzes, tomei da lira e brusunguei qualquer cousa. Agora, te escrevo.

Muito obrigado por tuas palavras sobre as minhas ilusões que, felizmente, passaram...

“Mas isso de tristesa... era uma vez”... Aceita, por isto, meu alegre parabem.

Essa historia de tristesa talvez fosse bôa cousa nos tempos do finado Casemiro, como diria o Torres. Mas atualmente, tristesa é uma cousa chata, e ridicula. Por isto, quem a tiver que a conserve consigo mesmo, que chore intimamente, para si; mas que ria, externamente, para o mundo. A tristesa, em si mesma, não é chata, não é ridicula, porque é natural, porque é o produto fatal de imperiosas e inevitaveis circunstancias. Mas a tristesa exteriorisada, especialmente em literatura, é, no momento, uma cousa ridicula.

Aliaz, depende muito tambem da maneira de exteriorisar-se.

Se o triste, envez de cantar sua tristesa com o coração, cantar somente com o cerebro, envez de chata e ridícula, a tristesa é bella.

Augusto dos Anjos foi mais do que triste, foi tristíssimo, foi tetríco. Mas em cada verso do autor de “EU”, ha um mundo de belesa. Vejamos: “Um urubú pousou na minha sorte!”

Quanta belesa! Que imensidade! expressa em seis palavras, apenas! E seis palavras tão simples! Que se cante, pois, a tristesa. Mas que se cante com o cerebro, mandando o coração às urtigas.

Aliaz, quem quiser seguir o conselho de Alberto de Oliveira, não contará sua dôr a ninguém. Nem com o coração, nem com o cerebro.

Vejamos como aconselha o príncipe da poesia brasileira:

“Na terra aos homens tua dor não contes.

Fala ao ceo. O ceo ama ao que o procura.

Ergue os olhos alem dos horisontes:

É lá que á vida está o remédio ou cura”.

Donde podemos concluir que o triste deve limitar-se a olhar para o ceo... escondido da gente...

Nada de choradeiras poeticas ou não. Nada de cantilenas de pranto. Nada de denguiques do coração, incabiveis no momento dinamico do seculo.

Infelizmente, só muito tarde abri os olhos á realidade. Fui doente, maluco, até bem pouco tempo.

Consola-me porem a consciencia de que minhas maluquices foram ilusões que passaram...

Outra cousa que nós, poetas dagua doce, devemos evitar, é escrever versos de amor. E’ outra doença. Uma imbecilidade. O amor atualmente sô pode ser inspiração de poetinhas raquitos, sem inspiração.

A Bahia vive cheia deles. (E todos têm, nos jornaes, adjetivos formidaveis)...

Antonio Torres diz uma grande verdade quando escreve: “Fazer versos de amor, hoje em dia, é o mais alarmante sintoma de imbecilidade que se pode observar na idade contemporanea”.

Vejamos o que, sobre a mesma doença, diz Carlos Chiachio:

“Hoje, escrever do amor e da amisade, a proposito das feias e belas, não deixa de ser um motivo lirico, mas inadequado ao movimento trepidante do seculo, evidentemente realista, pratico, e, sobretudo, assassino das tristes Julietas e dos pálidos Romeus”...

Deante disso... depois disso... mandemos ás favas as tristezas e os amores.

As garôtas de hoje não levam a serio (e pensam bem!) os amores rimados de poetas incapases de rimar outra cousa. Essas bonecas das avenidas e das praias de banho, bonecas de carne e de carmim, andam-se jogando è sobre cousa muito diferente de poesia...

Para essas melindrosas de avenidas, a vida de hoje é a realidade, e a realidade é uma lança...

Que lhes sejamos reaes tanto quanto podermos...

Deixemos de lado a tristesa, o amor e as garôtas com sua maneira de interpretar a vida. Falemos de nós.

Quando receberei um exemplar do teu primeiro livro?

Deocleciano Meireles, incansavel em colher e produzir, nos promete para breve o seu segundo livro. Penso que Durval darnos-a brevemente o seu primeiro. Euricles, se não me engano, tem anunciado o seu segundo. Penso que tu também não demorarás aparecer com um punhado de “rimas que estalam como castanholas”.

Avante, mundonovenses!

O meu segundo livro demorará aparecer. Mudei, ha pouco, as cordas da lira. Estou, agora, afinando-as, ageitando-as, treinando-me os dêdos a novo som, para, então ver se canto qualquer cousa.

Bem, Libéra, vou terminar que já estou longe e já é muito tarde. A cachaça do sono começa a embebedar-me. Ha um grande sossêgo na Cidade. Apenas, de longe em longe, chega-me ao ouvido um zumzum de bonde correndo na avenida. E um apito de guarda, de momento em momento. Os galos dos visinhos estão cantando. O mar acolá está clamo. Parece que tambem sentio sono aquietou-se e adormeceu. Dorme. A noite está romanticamente enluarada.

E a minha cama (modestia à parte)... está convidativa...

Bôa noite.

Do teu irmão de arte.

Eulalio Mota

Bahia, 30/9/931

JMN193[1931]

Rabiscos

Dois livros

Uma vez, em Monte Alegre, um rapaz, que era, então, muito meu amigo, passando pela farmacia onde eu trabalhava, disseme, com a fisionomia alegre de quem dá boas novas: “Eulalio, tenho uma cousa bôa para lhe mostrar: um soneto bonito” Não o tinha no momento, mostrarm’o-ia depois. A’ noite, depois de fechar a farmacia, a primeira cousa que fiz foi procurar o meu amigo para me dar o prometido. Recebi o soneto. Li-o, e tive um sorriso, envaidecido, por vêr, com agradavel surpresa, que o “soneto bonito” era de um filho de minha terra. O soneto era o “Nascer do Sol”; e o autor, Deocleciano Meirelles.

Naquelle tempo, já eu vivia quebrando a cabeça com as rimas, mas não sabia metrica.

Pedia, a uns e a outros, que me ensinassem, e ninguém me ensinava. De um, a quem, certa vez, pedi uma lição de métrica, ouvi mais ou menos o seguinte: “Não queira ser poeta; os poetas têm, quase sempre, um fim desgraçado.” E recitou-me a biografia triste de poetas infelizes. De outro, a quem fiz idêntico pedido, ouvi uma lição muito atrapalhada, confusa, deveras. Lembro-me bem que esta lição foi terminada com a seguinte regra: “Quando um verso de um soneto decassílabo tem, por exemplo, treze sílabas, o verso seguinte é obrigado a ter sete sílabas...”

Até hoje não consegui encontrar, em livro nenhum, esta regra daquele bom rapaz!

Em 1925, deixando Monte Alegre, vim dar comigo aqui na Bahia. Dias depois que cheguei, conheci um rapaz que escrevia versos para “A Luva”. Pedi-lhe uma lição. E ele me pintou a métrica como sendo um bicho de sete cabeças... Fiquei no mundo da lua.

Não podendo continuar aqui, por motivos que não valem a pena de lembrar, tive que voltar ao sertão. E, em 1926, eis-me novamente empregado de farmácia, não mais em Monte Alegre, mas, em Mundo Novo. Aí, quando não estava ocupado a enrolar pilulas, escrevia versos. Escondi-os, porém, porque tinha certeza de que estariam errados em métrica.

Um dia, meu irmão, Nelson, me apanhou, às ocultas, alguns versos, e levou-os a Deocleciano. Foi então que tive uma verdadeira lição, e aprendi, verdadeiramente, a arte de versejar.

Foi Deocleciano que me ensinou esta coisa fácil que a má vontade de uns e a ignorância de outros me mostravam com aspectos de cousas do outro mundo.

Este favor que, de tão boa vontade, Deocleciano me fez, nunca esquecerei. Este histórico, embora em traços ligeiros, é uma prova da minha gratidão.

Hoje recebi, mandados pelo autor, dois exemplares de seus livros: “Folhas ao vento”, e “Lampejos do pensamento.” Neste, Deocleciano me distinguiu com a dedicatória de uma das melhores páginas – “A seca” – o que, desvanecidamente, muito de coração, lhe agradeço.

Poderia dizer muito de “Lampejos do pensamento” e de “Folhas ao vento”. Poderia, sim, porque não são precisos talento e grande cultura para se dizer de uma obra que se lê pensando e sentindo. Poderia dizer do colorido, das paisagens, da música, de tudo isto que a gente vê, que a gente ouve e sente em cada página de “Folhas ao vento”, e de “Lampejos do Pensamento”.

Não o faço, porém. O que quero fazer é, em homenagem a gratidão ao meu querido amigo, transcrever o “Nascer do Sol” que é, sem favor, um “soneto bonito”:

“Lá, na fimbria longínqua do Nacente,

Levanta Appollo a fronte enloirecida

E, dispersando a neve alvinhente,

Vibrante e forte. à luta nos convida.

Das flôres orvalhadas, lentamente,

Exhala-se a fragância apetecida,

Emquanto a passurada, alegremente,

Canta às carícias divinaes da vida...

A viração, amena e sussurrante,

Embalando a folhagem verdejante.

Sorri, plena de encanto e singeleza!

E a terra inteira freme e se inebria

De luz e de prazer, saudando o Dia,

Na pompa magistral da Natureza!...”

E aqui termino, mandando a Deocleciano o meu abraço de parabem e o meu grito de avante.

EULALIO MOTA

Bahia, 1931.

JMN194[1931]

Rabiscos

RETALHOS

Numa roda. A Escola Normal, dizia um colega, tem atualmente 1730 alunas.

Um outro colega, que fazia parte da roda, diz, então: “Coitado do ouvido de Dr. Alvaro”. “Porque, pergunta o primeiro; que tem o ouvido de Dr. Alvaro com o número de normalistas?”

O colega responde: “Dr. Alvaro ensina português na Escola Normal.

Imagine o que não sofre o ouvido dele num ambiente onde existem 1730 línguas femininas.

Imagine e faça uma ideia, se é possível fazer ideia num caso deste!

—

“Uma mulher como as outras”. Pintada, cheirosa, polida, “da pontinha”. Era isto. Maria Rosa não era mais nem menos do que isto. Um poeta sentimental a viu, falou-lhe, disse-lhe cousas de poeta, amou-a, e acabou escrevendo um livro de versos todo para ela.

Maria Rosa recebeu o livro com uma dedicatória bonita e, em paga, deu um sorriso bonito e um olhar ao poeta sentimental.

E o poeta recebeu o pagamento com a satisfação enorme de um avaro que recebesse uma carga de ouro.

Um dia chegou a esta terra um poeta de muita experiência e pouco sentimentalismo. Este poeta viu Maria Rosa, desejou-a, disse-lhe coisas de homem, e...

Li, ha poucos dias, nos jornais, uma nota dizendo que partira para o Sul o poeta experiente.

E lá se foi, com êle, a linda Maria Rosa...

E o pobre e ingenuo poeta sentimental ficou, com um livro a mais e uma ilusão a menos..

LIOTA.

Bahia, 1931.

JMN195[1931]

Rabiscos

MINHA NOIVA

“Minha noiva!” Antigamente, quando eu era quase menino ainda, estas palavras – minha noiva – viviam dentro de mim, cantando dentro de minh’alma, com a doçura, a ingenuidade e a alegria de um sorriso de criança loira. E, então, eu pensava num futuro. Que futuro bonito! Uma casinha pequenina e branca, branca como “a casa branca da serra”, rodeada de jardins, envolvida de flores como um ninho de colibri. E, ora dentro da casinha branca, ora pelos jardins em torno da casinha, brincando, colhendo flôres, traquinando como duas crianças traquinas, nós dois: Eu e “ela”.

Hoje (como tudo se muda!) meus pensamentos são outros, muito outros. As palavras que ecôam na minh’alma são palavras de tédio e de revolta. E, quando, porventura, me festejam a lembrança, os castelos de vento de minha meninice, abro um Vargas e leio:

“Como ès mi novia?

“mi novia es bella aunque la pinten calva e enteca, palida y muda, y sorda y ciega,

“su nombre?

“es bello como um poema;

“quieres saberlo?”

“la Muerte...”

“oh! ven mi amada, toma mi cuerpo, mi pobre cuerpo triste y enfermo, dame tus brazos, dame tu lecho, mi amor es joven aunque sea viejo, tu amor es puro, porque es eterno;

“ven a mis brazos, que tengo sueño;

“ven, que en mis labios, pajaro enfermo, vive temblando mi ultimo beso...”

“ven y aprisioname sobre tu seno durmamos juntos...”

el Seuno Eterno...”

E fecho os olhos e penso na noiva branca e fria, que me não vem longe, talvez. E murmuro, intimamente, as palavras do poeta:

“Ven a mis brazos que tengo sueño...”

LIOTA.

Bahia, 1931.

JMN196[1931]

Rabiscos

POETAS DO AMOR

Um mentiroso, por mais mentiroso que seja, não pode, nunca, exceder a um poeta que escreve versos de amor.

Em materia de mentir o poeta do amor é a mais perfeita das creaturas.

Chega mesmo á exceder ás mulheres.

Contudo, ha ainda muito ingenuo que acredita nas paixões dos poetas!

Sou um incorrigivel apaixonado dos poetas. Mas não lhes posso dar credito em tal assunto.

Lendo, ha poucos dias, um livro de conferencias de Medeiros e Albuquerque, encontrei um trecho sobre o assunto, o qual transcrevo para os meus leitores:

“O prestigio das paixões por mulheres formosissimas foi feito principalmente pelos poetas. Mas as almas incautas fazem muito mal em acreditar em poesias. Por pouco que procurassem conhecer a historia dos maiores poetas, veriam que as paixões dêles foram apenas literatura. Em todo caso, o incontestavel é que nenhum grande apaixonado casou-se e continuou a merecer grandes manifestações liricas.

Pensem em Petrarca.

Petrarca foi, Petrarca é ainda hoje um poeta extraordinario. Quando se evoca o seu nome, imediatamente ocorre o de Laura, que êle exalçou, que êle deificou. Seus versos garantem que êle não comprehende senão o amor puríssimo, castissimo.

Historias! Laura era casada e teve onze filhos. Durante toda vida dela, Petrarca lhe fez versos. E' de crer que essa mãe de onze filhos ainda nos ultimos tempos merecesse os arroubos apaixonados do poeta? Está claro que não! Laura era apenas um pretexto poetico. Pode ter, sido, em moça, muito bonita. Parece que realmente foi. Tanto foi que o nosso amigo Petrarca tentou sedusi-la e o marido precisou polo fóra de casa.

Por fim, o poeta se habituou a dirigir-lhe os seus versos. Depois dela morta, depois que êle mesmo cantara sua morte, ainda lhe fez poesias como se estivesse viva – E creiam na sinceridade dos poetas!”

LIOTA.

Bahia, 1931.

JMN197[1931]

Rabiscos

LAMPEÃO

Oh meus leitores, já sabem vocês da mais nova? Lampeão está sendo seriamente perseguido. Pagem-me as alviceras. E viva Juraci.

–

Este mundo! Ora vejam vocês o que é este mundo! Lá, do lado de lá desta bola que rola com a gente em cima, o Jopão, o celebre paiz dos vulcões, dos tremôres de terra, das rosas bonitas e das garotas de olhos obliquos, todo se movimentava, preparando-se para derramar e fazer derramar sangue. A guerra! Paes, filhos, irmãos, noivos e esposos partindo para a morte! Mães, filhas, irmãs, noivas e esposas, lhes chorando a partida! Chorando amargamente, desesperadamente, sem consolação! Isto agora no Japão e na China; em breve, também nos Estados Unidos, também na Russia... E quem sabe se não no mundo inteiro?

Quem sabe?

Quem poderá prever o fim do terrivel principio que aí esta?

A guerra! A guerra! E, depois da guerra... o comunismo terrivel...!

O comunismo!... Na Russia, a esta hora, medicos, bachareis, engenheiros, lavradores, cosinheiros, carroceiros, mulheres, moças e creanças, todas as criaturas que lá vivem, trabalham horrivelmente, sob a ameaça de morte pelos fuzis vigilantes!

Quanta amargura! quanto sofrimento! quantas dôres, por aí a fora, espalhadas no mundo!

Quanta chaga aberta, a sangrar e a doer, por todo este corpo enorme e doentio que se chama humanidade!

Entretanto, enquanto tudo isto se passa; enquanto, pelo mundo, a esta hora, ha tanta gente chorando lagrimas de sangue, eu, (ora vejam vocês o que é este mundo!) eu, aqui no meu quarto em cuecas, sentado em uma “rangenta” cadeira de pau, tamborilando os dêdos sobre a mesa, estou cantando:

Sou da fuzarca!

Sou da fuzarca!

Não nego não!

Não nego não!

Por isto mesmo...

Não te dou meu coração!

LIOTA.

Bahia, 1931.

JMN198[1931]

Rabiscos

ABORRECIMENTO

Estou aborrecido. Muito aborrecido. Tenho dormido pouco e fumado demais. Meu sistema nervoso está horrivel. Meu cerebro, confuso. Sinto mil cousas e não sei bem o que é que sinto. Preciso fugir de mim. Sáio, ando á tôa, abstrato, e não consigo escapar-me porque me acompanho a toda parte.

Absurdo. Absurdo. Estou estúpido. Duvido de mim, deste mar que vejo, destas ruas, destas gentes que passam sem me vêr, de tudo. Descreio da existencia de tudo isto. Parece-me que tudo isto não passa de ilusão dos meus sentidos. Tudo isto que vêjo, tudo isto que apalpo, tudo isto que sinto, tudo isto é mentira. Nada disto existe. Se meus sentidos se apagassem eu não observaria nada disto. Tudo é uma ilusão dos meus sentidos. Eliminem-se meus sentidos e esta ilusão desaparece para mim. Tudo isto é ilusão.

Absurdo. Estupidez. Estou estúpido. Não sei o que é que penso. Não sei o que é que sinto. Não sei o que é que quero. Parece que estou maluco. Que enlouqueço.

Que é que quero? Que é que estou pensando? Onde é que estou? Que é de mim?

Que é isto? Que é isto?

Tenho vontade de chorar como uma creança e ao mesmo tempo de rir como um demente!

Para onde é que vou? Quem sou eu? Eu sou? Eu Existo? Já terei morrido? Estarei vivo? Eu ia dizendo... mas... um romance... sim... Que é? Que é? Que é isto? Lagrimas? Estou chorando? Eu, chorando? Ah! ah! ah! ah!... Estou rindo. Mas esta água que me cae dos olhos? Ah! ah! ah! ah!



—  
 Hoje acabei de ler o “Idiota” de Dostoiewsky. E’ um livro exquesito. A obra prima daquêle genio russo. Ha em cada pagina uma desgraça. Em cada capitulo um mundo de tragedias. Exquesito. Livro exquisito. Ha nêle creaturas que se debruçam lastimando-se, desfazendo-se em soluços e que, repentinamente se levantam desdobrando-se em gargalhadas estericas. Braços que se erguem para dar uma bofetada e descem fazendo caricias. Creaturas que beijam uma boca para fincar um punhal num coração.

Livro exquisito. Horrivel. De tragedias, tragedias, tragedias. Livro fantasticamente tragico.

Sinto-me aborrecido. Nervoso. Exquisito.

E’ um reflexo da leitura. Sombras de tragedia. Estou doente. O livro de Dostoiewsky me adoeceu. Amanhã sairei á busca de outro do mesmo autor, para ler. Hoje não saio. Estou doente. Quero ficar em casa gosando o infortunio desta doença. Amanhã estarei melhor. Lerei mais para ficar peor. Cada obra de Dostoiewsky encerra uma condensação de desgraças.

E em cada historia de uma desgraça, eu vejo um pouco da minha propria historia.

Lerei mais amanhã. Preciso estar doente.

LIOTA.

Bahia, 13/11/931.

JMN199[1931]

Rabiscos

ESPIRITISMO

Sifilis, cachaça e espiritismo – eis ai os tres fatores que mais concorrem para a enchente dos hospicios. Outros existem, naturalmente.

Existem loucos devidos a outras causas, é claro; mas, tão pequeno é o numero destes em relação ao numero dos devidos à sífilis, á cachaça e ao espiritismo , que se torna insignificante!

Estas palavras seriam destituídas de valôr se tivessem sido ditas por mim, pois nunca fui medico nem tão pouco psiquiatra para dar valôr as minhas palavras em taes assuntos. Mas não são minhas. São de um grande sabio brasileiro, citado constantemente pelos metes alemães e franceses, em cujos idiomas esse nosso grande patricio tem diversos trabalhos sobre assuntos nunca tratados em Medicina. E’ elle o Dr. Pirajá da Silva.

Depois de uma aula sobre treponema pallidum, causador da sífilis, o Mestre esteve falando sobre os perigos da conhecida esperoqueose; citou, então, a loucura, vindo, a proposito, a citação dos dois perigosos companheiros da sífilis, no caso: cachaça e espiritismo.

Na verdade, são tres desgraças.

Quero referir-me á ultima destas tres desgraças, isto, é ao espiritismo.

Ha uns quatro anos, mais ou menos, conheci um rapaz que, apesar de ser inegavelmente inteligente, de um coração muito bom, tinha este defeito: “era espirita até á materia.” Era uma creatura incapaz de ofender a u’a mosca. Para se ter uma idea de sua bondade, vou contar uma pilheria que os colegas faziam com êle: Diziam que êle, quando encontrava um percervejo na cama, (êle era estudante e em cama de estudante de colegio...) não matava; tirava-o da cama, prendia-o entre os dêdos e, depois de levar a mão a uma certa altura, abria os dedos deixando cair o bichinho. E quando, dizem os colegas, quando perguntavam porque não matava, êle respondia que matava, sim, porque caindo o bichinho daquela altura, certamente quebrava o pescoço e morria!

Quase toda anedota tem um fim, um objetivo psicologico. O fim desta era dar uma idea do quanto era inofensiva aquela creatura.

O ano passado, aquela creatura inofensiva, com vinte e dois anos de idade apenas, de uma alma tão bôa, de um coração tão generoso, suicidou-se! Ingério cianureto de potassio e morreu antes de ter vivido!

Leitor amigo, não te dou conselho que conselho é uma cousa que só se deve dar a quem pede. Digo-te, porem, o seguinte: quem se mete com espiritismo, se não se acabar como aquele pobre rapaz, acabar-se-á, fatalmente, louco ou, pelo menos, idiota!

Nunca vi um sujeito rico ou feliz por se ter metido com espiritismo; ao contrario, conheço rapazes que, muito inteligentes, se tornaram mito idiotas por se terem metido com tal desgraça!

LIOTA.

Bahia, 1931.

JMN200[1932]

Rabiscos

MANIA – “Cada doido tem a sua mania.”

E’ um fato. Eu, por exemplo, tenho a minha mania: a mania de lêr.

Gôsto de ler. Gosto, de verdade. Gôsto tanto que posso até dizer como aquela cantiguinha popular: “Gôsto que me enrosco.”

Na Bahia não me é dificil alimentar este gôsto. Muitos colegas camaradas me franqueiam suas bibliotecas e me emprestam “livros a mão cheia”. Mas aqui na roça a cousa muda de aspecto.

Livro bom aqui é ave rara. Para remediar esta falta, tenho feito o seguinte: lido jornaes velhos. Das gavêtas não me escapa um jornal velho, e dos jornaes velhos não me escapam nem os anuncios.

E leio com gôsto. Não lhes descubro o gôsto arregalado e vivo de novidade, mas lhes noto um sabor apagado e manso de passado.

Vejam, por exemplo, que sabor gostoso o dessa nota que li no “Mundo Novo” de 10 de junho de 1927:

“Pelos competentes constructores do trecho da estrada de ferro de França à Barra foi marcada nestes ultimos dias a estação deste ultimo ponto começando em breve a construção da mesma.

Pelo grande esforço empregado pelos constructores é de esperar-se que em dezembro proximo ouçamos o silvar da locomotiva na futura estação da Barra, que terá o nome de estação Ministro Vitor Konder em homenagem ao grande estadista que ora dirige a pasta da viação. (o grifo è nosso.)

Não está gostoso?

Como todos sabemos, sua Excelencia, o Konder, ha muito se acha no exilio.

E se alguma estação foi inaugurada mercê da influencia do “grande estadista”, deve ter sido na China, de modo que nós, mundonovenses, perdemos de assistir a solenidade da inauguração...

Que pena!

—

Hoje. O “Mundo Novo” de 18 de dezembro deste ano de 1931 da era de Nosso Senhor Jesus Christo, tratando da viagem de Juraci ao Rio escreve: Agora, depois de um passeio ao Rio, onde tratou acertadamente deste assunto, declara aos jornaes, o interventor da Bahia, que ficou acertada a conclusão dos trabalhos da linha ferrea até Mundo Novo. (Barra).

“Queira Deus, que a sua bela pretensão se realise.”

Está ai. Releiam a nota de 1927, releiam a nota de 1931; comparem e façam palpites... se quiserem, se não quiserem façam como eu que vou pingar o ponto final aqui mesmo, sem palpite nenhum.

LIOTA.

F. Morro Alto, 1931.

JMN201[1932]

Rabiscos

De volta de Mundo Novo.

A tristeza da roça! Eis-me novamente mergulhado nela!

Eis-me de novo “na remançosa paz da rustica fásenda, á luz quente do sol”; pensando na cidade; sentindo a saudade da alegria daquela gente, alegria comunicativa como a tristeza dos logares tristes...

Aqui, para me isolar da tristeza do ambiente, recapitúlo as sensações gostosas da cidade: recordo, uma por uma, todas as gentilezas (e foram tantas!) que recebi dos meus inumeros amigos; goso, com a memoria dos sons, a sensação deliciosa como um sonho bom, que o baritono batuta de Armiro me derramaou na alma; saboreio, com a memoria da gustação o guaraná da “Miralina”, que tomei aos pouquinhos, demoradamente, para alongar-me o praser de estar sentindo o gostosissimo sabôr que o caracteriza; e assim, de recordação em recordação, chego á ultima palestra, que foi a palestra melhor! Mas... o ambiente é um gigante e eu sou um pigmeu. A luta é impossível. Sinto-me vencido. A tristeza do ambiente exterior me enche o ambiente interior.

E, pigmeu vencido, sob o pêso pesado do gigante, penso tanto, me entristeço tanto que chego a tremer temendo que este “miôlo de pão que tenho na cabeça se fermente...”

—

CINEMA – Está aí uma cousa que notei, com tristeza; em minha terra: indiferença ao cinema. E’ um mal. O cinema, principalmente numa cidade do interior, não é uma simples diversão; é mais: é uma diversão éducativa. Antonio Torres, que é um crítico extraordinario, embora ataque o cinema em uns tantos pontos, escreve:

“A meu modo de entender, quanto maior uma cidade, menor será a influencia do cinema; quanto menor o povoado, maior será o seu raio de ação.

“Em Paris, por exemplo, onde sobram as diversões educativas – taes a Opera Lirica, a alta comedia, os museus, os monumentos publicos, os belos templos, as galerias de pintura e de estatuaria, as bibliotecas e conferencias populares, os concertos musicaes ao alcance de todas as bolsas – em Paris, é o cinema genero de diversão muito secundario.”

Ora, em Mundo Novo, como em qualquer cidade do interior, faltam todas estas “diversões educativas” que “sobram” em Paris. Donde podemos concluir que, em Mundo Novo, é o cinema genero de diversão nada secundario. Porque, pois, esta indiferença?

Dir-me-iam que não frequentam o cinema porque ha falta de bons films.

Eu responderia que ha falta de bons films porque não frequentam o cinema. Não se confunda a causa com o efeito. Sem concorrência não ha “money” e sem “money” não pode haver bons films, que bom film custa caro como tudo que é bom.

Aliaz, no dia em que saí de Mundo Novo estava anunciando o film “Amores de Carmen”, com Dolores del Rio. Já o assesti, por duas vezes. Quem poderá taxa-lo de ruim?

Haja concorrência e haverá bons filmes. Bôa vontade não falta ao proprietário do “C. T. U.” E Mundo Novo sabe disto.

LIOTA.

F. Morro Alto, 1932.

JMN202[1932]

Rabiscos

Claudio – Claudio é um estudante pandego, inteligente e brincalhão. Um dia desses, iam, êle e eu, pela praça Rio Branco, futingando... Surge um bonde especial, cheio de “perdoadas”. Claudio, que já estava comigo junto aos trilhos onde o bonde ia passando, exclamou logo, todo sorridente: “Êta bonde bonito! E’ um... (interrompeu-se porque viu que no bonde havia um padre), e continuou, imediatamente: “Só não digo que é um ceo porque vai um padre dentro!”

–

Iolanda – Segundo um telegrama que li n’ “A Tarde”, “miss” Universo de 1930, a encantadora gaúcha, a irresistível Iolanda Pereira, é noiva. O noivo é um engenheiro, (o mais feliz de todos engenheiros felizes deste mundo), de nome Roberto Martins... Ao ler o telegrama portador desta notícia, dei um suspiro comprido de verdade e, pela primeira vez em minha vida, tive inveja da sorte de um noivo!

Quando um outro telegrama trouxe a notícia do casamento, certamente hei de dar um segundo suspiro muito comprido e, pela primeira vez em minha vida, hei de sentir inveja da sorte de um homem casado!

Ah engenheiro de uma figa!

–

Adagio – “Os homens são como as montanhas: quanto mais distantes, tanto mais interessantes.”

Mas ha uma diferença: é que as montanhas, quaesquer que sejam, são sempre interessantes, á distancia; ao passo que ha muitos homens, a grande maioria, para os quaes não ha distancia capaz de conseguir um geitinho...

–

– Liota, que ha de mais novo?

– Nada, batuta. Tudo velho. Sempre esta mesma vidinha de todo dia: velha, cansada, aborrecida...

– Esta vida está um “buraco” são Liota! Imagine que ha mais de uma semana que não pego um livro!

– Idem, idem...

– Mas é isto mesmo. Esta historia de só se estar estudando, estudando, estudando, aborrece a gente. E’ preciso variar. E’ preciso que se passe dos livros aborrecidos ás pequenas deliciosas... A vida só presta quando è disputada assim...”

E ao dizer estas ultimas palavras, o Gilberto levou a mão ao bolso, puxou um lenço e o abriu, sorrindo, deante dos meus olhos. Era um lenço muito alvo, todo manchado de carmim...

Olhei para o Gilberto e para o lenço, sorrindo, sorrindo e... (porque não confessar?) sentindo uma inveja danada do Gilberto!

LIOTA.

Bahia, 931.

JMN203[1932]

Rabiscos

EM ALTO BONITO

No arraial de Alto Bonito houve festa, isto é, missa.

(Festa e missa, nos arraiaes do interior da Bahia, são palavras sinonimas.)

E eu fui á missa, isto é, à festa. Levava fome de assunto para rabiscar. Pisei, pelas poucas ruas que existem, farejando assunto como um cão faminto procurando ôsso. Nada. Aqui, eu metia os olhos e a atenção para uma loja cheia de fregueses que cuspiam muito e não compravam nada; ali, esticava a atenção e os olhos para dentro de outra loja também cheia de fregueses que também cuspiam e também não compravam; acolà, ainda noutra loja eu fazia ainda a mesma cousa e observava ainda as mesmas cousas.

Dava uma volta pela feira, de orelha em pé e ouvido atento, com a esperança de pegar alguma “caipirada” que podesse agradar os leitores de rabiscos. Nada.

E o tempo corria. A missa acabava-se. É eu continuava... farejando em vão.

Já estava de tarde. Fui à igreja. Aí assistiam a morte, quero dizer, o casamento de alguns heroes. Aproximei-me para apreciar a “estampa” dos noivos.

Braços cruzados, de pé, religiosamente calado, eu apreciava a execução, isto é, o casamento dos heróes.

Um grupo, perto de mim, conversava. Um rapaz, que fazia parte do grupo, sae com esta pergunta: “Porque será que, quando a gente morre leva vela e quando se casa não leva?”

Alguns sorriram e nenhum respondeu. Neste momento, a conversa do grupo foi interrompida, porque o grupo se interrompeu para dar passagem ao prestito que seguia um dos heroes que acabavam de morrer, quero dizer, de casar-se...

Depois das tres horas da tarde, quando deixei o arraial, sem assuntos para rabiscos, corria o boato de que subira a oito o numero de heroes que foram executados, isto é, casados.

LIOTA

F. Morro Alto, 1932

JMN204[1932]

Rabiscos

“LENITA”

O leitor, ao ler este titulo –

Lenita – poderá pensar que se vai tratar aqui de alguma destas coisinhas feitas de sêda, carmim, pó de arroz e outras futilidades.

Pode o leitor amigo jogar fôra este pensamento porque a “Lenita” a que me refiro é feita de coisa muito diferente – é feita de talento. E’ um romance ou novela escrita por Jorge Amado, Dias da Costa e Edson Carneiro.

O primeiro, de quem tenho a honra de ser muito amigo, é o maior talento que já conheci. Falando sobre êle, disse-me, certa vez, Alves Ribeiro: “Jorge Amado é um talento como eu nunca vi nem nunca ouvi falar”.

Quem conhece Jorge, quem lê o que lhe sae da pena, não acha exagero nas palavras de Alves Ribeiro. Os outros dois, Dias da Costa e Edson Carneiro, são tambem, duas grandes inteligências que toda Bahia conhece e admira. Mas não lhes quero escrever elogios. Não vale a pena. Os adjetivos estão estragados, desmoralizados.

Vamos, pois, á obra. Leiamos uma parte do 3º capitulo de “Lenita”, que é o primeiro da pena de Jorge.

“Costa Vieira era um triste(”)). Poeta lirico, de enorme prestigio entre os intelectuaes do pais, redator bem pago dos melhores jornaes da cidade, merecera de Gomes, que gastava o tempo em inventar apelidos para os literatos, o nome de ultimo romantico. De fato, Costa Vieira tinha uma alma estranha.

Impossivel encontrar-se maior sentimental. Aliaz, tinha razão.

Filho unico, não conhecera a mãe, que morreu mal o déra à luz. O pae, pobre funcionario publico, trabalhava demais e nunca tivera tempo de querer bem ao filho. Crecera assim, sem um carinho. No colegio interno, onde fôra perseguido pelo Diretor porque o velho não pagava [†]

Disso lhe vieram duas consequencias:

A primeira, que pouco lhe emportou, foi ter-lhe o Gomes descarregado, por um jornaleco, uma serie de perfidias.

A outra, e esta lhe emportara muito, fôra o amor de Ester – Alda.

O poeta esqueceu todas as juras de não mais amar quem quer fosse e se entregou de corpo e alma a esta paixão. Toda noite dizia ao ouvido de Ester – Alda couzas lindas que tinham o sabor de virgindade e a faziam pensar na belêsa e no amor platónico da época do romantismo.

Êle lhe dizia da belêsa dos seus olhos, do odôr maravilhoso que desprendiam seus cabêlos...

Mas ela, sensual e moderna, ela, que trazia no corpo toda a degenerencia de uma raça preguiçosa e sifilitica, não se contentava com as frases belas de Costa Vieira. E um dia para o escandalo dêle e para a sua tristeza, lhe perguntou:

– E os meus seios? Porque você não fala na belêsa dos meus seios?”

Quisera ir alem, transcrever todo capitulo, para dar ao leitor uma idéa do que seja “Lenita” e, principalmente, do que seja o talento grande, aristocratico, muito alto, de Jorge Amado. Infelizmente o espaço não permite ir adiante. É-me forçoso pingar o ponto final.

LIOTA.

F. Morro Alto, 1932.

JMN205[1932]

Rabiscos

CARNAVAL

O moço velho e triste estava na cidade. Viera assistir a mocidade moça e alegre de sua terra brincar.

Sabado. Denoite. A alegria cantava nos salões da “Lira”, pela “voz de cristal” das meninas mais bonitas de minha terra! A “Lira”, como sempre batuta, como sempre formidavel, tocava! O moço triste ouvia a “Lira”, ouvia a voz bonita de suas patricias bonitas, sentia arrepios na alma e... começava ficar alegre...

Moças e rapazes, aproveitando a musica do ensaio, dançavam treinando-se para a grande alegria dos tres dias seguintes.

O moço triste deu uma volta pelo “bar” e ficou quase alegre...

O moço triste, quando sae de sua tristesa socegada e mansa parece que sae de si mesmo, parece que perde ou troca ou modifica ou mascára a propria personalidade e faz o que êle não faz. Por isto, o moço triste, que não dança, porque estava alegre entendeu que devia dansar. Um martirio para a dama!

(Permitam, leitores, que eu passe a esponja sobre alguma cousa que ainda houve depois do ensaio de sabado, e passemos ao domingo).

Até ao meio dia de domingo o moço triste não saíu de casa. A sua casa fica numa rua calada, quieta, retraída e triste como êle mesmo. Depois de meio dia, êle foi para a casa de um amigo numa rua alegre e bonita como uma

garôta bonita e alegre. Aí deixou-se ficar apreciando a alegria passar na alegria de todos os olhos, nos risos de todas as bôcas! A alegria passava levada pelas creanças, pelas moças bonitas e rapazes alegres! E passavam também, carregados de alegria, velhos que ainda não esqueceram de ser moços...

Triste, o moço tão velho apreciava a alegria de velhos tão moços! Os contrastes da vida! Esta vida é cheia de contrastes!

Já estava detarde. A todo momento e de todos os cantos, surgia, num vulto de creança, de moça ou de rapaz, uma alegria vestida de vermelho com sorrisos na bôca!

E' que se aproximava a hora mais anciosamente esperada da festa – a hora da saída do carro da “Lira”!

Já eram, talvez, quatro horas da tarde. Do prédio da “Lira” começaram a sair as filhas mais bonitas de Mundo Novo, colorindo a tarde com a alegria, as fantasias, os risos e os cantos mais bonitos do dia!

Centenas de cavalheiros, senhoras e creanças acompanhavam-nas. E a “Lira” encheu a tarde com uma aleluia esplendida de sons!

“A Lira!” “A Lira!” “Viva a Lira!” “Viva a Lira!” – Eram os gritos que partiam de todos os corações e voavam de todas as bôcas!

E o prestito, colorido e lindo, todo perfume e sons, deceu da “Lira” á busca do carro que todos os olhos esperavam com guludice de vêr!

O moço triste vio passar a mocidade alegre, ficou todo arripiado e não pode acompanha-la. Conformou-se em ficar conversando comsigo mesmo: “musica! mocidade! perfume! alegria! e eu tão triste!

Porque será que naci assim?!”

E então, pela boca do otimismo, o moço velho dizia a si mesmo: “E's triste hoje. Mas não te amolestes por isto que o teu dia de sol ha de chegar!”

Mas... do interior escuro de uma gruta bem funda na alma do moço velho e triste, o pessimismo gritou: “Nunca!”

O moço velho fez que não ouvio e, para disfarçar, brincava com umas pequenas que brincavam no passeio...

(Mais uma vez, leitores, permitam que eu passe a esponja sobre diversas minudencias porque, quando escrevo, a minha maior preocupação é não ser enfadonho a vocês.)

Afinal, o momento anciosamente esperado chegou: saio á rua o carro da “Lira” – Imponencia, Beleza, Arte, Perfeição! Quando o moço velho e triste o vio, cercado pela vibração entusiastica de quase a totalidade da população de Mundo Novo, ergeu-se da cadeira em que estava sentado, quiz dar um viva à “Lira”, mas a mão de ferro da emoção lhe apertou a garganta e êle não pode gritar! Limitou-se a empalidecer e a sorrir!

As ultimas horas da tarde foram impregnadas pelo perfume de arte que o carro da “Lira” espalhou!

A' noite, o baile na “Lira”. Certamente o melhor da festa para os moços alegres que brincam; cousa secundaria para o moço velho e triste que não sabe brincar. Por isto o moço velho pouco sabe do baile de domingo. Durante a maioria das horas da noite, êle deixou-se ficar no “bar” tomando gelado e conversando com os amigos.

Hoje é segunda feira. Estou escrevendo pela manhã. Se me permitir a preguiça, se a vontade de escrever não me fugir, na proxima semana voltarei a palestrar com os leitores sobre o carnaval e sobre o moço muito velho e triste.

Mas não quero terminar a minha palestra de hoje sem te mandar daqui o meu parabem de coração, oh “Lira Mundonovense!” O meu parabem pelo teu grande êxito, pelo teu enorme sucesso, pela prova patente que deste, mais uma vez, de que ainda és o que sempre foste e o que sempre has de ser – a maior, a mais alta, a mais viva expressão de Arte em minha terra!

A ti, pois, oh “Lira!” o meu parabem de mundonovense que te sabe amar porque sabe ser mundonovense!

LIOTA.

Mundo Novo, 1932.

JMN206[1932]

Rabiscos

DEPOIS...

Sobre a pequena mêsa em que trabalho, o tinteiro e o papel parece que me olham e me convidam para trabalhar. Encostada ao tinteiro, a pena, parada, parece que também me olha, chamando-me também. Sentado ao lado da pequena mêsa, contemplo-os, todo mole de sono e de preguiça.

Junto a mim, reclinada sobre mim, Saudade sob um veo lilaz, muito longo, muito fino, muito lindo, com tristezas na vóz me fala:

“Lembras-te? Era segunda -feira. Uma pequena, de labios côr de sangue e dentes côr de garça, chegou a tua rua, sorrindo, um sorriso vermelho e branco, um sorriso todo “Lyra” e, sorrindo toda catita, dizia: “Ali evêm um cordão! uma belesa!”

Era mesmo um cordão, deveras muito belo. E passou, cantando, o grupo folgazão dos “Camponeses em folia”. Uma porção do perfume bom dos camponeses ficou espalhado pela rua. E, dentro do perfume que ficou, a gente ouvia a vóz de uma creança perguntando á sua mamãe: “ô mamãe o Carnavá ainda passa pulaqui?” E a “mamãe” sorriu para o fillinho, dizendo que sim, que passava ainda”

Saudade, com tristeza na vóz, continûa falando:

“Lembras-te? A’ noite, na “rua” antes de iniciar o baile, uma orquestra tocava lindas valsas... O moço triste ouvia... Os dedos de Armiro tremiam nas teclas do bombardino, arrancando sons que deixavam a gente sem saber se eram de um canto ou de um soluço. Não se sabia bem se o instrumento estava cantando ou se estava chorando! A alma do moço triste estava deserta e povoou-se de sonhos; o ceo de sua alma, então vasio e escuro, ficou todo cheio de um bando luminoso e tremulo de estrêlas...”

“Depois”... o baile, o perfume, as meninas bonitas dansando, aquilo tudo que nos fica no coração da memória ou na memoria do coração...”

“E depois... ainda depois... na terça-feira, ultimo dia da festa...”

Aqui leitor amigo, Saudade bate nos olhos pensativos [†] Tristeza apareceu e começou a cantar, baixinho, por [†] estes versos ingenuos das meninas da roça:

“Ô sodade leva eu pra lá...”

ô sodade leva eu pra vadiá...”

LIOTA.

F. Morro Alto, 1932.

JMN207[1932]

Rabiscos

MODESTIA

Não quero meter-me a definir modestia. Um dos meus professores, dizia, muitas vezes em aula: “Evitem definições. As definições quase sempre são falhas. Falem ou escrevam sobre os diversos assuntos, sem tentar defini-los.”

E eu sigo, de muito bom gosto, o conselho do meu sabio Mestre. Não quero, pois, meter-me a definir modestia. Apenas me arrisco a dizer que não a vejo com bons olhos. Na maioria dos casos, quando um individuo diz: “sou pequeno”, “insignificante” etc e tal, está doidinho por um não apelado, um é modestia de sua parte ou cousas que taes.

Neste caso, o modesto não passa de um doente de vaidade e hipocrisia. E’ por isto que tenho muito mêdo de ser taxado de modesto.

Que me chamem de tudo: compenetrado, cabotino, poeta, até doutor, se queiserem, menos de modesto!

A’s vezes me fazem elogios francamente exagerados e eu me calo, não contesto.

Não que tenha a imbecilidade de me julgar merecedor de elogios; mas, porque temo que, à minha contestação, o elogiador me chame de modesto. Toda vez que alguém me diz que sou um talento, rio-me, disfarço, procuro meios de mudar de conversa ou de safar-me, mas não digo que não o sou, pelo mêdo que tenho de passar pelo horror de ouvir me chamar cousa peor: modesto!

Invejo e venero os homens sem modestia, isto é, os homens que são capazes de não ser modestos, os homens que podem gritar: “Sou grande!” sem temer contestação porque, de fato, são grandes. Um rapazóta que garatuje meia duzia de versos ou algumas linhas de prosa e se diga grande, talento, não é um modesto, é um grandissisimo imbecil. Não é isto que admiro.

Quando, de passeio pela America do Sul. Vargas Vila saltou em Buenos-Aires, disse aos reporteres que o procuraram, que não vinha á procura de riquezas e gloria, que dinheiro e gloria trazia consigo. E’ isto que admiro.

E êle mesmo, Vargas Vila, quem diz: “A modestia é o talento das nulidades e a nulidade dos talentos.”

Dizem que, tendo alguém perguntado a Vitor Hugo, quaes eram os maiores poetas de sua epoca, ouviu a seguinte resposta: “Eu na França e um menino no Brasil.” (O menino era Castro Alves).

Castro, por sua vez, escreveu: “Eu sinto em mim o borbulhar do genio!”

Augusto dos Anjos, o tísico sublime, escreveu:

“Na canonisação emocionante

Da dôr humana, sou maior que Dante.”

Ovidio escreveu, referindo-se ás suas “Metamorfoses”: Um monumento que os seculos não poderão destruir.”

“Goethe afirmava que, depois de Shakespeare, a natureza não tinha creado homem maior do que êle.”

Para Schopenhauer, o mundo, o Universo, Deus, tudo é êle mesmo. Para êle êle é tudo e fôra dêle tudo é nada.

O italiano Giovanni Papini escreve: “O Universo divide-se em duas partes: “Eu e o resto.”

Quando, banido pela Inglaterra, Oscar Wilde teve de saltar nos Estados Unidos, ao ouvir da policia do porto daquela nação, a pergunta de praxe — “que é que traz;” — respondeu apenas isto: “Genio!”

Já o nosso Rui, (segundo Gilberto Amado, de quem extraí a maioria dos exemplos que estou citando), já o nosso Rui dizia, no Senado: “Eu, que sou o mais insignificante, o mais indouto, o mais desautorizado dos membros desta casa...”

Acham, vocês, que isto significa modestia? que Rui era modesto? Eu não acho. O que acho é que isto significa cousa muito diferente...

E ainda ha quem admire de Rui ter morrido católico!

LIOTA.

F. Morro Alto, 1932.

JMN209[1932]

Rabiscos

### GREVES E GREVISTAS

Cheguei aqui, de volta do sertão, no dia 24 de Fevereiro. A novidade mais nova que achei foi esta: os estudantes em greve, com o fim de defender suas próprias bolsas; e os padeiros hespanhões também em greve, com o fim de avançar nas bolsas do povo.

A greve dos estudantes era muito justa. Os tempos estão feios, a crise está danada, e, sem consideração a isto, o ministro da Educação determinou um grande aumento nas taxas de matrícula, na frequência, etc.

Aliás o Sr. Francisco de Campos tem razão de querer obrigar os estudantes espremerem dinheiro. Tem razão; agora mesmo, pelo Carnaval, o Governo Federal concorreu, para o brilho das festas, com a pequena importância de seiscentos e tantos contos de reis. Ora, a Micareme vem aí. Pode ser que o Governo Federal esteja disposto a fazer o mesmo rasgo de generosidade e amor á alegria, e para isto é preciso arrancar dinheiro. Dos bolsos de quem? Da estudantada. Da estudantada que deu tanta vida à “Aliança Liberal”; dos estudantes que faziam discursos, que faziam meetings, que se inflamavam nas tribunas gritando o nome do Dr. Getulio para a presidência da Republica!

E’ dos estudantes que se deve arrancar dinheiro para tapar os buracos que as grandes “generosidades” forem fazendo no Tesouro.

Felizmente, desta vez o cobre dos estudantes ficou em paz. Os estudantes se reuniram, ficaram em greve e repetiram, pela segunda vez, a tentativa de Dr. Francisco de Campos. A taxa antiga voltou. A greve acabou-se. Tudo muito bem.

E os gringos das padarias?

Esses meus caros senhores vivem lá, pela Europa, sem nunca saber que no mundo ha uma terra chamada Brasil. Um belo dia êles sentem que a tripa está ameaçada de ficar vasia como um canudo de mamão. E’ então que êles procuram saber onde fica, no mundo, o lugar de engordar magro; e ouvem, do górdio a quem fazem a pergunta: “No Brasil”.

E zás... entram numa terceira classe de um calhambeque qualquer, rumo ao Brassil; saltam ali no caes, sobem a ladeira da montanha andam pela cidade, espiam as cousas e... montam uma padaria. Isto feito, já se sabe do programa: quilo de 800 gramas, um aumentosinho do preço de vez em quando, etc. e coisas. Tempos depois, envez de tripa vasia como um canudo de mamão, esses meus caros senhores estão cheios de banha e de dinheiro! Mas ultimamente apareceu aqui pela Prefeitura um Sr. Dr. Pimenta da Cunha, que tem sido um espantinho para os assaltantes aos bolsos do povo. O quilosinho de 800 gramas teve que cair sob o pêso de pesadas multas, com as quaes tem o Dr. Pimenta da Cunha feito milagres nos melhoramentos da Cidade.

Deante da queda do quilosinho, os gringos apelaram para outro meio de ganhar depressa: o aumentosinho de preço no quilo do pão. O grande Prefeito, porem, intransigente na defesa dos interesses do Povo, protesta, não permite, absolutamente, que seja feito o aumento de 1\$400 para 1\$600 o quilo.

Os gringos então se juntam, conversam e resolvem fazer greve. No dia seguinte não haveria pão. Mas houve. O Prefeito mandou fazer em fórnos particulares e no dia seguinte um dos caminhões da Prefeitura saia á rua distribuindo pão a 1\$400 o quilo! Ficaram duas padarias de nacionaes, sem adesão á greve. Um padeiro de uma destas foi comprado pelos gringos e temperou o pão com querosene.

Este foi parar no xadrez. Zé Povo, indignado com os gringos, deu em fechar suas respectivas padarias, a muque, alegando que, já que não vendiam pão, ficavam sem o direito de vender outra massa qualquer.

Para encurtar a historia: as padarias voltaram a funcionar e o pão está sendo vendido a 1\$400 o quilo.

O povo da Bahia tem razão de vêr, em Pimenta da Cunha, o seu idolo, o seu Deus!

LIOTA.

Bahia, 28/2/932.

JMN210[1932]

Rabiscos

### JOALBA

Eu tenho, conciencia absoluta do quanto é ridiculo se ser triste.

Aliás, ser triste não é ridiculo, é doloroso. O ridiculo está em se deixar transparecer a tristesa, é em se expôr as proprias chagas aos olhos dos outros que também têm chagas mas sabem fingir que não as têm. Quem é que não tem uma dôr? Quem é que, ficando cara a cara consigo mesmo, não se entristece?

Quem é que não tem um arrependimento na vida? Qual a creatura que não não tem na alma um cemiterio de ilusões mortas e insepultas? Ninguém. Todo mundo sofre.

E, como não se pôde ser alegre sofrendo, conclúe-se que todo mundo é triste. Entretanto, a grande maioria vive, aparentemente, alegre. Aí a falta de razões do individuo que se lamenta. Ai o ridiculo.

Tenho plena consciencia desse ridiculo. Todavia, de vez em quando não posso fugir-me ao pecado de mostrar no que escrevo um pouquinho da sombra de minha tristeza. E' que na minha alma ha muito pouco, pouquissimo, da alma de Pangloss.

Isto de "Enquanto o labio tremulo gargalha dentro do peito o coração soluça", é muito cabível na imaginação admiravel do Padre Antonio Tomaz. Na realidade, porem, a coisa é diferente... O individuo em cujo intimo ha um caustico, pode rir; mas esse riso custa-lhe tanto, doe-lhe tanto que é preferível não rir.

"Certos risos, diz o Vargas, certos risos são lagrimas que, não alcançando os olhos, se derramam pela boca". E, ah, meu amigo! A lagrima que se derrama pela boca doe muito; a que cae dos olhos alivia.

Eu me parece que tem muita razão o poeta que escreveu: "Alma, (dizia então commigo), chora que o pranto diminua as agonias"...

Como, porem, chorar nestes tempos é o cumulo da imbecilidade, o melhor que se faz é... é... francamente, não sei o que é!

Até aqui não se conclue nada do que escrevi. Tive a intenção de dizer muita cousa e estou vendo que acabo sem dizer cousa alguma, o que, afinal, já é alguma cousa.

Comecei a escrever com o intuito de dizer que o homem que nasce com um temperamento triste, pode condenar a tristesa, acha-la ridicula, vergonhosa, etc., mas nem por isto deixa de ser triste.

Pode-se fingir alegre. Se-lo-á para o mundo exterior, nunca para si mesmo. O homem que nasce triste tem que, fatalmente, morrer triste.

Era mais ou menos isto o que eu queria dizer.

Mas... estou muito cacête.

Para que tu e os leitores possais me perdoar este pecado, vou terminar isto com um belo soneto de Augusto dos Anjos. É o que tem o titulo de

#### ETERNA MAGUA

"O homem por sobre quem calo a praga

Da tristesa do Mundo, o homem que é triste,

Para todos os seculos existe

E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois nada ha que traga

Consôlo à magua a que só êle assiste.

Quer resistir, e quanto mais resiste,

Mas se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe

É que essa magua, infinda assim, não cabe

Na sua vida, é que essa magua infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;

E quando esse homem se transforma em verme

E' essa magua que o acompanha ainda!"

E é só, meu alegre Joalba! Eu já ia dizendo que tambem estou alegre. Mas... p'ra que mentir?

LIOTA.

Bahia, 28/2/932.

JMN211[1932]

Rabiscos

#### PIRÓCA

Piróca é muito infeliz. Tem um mal terrível — inteligencia; outro ainda maior — ser bom; e ainda outro infinitamente maior — ser pobre. E' muito infeliz o pobre do Piróca. A Natureza, quando quer ser inexcedível em crueldade para uma creatura, atira sobre esta creatura tres desgraças ao mesmo tempo: inteligencia, bondade, pobreza.

Piróca é inteligente, é bom, é pobre. Pobre Piróca! Piroca infeliz!

Um dia um colega lhe disse:

"Piróca, ha uma desgraça maior que a desgraça de ser inteligente: — é a desgraça de ser bom." Ao que Piróca respondeu: "Ha uma desgraça maior que todas as desgraças — a desgraça de ser pobre."

Piróca, por ser inteligente e pobre, possuidor, portanto, de visão e sofrimentos, perdeu a fé em todas religiões; até mesmo em Deus. Tornou-se ateu materialista intransigente. Mas, por ser bom, não perdêra a fé nos amigos. Acreditava, com a ingenuidade dos bons, nas conversas fiadas, nas promessas, nas gargantas dos amigos...

Um dia, um seu mestre e amigo lhe disse: "Que ilusão, meu caro! Você acreditando em conversa de amigos! Amigos, não ha amigos! Deixe de ilusão! A vida é ruim. Muito ruim. Abra uma zoologia, observe a natureza: — na luta pela vida, os animaes vivem de devorar uns aos outros. Sempre o forte devorando o fraco, alimentando-se do fraco. E os homens não diferem muito dos seus outros irmãos.



Os homens são ruins. Nós somos profundamente ruins. Quando um homem, um amigo, lhe sorri, abraça-o, se lhe mostrando alegre, é porque quer de você, no mínimo, um cigarro! Em cada riso e em cada abraço de um amigo, eu vêjo, quase sempre, a perspectiva de um assalto. O homem é muito ruim. Não acredite em conversas de amigos. Os amigos são muito bons, muito camaradas, enquanto a gente não precisa deles. Na hora da precisão eles riem, prometem e... safam-se... Se você se acha em iminência de um abismo, não espere que os amigos lhe estendam a mão. Valha-se de si mesmo. Se não fôr possível isto, atire-se no abismo; mas não grite pelos amigos que os amigos não valem nada, que os amigos não são amigos! Tenho pena de você mas não o acúdo porque sou homem, sou ruim. E todos os homens são como eu. Todos são ruins. Nenhum lhe acudirá.”

O Piróca, depois de ouvir tudo isto do seu mestre, saio pensando e falando consigo mesmo: “Muito talento, muita cultura, experiencia, mas... exageradamente cético. Não se deve ser otimista. Mas também não se convem ser de um pessimismo tão exagerado. Eu ainda acredito em meus amigos. Ainda estou com o velho adagio: “Mais vale amigos na praça do que dinheiro na caixa.”

Mas... (coitado de Piróca!) a experiencia, esse livro imenso em que seu querido mestre aprendeu tanta verdade, está agora lhe ensinando que mais vale 100\$000 na caixa do que milhares de amigos na praça!

Antigamente, Piróca dizia:

“Deus, Família, Amigos. dinheiro.” (Ele nunca foi patriota). Hoje, porem, êle diz: “Dinheiro, Dinheiro, Dinheiro, Dinheiro.” E vive sem dinheiro para comprar um livro bom: o unico amigo verdadeiro que se tem no mundo!

Pobre Piróca! Piróca infeliz!

LIOTA

Bahia, 1932.

JMN212[1932]

Rabiscos

QUASE NOIVO

“... Loira como as espigas,  
como os raios de sol e as moedas antigas...”

Dir-se-ia que Menotti conhecera Lourds, antes de escrever estes versos bonitos. Porque Lourds é assim. Bonita assim.

O loiro muito lindo de sua pele muito fina, lembra “raios de sol e moedas antigas”.

Quando, ha 5 anos, conheci Lourds, não pude fugir-me á deliciosa tentação de, brincando, chamar-lhe minha noiva. Ela sorria, um sorriso ingenuo de menina loira. E eu, com meu lirismo incorrigivel, imaginava-a crecida; pintava, na minha imaginação. Lourds com quinze anos, nesta idade em que a mulher se confunde com um anjo, como disse o poeta; e via, no mundo azul das minhas fantazias, uma Lourds ainda mais loira de olhos ainda mais azúes, tendo, em todo corpo muito alvo, todo um poema de curvas impecaveis!

E lhe chamava minha noiva. E ela sorria.

Os dias sucediam-se. As semanas passavam. E os mêzes... E os anos...

Lourds crecia. E, á proporção que crecia, tomava forma, a graça, a beleza da Lourds que eu via dentro do mundo azul que tenho dentro dalma!

E eu, vendo-a crescer assim, adivinhava-lhe a perfeição futura e... chamava-lhe minha noiva. Ela sorria.

Lourds está com quinze anos.

Bela, tal como a sonhei!

E’ o meu sonho materializado na alva perfeição de um corpo de mulher! Meu ideal vivendo!

Meu pensamento que se fez mulher! Minha Lourds! Minha Lourds!

Hoje ainda lhe chamo pelo doce apelido de minha noiva. E ela ainda sorri. Mas ha hoje, nas minhas palavras, como no seu sorriso, o clarão de uma certesa que outrora não havia: a certesa da realidade feliz que não vem longe...

Lourds ha-de ser minha noiva!

Ha-de ser minha!

Agora, paciente leitor, o meu pedido de amigo: não te esqueças, absolutamente, de que hoje é primeiro de Abril!

LIOTA.

Bahia

JMN214[1932]

Rabiscos

“russia”

“russia”, assim com letra inicial minuscula, é um livro do dr. mauricio de medeiros, tambem assim com letra minuscula.

O Dr. Mauricio de Medeiros não é estrangeiro nem tão pouco comunista. E’ professor de patologia geral na Faculdade de Medicina do Rio e ex-deputado no parlamento brasileiro.

“russia” é um livro de observação sobre o regimen dos soviets. Livro muito interessante, deve ser conhecido, pelo menos nos pontos capitaes do assunto de que trata. Quero, por isto, transcrever alguns trechos para os leitores de rabiscos.

Comecemos a transcrição por um periodo que se refere ao pudôr, á questão sexual:

“Uma das mais frequentes acusações que eu via fazerem á Russia Sovietica era a de que, ali, o novo regimen dissolvera a familia.

“Não é raro que aquelles que me falam de minha viagem indaguem com maliciosa curiosidade sobre o problema feminino... No julgamento de muita gente ficou a impressão causada por noticias, outrora divulgadas, de que na Russia a mulher passara a ser, um bem do dominio coletivo. Para esses o conceito de comunidade ter-se-ia estendido até lá.

“Nada autorisa, a priori semelhante suposição.

“E o que de fato vi, foi que a pratica do regimen, ora aplicado na Russia, corresponde aos ideaes doutrinarios de elevação da mulher na vida social, sem nada que permita supôr esse aviltamento, que a faria um bem do uso coletivo.

“Houve, é certo, no periodo chamado de comunismo de guerra, muito equivoco em materia doutrinaria.

Houve uns pandegos de Moscou, por exemplo, que crearam uma “Liga contra o Pudor”. Andavam nús em pêlo, pelas ruas, trazendo apenas a tira colo uma faixa na qual se lia o seguinte distico: “Abaixo a hipocrisia do Pudor!...”

“Perguntei ao meu informante que especie de sentimento essa propaganda tinha determinado no seio do povo. E ele me respondeu: “Curioso e ridiculo!”

E explicou-me a seguir. Quando esses propagandistas passavam pelas ruas, formava-se atraz deles uma enorme cohorte de curiosos.

“Havia antipudoristas de ambos os sexos e isto justifica que a multidão curiosa fosse principalmente do sexo masculino...

“Vadios ha sempre em todas as ruas de todas as cidades. Vadios para olhar a nudez, era natural que houvesse ainda em maior numero... Mas os que trabalham, os que fazem a vida normal, usando meios de transporte em comum — bondes, auto omnibus — esses recebiam com hostiliade silenciosa os propagandistas do nú.

“Quando qualquer deles entrava em uma nessas condições coletivas, todos deciam, sem dizer palavra.

“Por fim, a cousa acabou em ridiculo. O proselitismo não teve exito. E a policia interveio no assunto, proibindo a exhibição escandalosa, não por motivo de ordem moral, mas como medida de ordem urbana: — para que não impedissem o transito...

“Tentativa igualmente audaciosa no dominio das cousas moraes foi a de certos trabalhadores, que conseguiram convencer suas companheiras de usina, de que era por força de um preceito moral demolido do passado que a mulher resistia ás solicitações sexuaes de seus companheiros de trabalho. As “camaradas” não deveriam mais revelar tal apego a um preconceito burguez...

“Muitas cederam ao argumento. Mas o piano não se generalizou, nem a doutrina se firmou. Em certo momento um grupo de mulheres, mais concias de seus direitos, resolveu expor a questão com uma coragem que tinha faltado às demais.

“E o tema foi debatido no Soviet local, ficando esclarecido que, nessa materia, a revolução jamais se propusera a alterar as leis eternas do sentimento humano, e, da mesma forma que ninguem poderia ser humilhado socialmente por ter cedido aos imperativos de um afeto, a ninguem se exigiria que puzesse a serviço da coletividade cousas que só o afeto pode governar!”

Na proxima semana transcreverei alguns trechos sobre o casamento e o divorcio. E só, por hoje.

LIOTA.

Bahia, 1932.

JMN216[1932]

Rabiscos

“russia”

Vamos transcrever trêchos do capitulo que traz o titulo de “o problema religioso”. Vejamos: “..... Já narrei que em Leningrado reza-se missa com regular frequencia de fieis. Era sinal de que os cultos são livres.

“Nesses casos, porque então, uma liga anti-religiosa e porque museus anti-religiosos?”

Comecei por visitar a Liga.

O presidente era um operario, sobre cuja filosofia já deixei escrever alguma cousa em capitulo anterior. Homem inteligente, não me parecendo, porem, muito culto. Ao começo extranhei essa insuficiencia de cultura. Mas, refletindo melhor, cheguei à conclusão de que havia nisso mais um sinal da sagacidade dos dirigentes russos.

Um homem de cultura superior é, geralmente, tolerante. Seja êle religioso ou ateu, não põe na sua convicção uma força de proselitismo, indispensável nos combatentes. Crê, ou não crê, mas para seu proprio espirito, compreendendo os que não crêem, ou os que crêem, sem procurar convence-los em sentido contrario.

“Para atirar-se a uma campanha anti-religiosa, como para fazer a propaganda de uma religião — é preciso a fé cega, ou da mocidade ou da ignorancia.

“O homenzinho presidente da Liga, tendo já passado a faso dos ardores jovens, só podia estar catalogado no segundo grupo...

A liga publica uma revista, prega cartazes sugestivos, faz uma propaganda intensa junto dos operarios para desvia-los do caminho da igreja.

“Deram-me alguns exemplares da revista.

Positivamente, a Liga age dentro dos melhores preceitos da psicologia.

A Liga é semi-oficial. Os operarios que nela trabalham são dispensados na suas usinas, das quaes recebem, entretanto, o respectivo salario. A propaganda anti-religiosa é, pois, considerada um serviço social.

Por aí se vê que as famosas noticias de que os padres estariam sofrendo uma perseguição violentissima, não me parece confirmada pelas fatos.

“Não prohibio. Não mandou fechar nenhuma igreja. O que se deu foi que, a falta de fieis, devida á intensa campanha anti-religiosa, muitas tiveram de fechar abandonadas pelos padres. Em Nishni, Noygored eu vi uma pequena igreja convertida em mercado de peixe...

O que me pareceu resolução formal do Governo, foi impedir que os padres, a titulo de pregar e explicar a sua religião, fizessem qualquer sorte de propaganda de ideas contrarias ao regimen.

“Não prohibiria, porem, o culto, nem fecharia igrejas, senão quando estas se transformassem em fôcos de campanha contra o regimen.

“Eu assisti missas em Leningrado, em Moscou, em Kharkov...

“Soube que na fase mais intensa da campanha anti-religiosa, o que os comunistas partidarios faziam, era prostar-se á porta das igrejas, á hora da missa, e deitarem discursos sobre a inexistencia de Deus...

“De resto, os processos usados pelos dirigentes nessa campanha foram sempre no terreno das idéas.

Voltaremos.

LIOTA.

Bahia, 1932.

JMN217[1932]

Rabiscos

“russia”

Eu quisera transcrever os pontos principaes do livro do Dr. Mauricio de Medeiros. Mas, o livro é todo de pontos principaes. Daí a necessidade que eu teria de transcrever todo o livro, o que não é possivel num jornalzinho ainda pequeno como é o “Mundo Novo”.

Por isso resolvi fazer ponto hoje na transcrição. Nas transcrições feitas, os leitores têm conhecido o Mauricio de Medeiros observador; nesta transcrição com que hoje faço ponto, os leitores vão conhecer o Mauricio de Medeiros pensador e colorista de verve. Vejam que pagina bonita: “De Moscou a Charkow pode-se ir de trem ou de avião. Sendo iguaes os preços, preferi ir por via aerea, para apreciar, do alto, a paisagem que ofereciam os campos, de Moscou até lá.

“A viagem foi penosa. Chovia intensamente. Frequentemente o avião mergulhava pelas nuvens a dentro e nada se via de paisagem. Quando se fazia uma clareira no ceo, os campos em baixo eram lindos de olhar. Trabalhados penteados, cuidados. Imensos trigoas a perder de vista. De longe em longe, um pequeno nucleo de habitações. De quando em vez uma torre emergia desses nucleos mais densos: — eram aldeias. Nenhuma impressão de movimento.

“Do alto de uma avião, quando se vôa a uma altura, a Terra parece sempre deserta. Vê-se o produto do trabalho do homem naqueles campos imensos, cultivados e tratados. Mas, não se vê a mão, que os trata. Parece que é a propria natureza, que os prepara naquela ordem geometrica de retangulos e poligonos de varias colorações, segundo o estado de adiantamento da cultura...

“Fazendo essas reflexões, eu penso na imensidade da vida infinita, da vida universal.

O astro que contemplamos á noite na vastidão dos ceos, tambem nos parecem cousa morta, engastada no Ceo por mão divina para nosso deleite. Quem dirá do vigor das agitações que aí se passam? Basta que o homem se eleve a algumas centenas de metros da Terra para que esta lhe pareça como uma figura estavel, onde não ha vida nem movimento... Os astro se distanciam de nós por espaços que se medem em seculos de velocidade da luz.

“Vendo aquela aparente estagnação, meu pensamento de biologista desse do campo dos minusculos, dos que chamamos os infinitamente pequenos: — germens, fermentos, moleculas, atomos, electrons... Aos nossos olhos desarmados, escapam os seus movimentos e ações. Só nos aparecem os resultados de sua atividade prodigiosa, na genese do organismo, nas suas transformações metabolicas, no seu crescimento e involução, nas perturbações morbidas e por fim na propria Morte! E, no emtanto, eles trabalham incenssantemente, como aqueles lavradores que os olhos desarmados do aviador não conseguem vêr, mas que vão operando incessantemente as maravilhosas transformações da terra cultivada!

“Chegamos emfim a Chárkow.

A chuva caía fóra em torrentes. Hotel desconfortavel. Ausencia de uma só creatura, que falasse qualquer lingua que me fosse acessivel.

“Nunca tive uma impressão de tamanho isolamento! Si fosse obedecer ao meu primeiro impulso, retomaria o avião e voltaria para Moscou, onde já me considerava menos só.

“A solidão é um grande sedativo para certos momentos de agitação interior. Tem-se o prazer de não ver ninguém, de não falar a ninguém e deixar voar o pensamento livremente. Mas para isso, é preciso que se tenha a certeza de que a solidão pode cessar desde que se queira, e que o mundo externo, ali está, proximo, ao alcance, para um imediato contacto.

“Naquele quarto de Hotel, eu sentia todo o horror de uma solidão permantente. Ninguem que me entendesse. Ninguem que eu compreendesse.

“A chuva caindo em bategas, enclausurava-me no quarto, sem siquer a possibilidade dessa comunicação espiritual que se faz do homem com natureza, no simples goso da muda contemplação!

“Retido dentro de meu quarto, sem conhecer ninguém, sem poder mexer-me... Só. Terrivelmente só.

“Que saudade!

“Saudade vaga, indefinida, sem objetivo! Saudade melancolica da vida humana intensa e comunicativa!”

Como vêem os leitores, “o Deabo não é tão feio como se pinta...”

LIOTA.

Bahia, 1932.

JMN219[1932]

Rabiscos

II “russia”

Continuando a transcrição de alguns trêchos do livro de Mauricio de Medeiros, vamos vêr hoje o que ele diz sobre o casamento e o divorcio na Russia: “... sempre que a minha interprete em Lenigrado me propunha uma visita a um museu de arte — Ermitage, Museu Russo etc. — eu substituiu a proposta por uma visita a uma instituição moderna, que me desse uma visão do movimento social.

“Caminhando a pé, como eu preferia fazer, para ir guardando aspectos da vida urbana, iam em direção de uma casa de repouso de operarios. Conversavamos ainda sobre a organização da família.

“Em vez da casa de repouso de operarios, fui primeiro a um officio de registro de casamentos e divorcios.

“Como por toda parte, o encarregado de serviço deu-me amplas explicações sobre os estatutos do casamento, no regimen sovietico, forneceu-me numeros e estatistica; falou sobre cada qual dos temas do assunto; fez-me, em suma, um largo discurso.

A dissertação do encarregado do registro foi, felizmente, interrompida pela chegada de um operario. Chegou. Sentou-se deante de uma mesa tosca, onde estava um empregado. Antes que o homem dissesse ao que vinha e o encarregado m’o comunicasse, já eu percebera, pela atitude fechada dos postulantes, que se tratava de um divorcio.

“Que lhe pediram?

“Muito simples. Seus papeis de identidade, seu endereço, lugar de trabalho, quantitativo de seu salario. Perguntaram-lhe se havia entendimento com a mulher. Respondeu que sim. Assinou um papel. Escreveram-lhe qualquer cousa nos seus documentos de identidade. Cumprimentou e partiu.

“Estava divorciado!

“Tempo decorrido com toda operação; menos de dez minutos.

“Seguia-se-lhe um casal.

Tambem não era necessario indagar ao que vinham... Um casamento! Sentaram-se timidos. A rapariga tinha um sorriso de esboço. O rapaz um sorriso franco. A rapariga trazia nos olhos uma infinidade de interrogações. O rapaz, confiante, tinha nos olhares um mundo de respostas. Cada qual entregou seus documentos. O encarregado verificou-os. Passou-os ao empregado, que lhes anotou os pontos essenciaes no livro. Algumas perguntas mais. Breves respostas. E o casal se levantou feliz e contente. Partiram. Menos de um quarto de hora de audiencia.

“Estavam casados.

“Expliquemos as regras. Começamos pelo casamento. A partir de 18 anos, nenhuma intervenção dos paes. Basta a vontade declarada de ambas as partes.

“Na vida matrimonial a igualdade é absoluta: livre disposição de seus haveres, livre determinação de domicilio.

“O sustento do lar incumbe ao marido. Mas se as circunstancias o privam do trabalho e do ganho, a incumbencia passa para a mulher, desde que esta trabalhe e ganhe, como é o normal.

“Quanto ao divorcio, a formalidade é ainda mais simples.

“O marido, que divorcia, deve uma pensão de sustento á mulher, quando ha filhos a seu cargo ou quando a mulher não trabalha. Essa pensão é a de um terço de seu salario.

Se o marido prova que é invalido ou está sem trabalho, não só fica dispensado da pensão à mulher, como esta é quem deve abonar-lhe um terço de seu salario, emquanto durar a falta de serviço.

“Não se pode desejar equiparação mais completa nos direitos e deveres de ambos os sexos...”

Talvez ainda prosigamos na transcrição...

LIOTA.

Bahia, 1932.

JMN220[1932]

Rabiscos

“NEM QUEIRA SABER...”

O rapazinho estava aborrecido. Andou pelo quarto, passando a mão pelo cabêlo que teimava em lhe cair sobre os olhos. Sentou-se. Levantou-se. Começou a andar novamente pelo quarto. Sentou-se novamente. Sentia que queria qualquer cousa, que lhe faltava qualquer cousa. Mas não sabia que é, que queria, que é que lhe estava faltando. Acendeu um cigarro. Foi para a janela. Fumava e olhava a rua. Automoveis passando. “Marinetes”. Transeuntes. Uma senhora vermelha, muito gôrda, toda de luto, com uma boinasinha na cabeça deixando á amostra uma rodilha de cabêlos côr de fôgo. Um garôto vestido de branco, com chapêu de palhinha, pára junto a u’a “marinete” que havia parado para saltar um passageiro, e pergunta ao chôfer se a marinete ia para Nazaré. Não ia. O rapasinho, que fumava, aborrecido, na janela da pensão, vio escrito na tabela da marinete: BARRA; e pensou: aquele garôto não sabe lêr. Outros traseuntes. Um sujeito de chapeo de baêta muito velho, pés descalços, roupa machucada e limpa. Duas mulatas bahianas com balaios na cabeça. Um nêgro com um caixote na cabêça, gritando: “Doce gelado!...” “Picolé do Terreiro!!!”

Passa um carro luxuoso com um P ao lado do numero. O rapazinho olha e calcúla: “60:000\$, nunca menos”. E começou a pensar nos pobres que estão morrendo a fome. Pensou nos imensamente ricos e nos horrivelmente pobres. Começou a pensar em si mesmo. Sacudiu a cabeça, como para jogar fôra a idea horrivel de pensar em si mesmo; saio da janela. E começou a andar, novamente, pelo quarto. Precisava pensar qualquer cousa futil, qualquer cousa banal, para evitar de pensar nesta tragedia que é êle mesmo. E começou a pensar em mulheres... Como num film, passava, pela sua memoria, todo um cortêjo alegre de mulheres bonitas. Mas... apareceu uma que... Uma ferida antiga. Uma cicatriz. Desistio de pensar em mulheres. Acendeu outro cigarro. Voltou á janela. Transeuntes. Automoveis. Marinetes. Aparece u’a marinete que trazia no para-choques, em letras brancas e graúdas. Isto: “Nem queira saber”. O rapazinho começou a distrair-se, pensando: “Em cada epoca ira, nas grandes cidades como nas pequenas, um dito popular, de preferencia. O que agora está em moda na Bahia, é este: “Nem queira saber”. Se, na Escola, um calouro pergunta a outro se o “Biriba” o chamou na sabatina, a resposta é esta: “Nem queira saber”. Se se pergunta a um conhecido como vae passando, — “Nem queira saber”. Se um conterraneo pergunta a outro se tem tido noticias de fora — “Nem queira saber”. Agora até as marinetes já trazem escrito: “Nem queira saber”. Uma hora dessas, quando o transeunte perguntar ao chôfer a que hora sae a marinete, para onde, etc., êle não se dará mais ao trabalho de responder; limitar-se-á a apontar-lhe o para-choques, onde o camarada lerá: “Nem queira saber”. E enquanto pensava estas tolices, o rapasinho esquecia-se de si mesmo, aliviava-se. Mas, como que despertando de um sonho bom e caindo numa realidade horrivel, esqueceu-se do “Nem queira saber”, e voltou a passear, inquieto, pelo quarto. Faltava-lhe qualquer cousa. Sentia qualquer cousa que ele mesmo ignorava. Queria saber que é que lhe faltava, que é que sentia. Queria saber... Veio-lhe à memoria o ltreiro do para-choques — “Nem queira saber...” Sorrio. Apanhou um almanaque e começou a lêr anedotas:

“O Juiz — insiste em negar que roubou os sapatos, quando ha seis testemunhas que presenciaram o fato?

“O acusado — Como? Isso nada prova. Eu poderia apresentar-lhe mais de um milhão que não me viram roubar.”

—

“Diziam uns marinheiros ingleses, com arrogante soberba ao celebre corsario francez Surcouf, durante uma curta tregua: — os ingleses combatem pela honra, mais os franceses, esses combatem pelo dinheiro.

— E então? respondeu Surcouf, cada um combate para apoderar-se do que não tem.” Leu outras anedotas. Pôz fogo no terceiro cigarro. Foi á janela pela terceira vez.

Pela terceira vez voltou a andar pelo quarto. E, pela primeira vez, abriu um certo livro de versos, de um certo poeta bahiano e começou a ler (Este livro lhe fôra oferecido por um rapaz, cuja maior preocupação é provar que a Bahia ainda tem poetas admiraveis). Começou a ler. Sentou-se na cama. Leu a primeira pagina; a segunda, a terceira... e ferrou no sono.

Se dormio muito? “Nem queira saber...”

LIOTA.

JMN221[1932]

Rabiscos

JOAQUIM

Alto, pançudo, careca e orelhudo (esta rima em údo veio por acaso, não tive a intensão de fazer versos), com pôse de homem mediocre quando consegue um diploma de bacharel em ciencias juridicas e sociaes.

Estes caractêres e mais alguns que deixo de citar, pertencem a um meu amigo que, na pia batismal, recebeu o nome burguezissimo de Joaquim. Joaquim tem muita altura, muita barriga, muita orêlha, mas, por culpa, talvez,

da lei das compensações, pouca massa encefálica. A inteligência do meu caro Joaquim é pequena, deveras; a prova disto é que êle não perde ensejo para fazer um discurso. E' um bicho, no discurso. Quando se lhe chama "maior da serie", êle sorri; fica todo contente, baba-se de gôso como uma mulher a quem se chama de bonita embora seja feia como a necessidade.

Para qualquer falação na serie (êle è estudante, não digo de que pára não ficar muito claro) Joaquim è nomeado. Em geral os colegas lhe previnem com muitos dias de antecedencia, afim de que haja tempo bastante para o preparo do improviso. Durante estes dias de antecedencia, os adjetivos se vêem doidinhos com o meu carissimo amigo Joaquim atira-se sobre os adjetivos com a ganancia com que se atiraria sobre um prato de quitute bahiano, um cearense faminto.

E no dia da coisa, alem dos adjetivos, Joaquim aparece com uma coleção de frases novas e muitas, como estas: "Rui é um genio!" "A mocidade è a esperança da Patria!" A Bahia é o berço glorioso da aguia de Haia e do poeta dos escravos; "O Brazil é o paiz de maior futuro do mundo; etc., etc., etc....

Um dia desses, Joaquim foi nomeado para falar qualquer coisa sobre uma coisa qualquer. Os colegas escolhem-no porque o admiram, e muito. (E eu, aqui entre parenteses, tambem admiro a Joaquim e aos colegas de Joaquim. Admiro e invejo esses homens verdadeiramente felizes. Jesus disse: — "Bemaventurados os pobres de espirito porque deles é o reino do ceo").

Como ia dizendo, Joaquim foi nomeado para dizer qualquer coisa. Disse. Eu, que para não ouvir um discurso, sou capaz de armar-me de um sobrado, não o ouvi. Não o ouvi, mas posso afirmar, garantir, jurar, solenemente, que a quantidade de adjetivos não foi pequena. O orador tem um grande amigo num jornal da cidade. Este grande amigo que, como eu, não ouviu o orador, arranjou um clichê do mesmo e publicou no tal jornal com um elogio preche de adjetivos coloridos e sonoros. Um elogio á altura da oração e do orador. Joaquim, que até então, nunca vira a propria cara num jornal, ficou delirante! Sentia-se glorioso! E então fez isto: enfatuou-se com o melhor uniforme que possuia, escanchou um pince-nez, meteu-se num par de luvas brancas e saio a passear num extase de gloria! (Isto ha-de parecer ao leitor um exagero meu. Parece. Mas não é. E' verdade. Destas verdades que parecem fantasias, mentiras; mas é verdade!)

Hoje um colega meu me prevenio: "olha, se você não se tem encontrado com o Joaquim, procure evitar que o encontre." E explicou-me: "Foi nomeado para fazer um discurso em julho e já anda com uma papelada cheia, fazendo questão que todos amigos o ouçam e lhe dêem opinião!"

Não decorreram cinco minutos após este aviso e aparece-me o Joaquim! O Joaquim em carne e ôsso! E foi sorrindo para mim, num ameaço terrivel de lêr a obra!

Imediatamente improvisei umas colicas e corri ao "quartinho", onde passei longos dez minutos, quando o orador acompanhou um colega que, de certo teve de o aturar!

Bemditas colicas que não sofri!

Bemditos dez minutos mal cheirosos que me livraram de ouvir um discurso!

LIOTA.

Bahia, 1932.

JMN222[1932]

Rabiscos

"PASSARO CEGO"

Os poetas de hoje, os modernos, os inquietos, os poetas que sepultaram a metrica e estão sepultando as rimas; os poetas deste momento indeciso, desta hora confusa da Historia; os poetas que querem a morte ao sentimentalismo, o esmagamento do coração, para que viva o cerebro somente, estes poetas têm conseguido muito, muito. Mas não conseguiram ainda e talvez não consigam nunca o seu maior objetivo: — extinguir a tristeza hereditaria que vive na alma de todo mundo e, com maior intensidade, na alma de todos os poetas. E' este sentimentalismo herdado, é esta dôr de gerações passadas, doendo ainda na geração de hoje, que Augusto Schmidt canta nestes versos com que abre o seu livro "Passaro Cego:"

"Sinto clamar em mim vozes tristes, chorando:

"Sinto gritar em mim longos martirios

Que não sofri.

"Sinto que sou a forma, o lamento, a expressão

De mil tormentos mudos abalados.

De mil tormentos sem voz.

Mil tormentos sem voz!"

Toda vez que um moço pensa em como é passageira a mocidade; que sua mocidade passará; que êle ha-de envelhecer; toda vez que um moço pára, na vida, pensando isto, sente uma tristesa enorme lhe apertar o coração.

E quando este moço é poeta, não sente, apenas; sente e canta como Augusto Schmidt, nestes, versos:

"Um dia passa, passa outro dia.

Os dias todos passando vão.

A minha mocidade ha-de passar; em breve

Só temos cinzas no coração.  
 Serei em breve como o arvorêdo  
 Sêco, esgalhado, só no deserto.  
 Serei em breve como o arvored  
 Que em noite escura só causa mêdo.  
 Que em noite escura crucificado  
 E' um fantasma na solidão.  
 Virão viajentes pelos caminhos,  
 Virão sonhando como os sonhei...

Passam os dias,

Passam os dias,

E a mocidade passa também”

Continuemos a ler alguns versos de “Passaro Cêgo”. São bonitos. Vale a pena a gente lêr. O poeta olha os moveis de sonhos da amada que morreu. Olha e escreve:

“olho a cama onde deu o ultimo suspiro

[†] os travesseiros.

No chão, uns frascos, já inúteis, de remedios

E um livro de oração numa velha cadeira.

Abro o armário depois, o armário que foi dela.

Tanto vestido, tanta roupa abandonada.

E da roupa, enchendo o quarto todo,

Vem o perfume dela, e seu perfume raro.

O vestido vermelho e branco. E o cinzento,

O ultimo que usou para ir à cidade.

O vestido escuro de viagem. e a revejo no trem

Fitando a paisagem tristemente.

Principio a chorar. Nem um ruido na noite morta.

Sinto-me muito só. Uma grande agonia

De estar tão só assim, enche o meu coração.

E começo a chamal-a soluçando...

Versos bonitos. Gostei deveras de “Passaro Cégo”.

LIOTA.

Bahia, 1932.

JMN223[1932]

Rabiscos

PENSANDO NO SONHO...

A's sete e tanto da manhã, depois do café, dirigi-me á pensão do Juvenal, estudante de Medicina e muito meu amigo. Tencionava fazer-lhe uma pilheria de mau gôsto – acordal-o antes das oito. Mas perdi de gosar a pilheria porque não o encontrei. Foi passar as ferias de junho em casa de umas primas. (E as primas de Juvenal são da “pontinha”...)

D. Helena, a dona da pensão onde mora Juvenal, foi que me recebeu com uma alegria fóra do comum. Depois de me falar da viagem de ferias de Juvenal, olhava-me muito alegre, sempre sorrindo. E quando eu estava para lhe fazer a pergunta de Oswaldo Aranha, “que é que ha”, ela me diz:

– “Não sabe? Sonhei com o Snr.; vae dar burro.”

Ri-me deveras com o inesperado do sonho e da conclusão e perguntei-lhe; fazendo ironia: E burro tem talento?

– “Não, não é isto. A coisa está é nas orelhas. Burro bole com as orelhas e o Snr. tambem bole. Vou jogar no burro. E o Snr. ha de ver se eu não ganho”.

E eu estava torcendo e fazendo votos para que desse o burro. Na rua encontro-me com um estudante que é um “bicho” no bicho. Conto-lhe o cazo e êle me diz: “Definitivamente vae dar burro, que eu sonhei com o professor Fulano”.

E me disse até logo e passou para fazer uma “fezinha” no burro.

Até eu tive vontade de jogar no burro. Não joguei. Mas fiquei torcendo pelos que jogaram.

A' tarde procurei D. Helena e ela me disse: – “Deu gato e borbolêta. Mas amanhã o burro virá. Vou jogar no burro novamente.”

E eu voltei para casa, pensando, pensando... não mais no burro ou no bicho, mas... no sonho. D. Helena tem apenas vinte e tantos anos. E' ainda bem bonita. Bem mulher...

Eu voltei para caza pensando no sonho...

LIOTA.

Bahia, 1932.

**JORNAL O LIDADOR**

JL3[1933]

RABISCOS

COINCIDENCIA...

Florencio Santos escreveu e publicou um livro intitulado “Imagens que dançam”. Ofereceu um exemplar, naturalmente com uma dedicatória elogiosa, a Hormindo Marques. Este leu o livro e fez uma “carta literaria” muito elogiosa do Florencio. Florencio, que é redator de um vespertino, publicou, neste vespertino, a carta que o elogia, com um cabeçario elogiando o autor da carta. No referido cabeçario, Florencio diz que Hormindo é um “brilhante espírito da nossa geração”. E fez bem em dizê-lo. Porque na carta Hormindo também lhe chama, a êle, Florencio, “escritor de grande sensibilidade” de “ironia fina”, etc., etc.

Na sua “carta literaria”, Hormindo não se limita a elogiar Florencio. Vae alem; passa uma descompostura em regra nos seus colegas de letras da Bahia. Diz que a Bahia é “um meio intestado pôr literatelhos de valôres duvidosos”.

Vê-se que Hormindo está tiririca com os seus colegas de “letra” da Bahia. Porque? Porque escreveu um livro, publicou, e não recebeu elogios de nenhum dêles. Hormindo tem razão. Então êle, que tem escrito tantos elogios aos seus colegas, publica um livro e não recebe elogios de nenhum?! Que deabo é isto? Onde está a justiça destes homens? Tem razão, Hormindo! Continue a chicotear, com seu “brilhante espírito”, essa cambada que lhe nega elogios! É isto! Muito bem! Chibatêia, sem piedade, esses bandalhos, impostôres, “literatelhos” inuteis e nocivos! Enquanto isto, não se esqueça de ir fazendo suas “cartas literarias” elogiando o Florencio, que lhe chama de “brilhante espírito da nova geração...”

—

Florencio é, está provado, um justo. Recebeu um elogio de Hormindo e fez um elogio a Hormindo. É justo. Compreendeu que se deve dar a Hormindo o que é de Hormindo. Gosto de vêr um homem assim. Reto. Justo. Justíssimo...

Hormindo, na sua descompostura dos outros Hormindos de que é feita a literatura atual da Bahia, escreve coisas que, por uma profundez, escapam á compreensão dos pequenos. Na sua carta literaria ha trechos, cujo sentido não está ao meu alcance. Este, por exemplo:

– “Senão que ela cheirasse a disse-não-disse de frineas baratas e visse meu nome ocupando lôcas mal cheirosas, somente um gesto me inspirou-o de piedade”.

Este profundo trêcho “literario” eu li, reli, tornei a ler e a reler e fiquei no mesmo...

Outro que não pude compreender:

– “Como psicologista, você não perde detalhes, minuncias, tornando-as, talvez por isso mesmo, um talento falho”.

Não pode penetrar ou não me pôde penetrar esta filosofia Hormindiana... Fui impermeavel á sua “filosofia” ou ela o foi a mim!

Elogiando a Florencio. Hormindo transcreve, “exaltando”, um trecho do amigo. O trecho é este: – das pedras que me lançaram na caminhada cheia de asperezas desta vida fez os degraus para a ascensão ao solio divino do meu sonho”. Estas linhas transcritas pelo “critico”, me fizeram pensar... Não em Hormindo ou Florencio. Mas em Tobias Barreto que, por ocasião da sua celebre polemica com Castro Alves, escreveu os seguintes versos:

“Destas pedras que me atiram hei de fazer um altar...”

A carta de Hormindo foi publicada no dia 26 de Abril. No dia seguinte o mesmo vespertino publicava um artigo de Pedro Calmon, sobre a pobreza da imaginação humana...

Coincidencia...

LIOTA

Bahia, maio, 933.

JL4[1933]

CARTA FECHADA

que Liota escreve para Nemesio Lima:

Meu bom Nemesio:

Saúde e outras coisas boas.

Recebi ha dias o primeiro numero de “O Lidador”; e ha pouco o estafeta me entregou o segundo numero do mesmo.

Desde a recepção do primeiro que tenta-mo lhe escrever; mas ainda não me foi possivel fazê-lo. Agora que acabo de passar a vista no segundo, vou tentar lhe fazer uma carta. Dizendo o que? Eis o que está me pondo em dificuldades. Quando recebi o primeiro numero me sentei para lhe escrever mas não pude. Escrever o que? Eis o [†]! Passei a mão pela cabeça, procurando arrancar qualquer coisa, mas só consegui arrancar cabêlos. (Meus cabêlos estão danados caindo. Parece que vou ficar carêca). A minha maior dificuldade estava, (e ainda está...) em arranjar uma resposta para estas perguntas: – A quem dar parabens? A Nemesio? a Jacobina? a ambos?



A resposta a estas perguntas seria a materia da carta. Mas eu não sabia responder. Porque da minha cabeça só saia isto: Mundo Novo está de pezames. Pezames a Mundo Novo. Era só a ideia que me vinha. E, de fato, meu amigo, nossa terra... que dizer?!

Mundo Novo tem morrido muito!

Olhemos para traz: cadê os gremios “Olavo Bilac” e “Mundonovense”?! Morreram: cadê o “Colegio Mundonovense” que Manoel Monteiro fundou?! Morreu, cadê os clubs de futebol que alegravam os domingos de Mundo Novo?! Morreram, e a “Lira”, a nossa “Lira” de tantas horas de vida, de tantas horas de sol?! Morreu! a “Lira” morreu! até a “Lira” morreu! e “Mundo Novo”, aquelle unico sinal de vida que restava em nossa terra?! Também morreu!

Nossa terra morreu! Mundo Novo tornou-se o cemiterio de si mesmo!

—

Meu amigo: Comecei esta carta com a intenção de fazê-la extensa e humoristica. Mas desisto de fazer humorismo. Nem sempre a gente pode rir!

Abraços.

LIOTA

Bahia 21/9/933.

JL16[1933]

A “SOMA”

(Para “O LIDADOR”)

No começo de novembro deste ano, ha um mês, portanto, estiveram entre nós, simultaneamente, duas caravanas de estudantes do sul: uma, carioca; e outra, fluminense.

Não creio que os moços das referidas caravanas tenham gostado dos colegas bahianos. Por muitos motivos...

Vou contar um destes motivos:

No dia 10 de novembro os moços visitantes fizeram uma sessão litero política na A. U. B. (Associação Universitaria da Bahia) Nesta sessão, que tinha o rotulo de fraternidade, houve um incidente que os jornais não quiseram contar...

O Snr. Wilson Carvalho, membro da enbaixada carioca, fez um discurso cheio de palavras bonitas e frases sonoras... Sentindo-se genio, disse o elegante bacharelado: “Eu sinto que sou a minha geração!” E afirmou: — “Eu sou a soma de vocês!” (Este “vocês” se refere a nós outros da nova geração, da geração da “soma”, isto é, da “geração do Snr”. Wilson Carvalho que se diz a “soma”).

Fazendo tal afirmação, o Snr. Wilson Carvalho mostrou até que ponto pode ir o cabotinismo!

Depois desta revelação de super-cabotinismo, veio o contra-senso. Vejamos: no seu longo discurso bonito, o Snr. Wilson Carvalho disse que não é facista, que não é maxista (e xingou o facismo e o maxismo, sem mostrar, em toda sua xingação, nenhum conhecimento daquele nem deste); fez um elogio rasgado ao comunismo, dizendo-se, porem, por falta de coragem de tomar uma atitude, que não é comunista.

Tambem não é, disse, liberal democrata... Conclusão: o Snr. Wilson Carvalho não é nada! E se diz “soma”! Ora, a nova geração não é composta somente de nadas. Nesta nova geração ha integralistas, facistas, maxistas, comunistas, liberalistas e indiferentes, isto é, o nadas. Tudo isto é muita cousa. Cada moco de hoje, cada elemento da nova geração, cada rapaz que tem uma fé, integralista ou comunista, facista ou liberalista, é alguma cousa. E todos estes rapazes que são alguma cousa, não podem ser parcelas de uma “soma” que não é coisa alguma!

Se é verdade, portanto, que o Snr. Wilson Carvalho é uma soma, só pode ser uma soma de zeros.

Pois bem. Esta soma de zeros, que é o pedantíssimo bacharelado Wilson Carvalho, disse, em seu longo discurso palavroso e bombástico, que Plinio Salgado é um confuscionista! Disse-o, porem, sem fazer nenhuma analise do integralismo, sem mostrar confusões que o autorisassem a dize-lo.

Teve a ousadia de dize-lo, mas não teve, não tem, nunca terá autoridade para prova-lo.

Daí, o levante imediato dos integralistas que se achavam na sessão, numa explosão de protestos veementes. “Não apoiado! Não pode! Está errado! Nós o desafiamos para provar o que diz!” Tudo isto, e mais ainda, foi dito ao mesmo tempo, alto, de pé, por todos integralistas que se levantaram como um corpo só! Os protestos inumeros se misturavam num protesto alto, altivo, formidavel, de quasi toda a sala! E deante deste gesto corajoso e digno da mocidade integralista da Bahia, a “soma”, que estava vermelha de entusiasmo, ficou amarela de... espanto.

Presidia a sessão um dos chefes das caravanas; um homem de nome estrambolico, baixo, pançudo, careca, e palavroso. Deante da balburdia causada pela ousadia da “soma”, o careca fez-se nervoso e bateu forte na mesa dizendo que não admitia apartes. Responde então um integralista: “Se o orador tem o direito de insultar, nós temos o direito de repelir o insulto”. E repiliremos!

Mas afinal conseguiram se acalmar os animos. Só então a “soma” retomou a palavra sem mais a ousadia de repetir o insulto. Limitou-se a dizer tolices. De quando em quando os apartes dos integralistas perturbavam a “soma”. Impossibilitada, pela ignorancia, de responder aos partes, a “soma” deu para saltar muitas linhas do seu discurso bonito, abreviando, deste modo, aquele suplício de estar ouvindo apartes sem saber responder!

Se aquela soma não fosse insensata teria saído dali convencidíssima de que perdeu uma ótima oportunidade de ficar calada...

Está aí, queridos leitores, um incidente que os jornais não querem contar...

Muita vez os jornais dizem coisas que não existem... Enquanto muita coisa que existe os jornais não dizem...

EULALIO MOTA

Bahia, 1933.

JL17[1933]

O Integralismo vencerá!

O "Social" de Cachoeira, de 10 do corrente traz em artigo intitulado – "Que confusão!...", assinado por D. M. Mota, sem dedicatória. Mas é dedicado a mim. E é preciso que eu o responda.

Eu nunca fui político. Nunca pertenci a este ou aquele partido. Lanço um repto a quem queira provar o contrário. E nunca fui partidário porque em todo partido eu via os conchavos indecentes, os acordos camaradescos, as lutas vergonhosas pelos cargos, os choques de interesses pessoais, os fuchicos, as rixas, o despudor, a falta de vergonha, e o desinteresse completo pelo Brasil. Os partidos políticos lutam uns contra os outros. E, dentro de cada partido, os "correligionários" vivem se mordendo, cada qual puchando a brasa para a sua sardinha. Por isto eu nunca pertenci a este ou aquele partido. Meu caráter reto e puro não se fez para curvar-se e lamear-se nas porcarias dos politiquinhos. Entre o meu caráter e o caráter dos partidos, há uma diferença do branco para o preto. Era impossível adaptação. Eu, entretanto, moço, cheio do desejo bom de não ser inútil, procurava um caminho para seguir. Foi isto que me levou à leitura dos livros sobre o comunismo. Foi este desejo digno, foi a necessidade psicológica de crer em alguma coisa, de lutar por algum ideal, que me faz viver "sobraçando "Russia" de Maurício de Medeiros e tantas outras obras sobre o assunto". Nos partidos políticos eu nunca encontraria o que procurava. Porque procurava um ideal e nos partidos políticos não há ideal, há interesse de grupos e de indivíduos.

No comunismo encontrei um ideal, porque no comunismo há ideal. Era a primeira vez que eu encontrava um ideal, Natural, portanto, que eu me fizesse escravo dele

Agora, porém, que surge este Sol que é o Integralismo, este movimento formidável que está impolgando toda a mocidade do Brasil: agora, que o Integralismo surge, mostrando com inteligência, com cultura, com filosofia (e não com histórias...) o fracasso completo da Liberal Democracia e os absurdos o ideal comunista, não me era possível "ficar onde estava" Errar é humano. Permanecer no erro, por caprichos pessoais é que não é humano, é estupidez. E a estupidez é própria dos burros. E eu não sou burro. Por isto é que saí para o campo de combate ao comunismo!

Sou integralista por uma questão de inteligência, de sinceridade, de pureza de caráter, de independência de atitude. E pelo o Integralismo lutarei até o fim, com desinteresse na minha própria vida! No Integralismo só há um interesse – o Brasil. O Integralismo há de arrancar o Brasil das garras dos politiquinhos inconscientes! O Integralismo há de salvar o Brasil, custe o que custar.

Se o integralismo não salvar o Brasil o comunismo matará o Brasil. Porque esta Liberal Democracia podre, representada pelos partidos políticos, está agonizante, está no fim. Tem de desaparecer. E alguma coisa tem de aparecer para substituí-la. Se esta alguma coisa não for o Integralismo, será o comunismo. Mas há de ser o Integralismo. Porque o povo brasileiro tem Deus, tem Patria, tem Família. E o comunismo destrói Deus, Patria e Família. E em defesa de Deus, da Patria e da Família todo o Brasileiro se levanta. Há pouco mais de um ano o Integralismo era pensado por uma cabeça e pregado por uma boca. Hoje cento e tantas mil cabeças pensam e cento e tantas mil bocas pregam o Integralismo! Brevemente seremos milhões, seremos todo o Brasil! Porque há de chegar o dia em que o Integralismo há de eliminar os inimigos do Brasil. Repito aqui a frase do chefe provincial Dr. Madeira de Freitas (Mendes Fradique): "As nossas vidas não nos preocupam; e muito menos as dos nossos adversários".

E os nossos adversários, que só nos atacam com graçolas e calúnias, fiquem certos de uma coisa: o integralismo vencerá!

Eulalio Mota

DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, NUCLEO PROVENCIAL DA BAHIA

Bahia, 14/12/933.

JL23[1934]

INTEGRALISMO

"O Social" de Cachoeira tomou a si a tarefa de transcrever todas as colunas, histórias e bobagens que as gazetas da Capital escrevem contra o integralismo.

Agora mesmo, abrindo, por acaso, "O Social" de 20 de janeiro, deparei com qualquer coisa sobre a propaganda do fascismo no estrangeiro. É uma notícia mal feita publicada no "O Imparcial" da Bahia. Vê-se, pela notícia, que quem a escreveu "ouviu cantar o galo mas não soube onde..." E "O Social" que não estende patavina de fascismo, copiou e ampliou a bobagem.

Clareemos o assunto, de modo que fiquem bem á vista os alhos e bagulhos que “O Social”, inconciente, mistura. Durante o periodo de plena anarquia politica, que na Italia, precedeu o regimen fascista, milhares de italianos emigraram para diversos paizes do mundo. Muitos destes italianos se naturalizaram nos paizes em que foram viver. Outros tendiam a seguir a mesma trilha iam esquecendo a gloriosa península.

O sentimento de nacionalidade italiana, ia, pouco a pouco, morrendo no coração dos imigrados. Nace o regimen fascista, que salvou a Italia, livrando-a da anarquia politica, tornando-a unida e forte, fazendo-a voltar ao lugar de grande destaque que sempre mereceu. Esta nova doutrina politica, acordou, reviveu, na alma dos italianos, o sentimento de patriotismo que a caudilhagem politica estava matando. E o imenso Mussoline não quis que essa ressurreição se limitasse aos italianos que vivem na peninsula. Era preciso acordar a Italia na alma de seus filhos ausentes. Daí a propaganda do fascismo italiano no estrangeiro, entre os italianos e só entre os italianos! A propria noticiuzinha mal feita que “O Social” transcreveu diz isto. Vejamos este topico: “No Brasil existem, de acordo com o “Almanacco”, sessenta e tres secretarios federaes dos fascios, para cerca de um milhão e noventa mil italianos. (O grifo é nosso). “Os filiados, que, seja dito de passagem, não representam a maiorida, obedecem á politica de Mussoline. “É o que fazem os secretarios? Propaganda fascista. “E, então os seus compatriotas particularmente procuram exaltar a estirpe e obstar as naturalizações”.

Esse sujeito que escreveu essa noticia é idiota! Então êle queria que um movimento nacionalista italiano, não obtasse naturalizações em outro paiz! Ora vamos ser idiota mas assim é de mais!

Diz ainda o idiota: “Adotado este criterio, imaginemos o que seria um paiz de imigração, como o nosso, com fascios dirigidos de Lisbôa, Berlim, Tokio, Varsovia, e Madrid, numa côra de penetração politica e de manifestações nacionalistas”! Com isto êle quer dizer que: se Portugal, Japão, etc, chegarem a ser governados por um regimen fascista portuguez, fascista japonez, etc., terão que fazer propaganda nacionalista entre os seus respectivos filhos que vivem no estrangeiro, os quaes terão que obedecer aos governos dos seus paizes. E é, por isto, (na sua opinião...) um perigo á vida do paiz migrante, como o Brasil. Seria um perigo, se a propaganda de todos esses nacionalismos se fizesse entre os brasileiros, aos brasileiros: e, ainda mais: se esses fascistas estrangeiros desobedecessem ás nossas leis. Mas não ha isto, absolutamente. A admitirmos como perigo a propaganda do fascismo estrangeiro, entre os estrangeiros, no Brasil, temos que perguntar: que se deve fazer, então, para evitar? Expulsar os estrangeiros? Isto é impraticavel!

Acho absurdo se admitir a hipotese de que a propaganda fascista italiana, entre os italianos, italianise os brasileiros.

Parece que o idiota espando da noticia que “O Social” transcreveu, finge aceitar esta hipotese e por isto faz esta xorda Se o fascismo estrangeiro, no Brasil, é um mal, contra este mal só pode haver um remedio: o fascismo brasileiro.

Infelizmente “O Social” confunde fascismo italiano com integralismo, isto é, com fascismo brasileiro. E a causa desta confusão é muito simples: é que a redação da “O Social” não entende nadam nada, nadinha de fascismo italiano ou brasileiro. Neste assunto a redação de “O Social” é tapadinha da silva. Não vê nada. Anda no escuro. E o resultado de quem anda no escuro é dar topadas como esta.

Mais uma vez “O Social” perdeu otima oportunidade de não transcrever cousa alguma. Antes tivesse transcrito um elogio ao Dr. Getulio Vargas ou ao Cap. Juracy Magalhães ou ao General Flores da Cunha ou ao Dr. Medeiros Netto ou Pacheco de Oliveira ou Lauro Passos... Aliaz, “O Social” não precisa transcrever elogios dessa natureza. Porque em materia de bajular politicos da situação, “O Social” está batendo o recorde...

Eulalio Mota

(Da Ação Integralista Brasileira. Nucleo Provincial da Bahia).

M. Novo, 23/1/934.

JL25[1934]

CARTA DE NINGUEM

(Para “O LIDADOR”)

Domingo. Um domingo comprido, interminavel, ocioso, aborrecido. Você não imagina como é longo e sonolento um domingo no sertão! No relógio os ponteiros se arrastam com preguiça e o sol anda numa vagareza que faz raiva.

Coisa insípida! Naci nos matos, me criei nos matos, mas não ha jeito de achar bôa esta vida do mato. Gosto das grandes cidades. Não sei viver as cidades. Mas gosto de vel-as viver. Minha sensibilidade já está cansada de viver esta “remansosa paz de rustica fazenda”. Para quem já esteja cansado de viver a cidade, talvez este contacto com a natureza seja um grande bem. Mas, para mim, só pode ser um grande bem, uma grande cidade. Sinto necessidade de cidades grandes. O sertão me entedeia, me faz mal.

Estou doente de tedio. Ha mais de um século que amanheceu e nada de anoitecer.

Fumo, leio, ando pelos caminhos olhando os matos, faço tudo para matar o tempo... Ha pouco apanhei um pacote de jornaes velhos, da Capital, e li tudo. Tudo. Até os anuncios. Mais ainda: - até as crônicas literárias dos poetas da Bahia!

Veja você até que ponto leva a gente um sonolento domingo no sertão!

Sol quente. Vento. Numa pimenteira ao oitão da casa, bem perto da sala em que estou, um passarinho me “aperraça”, dizendo: “Sofrê!” “Sofrê!” “Sofrê!”.

Invejo a sorte de um matuto, cuja voz estou ouvindo:

“Meu cavalo tá selado

“E hora d’ eu viaja.

“Peguei na mão da morena

“Ela se pôis a chorá.

“Não chóre, não chóre, meu bem

“Que eu vou mais torno vortá.

“Dá um suspiro por mim.

“Quando por mim se alembra”.

Coisa interessante: estou achando bonita a voz do tabareo. Ha sentimento na sua voz. Dir-se-ia que o felizardo vae mesmo viajar, deixando, por estes matos, alguma cabrocha dengosa...

Tomei da pena para conversar com você, para lhe dizer tolices, para me fazer futil, para me preocupar com qualquer cousa que me fizesse esquecer...

Mas nem isto consigo. Estou butocudo, estou burro, não sei pensar, não sei escrever, não sei fazer nada. Só sei é que vou matar o diabo deste passarinho que continua me aperraçando com o seu grito: “Sofrê!” “Sofrê!” “Sofrê!”.

NINGUEM

11/2/934.

JL26[1934]

CARTA DE NINGUÉM

Quando a gente não tem o que fazer... Hoje abri uma revista literaria da Bahia e li uma porção de crônicas, cada qual mais gosada. Uma delas começa assim: “A Lua brilha magestosamente sobre a cidade adormecida”. Outra: - “Numa agonia horrenda o sol moribundo tinge o poente com um rubro clarão”. Mais outra: “Depois de uma noite calma e fresca, a Aurora, no seu carro igmeo, aparece dissipando as trevas”.

Quando acabei de ler a revista tive uma ideia maluca: fazer-lhe uma carta maluca. Sabe como? Vou-lho contar. Quando eu era rapazola, ai pelos dezessete anos, mais ou menos, ouvi dizer que eu era um rapaz muito inteligente. Esta descoberta me trouxe um contentamento incrível! Sabe o que dei pra fazer? Cartas poeticas... A todos os conhecidos. Nestas cartas havia sempre um “sol moribundo” em uma “tarde morrendo e Febo agonizando...” (Raramente eu escrevia sol quase sempre era Febo) A Lua também era um elemento indispensável. Eu só lhe chamava Diana:- “... e Diana vagava por entre as nuvens...”

A Aurora também se viu ás voltas comigo: A Aurora falava no horizonte...”

Um dia um conhecido me escreveu respondendo uma carta que eu lhe havia feito. Na sua carta o meu amigo me dizia: “Você está muito poeta!” Êta alegria doida, seu mano! Corri ao espelho, olhei a minha cabeça e conclui que meu amigo tinha razão. Dai pra crear cabelos e fazer versus! Arranjei uma namorada e descarreguei-lhe um poema que começava assim:

“É linda a minha menina

“Tem o olhar de uma santa

“E rosada como é bonita

“Linda flor que me encanta.

Minha namorada quase morre de satisfação. Achou que o poema estava uma beleza! E mostrou a todas as amiguinhas.

Um dia um alfaiate foi me pedir uma copia da carta “pra pedido de casamento”. Quando o alfaiate me falou isto, pensei imediatamente na “seta do Cupido” que eu usava nas cartas para a minha Dulcinea. Mas, como eu era modesto, disse ao alfaiate amigo que não podia fazer o que ele pedia porque me faltava inteligência, etc. Aí o alfaiate se desdobrou em elogios a mim. Que eu era “um talento! O futuro de minha terra”. Uma gloria!”

Fiz a copia da carta, com a respectiva “seta do Cupido” A noite não pude dormir, preocupado com o meu “talento”. Cantava-me ao ouvido: “O Senhor é um talento! O futuro de sua terra! Uma gloria”.

Não pude dormir. No dia seguinte escrevi um soneto intitulado “Amor ausente”. Minha namorada estava na fazenda.

Está aí como é uma carta maluca.

NINGUEM

13/2/934.

JL27[1934]

CARTA DE NINGUEM

Passsei a noite toda sonhando com você. Um sonho estapafurdio como, alias, quase todos os sonhos. Sonhei que você era minha esposa. E tinhamos um filho. [Que pesadêlo!] Este tal de nosso filho era burrinho que fazia dó. Já

estava rapazola e não ligava duas ideias. (Se ele não tinha nenhuma, como havia de poder ligar duas!). Mas, eramos ricos, resolvemos aproveitar o menino. Mandamo-l-o para o colégio. Tinha de ser doutor. No colégio o nosso burrinho não aprendia nada. Mas em compensação passava em tudo. Colegas “soprando”, “pescas”, medias decretos, “pistolões”, tudo isto e levava para a frente... Um dia nossa casa ficou em festas para receber o nosso filho doutor. E ele chegou, com um diploma na mala, uma grande pedra verde no dêdo e uma fome canina no estomago. (Comeu por 10. Era um garfo respeitável). Um dos convidados para o almoço do nosso filho doutor, fez um belo discurso sobre o neo-esulapio, salientando, entre outras virtudes de nosso filho, a grandesa de seu talento!

Neste momento você me abraçou chorando de contente... “E eu me desgracei a rir...

Fui rindo, fui rindo, rindo, cada vez mais, passei ás gargalhadas, perdi controle sobre mim... Quando acabei de rir, tudo estava mudado. Os convidados desapareceram. Você também. E o “talentoso Dr. Agnaldo também”. Somente eu fiquei. E agora quem era o doutor era eu. Eu, o ninguém, era doutor. A principio estranhei; achei absurdo um ninguém ser doutor. Depois voltei ao natural, compreendendo que ser doutor é coisa que está ao alcance de qualquer ninguém. Contanto que este qualquer ninguém tenha dinheiro para pagar a Escola... E eu tinha...

Nesta altura do sonho, houve uma segunda metamorfose: Eu já não era doutor, nem rico, nem nada. Era apenas um caxeiro de venda. Empregado no balcão de um negociante de bacalhau, novêlos, brilhantina, “boques de amor” e outras coisas de venda.

O patrão era bom demais. Bonachão. Chega era tólo. Chega era trouxa... Você era mulher do patrão. Bonita como na realidade. E era bôasinha... tão bôazinha! Gostava muito de mim. Muito, mesmo. Acabei ficando socio do patrão.

NINGUEM

12/2/934.

JL32[1934]

CARTA DE NINGUEM

Sonhei... Sonhei... Com que foi que sonhei?! Esqueci. Ah, sim, já me lembro: - não sonhei com cousa alguma. Não foi um sonho. Foi uma lembrança. Uma recordação de qualquer cousa que chegou a deixar ou a quase deixar de ser sonho e que não chegou, propriamente, a ser realidade.

Um romance. Escrevemos as primeiras linhas do primeiro capitulo. Depois... A vida nos separou. Todas as outras paginas de todos os capitulos ficaram em branco...

Ah, meu amigo! Você talvez não saiba o que é recordar o começo de um romance interrompido! Você, como todo mundo, tem um romance na vida... Mas, um romance vivido... E o meu romance não viveu. Também não sei se morreu... Quem sabe se não voltaremos a continuar o romance, a encher as paginas que ficaram em branco? Quem sabe? Ha tantas surpresas, nesta vida! Garanto que você está morrendo de rir de mim! Porque estou romântico, estou passadista, estou ridiculo, a escrever pieguices sentimentaes!

Ria. Quando lhe escrevo faço o possível de dizer qualquer cousa que o faça rir. Hoje essa qualquer cousa foi um pouco do meu coração. O coração dos poetas é ridiculo porque é sincero, porque é sentimental, porque é triste. E eu sou um pouco poeta...

Ria. Continuo a rir. Eu continuo a recordar o meu romance interrompido...

Era uma guria quando a conheci. Tinha onze anos apenas. Linda. Dei-lhe um apelido. Brincava com ela como se brinca com uma creança.

De quando em quando a via. Encontrava-a na rua: - “Como vae “Fessôrinha”?” Um “bem, obrigada”, e um sorriso.

Foi crecendo... Que beleza, nos seus olhos tristes! Uns olhos de ressaca, como os olhos de Capitu! Creceu... Entre nós dois, qualquer coisa que eu não lhe disse, que ela não me disse... e que eu compreendi, e ela compreendeu...

Neste momento do nosso romance a vida nos separou...

Você pensará que estou inventando romance para encher papel de carta? Talvez pense. Ha alguém, entretanto, que se lesse esta carta, não pensaria assim...

Ah, se esta carta pudesse ser lida pelos olhos de “Fessôrinha”.

NINGUEM

17/3/934.

JL34[1934]

CARTA DE NINGUEM

Sonhei que estava surdo. Veja só: -“sonhei que estava surdo! Que coisa incomoda, são menino! Fiquei diferente. Dei pra andar desconfiado.

Só me parecia que todo mundo, quando falava, era me criticando, me xingando, e eu, olhando sem responder, porque não ouvia, ficava com um ar de bobo. Você já notou isto? Todo surdo se torna, pelo menos

aparentemente abobado. Eu me sentia assim. Com um pouco de bôbo e muito de desconfiado. Desconfiava de todo mundo. Principalmente porque me lembrava de um velho que conheci no arraial onde vivi a minha infância toda. Era um velho surdo conhecido por Zé Véio, ou simplesmente Veio.

Havia, numa das estradas que saiam do arraial, uma baixa de areia sóta, onde toda tarde eu brincava com a meninada do meu tempo. Essa baixa de areia era um corredor. (E ainda o é).

O brinquedo da meninada quase que só consistia nisto: fazer montes de areia no meio da estrada, depois subir nas terras do corredor e saltar sobre os montes. Acontecia que toda tarde Zé Véio passava por ali, com seu “pilunga“, de volta da roça. Já andava meio curvu, arrimado ao “pilunga“. Enchergava pouco. Quando apontava na ladeira do corredor, era uma zoadá alegre: “Lá vem Zé Véio! Lá vem o véio!”. E nos preparavamos para a traquinada. Era isto: fazíamos filas, ao longo da estrada, de um lado e de outro. E quando o velho passava pelo meio, a gente, de um em um, dizia, estirando a mão: - “Bêsta, Véio! Bêsta, Véio!” E êle com a mão, num gesto de arcebispo, abençoando, ia passando e dizendo: - “Deus abençõe! Deus abençoe!”

Pobre velhinho! Já deve ter morrido. Deus o abençoe!

NINGUEM

Março, 934.

JL65[1934]

PORQUE O MATERIALISMO E' UM PERIGO

Os materialistas se julgam os unicos sabios do mundo. E, com esta consciencia de “sabedoria”, acham que todos os problemas do Universo estão resolvidos por eles. Não ha problemas. Não ha complexidades. Tudo é simples. A ciencia já provou tudo... Olham a lei da gravitação e acham que Neuton disse tudo, desvendou tudo, explicou tudo... Neuton, em sua lei, limita-se, como todo mundo sabe, a apontar a existencia de um fato: a atração reciproca dos corpos E nada acrescenta sobre o porque dessa atração. Isto não tem importancia para os materialistas...

Porque Deus não existe: – Os materialistas dizem que não admitem hipotesis E como, dizem eles, nunca ninguem provou que Deus existe, conclue-se que Ele é uma hipotese e não a Verdade. Daí os materialistas concluem, depressa, que Deus não existe. Entretanto admitem a existencia do eter, que é uma hipotese, e aceitam a ideia de átomo que é outra. Em Fisica tudo se passa como se o eter existisse. Em Quimica tudo se passa como se o atomo existisse. Conclue-se, por isto, que o eter é uma realidade e o atomo é outra.

No Universo tudo se passa como se Deus existisse.

E os materialistas não concluem que Deus existe... Muito ao contrario...

Negam êles que o Universo seja uma obra de Deus. “Porque” dizem eles, “a ciencia não provou”. E afirmam com Hueckel: – “O mundo existe desde toda a eternidade”.

Quem provou essa afirmativa? Ninguem. Mas os materialistas acham que isto é assim mesmo porque foi Hoeckel quem disse...

No fundo complicado de suas pesquisas psicanalíticas, Freud encontrou qualquer cousa que escapa aos olhos da ciencia, e deu-lhe o nome de complexus. Qual a natureza do complexus? Qual a sua origem? Porque ele existe? Isto é outra coisa que não interessa aos materialistas... Não os impede de dizer, nas suas revistas comunistas, que “a psicanalise matou Deus”.

Inventaram eles uma hipotese sobre a origem da ideia de Deus no homem, e chegaram, com esta hipotese materialista, á conclusão de que Deus não existe.

Baseados nesta lenda é que eles dizem estar provado pela ciencia que Deus não existe... E afirma, solenes: – “o homem não é uma criação de Deus; Deus é que é uma criação do homem..

E o mais interessante é que, depois de afirmarem tantas negações, dclaram os materialistas, do alto de sua “sabedoria”, que “a verdade não existe”... Isto equivale a dizer que todas as suas afirmativas não valem nada... São mentiras... Negam tudo e acabam negando a si mesmos. O materialismo é essencialmente negativo. Caracteristico do fim do seculo XIX. Os atuaes materialistas são creaturas que vivem com “os phantamas do seculo passado”.

Palestrando, ha tempos, com um moço comunista e inteligente, ouvi-lhe isto: “Um sujeito toma um porre, fica bebado, diz bobagens. Para onde vae a alma?”

Meteu' esta coisa em cima de “moi” como sendo um argumento esmagador da existencia da alma... ouvindo-o, limitei-me a sorrir sem lhe responder. Não valia a pena discutir com quem ainda confunde, alma com concim-cerebral...

O mal do materialismo é ser uma filosofia infantil, ao alcance de qualquer mentalidade abaixo de mediocre. Daí o mal, o perigo de alaistrarse envenenando a coletividade. E' por isto que o materialismo é um perigo.

E. DE MIRANDA MOTTA

Itabira de [Djalma Dutra”, 934.

JL67[1934]

DO MEU DIARIO

Itabira, 14 de Outubro de 1934.

Demanhã. Sol quente. Parapatás de patas pela praça. São os eleitores passeando a cavalo. Preparam-se para ir ás urnas de... Pindorama, cumprir aquillo que os políticos chamam “dever de cidadão”. Quem dá seu voto, está cumprindo um dever civico e ajudando a salvar a patria...

Os homens deste arraial e das roças vizinhas, estão se preparando para ir cumprir o dever civico de fazer a sua ajuda na salvação da patria..

De vez em quando chega mais um e se dirige para um determinado ponto onde se aglomeram muitos, afim de seguirem juntos para fazerem uma entrada solene em Pindorama...

A cada um que passa eu acompanho com a vista, perguntando a mi mesmo, cá com os meus botões: – “Porque será que aquelle vae votar? Se a gente lhe perguntar em quem vae votar, não saberá responder. Mas, se se perguntar porque é que vai votar, responderá immediatamente. Por curiosidade tenho feito esta pergunta a diversos e todos me têm respondido. Ainda ha poucos dias um me confessava que ia votar porque estava “percisano de um corte branco”. “Da outra vêis ganhei um sapato e um chapéo; agora, um corte branco: quando hové a outra eu quero uma roupa caque qui tou percisano muito”. E concluo, galhofeiro – “Quando passá a festa tou pronto”.

Outro me disse: “Home eu vou votá pra nan perde minha roça. Porque o patrão já disse – quem nan votá dizocupe o terreno”.

Outro me contou que vae votar porque o chefe lho “sarou” uma ferida e não quis cobrar nada.

Uma eleitora me explicou tambem porque votava: – Não votando, no dia da eleição eu fico no burraio; e votando eu tenho que sair pra votar. E’ um passeio”.

Um eleitor inteligente me disse: – “Eu voto mas não voto”.

– ?

– Por meu gosto não dava meu voto a diabo nenhum. Mas devo muito favor a meu sogro e êle se aproveita disto para me impor. Não posso faltar, vou. Mas quando chegar a hora eu mêto é um papel branco. Quem quizer saber que procure uma escada”.

Outro não muito inteligente me disse que te o titulo: mas não vota: E acrescentou: – Quem quizer ser maior do que eu que suba num touco”.

Agora, que vejo passar esta gente para cumprir o seu “dever de cidadão”, eu me lembro das respostas que me davam ás minhas perguntas e medito: tudo isto somado tem o rotulo bonito de “soberania popular”, “expressão da vontade do povo”, etc, etc... E’ isto o “sufragio univarsal”. A liberal democracia é isto. E’ esta mentira, é esta farsa, é esta bandalheira.

Eleições liberaes – luta de pigmeus. luta de inconsciencias. Quem conta com maior numero de inconsciencias é quem vence. Nestas lutas e interesse material é guia e o cinismo é força.

Como indo isto é revoltante! Como tudo isto é nojento! Como tudo isto repugna ao espírito dos que ainda são puros! Como tudo isto é nauseabundo para nós, moços, que não temos a alma prostituida!

E’ por isto que o integralismo naceu. E’ por isto que o integralismo vencerá, fatalmente, dentro de pouco tempo, para castiigar os exploradores do Brasil, para chicotear os conspiradores da honra de uma Patria!

Brasil! Meu Brasil! A minha geração ouviu a tua voz, sentio a tua dôr! E assumio a responsabilidade do teu futuro!

Os teus filhos moços, os de vergonha, se levantam dispostos a dar a sua vida em defesa da tua vida.

Meu Brasil, escuta! “Ha um rumor de passos” São os [†] mil brasileiros marchando. A’ sombra de uma bandeira da côr do teu céu, vestindo uma camisa da côr do teus campos... Marchando... Para o teu futuro... Cantando anauê...

Eles te salvarão, Brasil! Eles te salvarão! E somente eles. Porque somente eles é que são brasileiros.

Eles te salvarão! Fica certo disto: eles te salvarão!

E. DE MIRANDA MOTA

– Itabira de “Djalma Dutra”, Dezembro, 1934.

JL68[1934]

O Integralismo e seus inimigos

E’ interessante se ouvir a opinião dos inimigos do Integralismo, sobre este movimento formidavel que está conseguindo acordar este paiz ha tantos anos adormecido.

O catolicissimo e cultíssimo Tristão de Ataíde, não vê com bons olhos o Integralismo, porque considera o seu ideal catolico. O ex-integralista Severino Sombra vae alem: considera-o anti-catolico (Quando êle era integralista, ambicionando, ser o Chefe, pensava de outro modo...) Um padre politico no Ceará, fez berreiro contra o “espírito anti-catolico” da doutrina do Sigma (Teve a resposta clara e profunda do camisa-verde Padre Helder Camara.)

Já outros inimigos ao Integralismo pensam o contrario: – acham que o Integralismo é mais do que catolico: é clerical. Não faltando mesmo insensatos para, á falta de argumentos, declarar, sem nenhuma prova, caluniosamente, que o Integralismo é mantido pelo clero.

Uma revista de estudantes comunistas do Rio, firma que o Integralismo é espiritismo mascarado.

Ainda não ouvi a opinião dos nossos inimigos sobre a Ideia Nova com relação ao protestantismo. Mas sou capaz de jurar que algum padeco liberal anda por ai a dizer que o Integralismo está ganhando delares para implantar o protestantismo no Brasil. Para isto, basta saber que já não é pequeno o numero de protestantes que enverga, a camisa verde.

Um burguez capitalista, inquieto com o pensamento nos seus “patacos” “descobrio” que o Integralismo é a mesma coisa do comunismo: devorador do direito de propriedade. Já os salarizados de Moscou procuram, por todos os meios, fazer crer que o Integralismo é uma reação do capitalismo explorador contra o operariado explorado.

Os mocinhos ateus fazem graçolas e dizem que o Integralismo é apenas, “garganta.”

Como nota humoristica, vale apena citar aqui a opinião de um tabareo politico. Este camarada ouviu com atenção, uma palestra Integralista, e em seguida foi para casa, tusindo pelo caminho. Antes de chegar em casa encontrou um grupo de amigos, deu um tapinha na testa e gritou para o grupo:

– Vocês querem saber o que é o Integralismo?

– ?

– E’ istuça do Gêgê! Aquilo é um danado! Inventou esse negoço de Integralismo para enfraquecer a oposição!”

– Dizem tudo que entendem. Agora, provar o que dizem, é que é o brallis. Mas [†] importancia para eles. O essencial é dizer.

Para estabelecer confusão no espirito dos incautos.

Enquanto isto, enquanto os nossos inimigos cultos fazem sofismas e os nossos inimigos bôbos dizem bobagens. a mocidade brasileira compreende o sentido da grande Revolução, e levanta-se, veste-se de verde e marcha, consciente, serena, violenta, de vitoria em vitoria, para a grande Vitoria.

Breve os nossos inimigos saberão o que somos e o que queremos. E não farão mais sofismas. E não dirão mais bobagens. Porque o Brasil Integral será bastante forte para impôr o silencio a todos os cabotinos, a todos os charlatães, a todos os mulos, a todos os inimigos concientes ou inconcientes, de Deus, da Patria e da Familia.

E. de Miranda Mota

Itabira de “Djalma Dultra”.

Dezembro, 934.

JL71[1935]

## INTEGRALISMO

O Destino Misterioso de Plinio Salgado

“O destino misterioso de Plinio Salgado está se realizando. Vamos de agora em diante verificar, que nesse homem de letras, de aparência modesta, de ser distraído e eternamente distante, que nesse esquivo Plinio Salgado, está uma vocação irresistivel de profeta e de homem publico que dominou um ambiente, que venceu a longa sonolencia de um paiz descrente e ignorante dos seus destinos.”

–

“Ha dez anos ou mais que o acompanho. E posso dizer que ele sempre pensou da mesma maneira, que êle sempre sofreu pelo Brasil. Fui testemunha de inumeros insucessos seus, da grande incompreensão que o cercou até hoje, até este instante em que o paiz verificou a sua presença e o sentido da sua missão. Ha dez anos que o vejo sempre o mesmo, sempre coerente, sempre pensando nos problemas do Brasil e vivendo-os tambem. Homem de letras e homem de ação, homem de fé ardente e absoluto esquecimento de si proprio E’ impossivel ficar indiferente (ao s)eu chamado”.

Palavras do escritor patricio Augusto Frederico Schmidt, publicadas em brilhante artigo na “Gazeta de Noticias” do Rio.

–

Os generaes Tasso Fragoso e Barteódo Kilager aderiram ao integralismo.

O semanario “Jornal de Policia”, do Rio publicou, ha pouco, em manchete, as seguintes palavras: – “No Brasil só ha uma cousa seria: a Ação Integralista Brasileira, que não tem partidatismo politico nem sectarismo religioso. E’ uma força; e força destinada a fazer do paiz um Brasil livre, um Brasil dos brasileiros que saibam prezar sua bandeira!

Ha pouco tempo o chefe de policia da Bahia deixou uma portaria proibindo que os militares bahianos se inscrevam no Integralismo. Assim o unico ponto do Brasil onde o militar não tem direito de se declarar integralista è a Bahia.

Consola, porem, o militar bahiano, a certeza que êle tem que seu coração não se modificará por efeito de portarias... E na grande hora não se ouvirá a voz de portarias; se ouvirá a voz do coração.

No Rio de Janeiro o numero de officaes do Exercito inscritos no Integralismo já sobe a mais de 400.



Ao militar bahiano foi expressamente proibido..

“Sancta simplicita”...

E. de Miranda Mota

Itabira, 935

JL75[1935]

PODE!

Eu me orgulho, eu me vanglorio de uma grande e bela qualidade que tenho e que ninguem me pode negar sem cometer injustiça – sinceridade. Eu sou, antes de tudo, um homem sincero. Não sou dos taes que erram e permanecem no erro pelo simples fato de não quererem “dar o braço a torcer”. E é por isto que ontem eu fui comunista e hoje combato o Comunismo. O Integralismo me mostrou, me provou que eu estava errado. E é por isto tambem, é porque sou sincero, que ontem afirmei que o maçon não pode ser integralista e hoje venho dizer que pode.

Chegando á Capital, procurei imediatamente ouvir a palavrado chefe Provincial sobre o assunto.

E o chefe me disse que o maçon pode ser integralista, e me explicou tambem como é que pode.

Neste momento não quero dizer apenas que o maçon pode ser integralista; mas, principalmente, dizer como é que pode.

Conversemos. O maçon brasileiro, antes de ser maçon é brasileiro. E como tal, deve pôr os interesses do Brasil acima dos interesses da Maçonaria.

Assim, quando o maçon brasileiro receber da Maçonaria uma ordem, cujo cumprimento venha ser prejudicial aos principios integralistas deve desobedecer esta ordem a bem do Integralismo, com o que terá cumprido o dever de pôr os interesses da Nação Brasileira, acima dos interesses da sociedade maçônica.

A um maçon que nos procure com desejo de entrar para as nossas fileiras, devemos perguntar: – se, porventura, um dia a Maçonaria determinar que os maçons abandonem ou combatam a ideia de Deus, ou de Patria, ou de Familia, como é que você faz? Obedece, por amor á Maçonaria, ou desobedece, pelo bem do Brasil?

Conforme a resposta, poderemos dizer-lhe se pode ou não ser integralista.

Ha maçons que nos combatem por amor á Maçonaria; e ha outros maçons que lutam conosco pelo bem do Brasil. Estes são maçons brasileiros; aqueles são apenas maçons. Aos maçons brasileiros, dizemos: pode ser integralista; aos apenas maçons, dizemos: não pode.

Aí está a explicação que recebi do chefe Provincial, Dr. Ponciano Junqueira, que é um maçon brasileiro. Cumpro um dever de honestidade enviando esta explicação do chefe aos leitores do “O Lidador” principalmente áqueles que leram o meu artigo intitulado. “Não pode!”

Para terminar, devo dizer que este artigo deveria ser intitulado assim: “Pode e não pode...”

E. DE MIRANDA MOTA.

Bahia, Fevereiro, 935.

JL85[1935]

Da Capital

Comunismo e Integralismo

As duas realidades...

Foi, se não me engano, no mês de Novembro do ano passado, que um politico graúdo, em entrevista a um jornal do Rio disse o seguinte: “As eleições futuras não nos pertencerão” (Referia-se ás eleições dos sucessores do Dr. Getulio e companhia) “As eleições futuras, – dizia o politico graúdo “serão disputadas entre comunistas e integralistas” E concluiu: “No Brasil só ha dois partidos: O Comunismo e o Integralismo; todos os outros têm de desaparecer por falta de raiz”

Para nós, integralistas, como para os comunistas, aquelle politico não disse nada de novo. Porque nós, idealistas, já sabemos demais que os pobres, raquiticos, ridículos partidecos de um regimem defunto estão todos em estado de franca putrefação.. O oleo canforado, que foi a lei de insegurança, já veio, já passou, e nós continuamos e os comunistas continuam... Sim. Porque Comunismo e Integralismo são as duas unicas e fortes realidades do momento.

O Comunismo e o Integralismo naceram ambos dos erros e das dores que nos trouxe a infame liberal democracia, a miseravel política de partidecos, de canalhices, de miserias.

A lei de insegurança não dá geito ás dôres que são a nossa causa, a nossa origem. As dôres continuam. Nós continuamos.

Duas forças, duas realidades serias, caminham, neste momento, para o Futuro: O Comunismo e o Integralismo.

Uma destas duas correntes será dona do Futuro.

São, não faz mal repetir, as duas unicas realidades do momento: Comunismo e Integralismo. Quem, como eu. vio esta Capital ha um ano e vê hoje, não duvida da verdade desta afirmação. Ha um ano eu via, na Faculdade de Medicina, moços detulistas e momoções não getulistas fazendo sessões agitadas com discursos oposicionistas e discursos situacionistas cheios de apoiados e não apoiados de parte a parte. Hoje não se sabe quem é moço

getulista ou não getulista. Não se sabe disto, não se fala, não se comenta. E' assunto morto Absolutamente morto. Hoje, nos meios academicos, o comentario é este: fulano é comunista, sicrano é Integralista. Envez dos nomes graúdos da situação ou da oposição, se cita é a Russia ou o Brasil, Lenine ou Jesus.

Agora mesmo, na Faculdade de Direito, a mocidade está agitada para a nomeação do presidente do "Diretorio Academico." Ha um candidato comunista, apoiado pela corrente dos seus "camaradas"; e ha tambem um candidato integralista, apoiado pela corrente dos seus companheiros e simpatizantes do Integralismo...

Isto que se passa nos meios academicos é um reflexo do que está se passando por fora das Escolas: nas classes comerciaes, proletarias, etc. Ainda cetoro dia um medico não me sabendo integralista, disse-me: "O Integralismo defende três mentiras: Deus, Patria e Familia" Dois dias depois, outro medico me dizia: "Ai de nossos filhos e, principalmente, de nossas filhas, se o Integralismo não vencer!"

São as duas realidades que se chocam!

Até mesmo entre os politicos grandes já se começa a notar a presença das duas realidades. Não faz muitos dias que o Snr. João Neves, em entrevista á imprensa do Rio disse que "Plinio Salgado é muito inteligente, muito culto e muito modesto" E terminou dizendo que admira profundamente o Integralismo. E "A Tarde" de ontem publica uma entrevista do Sr. Aluisio Filho, á imprensa tambem do Rio, na qual diz este politico que o Comunismo "tem muita coisa boa".

(Os paes de familia, os sertanejos que têm filhas e deram voto a este politico, tomem nota disto.)

Hoje pela manhã, houve na Escola de Direito, um atrito entre os moços comunistas e os integralistas. A intervenção de terceiros evitou, ou adiou, consequencias talvez graves.

Estes atritos continuarão. Continuarão até o dia em que ficar decidida a salvação ou a desgraça da Familia Brasileira.

Eulalio de Miranda Motta.

Bahia, 10, 4, 935.

JL96[1935]

Fatos e não palavras

Que o Publico, veja esta serie de fatos: –

a) – Todos os conhecidos comunistas da Bahia como de todo o Brasil estão inscritos na Aliança "Nacional" Libertadora.

b) – O chefe da Aliança, Luiz Carlos Prestes, disse ha pouco, em carta á Aliança, publicada em inumeros jornaes, que êle Carlos Prestes é comunista, e que a proclamação do seu nome nos commicios da Aliança, é uma prova da ideia comunista na Aliança.

c) – Nas sessões da Aliança, ha aplausos demorados toda vez que um orador faz reverencia á Russia.

d) – As sessões da Aliança são frequentadissimas pelos judeus, inimigos do christianismo.

No Sul do Paiz, muitos postos de chefia da Aliança estão em mãos dos judeos.

e) – Ha pouco tempo se liam nos jornaes noticias de conflitos entre integralistas e comunistas. Atualmente o noticiario dos jornaes nos fala de conflitos entre integralistas e aliancistas. Quem eram os personagens que ontem faziam conflitos com o nome de comunistas? Os mesmos que hoje fazem conflitos com o nome de aliancistas.

Agora uma pergunta: – Se os aliancistas não são os comunistas, onde estão os comunistas do Brasil?

Meus senhores: – E' deante destes e muitos outros fatos, que se apresenta o Dr. Edgard Mata com programas hipoteticos, procurando convencer o Publico de que a Aliança não é comunismo!

Pensará o Dr. Edgard Mata que o Publico brasileiro é um aglomerado de idiotas?

Eulalio de Miranda Motta.

Bahia, 25–6–935.

## **JORNAL O SERRINHENSE**

JS1[1950]

Sardinhas Humanas...

EULALIO MOTA

Ha dois anos e meses estive em Serrinha e fiquei impressionado com uma coisa que vi, uma coisa muito seria, da qual já ouvira falar mas nunca tinha visto: – a arribada dos nordestinos para as terras do sul. Caminhões e caminhões, repletos, a passar em Serrinha a caminho do sul, quase sempre em busca da lavoura de São Paulo. Caboclos da Paraíba, do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Alagôas... e da nossa Bahia que está ficando deserta em seus campos.

Ha mais de dois anos estive em Serrinha, e assisti, assombrado, aquela arribada do nordeste... Homens, mulheres, crianças ensardinhando-se em caminhões horriveis de calôr e poeira... Isto, amigos, reparem bem: Ha mais de dois anos. Agora estive em Serrinha e verifiquei, espantado, que o drama continúa! Os caminhões continuam a passar carregando o nordeste, ou melhor, a vida do nordeste... O nordeste está morrendo... As

consequencias economicas, sociais, politicas, etc., dessa espantosa retirada, são de proporções imprevisíveis. Os estudiosos dos problemas brasileiros se preocupam; os jornais escrevem; os comentaristas comentam... Mas uma solução concreta e fecunda não aparece... E pelas ruas de Serrinha continuam a passar caminhões e mais caminhões carregando a vida do nordeste para as plagas do sul.

No sul, novos ambientes, novas relações, contacto com colonos estrangeiros, com ideias e costumes diferentes... E a preocupação de ganhar dinheiro, de ficar rico depressa, crescendo nas almas onde o amor à terra vai sendo esquecido, pouco a pouco... E as cartas para os parentes que ficaram, contando faturas... E os que ficaram começam a sonhar... E novas trouxas se arrumam... Brungunços vão sendo vendidos... A leitôa de fulana, as cabras de cicrana, as galinhas, a maquina de costura... E as lotações dos caminhões se completando...

E pelas ruas de Serrinha, continuam a rodar as caixas de sardinhas humanas, a caminho do sul... Até quando? E depois? São problemas que não preocupam os nossos politicos... porque vivem muito atarefados com outros problemas: quem é que vai subir... quem é que vai descer... Sucessão... etc...

“Brasil! Brasil! Onde é que vais parar?”

Mas um novo sul põe sinais de aurora no horizonte... Não é hora de desespero. É hora de luta e de esperança...

JS2[1950]

#### CONVERSÃO

Para “O SERRINHENSE”

Um companheiro jovem, estudioso, inteligente, estudante da geração atual dos 20 anos de idade, esteve me contando como, faz pouco tempo, deixou o maritainismo, ingressando no Integralismo. Era ele, disse, um anti-integralista exaltado. Achava que o Integralismo era totalitarismo, era neo-fascismo, era ameaça às legítimas liberdades humanas, era, em suma, tudo o que não é e nunca foi: era tudo o que constitui precisamente aquilo que ele, o Integralismo, combate. Mas o Integralismo, não é apenas uma doutrina de combate aos totalitarismos, inclusive o mais disfarçado, o pai dos outros, isto é, o liberalismo; o Integralismo é, principalmente, uma doutrina afirmativa: afirmação de um conceito do Universo do qual decorre o conceito de política. Afirmação de origem e finalidade do Homem, e uma consequente ação político-social em harmonia com aquela origem e aquela finalidade. Mas não desviemos. Voltemos ao jovem companheiro, ao ex-maritainista: Contou-me ele que, dado o conceito que tinha do Integralismo, conceito colhido na sua associação religiosa, onde expressiva maioria se compõe de maritainistas, combatia, sempre que surgia qualquer oportunidade, o Integralismo e, conseqüentemente, o partido cujo programa se inspira na doutrina do Sigma. Foi num desses momentos, em uma dessas oportunidades que surgiu o motivo, a circunstancia que o faria cair em si: encontrando-se com um conhecido amigo seu, filiado ao PRP, entra em bate-papo sobre assuntos diversos e falam de política. Foi então que ele se declarou ao amigo contra o PRP, explicando que, como catolico praticante, não poderia admitir um partido que se baseia em uma doutrina totalitaria como o Integralismo. O amigo, então, lhe fez a seguinte pergunta: – “Diga-me uma coisa: esta sua afirmação de que o Integralismo é doutrina totalitaria, é uma conclusão sua, de estudos feitos por você, da Doutrina Integralista, ou você está apenas repetindo conceitos de outros que talvez nunca tenham estudado a Doutrina?” A esta pergunta respondeu que, de fato, um estudo direto da Doutrina nunca havia feito, estava apenas repetindo conceitos de alguns professores e colegas maritainistas. Que, entretanto, prometia estudar, a partir daquele momento, a Doutrina Integralista. O populista respondeu que era a unica coisa que tinha a lhe pedir: que estudasse, conhecesse, julgasse. E lhe indicou os documentos basicos do Integralismo: do “Manifesto de Outubro” a “O Integralismo Brasileiro perante a Nação”.

Tempos depois entrava um jovem na Sede do Partido de Representação Popular, pedindo uma ficha para se inscrever no Partido.

Mundo Novo, Março 950

Eulalia Mota

JS3[1950]

“ELE VOLTARÁ!”

EULALIO MOTA

E voltou mesmo. Quero referir-me a “O Serrinhense”, agora que estou recebendo o primeiro numero de sua nova fase. “E já voltou tarde”, dirão os mais entusiastas pela gazetinha gostosa. Sim: ha um jeitinho leve e picante de dizer as coisas; ha um quê de suave, de claro, de bom, de tal forma, nas colunas de “O Serrinhense”, que a gente, querendo fazer-lhe uma sintese, não acha outra expressão senão esta: gazetinha gostosa. Vejam, por exemplo, aquela secção do “Xuxú branco” e verifiquem senão é cabível a expressão, o qualificativo.

Muito antes de conhecer a Serrinha e o Braulio, conheci “O Serrinhense”. E foi por intermedio da gazetinha que comecei a conhecer e a querer bem a Serrinha. Uma gazetinha, assim, bem composta e bem escrita, com beleza de corpo e graça de espirito, não é apenas a voz do povo da terra, é, tambem, uma carta de recomendação. E quando se diz carta de recomendação, está-se referindo, no caso de “O Serrinhense”, á bôa recomendação de Serrinha.

Acredito que todo serrinhense sinta bem, tenha satisfação com a existencia de “O Serrinhense”. Todo filho de Serrinha: mesmo aqueles que não pertençam a correntes politicas que não estejam no campo onde atua “O Serrinhense”. Mesmo estes. Porque o bem querer á terra deve estar acima das malquerenças e azedumes partidarios.

Certa vez, viajando na Leste, (de que Deus me livre e guarde!), quando o “chefe” gritou: “SERRINHA!”, corri à janela, com curiosidade e interesse. Ainda não conhecia Serrinha. Porque aquela curiosidade e interesse? Por isto: queria ver a cara da cidade que eu já conhecia e admirava pelas colunas de “O Serrinhense”.

Serrinha: você está de parabens, com a volta de sua gazeta, com a circulação novamente de sua carta de bôa recomendação. Tome a serio a tarefa de não permitir que “O Serrinhense” venha a tornar interromper a sua circulação. Tal interrupção faria mal a você, principalmente agora que você vai ter colegio, magnifico presente do talento e do amôr de um filho seu. Ruben Nogueira lhe deu um Colegio; Braulio Franco lhe dá uma gazeta. Peça a Deus, Serrinha, graças especiais para estes dois filhos seus; afim de que você possa continuar, tempos a fóra, com o seu colegio e a sua gazeta, fazendo com a graça de Deus, a alegria, a cultura, a felicidade de seu filhos.

É o que lhe desejo, Serrinha, de todo o coração.

JS4[1950]

UMA VAGA

Para “O Serrinhense”

Poucas horas depois de ter escrito aquela cronica da semana passada – Conversão – na qual contava, sucintamente, como um jovem inteligente e honesto deixou o maritainismo, ingressando no Integralismo, recebi a correspondencia da cidade, (estou estes dias na fazenda), com o numero 185 de “Idade Nova”. Este numero de “Idade Nova” traz um artigo de Helio Rocha que se relaciona com o assunto daquela minha cronica supra-referida. No seu artigo intitulado “Os que beberam na fonte original”, Helio Rocha não se refere, propriamente ao maritainismo, mas se reporta, “de cum força” ao maioral do maritainismo no Brasil, que é o ex-lider católico Tristão de Atahide, o qual se assina tambem com outro nome: Alceu de Amoroso Lima.

Tristão de Atahide foi um dos três grandes no altar da minha admiração. Meu “big three” se compunha de Leonel Franca, Plinio Salgado e Tristão de Atahide. Este ultimo caíu. Mas os seus livros anteriores à queda continuarão em minha estante para serem relidos com proveito. Não me privarei de “O Problema da Burguezia”, “Debates Pedagogicos,” “Politica,” “A Igreja e o Novo Mundo,” “Mitos de nosso tempo,” etc., etc.

Assisti, espantado, a queda de Tristão. Nunca tive coragem de escrever uma linha sobre o assunto. E’ duro atirar pedras sobre quem já mereceu tantas flôres de tão grande e tão justa admiração. E ainda agora leio, com insopitavel amargura, as palavras de Helio Rocha, afirmando, infelizmente com fundamento, que o meu grande Tristão do passado está hoje reduzido a um mero detratôr vulgar. E me pergunto: que é que se passa no espirito daquele grande homem? Como é que se consegue ser pigmeu depois de ter sido gigante? Lembro que, em uma de suas paginas, ele nos falou, uma vez, dos mistérios da iniquidade. E penso na sua duplicidade de atitude: ora, apologista do Integralismo, ora detratôr e caluniador do Integralismo; ora, lider da Igreja que excomungou o comunismo; ora, lider do maritainismo que prega a mão estendida aos comunistas. Duplicidade de atitudes, duplicidade de nomes... Não haverá algum profundo e recondito motivo psicologico que explique o “fato dessa preferencia pelo uso de dois nomes? “Misterias da iniquidade...”

Ha uma vaga no meu “big three.”

EULALIO MOTA

Março, 950

JS5[1950]

DETEFON

Para “O Serrinhense”

Ha os que não são bonecos de fóle. Isto é, ha os que não acusam de fascistas, de neo-fascistas, de totalitarios, e não são ignorantes. Sabem o que é fascismo e sabem que Integralismo nunca foi e não é fascismo. Sabem, tambem, que ha certas aparencias que podem ser manejadas no sentido de convencer os incautos, de que nós, integralistas somos precisamente aquilo que, realmente, combatemos. Sim: ha os que repetem as cantigas de bonecos de fole e não são bonecos de fole. São, simplesmente, coisa muito pior. Dentro da familia catolica estão usando uma capa chamada maritainismo. Passam telegramas de solidariedade aos “republicanos hespanhois,” isto é, aos incendiarios de igrejas e assassinos de padres e freiras. Protestam contra a cassação de registro do P.C.B. e contra a cassação consequente dos mandatos vermelhos Têm rancôr ao Integralismo tanto quanto os seus amigos vermelhos.

Combatem o comunismo e, sob o pretexto de que os comunistas não são o comunismo, pregam a cooperação com os comunistas. Nisto precisamente está a originalidade e o perigo do maritainismo: que, com o combate ao Comunismo, a camuflagem da mão-estendida é perfeita! Trajados de anti-comunismo teorico, combatendo a Doutrina Comunista e pregando a cooperação com os comunistas, os maritainistas vão vivendo sem o incomodo

da condenação da Igreja. Mas é ilusão pensar que se possa enganar a Igreja indefinidamente. A Igreja não engana e nem se deixa enganar. Mais dia menos dia, a casca marron do cupim será quebrada e os cupins e seus estragos serão expostos. Isto é tão certo como 2 com 2 são 4.

Aguardemos. E... Detefon nêles!

EULALIO MOTA

abril, 950

JS6[1950]

Teoria e Realidade

Para "O Serinhense"

Demos a palavra a mestre Jacques Maritain: – "Pode-se, enfim, – diz ele – compreender que os comunistas não são o comunismo e que adquiriram inequivocamente, à custa do sangue vertido pela liberdade comum, o direito de estar presentes ao trabalho de reconstrução como companheiros de combate, mas recusar ao mesmo tempo toda frente politica unica, toda regimentação e toda submissão às manobras do partido."

Agora tenha a palavra um homem que, hoje mais do que nunca, é, realmente, um tristão. "E a liberdade, – diz o tristão – tem de ser precisamente o fruto de uma democracia social realmente introduzida e vivida na sociedade ocidental do após-guerra, na convivencia social entre Catolicos, Cristãos não catolicos, Liberais, Socialistas, Comunistas e indiferentes."

O ex-lider catolico diria que a democracia social deve ser o fruto do conceito cristão de Liberdade, "realmente introduzido e vivido na sociedade". Assim diria o ex-lider catolico... mas o maritainista-detratôr-mór inverte a ordem natural das coisas. A ordem dos valores, no espirito desses homens, anda de pernas para o ar...

Voltemos aos topicos transcritos: Teoricamente Maritain tem razão: encarados no papel, na filosofia, na psicologia e, até, na fisiologia, os comunistas não são o comunismo. Mas, quando saímos do papel e encaramos a vida como ela é, como ela esta sendo, o que verificamos é que onde está o comunista entra em ação o comunismo. Consequentemente: onde está o comunista, está o comunismo. Quem não quizer cooperar com o comunismo precisa não cooperar com o comunista. Os exemplos da Romania e de todos os paizes satelites e de outros como a Italia e a França, aí estão a mostrar a verdade desta afirmação, com uma evidencia tal que só cego ou doido não pode ver! E é isto que esses malucos do maritainismo não querem ver!

abril, 950

EULALIO MOTTA

JS7[1950]

TRABALHISMO

Para "O Serrinhense"

Um quememista entusiasta e amigo me emprestou uma revista: o numero 2 da "Revista Trabalhista". Até aqui eu só conhecia o trabalhismo petebista puramente demagogico. Com a leitura desta revista entro em contacto com trabalhistas que não são meros fanaticos embebedados de prejudicial e ridiculo messianismo. Ha petebistas que são meros fanaticos e nada mais; são expressões de velha doença nacional: – o messianismo das massas ignaras; e ha os que se fazem de fanaticos para tirar partido do "negocio": estes são os usufrutuarios daqueles. Antes da leitura desta revista, só conhecia estas duas classes de trabalhistas. (A palavra trabalhista, neste comentario, se refere somente aos trabalhistas do PTB e não de outros partidos, tambem trabalhistas, como o POT, etc.) Agora começo a conhecer outra classe de trabalhistas, a mais interessante, embora, talvez ou certamente a menor: a dos que pensam e se preocupam com o vazio de um trabalhismo puramente demagogico; e procuram algo de mais solido do que a figura do Snr. Getulio Vargas. Procuram um sentido, um porque. Buscam um ponto de apoio que não seja apenas um homem, que está vivo hoje e que, com toda e absoluta certeza, estará morto amanhã. No dia que a morte entender de levar o velho, podem os quememistas berrar à vontade o seu "queremos Getulio"! A velhinha magrissima, com aquele riso fantastico, levará o homem. E, então, se fôr ele, e somente ele, o alicerce do trabalhismo petebista, adeus, PTB! Esta realidade núa e crúa está preocupando os homens exponenciais do petebismo indigena. E Esta preocupação os põe em estado de vigilancia e de procura. Concientes do perigo do messianismo personificado no Snr. Getulio que passará, buscam a pedra firme de uma Ideia que não passe ou, pelo menos, não passe tão depressa. Noutras palavras: querem transformar o petebismo-demagogia com petebismo-politica. Porque um partido que se apoie apenas no prestigio de um homem, não é partido politico, é aglomerado demagogico e efemero. Partido politico é o que se baseia num conceito politico que, por sua vez, ou decorre de um conceito do Homem ou não é conceito politico. Sem esta base, sem este ponto de apoio, os programas partidarios teem o valor de um talão de cheque assinado e carregado de cifras bonitas, mas... sem lastros nos bancos. E os partidos assim constituídos não passam de aglomerados heterogeneos e amôrfos, facilmente exploraveis por espertalhões, cavadôres, cinicos.

Os homens exponenciais do PTB procuram, honestamente, seriamente, um sentido, um conceito, uma Ideia que sirva de pedra de alicerce ao seu partido. Nesta procura, teem momentos, expressões, atitudes, que merecem meus aplausos integralistas. E os têm, tambem, que merecem meu repudio. Vejamos, para não deixar sem

citação, um trecho do comentario da revista, às diretrizes do PTB: “O partido vivia e ainda continúa praticamente vivendo do prestígio de seu chefe.” A coragem de dizer verdade assim é um belo e bom sinal. Ha, entretanto, um sinal de suicidio nesta fase embrionaria do pensamento petebista; a sua tendencia ao socialismo. Socialismo, é ideia materialista superada, é passadismo, é defunto. E o futuro pertencerá aos vivos e não aos mortos. Que os nossos petebistas saibam libertar-se da tendencia suicida. E a Fonte Unica da Unica Sabedoria os ilumine e os encaminhe para o bem do Brasil.

Mundo Novo, maio de 1950.

EULALIO MOTTA

JS8[1950]

DUAS NOTICIAS

Para “O Serrinhense”

Em “O Serrinhense” de 20-5-950, na coluna “Choques e Cheques”, João do Mato mexeu com um assunto que precisa ser mexido. Refiro-me à falta de proteção aos criadores de gado vacum.

Para que haja abundancia de frutos, o logico é que se proteja a arvore que os produz. Com o comercio de carne no Brasil, principalmente na Bahia, tem acontecido precisamente o contrario: protegem os vendedores dos frutos e perseguem os cultivadores da arvore. Soltadores e recriadores teem tido as facilidades do credito. Aos criadores, não somente se recusa o credito, mas ainda se lhes faz perseguição com a estúpida medida de proibição de matança das vacas. Esta medida aparentemente util, é apenas estúpida e provavelmente inconstitucional. É apenas estúpida porque desvaloriza a mercadoria que se pretende valorizar. Com efeito: sendo proibida a matança das vacas e não sendo facilitado o credito ao dono delas, o que se faz é apenas criar situações dificilimas aos pequenos criadores que, nas suas necessidades, se desapertam lançando mão das vacas de que dispõem. Comumente os pequenos e grandes criadores todo o ano fazem a “poda” de seus rebanhos vendendo as vacas mais velhas e as novas “más criadeiras” e estereis. Com tal medida renovam e melhoram os seus rebanhos e aliviam as suas aperturas. Chegam os senhores maiorais e pegam na pena e dizem: “Está proibido este negocio! Vocês se arrumem como poderem!”

Com tão estúpida medida posta em pratica, ninguém deseja aumentar o numero de vacas, nem tão pouco deixar qualquer outra atividade do campo para se tornar criador. Quem é pateta para querer negociar com uma mercadoria indesejavel pela desvalorização que sofre, com a absurda restrição de liberdade do dono que passa a ser fiscalizado, espiado, denunciado por desafetos, com justiça ou sem justiça, de estar vendendo sua mercadoria para finalidades proibidas?!

Meu caro João do Mato: sobre o assunto em fóco tenho duas noticias a lhe dar. Primeira: li nos jornais que, mais uma vez, os criadores estão ameaçados de sofrer as penurias do regime de proibição de matança de vacas; segunda: – o gerente local do Banco do Brasil, o serrinhense Luiz Nogueira, me afirmou que, brevemente, o Banco fará emprestimos aos criadores com base na produção, isto é, fará emprestimos equivalentes a 70% dos bezerros recém-apartados. Assim haverá interesse por parte do criador em aumentar o numero de bezerros para ampliar o seu credito: nestas condições, a não matança das vacas uteis estará garantida sem constrangimentos e vexames para o criador. O que os responsaveis devem visar é isto: um meio de garantir a não matança das vacas, sem imposições totalitarias aos criadores. A ideia do Banco é um sinal, um marco no rumo que deve ser seguido. Aí estão, meu caro João do Mato, duas noticias opostas: uma absurda e outra sensata. Não nos espantemos se ficar de pé a primeira e não se realizar a segunda. E façamos os nossos votos para que aconteça o contrario. Amen.

M. Novo, Maio 1950.

EULÁLIO MOTTA

JS9[1950]

RETIFIQUE-SE

Para “O Serrinhense”

Em o seu numero de 1º do corrente, 2ª pagina, “A Tarde”, comentando a politica bahiana, ou melhor, a convenção do PSD, tem, no seu comentario, uma expressão que me parece deve ser retificada. Referindo-se á candidatura do Snr. Valadares, diz “A Tarde” que estava assegurado o apoio dos autonomistas e dos ex-integralistas. É esta expressão que deve ser retificada. Porque, na verdade, nós, do Partido de Representação Popular, não somos ex-integralistas, somos INTEGRALISTAS.

Houve tempo em que ouviamos a expressão referida sem protestarmos: dada a incompreensão existente, estabelecendo a confusão entre o Integralismo e Ação Integralista Brasileira, deixavamos passar a expressão como se referindo à extinta Ação Integralista e não ao Integralismo. Mas nós, integralistas, não devemos permitir que a confusão perdure. E assim devemos esclarecer, repetindo, sem cessar de repetir, a verdade que, por motivos varios, muitos continuam a ignorar. E a verdade é esta: – o Integralismo Brasileiro é um conceito de Estado com fundamento em um conceito do Homem e da Vida. Ação Integralista Brasileira foi um partido que pregava o corporativismo e adotava o conceito politico-social chamado Integralismo Brasileiro. O Partido de

Representação Popular é um partido não corporativista e que, como a Ação Integralista Brasileira, adota como fundamento básico de seu programa, o conceito chamado Integralismo Brasileiro.

Noutras palavras: o Integralismo é substância. A A.I.B. e o PRP são formas diferentes da mesma substância. A variedade de circunstâncias de cada momento histórico, deve corresponder variedade de formas. Variedade de formas invariabilidade de conceito, de acordo com a filosofia integralista que mostra, no Homem, verdades permanentes e verdades transitórias. No homem pré-histórico, no homem medieval, no homem moderno; no homem de todos os séculos e de todas as raças e civilizações, existe o Homem, o Homem Eterno.

Assim, sob o ponto de vista partidário, somos populistas; sob o ponto de vista da filosofia político-social adotada como fundamento e norma de nossas ações e aspirações, somos integralistas. Retifique-se, pois, a expressão de “A Tarde”. Retifique-se, principalmente, porque não corresponde à verdade. Porque, na verdade, convém repetir nós, do PRP, não somos ex-integralistas, SOMOS INTEGRALISTAS. E com justo e honesto orgulho de ser. Quem se orgulha de estar com a Verdade, vive a alegria de um orgulho que não é pecado. Esta é a nossa alegria. Alegria que ninguém neste mundo nos pode tirar.

Junho de 1950,

EULALIO MOTTA

JS10[1950]

POLITICA BAHIANA

Para “O Serrinhense”

Lançada, afinal, a candidatura do PSD a governador do Estado. Pelo PSD e não por coligação. Uma coligação em torno de princípios ou de programas com fundamento em princípios, é quase sempre possível e útil. Quando porém grupos se reúnem para harmonizar apenas interesses, mesmo honrosos, mas sem fundamento em princípios, é quase sempre inútil tentativa. Foi o que aconteceu com a coligação bahiana. O natural e razoável seria o que está sendo: os dois partidos maiores lançam os seus candidatos. Cada um dos partidos menores toma, então, posição: a favor de um ou de outro; ou a favor de um candidato próprio; ou, ainda, a favor de neutralidade perante os candidatos lançados, ficando cada membro do partido livre para votar em quem quiser. Esta atitude é que eu escolheria para meu partido. Em cada município os companheiros ficariam livres para tomar posição de acordo com as realidades locais, as realidades municipais. Assim, em cada município o Partido tiraria o máximo de vantagens eleitorais sem quebra dos princípios básicos que o definem e o norteiam. Desta forma, a soma de vantagens em todos os municípios daria um total magnífico, sem constrangimento à vontade de cada um e em harmonia com a variedade de realidades municipais. Sabemos que, na sua maioria, as nossas relações amistosas são com o PSD. Sabemos, entretanto, que há exceções agudas. No caso de um apoio do PRP a qualquer dos candidatos dos partidos maiores, haverá constrangimentos dolorosos sobre os companheiros em cujos municípios a realidade seja inversa. Esta questão, alias, é de exclusividade da Convenção. Evitemos, portanto, qualquer apriorismo indevido.

Se uma função, uma atitude, uma deliberação, é, por força estatutária, exclusividade de A, ninguém deve exercer tal função a não ser que tenha, para tanto, delegação expressa de A. Pois do contrário seria criar “fato consumado”, restringindo assim a função de A a debates de “fato consumado”.

O exemplo admirável de Plínio Salgado, não criando “fato consumado” para debates da convenção nacional, deve ser imitado por todos nós. O Integralismo é a mais formidável escola de Democracia que já se abriu no Brasil. Nos momentos tumultuosos de política eleitoral não devemos perder de vista esta verdade fundamental.

Junho de 1950

EULALIO MOTTA

JS11[1950]

“MEIA LIBRA”

Para “O Serrinhense”

Presado leitor desta coluna. Você vai permitir que lhe faça uma suposição grosseira. Agente firme: vamos supor que alguém tenha dito e espalhado que você é, digamos, ladrão de cavalo. Você, que nunca furtou nem galinha, quanto mais cavalo, não recebe a calúnia passivamente: protesta e entra em ação, provando, em juízo, que a acusação é absurda e caluniosa. Além das provas cento por cento a seu favor, em juízo, o Padre local tem palavras de justiça ao seu caráter e à sua boa conduta. Além do juiz e do padre, sociedades de homens respeitáveis o procuram para finalidades sociais atestando, assim, a confiança integral que você continua merecendo de todos os homens honestos. Você escreve e fala mostrando a pureza de suas ideias e de suas ações. Nenhum sinal existe de prova em contrário. O acusador, que tinha a obrigação de provar o crime acusado, não se encomoda com este dever ao qual não pode ser indiferente qualquer acusador que ainda possua pelo menos um resto daquilo que se chama brio, vergonha, dignidade.

Pois bem: suponhamos que, depois de tantas provas a seu favor, o acusador saía pelo mundo repetindo que você é ladrão de cavalo! Neste caso, que classificação merece tal acusador? Você dirá, e dirá bem: “ne nhuma porque está a baixo de qualquer classificação.”

Agora, amigo, pense na acusação de fascistas que individuos sem carater lançaram sobre os integralistas; e pense nos juisos honrosos expressos por cerca de duas dezenas de Bispos a favor da Doutrina de Plinio Salgado; e veja a unanimidade dos Juizes do Supremo Tribunal Eleitoral com o seu 6 a zero a favor dos integralistas; depois leia a repetição da calunia feita por um João Mangabeira e conclua se os Joões Mangabeiras merecem alguma classificação. A negativa se impõe com força de logica.

No tempo cada vez mais remoto de minha infancia, havia no meu arraial, uma preta velha bôa que vivia honestamente de seu tarbalho de doceira, vendendo “brevidade” e “pé de muleque”. Aquela prêta honesta, aquela prêta de alma branca costumava dizer que “a vergonha que Deus deixou neste mundo era só meia libra e por isto tanta gente ficou sem ela.” “Era só meia libra!”

MAIO, 1950.

EULALIO MOTTA

JS12[1950]

CAVALO DE BATALHA

Para “O Serrinhense”

É incrível o cavalo de batalha que estão fazendo com a candidatura do sr. Getúlio Vargas.

Os sofismas juridicos de que estão querendo lançar mão para atingir o candidato do PTB não atingiriam a s. excia. e sim a esta mesma democracia que se pretende defender. Os acusadores da ilegitimidade ou irregistrabilidade da candidatura do ex-ditador, o que estão demonstrando é mais pavôr do que amor à democracia. Houve um desses ‘juristas’ de radio e de gazeta que afirmou ser o sr. Getúlio Vargas registravel para senador, deputado, etc.; não, porem, para a presidencia da Republica.

Um bôa vida, Assis Chateaubriand, já julgou conveniente estender essa democracia proibitiva ao Presidente do PRP, que ele coloca, juntamente com o sr. Vargas, em pé de igualdade com o traidor do Brasil a serviço de Moscou. Do alto de seus tamancos o bôa vida Chateaubriand achou que devia ensinar e orientar os juizes do Supremo Tribunal Eleitoral, sobre o que deve ser e o que não deve ser registrado. Parece que esse incontestavelmente talentoso bôa vida perdeu excelente oportunidade de ficar calado.

De certo tempo a esta parte o fecundo jornalista vem se preocupando muito com o nome de Plinio Salgado. Sinal evidente de que os seus patrões do super-capitalismo internacional não estão nada satisfeitos com o formidavel crescimento do PRP. Mas uma coisa é absolutamente certa: a “jurisprudencia” desses “bôas vidas” não deterá a nossa marcha. Os juizes supremos do Brasil já falaram. E só a eles, “neste particular, reconhecemos autoridade e devemos respeito e obediência; Aos juizes do Brasil e não aos advogados do supercapitalismo internacional. A jurisprudencia do super-capitalismo sem Deus e sem pudôr não nos interessa e nem nos detem.

Mas voltemos ao caso, isto é, ao cavalo de batalha que estão fazendo com a candidatura do sr. Vargas. As vestais dessa democracia de fachada estão assombradas sem razão. Sem razão porque não existem possibilidades nem remotas do sr. Getúlio ser eleito. São 20 governadores de Estado contra a sua candidatura; e mais o Governo Federal; e são mais de 90% dos municípios que despejarão maiorias esmagadoras para os candidatos da UDN e do PSD. O sr. Getúlio terá, provavelmente, expressivas maiorias em algumas Capitais: Rio, Salvador, etc. Mas quando chegar a agua do monte o velhinho será afogado definitivamente e “per secula seculorum”. Esta é a verdade. Mas se fosse o contrario, se o velhinho de Itú tivesse possibilidade de ser eleito, a unica coisa decente que se devia fazer seria: dar posse ao velhinho. Fôra disso, não há democracia, há golpismo.

A democracia terá de ser fortalecida com votos e formação de consciencia moral e não com golpes insinuados por detratôres de hoje que foram bajuladores de ontem e voltariam a ser de amanhã se o sr. Getúlio conseguisse o milagre de voltar ao poder. De que, aliás, Deus nos livre.

Junho, 1950

EULALIO MOTA

JS13[1950]

TRANSPORTE

Para “O Serrinhense”

No tempo de meu avô, ir daqui á Feira de Sant’Ana era um problema difícil: 3 longos dias na lua da sela, de Mundo Novo a Feira. Ir à capital era excepcional: quando eu era menino, contava-se a dêdo quem conhecia a Bahia. (Não se conhecia o nome de Salvador ainda hoje na bôca do tabareo a capital é Bahia.) Quem chegava da Bahia era visitado e olhado com admiração! Trazia jornais novos, (de oito dias), revistas, presentes para os parentes, brinquedos para os meninos... Naquele tempo a estação mais proxima era Santa Luzia. Estrada de rodagem e automovel eram sonhos de Julio Verne. Daqui para Santa Luzia os quilometros tinha que ser engulidos devagarzinho, bem mastigados com cascos de cavalo. O dia da partida era um acontecimento, um reboliço: cavalhada, burro de carga, camarada, e o agrupamento em algazarra dos visinhos, das comadres, na



manhã da partida! Se naquele tempo eu dissesse a meu avô que um dia eu faria viagem de Mundo Novo à Bahia em meia hora, ele diria que eu estava doido varrido!

Faço tais evocações para lembrar quanto somos pessimistas e injustos quando falamos em falta de transporte, em atraso nosso em materia de transporte etc. Os trilhos que, no tempo de meu avô, estavam em Santa Luzia, vieram vindo, pouco a pouco, “devagar e sempre”, devagar e sempre, e já agora passaram da Barra de Mundo Novo, caminhando, para o Orobó... Durante um certo curto período de quinze anos, os trilhos ficaram parados em Barra e a estrada de rodagem estancada em Camisão... Mas o curto período passou que, graças a Deus, neste mundo não ha mal que sempre dure; e, com isto, os trilhos continuaram a sua viagem com destino a Orobó. E a estrada de rodagem já chegou a Mundo Nova e vae andando a caminho de Chique-Chique...

Hoje a gente toma café de manhã em Mundo Novo e almoça na Bahia, (para falar à moda do tempo de meu avô.) Portanto, amigos, deixemos de chôro de falta de transporte. Façamos justiça, confessando que já o temos. O que não temos é conforto nos transportes. Nem confôrto, nem higiene, nem policiamento... Mas isto é outro assunto para outra conversa. Até lá, se Deus quiser.

Mundo Novo, 950.

EULALIO MOTTA

JS14[1950]

BOMBA ATOMICA

Para “O Serrinhense”

Os agentes bolchevistas, depois de pregarem a paz enquanto Stalin engulia a China e se preparava para engulir a Coreia e engulir, depois, a Europa, o norte da Africa, o nordeste do Brasil; os bolchevistas que pregam a paz enquanto seu patrão Stalin faz a guerra, estão, agora, com uma “fraterna”, “generosa”, “caridosa” campanha contra a bomba atomica. E andam de porta em porta pedindo assinaturas contra o emprego da bomba atomica.

O mundo está farto de saber que Nero e Hitler viraram café pequeno deante desse monstro de friesa siberiana que é Stalin. Foi este monstro que se associou a Hitler para o estrangulamento da Polonia com o lançamento da Segunda Grande Guerra. É esse monstro que mantem milhões de criaturas em total escravidão nos campos de concentração da Russia e dos paises escravizados pelo banditismo do fascismo vermelho ou nazismo sovietico. Pois é esse monstro que está fazendo um movimento mundial de repulsa ao emprego da bomba atomica. E é assombrosa a facilidade com que nossa gente ainda cae no canto de sereia dos agentes do maior monstro da Historia. Não somente pacatos e incautos comerciantes e fazendeiros do interior; mas, tambem, padres, freiras e até deputados estão caindo na esparrela! Muita razão tem Plinio Salgado quando afirma que “essa gente está dormindo em cima de um vulcão.”

Mas, perguntamos: porque Stalin, o monstro, está interessado em uma campanha mundial contra o emprego da bomba atomica? Esse monstro que devora milhões de criaturas, estará tomado de piedade pela humanidade que sofreria os horrôres da bomba atomica? Acreditar na piedade de Stalin é passar-se atestado de cretinismo. Que se pode, então, concluir desta campanha bolchevista contra a bomba atomica?

Primeiro: – que a Russia não a tem ou que, se a tem, está muitissimo longe de produzil-a tanto quanto os Estados Unidos.

Segundo: – A Russia está em condições de ocupar a Europa em 10 dias; em seguida, o norte da Africa e o nordeste do Brasil. Porque ainda não o fez? Porque não o faz? Porque está com medo da bomba atomica. É a possibilidade de receber bomba atomica pelas ventas que está fazendo o monstro Stalin ficar acuado em seu covil. Lança ele, então, esse movimento mundial contra a bomba atomica, com o que espera mobilizar tremenda pressão psicologica anti-atomica contra a America do Norte.

Brasileiros! Peçamos a Deus que esta hora atormentada da vida humana possa passar sem os horrôres do emprego da bomba atomica. Mas se a ruina da nossa liberdade, da nossa familia, da nossa Patria, não se poder evitar sem o emprego da bomba atomica, que ela seja empregada! Se, abaixo de Deus, é graças à bomba atomica que o monstro está acuado sem poder matar sua fome de carne humana, de vidas humanas, então viva a bomba atomica!

Não nos esqueçamos, entretanto, de que a Paz não está na bomba atomica; e sim na conversão de cada um de nós ao Amor d’Aquele que é a Paz que o mundo não tem e não pode dar.

“A bomba atomica – diz Fulton Sheen – nas mãos de um Francisco de Assis seria menos perigosa do que uma pistola na mão de um estrangulador.”

M. Novo, Julho. 950.

EULALIO MOTTA

JS15[1950]

SIMBOLOS

Para “O Serrinhense”

Viajando de Feira para Salvador, saltamos para um cafésinho em um bar de S. Sebastião. Ali avistamos, pelas parêdes, diversos cartazes propagandisticos de partidos e candidatos. Um dos cartazes me despertou a

curiosidade porque exhibia uma grande cruz, parecendo chamar a atenção para a realização de alguma solenidade religiosa. Fixei-o. Não se tratava de religião; e sim de um partido que se diz democrata e cristão. Misturada com a cruz, estava uma frase dizendo que o tal partido é “contra a direita e a esquerda”. Perguntei a mim mesmo: – que significa isto? Este negocio de dizer que é “contra a direita e a esquerda”, é igualzinho a dizer que não é nada neste mundo. Dizer que é contra a direita sem definir o que é “direita”; que é contra a “esquerda” sem definir o que é “esquerda”, é dizer coisa nenhuma. E falar para dizer coisa nenhuma é algo que não tem nada de cristão. A linguagem cristã é clara e definida: – “Sim, sim; não, não.” O sentido de dubiedade ou ausencia de sentido daquela frase não revela espirito cristão, revela aquilo que as Escrituras chamam “espirito do mundo.” O “espirito do mundo” é contra o Espírito Cristão. O espirito do mundo é oportunista, malicioso, furta-côr, diz que diz mas não diz... tem muito de satânico e nada de cristão. Foi, portanto, muito infeliz o imaginador daquele cartaz. O simbolo da cruz, para nós, catolicos, é coisa sagrada: lembra o Calvario. Lembra Jesus de braços abertos derramando o seu sangue por nosso amor, para a nossa salvação. É um simbolo, portanto, improprio para ser usado sobre frases do “espirito do mundo”, com o fim de fazer colheita de votos. Felizmente, nós, catolicos bahianos, não somos tão curtinhos de espirito e de inteligencia que nos deixemos pescar pelo “espirito do mundo” rotulado de cristão.

O cartaz afirma, categoricamente, que aquele partido é o partido dos catolicos. Só se fôr, digo eu, dos catolicos de rotulo que não sabem distinguir o espirito das coisas. Mas os catolicos de rotulo andam muito preocupados com coisas mais praticas e mais oportunas.

Assim o tal partido entre nós não terá outro sentido senão o contido na frase burguêsa com que se apresenta: nada.

Os Cardeais Cerejira e Camara, afirmaram, simultaneamente, não faz muito, que uma das causas das desgraças contemporaneas “é a mediocridade cristã de nosso tempo.” Lendo aquele cartaz de um partido que se diz cristão, me lembrei da afirmação dos cardeais.

Essa historia de declarações contra “os extremismos,” “contra a direita e a esquerda,” etc., é um expediente burguez do “espirito do mundo”, já muito usado e abusado. Não produz mais efeito, a não ser o de expôr ao ridiculo os que não têm acanhamento de ainda o usar.

Um partido que se diz cristão! Louvado seja Deus!

M. Novo, Julho, 950.

EULALIO MOTTA

JS16[1950]

O PROJETO GODOI

Para “O Serrinhense”

Fiz ligeira leitura do projeto Godoi: leitura pelas pontas da rama, como se diz, no noticiario dos jornais. Contudo, para não perder o calôr da oportunidade, não faz mal uns dois dedinhos de prosa com os leitores desta coluna, a respeito desse projeto que já vem sendo tambem chamado de “bomba atomica politica contra o Snr. Vargas”.

Combatido por uns, exaltado por outros, que devemos dizer? Qual a nossa opinião? Comentemos: à primeira vista, a impressão a respeito é desfavoravel – parece um arranjo não muito decente, cheirando a golpismo contra o Snr. Getulio Vargas. Entretanto, meditando o assunto com mais vagar, de cabeça fria, a primeira impressão desfavoravel desaparece, tornando-se evidente o sentido democratico do projeto. Imaginemos, por exemplo, para concretizar o assunto, que em um determinado municipio de cem mil eleitores, são lançados 3 candidatos a prefeito: – A, B e C. O primeiro candidato, A, é o menos desejado pelo povo. Expressiva maioria prefere B ou C. Dá-se a eleição. E o resultado foi este: – A, 34 mil votos; B, 33 mil; C, 32 mil. Está eleito A, com 34 mil votos, contra a vontade de 65 mil votantes. Perguntamos: isto é democratico? A democracia não é o governo expresso da maioria? Nas condições atuais de nossa politica, poderemos ser governados por alguma minoria.

No caso do exemplo citado, os eleitores, com a lei Godoi utilizada por B e C, raciocinariam: prefiro, diria um, prefiro B; mas se não for possivel, é preferivel C; e vice-versa. Outro diria: prefiro A, não votarei com o pacto Godoi, votarei em A. Um outro eleitor, desses tais que são sempre “do contra”, diria: não prefiro nenhum, votarei em branco. Isto significa: a liberdade do eleitor não sofre nenhum arranhão com a lei Godoi. E o governo da maioria fica assegurado. Conclusão: se o projeto Godoi dependesse de meu voto, se tornaria lei. É um projeto muito oportuno. Digo mais: necessario. Sim, porque nas condições atuais, estamos sujeitos a ver a Nação, mais hoje mais amanhã, sob o governo de uma minoria que nem sempre será desejavel, que poderá mesmo ser muito indesejavel.

Não tenho o feitichismo da maioria. Minha paixão é pela Verdade e nem sempre a maioria está com a Verdade. E um erro, com o apoio da maioria, não deixa de ser erro. Na tragedia do Calvario, o partido da maioria era o de Barrabás; e o pequenino, minoritarissimo, era o de Jesus. Quando, porem, estamos correndo o risco de cair sob o dominio de minorias perigosas, façamos todo o possivel para garantir-se o direito da maioria.

Repito: o projeto Godoi exprime uma necessidade!

M. Novo, Julho, 1950

EULALIO MOTTA

JS17[1950]

RAPOSAS

Para “O Serrinhense”

O velho filósofo Zé Povo já afirmou, certa vez, que “mais depressa se pega um mentiroso do que um côxo.” Lembrei-me desta sentença do respeitável filósofo ao ouvir as lamurias de um certo comentarista de rádio que se mostra muito aborrecidinho com o apoio do PRP ao Brigadeiro Eduardo Gomes. Primeiramente, antes do apoio, ouvi sua voz dizendo que, apesar da tendência do PRP a apoiar o Brigadeiro, estava quase certo o apoio ao candidato do PSD, afim de evitar, disse ele, dispersão de votos, o que seria perigoso, disse, porque favoreceria a candidatura petebista.

Passam-se os dias. O PRP apoia o Brigadeiro. O comentarista, desapontado, berrou: – que era um escândalo! O Brigadeiro dando o braço a totalitários, fascistas, etc. e tal!

Depois, noutro comentário, afirmou que o Brigadeiro submeteu-se a exigências absurdas, que o apoio custou caro, etc.

Ontem, 27 de julho, ouvi, novamente, o preocupado comentarista que continua muito aborrecidinho. Disse ele ontem que o Brigadeiro declarou à imprensa que o apoio do PRP foi feito sem nenhum compromisso partidário, nem compromisso de compensações futuras. E o angustiado comentarista aborrecidinho se agarra a essa declaração que ele diz ter sido feita pelo Brigadeiro, cantando de galo! E diz que não sabe como ficarão os adeptos do sr. Plínio Salgado, diante de tal declaração do Brigadeiro!

Nós, adeptos de Plínio Salgado, ficamos assim: – dizendo que a declaração do Brigadeiro coincide, cento por cento, com a afirmação do PRP: isto é, que não vendemos o nosso apoio, que o nosso apoio não visou cargos e compensações para nós; que pedimos apenas garantias de ordem interna e externa para o Brasil. Agora, o que não sabemos é como fica a cara lavada dessa gente que diz que vendemos caro o nosso apoio e que depois canta de galo com a declaração do Brigadeiro afirmando que nosso apoio não foi vendido!

Nossos votos solicitados ontem eram democratas... uma vez não conseguidos, esses mesmos votos são fascistas, totalitários etc. e tal...

A raposa chegou ao pé da parreira, olhou para cima e viu o cacho de uvas madurinhas... Não podendo colhê-las saiu resmungando que não prestavam... porque eram verdes...

As raposas da politicalha vão repetindo a história...

M. NOVO, julho, 1950.

EULALIO MOTTA

JS18[1950]

Candidatos a Governo, tomem nota disto!

Para “O Serrinhense”

Sim: já temos transporte. Mas o desconforto nos veículos, é uma tristeza, é uma vergonha. Um dia desses fui a Salvador. Tive de pegar um trecho de estrada de ferro. Uma calamidade! Havia apenas um carro de primeira classe com assentos para 48 passageiros: viajavam mais de 80! Poeira, calor, apertucho... e o vae-lá-vem-cá dos solavancos! Havia sede. Mas não havia água. Aguentar aquilo de pé, das duas da tarde até às 9,30 da noite, não é sôpa!

De volta de Salvador tomei um onibus. Outra calamidade! Depois de São Sebastião viemos a saber que a “Marineti” vinha viajando sem freio! Entre São Sebastião e Feira, um veículo da mesma empresa estava parado na estrada, os passageiros acorados pelas margens. Que é que houve? Faltou gasolina!

Em Feira de Sant'Ana, interrupção para almoço e baldiação de “Marinetis”: Uma hora de interrupção, no mínimo. Quase sempre, mais de uma hora. Pois bem: quando chegamos a Ipirá, nova interrupção. Pra que? O fiscal, (fiscal de que?) resolvera não almoçar em Feira, deixou para almoçar em Ipirá! Os passageiros que esperassem, se quisessem, se não quisessem fossem andando... a pés! Mais uma hora de massada! Alguns passageiros resmungam. A maioria fica calada como que pensando na inutilidade de qualquer protesto.

E um fulano chamado fiscal que, envez de fiscalizar as irregularidades, comete-as ele mesmo!

Já ouvimos falar em palavras e expressões como estas: – governo, policia de trânsito, bem publico, direitos do povo etc., etc. Mas quem viaja nesses trens e nessas “marinetis” marcadas com as iniciais P.F.V., que o povo já descobriu que significam: “porção de ferros velhos”, fica sem saber o sentido daquelas palavras e expressões.

Mas até quando os passageiros de trens e marinetis viajarão, entre nós, sem contar com nenhuma consideração dos poderes publicos, nem para um mínimo de conforto, nem mesmo para segurança de suas próprias vidas? Temos ou não temos governo? Temos ou não temos policia de trânsito? Que fiscal é aquele que viaja na “porção de ferros velhos”? Fiscal de que? Fiscalisa o que? Se a empresa deixa carro viajar sem freio; deixa faltar gasolina; deixa o “fiscal” esbarrar onde bem quer e quanto tempo lhe dê na veneta; se os carros de transporte são, realmente, porção de ferros velhos “que andam encrencando toda hora e muitas vezes dormindo nas

estradas; se tudo isto acontece e continúa acontecendo, que significação poderão ter aquelas palavras e expressões: governo, policia de transito etc.?

Que surja um governo capaz de acabar com esses relaxamentos e essas semvergonhices, pelo amor de Deus!

O governo que resolver este problema, não muito difícil, de dar conforto e segurança ao povo nos transportes coletivos, conquistará a simpatia e... o voto desta gente. Que os candidatos tomem nota disto.

Agosto, 1950

EULALIO MOTA

JS19[1950]

“RECOERDO”

Para “O Serrinhense”

Política, em ultima analise, é conceito de Estado. Este conceito pode ser certo ou errado, decorrente ou não decorrente de um conceito do homem. Conceito de Estado, desligado de conceito do Homem, é u’a maluquice que a gente nem sabe classificar: porque, se Estado é a vida da Nação juridicamente organizada; e se Nação é um ser coletivo composto de individuos que são homens, que são criaturas humanas, não se compreende que se queira organizar essa coletividade sem conhecer a natureza dos elementos que a compõem.

Mas voltemos à afirmação inicial: política, em ultima analise, é conceito de Estado. Uma doutrina política, portanto, é uma doutrina de conceito de Estado. O Integralismo é uma doutrina política: consequentemente, um conceito de Estado. O Liberalismo, o Socialismo, (comunista ou não comunista), o Fascismo, o Nazismo, são conceitos de Estado. Que deve fazer um homem honesto que queira verificar os pontos comuns e os pontos opostos entre tais conceitos, para concluir se entre uns e outros ha apenas diferenças de rotulos ou se existem, realmente, diferenças fundamentais? A resposta é facil e clara: estudar tais conceitos e expôr suas conclusões dizendo os porquês de tais conclusões... Quando, portanto, um homem afirma que Integralismo é fascismo, se esse homem fôr honesto, abrirá os livros de doutrina fascista e os livros de doutrina integralista, para expôr, citando, argumentando, os motivos de sua conclusão. Afirmar, simplesmente, que Integralismo é fascismo, sem nenhuma preocupação de provas, como faz o Snr. João Mangabeira, é improprio de homens honestos, é bobagem de ignorantes ou cinismo de mentirosos. Quando o orgulho materialista de João Mangabeira faz aquela afirmação, sabe, perfeitamente, que está, simplesmente, mentindo. E a mentira na bôca ou na pena de um ateu não é coisa de espantar: porque Deus é a verdade e os ateus dizem que Deus não existe.

Quando eu tinha cinco anos de idade. (5 anos de idade!) a professora de minha escola do arraial de Alto Bonito, D. Zizinha, me deu um traslado para copiar, afim de ir assentando a mão na escrita. Nunca esqueci as palavras daquele traslado dos meus primeiros dias de contacto com o mundo das letras. Dizia assim: “Deus aborrece a mentira. Meninos, amai a verdade. O homem que mente não tem dignidade. O homem sem dignidade é um miseravel.”

Agosto, 1950

EULALIO MOTTA

JS20[1950]

Para Presidente da República

Para “O Serrinhense”

Brasileiro! Para garantia de permanencia dos bens que recebemos de nossos pais, é indispensavel que ocupe a Presidencia da Republica, um homem que seja, antes de tudo, de uma integridade moral, em qualquer terreno, acima de qualquer suspeita. Este homem existe, graças a Deus: Brigadeiro Eduardo Gomes. Homem de fé, carater de aço, incapaz de enganar a quem quer que seja, é o homem à altura de dirigir os nossos destinos nesta hora tão conturbada do mundo.

Patricio: reflete seriamente sobre o voto para Presidente da Republica. Urge que a dignidade nacional corporificada em um homem-simbolo dirija a Nação para a garantia de permanencia do Brasil. Vota, pois, patricio, no Heroe de Copacabana: Brigadeiro Eduardo Gomes. Homem que não engana, que não mente, que diz o que pensa como pensa, de modo claro e reto, sem segundas intenções, sem margens a muitas interpretações; homem que não se aproveita de sua fama para fazer popularidade facil em beneficio proprio; homem que não adula os poderosos e não adula as massas, porque o que ama, acima de todas as cousas, é a Cristo e a Nação; este homem, nesta hora triste de demagogias desenfreiadas que ameaçam arrastar a Nação para a anarquia, é o que terá a maioria de votos entre os homens de consciencia esclarecida. Tu, Brasileiro, que lêes estas linhas, sê, tambem, esclarecido: dá teu voto com consciencia de responsabilidade, preferindo o Brigadeiro Eduardo Gomes.

Trabalhador: os teus problemas não terão solução enquanto a Nação não voltar às suas tradições de moralidade cristã. Os aumentos de salarios provocando aumentos de preço dos produtos formam um circulo vicioso que impossibilitará a Solução de teus problemas, a satisfação de teus aneios justos. É indispensavel que os problemas objetivos de capital e trabalho, de justiça social, estejam alicerçados em bases morais, em politica etica em organização nacional seria o conciente que vise o interesse de todas as classes e não apenas desta e daquela classe. Qualquer politica que desfralde a bandeira dos interesses de uma classe apenas, não resolve os

problemas de nenhuma e agrava a situação de todas, prejudicando a Nação e nos arrastando para a confusão, para o caos, onde não pode existir segurança e tranqüilidade de ninguém. Pensa bem estas verdades, patrício, e dá teu voto a um homem que se preocupa com os problemas de todas as classes porque ama a Nação: Brigadeiro Eduardo Gomes.

Brasileiro! A permanência de tua liberdade; a tranqüilidade de tua família; a segurança de teus bens; a vida digna de ser vivida; tudo isto que nós herdamos de nossos maiores está em perigo. Do nosso voto para Presidente da Republica está dependendo o aumento ou diminuição de tal perigo. Pensa bem, patrício; reflete seriamente e pede a Deus que te ilumine no sentido de votar bem, para servir bem, aos teus interesses, de tua família, de nossa Patria.

Os moços de hoje serão os dirigentes de amanhã. O futuro pertence a eles, depende deles. E eles, em cujos ombros pesará a responsabilidade futura de segurança das nossas famílias, do nosso Brasil, indicaram a todos nós, para Presidente da Republica, o Brigadeiro Eduardo Gomes. Os moços tem direito de exigir o nosso apoio porque são eles que vão receber a responsabilidade de conservar e engrandecer a nossa Patria. Votemos, pois, com o candidato da Mocidade. Estaremos assim cumprindo um dever muito serio.

Pais brasileiros! Mães brasileiras! Ajudai a Mocidade a construir o futuro de vossos filhos, dando o vosso voto ao Brigadeiro Eduardo Gomes!

Por Cristo! Pela Nação!

Pelo bem do Brasil!

M. Novo, Agosto de 1950

EULALIO MOTTA

JS21[1950]

Vitoria de Brigadeiro

Para “O Serrinhense”

–Você não tem razão naquele argumento segundo o qual o anti-brigadeirismo na vez passada se concentrou em um só candidato, ao passo que agora está dividido em 3. Não tem razão porque tambem na vez passada houve 4 candidatos.

– Para perceber o acerto de minha afirmação, é necessario saber o que é que chamo “o anti-brigadeirismo”: aquelas correntes principais que constituíram a vitoria do General Dutra na vez passada: – pessedismo e petebismo. São estas forças que hoje estão divididas entre os 3 candidatos, principalmente entre os dois: Getulio e Cristiano. As outras forças, que estiveram com o Snr. Fiusa na vez passada, estarão, desta vez, em parte com o candidato ateu do “Partido Socialista” e em parte com os outros dois ou com o voto em branco. De qualquer forma: o anti-brigadeirismo desta vez está muito mais dividido e subdividido do que da vez passada. Quem pensar que o PSD vae despejar cerradamente no candidato petebista, está confundindo aparencia com realidade; e sem isto a vitoria do popularissimo Getulio tem mais de muito improvavel do que de algo provavel. Por outro lado, quem pensar que o PSD evitará um grande desvio de sua votação para o candidato petebista, está tambem pensando tolice. Porque a verdade é esta: – uma grande percentagem de votos pessedistas será deslocada para o snr. Getulio Vargas, daí não podermos acreditar em vitoria do snr. Cristiano; mas tambem o voto pessedista que puder ser controlado não será dado ao snr. Getulio; e eis porque não acreditamos tambem na vitoria do snr. Getulio.

– Mas, dirão, de todos os outros partidos tambem haverá desvio para o snr. Getulio.

–De todos, não: nenhum integralista do PRP desviará seu voto do Brigadeiro. E tambem da UDN poderá haver algum desvio, porem muito pequeno, inexpressivo, segundo temos observado.

Eis porque acreditamos seriamente na vitoria do Heroe de Copacabana. Aos argumentos acima, acrescente-se o fator muito importante de terem os soldados do PRP trabalhado da vez passada no campo oposto ao do Brigadeiro e estarem, desta vez, com enorme entusiasmo e dedicação, na trincheira do soldado de Deus e do Brasil. O PRP garante ao candidato da Mocidade nunca menos de 500 mil votos; mas, com toda certeza, certeza baseada em dados estatisticos, mais de 500 mil e, talvez, muito mais.

Estes, os votos populistas; e mais os numerosos milhares de votos que os populistas arrastam, na sua catequese vasta, profunda, convincente. O PRP constitue hoje a mais bem organizada familia politica do Brasil, dispondo da maior equipe de oradores da politica brasileira do momento. Hoje, neste paiz, a “maquina oficial” é uma coisa desconjuntada que não pode mais garantir eleições de “candidatos oficiais”. Quando a opinião publica se esclarece e se organiza, a verdadeira maquina poderosa para eleger candidatos é a opinião publica. E é isto que está fazendo o PRP: esclarecendo e organizando a opinião publica, fazendo Democracia. FAZENDO e não apenas proclamando, como fazem muitos “bôa vida” neste “Paiz das maravilhas”. E esta força organizada, o PRP, está ao lado do soldado do “5 de Julho”. Não ha mais razão para complexos de derrotismo na familia brigadeirista!

A principio a candidatura do Heroe, lançada pela Mocidade do MNP, encontrou ou despertou um complexo de derrotismo no espirito de muitos que, na vez passada, agitaram o lenço branco. Este complexo foi vencido. O

crescimento de fé na vitória do Brigadeiro em Minas e São Paulo, repercutiu em Pernambuco e se alastra em todo o Brasil. Já não há razão para o complexo de derrotismo, a não ser em algum retardado mental.

O nobre candidato mineiro ha de verificar que o “tabú” de poderio eleitoral da “maquina montada”, de “candidato oficial”, está se desmoralizando no Brasil. Um sentido novo de política surgiu entre nós, desmantelando tabús e fazendo valer a força da razão e os direitos da Verdade. E os ventos desta força estão soprando em favor do barco que conduz um predetisnado: Brigadeiro Eduardo Gomes.

Agosto, 1950

EULALIO MOTTA

JS22[1950]

Candidato da Mocidade

Para “O Serrinhense”

Acabo de realizar uma excursão em propaganda das ideias e das candidaturas de meu partido.

Nesta excursão tornei interesse, de modo especial, pela candidatura à Presidencia da Republica. E posso afirmar, com toda segurança, que a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes ganha terreno e poderá fazer surpresas formidaveis.

Conversei com patricios de todas as correntes a proposito da personalidade impar do Heroi de Copacabana: é unanime a admiração. Udenistas, pessedistas, getulistas, todos confessam a sua admiração pelo extraordinario brasileiro. Referindo-se ao boato, segundo o qual o candidato petebista retiraria a sua candidatura para apoiar o Brigadeiro, ouvi de muitos getulistas a afirmação de que aceitariam de bom grado a indicação de seu chefe. A conclusão pratica a que se chega de tais conversas e sondagens da opinião publica, é que o Brigadeiro é um nome com receptividade em todos os brasileiros. É um denominador comum das vontades da Nação. É, portanto, o nome, que deveria ter reunido o apoio de todos os democratas quando se procurava um candidato que pudesse evitar a dispersão de energias, neste momento de tanta gravidade para o mundo e para o Brasil. Infelizmente, somos ainda um povo mergulhado em nevoeiro muito denso de generalisada incultura politica e social. Nesta escuridão, muitos se deixam arrastar pela demagogia de qualquer espertalhão que surja na paisagem da politica brasileira, com ares de salvador e de papai do povo. Não fôra esse nevoeiro; não fôra essa escuridão; houvesse mais conciencia e menos fanatismo; houvesse mais Política e menos politica; mais ciencia e menos charlatanismo; mais homens publicos e menos demagôgos; houvesse mais claridade, mais juizo, mais conciencia de responsabilidade; não se poderia pôr nenhuma duvida na vitória do Heroe para a chefia do Brasil. Urge que volte a brilhar uma Nova Era em que os valores morais sejam motivo de atração e preferencia das multidões. Os valôres civicos, morais, espirituais do Brigadeiro precisam ser proclamados bem alto às conciencias do Brasil, para despertar ou precipitar a realização dessa Era Nova. Estamos vivendo um momento de crepusculo e Primavera. A candidatura do Brigadeiro partiu da mocidade das escolas. Foi a rapasiada do MNP que saiu às ruas do Brasil desfraldando a Bandeira que empolgou a Nação em: 1945. Os velhos de todas as idades, os cansados, os crepusculares, sorriram o sorriso amarelo dos esgotados. E a Mocidade continuou. Com ou sem vitória nas urnas, a Mocidade continuará: com Eduardo Gomes, com a Primavera, para a realização da Era Nova. A Mocidade de hoje não pode mais continuar caudataria dessa velharia demagogica, dessa maluquice da senilidade esquerdista que já não consegue enganar os moços.

A Mocidade esclarecida, a Mocidade que se levantou com a Bandeira Eduardo Gomes, encontrou-se com a Mocidade que marcha sob o comando de Plinio Salgado. Aquele cliché Eduardo Gomes - Plinio Salgado, aquele aperto de mão que “Idade Nova” publicou, é um simbolo desse encontro das duas correntes da Mocidade Brasileira. Os exploradores da ignorancia geral; os usufrutuários das massas ignaras; os esquerdistas de todos os matizes; esses velhos de todas as idades cuspiram calunias, babaram mentiras, derramaram vomitos velhos já vomitados e engulidos: voltaram a falar de fascismo, de totalitarismo, dizendo-se bons democratas, quando a Mocidade já sabe o que é que eles são.

As velhas calunias contra o Integralismo foram desenterradas e exibidas cinicamente. A espantosa mediocridade dessas raposas não teve engenho para fabricar novas infamias. E não teve acanhamento de lançar mão das calunias velhas, de mãos dadas com os lacaios de Stalin. E a Mocidade respondeu a esses velhos desfibrados, num aparte de um moço; do MNP – “Não cóla mais!”

Brasileiro! Algo de caduco está esgotado, está cheirando mal, está morto. Esta insatisfação geral; este mal estar; essa demagogia que anda por aí, são emanações de um cadaver: o cadaver de uma era que foi nova no seculo XVIII e que já está morta desde o ano de 1914.

For contra este estado de cousas; foi contra a permanencia desse cadaver, que aconteceu o 5 de Julho de 22 e que tambem aconteceu o 7 de Outubro de 32. E’ para o afastamento definitivo dessa putrefação; é para a construção de uma Era Nova, que o 5 de Julho se encontrou com o 7 de Outubro. O monstro vermelho, veneno da putrefação, se espalha e ameaça.

Brasileiro! Tua liberdade está ameaçada! Tua familia, tua propriedade, tua vida estão em perigo. A eleição de Eduardo Gomes é uma garantia de tranquilidade para tua familia, para nossa Patria.

Brasileiro! Bota a mão na consciência! Desperta! E vota com o Candidato da Mocidade, para a segurança da Família Brasileira! No dia 3 de Outubro dá teu voto a esse homem excepcional: Eduardo Gomes!

Por Cristo! Pela Nação!

Pelo bem do Brasil!

M. Novo, Agosto 950

EULALIO MOTTA

JS23[1950]

VOTE CERTO!

Para “O Serrinhense”

Ha eleitores que pensam assim: “o candidato Fulano é bom, merece meu voto, mas não me pediu, não me ligou, por isto não voto nele.” Este pensamento é um erro! O voto deve ser espontaneo, de consciência. Se sua consciência, amigo, acha que Fulano é bom candidato, vote nele, tenha ou não tenha pedido o seu voto.

O voto não deve ser uma mercadoria que se dê a quem pede ou que vende a quem compra. Votar assim é votar errado. E votando errado você está votando contra você mesmo porque assim não vão eleitos os mais capazes de trabalhar em beneficio do bem geral. Assim vão eleitos os que tiveram mais oportunidade de pedir ou menos escrupulo de comprar votos. E estes, os compradores, quase sempre não são os melhores. E elegendo os piores, a vida, a sua vida, amigo, continuará “de ruim para pior”. Tenha o cuidado de votar naqueles que você conhece e que julga serem os mais capazes de trabalhar, de fazer alguma cousa em beneficio de todos. Se você não conhece os candidatos, peça informações a pessoas de sua inteira confiança. Forme consciência a respeito para poder votar com consciência. Esse negocio de só dar o voto a quem o pede ou a quem o compra, é uma das causas principais da politica continuar errada. E quem mais sofre as consequencias da politica errada, é o pobre, principalmente o pobre que vive nas labutas da roça. Homem pobre, da roça, vote com sua consciência e não com os pedidos ou o dinheiro dos que só se lembram de você em vespuras de eleições.

Para que o voto secreto? Para você votar em sua consciência, livremente, sem o constrangimento da vontade do patrão ou do chefe que lhe pediu voto ou lhe deu rôpa ou sapato ou dinheiro em vespuras de eleição.

Se você acha que o candidato bom é Fulano, que não lhe pediu nem lhe comprou o voto; e vota em Beltrano que lh'o pediu, ou comprou; se você faz assim, comete mais do que um erro contra você mesmo, está cometendo um pecado porque agindo em desacordo com sua consciência. E ha muito de certo no velho rifão que diz: – “A voz da consciência é a voz de Deus.” Quem vota contra consciência ofende a Deus. Antes de votar, amigo, pense isto. E vote certo votando com a Sua consciência.

Poderei pedir lhe o seu voto: senão para mim, pelo menos para os candidatos da minha preferencia. Por exemplo: para Presidente da Republica: Brigadeiro Eduardo Gomes; para Deputado Federal: Rubem Nogueira. Mas o melhor pedido que tenho a fazer-lhe é este: – não se venda vendendo o seu voto. Você é homem e não mercadoria. O homem que vende o voto deixa de votar livremente para votar com a vontade do comprador. O comprador torna-se o dono de seu voto, isto é, de sua vontade, de sua consciência. Desaparece a sua liberdade por causa da vendagem. E a característica do homem é a liberdade. Não venda sua liberdade. Seja Homem.

Nas condições atuais de ausencia de consciência político-social de nosso povo, é inevitavel o pedido de votos. Temos que pedir votos para os nossos candidatos, sob pena de vel-os derrotados. O que quero, com o comentario supra, é menos, criticar os pedintes, (tambem eu peço votos), do que esclarecer o eleitor sobre esse erro generalizado de dar o voto a quem pede, porque pediu, deixando de dar a quem o merece porque não o pediu.

Na Inglaterra, Estados Unidos, etc., os candidatos se apresentam aos eleitores, não pedindo votos, mas apresentando programas e debatendo ideias. O fato de não termos eleitorado esclarecido, entretanto, não justifica que continuemos a deixa-lo como está. Cada partido deve ser uma escola. O PRP é um partido-escola. Que os outros tambem o sejam. Para que a Politica se eleve entre nós ao que é nos paises civilisados: – Ciencia e não demagogia de pescar votos e nada mais.

Pelo bem do Brasil!

Setembro, 1950

EULALIO MOTTA

JS24[1950]

PARA ONDE?!

Para “O Serrinhense”

Numa roda de palestra saudavel, em que o assunto não era politica, um moço catolico praticante se queixava da duresa da batalha que vivia travando para respeitar o Sexto Mandamento. E concluiu: “o 6º Mandamento é minha obceção.” Um sacerdote presente advertiu: – “Quando o 6º Mandamento se torna a nossa obceção, significa que estamos esquecidos do Primeiro, que é o mais importante.” Não foi sem motivo que Deus o colocou em primeiro lugar. “Quem se preocupa, seriamente, com o 1º Mandamento, pouca oportunidade terá de lembrar-se do 6º.” E entre o 1º e o 6º ainda existem quatro Mandamentos mais importantes do que o 6º.”

– “Ótimo! Ótimo!” – Foi a exclamação de todos.

Nesta campanha “politico-eleitoral em que estamos empenhados, constantemente estou a me lembrar daquela luminosa advertencia: – o esquecimento do 1º Mandamento! Este esquecimento, num moço, causou aquela obceção com o 6º Mandamento, como poderia ter sido com o 7º. Tal esquecimento, num Estado, numa Nação, produz isto que estamos vendo e ouvindo... Na ausencia do 1º Mandamento, apagam-se os outros. E então não ha mais rumo a seguir. E não ha mais padrão, modelo, medida para as relações humanas. Moral, etica, decencia, se tornam palavras importunas ou fantasias de poetas que não conseguem adaptar-se ao realismo crú de nossos tempos. Que diz o 1º Mandamento?

Manda amar a Deus sobre todas as cousas. Que é Deus? “Eu sou o Caminho, a VERDADE e a Vida.” Eis ahí de que os homens de nosso tempo não querem saber: da Verdade. O que lhes importa é um deus, diferente chamado êxito. O candidato politico, de um modo geral, (são raríssimas as exceções), o que quer é o êxito, o seu êxito. Com verdade ou sem ela é assunto que nem vem à baila. Não importa. O que importa é o êxito. Sendo rico, o candidato lança mão de sua riqueza para conseguir chegar ao seu deus-êxito. E, então, compra votos, a retalho e a granel, por preços variados. A retalho: – por uma roupa, um sapato, uma gorgêta. A granel: – por um motôr para iluminação, por uma estrada de rodagem, etc., etc. Por sua vez, ao eleitor, só uma coisa interessa: – o seu êxito imediato: a roupa, o sapato, a gorgêta, o motôr.

E viva a liberdade e a democracia!

Depois... As despesas das eleições, as despesas do motôr... E os aumentos de salarios, de subsidios, dos produtos... E os tecnicos de economia e de finanças a bradar que tudo está indo mal por falta de planejamentos...

E outros homens a pirar que o analfabetismo é que está estragando tudo...

E “o Brasil vae andando...”

“Para onde?!”

Setembro, 950

EULALIO MOTTA

JS25[1950]

OS CULPADOS

Para “O Serrinhense”

A vitoria espetacular de Getulio Vargas deve ser estudada e compreendida. O General Goes Monteiro acusa o PSD de “inepto ou traidor”. Não tem razão. O PSD limitou-se a respeitar a vontade do povo que queria e exigia a chapa de Getulio. Sob este ponto de vista, a vitoria de Getulio foi nitidamente democratica: – porque expressão, realmente, da vontade do povo. Se o PSD insistisse em passar chapas de Cristiano e a recusar chapas de Getulio, acabaria ficando ás moscas e perdendo votos para os demais candidatos de sua legenda. Não houve, portanto, traição do PSD. Houve vontade popular intransigentemente expressa. Esta vontade é que está errada. Mas a culpa deste erro não cabe ao PSD. Cabe a quem não soube utilizar-se do poder para esclarecer eficientemente a opinião publica. Os homens do poder se preocuparam exclusivamente com problemas administrativos, deixando totalmente á margem as questões politico-sociais. As atitudes apolíticas, as posições acima dos partidos, tornaram se coisa importante, virtude publica. Doutrina politica, sentido politico, tomada de rumo definido conforme principios basicos estabelecidos; numa palavra: esclarecimento da opinião publica, formação, educação, não interessavam.

Resultado: a Nação ficou largada, desaparelhada, em desponibilidade, á mercê do demagôgo mais habil que quisesse manejar. E nenhum demagôgo mais habil do que o Snr. Getulio Vargas. É o Antonio Conselheiro de nossos dias. É o dono das multidões abandonadas pelos homens que tiveram o poder mas não tiveram um rumo. Tiveram o poder mas não tiveram um conceito do Poder, por falta de um conceito do Homem, da vida, da sociedade, da politica, do trabalho, do capital, da propriedade, em suma: não quiseram saber porque governam e para quê.

Caminhavam sem procurar saber porque nem para onde. De onde vinham nem para onde iam. E acabaram caindo nas garras do velhinho terrível. Agora não adianta chorar. Só resta um caminho: – entregar o poder ao velhinho, respeitar a Lei.

E permanecer vigilante para que a Lei continue a ser respeitada durante o governo desse temível desrespeitador da Lei.

Se o General Góes Monteiro quer encontrar culpados, não bata á porta do PSD.

Vá ao Catête e se entenda com o General Eurico Dutra. Vá ao Palacio da Aclamação e se encontre com o Dr. Otavio Mangabeira. Etc., Etc.

EULALIO MOTTA

Mundo Novo, 7 - 10 - 950



JS26[1950]

ECOS DO PLEITO

Para “O Serrinhense”

Debruçados sobre as mesas de apuração, membros de juntas apuradoras, delegados e fiscais de partidos, candidatos. E os torcedores, ao lado, de lapis e papel em punho. E o desfile dos votos passando nos dedos...

Surgem candidatos de nomes nunca vistos nem ouvidos no município, cujas urnas estão falando... E surgem perguntas:

– Quem é este? Porque tantos votos nesse desconhecido?

E vêm as respostas:

– E’ o tal do motôr. Comprou a votação de X por um motôr...

Noutra urna, de outro município:

– Quem é este desconhecido? Porque lhe deram tantos votos?

– 12 contos. Fulano recebeu dele 12 contos sob a condição de lhe dar uma votação X.

– Quem não tiver muito dinheiro não se mêta a ser candidato que se “istrépa.”

– Homem, não é mentira não!

– A política está ficando cada vez mais um negocio de ricos...

– Ricocracia...

Nos bares, nas esquinas, nos salões os comentarios do “carnaval” que passou...

Quem tem o vicio de escrever fica de mão no queixo, assuntando, fazendo colêta para encher as tiras e enviar ás colunas...

Em um certo município aconteceu: – os chefes da oposição resolveram pôr em pratica um processo negativo de conseguir a vitoria nas urnas de 3 de outubro. Em que consistia tal processo? Em compra de titulos eleitorais. Tantos cruzeiros pela retenção de cada titulo. O chefe da situação soube do “negocio”. Não gritou. Não fez alarme. Não protestou. Encolheu-se. Ficou moita. O juiz era seu, era gente do peito. Teve uma ideia. E ficou moita. E os chefes da oposição continuaram, livremente, alegremente, o seu “negocio”. A mercadoria encareceu em preço e em volume. Mas os compradores não esmoreciam. Andavam euforicos, jurando vitoria. Faziam calculo: tantos contos, tantos titulos retidos; tantos votos a menos do lado de lá; e mais isto e mais aquilo, igual a vitoria do lado de cá. Apostavam.

Chega o dia 3 de outubro. Os eleitores de titulos vendidos se apresentam armados de segunda via e descarregam, cerradamente, na situação. O velho chefe da situação dá gargalhadas, rindo por ultimo... E a oposição derrotada ficou com cara de gato... na chuva!

E tudo isto aconteceu em nome da Democracia! Emfim, Roma não se fez num dia.

E democracia nesta terra de analfabetos tem que ir é mesmo devagar. No meio de tanta mulequeira, é confortador se notar que, em proporção animadôra, o povo está aprendendo a votar em quem quer. Em um certo distrito, os que se julgam donos do povo venderam a votação por um motôr. E quando as urnas se abriram, os pseudo – donos do povo ficaram descon certos – somente uma pequena parte havia obedecido. O povo está aprendendo a saber querer.

O que é preciso é que os responsaveis saibam ensinar o povo querer bem.

E então haverá democracia bôa e não democracia de fachada. Em todo caso, antes uma democracia mal praticada do que qualquer ditadura. E isto precisa ficar bem claro no espirito do povo, quando o poder vae ser entregue a um ex-ditador...

EULALIO MOTTA

Outubro, 950.

JS28[1950]

JAZZ-BAND...

Para “O Serrinhense”

A vitoria do ex-ditador deixou muita gente zonza. .O prestígio da “maquina”, do “governo é quem ganha”, foi por agua a baixo, arrastando muita gente que deixou o seu proprio partido para apoiar o candidato do governo. Com o voto secreto acabou-se o tabú de “candidato oficial”. Daqui por deante, a vitoria eleitoral não depende mais de “maquina montada”. Depende de saber conquistar o povo. E como o povo é um insatisfeito permanente com os governos, as possibilidades de vitoria vão pender para as oposições. Mas acontece que a oposição de hoje é governo de amanhã e oposição de depois de amanhã e, assim, nesta cantíga, cairíamos num circulo vicioso, sem sentido e sem proveito. O que é preciso, portanto, é que os governos tracem rumos e trabalhem, conquistando a opinião publica, diria melhor: formando a opinião publica, pelo trabalho e pelo esclarecimento de rumos traçados. Noutras palavras: conquistar o povo, com fatos e ideias. O povo ainda se deixa levar por demagogias e dinheiro. Mas isto vae acontecendo cada vez menos. A demagogia acaba enfadando e o dinheiro não consegue comprar para a causa de A a quem se tiver apaixonado pela causa de B.

Os “realistas”; os pragmaticos; os homens-praticos; os zombadores de doutrinas e dos teóricos; os que acham que dinheiro resolve tudo, hão de notar que, cada vez mais, este mundo está se tornando um mundo diferente, onde dinheiro é apenas um valôr relativo.

Depois da era dos nobres, veio a era dos milionários. Ao privilegio do sangue, sucedeu o privilegio do dinheiro. Mas agora o milionário tem que defrontar outra era: em lugar do dinheiro, o trabalho; em lugar do milionário, o operário. A classe burguesa, que subiu ao poder no fim do século XVIII, tem agora que entregar o pôsto à classe operária. Mas o espírito burguez está também na classe que vae subir. E eis porque as coisas continuarão no mesmo ou pior. Porque não basta mudar de classe, no poder. O que é preciso é a mudança de atitude em face dos problemas. E esta mudança de atitude não se consegue sem revolução espiritual.

A unilateralidade da era dos nobres se repetiu na era dos milionários e vae se repetir na era dos operários. E depois? Depois talvez caminhemos para a Era Integral, onde os valôres capital, trabalho, etc., serão ordenados em função do Homem. O Homem, segundo a realidade de sua natureza terrena-supra-terrena; e segundo a sua origem e finalidade divinas. A realidade hierarquica do cosmos será tomada em consideração. Só então a humanidade assistirá uma verdadeira Era Nova, onde haverá cooperação das classes e não luta de classes. Antes que chegue a Era Nova, temos que nos contentar com essas comedias que andam por ai... Este século é um século de transição.

Desde 1914 que a humanidade civilizada entrou em fase de transição e não ha sinal, neste “meado” de século, neste 1950, de que a musica vae-se mudar... Continúa a mesma gaita desafinada... Não foi sem motivo que este século produziu o Jazz-band...

M. Novo, Outubro de 1950.

EULALIO MOTTA

JS29[1950]

TOADA BONITA

Para “O Serrinhense”

Todo ano, nesta fase que abrange o fim de outubro e a primeira quinzena de novembro, a inquietação entra no coração do sertanejo, semeando pavôres de sêca. É tempo de “olhos compridos” para o poente e para o norte, buscando um pisca-pisca de relampago que acenda esperanças e alivie as angustias. E’ tempo de lenços suspensos no ar para ver se o vento está soprando de cima ou do norte. A’ noite os ouvidos estão alertas, anciosos por um grito de sussuarana. Se a sussuarana grita de noite, as caras de manhã estão menos sombrias e ha claridades de esperança nas conversas:

- A “sussuarana gritou esta noite!
- Gritou?!
- Gritou. Graças a Deus!
- Tem muito chão pronto isperando a misiricorda!

Outros confiam mais no cururu. Para estes, nestes dias escaldantes de noites friorentas, a musica mais bela e mais alegre deste mundo é o peito de um cururu “fervendo” no beicho das aguadas ou em pleno chão duro e sêco das chapadas:

- Pra mim a sussuarana pode ficá rouca de gritá: cururu nan tando “fervendo” nan fico animado.
- Tudo ista é bobage: quando Deus qué nan tem silenço de cururu qui impate.
- Mais Deus dá siná na voz dos inocentes.

No momento em que escrevo estas linhas, o mês de novembro está avançando para o “miado”, sem grito de sussuarana e sem serenatas de cururus!

Nevoeiros de manhã, sol de rachar á tarde, friosinho com vento sul de noite... Insonia. O sertanejo se vira e se revira na cama com a insonia machucando... E os sonhos da Insonia! Sonhos de olhos abertos vendo os horrôres! As cacimbas estão secando. Os pastos estão se indo. Os tanques já estão todos limpos, de bôccas abertas para o céu, esperando que a agua lhes cáia nas guelas. E a sussuarana parece que morreu. E os cururus parece que fizeram greve...

Mas não ha de ser nada: todo ano, neste periodo, ha este mêdo. Depois, no fim de novembro, vem a fatura molhando as roças e as pastagens, correndo nos riachos e inundando de alegria o espírito de todos, principalmente daqueles que tiram da terra o pão de cada dia. Quem sabe? Talvez que hoje mesmo Deus permita que os cururus terminem sua greve de silencio e nos alegrem com a sua toada, magnifica! Que toada bonita!

M. Novo, novembro, 1950.

EULALIO MOTTA.

JS30[1950]

Vamos pensar um pouquinho...

Para “O Serrinhense”

Contam os telegramas, nos jornais, que os petebistas pretendem dar base ideologica ao seu partido. Isto significa, antes de tudo, que não a tem. E, realmente, nem o PTB nem outros partidos, com exceção do PRP, têm base

ideologica; o que quer dizer: não tem fundamento. O que equivale a dizer: não são partidos. Porque, com efeito, um partido político deve ser uma opinião organizada a respeito da coisa pública. Deve ser um conceito de Estado. E um conceito de Estado deve ser decorrente de um conceito do homem e da vida. O Estado é organização jurídica da Nação, destinada a realizar o bem dos homens em sociedade. É preciso portanto se saber o que é o bem dos homens. E para se saber o que é o bem dos homens em sociedade é preciso se saber o que é o bem dos homens em particular. E para se saber o que é o bem de cada homem em particular é preciso se conhecer a natureza do homem: porque o bem de um ser consiste na realização da sua natureza, isto é, na realização daquilo para que foi feito. Eis então que se tem de chegar á pergunta: “Que é o homem ?” E: “qual a sua natureza, a sua finalidade, o seu destino?” Das respostas a estas perguntas nasce um conceito de origem, natureza e destino do homem. E daí decorre um programa de organização para a vida de acordo com o conceito estabelecido. Se o homem apareceu no mundo por acaso, sem um Criador que lhe tenha feito a natureza visando determinada finalidade, o conceito de Estado decorrente tem que se limitar ao homem físico, material, terreno, sem nenhuma preocupação de ordem espiritual. E, neste caso, tem que se preocupar tão somente com programas que tratem de estradas, dinheiro, salario, “cacau, petroleo, Paulo Afonso”... Porque, dentro de tal conceito, o homem que tiver barriga cheia, saúde, dinheiro, conforto material, está plenamente feliz.. E então só lhe resta esperar... a morte! Mas esta lembrança da morte não lhe estragará completamente a felicidade? Não creio na felicidade dos que sabem que vão morrer. Só creio na felicidade dos que sabem que não vão morrer: – porque sabem que seu destino é a VIDA. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a VIDA.” Os que vivem e agem pensando na VIDA, amando a VIDA, não morrerão, viverão. “Quem crer em mim, ainda que esteja morto viverá.”

Mas voltemos ao rico “feliz”. Será que o homem rico, com saúde e conforto material, está plenamente satisfeito como se tivesse atingido plenamente sua finalidade? Ou ficará preocupado, inquieto, angustiado pela ansia de transformar seus 2 milhões em 4 milhões e, depois, seus 4 em 8, seus 8 em dezesseis, etc. etc. etc.? E esta inquietação, esta insatisfação e outras que atormentam os ricos, não são sinais de que com seus milhões e seus confortos sua finalidade não foi atingida? O ser que atingiu sua finalidade plena fica plenamente satisfeito. Se isto, para o homem, não acontece neste mundo, parece evidente que sua felicidade é ultra-terrena, que o Reino de sua felicidade é um Reino que não é deste mundo.

O Estado se destina a organizar a vida dos homens neste mundo: a vida terrena, temporal. Mas se no homem existe algo que transcende este mundo, é preciso que o Estado tenha consciência deste ALGO para respeitá-lo; ou, mais: para ajudar o homem a realizá-lo: cooperando com os representantes do extra temporal: – os oficiais e soldados de um Reino que não é deste mundo.

“Dá a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.” Nesta resposta de Cristo aos fariseus está toda a síntese de Sabedoria e realismo político. Os que, trabalhando no reino de Cesar, dizem que nada tem a ver com o Reino de Deus, acabam dando a Cesar o que é de Deus. E, assim, perturba a hierarquia natural, quebra a harmonia das cousas e faz a ruína dos homens. E deste modo o Estado, que deve existir para o bem dos homens, torna-se instrumento de seu tormento e de sua ruína. E o tormento e ruína dos homens são, infalivelmente, as consequências de toda política que não toma em consideração as Verdades eternas da existência de Deus e imortalidade da alma.

Os petebistas querem dar base ideológica ao seu partido. Darão mesmo?!

M. Novo, novembro, 1950.

EULALIO . MOTTA

JS31[1950]

ZEFERINOS...

Para “O Serrinhense”

Zeferino é vaqueiro e tem “sete bôcas nas costas”, como ele diz. Isto é: tem mulher e filhos. Ganha duzentos e cinquenta cruzeiros por mez. Três mil cruzeiros por ano! Está “caçando” outro emprego, outro meio de vida. Outro “gáio”, como ele se expressa.

– O patrão é bom, gosto muito dele, mais o ganho é curto, dá marmente pra cumê. E o pano? E o remédo? E escola prus minino qui eu nan quero qui eles crêçam cego cuma eu? Só caçano outro gáio. Quando caba daí, o campo muitos dia fica longe de casa, sáio de manhã e chego de noite. Nan tenho natureza de cumê de manhã cumo os outro vaqueiro, só quebro o jijum cum café puro. O risurtado é qui tou secano. Levá farinha em alforge pru campo nan dá jeito qui ninguem vae corrê atrás de boi cum arfoçe na garupa. Só caçano outro gáio. Assim cuma tá nan tá bom não. Tá runhe. Quando caba daí, o patrão nan deixa qui eu bote um taco de roça na fazenda e nan deixa qui eu crie uma porca. Cum taco de roça e uma porca, a muié e os minino ia ajudando. Mais assim cuma tá, no ordenado puro e sêco, nan me guento. Assim tá runhe. Só caçano outro gáio.

O sol estava quente. O cavalo de Zeferino arrasta casco. A poeira da estrada subia marcando de nuvem a nossa passagem.

– Quando caba daí..

– Que outro galho você pensa arranjar, Zeferino?

– Vaquirice de gado de cria numa fazenda qui o patrão deixe eu tê uma roça e criá uma porca.

Ha mais de um ano que se passou esta conversa com Zeferino, num dia de sabado, com sol e poeira nos caminhos. Não sei se ele já arranjou outro “gáio”. Não o vi mais. O que sei é que sua historia ficou viva em meu espirito, principalmente quando leio paginas como “Rerum Novarum”, “Quadragesimo Ano” e autores que nos falam de coisas como “Capital e Trabalho”, “justiça social”, “justiça comutativa”, “justiça distributiva”, “salario”, “salario-familia”, “abono familiar”, “Direitos e deveres do Homem”, etc., etc., etc.

As gazetas estão cheias de artigos. As livrarias estão repletas de livros carregados de estudos sobre os problemas sociais. E a vida... a vida continúa cheia de Zeferinos...

M. Novo, Novembro de 1950

EULALIO MOTTA

JS32[1950]

Fóra da Moda

Para “O Serrinhense”

Sei de um homem da roça que tem uma foice antiga e a conserva como reliquia: – lembrança do tempo em que havia foice boa. As costureiras que teem a ventura de possuir u’a maquina velha, fazem figa às que só conseguem possuir maquina nova, novinha. Quem possui um radio comprado a mais de dez anos atraz, gaba-se de possuir o melhor porque os novos teem muita fantasia e pouca qualidade. Pincel para barba: – constantemente eu o andava comprando. A durabilidade de cada um era questão de dias: – dava para soltar “cabelo” e daí a pouco estava, careca, só prestava para se jogar fóra. (Ha criaturas carecas que são excelentes criaturas. Mas pincel de barba quando fica careca só serve para se jogar fóra.) Pois bem: um dia, futucando gavêtas, encontrei um pincel de barba de meu pai, falecido em 1936. Apanhei o pincel velho, passei a usa-lo e nunca mais fiz despesa com pincel para barba. Tambem aqui: só o pincel do tempo antigo é que presta.

E assim poderíamos encher tiras e mais tiras com uma lista interminavel de coisas que só são boas se são antigas. Quer dizer: tudo vem ficando pior. As coisas e... os homens tambem. Se compararmos um estadista do tempo do Imperio com muitos lideres de nosso tempo, ficaremos desapontados, tristes, enojados de nosso tempo. (Consolam, todavia, as magnificas exceções,) O que predomina hoje é a quantidade. A produção moderna tirou do trabalho o cunho pessoal do trabalhador. O trabalho bem feito, esmerado, bem acabado, reflete o bom gosto, a alegria de fazer bem feito, do trabalhador. Alegria esta que era compensada quando a concorrência era feita dentro de um sentido qualitativo: – apresentar o melhor era conquistar a preferencia. Hoje a preferencia é feita à base de dinheiro. O dinheiro materialisou tudo: disputa-se a preferencia com muito dinheiro em propaganda e concorrência de preços. E para aguentar tal forma de concorrência, é preciso produzir o maximo e não o melhor. E então o trabalhador aplaudido não é mais o que se esmera em qualidade, é o que abunda em quantidade. É o materialismo do trabalho e do trabalhador, sublimado no Stakhanovismo de Stalin.

O que predomina em tudo é o materialismo, o quantitativo. Tudo mais é coisa fóra do tempo, fóra da moda. Antes e depois de eleições, os politicos falam em aumento de salarios, aumentos de produção, aço, petroleo, “Volta Redonda”, e não dizem um pio sobre, por exemplo, Educação.

Graças a Deus ainda existe, em numero confortador, muita gente que ainda prefere viver fóra da moda...

M. Novo, novembro, 1950

EULALIO MOTTA

JS33[1950]

E SO’ ENTÃO...

Para “O Serrinhense”

Um dos orgãos mais conceituados da imprensa bahiana inicia um dos seus topicos do mez de novembro, deste ano santo de 1950, com as seguintes palavras: – “Em circunstancias como as que vivemos, de indecisão ideologica...” Note-se: “indecisão ideologica...” E os jornais estão cheios de noticias segundo as quais os petebistas estão prometendo dar base ideologica ao seu partido. Ou, como eles dizem, “raizes ideologicas”. Tarefa um tanto ou quanto esquisita: fazer primeiro a planta para depois lhe arranjar as raizes... Ha muito tempo que existe o PTB e agora os petebistas estão descobrindo que ele não tem raizes... E a UDN e o PSD que dirão a respeito? Não irão fazer tambem uma forcinha para ver se consegem arranjar alguma raizinha? Ou já têm raizes? Ver para crer. As raizes desses partidos existem mais não são ideologicas... São os gestos automatados da tradicional inconciencia politica de nossa gente. Que é que esse eleitorado que escolhe nossos dirigentes politicos entende de Política? Nada, nada, nadinha da Silva! Democracia? Farsa e nada mais!

Mas voltemos ao assunto: “indecisão ideologica”, diz uma gazeta conservadora. Necessidade de “raizes ideologicas”, gritam os petebistas. Isto significa que essa coisa terrivel que se chama inercia social, parece que começa a ser vencida pela força dos acontecimentos. E, assim, começa a se fazer um pouquinho de luz sobre uma verdade que desde 1932 vem sendo gritada aos ouvidos desse Gigante “deitado eternamente em berço esplendido.” A verdade de que não se compreende politica pratica, sem um conceito, uma teoria de Política. Não se compreende a realização de uma tarefa sem o previo pensamento expresso de tal tarefa. Do contrario é caminhar sem traçar previamente o caminho. E caminhar assim é se expôr aos espinhos. aos buracos, aos

abismos imprevisíveis. E é assim que tem caminhado a nossa política. Com dirigentes que não têm um conceito político. E com um eleitorado que continua ceguinho de fazer dó!

A imprensa conservadora coçou um olho. Políticos sem conceito resmungam qualquer coisa. Será que o Gigante vai acordar? Se assim for, no futuro poderemos cantar, em vez do “deitado eternamente em berço esplendido”. Este outro verso que exprimirá outra realidade: “Erguido altivamente em gesto esplendido”. E só então serão compreendidos os sonhadores que um dia se levantaram vestindo esperança.

E só então o Gigante será grande e a vida será bela!

M. Novo, novembro, 1950.

EULALIO MOTTA

JS34a[1950]

#### NOTÍCIAS DOS MUNICÍPIOS

Mundo Novo

M. NOVO, (O Correspondente) – Por motivo da passagem do 10º aniversário de ordenação do Revmo. Padre Nicanor Cunha, vigário desta cidade, os seus paroquianos lhe prestaram significativa homenagem, tendo o dr. Eulalia Motta, interpretando os sentimentos dos manifestantes, pronunciado o seguinte discurso:

Reverendíssimo Vigário,

Padre Nicanor Cunha:

Os paroquianos de Mundo Novo, os seus paroquianos, acharam por bem não se deixar passar em “branca nuvem” o décimo aniversário de sua ordenação sacerdotal. Realmente, seria uma falta que não se justificaria, embora, sabemos, o silêncio a respeito, a ausência de manifestações e homenagens públicas fosse mais agradável ao espírito simples e humilde de quem, por isto mesmo, foge às oportunidades de ser posto em evidência, de ser visto, de ser exaltado. Sabemos, pois, que, com estas expressões públicas de merecida homenagem ao nosso vigário, estamos lhe trazendo momentos desagradáveis de agressão à sua humildade tão natural. Contudo, cometeríamos grande falta se não lhe trouxéssemos estes momentos. Porque, agora como sempre, e mais do que em qualquer tempo passado, nós católicos, devemos tonificar a nossa vida espiritual, as nossas relações com Nosso Senhor.

Estamos vivendo, – podemos afirmar sem receio de estar exagerando – o momento mais grave da humanidade em toda a sua história.

A humanidade, que se vem desviando da Igreja desde o século XVI, está, como consequência, lógica, voltando espantosamente à barbárie. E os bárbaros de hoje já não usam o arco e a flecha, usam a imprensa corrupta, o cinema corrupto, a política de odios que envenenam as almas; e armas ultra-modernas que fulminam os corpos.

Nesta hora trágica de um mundo de apostasias coletivas e guerras que arruinam multidões; nesta hora terrível em que assistimos os cristãos do século XX voltando às catacumbas e ao martírio como fizeram seus irmãos do Século I; nesta hora, nós, católicos que não acreditamos em milagres de salvadores humanos, e que sabemos, com absoluta certeza, que só a Providência Divina poderá despertar nos homens os meios de reencontrar os caminhos de concordia e de paz da família humana; nós, católicos, que sabemos não dispensar a Providência Divina a nossa cooperação, uma vez que Deus não pode salvar a quem não quer trabalhar pela sua própria salvação; não poderíamos deixar passar em silêncio oportunidade como esta, em que podemos fazer um como exercício público de vitalidade de nossa Fé, avivando a consciência de nossa enorme responsabilidade perante Deus, neste momento grave da vida dos homens neste “vale de lágrimas.”

Prestando homenagens públicas aos nossos sacerdotes, estamos agindo de modo a despertar em nós a consciência de nossos sagrados deveres para com Deus; e, conseqüentemente, para com os seus legítimos representantes na terra, que são os sacerdotes da Única Igreja Verdadeira, da Unida Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo, a Igreja Católica, Apostólica, Romana, a única que possui a presença visível de Deus, a Hostia Consagrada; a única que alimenta a alma de seus fiéis com Alma, Corpo, Sangue e Divindade do Nosso Redentor. E assim fazendo, estamos a caminho de irmo-nos libertando do catolicismo formalístico em que vivemos; um catolicismo insofrito em que esquecemos que devemos amar o próximo, mesmo quando este próximo seja nosso inimigo de um catolicismo estranho em que, não raro, em vez de respeitarmos e amarmos os nossos sacerdotes, vivemos catando oportunidades e pretextos para sensura-los e feri-los, esquecidos, assim, da afirmação de Nosso Senhor, de que o bem ou o mal que fizermos aos seus sacerdotes é a Ele, Jesus, que o fazemos. Se, portanto, cometemos uma discórdia ou uma ofensa a qualquer Sacerdote da Única Igreja Verdadeira, é a Jesus que fomos descortez, é a Ele que ofendemos. Se, ao contrário, prestamos uma homenagem de gratidão e afeto ao nosso vigário, é a Jesus que estamos homenageando. Eis porquê afirmamos, de início, que, realizando homenagens desta natureza, estamos tonificando a nossa vida espiritual, as nossas relações com Nosso Senhor.

No caminho de Damasco, quando Saulo ia em perseguição dos Apóstolos de Cristo, Jesus saiu-lhe a encontro e perguntou: “Saulo, Saulo, porque ME persegues?”

Para Jesus, portanto, perseguir aos seus sacerdotes é perseguir a Ele, Jesus, diretamente.

Se nós esquecemos estas verdades e não respeitamos nem amamos os nossos sacerdotes, como devemos, é porque o nosso cristianismo já não é de verdade, é apenas de aparência, apenas de fachada. E com cristianismo

de fachada não temos caridade e sem caridade tudo é inútil, tudo é em vão. O mundo de rancôres, intrigas, mesquinhez de nosso tempo, é um mundo vazio de caridade.

De nada valerão os nossos atos exteriores de devoção se alimentarmos, em nossos corações, o propósito anti-cristão de atos de revanches, de vinganças contra o nosso próximo que porventura nos tenha ofendido. Quando assim procedemos, esquecemos que no Padre Nosso pedimos a Deus que nos perdôe a nós como nós perdoamos aos que nos ofendem. E, assim, se não perdoamos aos que nos ofendem, estamos, no Padre Nosso, pedindo a Deus que também não nos perdôe. E assim fazendo estamos pedindo a nossa perdição, uma vez que não poderemos salvar a nossa alma sem o perdão de Deus para as numerosíssimas ofensas que Lhe fazemos.

Querido Padre Nicanor: que este décimo aniversário de sua entrega total ao Cristo, para felicidade eterna de muitas almas e glória de Deus, seja um motivo de meditação, de exame de consciência, para cada um de nós, no sentido de realizar, cada um, um passo à frente no caminho que leva ao Sumo Bem, à única felicidade verdadeira, que é a paz de nossa consciência com Deus, neste mundo, e o gozo de Sua presença eterna na outra vida.

“Cada alma que se eleva – disse Elizabeth Leseur, com magnífica compreensão da Comunhão dos Santos – eleva o mundo.” Que este bem nos aconteça como fruto de nossa meditação neste décimo aniversário de ordenação de nosso vigário. Que este bem nos aconteça, Padre Nicanor, e terá válido a pena o sacrifício que Lhe impomos, fazendo sofrer a sua grande e reconhecida humildade, os vexames desta manifestação pública de nosso afeto agradecido.

Que Deus o conserve, por muitos anos, como Pastor deste rebanho; e que a graça divina faça com que as ovelhas de tal rebanho se tornem dignas de tal pastor.

São estas as expressões de nossa homenagem ao nosso vigário, em tão grato aniversário, e de nossas preces a Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de nossa Paróquia, a quem pedimos rogue a seu filho muitas graças para o nosso vigário e para todos nós, paroquianos de Mundo Novo.

M. Novo, Dezembro. 1950

EULALIO MOTTA

JS34b[1950]

NATAL

Para “O Serrinhense”

Estamos em Dezembro, o mez do Natal. Natal! Quanta evocação dentro da gente! Uma das maiores alegrias de nossa infância. De minha infância de menino de arraial. De tarde os homens começavam a construção de barracas com tetos e paredes de couros de boi e esteiras de palha. Eram casinhas improvisadas que aos nossos olhos infantis se tornavam um deslumbramento de contos de fadas... À noite, nas barracas, as rifas de chicaras, tijelas, caixa de fosforos, brinquedos... O arraial se enchia de gente das roças das redondezas. E eram festas e alegria até o dia amanhecer.

Depois, na cidade, o Natal com “missa do galo” e sinos repicando. Continúa a missa do galo. E sinos repicando... Mas a alegria diminuiu porque a infância passou. E a vida também passou para o arraial do Alto Bonito. A pecuária foi, pouco a pouco, engulindo a lavoura. Os lavradores foram se mudando, entregando suas terras ao capim dos novos donos. Os moradores das redondezas foram recuando, foram indo para mais longe, cada vez mais longe. E Alto Bonito foi ficando sosinho. Agora, quando chega o Natal, Alto Bonito não tem com quem brincar!

Natal! Madrugada da Redenção do genero humano, nas paisagens de Belem! Aos homens do campo descem anjos cantando: – “Gloria a Deus nas alturas e paz, na terra, aos homens de boa vontade!” Porque nascia o Menino, o Esperado das nações!

Mas depois o Apostolo diria que a Luz brilhou nas trevas e as trevas não compreenderam. E por causa da incompreensão das trevas. a Gloria de Deus foi sendo esquecida e os homens de boa vontade foram ficando poucos, cada vez menos, cada vez menos... E a paz desapareceu do convívio dos homens, do convívio das nações.

Mas dentro do coração dos homens de boa vontade, a paz continua. Aquela paz verdadeira que o mundo não pode dar. Paz que é uma harmonia! Que é uma consciência filial, uma alegria de concordia da criatura com o Criador, de um filho que é felicidade que contempla e um Pae que é Felicidade contemplada. Paz feita de realidades que não dependem deste mundo, que transcendem este mundo.

O mundo não entende. O mundo odeia: porque se entrega a aquele que é “o espirito do mundo.” Por isto odeia a Luz. Odeia o Menino. Na pessoa de Herodes, o mundo mandou soldados caçarem o Menino para matá-lo. Não conseguiu. Depois outros Herodes inventaram Papai Noel para que o Menino fosse sendo esquecido. As alegrias do Natal, as festas e os presentes do Natal são sinais da alegria redentora, lembrando o nascimento do Redentor, do Menino Jesus.

A alma das crianças, ouvindo esta referencia, se enchia de amor ao Menino. As crianças cresciam com esta lembrança este amor no coração. E isto irritava os Herodes contemporaneos. E então inventaram o Papae Noel. Para isto: – para que o nome de Jesus não seja lembrado nas claras alegrias do Natal do Filho de Maria.

O repugnante Papae Noel é, assim, um símbolo do odio de Herodes ao Menino Jesus.

Paes cristãos: – dai presentes de Natal aos vossos filhos, sem a mentira do Papae Noel. Dizei-lhes a verdade: – que Natal é a festa da humanidade porque o Salvador nasceu. Porque Jesus nasceu! Porque Deus se fez menino, por nosso amor, para nossa salvação.

Crianças, escutem: Papae Noel é mentira! A grande verdade é esta: Jesus nasceu em Belem! Deus se fez menino! E por isto os pais estão alegres e dão presentes aos meninos, festejando o Nascimento, o Natal de Deus-Menino! Crianças: viva Deus-Menino! Viva Jesus-criança! Viva! Viva!

M. Novo, Dezembro, 1950

EULALIO MOTTA

JS35[1950]

O TEMPO

Para “O Serrinhense”

“Antes dos homens, a floresta. Depois dos homens, o deserto.” (1)

E Afranio Peixoto dizia que os brasileiros são fabricantes de desertos. Enquanto os franceses, – afirmava o escritor patricio – conquista desertos na Africa, com reflorestamento que provoca chuvas, os brasileiros devastam as florestas, provocando sêcas, fabricando desertos. (2)

Este tema – as causas da seca, volta amavelmente a nosso espirito. Basta que a chuva tarde mais um pouco, entramos a opinar sobre as causas da sêca, como se entendessemos algo a respeito... Neste assunto, como em religião, politica, medicina, etc., quanto mais ignorante, mais peremptorio nas afirmações.

Falharam as chuvas de novembro: foram tão poucas e tão esparsas que podemos afirmar que não houve. E já se foram 12 dias de dezembro sem que chegue o bom tempo. Prejuiso para os lavradores que já perderam totalmente as plantações que fizeram com as poucas chuvas de novembro. Inquietação para os fazendeiros que estão vendo seus pastos ficarem “lambidos” e começam a lançar mão dos “recursos” do capim-corrente das serras. Num ambiente assim, o tema obrigatorio é o Tempo. O Tempo se torna personagem importante, com direito a T grande. Ha os que lamentam ter de vender “boiadas de luxo” sem engordar. E fazem calculos de quantos contos perdem de ganhar. Ha os que choram ter queimado muitos pastos, confiados em novembro e agora estão “com a cara pra cima.” Estes são os comentarios na classe dos que se preocupam demasiadamente com os “contos” sem cogitar de “porquês.”

Aqui na roça, (estou na fazenda), o tema é o mesmo, mas a “musga” é diferente.

Anisio “do pé do morro” está muito animado, afirmando que vae chover muito e já. Porque, diz ele, a lua nova de dezembro saiu certinha, sem pender nem para o sul nem para o norte; futucando uma casa de cupim, encontrou muitos com asas e cupim só vôa com chuva; e, finalmente, o “lunaro” está marcando chuva do dia 17 deste em diante. (Estamos, já disse, no dia 12.)

Na casa de farinha da fazenda, as mulheres discutem é se a sêca é ou não é um castigo por causa dos nossos pecados.

– Né não, Sá Vitalina! Né não! Qui não hai povo qui peque mais de que esse povo das cidades grandes do sú e lá nan tem sêca.

– Menina, o povo anda sôrto no mundo, pricisano de muito castigo. Se no sú nan tem sêca tem outros castigo. O castigo daqui é a sêca.

– Home, uma coisa é certa: só tem sêca porque Deus qué; se Deus nan quizesse nan tinha.

– Deus nan qué pecado mais o mundo tá cheio de pecado.

– Pecá ou nan pecá tá na mão dos home. Mais chuvê ou não chuvê, só tá na mão de Deus.

– Deus sabe o quié qui faz e a gente nan sabe o qui é qui diz.

– Deus só qué o nosso bem; se Ele deixa a sêca vim é porque a sêca vem a sê nosso bem. A gente nan intende e acha runhe. Mais Deus sabe o qui é qui faz.

Os homens de ciencia teem razão: – a existencia das florestas normaliza a evaporação e, consequentemente, as chuvas. Mas os argumentos da Fé na boca dos humildes tambem são respeitaveis. Entre uns e outros, prefiro ir ficando com a opinião de Sá Vitalina, quando aconselha que nos conformemos com a vontade do Pai, citando o Padre Nosso: “seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.”

Deus queira que esteja a razão com Anisio “do pé do môrro.” E ao serem publicadas estas linhas, a alegria e a fartura estejam cantando pela bôca dos sapos de enchente...

NOTA: – As linhas acima foram escritas na fazenda, ha quatro dias. Agora já podemos acrescentar: – Anisio “do pé do morro” acertou. Graças a Deus!

M. Novo, Dezembro, 950

EULALIO MOTTA

(1) “La forêt precede les peuples et le desert les suit”. CHATEAUBRIAN. Citado por Osny Pereira em “Direito Florestal Brasileiro.”

(2) Em “HIGIENE”

JS37[1951]

Serão os herdeiros...

Para “O Serrinhense”

Vamos falar de Zeferino: tem mulher e seis filhos. Ganha 3.000 cruzeiros por ano. O seu tempo é totalmente empregado no trabalho do patrão. O patrão tem um lucro anual de centenas de milhares de cruzeiros. Não se trata, convém frisar, de um caso hipotético. Zeferino existe, realmente, (embora não se chame Zeferino), e seu patrão é de carne e osso e não de imaginação e se chama Dr. Fulano de Tal dos Anzóes Carapuça. Estamos, portanto, diante de um caso concreto.

Pensemos nas necessidades de Zeferino e de sua família; pensemos na sua labuta de todo o dia, da manhã à noite; pensemos no seu ordenado miserável e nos lucros gordíssimos de seu patrão. E depois perguntemos: existe atualmente nesta terra chamada Brasil, uma coisa que se chama Estado? Parece que não. Não é possível que exista uma vez que existe Zeferino. A existencia de Zeferino é uma negação da existencia do Estado. Se isto acontecesse antes daquele 13 de maio de 1888, ainda se compreenderia embora não se justificasse. Mas os tempos são outros. Hoje o Estado é uma criatura que tem uma definição de natureza e finalidade incompatível com a existencia de Zeferinos.

Fala-se em justiça comutativa: e o ordenado que o Dr. Fulano paga a Zeferino é mais do que injusto: é um crime. O que o Dr. Fulano faz com Zeferino é pouco menos do que o que faz o comunismo com seus trabalhadores. No Comunismo o trabalhador trabalha o maximo e recebe o minimo, vivendo uma vida de barriga no espinhaço. O Dr. Fulano, que se diz Liberal e Democrata, faz a mesma coisa com Zeferino. No Liberalismo está incluída a liberdade do grande esfolar o pequeno, do rico ser sangue-suga do suor do pobre, etc.

Assim podemos estar certos de que o Dr. Fulano não é incoerente sugando Zeferino e dizendo se Liberal. Está certo. Liberalismo é isto mesmo. O que não se admite é que ele seja democrata. Porque Democracia é quase sinonimo de Cristianismo. O verdadeiro democrata é quase um verdadeiro cristão: esquece de si mesmo para viver preocupado com as labutas do bem comum, do bem de todos. Amor ao proximo. (Digo quase verdadeiro cristão porque não basta amar o proximo para o ser: para ser cristão é preciso amar o proximo por amor de Deus.) Dr. Fulano de Tal não ama a Zeferino. Ama o fruto do suor de Zeferino: – Dinheiro. O primeiro mandamento do Dr. Fulano, embora não expresso, deve ser assim: “Amar a Dinheiro sobre todas as cousas...”

Estou, porventura, pregando luta de classes, fazendo demagogia comunista ou socialista de jogar o pobre contra o rico? Não. Estou apontando fatos que são causas de odios e lutas de classes. Estes fatos, que são, desgraçadamente, reais, que são fatos mesmo, e existem em maior abundancia do que poderia imaginar o espirito farto dos “bôas-vidas”, tornam-se instrumentos terríveis em mãos de agitadores a serviço do diabo. Urge que venha uma politica realista que saiba amparar os Zeferinos explorados sem desamparar os exploradores. Que se imponha castigo aos exploradores sem transforma-los em explorados. Estamos correndo o risco de vermos operar-se mera inversão de termos do mal: – subirem os explorados com a preocupação de se tornarem exploradores.

Sem uma politica de justiça social que defenda os Zeferinos sem fazer injustiça aos patrões dos Zeferinos, todos os discursos, eleições, apologias á Democracia não valem nada. E tudo continuará de ruim para pior. E assim continuando, um dia a casa cai, fazendo a ruina dos Zeferinos e dos patrões dos Zeferinos. Quando a casa cair, se o Dr. Fulano de Tal não fôr vivo, sel-o-ão os seus filhos ou seus netos. Estes sofrerão as consequencias da cegueira impiedosa do papai ou do vovô! Serão os herdeiros...

M. Novo, Dezembro, 1950

EULALIO MOTTA

JS38[1951]

VALE A PENA?

Para “O Serrinhense”

Não é facil se dizer o que é que se deve fazer em favor dos Zeferinos. Antes de tudo, vem logo ao nosso espirito a lembrança da existencia dos maus Zeferinos. Na classe dos Zeferinos, o numero de safados, mentirosos, relapsos, maroteiros, ingratos, é muito grande, desgraçadamente muito grande. E diante disto vêm as perguntas: “vale a pena se fazer alguma cousa por esta gente?” “Não estaremos alimentando cobras que nos morderão?”

Ha os bons Zeferinos, os bons empregados, cujos defeitos são superados pelas qualidades positivas. Estes quando encontram bons patrões, não andam de deo em deo. Mas são as exceções. E o desalento do “não vale a pena” paralisa qualquer tentativa. E valerá a pena tentar? Quero dizer: a tentativa teria exito? É outro assunto. Outro tema desalentador. As ruindades dos Zeferinos podem ser perdoadas. Principalmente quando consideramos a ausencia de educação de que são vitimas. Vieram de indios, africanos, degredados portugueses. Nascem, crescem e constituem familias sem receberem nenhuma educação de qualquer natureza; e têm como lições de experiencia, os maus exemplos de patrões das classes dominantes, empanturrados de egoismo, frutos que são do materialismo liberal. Pode-se, pois justificar qualquer esforço no sentido de fazer algo pelos Zeferinos. Ainda mais se considerarmos que nenhum Dr. Fulano de Tal, milionario ou não, tem o direito de



explorar o suor de um Zeferino qualquer, sob o pretexto de ser este um safadão. Os defeitos de Zeferino não justificam as ruindades dos patrões que sugam seu suor.

Baseados nestas considerações, poderíamos imaginar a utilidade de se fazer qualquer coisa em prol dos Zeferinos. Quando nada conseguíssemos, teríamos, pelo menos, uma coisa: a alegria de fazer o bem ou, no mínimo, de trabalharmos com a intenção de fazê-lo. Teríamos esta alegria. Gozariamos esta vantagem. Mas, perguntamos: e os Zeferinos? Haveria alguma vantagem para eles? A tentativa de se fazer algo no sentido de lhes melhorar a vida, material, moral e espiritualmente, encontraria no ambiente social de nosso tempo, compreensão, estímulo, possibilidades de ir adiante, de produzir resultados satisfatórios? Em suma: valeria a pena?

Muitos homens da classe média andam preocupados com o próximo futuro, isto é, com o próximo governo getuliano, com seu trabalhismo ideologicamente indefinido e impreciso. Comentam que esses Zeferinos, quando se lhes aumentam os ordenados, dão para se julgar importantes, para se julgarem necessários, e se são regulares ficam ruins e são ruins ficam piores. Se são vaqueiros, como o Zeferino, quando acham ordenado gôrdo botam logo um ajudante e vão deixando tudo, pouco a pouco, nas costas do ajudante... E alguns há que dão até para arranjar outra “família”, gastando as sobras com alguma mulher que não é a esposa... (Tendo em casa a mulher que Deus lhe deu na Igreja, muito Zeferino, quando se acha endinheirado, vai gastar com outra mulher que o diabo lhe arranja na rua...) Imagine-se, pois, o que não há de ser esta gente armada de leis protetoras, de um governo que só sabe ver o mundo através de um prisma puramente econômico! Num ambiente assim, de expectativa de um governo como que vem aí, com Getúlio no cabeçote e Café Filho na garupa, valerá a pena se tentar qualquer coisa de sério em benefício dos Zeferinos?

Emfim, não antecipemos. Façamos um grande esforço de boa vontade para abriremos um crédito de confiança a quem, pelo seu passado, não o merece. E Deus ajude que, depois, possamos dizer que valeu a pena.

M. Novo, Janeiro, 1951

EULALIO MOTTA

JS40[1951]

AMEN

Para “O Serrinhense”

As indústrias farmacêuticas estão comunicando, às farmácias, alta de preços em seus produtos. Os comerciantes de tecidos estão anunciando alta por falta de algodão. Subsídios e salários estão sendo majorados. As taxas do Instituto dos Comerciantes também já deram seu pulosinho. Etc., etc... E todos estes aumentos se refletem na alta de preço da unidade de cada produto. Alguém que não recebe nenhum aumento passa a comprar tudo de que precisa por muito mais. Este alguém o homem da roça, o plantador de feijão e de milho, de arroz, de mamona, de mandioca, de batata... Nossos pobres lavradores não têm sociedades organizadas. Não sabem fazer greve, não sabem protestar. Não sabem porque é que as coisas estão ficando prêtas. Só sabem que o frasco de remédio que há poucos meses custava cinco cruzeiros, já está custando oito ou dez. E que o tacho de pano está ficando pelos olhos da cara. E a enxada. E o facão. E o quilo de carne. Tudo ficando pela hora da morte. E vão apertando mais o cinto e aumentando os remendos que roupa nova está ficando coisa impossível.

Sentem que precisam de algo que os alivie. Não endendem de política. Não sabem dos porquês. E votaram cerradamente em Getúlio na esperança de que o velhinho traga remédio a suas angústias. Muitos deles me disseram: – “Foi seu Getúlio que fez a lei de abono familiar.” É o homem que lembra dos pobres. “É o pai dos pobres”.

Os que vivem preocupados em descobrir a causa de tanta popularidade de Getúlio, tomem nota disto: – Os pobres estão convictos de que Getúlio foi o único homem público deste país que se preocupou com os pobres, procurando minorar o sofrimento deles. O abono familiar, as leis trabalhistas, etc., criaram esta convicção no espírito dos pobres.

Agora que o aumento dos preços de tudo está apertando mais os parafusos sobre a vida apertada dos pobres, Getúlio vai assumir o Poder. É grande a esperança dos humildes. É enorme a responsabilidade do presidente eleito.

O Sr. Getúlio está na obrigação de fazer algo que alivie o sofrimento dos humildes. E todos, de todos os partidos, inclusive nós, anti-getulistas por convicção de princípios, estamos na obrigação de ajuda-lo. Para que, depois, não possa ele acusar de culpados de não ter ele podido dar, ao povo, pelo menos uma fração do muito que prometeu.

Que o Sr. Getúlio nos surpreenda com um governo útil, de respeito à Lei e de realizações em benefício do povo, principalmente do pobre trabalhador das roças que é quem paga o pato que os outros comem, é quem tem aguentado com as consequências de todos os erros dessa política velha de cabra-cega, sem base, sem fundamento, sem rumo, sem destino.

Que Deus dê juízo aos grandes do governo e aos grandes da oposição. E a preocupação com o bem comum substitua muitas outras preocupações. Que o espírito de boa vontade: ilumine a uns e a outros, do governo e da oposição.

“Para bem de todos e felicidade geral da Nação.” Amen.

M. Novo, Janeiro, 1951

EULALIO MOTTA

JS42[1951]

ZEBU'

Para “O Serrinhense”

O “Diario de Noticias” de 23-1-51 traz um artigo do snr. Assis Chateaubriand, intitulado “O Retorno do Zebú” sem o jôgo da especulação. Refere-se a loucura zebuistica de 44 e 45, ao colapso consequente e á queda do zebú no interesse dos criadôres. E a seguir comenta, com indistigável entusiasmo, o retôrno do prestígio do zebú na pecuaria nacional, afirmando que “voltam a se reanimar as praças zebuistas, uma das quais já experimenta sensação de euforia e confiança nos negocios de gado, falando-se em transações de touros de 50 até 100 mil cruzeiros.”

Sobre este assunto – preço atual do zebú – tenho cousa melhor a dizer ao snr. Chateaubriand: aqui em Mundo Novo ha um fazendeiro, pioneiro do zebú entre nós, que, a cerca de um ano, deu, por um garrote indubrasil em Minas, nada mais, nada menos, do que duzentos e cincoenta mil cruzeiros. Certamente muita gente duvidará. (Já se disse que preço de zebú é como idade de moça.) Todavia, é muito facil tirar a prova, botar a limpo: alguém pegue \$300.000,00 contadinhos da Silva e vá á fazenda de nosso amigo tentar a compra do celebre garrote...

No artigo supra referido, o jornalista traz uma noticia alviçareira: “os “Diarios Associados” já adquiriram para suas fazendas dois lotes de gado Gyr, num total de 120 vacas e 3 touros puro sangue, rebanho com o qual vão alimentar o exemplo e obter lucro.” E acrescenta o jornalista: – “Temos confiança irrestrita na recuperação do zebú.”

Noticia alviçareira! Sim: que a maior cadeia jornalística do Brasil seja agora tambem criadora de zebú! Abre-se, assim, uma oportunidade de se esperar que o nosso jornalismo passe a entender algo de um assunto tão importante como seja o problema da carne no Brasil. Sempre que os nossos jornais comentam este problema, dizem bobagens quilométricas, como por exemplo, a afirmação de que soltadôres ou abatedôres fazem retenção de boiadas gôrdas para forçar altas. Fazer tal afirmação é não entender patavina do assunto! Quem está com uma boiada gôrda só tem uma preocupação: bota-la fóra, logo! Necessidade de descanso de pastagem, e receio de ver aparecer a aftosa e estragar a gordura. Outra engraçada dos tecnicos de gazêta, é opinar que o governo deve botar açougue. Como se açougue de governo fizesse aumentar o numero de bois! Se um produto está escasso e caro, parece claro que o processo mais indicado para desaparecer a escassez e melhorar, consequentemente, o seu preço, é pôr em pratica os meios de aumentar tal produto. No caso: Valorize-se a vaca, tornando-a objeto preferencial para penhor de empréstimos pecuarios e ninguem venderá vaca para o sêpo. O prestígio do zebú, fator decisivo no aumento da produção de carne está definitivamente assegurado, dispensando amparo oficial. Voltem-se os responsaveis para uma política visando o aumento de vacas e haverá maior numero de bois. Sem aumentar o numero de bois, toda promessa de baixa de preço de carne, como aquela do snr. Getulio prometendo carne de \$4,00, não passa de demagogia!

M. Novo, Janeiro, 1951

EULALIO MOTTA

Em tempo ou fóra de tempo: – Na cronica intitulada “O TEMPO,” em “O Serrinhense” n.º 35, onde se lê: “amavelmente,” leia-se: ”invariavelmente”.

JS43[1951]

“SUSPEITO”

Para “O Serrinhense”

Pagina 216 do livro “O Problema do Trabalho”, do Snr. Alceu Amoroso Lima, (Tristão de Atahyde):

– É preciso vencer nos meios religiosos, o temor do socialismo, o espantallo do comunismo, a desconfiança da democracia e a suspeita em face das reivindicações mais justas do trabalho:

Note-se: o Snr. Alceu Amoroso Lima afirma que nos “meios religiosos” ha “suspeita em face das révindicações mais justas do trabalho.” Sem comentarios.

Pagina 223, do livro supra-referido: “Devemos ser livres e concientes para estar presentes.” (Os grifos são do autor.) “Somos acusados, por vezes, de “suspeito” por defendermos a colaboração com todos os partidos e a todos estendermos as mãos... “E trabalhando com todos os que não participam, ao menos integralmente, de nossas convicções – comunistas, socialistas, liberais ou conservadores..... que julgamos cumprir com o nosso dever de catolicos.” (Não pensa assim o Santo Padre, o Papa Pio XII, que excomungou comunistas e colaboradôres do comunismo. O “dever de catolicos” da cartilha maritainista do Snr. Tristão de Atahyde, difere muito, portanto, da cartilha de Pio XII. “É rebatendo – continuo o Snr. Alceu – é rebatendo os erros do comunismo materialista, mas amando os comunistas.”

O Snr. Tristão de Atahyde é, assim um mão estendida franco, desmascarado, “livre.” Acha que não estender as mãos aos comunistas é não os amar. Muito bem que se ame aos comunistas. É um doce dever cristão, e dos mais fundamentais, ou mesmo o mais fundamental. Agora, que não cooperar com eles, signifiquei não os amar, só

mesmo na cachóla dos sábios do maritainismo! O que é lamentável é que o amor colaboracionista do Snr. Tristão para com os comunistas não se estenda aos católicos anti-comunistas “Tipo Franco.” Para os comunistas e socialistas, o Snr. Alceu Amoroso Lima é mesmo amoroso, cheio de palavras de amor. Para os católicos “tipo Franco”, entretanto, tem somente palavras de rancôr... Caridade esquesita a caridade do catolicismo maritainista! Pagina 263 do livro em tela: “Reduzir a Igreja a esse papel decorativo ou policial sempre foi o sonho dos regalismos de todas as especies, desde os Reis bisigodos aos ditadôres tipo Franco, do seculo XX.”

Para o Snr. Alceu, os católicos “Tipo Franco” são falsos católicos, são reacionários, indesejáveis, com os quais não se deve cooperar: neo-fascistas, anti-democratas, uns diabos que não merecem o amor da caridade maritainista. Na pagina 223, supra-citada, ele diz ser tido como “suspeito” por defender “a colaboração com todos os partidos.” (O grifo é nosso). Na pagina 245, apresenta um decalogo para a LEC, encerrando os “princípios fundamentais” (sic) por que se bate. O numero 8 do catalogo diz assim: “Pluralidade partidario com exclusão de organizações antidemocraticas.” (o grifo é nosso.) O homem que na pagina 223 se bate pela colaboração com todos, na pagina 245 declara-se partidario de exclusão de organizações anti-democraticas. Que são, para os maritainistas, “organizações anti-democraticas”? As organizações que eles chamam “neo-fascistas,” dos católicos “Tipo Franco”. São os “falangismos e integralismos do seculo XX.” (Pag. 249.)

Esse livro do Snr. Tristão ou Alceu, traz uma carta altamente elogiosa do Frei Sebastião Hasselmann O. P. Não podemos censurar o Frei. Porque o livro é quase todo digno do elogio que lhe faz. Precisamente por isto é que nos parece perigoso o maritainismo: porque em meio a tantas paginas e capitulos magnificos, que conquistam nossa admiração e nossos aplausos, está o veneno da mão estendida já oficialmente condenada pela Igreja. E essa historia de amar comunistas e odiar católicos “tipo Franco.” bem que justifica aquela acusação de “suspeito” a que se refere o autor...

M. Novo, Fevereiro, 951  
EULALIO MOTTA

JS46[1951]

DIANTE DISTO...

Para “O Serrinhense”

O Snr. Alceu Amoroso Lima, (Tristão de Atahyde), comumente tão prolixo, tão minudente, tão demasiadamente analítico, é incrivelmente parco quando trata ou devia tratar de justificar suas acusações, graves acusações, a católicos como o General Franco, da Espanha. Sua parcimonia, neste particular, chega a cento por cento, uma vez que se limita à acusação, sem nenhuma palavra justificativa.

Acusa Franco de “reacionario”, de “falso defensor da civilização cristã”, etc., etc., (“Problema do Trabalho,” pag. 149). E que programas, conceitos ou fatos politico-sociais de Franco apresenta o sr. Alceu, para justificar suas graves acusações? Nenhuma! É incrível! Que um João ninguém, um mequetrefe qualquer, vermelho, côr de rosa, ou apenas imbecil, diga cobras e lagartas contra católicos eminentes, sem nenhuma preocupação de provas, de justificativas, compreende-se. Mas, que isto aconteça com um dos homens mais cultos deste Paiz, com a responsabilidade de antigo lider da Ação Católica Brasileira, da Liga Eleitoral Católica, etc.; que isto aconteça com Tristão de Atahyde, é de pasmar!

Mas se ele, Alceu Amoroso Lima, nada diz para justificar as suas acusações, segundo as quais o General Franco está pondo em pratica uma politica nociva à Igreja, perguntemos: – que dizem, sobre o assunto, os Bispos da Igreja na Espanha? E com quem está a voz da Igreja? – Com os maritainistas “mão estendidas” ou com os Bispos? Quem tem mais autoridade para falar sobre a Igreja na Espanha: o nosso eminente Tristão de Atahyde ou os Bispos de Espanha? Não sei se o Snr. Tristão de Atahyde concordará que sejam os Bispos hespanhóes. Concorde ou não, vejamos o que dizem os Bispos de Espanha, unica voz autorizada sobre o assunto: LEOPOLDO, Patriarca das Indias Ocidentais, Bispo de Madrid-Alcalá, diz: – “Atualmente, na Espanha, em tudo quanto o bem da Igreja e o bem comum da patria o exigem, a Igreja orienta livremente, doutrina, e, na medida do possivel, coopera com o Estado... “O Estado, por sua vez, em nada perturba nem dificulta a vida da Igreja nem se intrumete de maneira alguma nos negocios desta, a não ser para favorece-la e de previo acordo com ela”. (Ver “Carta do Bispo de Madrid-Alcalá ao diario “Yá” de Madrid, transcrita em “Mensageiro do Coração de Jesus”, numero 649, de Dezembro de 1950).

O “Mensageiro da Fé”, (de Salvador), nº. 23, de Dezembro de 1950, na sua coluna de “Noticias”, traz um topico intitulado: “Progresso religioso na Espanha”. Vejamo-lo: –

“MALAGA – (PB) “Dom Angelo Horrera Oria, Bispo de Malaga, declarou, por intermedio da radio-vaticano, que a Espanha está passando por uma renovação profundamente religiosa, ainda que não se realizou muitas manifestações publicas da fé, mas sim a formação integra da juventude...”

Ainda o “Mensageiro da Fé,” nº. 2, de Janeiro de 951, em um topico na referida coluna de “Noticias”, diz: “A Espanha mantem, atualmente, 20.000 missionarios em diversos paises, tendo nos anos de 1948-1949 preparado 1.700 sacerdotes para o sublime ideal missionario”.

“Diante disto e depois disto”... não é de admirar que o Snr. Tristão de Atahyde esteja sendo marcado de “suspeito”, segundo ele mesmo afirma...

M. Novo, Fevereiro, 951  
EULALIO MOTTA

JS47[1951]

“O Sinal da Cruz”

Para “O Serrinhense”

Certa vez, em Salvador, onde estava passando a Semana Santa, fui assistir um film intitulado “Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Para conseguir chegar ao recinto do “Cinema” era preciso lutar e suar muito ou desistir. Eram muitas secções e todas se superlotavam. Uma verdadeira multidão se acotovelava defronte do “Jandaia”. E na bilheteria, como na entrada, se precipitava aquela multidão, aos trancos e barrancos, de tal forma que se tinha vontade de desistir. Mas ninguém desistia. Todos queriam ver, inclusive um numero enorme de crianças. Afinal, assisti o film. Saí decepcionadissimo. Uma baboseira. Pedacos remendados de um velho film mudo e escuro, simbolicamente escuro. Nada de Cristo nem de Cristianismo. Apenas espirito comercial dos magnatas do cinema explorando a fé das multidões. Era Judas continuando a vender Cristo, não mais apenas por 30 dinheiros, mas, por muito dinheiro.

Lembrei-me, esta semana, daquela minha decepção em Salvador. Lembrei-me ao verificar, em ponto pequeno, fenomeno semelhante, ao assistir, um dia desses, nesta cidade, o film intitulado “O Sinal da Cruz.” Conhecia de referencias muito elogiosas este film. Já havia passado em Mundo Novo, segundo me diziam, pegando “casa cheia”, e eu, ausente, não assisti. Agora voltava “O Sinal da Cruz” com muita propaganda. E o salão do “cine box” se viu plenamente lotado. Pela primeira vez fui ao cine local. E fui apenas sofrer mais uma decepção.

De sinal da cruz vi, apenas, materialmente, um risco no chão, traçado com a ponta do bordão de um dos personagens. Um risco no chão, sem nenhum risco nas almas.

Ausencia total de espiritualidade no enredo e na representação. Tinha-se a impressão bem nitida de que aquela baboseira foi passada, escrita, representada e dirigida por materialistas. Cada vez mais me convenço de que papeis religiosos, na tela ou no palco, como, aliás, na propria vida, não podem ser eficientemente representados senão por quem vive a religião. Sem a fagulha de Vida iluminando o interior, toda exterioridade é turva e morta.

A atriz que desempenhava o papel da cristã – Marcia – que conquistara a simpatia, a proteção e o amor de um dos maiores de Nero, – Marcos –, vestia-se na ultima moda, com vestido fino colado ao corpo, em insinuante exibição de curvas, como qualquer burguezinha fútil de nosso tempo... Os “martires” botavam a bôca no mundo, agarrados á vida terrena, quando viam o sofrimento ou a morte trazidos pela mão da tirania de Nero. Marcos, o pseudo convertido por Marcia, caminhava para o “circo” agarrado a ela, dizendo que não queria morrer olhando para o ceo, e sim olhando para ela...

De outra vez o namorado pagão dissera á namorada cristã: – “Deixa este teu Deus que é uma ilusão como todos os deuses...” E a namorada cristã não sabia replicar...

Francamente: o tal “O Sinal da Cruz” deu-me a impressão de que foi feito com um proposito, uma intenção: ridicularizar a Fé, o Martirio e os Martires Cristãos... E pegar “casas cheias”...

Judas continua no mundo, vendendo Cristo por muito dinheiro...

M. Novo, Fevereiro, 951  
EULALIO MOTTA

JS48[1951]

“Aparencias e realidades”

Para “O Serrinhense”

Ha individuos que se dão ao trabalho de escrever e publicar monografias sobre a arte disto, a arte daquilo, a arte daquilo outro. Exemplo: “A arte de fazer sabão...”

Na America do Norte ha um escritor que escreveu um livro sobre a arte de fazer amigos e um outro livro sobre a arte de fazer felicidade: aquele, intitulado “Como fazer amigos e influenciar pessoas”; e este, com o titulo de “Como evitar preocupações e começar a viver.” Como amigo e felicidade são “coisas mui bôas, desejadas por todo mundo, acredito que aqueles dois livros tenham redundado, na pratica, em verdadeira “Arte de Dale Carnegie ganhar milhões.” Uma das coisas que mais se distacam na psicologia do norte-americano, é o seu tino em ganhar dinheiro, em romper dificuldades em busca de milhões e acabar por consegui-los. Dale Carnegie, de origem pobre, soube vencer conseguindo, para ele, a felicidade que prega para os outros: a felicidade do exito, dos bens deste mundo, da paz deste mundo, das alegrias deste mundo. (Neste comentario só me refiro ao livro: “Como evitar preocupações...”) A felicidade que ele prega é a felicidade terrena, felicidade com f pequeno. À ultra-terrena, à Felicidade com F grande, não se refere. Para ele não existe inferno e o paraíso é aqui mesmo neste mundo e está ao alcance de qualquer um que compre o seu livro e siga seus conselhos... O seu conceito de felicidade não é o da Cruz, é o do exito terreno. Tem mais de Epicuro do que de Cristo. Cita, muitas vezes, o Evangelho e faz elogios à prece. Isto dá, aos menos avisados, a ilusão de que o livro é de fundo cristão, como varios dos seus leitores me afirmaram. (E por falar em prece: na pagina 214 está uma prece cuja autoria é de São Francisco de Assis e o autor do livro, (ou o tradutor?) esqueceu de citar o nome do Santo que a escreveu...)

Ha um capítulo, no livro referido, em que o autor expressa o juízo que faz sobre a crítica. E cita um fulano que afirmou que “ninguém chuta um cão morto” – variante, como se vê, do velho adágio segundo o qual ninguém apedreja árvore que não tem frutos. No citado capítulo, Dale Carnegie afirma que “muitas pessoas têm grande satisfação em atacar aqueles que são mais bem educados e têm mais êxito do que eles...” E é verdade: ha muita gente que critica, discorda, combate, visando exclusivamente bancar o importante. Muito cabotino já atacou Ruy com tal propósito.

Não sei se ao espírito do amigo que me emprestou o livro de Carnegie não passarei por um desses cabotinos ou despeitados. Não sei. O que sei é que não posso deixar de discordar de um conceito, de uma opinião, para não parecer cabotino. Cabe aqui citar as palavras de uma Fulana, que se encontram na página 221 do livro em foco, Diz ela:

“Nunca se incomode com o que os outros digam, sempre que você saiba, no íntimo do coração, que está agindo direito.”

É com esta consciência que afirmo: o livro do Sr. Dale Carnegie não é de fundo cristão. E não é escrito por um crente, é escrito por um cético-pragmático. Tem, entretanto, o livro, a sua parte boa, o seu lado bom quando nos mostra os danos causados por preocupações e as vantagens de nos desembaraçarmos delas. Traz, principalmente nos últimos capítulos, bons conselhos aos jovens, de orientação para o que se chama “vida prática.” Gostei, por exemplo, do capítulo que se refere à escolha da profissão, à vocação profissional. Tem, entretanto, este capítulo, um inconveniente: em parte só serve para os jovens norte-americanos, uma vez que a receita indicada encaminha os jovens a folhetos e organizações que só existem na América do Norte.

Livro útil, se quiserem, sob este ponto de vista de conselhos e exemplos para a vida prática. Mas ninguém me venha com essa história de fundo cristão que é coisa que não existe em tal livro. O que ha nele é filantropismo, envez de caridade; e busca dos bens deste mundo sem nenhuma referência ao Bem Imperecível de um Reino que não é deste mundo.

Se me sobrar tempo e vontade de escrever, voltarei ao assunto, citando, argumentando, justificando o que afirmo. Gilberto Amado tem um livro intitulado “Aparencias e realidades.” O fundo cristão do livro do Sr. Dale Carnegie pertence ao mundo das aparencias...

M. Novo, Fevereiro, 951

EULALIO MOTTA

JS49[1951]

PÊZAMES

Para “O Serrinhense”

Apesar de muitas aparências em contrário, o sertão continua a ser, nada mais nada menos, que mera localização de massa votante. Nada mais. As necessidades mais vitais do sertanejo, das populações sertanejas, são focalizadas, encaradas, proclamadas, em vésperas de safras eleitorais. Passadas estas, silêncio e desprêso retornam ao espírito dos maiorais. O caso do Ginásio de Serrinha é típico. O Sr. Otávio Mangabeira foi derrotado nas urnas da Capital, sendo eleito pelos votos do sertão. Fez frase: que seria “O Governador dos sertanejos”. E foi o que se viu: tudo para a Capital – para as avenidas, para os turistas, para o futebol, para o carnaval... e, também, incontestáveis e numerosos benefícios aos pobres da Capital. E quanto aos sertanejos... que fossem pentear macacos... Como se faz com menino, a quem se dá bombom pra não chorar, pra não fazer berreiro, S. Exa. andou facilitando a aquisição de algum motôzinho de luz para aqui, outro motôzinho para acolá, algum prediosinho para qualquer coisa que não funciona, e quase nada mais do que isto. Com isto recebia telegramas do sertão agradecido, os quais logo saíam nos jornais. Saúde, instrução, etc., para o sertão? Não havia verba. As verbas, constituídas em grande parte com o suor dos sertanejos, consumiam-se em avenidas, asfaltos, hotéis palacetes para hospedagem de turistas grãfinos, do grãfinismo nacional e internacional... para não se falar em campos de futebol e clubs de carnaval. No sertão as mulheres continuam a morrer de parto por falta de recurso dos esposos e por falta de verba dos govêrnos para construção e funcionamento de maternidades. Adultos e crianças morrem à míngua de recursos próprios e de assistência dos poderes públicos. Ginásio: no sertão? Para que esse luxo? Não ha verba.

E o sonho de Rubem Nogueira, da população de Serrinha, dos país sertanejos, para se tornar realidade, vae indo a passos de jumento, e assim mesmo muito contra gôsto dos maiorais que não podem ver com bons olhos êste desvio de dinheiro para construção de um ginásio no sertão, quando o campo de futebol e outras obras importantes da Capital ainda não se poderam concluir.

Foi assim o govêrno do “Governador dos sertanejos” que, para nós, deixou o poder sem deixar saudade.

Presados leitores: esse problema do Ginásio de Serrinha ecoou, foi comentado, aqui em Mundo Novo, como, certamente, em muitos municípios, graças à existência de “O Serrinhense”. Graças à leitura dêste semanário magnífico, outros problemas do sertão, da vida do sertanejo, com suas penúrias, tornavam-se assuntos de conversas, sugestões, esperanças, redundando tudo isto, em formação, de uma necessária consciência de política objetiva no espírito de nossa gente. Neste sentido, era enorme o benefício que vinha fazendo ao sertão, a existência de um semanário excepcionalíssimo como “O Serrinhense”. Seus comentários sensatos, oportunos,

iluminados de consciência dos problemas sertanejos e ricos de sugestões práticas, felizes; as suas críticas equilibradas, conscienciosas, sem o ranço de oposicionismo barato e rancoroso; os seus aplausos sem bajulação, iluminados do mais puro espírito público, tudo isto fazia de “O Serrinhense” um semanário excepcionalíssimo em nosso Estado. Pelas suas colunas falavam, com simplicidade, clareza, honestidade, as aflições, os desencantos, e as poucas e pequeninas esperanças da gente do sertão.

Agora, por carta dêsse admirável incompreendido Bráulio Franco, estou sabendo que “O Serrinhense” vae recolher-se ao silêncio. A tribuna do sertão vae ser desmontada. A bôca por onde o sertão gritava suas necessidades e seus protestos, vae emudecer.

Pêzames ao sertão. Pêzames, “de modo especial, à Serrinha.

Louvado seja Deus!

M. Novo, 26-3-951

EULALIO MOTTA

### **JORNAL GAZETO DO POVO**

JGP64[1960]

“Instantâneos”

Um amigo me perguntou porque não escrevo “Instantâneos” para a “Gazeta do Povo” como venho fazendo, há anos, para “Vanguarda” de Jacobina. Respondi que não posso ir bater papo em casa de alguém se não fôr convidado pelo dono da casa. Depois estive refletindo que não é lá muito fácil se escrever para a Gazeta de A ou B, quando se tem um conceito próprio e definitivo sôbre as coisas. Às vezes o conceito de quem escreve difere ou entra em choque com as opiniões do dono da casa, quero dizer da Gazeta. Senti tal choque quando, ainda estudante, trabalhei na redação de “O Imparcial” interinamente em substituição a um redator em férias. Eu tinha então, a intransigência da juventude. A vida não me tirou, pelo menos totalmente a intransigência... Mas me trouxe a arte de contornar... Se não levo, atualmente a transigência a ponto de fazer propaganda de Jânio quando sou lotista, sei contornar o assunto não falando em corda em casa de enforcado... Este exemplo não é bem apropriado: porque, no caso “Gazeta” e eu estamos de acôrdo, somos ambos lotistas, convencidos de que devemos evitar o risco de levar à Chefia da Nação, um “homem de atitudes imprevistas e desconcertantes”...

Bem, por hoje é só. Do contrário perderia o direito ao título de “Instantâneos” que dou às minhas conversinhas escritas.

Até outra.

BRAZ CUBAS

JGP66a[1960]

Instantâneos

Logo depois da convenção udenista que deu ampla vitória de Jânio sobre Juracy, êste afirmou, segundo publicaram os jornais da época, que Jânio estava vitorioso, mas a UDN, de qualquer forma, com a candidatura Jânio estava derrotada. (Referindo me de memória, não sito as palavras textuais).

O candidato tem insistido demasiadamente da afirmação de que não tem nenhum compromisso com a UDN. Um candidato que assim declara, insistentemente, se fôr eleito pode mandar tal partido para o diabo que o carregue sem que nenhum udenista tenha direito de dizer um pio. Juracy tem razão: com Jânio, seja qual fôr o resultado da eleição, a UDN estará derrotada.

Sem nenhuma pretensão de influir em votos udenistas; sem nenhuma ilusão em tal sentido, afirmo a vocês, com o máximo de sinceridade: se eu fôsse udenista não votaria em Jânio. Votaria em Ademar ou em branco, o que significa a mesma coisa. Não daria meu voto a quem faz questão de exhibir repulsa ao meu partido. Repulsa em palavras e atos. Em palavras: declarou, em entrevista publicada nos jornais, que fidelidade à UDN é coisa que tem a ver com os udenistas e que êle não pertence à UDN. Em atos: sua escandalosa ausência na solenidade de lançamento oficial da candidatura udenista à Vice, Dr. Milton Campos.

Juracy tem razão: com a candidatura Jânio, seja qual fôr o resultado da próxima eleição, a UDN está derrotada.

BRAZ CUBA

JGP66b[1960]

Adolfo Barreto

Eulalio MOTA

Caprichos e mistérios da vida; criaturas que nascem marcadas para grandes vãos, condenadas a viverem vidinhas obscuras, mediocres, apagadas, vidinhas de homens comuns, de homens sem marca.

Ocorre-me tal pensamento ao ter notícia do falecimento, no Rio, de nosso velho amigo Adolfo Barreto, o “Tenente Adolfo”, como era mais conhecido no seio da família mundonovense.

Homem de inteligência, temperamento de educador, vocação de mestre, teria sido um grande no mundo das letras, da cultura, da educação nacionais, não fôra a pequenez do meio em que nasceu e viveu. Prova exuberante de sua vocação de educador, a série de pequenos livrinhos que escrevera e divulgava visando facilitar a aprendizagem da petisada mundonovense de várias gerações: – “Pequena Geografia”, “Prontuário Aritmético”, “Elementos Gramaticas”, “História do Brasil”, “Breve História do Município de Mundo Novo”, “Histórias morais para crianças”, “Pequenos conselhos oferecidos aos meninos”, “Deus, a lei divina e o espírito humano”, “Reminiscências políticas”, “Histórias da estrada de ferro de Mundo Novo” e “Colaborações esparsas”.

Esta série de pequenos livros revela a natureza de um grande espírito e dispensa longos comentários comprovantes de sua vocação de educador, preocupado com a formação dos filhos de Mundo Novo. Esta nobre e constante preocupação de sua vida dá-lhe o direito pleno e justíssimo ao título de cidadão mundonovense. Ninguém foi mais mundonovense do que êsse filho do Morro do Chapéu. Quando, no período da ditadura, um município avançou em grandes áreas de cobijadas terras mundonovenses, o distrito de Ipiaporã não deixou de pertencer a Mundo Novo, graças aos esforços de Tenente Adolfo, cujas cartas a amigos, em Salvador, eram verdadeiro S.O.S, em defesa da integridade de nosso torrão. Contando com a colaboração dedicada e eficiente de Jairo Almeida, na Capital, evitou a vergonha de perdermos aquêle distrito sem protesto dos responsáveis. Enquanto êstes se omitiam, vergonhosamente, Tenente Adolfo, fazia viilia em defesa de nosso município.

Tabelião de uma terra rica, viveu e morreu honrosamente pobre porque a sua extraordinaria integridade moral não lhe permitia receber um níquel sequer além do licito, do determinado, do estabelecido por leis e regimentos. Educador de nossa gente: defensor da integridade de nosso torrão: mundonovense por tantos e tantos honrosos títulos merece por tantas virtudes, como homanagem póstuma de nossa gratidão, ser apontado às atuais e futuras gerações de nossa terra, como padrão, estímulo, modêlo de virtudes da família mundonovense.

Que Deus receba e guarde sua grande alma.

JGP67[1960]

Instantaneos

Não concordo com a definição que Fernando Ferrari dá de nacionalismo e respectiva divisão, em seu livro “Mensagem Renovadora”. Conceito de nacionalismo deve partir de conceito de Nação. Como conceito de Nação deve partir de conceito do Homem, matéria prima de Nação. Conceito de nacionalismo em base filosófica é lero-lero... É “nacionalismo”: não é Nacionalismo.

Môço de talento e de cultura, Ferrari sabe, com toda certeza, que Nacionalismo não é aquilo... O lero-lero corre por conta das chamadas contingências político-eleitorais... Quanto ao mais, de sua “Mensagem Renovadora”, apesar de restrições que teria de fazer em conversa mais comprida, demonstra que êle é uma vocação incontestável de homem público, que não se limita a criticar e lamentar os males de nosso tempo, como o fazem muitos medalhões da política brasileira.

Ferrari é um môço que tem a coragem de botar as cartas sôbre a mesa, estudando os problemas, mostrando males e remédios, diagnosticando, receitando. Podemos discordar da interpretação de alguns sintomas, da indicação de alguma droga. É outro caso. Não lhe tira o mérito.

Se eu fôsse o dr. João Goulart, envez de combater seu conterrâneo, pediria ao Partido que o apoiasse. Môço de origem humilde, inteligente, culto, vocação incontestável de líder, merece o apôio de Jango e do P.T.B.

BRAZ CUBAS

JGP69a[1960]

Evidencia

“A lei do Estado tem que ser cumprida, até que os que lhe alegam a inconstitucionalidade consigam a vitória de sua tese perante os tribunais”. Doutrina do Snr. Governador Juracy Magalhães, em carta a mim dirigida, de 7-7-960.

Não sei se tal doutrina merece apôio irrestrito dos doutos em Direito, porque, na verdade, uma lei inconstitucional não é lei; – “Um ato do poder legislativo em contravenção a uma clausula constitucional, não é, com efeito, uma lei (Direito Constitucional” Francisco de Campos, pág 430, citado por Genésio Pereira Filho, em “Intangibilidade Territorial do Município”, pag. 64.)

Consideremos o seguinte: uma lei acusada de inconstitucionalidade, é ou não é evidentemente inconstitucional. Se a inconstitucionalidade não é evidente (neste caso pode não ser inconstitucional) é razoável que seja cumprida até que o Supremo Tribunal se pronunciasse, entretanto, a inconstitucionalidade é evidente, não me parece razoavel que seja respeitada. Exemplo: – um município foi anulado por decisão unanime do Supremo Tribunal que considerou a lei que o criou, inconstitucional. Uma outra “lei”, restabelece o município anulado, “tentando burlar o decisorio definitivo”, segundo expressão do próprio Supremo. É evidente, pois, a inconstitucionalidade de tal lei. Lôgo, não é lei. Não sendo lei, não deve ser respeitada, não tem que ser cumprida”. Assim penso e continuarei a pensar, até que Doutos em Direito se pronunciem, unanimemente, em sentido contrário.

Se alguém conseguir provar que o sol não ilumina ou que 2 mais 2 não são (4), estará em condições de provar que a inconstitucionalidade da “lei” bahiana 1.014 não é evidente. Evidência não se prova. Aponta-se. Mostra-se.

Ninguém vai cometer a maluquice de querer provar que sol ilumina ou que 2 mais 2 não são 4. Também na evidência de inconstitucionalidade de uma “lei” não se exibem provas, aponta-se a evidência. E para apontar a evidência da “lei” 1.014, basta expôr o seu histórico: — era uma vez uma coisa apelidada de ‘lei’. E a coisa, além do apelido de ‘lei’, tinha um número: 503. Lei 503: O nome tódo da coisa era assim “Lei 503 de 28 de Novembro de 1952”. Dizia-se criadôra de um “município” bahiano, sem plebiscito e sem anuência da Câmara de Vereadores do Município matriz. Foi fulminada, — não podia deixar de ser! — por decisão unânime do Supremo Tribunal. Pois bem: esta coisa apelidada de lei 1.014 “restabelece” aquela outra que foi apelidada de “lei” 503 e fulminada pelo Supremo. Feito este histórico em rápidas pinceladas, pergunta-se haverá quem queira pedir provas da inconstitucionalidade da “lei” 1014? Só doido!

Danei com Wilson Lins quando disse, certa vez, em uma crônica, que quem se mete a provar a existência de Deus é tão malúco como quem se arvôra a provar a inexistência. Danei! Mandei-lhe até pêsames numa crônica pelas colunas de “Vanguarda” de Jacobina. Refletindo, depois, que Deus é evidente, concluí que aquela afirmação do brilhante crônista d’“A Tarde” tinha muita inteligência e nenhuma irreverência. Realmente: querer provar a existência ou inexistência do que é evidente, é maluquice.

Um bacharel amigo me disse que para receber a inconstitucionalidade da “lei” 1.014”, não precisa nem saber ler. “Está ao alcance do senso comum” EVIDENCIA! Repetindo, para terminar: uma “lei” evidentemente inconstitucional”, não é, com efeito, uma lei”. E não sendo Lei ninguém nos pôde obrigar a têr-lhe respeito Ninguém! Nem o Governador nem ninguém! Não “tem que ser cumprida”! Impôr cumprimento de inconstitucionalidade evidente, é ato de violência!

EULALIO MOTTA

JGP69b[1960]

Instantâneos

Chegou-me por acaso às mãos um livro intitulado “bilhetinho de Janio”. Li, cuidadosamente. Gostei. E o lado bom do homem. O lado de sol da lua. O pior é que há o outro lado. O lado da sombra. Sombra de um esquerdismo indefinido e suspeito. Sombra de anti-americanismo caricato e ridículo. Porque alguns adversários o acusaram de filo-americano, de entreguista, o homem deu para exibir um anti-americanismo realmente caricato e ridículo. E perigoso: porque aumenta, indistintamente o parentesco espiritual do dito com o sanguinário e maluco Fidel Castro. Se o povo brasileiro, envez de preferir o equilíbrio, sensato, enérgico e magnificamente anti-demagógico de Henrique Lott, eger esse Fidel Castro da língua portuguesa, ninguém pode imaginar o que possa acontecer a esta Nação. O malucão de Cuba arrastou seu povo para banho de sangue e desgraça social, com o acréscimo de tornar aquele país uma cabeça de ponte do imperialismo russo. O nosso Fidel Quadros promete cabo de vassoura. Mas ninguém pode garantir que êle não queira ir alem do cabo...

BRAZ CUBAS

JGP70[1960]

Instantâneos

Uma delegação do Conselho Mundial das Igrejas visitou a a Rússia pelas festas do Natal de 959. E as informações que trouxe, publicadas em “O TIME” e comentadas pelo Pe. Torrent S. J. em “A TARDE” de 25 de junho p. p., são surpreendentes.

Verifica-se que o ateísmo oficial, armado de todos os meios de ação não consegue dominar, “liquidar” a realidade eterna da espiritualidade, da religiosidade. Em vez de dominar, está sendo dominado, pelo ridículo. Os jornais comunistas ali se queixam de “que a mocidade não vibra mais pelo ideal marxista”. Houve “riso momérico” e comunicativo que se apoderou dos ouvintes moços, numa sessão do Comitê Comunista, ao ouvir o vocábulo marxista em “conferência de caráter político”. “Tais conferências são “desertadas ao passo que as soirés dançantes ou manifestações religiosas são muito concorridas”.

Ninguém se engane: Religião é coisa indestrutível porque é divina é o que há de mais sério neste mundo. O riso dos zombadores que tentam ridicularizar a Religião, acaba sendo riso amarelo e ridículo voltando o feitiço contra o feiticeiro.

Nossos famosos talentos que zombam da Religião não passam de volterzinhos de suburbios que perderam o senso do ridículo e para os quais Nosso Senhor pediu aquele perdão:

“Pordoi-lhes, Pai, que êles não sabem o que fazem”

BRAZ CUBAS

JGP71[1960]

GABRIELA

Acabo de ler o já famoso romance de Jorge Amado “Gabriela, cravo e canela”. Uma enormidade de talento êsse Jorge! Nacib, Malvina, Melk Tavares, Ramiro Bastos, casamento e descasamento de Nacib, etc., etc., são coisas que só podem ser feitas, que só podem ser criadas, com enormidade de talento. E é o que Jorge tem demais!



Como se fala em mundo machadeano, já se pode falar em amadeano o mundo criado pelo maior romancista do passado; e o (vilem) pelo maior romancista do presente.

E por falar nesses dois maiores, nesses dois mundos, lembro-me que li um artigo de um crítico fazendo o elogio de Gabriela e atacando Capitu a quem chamou de “chata”. Não endosso a opinião daquele crítico. Prefiro Capitu é um genio de malícia feminina. Gabriela é uma anormal, fixada em estado psicologico infantil, sem o naturalíssimo gosto de evoluir, de progredir, de virar gente importante e, “gente bem”: sem essa vaidade naturalíssima que caracteriza as organizações psicológicas normais. Sob este aspecto, achei muito mais interessante do que Gabriela, os personagens sapracitados e mais: Tomé Bastos, as irmãs dos Reis, Aristotes, etc.. São mais normais, mais reais, mais parecidos com criaturas de Deus, com criaturas “de mesmo”.

Outro aspecto do “Gabriela, cravo e canela”: personagens e fatos que se relacionam com a vida religiosa. Nesse famoso romance, como em geral nos romances de todos materialistas, os personagens e os fatos que se relacionam com Igrejas, fé, práticas religiosas, são pintados, invariavelmente com a tinta do ridículo, do jocoso, do falso, do hipocrita, do intelectual e moralmente mediocre. Sabemos todos nós, entretanto que, na vida real, são numerosos os sacerdotes eminentes pelo talento, pela cultura, santidade, ao contrario do que se verifica no mundo ficticio de tais romancistas. Os leigos que são grandes da Igreja no mundo real, tambem não aparecem nos personagens de romancistas cheios de talento e vazios da Eteraldade, como é o caso, lamentavelmente, desse extraordinário Jorge Amado. Os Pasteur, os Claudel, os Carlos de La-t, os Jackson de Figueredo, os Teodoro Sampaio, grandes cristãos praticantes, não aparecem representados nas paginas de tais romances. Os Jorge Newman, os João Vianey, os Fulton Seheen, os Leonel França, os Helder Camara, são sacerdotes que nunca são lembrados em tais paginas. Não existem para essas eminencias das letras, para essas alturas a que Deus não se diga descer... Somente o que existe de feiuras humanas na vida religiosa é que é visto representado essas ilustres alturas... As mediocridades humanas, as beatices imbecis, os sacerdotes burguezes levianos ou canalhas, somente tais criaturas que são religiosas apenas de exterioridades, de aparências, é que são vistas, lembradas, representadas em tais romances. Resultado: no espirito de leitores sem formação, jovens e não jovens, o que fica de tais leituras como conceito de Religião, é o que pode haver de mais ridículo e até mesmo vergonhoso e repulsivo. Tais livros são, consequentemente, otimos instrumentos de irreligiosidade, de negação, de formação de indiferença para com o Eterno. E é precisamente isto que buscam os inimigos de Cristo de todos os tempos, principalmente, na atualidade, aqueles que sonham em implantação de paraísos terrenos, como o “Paraiso Vermelho”, cujo “deus” ditador de Kremlim, mantem os seus “bemaventurados” retidos em “cortinas de ferro”... No dia que tais cortinas se quebrarem, será uma debandada de vôos para a Liberdade!

Os que alegam ausencia de intenção vermelha no “Gabriela” talvez estejam bancando boboca... Jorge tem talento demais pra saber camuflar intenções...

Podemos, contudo, admitir a hipotese daquela ausencia de intenção vermelha. Talvez a intenção de Jorge tenha sido apenas de fazer historia de sua cidade, de seu municipio, de sua região. Talvez, ainda, não tenha havido nenhuma intenção. E o romance tenha nascido apenas porque afinal é muito natural que nasçam romances nas almas dos romancistas. Como nascem poemas nas almas dos poetas. Como brotam rosas nos galhos das roseiras...

EULALIO MOTTA

JGP73[1960]

Seja Benvindo...

Na palestra do Sr. Governador Juracy Magalhães, publicada no “Diário de Noticias” de 29-9-60, há uma queixa muito interessante: queixa-se êle de um ato do Legislativo Estadual. E gaba-se de que teve “a coragem de vetar, alegando ser contrário à Constituição e ao interesse público”.

“Levantarei então, - disse S. Excia., a inconstitucionalidade da lei no Poder Judiciário, a cuja sabedoria e isenção me curvarei. “Bato então a porta que me é indicada pelo próprio sistema constitucional brasileiro”.

Gostei muito de saber que o Sr. Governador está sofrendo dói-dói de inconstitucionalidade e se lembrando da existência do Poder Judiciário... Gostei porque, quando nós, mundonovenses, nos dirigimos a S. Excia. gritou que “a lei estadual tem que ser cumprida até que os que lhe alegam a inconstitucionalidade consigam a vitória de sua tese perante os tribunais”.

Agora o Sr. Governador protesta contra uma lei do Estado, alegando inconstitucionalidade e prometendo apelar para os tribunais. Pergunto: esta lei do Estado tem que ser cumprida até que o que lhe alega a inconstitucionalidade consiga a vitória de sua tese perante os tribunais?

Não? Então a justiça de S. Excia. tem dois pesos e duas medidas...

Respondendo lhe uma carta, disse lhe eu: “A dor do próximo. Excia. é fácil de ser sofrida, interpretada, teorizada, classificada... Muito tempo não se passou e está S. Excia. sentindo a própria carne o dói-dói da inconstitucionalidade... Resta a S. Excia. aplicar o remédio que iniciou: “A lei do Estado que tem que ser cumprida até que o que lhe alega a inconstitucionalidade consiga a vitória de sua tese perante os tribunais.

V. Excia. sabe, muito mais do que nós, Sr. Governador, que a burocracia jurídica neste regime é horrível! De modo que a aplicação daquela sua receitinha é de amargar! Mas se foi Vosmicê mesmo que a receitou: e agora

está sentindo o mesmo dói-dói daqueles para os quais receitou, está na hora de aplicar para si o remédio que indicou para os outros: “A Lei do Estado tem de ser cumprida até que o que lhe alega a inconstitucionalidade consiga a vitória de sua tese perante os tribunais”.

Bem que a sabedoria popular afirma: “nada melhor do que um dia depois do outro... “Estamos na fila do Judiciário desde Abril, p. p., Excluindo o período de recesso com a mudança da Capital para Brasília, podemos afirmar que estamos na fila desde 15 de junho p. p. E não sabemos quando chegará a vez de sermos atendidos.

Agora Vosmicê promete entrar também na fila. Que seja bemvindo, Sr. Governador. E que “a lei estadual seja cumprida até que o Sr. consiga a vitória de sua tese perante os tribunais”...

Que Vosmicê tome a pílula que receitou para nós...

BRAZ CUBA

JGP75[1960]

Instantâneos

Um fato a registrar: em geral não leio artigos que tragam assinaturas de Afrânio Coutinho e Gustavo Corção. Não discuto o valor desses homens de cultura. Reconheço graças a Deus, a minha insignificância de escriba da roça. Seria pretencioso e ridículo me arvorar a julgar a fazer crítica de vultos de renome nacional no mundo das letras. Não os leio porque não gosto da literatura deles e pronto. Dizer porque não gosto seria fazer conversa comprida e talvez inútil ou inconveniente. Sou apenas amador: gosto de tais escritores e não gosto de tais e tais e acabou-se...

Hoje aconteceu coisa muito interessante: pegando um jornal velho (“A Tarde” de 11-8 960), li um artigo de Afrânio Coutinho: era uma surra muito bem dada no cabotino escritor inglês Ghaha Green. Gostei muitíssimo.

Visando a página do dito, quero dizer, do já falado jornal velho, li com um artigo de Gustavo Corção. Animado com o que acontecera com o artigo no outro, resolvi ler: era também uma surra, e também muito bem dada, num frade que disse tolices numa entrevista para um suplemento estudantil. O frade, um dominicano francês de nome Thomas Cardonnel, professor de Teologia de convento dominicano em São Paulo, entrevistado sobre o momento história que o mundo atravessa perdeu ótima oportunidade de ficar calado: porque disse bobagens que pareciam mais de candidato a cargo público, necessitado de votos dos vermelhos...

Hoje eu daria forte abraço naqueles eminentes homens de letras. Talvez tenham conquistado mais um leitor.

Mas, seu Corção um conselhezinho de um escriba da roça: – precure um remédio contra essa sua Jkfobia se não vosmicê acaba caindo no ridículo...

BRAZ CUBAS

JGP81[1960]

CARTA AO GOVERNADOR

Explicação necessária:

O Art. 2º, da nulíssima Lei 1014 (nulíssima porque “RESTABELECE” (sic.) um município anulado por decisão unânime do Supremo Tribunal). Diz que o município de Piritiba se compõe dos distritos de Piritiba, Largo e França. O Art. 1º. da mesma lei entretanto, em desacôrdo com o citado Art. 2, descreve uma linha divisória penetrando profundamente no distrito de Alto Bonito e séde de Mundo Novo que protestou e apelo para o Supremo Tribunal Federal.

Há um projeto de retificação na Assembléia Estadual. O Governador, todavia, não tomando em consideração o projeto da Assembléia nem a representação do Supremo, baixa decreto autorizando os invasôres se apossarem da terra invadida: – uma área de 150 quilômetros quadrados daqueles dois distritos: – Alto Bonito e sede de Mundo Novo. Publiquei um folhetim – “Um pedido” – comento o decreto que classifico de infame. Recebo telegrama do Governador, contestando. Dirigi, então, a S. Excia., a seguinte carta.

Snr. Governador Juracy Magalhães:

Excelência:

Ausente de Mundo Novo, somente agora estou podendo acusar o recebimento do telegrama 2218, (número de expedição 590) de 28 do mês p.p. Não pretendo responder tal telegrama, receioso de não me conter nos limites do respeito devido a um superior hierárquico, limito-me a acusar o recebimento. Receio não me conter dirigindo-me ao Governador que baixou decreto endossando uma linha divisória criada pelos inimigos da autonomia municipal e da integridade territorial de Mundo Novo; linha divisória criada em repugnantes conluios de barganhas eleitorais, à revelia da Camara do Município Matriz: à revelia das populações atingidas: à revelia da Lei Orgânica dos Municípios; à revelia da Constituição Federal; à revelia, finalmente, de Jurisprudencia firmada por decisões unânimes dos Supremo Tribunal Federal; linha divisória que usurpou 150 quilômetros de território dos distritos de Alto Bonito e Séde de Mundo Novo, faixa de terras esta que se tornou, assim, em litígio, aguardando aprovação de um projeto de retificação que tramita na Assembléia Estadual, e, também decisão do Supremo Tribunal, para o qual apelamos.

V. Excia., achou por bem não esperar pela decisão do Judiciario, autorizando pela decreto 17603, que os invasores se apoderassem da terra invadida.

Depois de tal decreto, nada mais tenho a dizer e, muito menos a pedir ao governo de V. Excia. Nem Justiça.

Respeitosamente  
EULÁLIO MOTTA

JGP82[1960]

Instantaneos

Ouçõ no rádio notícia de que conhecidos líderes pessedistas se movimentam no sentido de organizar rigorosa oposição ao Presidente eleito. Alguem que comigo ouvia o rádio, censurou o fato, achando que, assim seria oposição sistemática, o que é condenável. Opinei que Democracia sem oposição é coisa perigosa. De qualquer forma, ainda é cedo. Não acredito que o Snr Jânio Quadros vá fazer política udenista: antes e depois de eleito êle afirmou e reafirma que não fará política partidária. Para diversas funções de Governo irá buscar os melhores, estejam onde estiverem. É possível, pois, que alguns dos melhores a serem convocados estejam no PSD e PTB. É cedo pois, para se falar em oposição. Esta irá, naturalmente, no momento oportuno, quando forem surgindo desacertos e os descontentamentos.

Por ora, enquanto não surgem motivos de oposição, pensemos em cooperação. Cooperação sem espírito de adesismo, sem espito de busca de cargos para afilhados. Cooperação por espírito público, pelo bem comum, pelo bem do Brasil.

BRAZ CUBAS

JGP83[1960]

INSTANTANEOS

Domingo e silêncio na fazenda. Encho horas repassando gazetas velhas à falta de livros novos: Êstes se tornaram, pelos preços, luxo de gente rica. Cheguei de Salvador sem livros novos. Um Tomas Merton, que tentei comprar, 250,00.

Um Gilberto Amado, 360,00. Resultado: vim de mãos vazias. Estou repassando gazetas velhas. Numa destas, “Diário de Notícias” de 15,6,959, encontrei “Vozes novas da Bahia” – poetisas garotas, brotinhos da Poesia.

Gosto de ler novos, Curiosidade de conhecer a expressão dos novos sobre os temas velhos: Deus, amor, a natureza, a vida...

O encontro aperitivo de domingo no Municipal (acabado e abandonado como sempre) foi disputado entre as representações do Flamengo local (comemorando seus 20 anos) e o Fluminense com uma equipe mixta. Após um jogo em que prevaleceu o maior preparo físico dos Touros do Sertão o placar final acusou 3 a 0 para os comandados de Sotero.

Roliço inaugurou aos 5 minutos da fase inicial terminando a mesma com 1 a 0. Na fase complementar Lio aos 15 segundo segundos e novamente Lio aos 25 minutos ampliou para o Flu. O juiz foi este cronista na fase inicial cabendo a Gerson Balos a fase final.

FLUMINENSE com Galicia vermelho, Misael e e Juracy Chinez e Val, Lay, Roliço, (Almeida), Lio, Vava e Fábio. FLAMENGO com Nem, Juracy Nelson e Zé Negro, Coy (Fernandinho) Raul (Juscelino), Gerson (Estrangeiro), Betinho, Fernandinho (Vermelhinho) Augusto e Baba.

DIVERSAS NOTÍCIAS

Estivemos com o senhor Agnaldo Valente e o referido senhor nos apresentou um telegrama recebido de Kanela (técnico da equipe masculino do C. R. do Flamengo confirmando uma apresentação dos cestebolistas gaunaburinos no dia 3 de dezembro na Cidade Princesa. O Five rubro negro virá completo com despesas de hospedagens e transporte por conta do Tenis e mais 50.000,00 na ficha.

O Ipiranga está disposto a abandonar o campeonato da cidade. Estivemos com os senhores Justino França (atual presidente canario) e Mario Almeida (representante do clube na L.F.D.T) e os mesmos não esconderam o descontentamento reinante nas hostes auri-nega com relação as constantes transferencias dos seus compromissos pelo campeonato citadino. Procura o Ipiranga garantir os seus direitos de filiado.

x x x

Campeonato de tenis de campo (em simples) só será decidido em dezembro proximo quando estarão atuando Dega e Jurinha num clássico sensacional.

x x x

Na ultima terça-feira foi iniciada a temporada de futebol de salão no Aristocratico com a realização do torneio início e com a presença do Bahia atual campeão feirense desta modalidade de esporte. Saliente-se que o tricolor está a cargo do conhecido Raimundo Lopes, autorizado pelo presidente Antonio Barreto.

x x x

Vasco, Ipiranga, Bahia e possivelmente Bahia apresentarão dos proximos dias um candidato a presidência da L. F. D. T. Saliente-se que em janeiro proximo chegará.

Em Julia Conceição encontro a expressão do vazio contemporâneo, da ausência do Eterno: “... pó e tédio transborda a vida e a vista” “Porque as mãos não fazem senão gestos de ódio” Pesam demais para a carícia”. “Não mais se juntarão em prece”. “... vazio é o coração” “e esperança não há.”

Em Solange Maria, o “Inverno” exterior se lhe apresenta como imagem de inverno interior: “A chuva caindo e a água cantando me embalam de leve. “Sou como a chuva fria e cinzenta caindo, caindo...” “Canto de inverno gelado – é o canto que embala o meu coração”. Em suma: aquela mesma ausência, aquele mesmo vazio dos versos de Julia. Já Moema Parente nos traz a gravidade da alegria da Fé.

“Profundamente azul esta suavidade imensa e sussurrante.

“As palavras da Ave Maria brotam dos meus lábios”.

“São dez horas da manhã mas em meu coração ressoa o Agelus”.

“Que doçura Maria traz o canto dos sinos!”.

“Que suave essa penumbra azul que Deus guardou para mim”.

Minhas palmas para as tres: para as que cantaram o tédio e para a que cantou a Alegria.

Nestas três garotas encontro mais uma vez, uma verdade que a vida me vem apontando há meio século onde não há o Eterno, há o tédio.

Palmas para vocês, garotas da Bahia, brotinhos da Poesia!

BRAZ CUBAS

JGP85[1960]

Páginas Inéditas

As raposas de todos os matizes da politicalha se entendem, se harmonizam, se “macomunam” quando tratam de reduzir o meu torrão a simples mercadoria de suas negociatas imundas.

Publiquei, tin tin por tin-tin, todas as tramas dessas raposas: das que assaltaram, das que estão assaltando e das que venham pretender assaltar o meu torrão.

Este livro é apenas um começo da conversa.

xxx

Não negam a inconstitucionalidade, a nulidade da ‘lei’ 1.904: gabem-se de possuir recursos escassos para evitar-lhe o julgamento pela Magna Corte. Para a trama armada em tal sentido, insinuam contar com a conivência do Exmo. Dr. Procurador Geral da República. Ignoram ou fingem ignorar que, para um brasileiro merecer ser nomeado, pelo Presidente da República, para tão alta e nobre função, deve ser portador, antes de tudo, de respeitável dignidade pessoal, incompatível com patranhas, tramotes e trapaças da politicalha.

xxx

Gabam-se, vangloriam-se de recursos escuros: E a verdade é que estão conseguindo, com tais recursos, protelar demasiadamente o julgamento...

xxx

“Procurei defender virilmente, tenazmente, até mesmo um pouco perrassentamente, os vossos direitos”.

“...Sêde exigentes e másculos, com a severa e sábia habilidade de quem não consente em omissões ou esbulhos”.

(“Presença Social dos Cristãos”, Dom José Pedro Costa, Bispo de Coitité.)

xxx

Creio em Deus. Creio no amparo e proteção da excelsa e amabilíssima Padroeira de minha paróquia: Nossa Senhora da Conceição de Mundo Novo. Não tenho e espero não ter nunca nenhum motivo para dúvida da [†] dignidade do Supremo Tribunal Federal de meu País.

Eis porque me levanto, em defesa dos direitos de meu torrão, com uma firmeza de propósito que não poderá ser abalada pelos poderosos arrogantes e crueis que desrespeitam e desmoralizam sua própria autoridade com a violação da Lei Magna e a leitura de Leis falsas e decretos endossantes de tais leis. Leis e decretos que fazem tabus da Autonomia Municipal, agredindo a integridade física, política, econômica e moral de meu Município.

Mas “graças a Deus ainda ha Juizes no Brasil”!

Do livro – “BOFETADA!” – crônicas de EULALIO MOTTA.

JGP87[1960]

INSTANTANEOS

Já se tem dito que Mundo Novo é a terra do boi. E mais precisamente: a terra do zebú. Já existe até um slogan. “Mundo Novo, a terra onde o zebú é o melhor”. E é mesmo.

Em 1950, segundo estatística do Serviço de Registro Genealógico, o numero de animais de raça registrados em Mundo Novo, excedeu o total de todos os municípios da Bahia e Sergipe somados! Evidente’ pois, a justeza da afirmativa: “terra do zebú.” As palavras supra são um prefácio a duas coisas que tenho a dizer. Primeira: em fevereiro de 1961, dias 15 e 17, haverá exposição de animais na terra do zebú. Ótima oportunidade para aquisição de animais dos melhores rebanhos do Brasil. Isto é um avisto aos interessados. Tomem nota: exposição de animais, na terra do zebú, de 15 a 17 de fevereiro de 1961. Não percam a oportunidade.

A segunda coisa a dizer é o seguinte: os zebús de Mundo Novo como os bovinos de todo o Estado da Bahia, estão ameaçados de extinção total pelo carbunculo hemático porque não se encontra ha meses, neste Estado, nenhum tubo de vacina anti-hemática! Deveremos escrever ao Governador Carvalho Pinto fazendo um apêlo! É o que farei se até o fim do mês em curso não aparecer vacina anti-hermatica na Bahia.

Aquele grande Governador não permitirá que meu apêlo seja em vão. E a população bovina da Bahia está salva!  
BRAZ CUBAS

JGP88[1961]

INSTANTANEOS

A escola estadual da Vila de Alto Bonito, Município de Mundo Novo, está fechada. Noutras vilas e povoados do mesmo Município, como Indaí e Cobê, idem. Certa vez fiz um apêlo ao governador baiano, pelas colunas de “Vanguarda” de Jacobina. O homem fêz carta ao Diretor de “Vanguarda”, bancando o bonzão: que mandasse o nome de uma professora, mesmo leiga, e a nomeação seria imediata!

O Diretor daquele semanário mandou o nome pedido. Você, leitor da “Gazeta do Povo”, nomeou alguma professora para a escola do Alto Bonito? Pois assim fez o governador Juracy que prometeu mas não cumpriu. Fêz apenas farol. Nada mais.

Eis porque, sentindo necessidade de vacinas contra o carbunculo hemático para os rebanhos bovinos da Bahia, estou pensando em fazer apêlo em tal sentido ao Exmo. Governador Carvalho Pinto. Não poderei pedir ao eminente governador paulista, nomeação de professoras para as escolas de nossa infeliz Bahia. Mas posso pedir-lhe vacinas para os rebanhos bovinos desta terra digna de melhor sorte.

Meu apêlo não será em vão. Dr. Carvalho Pinto não tem preocupação de fazer farol, de bancar o bonzão prometendo sem cumprir. E não vive sofrendo complexos de môsca azul...

Meu apêlo não será em vão!

BRAZ CUBAS

JGP89[1961]

INSTANTANEOS

Ouvi, casualmente, pela “Rádio Globo”, ontem à noite, (10-12-960), uma entrevista do Prof. Aliomar Baleeiro. Talento, cultura, simplicidade. Tudo tão simples, tão expontâneo, tão bonito! Empolga a gente com aquela ausência absoluta de empolgar! Os mediocres e impostores não sabem ser simples. São afetados. Rebuscados. Pernósticos. Essa ausência total de afetação, de intenção de empolgar, lembra, na prosa falada de Baleeiro, a prosa escrita de Gilberto Amado, Dois Gigantes!

E sabermos que o eleitorado baiano, em 1958, deixou esse homem em humilhante suplência enquanto agora, no Rio, foi um dos mais votados, o segundo na legenda de seu partido!

Não é o primeiro e não será o último elemento de grande valor que os baianos desprezam e os cariocas aproveitam. Politização do carioca. Burrismo dos baianos, deixando de eleger grandes homens para elegerem raposas, mediocridades intelectuais, culturais e morais. (Claro que nem todos os eleitos são mediocridades. As clássicas exceções. Apenas isto: exceções.)

“Cada eleição que passa, deixa mais baixo o nível intelectual e moral das câmaras,” afirmou, certa vez, o Prof. Hélio Rocha. Confere...

Devo esclarecer que dei meu voto a Baleeiro. Mas não mereço censura porque votei num candidato igual a êle: Ruben Nogueira que, como Baleeiro, ficou em suplência! Aquela história do feijão naga: Só os pôdres sobem...”

Entre outras coisas, afirmou o Prof. Baleeiro que a “Constituição não é como pensamos que seja: é como o Supremo Tribunal pensa que seja” E o Supremo já afirmou que tôda e qualquer emancipação de territórios municipais, “sem determinação das câmaras de vereadores respectivas, é nula”. E o cinismo baiano teima em fazer emancipações à revelia das câmaras de vereadores respectivas! Em compensação, nenhum de tais municípios consegue ficar de pé! O máximo que conseguem os fazedores de tais monstregos, é protelar, por meios escusos a chegada de representações das vítimas ao julgamento da Magna Côrte.

BRAZ CUBAS

JGP93[1961]

INSTANTANEOS

BRAZ CUBAS

Em Mundo Novo comentava se um decreto do governador do Estado proibindo a matança de vacas. Um comerciante achava excelente a medida, argumentando que teem sido levadas ao matadouro, semanalmente, excelentes novilhas e vacas novas em ótimas condições de produzir.

Um pecuarista opinaria que a não matança de vacas deve ser conseguida por meios outros que não decreto de proibição, com telegramas para prefeitos e delegados, como se o problema da carne pudesse ser resolvido com polícia.

E classificava o decreto de absurdo e demagógico.

Um outro opinou que a proibição o que faz é desvalorizar a fonte de produção de carne e não há de ser com desvalorização da fonte de produção que se resolverá o problema do produto. Que o caminho sem demagogia seria valorizar a vaca com financiamentos em que a mesma se tornasse mercadoria privilegiada.

E um antigo juracista, decepcionado e desencantado perguntava:

“Afinal, êsse nosso governador que, como candidato, foi motivo de tantas esperanças, que é que fez, até agora, em favor da pecuária baiana?” “Nada, absolutamente nada!” “E aparece com êsse decreto que é um desfavor à pecuária e uma desconsideração aos pecuaristas”.

E concluiu: “Não sabemos mais em quem acreditar para confiar o nosso voto!”

JGP95[1961]

INSTANTANEOS

Comentando o decreto policialesco com que o Snr. Governador pretende resolver o problema da carne, um pecuarista afirmava: Nós que vivemos aqui no interior, dando murros, longe dos confortos do asfalto, somos perseguidos por cinco tipos de pragas: sêca, aftosa, berne, lagarta e govêrno. “O govêrno atual, se nada vinha fazendo em nosso favor, vinha nos beneficiando, pelo menos, com a sua omissão. “Agora resolveu deixar de ser omisso, pondo em execução a sua natureza de praga: com um decreto que autoriza prefeitos e companhias policiarem o comercio de vacas. “Tenta-se resolver o problema de produção de limões, perseguindo os cultivadores de limoeiros...”

Os candidatos a govêrno, mesmo os mais inteligentes, que mais aparentam motivos de esperanças, parece que, ao chegarem ao poder, perdem o miôlo e outras coisas...

“Deixemos de criar vacas e vamos para os grandes centros tentar indústrias e viver livres dessas cinco pragas” – esta a ideia que provocam medidas demagógicas e estúpidas como o decreto em tela. E é assim que nossos iluminados e eminentes estadistas, pretendem resolver nossos problemas!

“Deserto de homens e de idéias”, clamava Osvaldo Aranha!

BRAZ CUBAS

JGP96[1961]

INSTANTANEOS

Realizada a anunciada Primeira Exposição Municipal de animais em Mundo Novo. As previsões, a expectativa, eram as mais otimistas. O Banco do Brasil financiaria. O Banco do Nordeste viria com seis milhões para financiamento. E veio. Mas... chegou, na hora H. com a condição de que só financiaria para os que não tivessem nenhum compromisso com a Carteira Agricola e Industrial do Banco do Brasil. Financiamento de Amigo da Onça... O Banco do Brasil, por sua vez, financia em tais certâmens, com penhor de animais. Resultado: o êxito esperado virou frustração.

A maior peste deste País tem este nome: burocracia.

Produtores que fizeram grandes sacrifícios para trazer seus animais: e compradores que vieram de longe com bolsos vazios confiados no financiamento do BN, ficaram a ver navios... porque algum burocrata das arábias teve a “genial” lembrança de impor aquela condição infeliz.

“Burocracia... Para o diabo que a carregue!

BRAZ CUBAS

JGP102[1961]

Instantaneos

Rua visinha de minha rua: uma mulher com muitos filhos. De dia e de noite batia, espancava, bárbaramente, as crianças. A impressão que estava espalhando nos vizinhos, era de que se tratava de um caso de demência com mania de espancamento dos filhos.

A coisa tomou tais proporções que os vizinhos, compadecidos e revoltados com o sofrimento das crianças indefesas, resolveram intervir: foram às autoridades e as providências vieram em socorro das vítimas.

Êsse caso, que não é imaginário, que foi real, que foi vivido me vem constantemente à lembrança quando vejo nos jornais e ouço nos rádios notícias de fuzilamentos diários de cubanos por um demente barbado com mania de matar seus compatriotas indefesos.

Estranho, portanto, que não tomemos conhecimento das desgraças daquele povo vizinho e amigo, sob a alegação de que se trata de briga de Cuba com os Estados Unidos. Seria preocupação de exhibir independência de atitude em face da América do Norte. Isto não deixa de ser uma forma de demagogia. Demagogia cruel porque revela indiferença para as dores e desgraças de um povo vizinho e amigo. Socorrer aquelas vítimas não afetaria a nossa independência e poria em exercício a nossa compaixão, a nossa caridade. Seria mais humano e mais bonito do que vaidosas e demagógicas exhibições de independência...

BRAZ CUBAS

JGP103[1961]

Instantaneos

Se eu fôsse gente grande e, por isto, procurado para opinar “sobre relações com a Rússia,” diria ser inútil dizer o que já estava dito, escrito, publicado.

Em política, como em literatura, em filosofia, em tudo, dificilmente ou nunca me vejo cem por cento de acordo com alguém. Nem mesmo com a Igreja, que é divina, consegui o cem por cento.

Pois bem: se alguém me perguntasse, se alguém pedisse opinião sobre o reatamento de relações diplomáticas do Brasil com a Rússia, responderia assim: “Leia na página 3 de “A Tarde” de 6.3.61, o que disse o Secretário de Educação e Cultura da Bahia, Deputado Wilson Lins. Concordo, 100%, com o que ele disse. Minha opinião sobre o assunto está expressa ali. Aquilo! Rigorosamente! Cem por cento!

Muita gente que nunca viu vantagem, mas somente desvantagens em tais relações, agora, com a atitude de Jânio, favorável, fica respondendo à “enquête” com reticências de velas a Deus e ao diabo...

Wilson Lins, janista como quem mais o fôr, tem personalidade e dignidade bastante para dizer: “Não vejo vantagem nem econômica nem cultural nesse reatamento, até que me provem o contrário, principalmente no plano econômico.

Sou contra o reatamento!”

Bravo, Sr. Secretário de Educação e Cultura da Bahia! Bravo!

Pão, pão. Queijo, queijo. Nada de reticências covardes, de velas a Deus e ao diabo...

Bravos!

BRAZ CUBAS

JGP104[1961]

JGP105[1961] (Texto duplicado)

INSTANTANEOS

Não tivemos as trovoadas e enchentes de novembro. Não vieram em dezembro. Salvo pequenas chuvas que foram úteis à pastagens e prejudiciais à lavoura: porque deram para plantações que morreram à míngua de novas chuvas.

Fevereiro passou sem chuvas. Em março trouxe apenas chuvinhas esparsas que não resolveram o problema: não deram para refazer água nos tanques nem para garantir produção de lavouras.

E os rádios e jornais nos trazem notícias de inundações no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, etc., etc. Lembrei-me de Monteiro Lobato quando dizia, nas páginas de “O mundo da lua”, que “a natureza não é justa: não é boa nem má: é apenas lógica”.

Eu perguntaria agora a Lobato: com esta seca na Bahia e aquelas inundações no Ceará, a Natureza estará sendo lógica? Não parece.

Mas por detrás da Natureza há o Autor dela. E ele “dirige o destino dos povos”. Não sabemos nada. Ele sabe tudo. “Seja feita a Sua vontade assim na terra como no céu”

BRAZ CUBAS